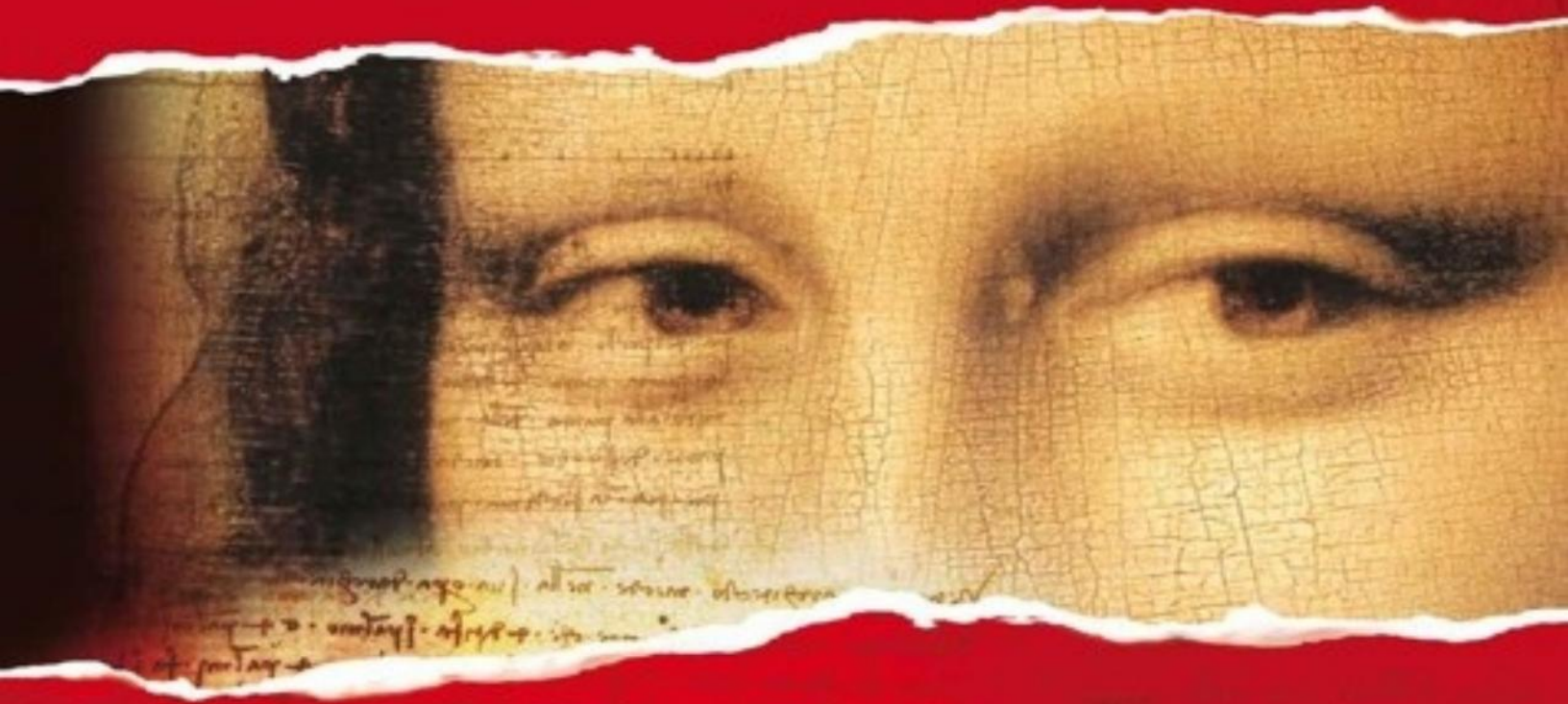
80 milhões de livros vendidos em todo o mundo



O Código Da Vinci

Dan Brown

ARQUEIRO

80 milhões de livros vendidos em todo o mundo



O Código Da Vinci

Dan Brown

ARQUEIRO



O Código Da Vinci



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se

tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Título original: *The Da Vinci Code* Copyright © 2003 por Dan Brown

Copyright da tradução © 2004 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados.

tradução

Mário Dias Correia

preparo de originais

Maria Luiza Newlands da Silveira

Virginie Leite

revisão

Clara Diament

José Tedin Pinto

Sérgio Bellinello Soares

projeto gráfico

Marcia Raed

diagramação

Valéria Teixeira

capa

Raul Fernandes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B897c

Brown, Dan, 1964-

O Código Da Vinci [recurso eletrônico] / Dan Brown [tradução de Mário Dias Correia]. São Paulo: Arqueiro, 2012.

recurso digital

Tradução de: The Da Vinci Code

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Multiplataforma

ISBN 978-85-8041-085-3

1. Museus de arte - Ficção. 2. Sociedades secretas - Ficção. 3. Ficção americana 5. Livros eletrônicos. I. Correia, Mário Dias, 1960- II. Título.

12-4536

CDD 813

CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para Blythe… Outra vez.

Mais do que nunca.

A G R A D E C I M E N T O S

Antes de mais nada, e sobretudo, ao meu amigo e editor Jason Kaufman, por ter trabalhado tanto neste projeto e por ter verdadeiramente compreendido o significado deste livro. E à incomparável Heide Lange —

campeã infatigável de O Código Da Vinci, agente extraordinária e amiga indefectível.

Nunca poderei exprimir plenamente a minha gratidão para com a excepcional equipe da Doubleday, pela sua generosidade, fé e soberba orientação. Agradeço em especial a Bill Thomas e Steve Rubin, que acreditaram neste livro desde o início. E o meu reconhecimento vai também para o núcleo duro inicial de apoiadores internos, encabeçado por Michael Palgon, Suzanne Herz, Janelle Moburg, Jackie Everly e Adrienne Sparks, para os talentosos membros da força de vendas da Doubleday e para Michael Windsor, pela fabulosa sobrecapa.

Pela generosa ajuda que me deram na investigação deste livro, estou em dívida para com Museu do Louvre, o Ministério da Cultura Francês, o Projeto Gutenberg, a Bibliothèque National, a Biblioteca da Sociedade Gnóstica, o Departamento de Estudos de Pintura e o Serviço de Documentação do Louvre, a Catholic World News, o Royal Observatory Greenwich, a London Record Society, a Muniment Collection da Abadia de Westminster, John Pike e a Federation of American Scientists, e os cinco membros da Opus Dei (três ativos, dois afastados) que me contaram as suas histórias, positivas e negativas, sobre as

respectivas experiências no seio da congregação.

Estou igualmente grato à Water Street Bookstore por ter desencantado tantos dos livros que usei na minha pesquisa, ao meu pai, Richard Brown — professor de Matemática e autor —, pela ajuda que me deu com a Proporção Divina e a Sequência Fibonacci, a Stan Planton, Sylvie Baudeloque, Peter McGuigan, Francis Mclnerney, Margie Watchel, André Vernet, Ken Kelleher da

Anchorball Web Media, Cara Sottak, Karyn Popham, Esther Sung, Míriam Abramowitz, William Tunstall-Pedoe e Griffin Wooden Brown.

E finalmente, em um romance tão intimamente ligado ao sagrado feminino, seria imperdoável não referir as duas mulheres extraordinárias que tocaram a minha vida. A minha mãe, Connie Brown colega de escrita, educadora, música e figura modelar —, e a minha mulher, Blythe — historiadora de arte, pintora, editora de primeira linha e, sem a mínima dúvida, a mulher mais espantosamente talentosa que alguma vez conheci.

F A T O S

O Priorado de Sião – sociedade secreta europeia fundada em 1099 – existe de fato. Em 1975,

a Biblioteca Nacional de Paris descobriu

pergaminhos conhecidos como *Os Dossiês Secretos*, que identificavam inúmeros membros do Priorado

de Sião, inclusive *Sir* Isaac Newton, Botticelli, Victor Hugo e Leonardo da Vinci.

A prelazia do Vaticano, conhecida como Opus Dei, é uma organização católica profundamente

conservadora, que vem sendo objeto de controvérsias

recentes, devido a relatos de lavagem cerebral, coerção e uma prática perigosa conhecida como “mortificação

corporal”. A Opus Dei acabou de completar

a construção de uma Sede Nacional em Nova York,

ao custo de aproximadamente 47 milhões de dólares.

Todas as descrições de obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos neste romance

correspondem rigorosamente à realidade.

P R O L Ó G O

M u s e u d o L o u v r e , P a r i s

2 2 : 4 6

Jacques Saunière, o conceituado conservador, atravessou cambaleando o arco abobadado da Grande Galeria. Estendeu as mãos para o quadro mais próximo, um Caravaggio. Agarrando a moldura de madeira dourada, puxou-a para si até arrancá-la da parede, e então caiu de Costas, enrodilhado debaixo da grande tela.

Como sabia que aconteceria, uma pesada grade de ferro desceu com estrépido ali perto, selando a entrada da galeria. O soalho de madeira estremeceu. Muito ao longe, um alarme começou a tocar.

Saunière, um homem de setenta anos, deixou-se ficar estendido por um instante, tentando recuperar o fôlego e avaliando a situação. *Ainda estou vivo*, pensou. Saiu rastejando debaixo da tela e olhou em redor, procurando no cavernoso espaço um lugar onde se esconder.

— Não se mexa — disse uma voz, arrepiantemente próxima.

De gatas no chão, o conservador imobilizou-se, voltando lentamente a cabeça.

A pouco mais de quatro metros e meio de distância, do outro lado da grade abaixada, a agigantada silhueta do seu atacante vigiava-o através das barras de ferro. Era alto e largo, com uma pele espectralmente pálida e ralos cabelos brancos. As íris dos olhos eram rosadas, com pupilas de um vermelho-escuro. O

albino tirou uma pistola do casaco e apontou-a diretamente ao conservador.

— Não devia ter fugido. — O sotaque não era fácil de identificar. — Agora diga-me onde é que está.

— Já lhe disse — tartamudeou Saunière, indefeso de joelhos no chão da galeria. — Não faço ideia do que está falando!

— Mente. — O homem estava olhando para ele, e a única coisa que se distinguia na grande sombra densa e imóvel era o brilho dos olhos fantasmagóricos. — Você e os seus irmãos possuem algo que não lhes pertence.

conservador sentiu uma vaga de adrenalina percorrer-lhe as veias. Como é possível que ele o saiba

— Esta noite, a custódia legítima será restaurada. Diga-me onde está escondido, e viverá. — O homem apontou a arma para a cabeça do conservador.

— É um segredo pelo qual esteja disposto a morrer?

Saunière quase não conseguia respirar. O homem inclinou um pouco a cabeça, fazendo pontaria ao longo do cano da arma. Saunière ergueu as mãos, em um gesto de defesa.

— Espere — disse, lentamente. — vou lhe dizer o que quer saber. —

Pronunciou as palavras seguintes com muito cuidado. Tinha ensaiado aquela mentira vezes sem conta... sempre pedindo a Deus nunca se ver na necessidade de usá-la. Quando o conservador acabou de falar, o homem sorriu, satisfeito.

— Sim, é exatamente o que os outros me disseram.

Saunière encolheu-se. Os outros?

— Encontrei-os também — informou o homem, com um tom sarcástico. —

Aos três. Confirmaram o que acaba de dizer.

Não pode ser! A verdadeira identidade do conservador, bem como as dos três senescais, era quase tão sagrada como o antigo segredo que protegiam. Saunière compreendeu que os colegas tinham, de acordo com a regra estritamente ordenada, contado a mesma mentira antes de morrerem. Fazia parte do protocolo. O homem voltou a apontar a arma.

— Depois de matá-lo, eu serei o único a conhecer a verdade. A verdade.

Numa fração de segundo, Saunière percebeu o verdadeiro horror da situação. Se eu morrer, a verdade se perderá para sempre. Instintivamente, tentou encontrar um refúgio. A arma explodiu, e o conservador sentiu como se um ferro em brasa lhe trespassasse o ventre quando o projétil se alojou no estômago. Caiu para a frente... lutando contra a dor.

Lentamente, rolou sobre si mesmo e olhou através das grades para o seu

assassino.

O homem estava apontando para a sua cabeça. Saunière fechou os olhos, com os pensamentos rodopiando num turbilhão de medo e tristeza. O clique do percutor batendo em uma câmara vazia ecoou no corredor.

O conservador abriu rapidamente os olhos.

O homem olhou para a arma, parecendo quase divertido. Procurou no bolso um segundo carregador, mas então como que reconsiderou, sorrindo calmamente à figura ensanguentada de Saunière.

— O meu trabalho aqui está feito.

O conservador baixou os olhos e viu o orifício da bala na camisa branca de linho.

Era um ponto negro orlado por um pequeno círculo de sangue, poucos centímetros abaixo do esterno, estômago. Quase que por um capricho de crueldade, a bala falhara o coração. Como veterano da guerra da Argélia, o conservador fora já testemunha daquele tipo de morte horrivelmente lenta.

Sobreviveria cerca de quinze minutos, enquanto os ácidos do estômago se derramavam na cavidade torácica, envenenando-o por dentro.

— Abençoada seja a dor — disse o homem. E desapareceu.

Agora sozinho, Jacques Saunière voltou o olhar para a grade de ferro. Estava encurralado, e as portas só voltariam a se abrir dentro de no mínimo vinte minutos.

Quando chegassem junto dele, estaria morto. Mesmo assim, o medo que o dominava agora era um medo muito maior que o da sua própria morte.

Tenho de transmitir o segredo.

Pôs-se de pé, cambaleante, e imaginou os três companheiros assassinados.

Pensou nas gerações que os tinham precedido... na missão que a todos eles fora confiada. Uma cadeia ininterrupta de conhecimento.

Agora, subitamente, a despeito de todas as precauções... a despeito de todas as medidas de segurança... Jacques Saunière era o único elo que restava, o único guardião dos mais formidáveis segredos alguma vez guardados. Tremendo, olhou em volta. Tenho de encontrar uma maneira...

Estava trancado dentro da Grande Galeria, e havia apenas uma pessoa a quem podia passar a tocha. Saunière estudou as paredes da sua opulenta prisão. Uma

coleção dos quadros mais famosos do mundo parecia lhe sorrir, como um grupo de velhos amigos.

Com o rosto contraído pela dor, Saunière fez apelo a todas as suas faculdades e forças. A tarefa desesperada que tinha pela frente, bem o sabia, ia exigir cada segundo de vida que lhe restava.

C A P Í T U L O 1

Robert Langdon, acordou lentamente.

Em algum lugar na escuridão, tocava a campainha de um telefone — um som fraco, inusitado. Procurou às apalpadelas a luminária da mesa de cabeceira e acendeu-a.

Examinando o ambiente que o rodeava, viu um luxuoso quarto estilo renascença, com mobiliário Luís XVI, frescos pintados à mão nas paredes e uma colossal c ama de mogno de quatro colunas.

Onde diabo eu estou?

O roupão de banho pendurado em uma das colunas da cama tinha bordadas no bolso do peito as palavras: HOTEL RITZ PARIS.

Pouco a pouco, o nevoeiro começou a dissipar-se. Langdon pegou no auscultador.

— Sim?

— *Monsieur* Langdon? — perguntou uma voz de homem. — Espero não o ter acordado?

Confuso, Langdon olhou para o relógio da mesa de cabeceira: marcava meia-noite e trinta e dois. Tinha dormido apenas uma hora, mas sentia-se mais morto do que vivo.

— Fala o concierge, monsieur. Peço desculpa pela intrusão, mas tem uma visita. Diz que o assunto é urgente.

Langdon não estava ainda bem acordado. Uma visita? Focou os olhos no pequeno panfleto que deixara amarrotado em cima da mesa de cabeceira.

THE AMERICAN UNIVERSITY OF PARIS

orgulhosamente apresenta

UMA NOITE COM ROBERT LANGDON

PROFESSOR DE SIMBOLOGIA RELIGIOSA DA UNIVERSIDADE DE HARVARD

Langdon gemeu. A conferência daquela noite — uma palestra, com projeção de diapositivos, sobre o simbolismo pagão escondido nas pedras da Catedral de Chartres — tinha muito provavelmente eriçado o pelo de algunsdos membros mais cons ervadores do público. Certamente, um erudito religioso qualquer seguira-o até ao hotel disposto a dar-lhe combate.

— Lamento — disse —, mas estou muito cansado, e...

— Mas, *monsieur* — insistiu o recepcionista, baixando a voz até um murmúrio carregado de urgência. — Trata-se de um homem importante.

Langdon não duvidava. Os seus livros s obre pintura religiosa e s imbologia cultural tinham-no tornado uma celebridade relutante no mundo das artes, conferindo-lhe uma visibilidade que o envolvimento decisivo em um badaladíssimo caso ocorrido no Vaticano, no ano anterior, viera, infelizmente, centuplicar. Desde então, o rio de historiadores “importantes” e maníacos da arte que lhe batiam à porta parecia não ter fim.

— Por favor, faça a gentileza — disse Langdon, esforçando-se ao máximo por manter os bons modos —, de tomar nota do nome e do número do telefone do senhor e diga-lhe que tentarei entrar em contato com ele antes de deixar Paris, na terça-feira. Muito obrigado.

E desligou antes que o recepcionista pudesse protestar.

Agora sentado na cama, Langdon lançou um olhar carrancudo ao Manual de Relacionamento com os Hóspedes pousado na mesa de cabeceira e cuja capa proclamava: DURMA COMO UM BEBÊ NA CIDADE DAS LUZES.

REPOUSE NO RITZ DE PARIS. Voltou a cabeça e olhou, cansado, para o espelho de corpo inteiro aparafusado na parede fronteira. O sujeito que lhe devolveu o olhar era um desconhecido — desgrenhado, exausto.

Está precisando de férias, Robert.

Sabia que o último ano lhe cobrara um pesado tributo, mas não achava graça em ver isso provado no espelho. Os olhos azuis, normalmente penetrantes,

pareciam naquela noite enevoados e gastos. Uma incipiência de barba escurecia-lhe o maxilar forte e o queixo amenizado por uma inesperada “covinha”. À volta das têmporas, as madeixas prateadas progrediam, infiltrando-se na densa mata de cabelos escuros. Por muito que as colegas na universidade afirmassem que aquelas pinceladas de cinzento só contribuíam para lhe realçar o encanto livresco, Langdon não tinha ilusões.

Se a Boston Magazine *me visse agora*.

No mês anterior, para seu grande embaraço, a Boston Magazine incluíra-o na lista das dez pessoas mais intrigantes da cidade — uma honra algo dúbia que o tornara alvo de intermináveis piadinhas por parte dosseus pares em Harvard.

Naquela noite, a cinco mil quilômetros de casa, o elogio ressurgira para ensombrar-lhe a conferência que tinha dado.

— Senhoras e senhores — anunciara a anfitriã diante de uma casa cheia no Pavillon Dauphine da Universidade Americana de Paris —, o nosso convidado desta noite dispensa apresentações. É autor de numerosos livros: A Simbologia das Seitas Secretas, A Arte dos Illuminati, A Linguagem Perdida dos Ideogramas, e quando digo que é mestre em iconologia religiosa, digo-o num sentido muito literal. Muitos dos aqui presentes usam textos seus nas aulas. —

Os estudantes incluídos na assistência assentiram entusiasticamente. — Tinha planejado apresentá-lo esta noite dando nota do seu impressionante curriculum vitae. No entanto... — olhou risonhamente para Langdon, que ocupava uma das cadeiras colocadas no palco — um dos membros do público acaba de facultar-me uma apresentação muito mais, digamos... intrigante.

E mostrou um exemplar da Boston Magazine.

Langdon encolheu-se na cadeira. Onde diabo foi ela arranjar aquilo?

A anfitriã começou a ler excertos escolhidos do estúpido artigo, e Langdon deu por si enfiando-se cada vez mais pela cadeira abaixo. Trinta segundos mais tarde, a assistência estava sorrindo e a mulher não dava sinais de parar tão cedo.

— “E a recusa do senhor Langdon em falar publicamente sobre o seu invulgar papel no conclave do Vaticano do ano passado contribui sem dúvida para aumentar-lhe a pontuação no nosso “intrigômetro.” Querem ouvir mais? —

perguntou aos assistentes.

A multidão aplaudiu.

Façam-na parar, por favor, suplicou Langdon silenciosamente, enquanto ela voltava a mergulhar no artigo:

— “Embora o Professor Langdon possa talvez não ser considerado do gênero

“bonitão”, como alguns dos nossos nomeados mais jovens, a verdade é que não lhe falta, longe disso, o chamado encanto acadêmico. Com quarenta e poucos anos, tem uma presença cativante, realçada por uma voz de barítono invulgarmente baixa que as alunas descrevem como “chocolate para os ouvidos”.”

O anfiteatro inteiro explodiu numa gargalhada.

Langdon forçou um sorriso contrafeito. Sabia o que vinha a seguir — uma coisa ridicula qualquer a respeito de “Harrison Ford em um terno de tweed” — e como nessa noite julgara que seria finalmente seguro voltar a usar o seu Harris de tweed e a sua

Burberry de gola alta, decidiu passar à ação.

— Obrigado, Monique — disse, pondo-se prematuramente de pé e avançando até ao pódio. — A Boston Magazine tem claramente um dom especial para a fição. — Voltou-se para a assistência com um sorriso embar açado. — E se descubro qual de vocês desencantou este artigo, vou pedir ao consulado que mande deportá-lo.

A assistência riu.

— Bem, minha gente, como todos sabem, estou aqui esta noite para falar do poder dos símbolos...

O retinir da campainha do telefone voltou a quebrar o silêncio do quarto.

Com um gemido de incredulidade, Langdon pegou no auscultador.

— Sim?

Como já esperava, era o recepcionista.

— Senhor Langdon, mais uma vez as minhas desculpas. Telefono-lhe para informá-lo que o seu visitante vai neste momento a caminho do seu quarto.

Achei que seria melhor avisá-lo.

Langdon ficou de repente muito acordado.

— Mandou alguém ao meu quarto?

— Peço desculpas, monsieur, mas um homem como... Não tenho autoridade para impedi-lo.

— Quem é ele exatamente?

O recepcionista, porém, já tinha desligado. Quase no mesmo instante, um punho pesado bateu à porta do quarto. Sem saber muito bem o que fazer, Langdon deslizou para fora da cama, sentiu os dedos dos pés afundarem no tapete espesso. Enfiou o roupão do hotel e aproximou-se da porta.

— Quem é?

— Senhor Langdon? Preciso lhe falar. — O homem falava inglês com um sotaque cerrado, numa voz seca, autoritária. — Sou o tenente Jérôme Collet.

Diretion Centrale Police Judiciaire.

Langdon fez uma pausa. A Polícia Judiciária? A DCPJ era mais ou menos o equivalente francês do FBI americano. Sem tirar a corrente de segurança, entreabriu a porta alguns centímetros. O rosto que o encarou do outro lado era estreito como um cutelo e tinha um ar desgastado. O homem, invulgarmente magro, vestia um uniforme azul, de ar muito oficial.

— Posso entrar? — perguntou.

Langdon hesitou, sentindo-se inseguro enquanto os olhos mortiços do desconhecido o estudavam.

— Que está acontecendo?

— O meu capitaine pede a sua colaboração em um assunto sigiloso.

— A estas horas? — conseguiu Langdon dizer. — Passa da meia-noite.

— Tinha encontro marcado com o conservador do Louvre esta noite, não é verdade?

Langdon sentiu uma repentina vaga de inquietação. Ele e o respeitado conservador Jacques Saunière tinham combinado encontrarem-se para uma bebida depois da conferência daquela noite, mas Saunière não chegara a aparecer.

— Sim, é verdade. Como sabe?

— Encontramos o seu nome na agenda dele.

— Espero que esteja tudo bem.

O policial deixou escapar um suspiro de cansaço e enfiou uma foto Polaroid pela estreita abertura da porta. Quando Langdon viu a foto, o corpo se enrigeceu.

— Essa fotografia foi feita há menos de uma hora. No interior do Louvre.

Enquanto continuava olhando para a estranha imagem, Langdon sentiu a

repulsa e o choque iniciais darem lugar a uma súbita explosão de ira.

— Quem faria uma coisa destas?

— Esperávamos que pudesse nos ajudar a responder precisamente a essa pergunta, considerando os seus conhecimentos de simbologia e os seus planos para se encontrar com monsieur Saunière.

Langdon olhava para a foto, com um horror a que começava a misturar-se o medo.

A imagem era horripilante e profundamente estranha, provocando uma perturbadora sensação de déjà vu. Pouco mais de um ano antes, recebera a fotografia de um cadáver e, como agora, um pedido de ajuda. Vinte e quatro horas mais tarde, quase tinha perdido a vida na Cidade do Vaticano. Aquela foto era completamente diferente, e no entanto, algo no cenário tinha um toque desconcertantemente familiar.

O policial consultou o relógio.

— O meu capitaine está à espera, monsieur.

Langdon mal o ouviu. Tinha os olhos presos à fotografia.

— Este símbolo aqui, e o modo como o corpo está tão estranhamente...

— Posicionado? — sugeriu o policial.

Langdon assentiu, sentindo um arrepio gelado ao erguer os olhos.

— Não consigo imaginar alguém capaz de fazer isto a uma pessoa.

O rosto do policial pareceu tornar-se ainda mais sombrio.

— Não está compreendendo, senhor Langdon. Aquilo que vê nessa fotografia... — Fez uma pausa. — Foi monsieur Saunière que o fez a si mesmo.

C A P Í T U L O 2

A um quilômetro e meio dali, Silas, o corpulento albino, atravessou coxeando o portão de uma luxuosa mansão de arenito castanho-avermelhado situada na Rua La Bruyère. O cilício que usava em torno da coxa esquerda cortava-lhe a carne, mas apesar disso a alma dele cantava de satisfação por servir o Senhor.

Abençoada seja a dor.

Os olhos avermelhados inspecionaram o vestíbulo quando entrou na residência.

Deserta. Subiu silenciosamente as escadas, para não acordar nenhum dos outros numerários. A porta do quarto estava aberta: as fechaduras eram proibidas naquela casa.

Entrou, fechando-a atrás de si.

O quarto era espartano: soalho de madeira, uma cômoda de pinho, em um canto uma lona estendida que lhe servia de cama. Estava ali de visita, naquela semana, mas havia já muitos anos que, pela graça de Deus, dispunha de um santuário semelhante em Nova Iorque.

O Senhor proporcionou-me abrigo e um objetivo na vida.

Naquela noite, Silas sentia que começara, por fim, a pagar a sua dívida.

Dirigindo-se rapidam ente à cômoda, pegou o celular que deixara escondido na última gaveta e fez uma chamada.

— Sim? — disse uma voz de homem.

— Voltei, Professor.

— Fale — ordenou a voz, com uma nota de satisfação.

— Estão todos mortos. Os três senescais.... e o próprio Grão-Mestre.

Houve uma pausa momentânea, como que para uma curta prece.

— Acredito, portanto, que tem a informação?

— Todos disseram o mesmo. Independentem ente.

— E acreditou neles?

— A foi muita concordância para ser coincidência.

Uma expiração excitada.

— Ótimo. Tinha receado que a reputação de secretismo da irmandade prevalecesse.

— A perspectiva da morte é uma motivação poderosa.

— Diga-me então, meu discípulo, o que devo saber.

Silas sabia que a informação que extorquira às suas vítimas ia constituir uma surpresa.

— Professor, todos eles confirmaram a existência da Clef de Voûte... a lendária Chave de Abóbada.

Ouviu o som de uma inspiração rápida e superficial, e sentiu a excitação do Professor.

— A Chave de Abóbada. Tal como suspeitávamos.

De acordo com a lenda, a irmandade concebera um mapa de pedra — uma Clef de Voûte... ou Chave de Abóbada —, que revelava o esconderijo do maior dos seus segredos... uma informação tão poderosa que protegê-la passara a ser a razão da sua própria existência.

— Quando tivermos a Chave de Abóbada em nosso poder disse o Professor

—, estaremos apenas a um passo de distância.

— Estamos mais perto do que julga. A Chave de Abóbada encontra-se aqui, em Paris.

— Em Paris? Incrível. É quase muito fácil.

Silas relatou os acontecimentos da noite: como todas as suas quatro vítimas, momentos antes de morrerem, tinham desesperadamente tentado comprar as suas vidas ímpias revelando o segredo que lhes fora confiado. Todos eles lhe tinham dito exatamente a mesma coisa — que a Chave de Abóbada estava artificiosamente escondida em um determinado local no interior de uma das velhas igrejas de Paris: Saint-Sulpice.

— Dentro da casa do Senhor — exclamou o Professor. — Como escarnecem

de nós!

— Como fizeram durante séculos.

O Professor calou-se, como que deixando assentar na alma o triunfo daquele momento. Finalmente, disse:

— Você prestou um grande serviço a Deus. Há centenas de anos que esperávamos por isto. Tem de recuperar a pedra. Imediatamente. Esta noite. Sabe o que está em jogo.

Silas sabia que o que estava em jogo era de uma importância incalculável, mas aquilo que o Professor agora lhe ordenava parecia impossível.

— Mas a igreja é uma fortaleza. Sobretudo de noite. Como faço para entrar lá?

No tom confiante do homem que possui uma enorme influência, o Professor explicou o que tinha de ser feito.

Quando desligou o telefone, Silas sentiu na pele um formigueiro de antecipação.

Uma hora, disse para si mesmo, grato por o Professor lhe ter dado tempo para cumprir a necessária penitência antes de entrar na casa de Deus. Tenho de purgar a minha alma dos pecados de hoje. Os pecadosque cometera naquele dia tinham sido santos no seu objetivo. Havia séculos que o direito sagrado sancionava a guerra contra os inimigos de Deus. O perdão estava garantido.

Mesmo assim, Silas bem o sabia, a absolvição exigia sacrifício.

Depois de fechar as portadas da janela, despiu-se completamente e ajoelhou no centro do quarto. Baixando os olhos, exam inou o cruel cilício apertado à volta da coxa.

Todos os verdadeiros seguidores do Caminho usavam aquele artefato — uma correia de couro eriçada de farpas metálicas que lhe trespassavam a pele, numa constante recordação dos sofrimentos de Cristo. Além disso, a dor que causava ajudava também a dominar os desejos da carne.

Apesar de já ter usado o seu cilício mais do que as duas horas exigidas, Silas sabia que aquele não era um dia como os outros. Pegou a ponta da correia e apertou a fivela mais um furo, estremeceu quando as farpas se cravaram ainda mais profundamente na carne. Deixando escapar lentamente o ar contido nos pulmões, saboreou o ritual purificador do seu próprio sofrimento.

Abençoada seja a dor, murmurou, repetindo a manta sagrada do padre Josemaría Escrivá — o Professor dos Professores. Embora Escrivá tivesse morrido em 1975, a sua sabedoria perdurava, as suas palavras continuavam a ser murmuradas por milhares de fiéis em todo o mundo enquanto ajoelhavam no chão e cumpriam a sagrada pratica conhecida como “mortificação corporal”.

Silas voltou a sua atenção para a corda cheia de nós cuidadosamente enrolada no chão a seu lado. A Disciplina. Os nós

estavam cobertos de sangue seco.

Ansiando os efeitos depuradores da sua própria agonia, murmurou uma rápida oração. Então, pegando uma ponta da corda, fechou os olhos e a fez rodopiar com força por cima do ombro, sentindo os nós baterem-lhe nas costas.

Continuou a flagelar-se, golpeando a pele, uma e outra vez.

Castigo corpus meum.

Finalmente, sentiu o sangue começar a correr.

C A P Í T U L O 3

O ar agreste de Abril entrava pela janela aberta do Citroen ZX que seguia para sul, passando diante da Ópera e atravessando a Place Vendôme. Sentado ao lado do condutor, Robert Langdon sentia a cidade passar por ele enquanto tentava aclarar as ideias. Um banho rápido e uma escanhoada com a máquina de barbear tinham-no deixado mais ou menos apresentável, mas contribuído muito pouco para lhe diminuir a ansiedade. A imagem assustadora do corpo do conservador Saunière não lhe saía da cabeça.

Jacques Saunière está morto.

Aquela morte causava-lhe uma irreprimível e profunda sensação de perda.

Apesar da sua reputação de pessoa reservada, a dedicação às artes de que sempre dera provas fazia do conservador do Louvre um homem geralmente querido e respeitado. Os livros que escrevera sobre os códigos secretos escondidos nos quadros de Poussin e Teniers contavam-se entre os manuais de estudo que Langdon mais usava nas suas próprias aulas. Aguardara com intensa expectativa o encontro daquela noite, e sentira-se desapontado quando Saunière não aparecera.

Mais uma vez, a visão do cadáver atravessou-lhe o espírito. Jacques Saunière tinha feito aquilo a si mesmo? Langdon voltou-se e olhou pela janela, expulsando a imagem do pensamento.

Lá fora, a cidade mantinha a mesma azáfama das horas diurnas: vendedores ambulantes empurravam carrinhos carregados de amandes caramelizadas, empregados de restaurantes carregavam sacos de lixo para o passeio, um casal de namorados procurava no calor das carícias uma defesa contra a brisa perfumada pelo aroma dos jasmins.

O Citroen atravessava autoritariamente todo este caos, com a sua dissonante sereia de dois tons cortando o trânsito como uma faca.

— O capitaine ficou contente por saber que ainda estava em Paris — disse o policial, falando pela primeira vez desde que tinham saído do hotel. — Uma coincidência feliz.

Langdon s entia-se tudo menos feliz, e coincidência era um conceito em que não acreditava. Como alguém que passara a vida explorando as interligações escondidas de emblemas e ideologias díspares, tinha tendência para ver o mundo como uma trama de histórias e acontecimentos profundamente entretecidos. As ligações podem não ser visíveis, costumava dizer aos seus alunos de Simbologia em Harvard, mas estão sempre lá, escondidas logo abaixo da superfície.

— Deduzo — disse — que a Universidade Americana de Paris lhes disse onde eu estava hospedado?

O tenente abanou a cabeça.

— A Interpol.

A Interpol, pensou Langdon. Claro. Esquecera que o aparentemente inócuo costume que os hotéis europeus tinham de exigir a apresentação de um passaporte no ato de registrro não era uma curiosa formalidade, era a Lei. Em qualquer noite, por toda a

Europa, os agentes da Interpol podiam saber exatamente quem estava dormindo onde.

Encontrá-lo no Ritz não demorara provavelmente mais do que cinco segundos.

Enquanto o Citroen acelerava para sul através da cidade, a silhueta iluminada da torre Eiffel surgiu ao longe, do lado direito, apontando para o céu. Ao vê-la, Langdon pensou em Vittoria, recordando a promessa que, um ano antes e meio de brincadeira, tinham feito de, todos os seis meses, voltarem a encontrar-se em um local romântico diferente. A torre Eiffel teria com toda certeza feito parte da lista. Infelizmente, beijara

Vittoria pela última vez em um barulhento aeroporto de Roma, havia mais de um ano.

— Já foi lá? — perguntou o policial, olhando para ele.

— Perdão? — sobressaltou-se Langdon, apanhado de surpresa.

— É maravilhosa, não é? — O tenente apontou para a torre através do para-

brisas. — Já a subiu?

— Não, ainda não — respondeu Langdon.

— É o símbolo da França. Para mim, é perfeita.

Langdon assentiu distraidamente. Os simbologistas faziam com frequência notar que a França — um país afamado pelo seu machismo, costumes dissolutos e líderes diminutos e inseguros como Napoleão e Pepino, o Breve — não poderia ter escolhido como emblema nacional nada mais apropriado do que um falo com trezentos metros.

No cruzamento com a Rue de Rivoli, o semáforo estava vermelho, mas o Citroen nem sequer abrandou. O tenente passou como uma

tromba e continuou a acelerar, descendo um trecho ladeado de árvores da Rue Castiglione, que servia de entrada norte aos famosos Jardinsdas Tulherias, a versão parisiense de Central Park. A maior parte dos turistas traduzia erradamente a designação de Jardins dês Tuileries como tendo qualquer coisa a ver com os milhares de tulipas que floresciam ali, mas Tuileries era na realidade uma referência literal a algo muito menos romântico. Aquele parque fora em tempos uma enorme e feia cova de onde os parisienses extraíam o barro com que manufaturavam as famosas telhas

— ou tuiles — vermelhas dos seus telhados.

Quando entraram no parque deserto, o tenente meteu a mão debaixo do tablier e desligou a incômoda sirene. Langdon deixou escapar um suspiro, saboreando o súbito silêncio. À frente do carro, os feixes pálidos dos faróis de halogênio varriam o saibro compactado do caminho, no qual os pneus zuniam entoando um ritmo hipnótico. Langdon sempre considerara as Tulherias solo sagrado. Fora naqueles jardins que Claude Monet experimentara formas e cores e literalmente inspirara o nascimento do movimento impressionista. Naquela noite, porém, pesava sobre o local uma estranha atmosfera de sombria premonição.

O Citroen virou à esquerda, seguindo para oeste ao longo da alameda principal do parque. Contornando um lago circular, o tenente atravessou uma silenciosa avenida e entrou no vasto espaço quadrangular que ficava a seguir.

Langdon avistou o fim do Jardim, assinalado por um gigantesco arco de pedra.

O Arc du Carrousel.

Não obstante os rituais orgiásticos que em tempos tinham decorrido junto ao Arc du Carrousel, os aficcionados da arte reverenciavam aquele lugar por uma razão completamente diferente. Da esplanada onde terminavam as Tulherias

avistava-se quatro dos mais fabulosos museus de arte do mundo, um em cada ponto cardeal.

À sua direita, na direção sul e do outro lado do Sena e do Quai Voltaire, Langdon viu a fachada espectacularmente iluminada da velha estação ferroviária, agora o célebre Musée d'Orsay. Olhando para a esquerda, distinguia a parte superior do ultramoderno Centro Pompidou, que albergava o Museu de Arte Moderna. Atrás dele, para oeste, o antigo obelisco de Ramsés espreitava por cima das copas das árvores, assinalando a localização do Musée du Jeu de Paume.

Bem à sua frente, a leste, do outro lado do arco, erguia-se o monolítico palácio renascentista que se tornara o mais famoso museu de arte do mundo.

O Louvre.

Langdon sentiu o já familiar arrepio de espanto maravilhado enquanto os seus olhos tentavam inutilmente abarcar toda a massa do edifício. Ao fundo da enorme praça-fronteira, o Louvre er a como uma cidadela recortada contra o céu de Paris. Com a forma de uma grande ferradura, era o edifício mais comprido da Europa, maior do que três torres Eiffel deitadas umas a seguir às outras. Nem sequer os cem mil metros quadrados da praça que se estendia entre as duas alas do museu conseguia ofuscar a magnificência da fachada. Certa vez, Langdon percorrera a pé todo o perímetro do Louvre, uma espantosa caminhada de quatro quilômetros e meio.

Calculava-se que seriam necessárias cinco semanas para que um visitante contemplasse devidamente as 65 300 obras de arte conservadas no museu, embora a maior parte dos turistas preferisse uma experiência abreviada a que Langdon costumava chamar "Louvre Light" — uma espécie de sprint para ver os três objetos mais famosos: a Mona Lisa, a Vênus de Milo e a Vitória Alada. Art Buchwald gabara-se certa vez de ter visto as três obras-primas em cinco minutos e cinquenta e seis segundos.

O tenente pegou num pequeno rádio e falou rapidamente em francês:

— Monsieur Langdon est arrivé. Deux minutes.

Do outro lado veio uma confirmação indecifrável. O tenente devolveu o aparelho ao bolso do casaco e voltou-se para Langdon.

— O capitaine espera-o na entrada principal — disse.

E, ignorando os sinais que proibiam o tráfego automóvel na praça acelerou e galgou o passeio. A entrada principal do museu era agora visível, erguendo-se ousadamente à distância, rodeada por sete tanques triangulares de onde jorravam fontes iluminadas.

La Pyramide.

A nova entrada do Louvre de Paris tornara-se quase tão famosa como o próprio museu. A controversa e neomoderna pirâmide de vidro concebida pelo arquiteto americano de origem chinesa I. M. Pei continuava a atrair o escárnio dos tradicionalistas, na opinião dos quais destruía a dignidade da praça renascentista. Goethe descrevera a arquitetura como música petrificada, e os detratores de Pei descreviam a sua pirâmide como unhas raspando em uma ardósia. Os admiradores progressistas, em contrapartida, exaltavam a construção de vidro transparente com vinte e um metros e sessenta e cinco centímetros de altura como uma espectacular sinergia de estrutura antiga e método moderno —

um elo simbólico entre o antigo e o novo — que abria ao Louvre a porta do próximo milênio.

— Gosta da nossa pirâmide? — perguntou o tenente. Langdon franziu o sobrolho. Os franceses adoravam, segundo parecia, fazer esta pergunta aos americanos. Era, claro, uma armadilhada. Admitir que gostava da pirâmide transformava a vítima num tosco americano sem o menor bom gosto, manifestar desagrado era tomado como um insulto.

— Mitterrand era um homem ousado — respondeu, dividindo a diferença.

Dizia-se que o falecido presidente francês, que encom endara a pirâmide a Pei, sofria de um “complexo faraônico”. Responsável por ter enchido Paris de obeliscos, obras de arte e artefatos egípcios, François Mitterrand tivera tal afinidade com a cultura nilótica que os Franceses continuavam a chamar-lhe a Esfinge. — Como se chama o seu capitão? — perguntou, mudando de assunto.

— Bezu Fache — respondeu o tenente, aproximando-se da entrada principal da pirâmide. — Chamamos-lhe lê Taureau.

Langdon olhou para ele, perguntando a si mesmo se todos os franceses teriam uma misteriosa alcunha animal.

— Chamam o Touro ao seu capitão? O homem arqueou as sobrancelhas.

— O seu francês é melhor do que quer admitir, monsieur Langdon.

O meu francês é uma porcaria, pensou Langdon, mas a minha iconografia zodiacal é bastante boa, muito obrigado. Taurus era sempre o touro. A astrologia era uma constante simbólic a em todo o mundo. O tenente parou o carro e apontou, por entre duas fontes, para uma grande porta na face da pirâmide.

— Ali tem a entrada. Boa sorte, monsieur.

— Não vem?

— As minhas ordens eram para trazê-lo até aqui. Tenho outros assuntos a tratar.

Langdon deixou escapar um suspiro e desceu. O circo é seu, pensou.

O tenente engatou a primeira, acelerou e afastou-se a grande velocidade.

Ali de pé vendo as lanternas traseiras do carro desaparecerem na noite, Langdon percebeu que podia muito facilmente reconsiderar, atravessar a praça, apanhar um táxi e voltar para a cama. Alguma coisa lhe disse que era provavelmente uma péssima ideia.

Enquanto avançava por entre a bruma de água das fontes, teve a perturbadora sensação de estar transpondo um limiar invisível para um outro mundo. A sensação onírica daquela noite estava uma vez mais a envolvê-lo. Vinte minutos antes, dormia no seu quarto de hotel. Agora, encontrava-se de pé diante da pirâmide de vidro mandada construir pela Esfinge, à espera de ser recebido por um polícia a que chamavam o Touro.

Estou preso num quadro do Dali, pensou.

Dirigiu-se à entrada principal — uma enorme porta giratória. O átrio que ficava para lá dela, escassamente iluminado, estava deserto.

Bato à porta?

Perguntou a si mesmo se alguma vez algum respeitado Egitologista de Harvard teria batido à porta de uma pirâmide esperando que lhe respondessem.

Ergueu a mão para bater no vidro, mas das sombras lá embaixo surgiu uma figura, subindo a escadaria encurvada. O homem, atarracado e escuro, quase Neanderthal, vestia um casaco assertoado que a largura dos ombros repuxava, como se estivesse apertado. Caminhava com um ar de inconfundível autoridade sobre pernas curtas e fortes. Vinha falando pelo celular, mas terminou a chamada antes de chegar. Fez sinal a Langdon para que entrasse.

— Chamo-me Bezu Fache — anunciou, enquanto Langdon passava pela

porta giratória. — Capitão da Direção Central da Polícia Judiciária. — O tom combinava: um ribombar gutural, como um prenúncio de tempestade.

Langdon estendeu a mão.

— Robert Langdon.

A manápula enorme de Fache fechou-se à volta da mão de Langdon com uma força esmagadora.

— Vi a fotografia — disse Langdon. — O seu agente disse que foi o próprio Jacques Saunière que fez...

— Senhor Langdon — interrompeu-o Fache, cr avando nele os olhos cor de ébano. — O que viu na fotografia foi apenas o início daquilo que o Saunière fez.

C A P Í T U L O 4

O capitão Bezu Fache movia-se como um touro furioso, com os largos ombros puxados para trás e o queixo enterrado no peito. Tinha cabelos pretos e reluzentes de gel, esticados para a nuca, destacando o bico-de-viúvo pontiagudo como uma seta que lhe dividia ao meio a testa proeminente e o precedia como a proa de um cruzador. À medida que avançava, parecia queimar com os olhos a terra à sua frente, irradiando um brilho incandescente que apregoava a sua reputação de inflexível severidade em todas as coisas.

Langdon desceu atrás dele a famosa escadaria de mármore que conduzia ao átrio situado por baixo da pirâmide de vidro. Na descida, passaram por dois agentes armados com pistolas-metralhadoras. A mensagem era clara: esta noite, ninguém entra e ninguém sai sem a bênção do capitão Fache.

Enquanto descia abaixo do nível da praça, Langdon se esforçou para combater uma crescente sensação de temor. O ar do capitão Fache era tudo menos acolhedor, e o próprio Louvre tinha, àquela hora da noite, uma aura quase sepulcral. A escadaria, como a coxia de um cinema às escuras, era iluminada por pequenas lâmpadas embebidas nos degraus. Langdon ouvia os seus próprios passos

ecoarem na cúpula de vidro, lá em cima. Quando olhou, viu, através do telhado transparente, a brisa dis persar a poalha de água dos repuxos, fantasmagoricamente iluminados pelas luzes dos tanques.

— Gosta? — perguntou Fache, apontando para cima com o grande queixo.

Langdon suspirou, muito cansado para jogos.

— Sim, a sua pirâmide é magnífica.

— Uma verruga no rosto de Paris — resmungou Fache.

Um a zero. Langdon sentiu que o seu anfitrião era um homem difícil de

agradar.

Perguntou a si mesmo se Fache faria a mínima ideia de que aquela pirâmide fora, por exigência expressa do presidente Mitterrand, construída com exatamente 666 painéis de vidro — estranha exigência que sempre fora um tema quente entre os adeptos da teoria da conspiração, os quais afirmavam que 666

era o número de Satanás.

Decidiu não abordar o assunto.

À medida que desciam em direção ao átrio subterrâneo, o vasto espaço foi emergindo das sombras. Dezessete metros abaixo do nível da praça, os seis mil e quinhentos metros quadrados do novo átrio do Louvre estendiam-se como uma gruta interminável. com paredes e chão de mármore em quentes tons de ocre, condizendo com a pedra cor de mel da fachada do museu, o átrio subterrâneo estava normalmente cheio de sol e de turistas. Naquela noite, porém, mostrava-se árido e escuro, impregnado de uma fria atmosfera de cripta.

— E o pessoal normal da segurança do museu? — perguntou Langdon.

— En quarantaine — respondeu Fache, como se Langdon tivesse posto em causa a integridade da sua própria equipe. — Obviamente, esta noite entrou aqui alguém que não devia ter conseguido entrar. Todos os guardas de serviço estão na Ala Sully, sendo interrogados. A segurança do museu está a cargo dos meus homens.

Langdon assentiu, caminhando rapidamente para se manter ao lado do capitão.

— Conhecia bem o conservador Jacques Saunière? — perguntou este.

— Não o conhecia de todo. Nunca falamos pessoalmente. Fache pareceu surpreendido.

— Iam encontrar-se pela primeira vez esta noite?

— Exato. Tínhamos combinado encontrar-nos na recepção oferecida pela Universidade Americana depois da minha conferência, mas ele não apareceu.

Fache rabiscou algumas notas em um pequeno caderno. Enquanto caminhavam, Langdon viu de relance a outra pirâmide, muito menos conhecida, do Louvre — a Pyramid Inversée — uma enorme claraboia invertida que pendia do teto como uma estalactite, em uma seção contígua do átrio. Fache subiu à

frente dele o pequeno lance de escadas que conduzia à entrada em arco de um túnel por cima da qual uma tabuleta indicava: DENON. A Ala Denon era a mais famosa das três seções principais do Louvre.

— Qual dos dois pediu o encontro desta noite — perguntou Fache subitamente. — Ele ou o senhor?

A pergunta pareceu estranha.

— Foi o senhor Saunière — respondeu Langdon, enquanto entravam no túnel.

— A secretária dele contatou-me há poucas semanas, via e-mail. Dizia que o conservador Saunière soubera que eu ia dar uma conferência em Paris, este mês, e gostaria de aproveitar a minha presença para discutir uns assuntos.

— Que assuntos?

— Não sei. Relacionados com a arte, suponho. Partilhávamos os mesmos interesses.

Fache lançou-lhe um olhar carregado de ceticismo.

— Não faz a mínima ideia do tema do encontro?

Langdon não fazia. Ficara curioso, na altura, mas não se sentira à vontade para pedir pormenores. O reverenciado Jacques Saunière tinha uma tendência bem conhecida para o segredo e era raríssimo se encontrar com quem quer que fosse. Langdon ficara grato pela simples oportunidade de conhecê-lo.

— Senhor Langdon, consegue ao menos me dar um palpite sobre o assunto que a nossa vítima queria discutir consigo na noite em que foi assassinada?

Poderia ser muito útil.

A dureza da pergunta fez Langdon sentir-se pouco à-vontade.

— Não faço a mínima ideia. Não perguntei. Fiquei muito honrado por ter sido contatado. Sou um admirador da obra do senhor Saunière. Us o com frequência textos dele nas minhas aulas.

Fache tomou nota do fato no seu caderninho.

Os dois homens iam agora a meio caminho do túnel de acesso à Ala Denon e Langdon viu, ao fundo, as duas escadas rolantes ascendentes, ambas paradas.

— Partilhavam então os mesmos interesses? — perguntou Fache.

— Sim. A verdade é que passei a maior parte deste último ano escrevendo o rascunho de um livro que aborda a principal área de especialização do senhor Saunière.

Estava na esperança de conseguir tirar alguns segredos.

Fache ergueu vivamente a cabeça

— Como?

Aparentemente, o idiomatismo não tinha equivalente.

— Estava desejoso de conhecer as opiniões dele sobre o tema.

— Estou vendo. E qual é esse tema?

Langdon hesitou, sem saber muito bem como pôr aquilo.

— Essencialmente, o trabalho é a respeito do culto da deusa... o conceito do sagrado feminino e a arte e os símbolos que lhe estão associados.

Fache passou a mão enorme pelos cabelos.

— E Saunière era perito nessa matéria?

— O maior de todos.

— Estou vendo.

Langdon teve a sensação de que Fache não estava vendo coisa nenhuma.

Jacques Saunière era consider ado o maior iconografista da deusa do mundo.

Não só tinha uma paixão pessoal por tudo o que se relacionasse com fertilidade, cultos da deusa, Wicca e o sagrado feminino, como, durante os seus vinte anos no cargo de conservador, ajudara o Louvre a reunir a maior coleção do planeta de arte ligada à deusa: machados de dois gumes oriundos do mais antigo santuário das sacerdotisas gregas de Delfos, caduceus de ouro, centenas de ankhs Tjet semelhantes a pequenos anjos de pé, sistros usados no antigo Egito para afastar os maus espíritos e uma espantosa quantidade de estatuetas de Hórus a ser alimentado por Isis.

— Talvez o conservador Saunière soubesse do seu manuscrito — sugeriu Fache — e tenha sugerido o encontro para lhe oferecer ajuda?

Langdon abanou a cabeça.

— A verdade é que ninguém sabe do meu livro. Está na fase de rascunho e não o mostrei a ninguém, exceto ao meu editor.

Fache ficou calado.

Landgon não acrescentou a razão porque não mostrara o manuscrito a mais ninguém. O rascunho de trezentas páginas — provisoriamente intitulado Símbolos do Sagrado Feminino Perdido — propunha várias interpretações muito

pouco convencionais da iconografia religiosa estabelecida que iam sem a mínima dúvida provocar controvérsia.

Quando estava quase chegando às escadas rolantes imobilizadas, deteve-se, percebendo que Fache não o acompanhava. Voltando a cabeça, viu-o alguns metros mais atrás, parado à porta de um elevador de serviço.

— Vamos de elevador — disse o capitão, quando as portas se abriram. —

Como certamente sabe, ainda é uma boa caminhada até à galeria.

Embora soubesse que o elevador abreviaria a longa subida de dois pisos até à Ala Denon, Langdon não saiu de onde estava.

— Algum problema? — perguntou Fache, mantendo as portas abertas com um ar de impaciência.

Langdon suspirou, lançando um olhar de pena à escada rolante. Nenhum problema, mentiu a si mesmo, enquanto retrocedia até ao elevador. Quando rapaz, caíra em um poço abandonado e quase morrera, lutando por manter-se à tona durante horas até que finalmente o tinham encontrado. Da experiência ficara-lhe uma quase invencível fobia de espaços fechados — elevadores, metrôs, courts de squash. O elevador é uma máquina perfeitamente segura, repetia constantemente, sem nunca conseguir se convencer. É uma pequena caixa metálica suspensa no interior de um poço fechado!

Retendo a respiração, entrou no elevador, sentindo a sua tão conhecida descarga de adrenalina quando as portas se fecharam.

Dois pisos. Dez segundos.

— Portanto — disse Fache, quando o elevador começou a subir — O senhor e Monsieur Saunière nunca chegaram a falar? Nunca se corresponderam? Nunca trocaram mensagens por E-mail?

Outra pergunta estranha. Langdon abanou a cabeça.

— Não. Nunca.

Fache inclinou um pouco a cabeça, como se estivesse a anotar mentalmente o fato. Ficou olhando em frente, para as portas cromadas, sem acrescentar uma palavra.

Enquanto subiam, Langdon tentou pensar em tudo menos nas quatro paredes que o rodeavam. Viu, refletido na porta brilhante do elevador, o alfinete de gravata do capitão Fache: um crucifixo de prata, com treze placas de ônix preto

incrustadas. Achou aquilo vagamente surpreendente. O símbolo era conhecido como crux gemmata — uma cruz com treze gemas — um ideograma cristão de Cristo e dos seus doze apóstolos. Sem saber muito bem porquê, não esperara que um capitão da Polícia francesa proclamasse tão abertamente a sua religião. Mas a verdade era que estava na França; ali, o cristianismo era mais um direito hereditário do que uma religião.

— É uma cruz gemmata — disse Fache, subitamente.

Sobressaltado, Langdon ergueu os olhos e viu, refletidos no metal, os do policial cravados nele.

O elevador parou com um ligeiríssimo solavanco e as portas abriram-se.

Langdon saiu para o corredor, ansioso do vasto espaço aberto proporcionado pelos famosos altos tetos das galerias do Louvre. O mundo onde se encontrou não era, porém, nada do que esperara.

Surpreendido, deteve-se abruptamente. Fache lançou-lhe um olhar.

— Deduzo, senhor Langdon, que nunca viu o Louvre fora de hora?

Acho que não, pensou Langdon, tentando orientar-se.

Por regra impecavelmente iluminadas, as galerias do museu estavam mergulhadas em uma surpreendente escuridão. Em vez da habitual luz branca vinda de cima, um clarão vermelho, baço, parecia emanar dos rodapés —

manchas intermitentes de luz vermelha que se derramavam pelas lajes do chão.

Ao olhar para o sombrio corredor, Langdon percebeu que devia ter contado com aquilo. Praticamente todas as grandes galerias usavam luzes vermelhas durante a noite — luzes de baixa intensidade, não-agressivas, estrategicamente distribuídas de modo a permitir ao pessoal percorrer os corredores e ao mesmo tempo manter os quadros em uma relativa obscuridade que atenuava os efeitos deletérios de uma sobre-exposição à luz. O que, naquela noite, criava um ambiente quase opressivo. Havia longas sombras por todo o lado, e os altos tetos abobadados pareciam um vazio negro e baixo.

— Por aqui — disse Fache, voltando à direita e começando a atravessar uma série de galerias interligadas.

Langdon seguiu-o, com os olhos adaptando-se pouco a pouco a escuridão. À

sua volta, grandes quadros a óleo começaram a materializar-se como fotografias a serem reveladas em uma enorme câmara-escura... com olhos que o seguiam

quando passava.

Sentiu na boca o sabor tão especial do ar dos museus — um sabor estéril, desionizado com um leve toque de carbono —, um produto dos desumidificadores industriais de filtros de carvão que trabalhavam ininterruptamente para combater o corrosivo dióxido de carbono exalado pelos visitantes. Montadas bem alto nas paredes, as conspícuas câmaras de segurança transmitiam uma mensagem claríssima: Estamos vendo-os. Não toquem em nada.

— Alguma delas é verdadeira? — perguntou Langdon — apontando para as câmaras.

Fache abanou a cabeça.

— Claro que não.

Langdon não ficou surpreendido. A vigilância eletrônica em um museu daquele tamanho teria um custo proibitivo, além de não servir para nada. Com quilômetros de galerias para vigiar, seriam necessárias centenas de técnicos só para monitorizar os visores. A maior parte dos museus tinha optado pela

"segurança de retenção". Não vale a pena tentar impedir os ladrões de entrar, o que importa é não os deixar sair. O sistema de retenção era ativado logo após o fechamento das portas, e se algum intruso tentasse remover uma das obras de arte, as barreiras fechavam-se selando a galeria, e o ladrão via-se atrás de grades ainda antes da Polícia chegar.

O corredor de mármore que se estendia à frente deles encheu-se do eco de vozes.

O ruído parecia vir de uma divisão recuada, mais à frente e à direita, de onde uma mancha de luz intensa se derramava para a passagem.

— Gabinete do conservador — anunciou o capitão.

Quando se aproximaram, Langdon viu, ao fundo de um curto corredor, o luxuoso gabinete de Jacques Saunière — madeiras quentes, obras dos Velhos Mestres nas paredes e uma enorme mesa antiga sobre cujo tampo se erguia o modelo de um guerreiro de armadura com sessenta centímetros de altura. Um punhado de agentes da Polícia movia-se de um lado para o outro, falando ao telefone e tomando notas. Um deles estava sentado à mesa, escrevendo em um computador portátil. Aparentemente, o gabinete do conservador fora

transformado, pelo espaço de uma noite, no improvisado posto de comando da DCPJ.

— Messieurs — disse Fache, e os homens voltaram-se para ele —, ne nous dérangez pas sous aucun prétexte. Entendu?

Todos os presentes assentiram com a cabeça.

Langdon já tinha pendurado suficientes cartões NE PÁS DERANGER em portas de hotel para apanhar o essencial das ordens do capitão. Fache e ele próprio não deveriam ser perturbados fosse a que pretexto fosse.

Deixando o pequeno grupo de agentes no gabinete, Fache continuou a conduzir Langdon pelo escuro corredor. Trinta metros mais à frente, abria-se a entrada da mais popular das seções do Louvre — La Grande Galerie — um corredor aparentemente interminável que albergava as mais famosas obras-primas italianas da coleção do museu.

Langdon sabia que era ali que ia encontrar o corpo de Jacques Saunière; o célebre soalho de parquet da Grande Galeria era claramente visível na Polaroid.

Quando se aproximar am, viu que a entrada da galeria estava fechada por uma grade de aço que parecia uma daquelas coisas que os antigos castelos usavam para impedir a entrada aos exércitos inimigos.

— Segurança de retenção — explicou Fache, detendo-se junto da grade.

Mesmo no escuro, a barricada parecia capaz de deter um tanque. Chegando do exterior, Langdon espreitou para os obscuros recessos da Grande Galeria.

— Tenha a bondade, monsieur Langdon — disse Fache. Langdon voltou-se para ele, sem compreender.

Fache apontou para o chão, junto à base da grade.

Langdon seguiu a direção do gesto. Na escuridão, não percebera. A barricada fora erguida cerca de sessenta centímetros, oferecendo uma passagem incômoda mas praticável.

— Esta área continua interditada à segur ança do museu — continuou Fache.

— A minha equipe de Police Techique e Scientifique acaba de completar a sua investigação. — Voltou a apontar para a Parte inferior da grade. — Por favor.

Langdon olhou para a estreita abertura a seus pés e depois para a maciça grade de ferro. Deve estar brincando, com certeza. A grade parecia uma guilhotina preparada para esmagar qualquer intruso.

Fache resmungou qualquer coisa em francês e consultou o relógio. Pôs-se então de joelhos e fez deslizar o volumoso corpo por baixo da grade. Do outro lado, ergueu-se e olhou para Langdon através das barras.

Langdon suspirou, apoiou as palmas das mãos no parquet encerado, estendeu-se de bruços e empurrou-se para a frente. Ao deslizar, prendeu a gola do casaco na borda inferior da grade e bateu com a nuca no ferro.

Muito suave, Robert, pensou, rastejando desajeitadamente até finalmente conseguir passar. Quando se pôs de pé, começou a suspeitar de que ia ser uma noite muito, muito longa.

C A P Í T U L O 5

Murray Hill Place — a nova sede nacional e centro de conferências da Opus Dei — situa-se no nº 243 da Lexington Avenue, em Nova Iorque. Tendo custado um pouco mais de quarenta e sete milhões de dólares, a torre, com doze mil trezentos e cinquenta metros quadrados de área coberta total, é toda forrada de tijolo vermelho e calcário de Indiana. Desenhado por May Pinska, o edifício comporta mais de cem quartos, seis salões de jantar, bibliotecas, salas de estar e gabinetes. Nos segundo, oito e décimo sexto pisos há capelas decoradas com trabalhos de marcenaria e mármore. O décimo sétimo piso é totalmente residencial. Os homens entram no

edifício pela porta principal, na Lexington Avenue. As mulheres entram por uma porta lateral e estão, em todas as ocasiões,

“acústica e visualmente separadas” dos homens.

No começo dessa mesma noite, no santuário do seu apartamento de cobertura, o bispo Manuel Aringarosa preparou um pequeno s aco de viagem e envergou uma tradicional sotaina preta. Normalmente, ataria uma faixa púrpura à volta da cintura, mas, uma vez que se preparava para viajar entre o público, não quis atrair a atenção para o seu alto cargo. Só os mais atentos repararíam no anel episcopal de ouro de catorze quilates com a ametista púrpura, os grandes diamantes e a aplicação de ouro com a forma de uma mitra um báculo trabalhada à mão. Pôs o saco de viagem ao ombro, rezou uma oração silenciosa e saiu do apartamento, descendo no elevador até ao vestíbulo onde o motorista esperava para levá-lo ao aeroporto.

Pouco depois, instalado a bordo de um voo comercial com destino a Roma, contemplava, através da janela, o escuro Atlântico. O Sol já tinha se posto, mas Aringarosa sabia que a sua própria estrela estava em ascensão. Esta noite, a batalha será ganha, pensou, espantado pelo fato de, apenas meses antes, ter se

sentido impotente contra as mãos que ameaçavam destruir o seu império.

Como presidente-geral da Opus Dei, o bispo Aringarosa passara a última década da sua vida a divulgar a mensagem da Obra de Deus — literalmente, Opus Dei. A congregação, fundada, em 1928, pelo padre espanhol Josemaría Escrivá, promovia o regresso aos valores católicos tradicionais e encorajava os seus membros a fazer grandes sacrifícios pessoais para poderem levar a cabo a Obra de Deus.

A filosofia tradicionalista da Opus Dei começara por lançar raízes na Espanha anterior ao regime de Franco, mas, com a publicação, em 1934, do livro espiritual de Escrivá, Caminho — 999 pontos de

meditação para fazer na vida a Obra de Deus —, a mensagem se alastrara pelo mundo. Agora, com mais de quatro milhões de exemplares de O Caminho publicados em quarenta e duas línguas, a Opus Dei era uma força global.

Tinha residências, centros de ensino e até universidades em todas as principais metrópoles da Terra. A Opus Dei era, a nível mundial, a organização católica que apresentava a mais elevada taxa de crescimento e a situação financeira mais firme.

Infelizmente, como Aringarosa depressa descobrira, em uma era de cinismo religioso, cultos e tele-evangelis tas, o poder e a riqueza de que dispunha eram também um ímã que atraía suspeitas.

— Muitos os consideram um culto alienante. Outros os chamam uma sociedade secreta cristã ultraconservadora. Qual destas coisas é a Opus Dei? —, perguntavam com frequência os jornalistas, em tom de provocação.

— Nem uma, nem outra —, respondia pacientemente o bispo. — Somos uma Igreja Católica. Somos uma congregação de católicos que escolheram como sua prioridade seguir a doutrina católica nas nossas vidas quotidianas o mais rigorosamente que pudermos.

— A Obra de Deus incluirá necessariamente votos de castidade, o pagamento do dízimo e a penitência pelos pecados através da autoflagelação e do uso de cilícios?

— Está descrevendo apenas uma pequena parte da população da Opus Dei —, dizia o bispo. — Há muitos níveis de envolvimento. Milhares de membros da Opus Dei são casados, têm família e fazem Obra de Deus no seio das suas próprias comunidades.

Outros preferem viver em ascetismo na clausura das nossas residências. Estas escolhas são pessoais, mas todos na Opus Dei partilhamos o objetivo de tornar o mundo melhor fazendo a Obra de Deus. É certamente um propósito admirável.

Ah, mas a razão raramente convencia. A mídia gravitava para o escândalo, e a Opus Dei, como a maior parte das grandes organizações, contava entre os seus membros algumas almas perdidas que lançavam uma sombra sobre todo o conjunto.

Dois meses antes, um grupo da congregação em uma universidade do Midwest fora apanhado drogando novos recrutas com mescalina na tentativa de induzir um estado eufórico que os neófitos tomassem por uma experiência religiosa. Um outro estudante universitário usara o seu cilício durante mais tempo do que as recomendadas duas horas diárias e c ontraíra uma infecção que quase o matara. Em Boston, bastante recentemente, um jovem e desiludido banqueiro doara as poupanças de uma vida inteira à Opus Dei antes de tentar suicidar-se.

Ovelhas tresmalhadas, pensava Aringarosa, e o seu coração voava para eles.

O grande embaraço fora, claro, o muito publicitado julgamento do espião do FBI Robert Hanssen, que, além de ser um proeminente membro da Opus Dei, acabara por se revelar culpado de práticas sexuais desviantes. No julgamento, ficara provado que equipara o seu quarto com câmaras de vídeo escondidas para que os amigos pudessem vê-lo tendo relaçõescom a mulher. “O que dificilmente se poderá considerar um passatempo adequado a um católico devoto”, observara o juiz.

Infelizmente, todos estes acontecimentos tinham ajudado ao aparecimento de um novo grupo de vigilância conhecido como Opus Dei Awareness Network (ODAN). O concorridíssimo website deste grupo — www.odan.org — publicava histórias assustadoras narradas por ex-membros que alertavam para o perigo de aderir à organização. Os meios de comunicação referiam-se agora à Opus Dei como “a Máfia de Deus” e “o Culto de Cristo”.

Receamos aquilo que não compreendemos, pensou Aringarosa, Perguntando a si mesmo se aqueles críticos fariam alguma ideia quantas vidas a Opus Dei tinha enriquecido. O grupo gozava do

pleno aval e da bênção do Vaticano. A Opus Dei é uma prelatura pessoal do próprio Papa.

Recentemente, no entanto, vira-se ameaçada por uma força infinitamente

mais poderosa do que a imprensa.... um inimigo inesperado do qual Aringarosa não tinha meio de se esconder. Cinco meses antes, o caleidoscópio do poder fora sacudido, e Aringarosa estava ainda se refazendo do golpe.

— Nem imaginam a guerra em que se meteram —, murmurou o bispo para si mesmo, olhando através da janela do avião para o negro oceano lá embaixo. Por um instante, refocou os olhos, demorando-os no reflexo do seu próprio rosto —

escuro e oblongo, dominado por um nariz achatado e adunco, partido por um murro quando era um jovem missionário, em Espanha. Uma deficiência física que ele agora quase não notava. O mundo de Aringarosa era o mundo da alma, não o da carne.

Quando o avião sobrevoava a costa de Portugal, o celular começou a vibrar no bolso da sotaina de Aringarosa, com o sinal sonoro desligado. Mal-grado as regras da companhia que proibiam o uso de telefones celulares durante o voo, Aringarosa sabia que aquela era uma chamada que não podia perder. Apenas um homem conhecia aquele número, o mesmo que lhe enviara o telefone pelo correio.

Excitado, o bispo respondeu em voz baixa:

— Sim?

— Silas localizou a Chave de Abóbada — disse a voz. — Está em Paris. Na igreja de

Saint-Sulpice.

O bispo Aringarosa sorriu.

— Então estamos perto.

— Podemos consegui-la imediatamente. Mas precisamos da sua influência.

— Com certeza. Diga-me o que devo fazer.

Quando desligou o celular, Aringarosa tinha o coração a bater com força.

Olhou mais uma vez para o vazio da noite, sentindo-se um anão face aos acontecimentos que acabava de desencadear.

A oitocentos quilômetros dali, o albino chamado Silas, inclinado para uma pequena bacia cheia de água, lavava o sangue que lhe escorria das costas, observando os esfiapados padrões de vermelho que se desenhavam no líquido.

Purga-me com o hissope e ficarei limpo, rezou, citando os Salmos. Lava-me, e ficarei mais branco do que a neve.

Silas sentiu uma excitação expectante que não experimentava desde os tempos da sua antiga vida, uma excitação que o surpreendeu e ao mesmo tempo o eletrizou. Havia uma década que seguia O Caminho, lavando-se do pecado...

reconstruindo a sua vida... apagando a violência do seu passado. Naquela noite, porém, tudo voltara, numa vaga avassaladora. O ódio que tanto se esforçara por enterrar fora chamado à superfície.

Ficara espantado pela rapidez com que o passado ressurgira. E com ele, claro, tinham regressado as suas capacidades, enferrujadas mas utilizáveis.

A mensagem de Jesus é uma mensagem de paz... de não-violência... de amor.

Era esta a mensagem que lhe tinham ensinado desde o início, a mensagem que gravara no coração. E no entanto, era esta a

mensagem que os inimigos de Cristo ameaçavam agora destruir. Aqueles que ameaçam Deus com a força, encontrarão a força. Inamovível e firme. Durante dois milênios, os soldados de Cristo tinham defendido a sua fé contra aqueles que tentavam destruí-la. Naquela noite, Silas fora chamado à batalha.

Depois de secar as feridas, vestiu o hábito que lhe chegava aos tornozelos.

Era grosseiro, feito de lã escura, que lhe acentuava a brancura da pele e dos cabelos.

Amarrou a corda à volta da cintura, cobriu a cabeça com o capuz e permitiu-se um instante para observar o seu reflexo no es pelho. As rodas começaram a girar.

C A P Í T U L O 6

Depois de ter passado por baixo da grade de segurança, Robert Langdon deteve-se à entrada da Grande Galeria, olhando para a boca de um longo e fundo desfiladeiro.

De ambos os lados, as paredes erguiam-se a nove metros de altura, fundindo-se na escuridão, lá em cima. O clarão avermelhado das luzes de serviço parecia elevar-se do chão, banhando numa luminosidade irreal a deslumbrante coleção de da Vincis, Ticianos e Caravaggios suspensos do teto por meio de cabos.

Naturezas-mortas, cenas religiosas e paisagens faziam companhia a retratos de nobres e políticos.

Apesar de a Grande Galeria albergar as mais famosas peças da arte italiana, muitos dos visitantes achavam que o que nela havia de mais impressionante era na realidade o seu famoso soalho de parquet. Disposto num estonteante desenho geométrico de placas de carvalho em diagonal, o soalho produzia uma efêmera ilusão de ótica — uma rede multidimensional que dava ao visitante a

impressão de flutuar através da galeria sobre uma superfície que se transformava a cada passo.

Os olhos de Langdon, que s eguiam o traçado dos embutidos de madeira, detiveram-se abruptamente em um inesperado objeto caído no chão poucos metros à sua esquerda, isolado por fita da Polícia.

Voltou-se para Fache.

— Aquilo ali no chão... é um Caravaggio?

O capitão assentiu, sem sequer olhar.

O quadro, calculou Langdon, valia mais de dois milhões de dólares, e no

entanto ali estava, caído no chão, como um cartaz que alguém tivesse jogado fora.

— Que raio está fazendo no meio do chão?

Fache lançou-lhe um olhar severo, claramente nada impressionado.

— Isto é aquilo a que se chama um local do crime, senhor Langdon. Não tocamos em nada. Aquela tela foi arrancada da parede pelo conservador Saunière. Foi assim que ele ativou o sistema de segurança.

Langdon olhou para a grade, tentando reconstituir mentalmente o que acontecera.

— Monsieur Saunière foi atacado no seu gabinete, conseguiu fugir para a Grande Galeria e ativou a grade de segurança arrancando o quadro da parede. A grade desceu imediatamente, selando a galeria. Esta é a única porta de entrada e de saída.

Langdon estava confuso.

— Quer dizer com isso que o senhor Saunière encurralou o atacante dentro da galeria?

Fache abanou a cabeça.

— A grade de segurança separou o conservador Saunière do seu atacante. O

assassino ficou no corredor e atingiu monsieur Saunière através da grade. —

Apontou para uma etiqueta cor de laranja presa a uma das barras da grade por baixo da qual acabavam de passar. — A equipe PTC encontrou resíduos de pólvora de uma arma.

Disparou através da grade. Monsieur Saunière morreu sozinho, aqui dentro.

Langdon recordou a fotografia do corpo de Saunière. Dizem que fez aquilo a si mesmo. Olhou para o interminável corredor que se estendia diante deles.

— Onde está então o corpo?

Fache endireitou o seu cruciforme alfinete de gravata e começou a caminhar.

— Como provavelmente sabe, a Grande Galeria é muito comprida.

O comprimento exato, se Langdon bem recordava, era de cerca dequatrocentos e cinquenta metros, o equivalente a três Washington Monuments postos a seguir uns aos outros. E a largura do corredor era igualmente impressionante, podendo com toda a facilidade acomodar dois vagões de passageiros lado-a-lado. Ao longo do centro, a espaços irregulares, distribuíam-

se estátuas ou grandes urnas de porcelana, que faziam o papel de separador e obrigavam o fluxo de visitantes a fazer-se num sentido e no outro junto a paredes opostas.

Fache mantinha-se silencioso, avançando a passo rápido pelo lado direito da galeria, o olhar fixo em frente. Langdon sentia que era quase uma falta de respeito passar diante de tantas obras-primas sem fazer uma pausa, quanto mais não fosse para um olhar. Não que conseguisse ver qualquer coisa com esta luz, pensou.

O mortiço clarão avermelhado tr ouxe-lhe infelizmente à memória recordações da sua última experiência com iluminação não-invasiva nos Arquivos Secretos do Vaticano.

Era já o segundo e perturbador paralelo com a sua quase mortal aventura em Roma.

Voltou a pensar em Vittoria. Estivera ausente dos seus sonhos durante meses.

Mal conseguia acreditar que Roma tivesse sido apenas um ano antes; pareciam-lhe décadas.

Uma outra vida. A última vez que soubera dela, fora em Dezembro: um postal dizendo que ia a caminho do mar de Java para prosseguir as suas pesquisas...

qualquer coisa relacionada com o uso de satélites para monitorizar as migrações das mantas. Langdon não alimentara ilusões a respeito de uma mulher como Vittoria Vetra pudesse ser feliz vivendo em um campus universitário, mas o encontro de Roma despertara nele desejos que nunca imaginara poder sentir. A afinidade de uma vida inteira com o celibato e as liberdades simples que permitia fora de alguma maneira abalada... substituída por um inesperado vazio que parecia ter crescido durante o último ano.

Continuaram a avançar, sem que Langdon visse qualquer corpo.

— Jacques Saunière veio até tão longe?

— Monsieur Saunière sofreu um ferimento de bala no estômago. Morreu muito lentamente. Talvez mais de quinze ou vinte minutos.

Era obviamente um homem de grande força pessoal.

Langdon voltou-se para ele, estupefato.

— A segurança demorou vinte minutos para chegar aqui?

— Claro que não. Os seguranças do museu responderam imediatamente ao

alarme e encontraram a Grande Galeria selada. Através da grade, ouviram alguém mexendo-se na extremidade mais distante do corredor, mas não conseguiam ver quem era. Gritaram, mas não obtiveram resposta. Assumindo que só podia tratar-se de um criminoso, seguiram o protocolo e chamaram a Polícia. Ocupamos as nossas posições quinze minutos mais tarde. Quando chegamos, erguemos a grade apenas o suficiente para podermos cassar por baixo dela, e mandei uma dúzia de agentes armados para o interior.

Percorreram toda a galeria, com o objetivo de encurralar o intruso.

— E?

— Não encontraram ninguém aqui dentro. Exceto... — apontou mais para o fundo do corredor — ele.

Langdon ergueu os olhos e seguiu a direção do dedo estendido de Fache. De início, pensou que o capitão estava apontando para uma grande estátua de mármore colocada no meio da galeria. Mas, continuando a avançar, começou a ver além da estátua. Trinta metros mais à frente, um projetor isolado montado em um suporte apontava para o chão, criando uma crua mancha de luz branca na avermelhada escuridão circundante. No centro da poça de luz, como um inseto sob as lentes de um microscópio, o corpo do conservador Saunière jazia nu no chão de parquet.

— Viu a fotografia — disse Fache —, de modo que isto não constituirá surpresa.

Langdon sentiu um grande frio entranhar-se em seus ossos à medida que se aproximavam do corpo. À sua frente, estava uma das mais estranhas imagens que alguma vez vira.

O pálido cadáver de Jacques Saunière jazia no soalho de parquet exatamente como aparecia na foto. Debruçado para ele, de olhos semicerrados por causa da luz, Langdon recordou a surpresa que sentira ao saber que Saunière passara os últimos dez minutos de vida dispondo seu próprio corpo daquela estranha maneira.

O conservador parecia notavelmente vigoroso para um homem da sua idade...

e toda a sua musculatura estava bem à vista. Despojara-se de todas as peças de roupa, que deixara cuidadosamente dobradas no chão, e deitara-se de costas no centro da larga galeria, perfeitamente alinhado com o eixo do corredor. Tinha os braços e as pernas bem abertos e esticados para fora, como uma criança

preparando-se para dar um mergulho em uma piscina... ou, talvez mais exatamente, como um homem a ser esquartejado por uma qualquer força invisível.

Logo abaixo do esterno, uma mancha de sangue assinalava o ponto onde a bala trespassara a carne. A ferida sangrara surpreendentemente pouco, deixando apenas uma pequena poça de sangue escuro.

Também o indicador da mão esquerda estava ensanguentado. Aparentemente, Saunière mergulhara-o na ferida para criar o mais perturbador aspecto da tétrica cena; usando o seu próprio sangue como tinta e a pele nua do ventre como tela, desenhara um símbolo simples: cinco segmentos de reta que se intersectavam para formar uma estrela de cinco pontas.

O pentáculo.

A estrela sangrenta, centrada no umbigo, dava ao cadáver uma irrecusável aura demoníaca. A foto que vira já era suficientemente arrepiante, mas agora, ao testemunhar aquilo em pessoa, Langdon sentiu um mal-estar crescente.

Jacques Saunière fez isto a si mesmo.

— Senhor Langdon? — Os olhos escuros de Fache estavam cravados nele.

— É um pentáculo — disse Langdon, com uma voz que soou cava naquele espaço enorme. — Um dos símbolos mais antigos do mundo. Já era usado quatro mil anos antes de Cristo.

— E que significa?

Langdon hesitava sempre que lhe faziam aquela pergunta. Explicar a alguém o que um símbolo "significava" era como dizer-lhe como uma determinada canção devia fazê-lo sentir-se — era diferente de pessoa para pessoa. Nos Estados Unidos, um capuz branco do Ku Klux Klan evocava imagens de ódio e racismo, ao passo que, na Espanha, a mesma indumentária tinha um significado de fé religiosa.

— Os símbolos têm significados diferentes em contextos diferentes — disse.

— Essencialmente, o pentáculo é um símbolo religioso pagão.

Fache assentiu.

— Culto do diabo.

— Não — corrigiu Langdon, percebendo imediatamente que a sua escolha de palavras devia ter sido mais clara.

Atualmente, o termo pagão tornara-se quase sinônimo de culto do diabo —

uma interpretação grosseiramente errada. Na realidade, as raízes da palavra remontavam ao latim paganus, que significa habitantes do campo. Os “pagãos”

eram literalmente pessoas do campo não doutrinadas que continuavam agarradas às antigas religiões rurais do culto da Natureza. Tão forte era, de fato, o medo que a Igreja tinha dos habitantes das aglomerações rurais que o outrora inócuo termo “vilão” — o que vive numa aldeia ou vila — acabara por designar uma pessoa má.

— O pentáculo — esclareceu Langdon — é um símbolo pré-cristão relacionado com o culto da Natureza. Os antigos imaginavam o mundo em que viviam dividido em duas metades: masculino e feminino. Os seus deuses e deusas esforçavam-se por manter o equilíbrio de poder. Yin e Yang. Quando o masculino e o feminino estavam equilibrados, havia harmonia no mundo.

Quando se desequilibravam, havia caos. — Apontou para o estômago de Saunière. — Este pentáculo representa o lado feminino de todas as coisas... um conceito a que os historiadores da religião chamam “sagrado feminino” ou

“deusa divina”. Jacques Saunière o sabia melhor do que ninguém.

— Monsieur Saunière desenhou o símbolo de uma deusa no estômago?

Langdon teve de admitir que parecia estranho.

— Na sua interpretação mais específica, o pentáculo simboliza Vênus... a deusa do amor sexual e da beleza femininos.

Fache olhou para o homem nu e resmungou qualquer coisa.

— A religião antiga baseava-se na ordem divina da Natureza. A deusa Vênus e o planeta Vênus eram uma e a mesma coisa. A deusa tinha o seu lugar no céu noturno e era conhecida por muitos

nomes: Vênus, Estrela do Oriente, Ishtar, Astarte..., todos eles poderosos conceitos femininos com ligações à Natureza e à Mãe Terra.

Fache parecia ainda mais perturbado, como se de algum modo preferisse a ideia do culto do diabo.

Langdon decidiu não lhe revelar a mais surpreendente propriedade do pentáculo: a origem gráfica da sua ligação a Vênus. Ainda jovem estudante de Astronomia, ficara estupefato ao saber que o planeta Vênus traçava, de oito em oito anos, um pentáculo perfeito céu eclíptico. Tão espantados tinham os Antigos ficado ao observar o fenômeno, que Vênus e o seu pentáculo se

tornaram símbolo de perfeição, beleza e das qualidades cíclicas do amor sexual.

Em um tributo à magia de Vênus, os Gregos usavam o seu ciclo de oito anos para organizar os Jogos Olímpicos. Atualmente, poucas pessoas sabem que o calendário quadrienal das Olimpíadas modernas continua a seguir os meios-ciclos de Vênus. E menos ainda sabem que a estrela de cinco pontas esteve muito perto de se tornar o emblema olímpico oficial, tendo sido substituída na última hora pelos cinco anéis entrelaçados, que refletem melhor o espírito de inclusão e harmonia dos Jogos.

— Senhor Langdon — disse Fache, abruptamente —, é evidente que o pentáculo tem também de estar relacionado com o diabo. Os seus filmes de terror deixam esse ponto bem claro.

Langdon franziu o sobrolho. Obrigado, Hollywood. A estrela de cinco pontas tornara-se um chavão praticamente obrigatório nos filmes a respeito de assassinos psicopatas satânicos, geralmente desenhada nas paredes do apartamento de um satanista juntamente com outra pretensa simbologia demoníaca. Langdon ficava sempre frustrado quando via o símbolo neste contexto; as verdadeiras origens do pentáculo eram na realidade até muito divinas.

— Garanto-lhe — disse — que, a despeito do que possa ver nos filmes, a interpretação demoníaca do pentáculo é historicamente inexata. O significado original feminino é correto, mas o simbolismo do pentáculo tem sido distorcido ao longo dos milênios. Neste caso, através do derramamento de sangue.

— Receio não estar compreendendo.

Langdon olhou para o crucifixo de Fache, sem saber muito bem como expor o que queria dizer.

— A Igreja, meu caro senhor. Os símbolos são muito resistentes, mas o pentáculo foi alterado pela Igreja Católica primitiva. No âmbito das campanhas do Vaticano para erradicar as religiões pagãs e converter as massas ao cristianismo, a Igreja lançou uma campanha de difamação contra os deuses e deusas pagãos, apresentando os respectivos símbolos como ligados ao mal.

— Continue.

— É um expediente muito comum em épocas de agitação. O novo poder emergente apodera-se dos símbolos existentes e degrada-os ao longo do tempo em uma tentativa de apagar-lhes o significado. Na batalha entre os símbolos

pagãos e os símbolos cristãos, os pagãos foram derrotados; o tridente de Poseidon tornou-se a forquilha do diabo, o chapéu pontiagudo da mulher sábia passou a ser o emblema da bruxa, e o pentáculo de Vênus converteu-se no sinal do diabo. — Langdon fez uma pausa. —

Infelizmente, também a instituição militar americana perverteu o pentáculo, que é hoje um dos principais símbolos da guerra. Nós o pintamos nos nossos caças a jato e o usamos nos ombros dos nossos generais. — Triste sorte para a deusa do amor e da beleza.

— Interessante. — Fache fez um sinal na direção do cadáver de pernas e braços abertos. — E a posição do corpo? Como a

interpreta?

Langdon encolheu os ombros.

— A posição apenas reforça a referência ao pentáculo e ao sagrado feminino.

A expressão de Fache ensombreceu.

— Desculpe?

— Repetição. Repetir um símbolo é a maneira mais simples de reforçar-lhe o significado. Jacques Saunière colocou-se na forma de uma estrela de cinco pontas. — Se um pentáculo é bom, dois pentáculos é melhor.

Fache seguiu com osolhos os cinco pontos definidos pela cabeça, mãos e pés do cadáver e voltou a passar a mão pelos cabelos cheios de gel.

— Uma análise interessante. — Fez uma pausa. — E a nudez? — Quase que grunhiu a palavra, parecendo achar repelente a visão do corpo de um velho. —

Porque foi que ele se despiu?

Boa pergunta, pensou Langdon. Andava remoendo-a desde que vira a fotografia.

O seu melhor palpite era que um corpo hum ano nu constituía mais uma referência a Vênus, a deusa da sexualidade humana. Apesar de a cultura moderna ter eliminado a maior parte da associação de Vênus à união física homem/mulher, um olho etimológico atento conseguia ainda distinguir vestígios do significado original de Vênus na palavra “venérea”. Langdon decidiu não seguir por aí.

— Senhor Fache, não posso obviamente dizer-lhe porque foi que o senhor Saunière desenhou esse símbolo no seu próprio ventre nem

porque se colocou dessa maneira, mas posso dizer-lhe que um homem como Jacques Saunière

consideraria o pentáculo como sinal da divindade feminina. A correlação entre este símbolo e o sagrado feminino é bem conhecida dos historiadores de arte e dos simbologistas.

— Muito bem. E o uso do seu próprio sangue como tinta?

— Obviamente, não tinha mais nada com que escrever.

Fache manteve-se silencioso por instantes.

— Na realidade, estou convencido de que usou sangue para que a Polícia pudesse seguir certos procedimentos forenses.

— Perdão?

— Olhe para a mão esquerda dele.

Langdon examinou o pálido braço do conservador desde o cotovelo até à mão, mas nada viu. Inseguro, contornou o corpo e ajoelhou-se, notando então, surpreendido, que Saunière segurava entre os dedos um grande marcador de ponta de feltro.

— Tinha-o na mão quando o encontramos — disse Fache, afastando-se alguns metros até uma pequena mesa portátil coberta de ferramentas de investigação, cabos e vários aparelhos eletrônicos.

— Como lhe disse — continuou, procurando entre os objetos que cobriam a mesa —, não tocamos em nada. Conhece esse tipo de caneta?

Langdon inclinou-se um pouco mais para ver a marca.

STYLO DE LUMIERE NOIRE.

Ergueu os olhos, surpreendido.

A caneta de luz negra, ou de marca de água, era um marcador de ponta de feltro especial originariamente concebido para ser usado pelos museus, restauradores e Polícia para pôr marcas invisíveis nos mais variados objetos.

Utilizava uma tinta à base de álcool, fluorescente e não corrosiva, visível apenas à luz negra. Atualmente, o pessoal de manutenção dos museus usava-as nas suas rondas diárias para marcar as molduras dos quadros que necessitassem de restauração.

Enquanto Langdon se punha de pé, Fache aproximou-se do projetor e desligou-o.

A galeria mergulhou em súbita escuridão.

Momentaneamente cego, Langdon sentiu-se invadir por uma crescente incerteza.

A silhueta de Fache reapareceu, iluminada por uma intensa luz púrpura.

Aproximou-se, transportando uma fonte de luz portátil que o envolvia numa névoa violeta.

— Como talvez saiba — disse, com os olhos brilhando no clarão violeta —, a Polícia usa a luz negra para investigar locais de crimes em busca de sangue e outras provas científicas. Pode, então, imaginar a nossa surpresa... —

Repentinamente, apontou a luz para o cadáver.

Langdon olhou para baixo e deu um salto para trás.

O coração batia-lhe descompassadamente enquanto contemplava a estranha visão que brilhava à sua frente no soalho de parquet. Traçadas em letras luminescentes, as derradeiras palavras de Jacques Saunière refulgiam em tons púrpura ao lado do cadáver. Ao ver o que estava escrito, Langdon sentiu o nevoeiro que envolvera

toda aquela noite tornar-se ainda mais denso. Voltou a ler a mensagem e ergueu os olhos para Fache.

— Que raio é que isto significa?

Os olhos de Fache cintilaram com um brilho branco.

— Essa é, monsieur, precisamente a pergunta a que pretendo que responda.

Não muito longe dali, no gabinete de Saunière, o tenente Collet, que regressara ao Louvre, estava inclinado para o console de um rádio pousado em cima da enorme mesa do conservador. Com exceção da estr anha figura do pequeno guerreiro medieval que parecia observá-lo de um canto da mesa, sentia-se perfeitamente à vontade. Ajustou os auscultadores e verificou os níveis de entrada no sistema de gravação do disco rígido.

Tudo no verde. Os microfones funcionavam perfeitamente e a recepção era impecável.

Le moment de vérité, murmurou.

Sorrindo, fechou os olhos e acomodou-se para saborear o resto da conversa que estava sendo gravada no interior da Grande Galeria.

C A P Í T U L O 7

O modesto apartamento dentro da igreja de Saint-Sulpice situav a-se no segundo piso, à esquerda da varanda do coro. Duas divisões com chão de pedra e um mínimo de mobiliário que serviam de casa à irmã Sandrine Biel havia mais de uma década. O convento, ali próximo, fora a sua residência anterior, mas ela preferia o silêncio e a calma da igreja e instalara-se muito confortavelmente com uma cama, um telefone e um aquecedor.

Como conservatrice d’affaires da igreja, a irmã Sandrine era responsável por todos os aspectos não religiosos do funcionamento

do templo — manutenção geral, contratar pessoal de apoio e guias, encomendar abastecimentos como vinho para a eucaristia e hóstias.

Naquela noite, adormecida na sua estreita cama, foi acordada pelo retinir estridente da campainha do telefone. Ensonada, levantou o auscultador.

— Soeur Sandrine. Église Saint-Sulpic e.

— Olá, irmã — disse o homem, em francês.

A irmã Sandrine sentou-se na cama. Que horas são? Reconheceu a voz do chefe, apesar de, em quinze anos, nunca ter sido acordada por ele. O abade era um homem profundamente piedoso, que ia para casa e para a cama logo a seguir à missa.

— Peço desculpas por tê-la acordado, irmã — continuou o abade, parecendo ele próprio um pouco confuso e nervoso. — Tenho de lhe pedir um favor. Acabo de receber uma chamada de um influente bispo americano. Talvez o conheça?

Manuel Aringarosa?

— O chefe da Opus Dei?

Claro que o conheço. Quem, na Igreja, o não conhece? A prelatura

conservadora de Aringarosa crescera em poder nos últimos anos. A sua ascensão ao estado de graça fora em 1982, quando João Paulo II a elevara ines peradamente “prelatura pessoal do Papa”, sancionando oficialmente todas as práticas. Por uma coincidência que não podia ser inocente, a elevação da Opus Dei ocorrera no mesmo ano em que a riquíssima seita alegadamente transferira quase um bilhão de dólares para o Instituto do Vaticano para as Obras Religiosas

— vulgarmente conhecido como Banco do Vaticano — salvando-o de uma embaraçosa bancarrota. Numa segunda manobra que fizera

arquear mais de uma sobrancelha, o Papa pusera o fundador da Opus Dei na “via-rápida” para a santidade, reduzindo um período de espera pela canonização que com frequência se arrastava por um século a uns meros vinte anos. A irmã Sandrine não conseguia impedir-se de pensar que o estudo de graça de que a Opus Dei gozava em Roma era suspeito, mas com a Santa Sé não se discutia.

— Sua Eminência o bispo Aringarosa telefonou-me pedindo um favor —

explicou o abade, nervosamente. — Um dos seus numerários está esta noite em Paris...

Enquanto ouvia o estranho pedido, a irmã Sandrine sentia-se cada vez mais confusa.

— Desculpe, está dizendo que esse numerário não pode esperar até amanhã?

— Receio que não. O avião parte muito cedo. E ele sempre sonhou ver Saint-Sulpice.

— Mas a igreja é muito mais interessante durante o dia. Os raios de sol entrando pelo óculo, as sombras graduadas do gnómon, é isso que torna Saint-Sulpice única.

Concordo, irmã. No entanto, consideraria um favor especial se o deixasse entrar hoje à noite. Ele pode aí estar... digamos, à uma? Dentro de vinte minutos.

A irmã Sandrine franziu o sobrolho.

— Com certeza, terei muito gosto.

O abade agradeceu-lhe e desligou.

Intrigada, a irmã Sandrine deixou-se ficar mais uns instantes no calor da cama, tentando sacudir as teias de aranha do sono. O seu

corpo de sessenta anos já não acordava tão prontamente como em outros tempos, embora o telefonema daquela noite lhe tivesse sem dúvida excitado os sentidos. A Opus Dei sempre a

fizera sentir-se pouco à vontade. Além da adesão da pr elatura aos rituais arcanos da mortificação corporal, o modo como encarava as mulheres era, no mínimo, medieval. Ficara chocada ao saber que as numerárias eram obrigadas a limpar, enquanto eles estavam na missa, as residências dos homens, e ainda por cima sem qualquer espécie de remuneração; as mulheres dormiam em tarimbas de madeira, ao passo que os homens dispunham de enxergas de palha; e as mulheres tinham de sujeitar-se a exigências ainda mais estritas de mortificação corporal... tudo como penitência acrescida pelo pecado original.

Aparentemente, a dentada que Eva dera na maçã do conhecimento era uma dívida que as mulheres estavam condenadas a pagar por toda a eternidade.

Infelizmente, enquanto a maior parte das Igrejas Católicas estava avançando na direção certa no que dizia respeito aos direitos das mulheres, a Opus Dei ameaçava inverter o processo. Fosse como fosse, a irmã Sandrine recebera as suas ordens.

Fazendo rodar as pernas para fora da cama, pôs-se lentamente de pé, gelada pelo frio das pedras nos pés descalços. E à medida que o frio lhe subia pelo corpo, sentiu uma inesperada apreensão.

Intuição feminina?

Seguidora de Deus, a irmã Sandrine aprendera a encontrar paz nas vozes calmantes da sua própria alma. Naquela noite, porém, essas vozes mantinham-se silenciosas na igreja deserta que a rodeava.

C A P Í T U L O 8

Langdon não conseguia desviar os olhos das palavras que brilhavam com uma luminescência violeta rabiscadas no soalho de

parquet. A última comunicação de Jacques Saunière parecia-lhe o mais improvável como mensagem de despedida que conseguia imaginar.

Dizia o seguinte:

13-3-2-21-1-1-8-5

O, Draconian devil!

Oh, lame saint!

Embora não fizesse a mínima ideia do que aquilo significava, Langdon compreendia a intuição de Fache de que o pentáculo tinha qualquer coisa a ver com o culto do diabo.

O, draconiano demônio!

Saunière deixara uma referência explícita ao diabo. Não menos bizarra era a série de algarismos.

— Uma parte parece um código numérico.

— Sim — concordou Fache. — Os nossos criptografistas já estão trabalhando nisso.

Acreditamos que esses números podem ser a chave que nos conduzirá ao assassino.

Talvez um número de telefone, ou qualquer tipo de identificação social. Têm algum significado simbólico para você?

Langdon voltou a olhar para os números, sentindo que ia demorar horas para tirar dali qualquer espécie de significado simbólico. Se é que era essa a intenç ão do Saunière.

À primeira vista, os números pareciam perfeitamente aleatórios. Estava habituado a progressões simbólicas que fizessem alguma

espécie de sentido, mas tudo ali — . o pentáculo, as palavras, os algarismos — parecia díspar ao nível mais fundamental.

— Afirmou há pouco — disse Fache — que todas as ações do conservador Saunière aqui na Galeria fizeram parte de um esforço para deixar uma mensagem... culto da deusa, ou qualquer coisa nessa linha? Como é que essa mensagem encaixa no que temos aqui?

Langdon sabia que a pergunta era retórica. Aquele estranho comunicado não encaixava de maneira nenhuma no seu cenário de culto da deusa.

O, draconiano demônio? Oh, santo imperfeito?

— O texto parece ser uma espécie de acusação — prosseguiu Fache. — Não concorda?

Langdon tentou imaginar os minutos finais de Jacques Saunière, fechado na Grande Galeria, sabendo que estava prestes a morrer. Parecia lógico.

— Uma acusação contra o seu assassino faz sentido, suponho.

— O meu trabalho, claro, consiste em pôr um nome nessa pessoa. Deixe-me perguntar-lhe o seguinte, senhor Langdon. A seu ver, tirando os números, o que é que esta mensagem tem de mais estranho?

Mais estranho? Um moribundo barricara-se na galeria, desenhara um pentáculo no próprio ventre e rabiscara uma misteriosa acusação no soalho. Tudo ali era estranho!

— A palavra “draconiano”? — arriscou, dizendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça. Langdon estava razoavelmente convencido de que uma referência a Draco, o implacável político do século VII a. C., era bastante improvável c omo último pensamento.

— “Draconiano demônio” parece-me uma estranha escolha de palavras.

— Draconiano? — A voz de Fache soou com uma nota de impaciência. — A escolha de palavras de monsieur Saunière está longe de parecer-me aqui a questão mais importante.

Langdon não sabia muito bem que questão tinha Fache em mente, mas começou a suspeitar de que Draco e o capitão se teriam dado bastante bem.

— Jacques Saunière era francês — continuou Fache, secamente. — Vivia em Paris. E no entanto, optou por escrever esta mensagem...

— Em inglês — terminou Langdon, compreendendo agora aonde o capitão queria chegar.

Fache assentiu.

— Précisément. Alguma ideia do motivo?

Langdon sabia que Saunière falava impecavelmente inglês, mas não fazia a mínima ideia de que razão o levara a escolher essa língua para escrever as suas últimas palavras. Encolheu os ombros.

Fache voltou a apontar para o pentáculo traçado no ventre do cadáver.

— Nada a ver com o culto do diabo? Continua tendo certeza?

Langdon já não tinha certeza de coisa nenhuma.

— A simbologia e o texto parecem não coincidir. Lamento não poder ajudá-lo mais.

— Talvez isto torne as coisas um pouco mais claras. — Fache afastou-se do corpo e ergueu um pouco mais o projetor de luz negra, fazendo o feixe incidir numa área maior. — E agora?

Para espanto de Langdon, um círculo rudimentar brilhou à volta do cadáver do conservador. Aparentemente, Saunière deitara-se de costas e fizera rodar a caneta de feltro à sua volta em uma série de longos arcos, como que inscrevendo-se em um círculo.

Em um súbito relâmpago, o significado tornou-se claro.

— O Homem de Vitrúvio — ofegou Langdon. Saunière criara uma réplica em tamanho natural do mais célebre desenho de Leonardo da Vinci.

Considerado o desenho anatomicamente mais correto da sua época, O

Homem de Vitrúvio de da Vinci tornara-se, nos tempos modernos, um ícone da cultura, aparecendo representado em cartazes, bases para copos e camisetas por

todo o mundo. O famoso desenho consistia em um círculo perfeito no qual estava inscrita a figura de um homem nu... de braços e pernas estendidos e abertos.

Da Vinci. Langdon sentiu um arrepio de espanto. A clareza das intenções de Saunière era inegável. Nos momentos finais da sua vida, o conservador do museu do Louvre despojara-se das roupas e dispusera o seu próprio corpo em uma evidente reprodução de O Homem de Vitrúvio.

O círculo fora o elemento crítico que faltara. Sendo um símbolo de Proteção feminino, o círculo à volta do corpo do homem nu completava a mensagem de da Vinci: harmonia entre o masculino e o feminino. A questão era agora, no entanto, descobrir por que razão Saunière imitara o famoso desenho.

— Senhor Langdon — disse Fache —, sabe certamente que Leonardo da Vinci tinha uma tendência para as artes mais obscuras.

Langdon ficou surpreso pela extensão do conhecimento do policial sobre da Vinci, um conhecimento que sem dúvida contribuía muito para explicar as suas suspeitas a respeito de um culto diabólico. Da Vinci sempre fora um tema embaraçoso para os historiadores, especialmente na tradição cristã. Apesar do seu gênio vis ionário, era um homossexual assumido e um adorador da divina ordem da Natureza, dois “crimes” que o colocavam em perpétuo estado de pecado contra Deus. Além disso, as bizarras excentricidades do artista projetavam uma aura admissivelmente demoníaca: da Vinci exumava cadáveres para estudar a anatomia humana, mantinha misteriosos diários em uma ilegível escrita invertida, acreditava possuir o poder alquímico de transformar o chumbo em ouro, julgava-se até capaz de enganar Deus criando um elixir que adiava a morte, e as suas invenções incluíam horríveis e nunca antes imaginados instrumentos de guerra e de tortura.

A incompreensão gera desconfiança, pensou Langdon.

Até a vastíssima produção de deslumbrante arte cristã de da Vinci só servira para reforçar a sua reputação de hipocrisia espiritual. Aceitando centenas de lucrativas encomendas do Vaticano, Leonardo pintava temas religiosos não como uma expressão das suas próprias crenças mas como uma operação comercial —

uma maneira de financiar o estilo de vida opulento que apreciava. Infelizmente, da Vinci era um brincalhão que muitas vezes se divertia mordendo pela calada a mão que o alimentava. Incorporava em muitos dos seus quadros religiosos

simbolismos escondidos que eram tudo menos cristãos: tributos às suas próprias convicções e um sutil manguito feito à Igreja. Langdon dera inclusive, na National Gallery de Londres, uma conferência subordinada ao tema: “A Vida Secreta de Leonardo: O Simbolismo Pagão na Arte Cristã”.

— Compreendo a sua preocupação — disse —, mas da Vinci nunca chegou verdadeiramente a praticar qualquer espécie de artes

negras. Era um homem excepcionalmente espiritual, ainda que em constante conflito com a Igreja. — E

enquanto dizia estaspalavras, um estranho pensamento acudiu-lhe ao espírito.

Olhou novamente para a mensagem escrita no chão. Ó, draconiano demônio!

Oh, santo imperfeito!

— Sim — incitou Fache.

Langdon pesou cuidadosamente as suas palavras.

— Estava só pensando que o c onservador Saunière partilhava muitas ideologias espirituais com da Vinci, incluindo a preocupação com a tentativa da Igreja de eliminar o sagrado feminino da religião moderna. É possível que, ao imitar o famoso desenho de da Vinci, estivesse apenas expressando a frustração que ambos partilhavam relativamente à demonização da deusa que a Igreja moderna leva a cabo.

Os olhos de Fache endureceram.

— Acha que monsieur Saunière está chamando à Igreja santo imperfeito e demônio draconiano?

Langdon tinha de admitir que era um pouco forçado, embora o pentáculo parecesse, a um certo nível, dar força à ideia.

— Estou apenas dizendo que o senhor Saunière dedicou a vida a estudar a história da deusa, e que nada nem ninguém contribuiu mais para apagar essa história do que a Igreja Católica. Parece-me razoável que tivesse tentado exprimir o desapontamento que sentia no seu último adeus.

— Desapontamento? — perguntou Fache, agora abertamente hostil. — Esta mensagem parece mais enraivecida do que desapontada,

diria eu.

Langdon estava chegando ao fim da paciência.

— Capitão, pediu-me um palpite sobre o que o senhor Saunièr e poderia querer dizer, e é isso que estou dando.

— Que isto é uma acusação à Igreja? — Fache contraiu a mandíbula, falando

por entre os dentes cerrados. — Senhor Langdon, tenho visto muita morte neste meu trabalho, e deixe-me dizer-lhe uma coisa. Quando um homem é morto por outro homem, não acredito que o seu último pensamento seja escrever uma obscura afirmação espiritual que ninguém compreenderá. Acredito que pensa numa única coisa. — A voz sibilada do capitão cortou o ar. — La vengeance.

Acredito que o conservador Saunière escreveu isto para nos dizer quem o matou.

Langdon ficou olhando para ele.

— Mas não faz qualquer espécie de sentido.

— Não?

— Não — respondeu, cansado e frustrado. — Disse-me que o Senhor Saunière foi atacado no seu gabinete por alguém que aparentemente tinha convidado para entrar.

— Sim.

— Parece, portanto, razoável assumir que o conservador Saunière conhecia o seu atacante.

Fache assentiu.

— Continue.

— Se o senhor Saunière conhecia a pessoa que o matou, que espécie de acusação é esta? — Apontou para o chão. — Códigos numéricos? Santos imperfeitos? Demônios draconianos? Pentáculos desenhados na barriga? Tudo isto é muito crítico.

Fache franziu a testa, como se a ideia nunca lhe tivesse ocorrido.

— É verdade.

— Considerando as circunstâncias — continuou Langdon —, julgo que se Saunière quisesse dizer-nos quem o matou, teria escrito o nome dessa pessoa.

Quando Langdon acabou de dizer estas palavras, um sorriso de satisfação distendeu os lábios de Fache pela primeira vez em toda a noite.

— Précisément — disse. — Précisément.

Estou testemunhando o trabalho de um mestre, pensou o tenente Collet enquanto ajustava os auscultadores e esc utava as palavras de Fache. O agent supérieur sabia que tinham sido momentos como aquele que tinham elevado Fache aos pináculos da Polícia francesa.

O capitão Fache faz o que mais ninguém ousa fazer.

A delicada arte de cajoler era uma habilidade que a moderna investigação policial deixara morrer, uma arte que exigia uma excepcional compostura sob pressão. Poucos homens possuíam o sangue frio necessário para este tipo de operação, mas, em Fache, era como uma capacidade inata. A sua contenção e paciência roçavam o robótico. A única emoção de Fache naquela noite parecia ser uma intensa determinação, como se capturar aquele criminoso fosse de algum modo uma questão pessoal. As instruções que dera aos seus agentes, uma hora antes, tinham sido inusitadamente sucintas e seguras.

Sei quem assassinou o conservador Jacques Saunière, dissera. Sei o que tenho de fazer.

Nada de erros, esta noite.

E até ao momento, nenhum erro fora cometido.

Collet ainda não conhecia as provas em que Fache baseava a sua certeza da culpabilidade do suspeito, mas sabia que mais valia não questionar os instintos do Touro.

A intuição de Fache parecia quase sobrenatural. Deus murmura-lhe ao ouvido, insistira certa vez um agente na sequência de uma demonstração particularmente impressionante do sexto sentido do capitão. Collet via-se forçado a admiti-lo: se havia um Deus, Fache fazia parte da sua lista especial de amigos. O capitão ouvia missa e confessava-se com zelosa regularidade —

muito mais do que a frequência nos dias santos observada por outros altos funcionários em nome das boas relações públicas. Quando o Papa visitara Paris, alguns anos antes, Fache usara toda a sua influência para conseguir a honra de uma audiência, e agora tinha, pendurada na parede do gabinete, uma fotografia em que aparecia ao lado do pontífice. O Touro Papal, chamavam-lhe em segredo os seus subordinados.

Collet achava irônico o fato de as raras tomadas de posição públicas de Fache nos últimos anos terem sido para manifestar a sua virulenta reação ao escândalo da pedofilia praticada por sacerdotes. Esses padres deviam ser enforcados duas vezes, declarara.

Uma pelos seus crimes contra as crianças, outra por enlamearem o bom-nome da Igreja Católica. Collet tinha a estranha sensação de que era este último crime que mais enfurecia o capitão Fache.

Voltando-se para o computador portátil, Collet passou a ocupar-se da outra

metade das suas responsabilidades naquela noite: o sistema de localização GPS.

A imagem no visor mostrava um plano pormenorizado da Ala Denon, fornecido pelo Gabinete de Segurança do Louvre. Seguindo com os olhos o labirinto de galerias e corredores, depressa encontrou o que procurava. Bem no coração da Grande Galeria, um minúsculo ponto vermelho piscava.

La marque.

Fache mantinha a sua presa com rédea curta. E por boas razões. Robert Langdon já provara ser um sujeito muito esperto.

C A P Í T U L O 9

Para ter certeza de que a sua conversa com o senhor Langdon não seria interrompida, Bezu Fache desligara o celular. Infelizmente, tratava-se de um modelo dos mais caros, equipado com um rádio bi-direccional que, contrariando as suas ordens, um dos agentes estava naquele preciso instante usando par a contatá-lo.

— Capitaine — crepitou o telefone, como um walkie-talkie.

Fache cerrou os dentes, furioso. Não conseguia imaginar qualquer razão suficientemente impor tante para que Collet interrompesse aquela surveillance cachée, sobretudo em um ponto tão decisivo.

Dirigiu a Langdon um calmo olhar de desculpa.

— Um momento, por favor. — Tirou o telefone do cinto e apertou o botão do rádio. — Oui?

— Capitaine, un agent du Département de Cryptologie est arrivé.

A fúria de Fache evaporou-se instantaneamente. Um criptólogo? Embora a escolha do momento tivesse sido péssima, tratava-se provavelmente de boas notícias. Depois de ter descoberto o crítico texto de Saunière no chão da Galeria, Fache enviara por

computador fotos do local do crime para o Departamento de Criptologia, na esperança de que alguém conseguisse explicar-lhe o que estava o conservador tentando dizer. A chegada do criptólogo devia significar que alguém conseguira decifrar a mensagem.

— Neste momento estou ocupado — disse Fache, e o seu tom deixava bem claro que alguém tinha pisado uma linha. — Diga ao criptólogo que espere no posto de comando.

Falarei com ele quando terminar.

— Com ela — corrigiu a voz. — É a agente Neveu.

Fache estava achando cada vez menos graça àquela chamada. Sophie Neveu era um dos maiores erros da DCPJ. Uma jovem déchiffreuse parisiense que estudara criptografia na Inglaterra, no Royal Holloway, Sophie Neveu fora impingida a Fache dois anos, no âmbito da tentativa do ministério de incorporar mais mulheres na força policial.

Esta incursão do ministro no politicamente correto estava, na opinião de Fache, enfraquecendo o Departamento. As mulheres não só não tinham as qualidades físicas exigidas pelo trabalho na Polícia, como a sua simples presença constituía uma perigosa distração para os agentes em campo. Como Fache sempre temera, Sophie Neveu estava revelando-se mais distraída do que a maior parte das suas colegas.

Com trinta e dois anos, tinha uma determinação que raiava o obstinado. A sua entusiástica adesão à nova metodologia criptológica britânica exasperava os veteranos criptólogos franceses mais graduados. E, o que era de longe o aspecto mais perturbador para Fache, havia a inescapável verdade universal de que, em um escritório cheio de homens de meia-idade, a presença de uma jovem atraente desviava inevitavelmente as atenções do trabalho em curso.

— A agente Neveu insiste em falar imediatamente com o senhor, capitão —

disse o homem que falava pelo rádio. — Tentei impedi-la, mas já está a caminho da Galeria.

Fache recuou um passo, incrédulo.

— Isso é inaceitável! Dei ordens expressas...

Por um instante, Robert Langdon pensou que Bezu Fache estava sofrendo uma apoplexia. O capitão ia a meio da frase quando parou de mover o queixo e esbugalhou os olhos, coruscantemente fixos em um ponto acima do ombro dele.

Antes que pudesse voltar-se, ouviu uma voz feminina dizer nas suas costas:

— Excusez-moi, messieurs.

Langdon completou a volta e viu uma jovem aproximar-se. Caminhava pelo corredor em direção a eles com passadas longas e fluidas... e um ar de absoluta segurança. Vestia informalmente — um comprido camisolão de lã creme que lhe chegava aos joelhos e calças pretas —, era atraente e poderia andar por volta dos trinta anos — Os espessos cabelos castanhos caíam-lhe soltos sobre os ombros,

emoldurando um rosto agradável. Ao contrário das falsas louras deslavadas que adornavam as paredes das cataratas de Harvard, aquela mulher era saudável, com uma beleza sem retoques e uma autenticidade que irradiavam uma autoconfiança impressionante.

Para seu enorme espanto, a mulher avançou diretamente para ele e estendeu-lhe a mão.

— Monsieur Langdon, sou a agente Neveu, do Departamento de Criptologia da DCPJ. — As palavras pareciam enrolar-se

agradavelmente à volta do ligeiro sotaque franco-inglês. — É um prazer conhecê-lo.

Langdon apertou-lhe a mão macia e sentiu-se por um instante preso ao olhar dela.

Tinha uns olhos verde-azeitona, incisivos e límpidos. Fache inspirou fundo, claramente preparando-se para disparar uma reprimenda.

— Capitão — disse ela, voltando-se rapidamente e adiantando-se —, peço desculpas pela interrupção, mas...

— Ce n'est pas le moment! — rosnou Fache.

— Tentei telefonar-lhe — continuou Sophie, falando em inglês, como que num gesto de cortesia para com Langdon —, mas o seu celular estava desligado.

— Desliguei-o por uma boa razão — sibilou Fache. — Estou falando com o senhor Langdon.

— Decifrei o código numérico — anunciou ela, calmamente.

Langdon sentiu o pulso bater mais depressa. Decifrou o código?

Fache deu a impressão de não saber muito bem como reagir.

— Antes de explicar — continuou Sophie —, tenho uma mensagem urgente para o senhor Langdon.

O rosto de Fache adquiriu uma expressão de profunda contrariedade.

— Para o senhor Langdon?

Sophie assentiu, voltando-se de novo para Langdon.

— A sua embaixada pede-lhe que entre em contato, senhor Langdon. Têm uma mensagem para o senhor, dos Estados Unidos.

Langdon reagiu com surpresa. A excitação que sentira por causa do código deu lugar a uma vaga preocupação. Uma mensagem dos Estados Unidos? Tentou imaginar quem poderia estar tentando entrar em contato com ele. Só alguns

colegas de Harvard sabiam que se encontrava em Paris.

Fache contraiu a larga mandíbula ao ouvir a notícia.

— A embaixada dos Estados Unidos? — perguntou, com um ar desconfiado.

— Como eles souberam que poderiam encontrar o senhor Langdon aqui?

Sophie encolheu os ombros.

— Aparentemente, telefonaram para o hotel e o concier ge disse-lhes que o senhor Langdon tinha saído com um agente da DCPJ.

Fache parecia confuso.

— E a embaixada contatou o Departamento de Criptologia da DCPJ?

— Não, senhor — respondeu Sophie, em tom firme. — Quando liguei para a central da DCPJ tentando contatá-lo, tinham uma mensagem para o senhor Langdon e pediram-me que lhe transmitisse, se conseguisse enc ontrá-lo.

A testa de Fache cavou-se numa ruga de aparente confusão. Abriu a boca para falar, mas já Sophie tornara a voltar-se para Langdon.

— Senhor Langdon — disse, tirando do bolso um pequeno pedaço de papel

—, tenho aqui o número do serviço de mensagens da embaixada. Pedem-lhe que telefone logo que possa. — Entregou-lhe o papel, olhando-o fixamente. — É

melhor fazer a chamada enquanto eu explico o código ao capitão Fache.

Langdon estudou o pedaço de papel. Tinha um número de telefone de Paris e o de uma extensão.

— Obrigado — disse, agora francamente preocupado. — Onde é que encontro um telefone?

Sophie começou a extrair um celular do bolso do camisolão, masFache afastou-a com um gesto da mão. Parecia o Vesúvio pronto a entrar em erupção.

Sem desviar os olhos de Sophie, pegou seu próprio celular e ofereceu-o.

— Esta linha é segura, senhor Langdon, Pode usá-la.

Langdon não conseguia perceber porque diabo estava Fache tão zangado com a jovem. Sentindo-se pouco à vontade, aceitou o celular. Fache arrastou imediatamente Sophie para alguns metros mais longe e pôs-se a descompô-la em voz baixa.

Simpatizando cada vez menos com o capitão, Langdon voltou as costas à estranha confrontação e ligou o celular. Depois de v erificar o pedaço de papel que Sophie tinha lhe dado, marcou o número.

Ouviu o sinal de chamada.

Um toque... dois toques... três toques...

Finalmente, a ligação foi estabelecida.

Langdon esperava ouvir a telefonista da embaixada, mas, em vez disso, deu por si escutando um atendedor automático. Estranhamente, reconheceu a voz gravada na fita.

Era a de Sophie Neveu.

— Bonjour, vous êtes bien chez Sophie Neveu — disse a voz de mulher. —

Je suis absente pour le moment, mais...

Confuso, Langdon voltou-se para Sophie.

— Desculpe, senhora Neveu? Julgo que deve ter me dado...

— Não, não, é o número correto — interrompeu-o rapidamente Sophie, como se já estivesse à espera da confusão dele. — A embaixada tem um sistema de mensagens automático. Tem de marcar um código de acesso para receber as suas mensagens.

— Mas... — começou Langdon.

— É o número de três dígitos que está no papel que lhe dei.

Langdon abriu a boca para explicar o estranho engano, mas Sophie lançou-lhe um olhar imperioso que durou apenas um instante. Os olhos verdes enviaram uma mensagem clara como a água:

Não faça perguntas. Ligue.

Cada vez mais confuso, Langdon marcou o número da extensão escrito no pedaço de papel: 454.

A mensagem gravada de Sophie foi imediatamente interrompida e Langdon ouviu uma voz eletrônica anunciar em francês: “Tem uma mensagem nova.”

Aparentemente, 454 era o código de acesso remoto de Sophie para ouvir as suas mensagens quando estava fora de casa.

Vou ouvir as mensagens desta mulher?

Langdon ouviu a fita rebobinar. Finalmente, parou, e a máquina voltou a arrancar.

Langdon escutou. Mais uma vez, a voz era de Sophie.

— “Senhor Langdon” — dizia, num tom temeroso —, “não reaja a esta mensagem. Limite-se a ouvir calmamente. Encontra-se em perigo neste preciso

instante. Siga à risca as minhas instruções.”

C A P Í T U L O 10

Silas estava sentado ao volante do Audi preto que o Professor lhe arranjara, olhando para a grande igreja de Saint-Sulpice. Iluminadas de baixo pela bateria de projetores, as duas torres sineir as erguiam-se como firmes sentinelas acima do comprido corpo do edifício. De ambos os flancos, mergulhadas na sombra, sobressaía uma fila de elegantes arcobotantes, como as costelas de um belo animal.

Os infiéis usaram uma casa de Deus para esconder a Chave de Abóbada. Mais uma vez, a irmandade confirmara a sua lendária reputação de impostura e engano. Silas desejava ardentemente encontrar a Chave de Abóbada e entregá-la ao Professor, para que pudes sem finalmente recuperar aquilo que a irmandade tinha havia tanto tempo roubado dos fiéis.

Que poderosa vai tornar-se a Opus Dei.

Estacionando o Audi na grande Place de Saint-Sulpice, deserta aquela hora, expeliu com força o ar dos pulmões, a fim de preparar o espírito para a tarefa que tinha pela frente. As amplas costas ainda lhe doíam da mortificação corporal a que se sujeitara havia pouco mais de uma hora, e no entanto essa dor era insignificante em comparação com a angústia da sua vida antes da Opus Dei o ter salvado.

Mesmo assim, as recordações assombravam-lhe a alma.

Liberta o teu ódio, ordenou a si mesmo. Perdoa àqueles que te ofenderam.

Ao olhar para as torres de pedra de Saint-Sulpice, Silas sentiu o seu tão conhecido refluxo... aquela força que tantas vezes lhe arrastava o espírito para trás no tempo, voltando a fechá-lo na prisão que fora o seu mundo quando jovem. As recordações do purgatório chegaram, como sempre faziam, como uma

tempestade para os sentidos... o cheiro de couves podres, o fedor de morte, de urina e fezes humanas. Os gritos de desesperança perdendo-se no vento uivante dos Pireneus e os soluços abafados de homens abandonados.

Andorra, pensou, sentindo os músculos contraírem-se.

Incrivelmente, fora naquele estéril e esquecido principado, entre a França e Espanha, tiritando na sua cela de pedra, desejando apenas morrer, que tinha sido salvo.

Embora ness época não soubesse.

O relâmpago veio muito depois do trovão.

Nesse tempo não se chamava Silas, embora já não se lembrasse do nome que o pai e a mãe tinham lhe dado. Saíra de casa quando tinha sete anos. O pai alcoolatra, um corpulento trabalhador das docas, furioso com a chegada de um filho albino, espancava regularmente a mulher, culpando-a pela da embaraçadora condição do rapaz. E quando o filho tentava defender a mãe, era igualmente surrado.

Uma noite, houve uma luta terrível, e a mãe não voltou a levantar-se. O rapaz ficou contemplando o corpo sem vida, sentindo uma intolerável vaga de culpa por ter permitido que aquilo acontecesse.

Sou eu o culpado!

Como se uma espécie de demônio lhe controlasse o corpo, foi à cozinha e pegou uma grande faca de talhante. Hipnotizado, dirigiu-se ao quarto onde o pai jazia estendido na cama, mergulhado em

um estupor alcoólico. Sem dizer uma palavra, o rapaz cravou-lhe a faca nas costas. O pai gritou de dor e tentou voltar-se, mas o filho voltou a esfaqueá-lo, uma e outra vez, até que a casa ficou silenciosa.

O rapaz fugiu de casa, mas encontrou as ruas de Marselha igualmente inóspitas. O seu aspecto estranho fazia dele um marginal entre os outros jovens foragidos, e foi obrigado a viver sozinho na garagem de uma fábrica abandonada, comendo fruta roubada e peixe apanhado nas docas. As suas únicas companhias eram as esfarrapadas revistas que encontrava no lixo, e com elas aprendeu sozinho a ler. Com o tempo, tornou-se forte. Quando tinha doze anos, uma outra alma perdida, uma garota duas vezes mais velha, troçou dele na rua e tentou roubar-lhe a comida. O rapaz bateu nela quase até a morte. Quando o

arrancaram de cima dela, as autoridades fizeram-lhe um ultimato: sair de Marselha ou ir para um reformatório.

O rapaz desceu a costa até Toulon. A medida que os anos passavam os olhares de piedade na rua transformaram-se em olhares de medo. O rapaz crescera, era agora um jovem poderosamente constituído. Quando as pessoas cruzavam com ele, ouvia-as murmurar entre si. Um fantasma, diziam, de olhos muito abertos de medo ao verem a sua pele branca. Um fantasma com olhos de demônio!

E ele sentia-se como um fantasma... transparente... flutuando de porto em porto.

As pessoas pareciam olhar através dele.

Aos dezoito anos, em uma cidade portuária, quando tentava roubar uma caixa de presunto curado de um cargueiro, foi apanhado por dois tripulantes. Os dois marinheiros que começaram a lhe bater cheiravam a cerveja, como o pai. As recordações de medo e de ódio subiram à superfície como um monstro vindo das profundezas.

Partiu o pescoço do primeiro marinheiro com as mãos nuas, e só a chegada da polícia salvou o segundo da mesma sorte.

Dois meses mais tarde, com algemas nos pulsos e nos tornozelos, chegou a uma prisão em Andorra.

Você é branco como um fantasma, troçaram os outros presos quando os guardas o escoltaram até à cela, nu e gelado. Mira el espectro. Talvez o fantasma passe através das paredes!

No decurso dos anos, a pele e a alma do jovem mirraram até que ele soube que era transparente.

Sou um fantasma. Não tenho peso.

Yo soy un espectro... pálido como un fantasma... caminando este mundo a solas.

Uma noite, o Fantasma foi acordado pelos gritos dos companheiros de prisão.

Não sabia que força invisível sacudia o chão onde estava deitado, nem que mão poderosa fazia tremer a argamassa da sua cela de pedra, mas quando se levantou de um salto, um pedregulho enorme caiu no lugar exato onde estivera dormindo.

Erguendo os olhos para ver de onde viera a pedra, descobriu um buraco na parede que tremia e, para lá dele, algo que não via havia mais de dez anos. A Lua.

Enquanto a terra ainda tremia, o Fantasma deu por si a rastejar pelo estreito túnel, saiu cambaleando para o ar livre, desceu a encosta da montanha em direção aos bosques. Correu toda a noite, sempre descendo, delirante de fome e de cansaço.

À beira da inconsciência, viu-se, ao nascer do dia, em um espaço aberto onde uma linha-férrea rasgava uma cicatriz na floresta. Continuou a caminhar como num sonho, seguindo os trilhos. Vendo

um vagão vazio, enfiou-se nele, em busca de abrigo e descanso. Quando acordou, o trem estava em andamento. Há quanto tempo? Onde estou? Uma dor crescia-lhe nas entranhas. Estarei morrendo?

Voltou a dormir. Desta vez, acordou com alguém gritando com ele, batendo-lhe, e atirando-o para fora do vagão de carga. Coberto de sangue, perambulou pelos arredores de uma pequena aldeia, procurando em vão qualquer coisa que comer.

Finalmente, muito fraco para dar mais um passo, deixou-se cair na beira da estrada e mergulhou na inconsc iência.

A luz veio lentamente, e o Fantasma perguntou a si mesmo quanto tempo estivera morto. Um dia? Três dias? Não importava. A cama era macia como uma nuvem, e o ar à volta dele tinha o cheiro doce de velas. Jesus estava lá, olhando para ele. Estou aqui, disse Jesus. A pedra foi rolada para o lado, e você voltou a nascer.

Dormiu e acordou. O nevoeiro envolveu-lhe os sonhos. Nunca acreditara no paraíso, e no entanto Jesus estava velando por ele. Apareceu comida junto à cama, e o Fantasma comeu-a, quase capaz de sentir a carne materializando-se nos ossos. Voltou a adormecer. Quando acordou, Jesus continuava a sorrir-lhe, e disse: Você está salvo, meu filho. Abençoados aqueles que seguem o meu caminho.

Adormeceu mais uma vez.

Foi um grito de angústia que arrancou o Fantasma ao sono. O seu corpo saltou da cama e avançou tropegamente pelo corredor em direção ao som dos gritos. Entrou em uma cozinha e v iu um homem grande batendo em outro menor. Sem saber porquê, o Fantasma agarrou o homem grande e atirou-o contra a parede. O homem fugiu, deixando o Fantasma olhando para o corpo estendido de um jovem que vestia uma sotaina de padre. Tinha o nariz quebrado.

Erguendo-o nos braços, o Fantasma levou-o para um sofá.

— Obrigado, meu amigo — disse o padre, em um francês desajeitado. — O

dinheiro das esmolas é uma tentação para os ladrões. Você falou francês no seu sono. Também fala espanhol?

O Fantasma abanou a cabeça.

— Como se chama?

O Fantasma não se lembrava do nome que os pais lhe tinham dado. Tudo o que ouvia eram as insultuosas alcunhas dos guardas na prisão.

O padre sorriu.

— Não há problema. Chamo-me Manuel Aringarosa, sou missionário e vim de Madrid. Mandaram-me para construir uma igreja para a Obra de Deus.

— Onde estou? — A voz dele soou cava.

— Em Oviedo. No Norte de Espanha.

— Como foi que cheguei aqui?

— Alguém te deixou à minha porta. Estava doente. Dei-te de comer. Está aqui há muitos dias.

O Fantasma estudou o seu jovem salvador. Havia já muitos anos que ninguém tinha para com ele um gesto de bondade.

— Obrigado, padre.

O padre levou um dedo aos lábios ensanguentados.

— Eu é que tenho de lhe agradecer, meu amigo.

Quando o Fantasma acordou na manhã seguinte, o mundo pareceu-lhe mais clar o.

Olhou para o crucifixo pregado na parede por cima da cama. Apesar de já não lhe falar, sentiu uma aura reconfortante na sua presença. Sentando-se na cama, ficou surpreendido ao ver um recorte de jornal em cima da mesa de cabeceira. O

artigo estava redigido em francês e tinha data da semana anterior. Quando leu a história, encheu-se de medo. Falava de um tremor de terra, na montanha que destruíra uma prisão e libertara vários criminosos perigosos.

O coração começou a martelar-lhe o peito. O padre sabe quem eu sou! Sentiu então algo que havia muitos anos não sentia. Vergonha. Culpa. À mistura com o medo de ser apanhado. Saltou da cama. Para onde posso fugir?

— O Livro dos Atos — disse uma voz, da porta. O Fantasma voltou-se, assustado. O jovem padre sorria ao entrar no quarto. Tinha um penso desajeitadamente feito no nariz e estendia-lhe uma velha Bíblia.

— Encontrei uma em francês, para você. O capítulo está marcado.

Inseguro, o Fantasma pegou a Bíblia e olhou para o capítulo que o padre marcara.

Atos 16. Os versículos falavam de um preso chamado Silas que jazia nu e espancado na sua cela, cantando hinos a Deus. Quando chegou ao versículo 26, o Fantasma abriu a boca de espanto.

“...Subitamente, houve um grande terramoto, de modo que os alicerces da prisão foram abalados, e todas as portas caíram.”

Ergueu vivamente os olhos para o padre.

O padre sorriu-lhe carinhosamente.

— De agora em diante, meu amigo, se não tem outro nome, passarei a chamá-lo Silas.

O Fantasma assentiu. Silas. Fora-lhe dada carne. O meu nome é Silas.

— É hora do café da manhã — disse o padre. – Você vai ter de recuperar as forças, para me ajudar a construir esta igreja.

Seis mil e quinhentos metros acima do Atlântico, o voo 1618 da Alitalia era sacudido pela turbulência, e os passageiros agitavam-se, nervosos. O bispo Aringarosa quase não se deu conta. Os seus pensamentos concentravam-se no futuro da Opus Dei.

Ansioso por saber como estavam correndo as coisas em Paris, desejava poder telefonar a Silas. Mas não podia. O Professor ocupara-se disso.

— É para sua própria segurança — explicara o Professor, falando em inglês com sotaque francês. — Conheço o suficiente sobre comunicações eletrônicas para saber que podem ser interceptadas. As consequências poderiam ser desastrosas para você.

Aringarosa sabia que ele tinha razão. O Professor parecia ser um homem excepcionalmente cuidadoso. Não lhe revelara a sua identidade, e no entanto provara ser alguém que merecia ser obedecido. Ao fim e ao cabo, conseguira uma informação secretíssima. Os nomes dos quatro principais membros da irmandade! Fora esta uma das razões que convenceram o bispo Aringarosa de que o Professor era verdadeiramente capaz de obter o espantoso prêmio que afirmava ter ao seu alcance.

— Bispo — dissera-lhe o Professor —, tratei de tudo. Para que o meu plano

tenha êxito, tem de permitir que Silas responda unicamente a mim durante alguns dias. Não falarão um com o outro. Comunicarei com ele através de canais seguros.

— Você o tratará com respeito?

— Um homem de fé merece-o ao mais alto grau.

— Muito bem. Compreendo. Eu e Silas não voltaremos a falar até isto estar resolvido.

— Faço isto para proteger a sua identidade, a identidade de Silas e o meu investimento.

— O seu investimento?

— Bispo, se a sua ânsia de manter-se a par dos progressos o atirar para uma prisão, não poderá pagar os meus honorários.

O bispo sorrira.

— Tem razão. Os nossos desejos são coincidentes. Fique com Deus.

Vinte milhões de euros, pensou o bispo, olhando pela janela do avião.

Aproximadamente o mesmo em dólares amer icanos. Uma ninharia por uma coisa tão formidável. Sentiu uma renovada confiança em que o Professor e Silas não falhariam. O dinheiro e a fé eram motivações muito poderosas.

C A P Í T U L O 11

— Une plaisanterie numérique? — Bezu Fache estava lívido, olhando, incrédulo e furioso, para Sophie Neveu. Uma brincadeira numérica? —

A sua opinião profissional sobre o código do conservador Saunière é que se trata de uma brincadeira matemática?

Fache não conseguia compreender a ousadia daquela mulher. Não só acabava de aparecer ali sem autorização, como estava agora

tentando convencê-lo de que Saunière, nos momentos finais da sua vida, se lembrara de deixar-lhes uma charada numérica.

— Este código — explicou rapidamente Sophie, em francês é simplista ao ponto da absurdidade. Monsieur Saunière deve ter sabido que o decifraríamos imediatamente. — Tirou um pedaço de papel do bolso do camisolão e estendeu-o a Fache. — Aqui tem a solução.

Fache olhou para o papel.

1-1-2-3-5-8-13-21

— Só isto? — ladrou. — Tudo o que fez foi pôr os números por ordem crescente.

Sophie teve o descaramento de esboçar um sorriso satisfeito.

— Exatamente

O tom de Fache desceu para um rosnado gutural.

— Agente Neveu, não faço ideia de para onde diabo vai com isto, mas sugiro que chegue lá depressa. — Lançou um olhar ansioso a Langdon, que estava ali perto com o celular encostado ao ouvido, aparentemente ainda escutando a

mensagem da embaixada americana.

Pela lividez que lhe cobria o rosto, deduziu que eram más notícias.

— Capitão — disse Sophie, com um tom perigosamente desafiador —, a sequência de números que tem na mão é uma das mais famosas progressões matemáticas da História.

Fache não imaginava que existisse sequer uma progressão matemática que merecesse o epíteto de famosa, e com toda certeza não gostou do tom deslocado de Sophie. — É a sequência Fibonacci — continuou ela, apontando para o pedaço de papel que

Fache continuava a segurar. — Uma progressão em que cada termo é igual à soma dos dois que o antecedem.

Fache estudou os números. Cada termo era de fato igual à soma dos dois anteriores, mas continuava a não ver que relevância poderia tudo aquilo ter no caso da morte de Jacques Saunière.

— O matemático Leonardo Fibonacci criou essa sucessão de números no século XIII. Obviamente, não pode ser coincidência o fato de todos os números que o conservador Saunière escreveu no chão pertencerem à famosa sequência Fibonacci.

Fache ficou olhando para ela durante vários instantes.

— Muito bem, se não é coincidência, fará o favor de me explicar por que razão decidiu Jacques Saunière fazer esta coisa? Que está ele dizendo? O que é que isto significa?

Sophie encolheu os ombros.

— Absolutamente nada. É essa a questão. Trata-se de uma brincadeira criptográfica extremamente simplista. Como pegar as palavras de um poema famoso e dispô-las de uma forma aleatória para ver se alguém consegue perceber o que todas elas têm em comum.

Fache deu um ameaçador passo em frente, colocando o rosto a poucos centímetros do de Sophie.

— Espero com toda a franqueza que tenha uma explicação muito mais satisfatória do que essa.

As feições de Sophie tornaram-se surpreendentemente duras quando replicou:

— Capitão, considerando o que tem aqui em jogo esta noite, julguei que gostaria de saber que há a possibilidade do conservador Saunière estar brincando

consigo. Parece não ser o caso. vou informar o diretor da Criptologia de que já não precisa dos nossos serviços.

E com esta ameaça, fez meia volta e afastou-se pelo caminho por onde tinha vindo.

Aturdido, Fache viu-a desaparecer na escuridão. Terá enlouquecido? Sophie Neveu acabava de redefinir o conceito de suicídio profissional.

Voltou-se para Langdon, que continuava ao telefone com um ar ainda mais preocupado do que antes, ouvindo atentamente a sua mensagem, da embaixada americana. Bezu Fache desprezava muitas coisas... mas poucas lhe mereciam tanta raiva como a embaixada americana.

Fache e o embaixador entravam em conflito numa base regular por causa de assuntos de Estado comuns — sendo o campo de batalha mais frequente a aplicação da lei aos cidadãos americanos em visita a França. Quase todos os dias, a DCPJ prendia estudantes americanos dos pr ogramas de intercâmbio por posse de drogas , homens de negócios americanos por solicitarem os serviços de pr ostitutas menores de idade, turistas americanos por furtos em lojas e destruição de propriedade. Legalmente, a embaixada podia intervir e extraditar os cidadãos culpados de volta para os Estados Unidos, onde se safavam com uma simples reprimenda.

E era o que a embaixada invariavelmente fazia.

L'émasculation de la Police Judiciaire, chamava-lhe Fache. A Paris Match publicara recentemente um car toon em que Fache aparecia c omo um cão-polícia tentando morder um criminoso americano, mas sendo impedido de fazê-lo por estar acorrentado à embaixada dos Estados Unidos.

Mas não esta noite, pensou Fache. Há muito em jogo.

Quando desligou o telefone, Robert Langdon parecia doente.

— Tudo bem? — perguntou Fache. Langdon abanou debilmente a cabeça.

Más notícias de casa, calculou Fache, notando que Langdon transpirava ligeiramente ao devolver-lhe o celular.

— Um acidente — murmurou Langdon, olhando para o capitão com uma expressão estranha. — Um amigo... — Fez uma pausa. — Tenho de regressar logo de manhã.

Fache não tinha a mínima dúvida de que o choque refletido na expressão de

Langdon era genuíno, mas sentiu que havia ali uma outra emoção, como se um medo distante estivesse de repente tremeluzindo nos olhos do americano.

— Lamento muito — disse, observando Langdon com atenção. — Quer sentar-se? — perguntou, apontando para um dos bancos da galeria.

Langdon assentiu com um ar ausente e deu alguns passos na direção do banco.

Então deteve-se, parecendo cada vez mais confuso.

— Na realidade, acho que preciso utilizar os lavabos.

Fache franziu mentalmente o sobrolho, irritado pelo atraso.

— Os lavabos. Com certeza. Façamos uma pausa de alguns minutos. —

Apontou na direção de onde tinham vindo. — Os lavados ficam perto do gabinete do conservador.

Langdon hesitou, apontando por sua vez na direção oposta, para o outro extremo da galeria.

— Se bem me lembro, há lavabos bem mais perto, ali no fundo.

Fache percebeu que Langdon tinha razão. Estavam a cerca de dois terços do comprimento da Galeria, que terminava daquele lado em um par de lavabos.

— Quer que vá com você?

Langdon abanou a cabeça, já afastando-se.

— Não é necessário. Acho que gostaria de ficar sozinho por alguns minutos.

Fache não ficou muito entusiasmado com a ideia de ter Langdon perambulando sozinho por ali, mas consolou-se ao pensar que a Grande Galeria era um beco cuja única saída se situava precisamente no extremo oposto: a grade porbaixo da qual tinham entrado. Embora os regulamentos do Departamento de Incêndios exigissem várias saídas de emergência em um espaço tão vasto como aquele, essas saídas tinham sido automaticamente seladas quando Saunière acionara o sistema de segurança. Claro que o sistema fora entretanto restabelecido, mas não importava: as portas exteriores, se abertas, fariam disparar o alarme, e, além disso, estavam vigiadas Por agentes da DCPJ.

Langdon não tinha como sair dali sem que ele o visse.

— Tenho de regressar por um instante ao gabinete do conservador Saunière

— disse.

— Por favor, vá diretamente ter comigo, senhor Langdon. Há outras coisas

que precisamos discutir.

Langdon fez-lhe um lento aceno com a mão antes de desaparecer nas sombras.

Fazendo meia volta, Fache caminhou irritado na direção oposta. Chegado à grade, passou por baixo dela, seguiu o corredor e entrou de rompante no posto de comando instalado no gabinete de Saunière.

— Quem autorizou Sophie Neveu a entrar neste edifício? berrou.

Collet foi o primeiro a responder:

— Ela disse aos guardas do exterior que tinha decifrado o código.

Fache olhou em redor.

— Foi embora?

— Não está consigo?

— Foi embora. — Fache lançou um olhar ao corredor mergulhado em escuridão.

Aparentemente, Sophie não se sentira com disposição para conversas com os colegas a caminho da saída.

Por um instante, considerou a possibilidade de contatar os guardas colocados no átrio subterrâneo e ordenar-lhes que detivessem Sophie e a arrastassem de volta ao gabinete antes que pudesse abandonar o local. Mas então pensou melhor. Percebeu que aquilo era apenas o seu orgulho falando... querer ter a última palavra. Já tivera distrações mais do que suficientes naquela noite.

Cuide da agente Neveu mais tarde, disse a si mesmo, já antecipando o prazer de colocá-la na rua. Expulsando Sophie dos seus pensamentos, ficou por instantes olhando para o cavaleiro miniatura de pé em cima da mesa de Saunière.

Voltou-se então para Collet.

— Ele está no visor?

Collet assentiu com a cabeça e fez rodar o computador. O ponto vermelho era claramente visível no plano do piso, piscando metodicamente em uma divisão marcada com as palavras TOILETTES PUBLIQUES.

— Ótimo — disse Fache, acendendo um cigarro e saindo para o corredor. —

Preciso fazer um telefonema. Certifique-se de que os lavabos são o único lugar onde Langdon vai.

C A P Í T U L O 12

Robert Langdon sentiu-se ligeiramente tonto enquanto se encaminhava para o fundo da Grande Galeria, repassando mentalmente a mensagem telefônica de Sophie.

No fim do corredor, sinais iluminados com as silhuetas masculina e feminina que em todo o mundo eram reconhecidas como símbolo das instalações sanitárias guiaram-no através de uma espécie de labirinto de divisórias decoradas com gravuras italianas e destinadas a ocultar os lavabos da vista dos visitantes.

Encontrou o dos homens, abriu a porta e acendeu a luz. Estava vazio.

Dirigiu-se aos lavatórios, molhou o rosto com água fria, tentando acordar.

Duas luzes fluorescentes refletiam-se nos azulejos brancos e o local cheirava a amônia.

Quando estava secando o rosto com a toalha, ouviu a porta abrir-se atrás dele.

Voltou-se vivamente.

Sophie Neveu entrou, com uma expressão de medo nos olhos verde-acinzentados.

— Ainda bem que veio. Não temos muito tempo.

Langdon ficou onde estava, olhando, confuso, para a agente Sophie Neveu, do Departamento de Criptologia da DCPJ. Minutos antes, ouvira a mensagem dela, pensando que a recém-aparecida criptóloga devia ser louca. E no entanto, quanto mais ouvia, mais se convencia de que Sophie Neveu estava falando sério.

(Não reaja a essa Mensagem. Limite-se a ouvir calmamente. Encontra-se em perigo neste preciso instante.

Siga à risca as minhas instruções.) Cheio de incerteza, decidira fazer exatamente o que Sophie sugeria. Dissera a Fache que a mensagem telefônica

era a respeito de um amigo que sofrera um acidente, nos Estados Unidos. Depois pedira para utilizar os lavabos do fundo da Grande Galeria.

Sophie estava agora ali à sua frente, ainda ofegando depois de ter voltado para trás correndo. À luz fluorescente, Langdon ficou surpreendido ao verificar que o seu ar de inflexível determinação irradiava de feições inesperadamente suaves. Só o olhar era penetrante, e a justaposição evocava imagens de um retrato de Renoir com várias camadas... velado mas claro, com uma ousadia que de um certo modo conservava o seu véu de mistério.

— Queria avisá-lo, senhor Langdon... — começou Sophie, ainda tentando normalizar a respiração —, de que se encontra sous surveillance cachée. Sob observação dissimulada. — Enquanto falava, o seu inglês com sotaque ecoava nas paredes de azulejos, dando-lhe à voz um timbre cavo.

— Mas... porquê? — perguntou Langdon. Sophie já lhe dera uma explicação pelo telefone, mas queria ouvi-la da boca dela.

— Porque — respondeu Sophie, dando um passo em frente —, para o capitão Fache, o principal suspeito deste assassinato é o senhor.

Langdon estava preparado para as palavras, mas mesmo assim continuaram a parecer-lhe perfeitamente ridículas. Segundo Sophie, tinham-no levado ao Louvre, naquela noite, não como simbologista e sim como suspeito, e estava, naquele preciso instante, sendo alvo involuntário de um dos métodos de interrogatório preferidos da DCPJ — a surveillance cachée —, um hábil engano em que a Polícia convidava calmamente o suspeito para o local do crime e o interrogava na esperança de que o nervosismo o levasse a um deslize autoincriminatório.

— Olhe no bolso esquerdo do seu casaco — disse Sophie. Encontrará uma prova de que estão vigiando-o.

Langdon sentia-se cada vez mais apreensivo. Ver no bolso? Tudo aquilo soava a truque de magia de feira.

— olhe — insistiu Sophie.

Confuso, Langdon meteu a mão no bolso esquerdo do casaco de tweed — um casaco que nunca usava. Procurou no interior, e não encontrou nada. Que raio você estava esperando? Começou a perguntar a si mesmo se Sophie não seria de fato louca.

Foi então que os s eus dedos tocaram algo inesperado. Pequeno e duro.

Pegando no minúsculo objeto com as pontas dos dedos, tirou-o do bolso e ficou olhando para ele, estupefato. Era um disco metálico, mais ou menos do tamanho de uma pilha de relógio.

Nunca vira uma coisa daquelas.

— Que...?

— É um sinalizador GPS — explicou Sophie. — Transmite continuamente a sua localização para um satélite do Sistema Global de Posicionamento que a DCPJ pode monitorar. Usamo-os para acompanhar as movimentações de certas pessoas. São exatos com

uma margem de erro pouco superior a meio metro em qualquer parte do mundo. Puseram-lhe uma trela electrônica. O agente que foi buscá-lo no hotel enfiou-o no bolso antes de saírem do quarto.

Langdon recordou o que se passara no hotel... o banho apressado, vestir-se, o agente da DCPJ a estendendo-lhe delicadamente o casaco de tweed quando se preparavam para sair. Está frio lá fora, senhor Langdon, dissera o tenente. A Primavera em Paris não é exatamente como as suas canções a descrevem. E ele agradecera e vestira o casaco.

Os olhos verde-azeitona de Sophie brilhavam intensamente.

— Não lhe falei do dis positivo de localização mais cedo porque não queria que se pusesse a procurar nos bolsos diante do Fache. Ele não pode saber que o encontrou.

Langdon não fazia ideia de como responder.

— Puseram-lhe o GPS porque pensaram que poderia tentar fugir. — Fez uma pausa.

— Na realidade, estão na esperança de que tente fugir; seria um a boa prova adicional.

— Porque eu haveria de fugir? — perguntou Langdon. — Sou inocente!

— Fache acha que não.

Furioso, Langdon dirigiu-se a um dos caixotes de lixo para jogar fora o pequeno disco metálico.

— Não! — Sophie agarrou-lhe o braço, detendo-o. — Deixe-o No bolso. Se jogá-lo fora, o sinal deixará de deslocar-se, e eles saberão que encontrou o sinalizador. Fache só o deixou sozinho porque pode sempre saber onde o senhor

se encontra. Se suspeitarque descobriu o que está fazendo... — Sophie não terminou a frase. Em vez disso, tirou o pequeno disco de metal da mão de Langdon e voltou a enfiar-lo no bolso do casaco. — O sinalizador fica onde estava pelo menos por enquanto.

Langdon sentia-se completamente perdido.

— Como diabo pode o capitão Fache acreditar que eu matei Jacques Saunière?

— Tem alguns motivos bastante razoáveis para suspeitar de você — A expressão de Sophie era sombria. — Há um indício que ainda não viu. Fache teve o cuidado de escondê-lo.

Langdon limitou-se a olhar para ela.

— Lembra-se das três linhas de texto que o conservador Saunière escreveu no chão?

Langdon assentiu. As palavras e os números estavam gravadas na memória.

A voz de Sophie reduziu-se a um murmúrio:

— Infelizmente, o que viu não era a mensagem completa. Havia uma quarta linha que Fache fotografou e depois apagou antes do senhor chegar.

Embora soubesse que a tinta solúvel de uma caneta de marca de água era facilmente lavável, Langdon não onseguia imaginar porque motivo teria Fache eliminado uma prova.

— A última linha da mensagem — continuou Sophie — era algo que o capitão Fache não queria que visse, senhor Langdon. Fez uma pausa. — Pelo menos, antes de ter arrancado tudo o que pudesse. — Tirou do bolso do camisolão uma impressão de computador de uma fotografia e começou a desdobrá-lo. — O capitão Fache enviou por e-mail fotografias do local do crime para o Departamento de

Criptologia, na esperança de que algum de nós conseguisse entenderr o que o conservador Saunière queria dizer.

Esta é uma foto da mensagem completa.

E estendeu o papel a Langdon.

Confuso, Langdon olhou para a imagem. A fotografia em grande plano mostrava a mensagem escrita no soalho de parquet. A última linha atingiu-o como um pontapé no estômago.

13-3-2-21-1-1-8-5

O, Draconian devil!

Oh, lame saint!

P.S. Find Robert Langdon

C A P Í T U L O 13

Durante vários segundos, Langdon ficou olhando. estupefato, para a fotografia do pós-escrito de Saunière. P.S. Encontrar Robert Langdon. Sentiu como se o chão estivesse fugindo debaixo dos s eus pés. Jacques Saunière deixou um pós-escrito com o meu nome? Por mais que se esforçasse, não conseguia imaginar porquê.

— Compreende agora — perguntou Sophie, com ansiedade no olhar — por que razão o capitão Fache o trouxe aqui esta noite e por que razão é o principal suspeito?

A única coisa que Langdon compreendia naquele momento era a razão por que Fache fizera aquele sorriso de satisfação quando ele sugerira que Saunière teria escrito o nome do seu assassino.

Encontrar Robert Langdon.

— Porque Saunière escreveria uma coisa destas? — exaltou-se Langdon, com a confusão dando lugar à raiva. — Porque eu haveria

de querer matá-lo?

— Fache ainda não descobriu o motivo, mas tem está gravando toda a conversa consigo na esperança de que lhe revele um.

Langdon abriu a boca, mas nem uma palavra saiu.

— Tem um microfone escondido — explicou Sophie. — Está ligado a um emissor que traz no bolso e que transmite o sinal para o posto de comando.

— Isto é impossível! — gaguejou Langdon. — Eu tenho umálibi. Fui diretamente para o hotel depois da conferência. Podem perguntar na recepção.

— Fache já perguntou. O relatório dele diz que retirou a chave do seu quarto na recepção às dez e meia. Infelizmente, o crime foi cometido mais perto das onze. Podia muito facilmente ter saído do hotel sem ser visto.

— Mas isto é loucura! Fache não tem qualquer prova!

Sophie abriu muito os olhos, como que dizendo: Não tem provas?

— Senhor Langdon, o seu nome aparece escrito no chão ao lado do corpo, e a agenda do conservador Saunière diz que estava com ele à hora aproximada a que foi morto. — Fez uma pausa. — O capitão Fache tem provas mais do que suficientes para detê-lo para ser interrogado.

Langdon teve repentinamente a sensação de que precisava de um advogado.

— Mas não fui eu!

Sophie suspirou.

— Não estamos na televisão americana, senhor Langdon. Na França, a Lei protege a Polícia, não os criminosos. Infelizmente,

neste caso, há ainda a considerar a imprensa. Jacques Saunière era uma figura muito querida e muito considerada em Paris, e o seu assassinato vai ser a notícia da manhã. O capitão Fache vai se ver imediatamente pressionado a fazer uma declaração, e parecerá muito melhor se já tiver um suspeito sob custódia. Seja ou não culpado, o mais certo é ficar retido pela DCPJ até eles conseguirem descobrir o que realmente aconteceu.

Langdon sentiu-se como um animal encurralado.

— Porque é que está me dizendo tudo isto?

— Porque, senhor Langdon, acredito que é inocente. — Sophie desviou o olhar por um instante. — E também porque é em parte por minha culpa que está metido neste problema.

— Como? Foi por sua culpa que o Saunière quis incriminar-me?

— O conservador Saunière não quis incriminá-lo. Foi um erro. A mensagem no chão era dirigida a mim.

Langdon precisou de um minuto para processar esta informação.

— Desculpe?

— A mensagem não se destinava à Polícia. Ele a escreveu para mim. Penso que foi obrigado a fazer tudo tão depressa que não percebeu do aspecto que ia ter para a

Polícia. — Fez uma pausa. — O código numérico não tem qualquersignificado. Saunière o escreveu para ter certeza de que a investigação envolveria criptólogos, garantindo assim que se saberia o mais cedo possível o

que lhe tinha acontecido.

Langdon estava cada vez mais perdido. Sophie Neveu podia ser ou não ser louca, mas ao menos agora compreendia por que razão estava tentando ajudá-lo.

P.S. Encontre Robert Langdon. Aparentemente, acreditava que Jacques Saunière lhe deixara um críptico pós-escrito dizendo-lhe que o encontrasse a ele, Langdon.

— Mas porque acha que a mensagem era para você?

— O Homem de Vitrúvio — respondeu ela, calmamente. — Esse desenho sempre foi a minha obra preferida de da Vinci. Saunière usou-a para me chamar a atenção.

— Espere aí. Está me dizendo que o conservador do Louvre sabia qual era a sua obra de arte preferida?

Sophie assentiu.

— Peço desculpas, isto está tudo confuso. Jacques Saunière e eu...

A voz de Sophie quebrou-se, e Langdon detetou nela um a súbita nota de melancolia, um passado doloroso, fervilhando logo abaixo da superfície. Sophie e Jacques Saunière tinham aparentemente tido um tipo qualquer de relação especial.

Olhou para a bela jovem que tinha à sua frente, sabendo que, na França, era comum os homens de certa idade terem amantes mais novas. Mesmo assim, Sophie Neveu se encaixava mal no papel de “amante”.

— Nós brigamos há dez anos — disse Sophie, e a voz dela não passava agora de um murmúrio. — Desde então, quase não nos falamos. Esta noite, quando recebemos na Cripto a notícia de que tinha sido assassinado e vi as imagens do corpo e do texto no chão, compreendi que estava tentando me enviar uma mensagem.

— Por causa do Homem de Vitrúvio?

— Sim. E das letras P. S.

— Post scriptu?

Ela abanou a cabeça.

— P. S. são as minhas iniciais.

— Mas o seu nome é Sophie Neveu.

Sophie desviou o olhar.

— Costumava chamar-me P.S., quando eu vivia com ele. — São as iniciais de Princesse Sophie.

Langdon ficou sem resposta.

— É tolice, eu sei — disse ela. — Mas isso foi há anos. Quando eu era uma garotinha.

— Conheceu-o quando era uma garotinha?.

— E muito bem — disse ela, e os olhos encheram-se de emoção. — Jacques Saunière era meu avô.

C A P Í T U L O 14

— Onde está Langdon? — perguntou Fache, expelindo a última baforada do cigarro antes de voltar ao posto de comando.

— Ainda no banheiro. — O tenente Collet já estava à espera da pergunta.

— Sem se apressar, pelo que vejo — resmungou Fache.

O capitão espreitou por cima do ombro de Collet para o ponto vermelho do GPS, e o tenente quase conseguiu ouvir as engrenagens do cérebro dele funcionando. Fache estava combatendo o impulso de ir ver o que se passava com Langdon. Idealmente, era dada ao alvo de uma vigilância a maior liberdade de movimentos possível, para lhe incutir uma falsa sensação de segurança. Era essencial que Langdon voltasse por sua própria

iniciativa. Em todo o caso, já tinham passado mais de dez minutos. Muito tempo.

— Alguma possibilidade de ele ter nos descoberto?

Collet abanou a cabeça.

— Continuamos detectando pequenos movimentos dentro do banheiro, portanto continua obviamente a ter o sinalizador com ele. Talvez esteja sentindo-se mal? Se tivesse encontrado o sinalizador, teria jogado fora e tentado fugir.

Fache consultou o relógio.

— Ótimo— resmungou.

Mesmo assim, parecia preocupado. Durante toda a noite, Collet notara no capitão uma intensidade que não lhe era habitual. Normalmente descontraído e frio sob pressão, Fache parecia naquela noite emocionalmente envolvido, como se aquilo fosse, de algum modo, uma questão pessoal para ele.

Não admira, pensou Collet. Fache precisa desta detenção como de pão para a boca. Recentemente, o Conselho de Ministros e a imprensa tinham começado a

criticar mais abertamente o capitão Fache e os seus métodos agressivos, os seus conflitos constantes com poderosas embaixadas estrangeiras e as suas despesas exorbitantes em novas tecnologias. A detenção de um americano, em um caso importante graças ao recurso à alta tecnologia, contribuiria muito para silenciar essas críticas, ajudando-o a garantir o lugar por mais alguns anos até poder aposentar-se com uma simpática pensão.

E sabe Deus a falta que lhe faz a pensão, pensou. O engodo da tecnologia prejudicara-o tanto profissional como pessoalmente. Dizia-se que tinha investido todas as suas poupanças na loucura das novas tecnologias, alguns anos antes, e que com isso perdera

até a camisa. E Fache é um homem que só usa camisas das mais finas.

Naquela noite, havia ainda tempo de sobra. A inopinada interrupção de Sophie Neveu, apesar de infeliz, não passara de um pequeno inconveniente. Já fora embora, e Fache estava longe de ter jogado todas as suas cartas. Ainda não dissera a Langdon que o nome dele aparecera escrito no chão pela vítima. P. S.

Encontrar Robert Langdon. A reação do americano àquela prova ia com certeza ser extremamente reveladora.

— Capitão? — chamou um dos agentes do outro lado do gabinete. — Acho que é melhor atender esta chamada. — Estava segurando o auscultador do telefone, com um ar preocupado.

— Quem é? — perguntou Fache. O agente franziu a testa.

— O diretor do Departamento de Criptologia.

— E?

— É a respeito da Sophie Neveu. Há qualquer coisa que não confere.

C A P Í T U L O 15

Já era hora.

Silas sentia-se forte ao descer do Audi preto, com a brisa noturna agitando-lhe o hábito. Andam no ar ventos de mudança. Sabia que a tarefa que tinha pela frente exigia mais delicadeza do que força, e por isso deixou a pistola no carro. A Heckler Koch USP 40, de treze tiros, que o Professor lhe arranjara. Uma arma de morte não tem lugar na casa de Deus.

A praça diante da grande igreja estava deserta àquela hora. As únicas almas visíveis eram, no extremo mais distante, duas prostitutas adolescentes que exibiam os seus dotes aos olhosde

meia dúzia de turistas retardatários. A visão daqueles corpos núbeis acendeu em Silas a familiar labareda de desejo. O

músculo da coxa contraiu-se instintivamente, fazendo com que as pontas agudas do cilício martirizassem a carne.

A luxúria evaporou-se instantaneamente. Havia dez anos que Silas negava fielmente a si mesmo todos os prazeres sexuais, mesmo os solitários. Era O

Caminho.

Sabia que sacrificara muito para seguir a Opus Dei mas recebera muito mais em troc a.

Um voto de castidade e a entrega de todos os seus bens materiais quase não lhe pareciam um sacrifício. Considerando a pobreza de onde viera e os horrores sexuais a que fora sujeito na prisão, a castidade era até uma mudança bem-vinda.

Agora, ao voltar a França pela primeira vez depois de ter sido preso e enviado para uma prisão em Andorra, sentia a terra natal a testá-lo, a ir buscar recordações violentas ao fundo da sua alma redimida. Voltou a nascer, recordou a si mesmo. Naquele dia, o serviço de Deus exigira o pecado do assassínio, e

isso era um sacrifício que sabia que teria de guardar em silêncio no seu coração por toda a eternidade.

A medida da tua fé é a medida da dor que for capaz de suportar dissera-lhe o Professor. Silas conhecia bem a dor e estava ansioso para provar o seu valor aos olhos do Professor, aquele que tinha garantido que as suas ações eram ordenadas por um poder superior.

— Hago la obra de Dios — murmurou Silas, encaminhando-se para a porta da igreja.

Deteve-se na sombra do maciço pórtico e inspirou fundo. Só naquele instante percebeu verdadeiramente o que se preparava par a fazer, e o que o esperava lá dentro.

A Chave de Abóbada. Nos conduzirá ao nosso objetivo final.

Ergueu o punho branco de fantasma e bateu três vezes.

Instantes depois, os ferrolhos da enorme porta de madeira começaram a mover-se.

C A P Í T U L O 16

Sophie perguntou a si mesma quanto tempo demoraria Fache para perceber que ela não chegara a sair do edifício. Vendo que Langdon estava claramente esmagado, interrogou-se sobre se teria sido boa ideia encurralá-lo no banheiro dos homens.

Que outra coisa eu poderia fazer?

Reviu mentalmente o corpo do avô, morto e estendido no chão de braços e pernas abertas. Houvera um tempo em que aquele homem fora tudo para ela, e no entanto, naquela noite, surpreendia-se ao descobrir que quase não sentia pena.

Jacques Saunière tornara-se um desconhecido. A relação que existira entre ambos esfumara-se num único instante, em uma noite de Março, quando tinha vinte e dois anos. Há dez anos.

Regressara uns dias mais cedo de um curso de pós-graduação em uma universidade inglesa e vira involuntariamente o avô fazendo algo que não era obviamente suposto ela ver. Uma imagem em que, passados dez anos, ainda mal conseguia acreditar.

Se não tivesse visto com os meus próprios olhos...

Muito envergonhada e aturdida para suportar as desastradas tentativas de explicação do avô, Sophie saíra imediatamente de casa dele, pegando o dinheiro que conseguira poupar e alugando

um pequeno apartamento que partilhava com algumas colegas. Jurara nunca falar fosse a quem fosse do que tinha visto. O avô tentara desesperadamente entrar em contato com ela, enviando-lhe postais e cartas, suplicando-lhe que o deixasse explicar. Explicar como? Sophie nunca respondeu, exceto uma vez: para proibi-lo de telefonar-lhe ou tentar encontrar-se com ela em público. Tinha medo de que as explicações fossem ainda mais

aterradoras do que o incidente em si.

Incrivelmente, Jacques Saunière nunca desistira, e Sophie tinha agora uma década de cartas por abrir guardadas em uma gaveta da cômoda. A crédito do avô, tinha de reconhecer que nunca desobedecera à intimação dela tentando telefonar-lhe.

Até esta tarde.

— “Sophie?” A voz dele soara surpreendentemente velha no atendedor automático.

— “Tenho acatado os seus desejos até agora... e custa-me muito telefonar, mas preciso falar contigo. Aconteceu uma coisa terrível.”

De pé na cozinha do seu apartamento em Paris, Sophie sentiu um arrepio gelado ao voltar a ouvi-lo passados todos aqueles anos. A voz meiga do avô trouxe à superfície uma vaga de recordações de infância.

— “Sophie, por favor, ouça-me.” — Estava falando em inglês, como costumava fazer quando ela era uma garotinha. Pratique o francês na escola.

Pratique inglês em casa. — “Não pode ficar zangada para sempre. Não leu as cartas que te mandei ao longo de todos estes anos?” — Fez uma pausa. —

“Temos de falar urgentemente. Por favor, conceda ao seu avô este desejo. Ligue-me no Louvre. Imediatamente. Penso que ambos

corremos um grave perigo.”

Sophie ficou olhando para o atendedor automático. Perigo? Do que ele estava falando?

— “Princesa...” — A voz do avô quebrou-se com uma emoção que ela não conseguiu identificar. — “Sei que te escondi coisas, e sei que isso me custou o teu amor. Mas foi para sua própria segurança. Agora precisa saber a verdade. Por favor, tenho de contar a verdade a respeito da sua família.”

De repente, Sophie conseguia ouvir o bater do seu próprio coração. A minha família? Os pais tinham morrido quando ela era ainda uma criança de quatro anos. O carro em que viajavam galgara o parapeito de uma ponte e caíra em um rio de águas tumultuosas. A avó e o irmão mais novo também estavam no carro, de modo que toda a sua família desaparecera de um momento para o outro.

Tinha uma caixa de recortes de jornais que o confirmavam.

As palavras do avô desencadearam uma inesperada onda de saudade que lhe chegou ao âmago. Naquele fugaz instante, viu imagens, o sonho que tantas vezes

a acordara quando era pequena: Estão vivos e voltaram para casa! Mas, tal como no seu sonho, as imagens dissolveram-se.

Estão todos mortos, Sophie. Não vão voltar para casa.

— “Sophie...” — continuou a voz do avô no atendedor. — “Há anos que espero para te dizer. Tenho estado à espera do momento certo, mas agora o tempo se esgotou. Ligue-me para o Louvre. Logo que ouvir isto. Vou esperar aqui a noite toda. Receio que estejamos ambos em perigo. Há tanto que você precisa saber.”

A mensagem terminava aqui.

No silêncio que se seguiu, Sophie ficou de pé, imóvel e tremendo, pelo que lhe pareceu vários minutos. Considerando bem a mensagem do avô, só uma possibilidade fazia sentido, e a verdadeira intenção dele tornou-se clara. Era um engodo.

Obviamente, o avô queria muito vê-la. Estava disposto a tentar todos os truques. A aversão que sentia pelo homem tornou-se ainda mais profunda. Disse a si mesma que talvez ele estivesse doente, em fase terminal, e tivesse decidido tentar todos os estratagemas de que conseguisse lembrar-se para levá-la a visitá-lo uma última vez. Se era esse o caso, escolhera bem.

A minha família.

Agora, no lavabo dos homens do Louvre, ouvia ecos da mensagem daquela tarde.

Sophie, podemos estar em perigo. Telefone-me.

Não tinha telefonado. Nem planejara fazê-lo. Agora, porém, o seu ceticismo estava sendo duramente questionado. O avô jazia assassinado no interior do seu próprio museu.

E tinha escrito uma mensagem cifrada no chão.

Uma mensagem de que era ela a destinatária. Disso tinha certeza.

Apesar de não compreender o significado daquela mensagem, Sophie tinha certeza de que a sua natureza crítica era prova adicional de que se lhe destinava.

A sua paixão e habilidade para a criptografia eram uma das consequências de ter crescido ao lado de Jacques Saunière — ele próprio um maníaco de charadas, jogos de palavras e palavras cruzadas. Quantos domingos passamos resolvendo os criptogramas e as palavras cruzadas dos jornais?

Naquela noite, a criptóloga que havia nela via-se forçada a respeitar a eficiência com que o avô usara um simples código para juntar dois desconhecidos: Sophie Neveu e Robert Langdon.

A questão era: porquê?

Infelizmente, pela expressão de confusão nos olhos de Langdon, Sophie sentiu que o americano não sabia mais do que ela a respeito dos motivos que tinham levado o avô a juntá-los.

Voltou à carga.

— O senhor e o meu avô tinham combinado encontrar-se esta noite. Para falar de quê?

Langdon parecia verdadeiramente perplexo.

— A secretária dele marcou o encontro, não deu qualquer razão específica e eu não perguntei. Assumi que tinha sabido que eu ia dar uma conferência sobre a iconografia pagã das catedrais francesas, se interessava pelo tema e pensado que seria divertido nos encontrarmos para uma bebida depois da palestra.

Sophie não acreditou. A ligação era muito frágil. O avô sabia mais a respeito de iconografia pagã do que qualquer outra pessoa em todo o mundo. Além disso, era um homem extraordinariamente reservado, nada dado a c onversas com professores americanos de passagem a menos que tivesse uma razão muito forte.

Inspirou fundo e resolveu ir um pouco mais longe.

— O meu avô me telefonou esta tarde e me disse que ele e eu corríamos um grave perigo. Significa alguma coisa para você?

Os olhos azuis de Langdon estavam velados de preocupação.

— Não, mas considerando o que acabou por acontecer...

Sophie assentiu. Considerando os acontecimentos daquela noite, teria de ser louca para não estar assustada. Sentindo-se esgotada, aproximou-se da pequena janela na parede mais distante do banheiro e ficou olhando em silêncio através da trama de fitas de alarme embebidas na vidraça. Estavam muito acima do nível da praça. Doze metros, pelo menos.

Com um suspiro, ergueu os olhos e contemplou a deslumbrante paisagem noturna de Paris. À esquerda, do outro lado do Sena, a Torre Eiffel, refulgente de luzes. Em frente, o Arco do Triunfo. E à direita, no alto de Montmartre, a graciosa cúpula coberta de arabescos do Sacré-Coeur, cujas pedras polidas

brilhavam como um resplandecente santuário. Ali, na extremidade mais ocidental da Ala Denon, a faixa de rodagem do sentido norte-sul da Place du Carrousel corria quase colada ao edifício, apenas com um estreito passeio a separá-la da parede exterior do Louvre. Lá em baixo, a habitual caravana de caminhões de entregas esperava, com os motores ronronando, que o semáforo mudasse para verde, e os faróis eram olhos que piscavam ironicamente para ela

— Não sei que lhe dizer — confessou Langdon, aproximando-se dela. — O

seu avô estava obviamente tentando dizer-nos qualquer coisa. Lamento ser de tão pouca ajuda.

Sophie voltou-se, detectando uma genuína pena na voz grave de Langdon.

Era evidente que, apesar de todos os problemas que o atormentavam, continuava a querer ajudá-la. É o professor que há nele, pensou Sophie, recordando o resumo da DCPJ sobre o suspeito. Era um acadêmico que, segundo toda a evidência, detestava não compreender.

Temos isso em comum, pensou.

Como decifradora de códigos, Sophie passara a sua vida tentando extrair um significado de dados aparentemente sem sentido. Naquela noite, o seu palpite era que Robert Langdon, quer soubesse ou não, possuía informação que ela precisava desesperadamente. Princesa Sophie, Encontre Robert Langdon. A mensagem não podia ser mais clara. Sophie precisava de mais tempo com aquele homem, tempo para pensar.

Tempo para, juntos, deslindarem aquele mistério. Infelizmente, o tempo estava esgotando-se.

Erguendo os olhos para Langdon, Sophie fez a única jogada que conseguiu se lembrar.

— Bezu Fache vai detê-lo de um momento para o outro. Posso fazê-lo sair deste museu. Mas temos de agir já.

Langdon abriu muito os olhos.

— Quer que eu fuja?

— É a única coisa inteligente que pode fazer. Se deixar o Fache detê-lo, vai passar semanas em uma cadeia francesa enquanto a DCPJ e a embaixada dos Estados Unidos discutem que tribunal tem competência para julgar o seu caso.

Mas se conseguirmos levá-lo daqui para fora e chegar à embaixada, o governo

americano protegerá o seus direitos enquanto nós dois provamos que não teve nada a ver com este assassinato.

Langdon parecia não estar nem sequer remotamente convencido

— Esqueça! Fache tem guardas armados em todas as saídas! Mesmo que escapássemos sem sermos abatidos a tiro, fugir só serviria para me fazer parecer ainda mais culpado. O que tem de fazer é dizer ao Fache que a mensagem escrita no chão se

destinava a você e que o meu nome não está ali como uma acusação.

— É o que vou fazer — prometeu Sophie, falando apressadamente —, mas só depois de deixá-lo a salvo na embaixada americana. Fica a quilômetro e meio daqui, e o meu carro está parado à porta do museu. Lidar com o Fache aqui dentro é muito arriscado.

Será que não compreende? O capitão está decidido a provar a sua culpa. Só adiou a detenção porque queria levar a cabo esta vigilância na esperança de que fizesse qualquer coisa que reforçasse a posição dele.

— Exatamente. Como fugir!

O celular de Sophie começou subitamente a tocar. Fache, provavelmente.

Meteu a mão no bolso e desligou o aparelho.

— Senhor Langdon — disse, apressada —, tenho de fazer-lhe uma última pergunta. — E todo o seu futuro pode depender dela. As palavras escritas no chão não são obviamente prova suficiente da sua culpa, e no entanto Fache disse à nossa equipe que tem certeza de que o senhor é o culpado. É capaz de pensar em qualquer outra razão que possa tê-lo convencido disso?

Langdon ficou calado durante vários segundos.

— Nenhuma.

Sophie suspirou. O que significa que Fache está mentindo. Não imaginava sequer porquê, mas, de momento estava longe de ser essa a questão. Permanecia o fato de Bezu Fache estar decidido a pôr Robert Langdon atrás de grades, custasse o que custasse. Sophie precisava de Langdon, e isto era um dilema que lhe deixava apenas uma conclusão lógica.

Preciso levá-lo até à embaixada dos Estados Unidos.

Voltando-se para a janela, olhou mais uma vez através da trama de fios de alarme embebidos no vidro para o passeio, uns vertiginosos doze metros mais abaixo. Um salto daquela altura deixaria Langdon com um par de pernas

quebradas. No mínimo.

Mesmo assim, Sophie tomou a sua decisão.

Quisesse ou não, Robert Langdon ia fugir do Louvre.

C A P Í T U L O 17

— Como não responde? — Fache tinha no rosto uma expressão de incredulidade. — Estamos ligando para o celular, certo? Sei que o traz com ela.

Havia vários minutos que o tenente Collet estava tentando contatar Sophie Neveu.

— Talvez tenha ficado sem bateria. Ou tenha o toque de chamada desligado.

Fache parecia perturbado desde que falara ao telefone com o diretor do Departamento de Criptologia. Depois de desligar, dirigira-se a Collet e ordenara-lhe que ligasse para a agente Neveu. Collet não conseguia fazer a ligação, e Fache andava de um lado para o outro, como um leão enjaulado.

— Que queriam os da Cripto? — arriscou-se Collet a perguntar.

— Dizer-nos que não encontram qualquer referência a demônios draconianos nem a santos imperfeitos.

— Só isso?

— Não. Também disseram que tinham identificado os números como a sequência Fibonacci, mas que suspeitavam de que a série não tem qualquer significado.

Collet ficou confuso.

— Mas já tinham enviado a agente Neveu para nos dizer isso mesmo.

Fache abanou a cabeça.

— Não enviaram Neveu.

— Como?

— Segundo o diretor, ao receber as minhas ordens convocou a equipe inteira para examinar as imagens que lhe tínhamos enviado. Quando a agente Neveu chegou, lançou um olhar às fotos do Saunière e do código e abandonou o

edifício sem dizer uma palavra.

Mas o diretor que não estranhou o comportamento dela por ser natural que as fotografias a tivessem perturbado.

— Perturbado? Nunca tinha visto a foto de um cadáver?

Fache ficou silencioso por um instante.

— Eu não sabia, e parece que o diretor da Cripto também não até que um colega dela o informou, mas, aparentemente, Sophie Neveu é neta de Jacques Saunière.

Collet ficou sem palavras.

— O diretor explicou que ela nunca tinha referido o nome de Saunière e assumiu que provavelmente não o fizera por não querer um tratamento preferencial por ter um avô famoso.

Não admira que as fotos a tenham perturbado. Collet mal conseguia imaginar a infeliz coincidência que pusera uma jovem na situação de terde decifrar um código escrito por um familiar morto. Em todo o caso, as ações dela não faziam sentido.

— Mas ela r econheceu obviamente os números como sendo a sequência Fibonacci, uma vez que veio até aqui e nos disse. Não percebo porque raio saiu do Departamento sem dizer a ninguém o que tinha descoberto.

Collet só conseguia c onceber um cenário capaz de explicar a estranha série de acontecimentos: Jacques Saunière tinha escrito um código numérico no chão na esperança de que Fache envolvesse criptólogos na investigação, e consequentemente Sophie. Quanto ao resto da mensagem, estaria o conservadorcomunicando de algum modo com a neta? Se sim, qual era a mensagem? E qual era o papel de Langdon no meio de tudo aquilo?

Antes que Collet pudesse continuar a ponderar o assunto, o silêncio em que o museu deserto estava mergulhado foi rasgado pela estridência de um alarme. O

som parecia vir do interior da Grande Galeria.

— Alarme! — gritou um dos agentes, olhando para o monitor do Centro de segurança do Louvre. — Grande Galerie. Toilettes Mêssieurs!

Fache voltou-se para Collet.

— Onde está Langdon?

— Continua no banheiro dos homens! — Collet apontou para o ponto

vermelho que piscava no visor do computador. — Deve ter quebrado a janela! —

Sabia que Langdon não conseguiria chegar muito longe. Embora os regulamentos municipais de Paris exigissem que todas as janelas dos edifícios públicos situadas acima de quatro metros e meio de altura estivessem equipadas com vidros quebráveis, como precaução em caso de incêndio, sair por uma janela do segundo piso do Louvre sem a ajuda de uma corda ou de uma escada seria suicídio. Além disso, não havia no extremo oeste da Ala Denon árvores ou arbustos que pudessem amortecer uma queda. Imediatamente por baixo da janela do banheiro, as duas faixas de rodagem do sentido norte-sul da Place du Carrousel passavam a meia dúzia de passos da parede exterior. — Meu Deus! —

exclamou, sem desviar os olhos do visor. — Langdon está a subir para o peitoril da janela!

Fache, porém, já estava em movimento. Sacando o seu revólver Manurnhin MR-93 do coldre axilar, o capitão saíra correndo do gabinete. Collet, estupefato, viu no monitor o ponto que piscava c hegar ao peitoril da janela e então fazer uma coisa perfeitamente inesperada: passar para o exterior do perímetro do edifício. Que se estará acontecendo?, perguntou a si mesmo. O cara encontrou uma cornija, ou...

— Jesus! — Collet ergueu-se de um salto quando o ponto se afastou ainda mais da parede. O sinal pareceu estremecer por um instante, e então deteve-se abruptamente cerca de dez metros para lá do perímetro do edifício.

Teclando furiosamente instruções, Collet chamou ao visor um mapa de Paris e recalibrou o GPS. Ampliando a imagem, viu a localização exata do sinal.

Já não estava em movimento.

Permanecia imóvel no meio da faixa norte-sul da lace du Carrousel.

Langdon tinha saltado.

C A P Í T U L O 18

O capitão Fache corria a toda a velocidade pela Grande Galeria quando o rádio de

Collet gritou acima do som distante do alarme.

— Ele saltou! Estou vendo o sinal na Place do Carrousel! Fora da janela do banheiro! E não se mexe! Jesus, acho que o Langdon acaba de suicidar-se!

Fache ouvia as palavras, mas não faziam sentido. Continuou a correr. A galeria parecia nunca mais acabar. Quando passou pelo cadáver de Jacques Saunière, pôs a mira nas divisórias que assinalavam o final da Ala Denon. O

alarme soava cada vez mais alto.

— Espere! — gritou a voz de Collet através do rádio. — Está movendo-se!

Meu Deus, está vivo. Langdon está se movendo!

Fache continuou a correr, amaldiçoando a cada passo o comprimento da galeria.

— Está deslocando-se mais depressa! — gritava Collet no rádio. Vai descendo a Carrousel. Espere... está ganhando velocidade. Está deslocando-se muito depressa!

Chegado às divisórias, Fache coleou pelo meio delas, viu a porta do banheiro e correu para lá. O rádio mal se ouvia, devido ao barulho do alarme.

— Deve estar em um carro! Acho que está em um carro! Não consigo...

As palavras de Collet foram abafadas pelo alarme quando Fache rompeu finalmente no banheiro, de arma na mão. Fazendo uma

careta por causa da ensurdecedora campainha, olhou em redor.

Os vários compartimentos estavam vazios, o banheiro deserto. Os olhos de Fache voaram imediatamente para a janela quebr ada no extremo oposto da

divisão. Correu para lá e olhou por cima do peitoril. Langdon não estava à vista.

O capitão não conseguia imaginar alguém arriscando uma coisa daquelas. Se Langdon tivesse saltado daquela altura, estaria seguramente muito ferido.

O alarme foi finalmente desligado e a voz de Collet tornou-se de novo audível no rádio:

— ...deslocando-se para sul... mais depressa... atravessando o Sena na Pont du Carrousel!

Fache olhou para a esquerda. O único veículo na Pont du Carrousel era um enorme caminhão de entregas que se afastava do Louvre na direção sul. Um oleado, preso nos lados, cobria a carga transportada na caixa aberta, fazendo lembrar uma grande tenda. O capitão sentiu um arrepio de apreensão. Momentos antes, aquele caminhão estivera provavelmente parado abaixo da janela do banheiro da Ala Denon do Louvre, à espera da mudança de sinal.

Um risco louco, disse Fache para si mesmo. Langdon não tinha meio de saber o que o caminhão transportava debaixo da lona. E se fosse aço? Ou cimento? Ou até lixo? Um salto de doze metros? Era loucura.

— O sinalizador está virando! — informou Collet. — Está virando à direita, na Pont dês Saints-Pères!

Como Fache sabia que seria, o caminhão tinha acabado de atravessar a ponte e virava à direita para a Pont des Saints-Pèr es. Seja, pensou. Espantado, viu o caminhão fazer a curva e

desaparecer. Collet já estava contatando os agentes no exterior, ordenando-lhes que abandonassem os seus postos no perímetro do Louvre e corressem para os respectivos carros para iniciar a perseguição, ao mesmo tempo que transmitia a localização do caminhão como um bizarro jogo de televisão.

Acabou-se, pensou Fache. Os seus homens teriam aquele caminhão cercado numa questão de minutos. Langdon não ia a parte nenhuma.

Devolvendo a arma ao coldre, saiu do banheiro e chamou Collet pelo rádio.

— Mande trazer o meu carro. Quero estar presente quando fizermos a detenção.

Enquanto retrocedia em passo de corrida ao longo da Galeria, perguntava a si mesmo se Langdon teria sequer sobrevivido à queda.

Não que isso importasse.

O suspeito fugiu. Culpado!

A menos de quinze metros de distância, Langdon e Sophie escondiam-se nas sombras da Galeria, com as costas apertadas contra uma das grandes divisórias que ocultavam os banheiros. Mal tinham conseguido acabar de esconder-se quando Fache passara por eles, de arma empunhada, e desaparecera no banheiro.

Os últimos sessenta segundos tinham sido uma mancha difusa.

Langdon estava no banheiro dos homens, recusando fugir de um crime que não cometera, quando Sophie se pusera a examinar o vidro da janela e a trama do sistema de alarme. Depois, espreitara para a rua, como que avaliando a altura.

— Com um pouco de pontaria, pode sair daqui — disse.

Pontaria? Pouco à vontade, Langdon espreitou para fora.

Na rua, um enorme caminhão de dezoito rodas aproximava-se do semáforo, abaixo da janela. Estendido sobre a caixa, uma espécie de oleado azul cobria parcialmente a carga. Langdon esperou que Sophie não estivesse pensando aquilo que lhe parecia que estava pensando.

— Sophie, não pense que vou saltar...

— Pegue o sinalizador.

Confuso, Langdon procurou no bolso até encontrar o minúsculo disco metálico.

Sophie tirou-o da mão e dirigiu-se imediatamente ao lavatório, pegou um sabonete, colocou o disco em cima dele e apertou com o polegar. Quando o disco se enterrou na superfície macia, fechou o orifício com rápidos movimentos dos dedos, deixando o dispositivo de localização firmemente fixado no sabonete.

Entregou o sabonete a Langdon, tirou um pesado caixote de lixo metálico que eatava abaixo do lavatório e, antes que Langdon pudesse protestar, correu para a janela, segurando o caixote de lixo à sua frente como a ponta de um aríete. Bateu com o fundo do caixote contra o vidro, estilhaçando a janela. O alarme começou a soar, atingindo um nível de decibéis dolorosamente ensurdecedor.

— Dê-me o sabonete! — gritou Sophie, mal conseguindo se fazer ouvir acima do alarme.

Langdon o entregou.

Sophie pegou-o e olhou através da janela quebrada para o caminhão parado no semáforo. O alvo era bastante grande — uma vasta extensão de oleado azul

— e estava a menos de dez metros da parede do edifício. Instantes antes do semáforo mudar, Sophie inspirou fundo e atirou o sabonete pela janela. O

sabonete desceu para o caminhão, caiu em cima da lona e deslizou para dentro de uma caixa quando a luz passou a verde e o caminhão arrancou.

— Parabéns — disse Sophie, arrastando-o para a porta. — Acaba de fugir do Louvre.

Saindo do banheiro dos homens, esconderam-se entre as sombras a tempo de verem Fache passar correndo.

Agora, com o alarme silenciado, Langdon ouvia o uivo das sirenes dos carros da DCPJ afastando-se do Louvre. Um êxodo policial. Também Fache se afastou correndo, deixando a Grande Galeria deserta.

— Há uma escada de incêndio a cerca de cinquenta metros deste lugar —

disse Sophie. — Agora que os guardas abandonaram o perímetro, podemos sair por lá.

Langdon decidiu não voltar a abrir a boca naquela noite. Sophie Neveu era claramente muitíssimo mais esperta do que ele.

C A P Í T U L O 19

A igreja de Saint-Sulpice é, diz-se, de todos os edifícios de Paris, o que tem a história mais excêntrica. Construída sobre as ruínas de um antigo templo dedicado à deusa egípcia Isis, a sua traça arquitetónica é ponto por ponto igual à de Notre Dame.

Serviu de palco aos batizados do marquês de Sade e de Baudelaire, bem como ao casamento de Victor Hugo. O seminário que lhe está

ligado tem uma bem documentada história de inortodoxia e foi em tempos o local de encontro de numerosas sociedades secretas.

Naquela noite, a cavernosa nave de Saint-Sulpice estava silenciosa como um túmulo; a única sugestão de vida era o leve cheiro de incenso que ficara da última missa da tarde. Silas percebeu que a irmã Sandrine estava pouco à vonatde, que o conduziu até o santuário. Não ficou surpreso. Estava habituado a que as pessoas se sentissem pouco à vontade na sua presença.

— É americano — disse ela.

— Francês de nascimento — respondeu Silas. — Fui chamado Por Deus na Espanha, e atualmente estudo nos Estados Unidos.

A irmã Sandrine assentiu. Era uma mulher baixinha, de olhos calmos.

— E nunca tinha visto Saint-Sulpice?

— Compreendo que é em si mesmo quase um pecado.

— É mais bonita durante o dia.

— Estou certo que sim. Em todo o caso, fico-lhe grato por me proporcionar esta oportunidade esta noite.

— A pedido do abade. É evidente que tem amigos poderosos.

Nem imagina, pensou Silas.

Enquanto caminhava atrás da irmã Sandrine pela coxia central, Silas foi surpreendido pela austeridade do santuário. Ao contrário de Notre Dame, com os seus frescos coloridos, os seus altares dourados e as suas quentes madeiras, Saint-Sulpice era nua e fria, transmitindo uma sensação de quase aridez reminiscente das catedrais espanholas. A falta de decoração fazia o interior parecer ainda mais vasto, E quando olhou para a alta abóbada nervurada do

teto, Silas imaginou-se de pé debaixo do casco de um enorme navio virado.

Uma imagem apropriada, pensou. O navio da irmandade estava prestes a afundar-se para sempre. Ansioso por começar a trabalhar, desejou que a irmã Sandrine o deixasse sozinho. Era uma mulher pequena, que não teria a mínima dificuldade em incapacitar, mas fizera o voto de não usar a força a menos que fosse absolutamente necessário. É uma religiosa, e não tem culpa de que a irmandade tenha escolhido a igreja dela para esconder a Chave de Abóbada. Não deve ser punida pelos pecados dos outros.

— Envergonha-me, irmã, saber que foi acordada por minha causa.

— Não tem importância. Vai estar muito pouco tempo em Paris. Não podia perder Saint-Sulpice. O seu interesse na igreja é mais arquitetónico ou mais histórico?

— Na realidade, irmã, o meu interesse é espiritual.

Ela lançou uma agradável gargalhada.

— Isso nem é preciso dizer. Só queria saber por onde começar a sua visita.

Silas focou os olhos no altar.

— Não vou necessitar de guia. Foi mais do que gentil. Posso agora orientar-me sozinho.

— Não me custa nada. Afinal, estou acordada.

Silas deteve-se. Tinham chegado à a primeira fila de bancos; o altar encontrava-se a menos de quinze metros de distância. Voltou o corpo maciço para a mulher e sentiu-a como que encolher-se ao olhar-lhe para os olhos vermelhos.

— Sem querer parecer mal-educado, irmã, não estou habituado a entrar em uma casa de Deus e limitar-me a fazer uma visita guiada.

Importa-se que passe algum tempo rezando sozinho antes de dar uma vista de olhos?

A irmã Sandrine hesitou.

— Oh, claro. vou esperar por você no fundo da igreja.

Silas pousou uma mão suave mas pesada no ombro dela e olhou para baixo.

— Irmã, já me sinto suficientemente culpado por tê-la acordado Pedir-lhe que continue acordada parece-me excessivo. Por favor, devia voltar para a sua cama.

Posso apreciar o seu santuário e sair sem voltar a incomodá-la.

Ela pareceu confusa.

— Tem certeza de que não vai sentir-se abandonado?

— Absoluta. A oração é uma alegria solitária.

— Como queira.

Silas retirou a mão do ombro dela.

— Durma bem, irmã. Que a paz do Senhor esteja consigo.

— E também consigo. — A irmã Sandrine dirigiu-se às escadas.

— Por favor, tenha cuidado de fechar bem a porta quando sair.

— Terei — disse Silas, e ficou a vê-la desaparecer nasescadas. Então, voltou-se e ajoelhou na primeira fila de bancos, sentindo o cilício cravar-se na coxa.

Querido Deus, ofereço-te este trabalho que faço hoje...

Acocorada nas sombras da varanda do coro, a irmã Sandrine espreitou por entre os balaústres para a figura encapuçada do monge ajoelhado diante do altar.

O súbito medo que lhe enchera a alma tornava-lhe difícil manter-se imóvel. Por um fugaz instante, perguntou a si mesma se o misterioso visitante seria o inimigo contra o qual fora posta de sobreaviso e se teria, naquela noite, de executar as ordens que guardava havia tantos anos. Decidiu ficar ali, no escuro, a vigiando-lhe os movimentos.

C A P Í T U L O 20

Sophie e Langdon emergiram das sombras e avanç aram furtivamente pela galeria deserta em direção à escada de incêndio. Enquanto caminhava, Langdon sentiu-se como se estivesse tentando montar um quebra-cabeças às escuras. O aspecto mais recente daquele mistério era profundamente perturbador: o capitão da Polícia Judiciária está tentando atirar para cima de mim uma falsa acusação de assassínio.

— Acha — sussurrou —, que pode ter sido o Fache que escreveu a mensagem no chão?

Sophie nem sequer se voltou.

— Impossível.

Langdon não estava assim tão seguro.

— Parece muito decidido a me fazer passar por culpado. Talvez tenha pensado que escrever o meu nome no chão ajudasse.

— A sequência Fibonacci? O P.S.? Todo aquele simbolísmo de da Vinci e do sagrado feminino? Foi com toda certeza o meu avô.

Langdon sabia que ela tinha razão. O simbolismo das pistas ajustava-se muito perfeitamente: o pentáculo, O Homem de Vitrúvio,

da Vinci, a Deusa, e até a sequência Fibonacci. Um conjunto simbólico coerente, como lhe chamariam os iconólogos. Tudo inextrincavelmente ligado.

— E o telefonema para mim, esta tarde — continuou Sophie. — Disse que tinha uma coisa para me contar. Tenho certeza de que a mensagem no chão foi o seu último esforço para me dizer qualquer coisa importante, qualquer coisa que achava que você, senhor Langdon, poderia me ajudar a compreender.

Langdon franziu a testa. Ó, draconiano demônio! Oh, santo imperfeito! Bem

gostaria de compreender a mensagem, tanto por Sophie como por si mesmo. As coisas tinham sem dúvida piorado desde que vira pela primeira vez as críticas palavras. O falso salto da janela do banheiro não ia contribuir nem um pouco para aumentar-lhe a popularidade junto de Fache. Duvidava que o capitão da Polícia francesa vis se a piada de perseguir e prender um sabonete.

— Estamos quase chegando à porta — anunciou Sophie.

— Acha que há alguma chance dos números da mensagem do seu avô conterem a chave para a compreensão das outras linhas?

Langdon trabalhara em tempos com uma série de manuscritos de Bacon que continham cifras epigráficas nas quais certas linhas codificadas eram pistas que permitiam que se decifrassem outras.

— Tenho estado toda a noite pensando nos números. Somas, quocientes, produtos.

Não vejo nada. Matematicamente, estão dispostos de uma forma aleatória.

Algaravia criptográfica.

— E no entanto, fazem todos parte da sequência Fibonacci. Não pode ser coincidência.

— É não é. Usar os números Fibonacci foi mais uma maneira que o meu avô arranjou de me acenar com uma bandeira... como escrever a mensagem em inglês, ou dispor-se a si mesmo como a minha obra de arte preferida, ou desenhar um pentáculo na barriga. Tudo isso se destinava a chamar a minha atenção.

— O pentáculo significa alguma coisa para você?

— Sim. Não tive chance de dizer, mas o pentáculo foi um símbolo especial entre mim e o meu avô quando eu estava crescendo. Costumávamos jogar cartas tarô, por brincadeira, e a minha carta indicadora era sempre do naipe de pentáculos. Tenho certeza de que ele trapaceava, mas os pentáculos acabaram por tornar-se uma espécie de brincadeira entre nós.

Langdon sentiu um arrepio. Jogavam tarô? O jogo de cartas italiano da Idade Média estava tão carregado de simbolismo herético escondido que Langdon lhe dedicara um capítulo inteiro do seu novo manuscrito. As vinte e duas cartas do baralho tinham nomes como A Papisa, A Imperatriz e A Estrela.

Originariamente, o tarô fora concebido como um meio secreto de transmitir

ideologias proibidaspela Igreja. Nos tempos modernos, as qualidades místicas das cartas eram interpretadas pelos videntes.

No tarô, o naipe indicador da divindade feminina são os pentáculos, pensou Langdon, compreendendo que se Jacques Saunière fazia, por brincadeira, trapaça com o baralho da neta, então o pentáculo se tivesse tornado uma espécie de piada privada.

Chegara à saída de emergência e Sophie abriu cuidadosamente a porta.Nenhum alarme tocou. Só as portas exteriores estavam ligadas ao sistema de vigilância.

Começaram a descer, cada vez mais depressa, uma estreita escada metálica.

— Quando o seu avô — disse Langdon, quase correndo atrás dela — lhe falou do pentáculo, fez alguma referência ao culto da deusa ou a qualquer ressentimento contra a Igreja Católica?

Sophie abanou a cabeça.

— Não, estava mais interessado nos aspectos matemáticos... a Proporção Divina, PHI, as sequências Fibonacci, esse gênero de coisas.

Langdon ficou surpreso.

— O seu avô lhe falou a respeito do número PHI?

— Claro. A Proporção Divina. — Fez um ar ligeiramente embaraçado. — Até costumava dizer, na brincadeira, que eu era meio divina... por causa das letras do meu nome, está vendo?

Langdon pensou por um instante, e resmungou para si mesmo.

— s-o-PHI-e.

Ainda descendo a escada, concentrou-se no número PHI. Começava a compreender que as pistas de Saunière eram ainda mais consistentes do que de início julgara.

Da Vinci... os números Fibonacci... o pentáculo.

Incrivelmente, todas aquelas coisas estavam ligadas por um único conceito tão fundamental para a História da Arte que Langdon dedicava com frequência várias aulas ao tema.

PHI.

Subitamente, viu-se de novo em Harvard, diante da turma de “Simbolismo na Arte”, escrevendo no quadro o seu número

preferido.

1.618

Voltou-se para o mar de rostos interessados.

— Quem sabe dizer-me que número é este?

Um aluno do curso de Matemática, sentado numa das últimas filas, levantou o braço.

— É o número PHI. — Pronunciava-o como fi.

— Muito bem, Stettner — disse Langdon. — Senhoras e senhores, apresento-lhes o PHI.

— Não confundir com PI — acrescentou Stettner, sorrindo. — Como nós, matemáticos, costumamos dizer...

Calou-se quando os outros alunos se voltaram para ele com expressões irritadas.

— Este número PHI — continuou Langdon —, um-ponto-seis-um-oito, é um número muito importante na arte. Quem sabe dizer-me porquê?

— Por ser tão bonito? — arriscou Stettner, tentando redimir-se. Todos riram.

— A verdade — disse Langdon —, é que Stettner voltou a acertar. PHI é de um modo geral considerado o número mais bonito do universo.

Os risos cessaram abruptamente e Stettner sorriu de orelha a orelha.

Enquanto carregava o projetor de slides, Langdon explicou que o número PHI derivava da sequência Fibonacc i, uma sequência famosa não só por a soma de dois termos adjacentes ser igual ao

termo seguinte, mas também por os quocientes de dois termos adjacentes terem a surpreendente propriedade de se aproximarem de 1.618: PHI!

A despeito da aparente origem místico-matemática, explicou Langdon, a faceta verdadeiramente extraordinária do número PHI era o seu papel como elemento constitutivo fundamental da natureza. Plantas, animais e até seres humanos, todos possuíam propriedades dimensionais que obedeciam com uma espantosa exatidão à razão de PHI para 1.

— A ubiquidade do número PHI na natureza — continuou Langdon, apagando as luzes — excede claramente a coincidência, e por isso os Antigos assumiram que tinha sido preordenado pelo Criador do Universo. Os primeiros cientistas chamavam a um-ponto-seis-um-oito a Proporção Divina.

— Um momento — pediu uma jovem sentada na primeira fila. A minha nuclear é Biologia e nunca vi essa Proporção Divina na natureza.

— Não? — Langdon sorriu. — Alguma vez estudou a relação entre machos e fêmeas em uma comunidade de abelhas?

— Claro. As fêmeas são sempre em maior número do que os machos.

— Correto. E sabia que se dividiro número de fêmeas pelo número de machos em qualquer colmeia do mundo, chega sempre ao mesmo número?

— Palavra?

— PHI.

A jovem abriu muito a boca, incrédula.

— IMPOSSÍVEL!

— Muito possível! — respondeu Langdon, sorrindo enquanto projetava a imagem de uma concha em espiral. — Reconhece isto?

— É um náutilo — respondeu a aluna de Biologia. — Um molusco cefalópode que bombeia gás para dentro da concha compartimentada a fim de regular a flutuabilidade.

— Exato. E é capaz de calcular a razão entre o diâmetro de cada espiral e o da seguinte?

A jovem pareceu insegura, examinando os arcos concêntricos da concha do náutilo.

Langdon assentiu.

— PHI. A Proporção Divina. Um-ponto-seis-um-oito. Passou para o slide seguinte: um grande plano da cabeça de uma semente de girassol.

— As sementes de girassol crescem em espirais opostas. É capaz de calcular a razão entre o diâmetro de cada rotação e o seguinte?

— PHI? — disse a turma, em coro.

— Bingo. — Langdon começou a passar rapidamente diversos slides...

pétalas espiraladas, segmentos de insetos, disposição das folhas no caule de uma planta... em que se revelava, sem excepção, uma surpreendente obediência à Proporção Divina.

— Isto é espantoso! — exclamou alguém.

— Pois é — admitiu uma outra voz —, mas o que é que tem a ver com arte?

— Ah! — disse Langdon. — Ainda bem que alguém pergunta. Projetou um

novo alide, um pergaminho amarelado no qual estava representado o famoso nu de Leonardo da Vinci, O Homem de Vitrúvio, assim chamado em honra de Marcus Vitruvius, o brilhante arquiteto romano que exaltou a Proporção Divina no seu texto De Achitectura. — Ninguém compreendeu melhor do que da Vinci a estrutura divina do corpo humano. Da Vinci chegava ao ponto de exumar cadáveres para poder estudar as proporções da estrutura óssea do ser humano.

Foi o primeiro a mostrar que o nosso corpo é literalmente formado por blocos constitutivos cuja razão proporcional é sempre igual a PHI.

A turma inteira dirigiu-lhe um olhar carregado de dúvida.

— Não acreditam? — desafiou-os Langdon. — Da próxima vez que forem para o banho, levem uma fita métrica.

Um par de jogadores de futebol fez um risinho trocista.

— Não me refiro apenas aos infelizes atletas, tão cheios de inseguranças —

continuou Langdon. — Todos vocês. Rapazes e garotas. Experimentem. Meçam a distância do topo da sua cabeça até ao chão. Então dividam esse valor pelo da distância do seu umbigo até ao chão. Adivinhem que número vão obter.

— Não me diga que é PHI! — exclamou, incrédulo, um dos jogadores.

— Digo, sim senhor — respondeu Langdon. — PHI. Um-ponto-seis-um-oito.

Querem outro exemplo? Meçam a distância do ombro às pontas dos dedos, e então dividam-na pela distância do cotovelo às pontas dos dedos. Outra vez PHI.

Mais uma? Anca ao chão dividida pelo joelho ao chão. PHI. Articulações dos dedos das mãos. Dos pés. Divisões espinais. PHI, PHI, PHI. Meus amigos, cada um de vocês é um tributo ambulante à Proporção Divina.

Mesmo no escuro, Langdon via as expressõesespantadas dos estudantes.

Sentiu uma satisfação familiar aquecê-lo por dentro. Era Por aquilo que ensinava.

— Como veem, o caos do mundo tem uma ordem subjacente. Quando os Antigos descobriram o número PHI, tiveram certeza de que tinham encontrado o tijolo que Deus usara para construir o mundo, e veneraram a natureza por causa disso. E é fácil compreender porquê. A mão de Deus é evidente na Natureza, e ainda hoje subsistem religiões pagãs que adoram a Mãe-Terra. Muitos de nós celebramos a Natureza do mesmo modo que os pagãos faziam, sem sequer darmos por isso. O Primeiro de Maio é um exemplo perfeito, a celebração da Primavera... da terra regressando à vida para produzir a abundância. A misteriosa

magia inerente à Proporção Divina foi escrita no início dos tempos. O homem limita-se a jogar segundo as regras da Natureza, e porque a arte é a sua tentativa de imitar a beleza da mão do Criador, podem imaginar que vamos ver muitos exemplos da Proporção Divina ao longo deste semestre.

Durante a meia hora seguinte, mostrou-lhes diapositivos de obras de Miguel Angelo, Albercht Durer, da Vinci e muitos outros, demonstrando a obediência intencional e rigorosa de todos estes artistas à Proporção Divina na disposição das respectivas composições. Mostrou a presença do número PHI no Pártenon de Atenas, nas pirâmides do Egito e até no edifício das Nações Unidas em Nova Ior que. O número PHI aparecia na estrutura organizacional das sonatas de Mozart, na 5ª Sinfonia de Beethoven, nas obras de Bartók, Debussy e Schubert. O

número PHI, disse Langdon aos seus alunos, fora inclusivamente usado por Stradivarius para calcular a localização exata dos espelhos nos seus famosos violinos.

— Para terminar — disse, dirigindo-se ao quadro —, voltamos aos símbolos.

— Traçou cinco linhas que se interceptavam para formar uma estrela de cinco pontas. — Este símbolo é uma das imagens mais poderosas que vão ver este semestre. Formalmente conhecido como pentagrama... ou pentáculo, como lhe chamavam os Antigos... é considerado por muitas culturas simultaneamente divino e mágico. Alguém sabe me dizer porquê?

Stettner, o matemático, levantou a mão.

— Porque, se traçar um pentagrama, as linhas dividem-se automaticamente em segmentos de acordo com a Proporção Divina.

Langdon dirigiu-lhe um orgulhoso aceno de cabeça.

— Muito bem. É verdade, as razões dos segmentos lineares num pentáculo são todas iguais a PHI, o que faz deste símbolo a expressão perfeita da Proporção Divina.

Por esta razão, a estrela de cinco pontas sempre foi o símbolo da beleza e da perfeição associadas à deusa e ao sagrado feminino.

Foi a vez de as garotas da turma sorrirem de orelha a orelha.

— Uma nota, minha gente. Hoje nos limitamos a tocar ao de leve em da Vinci, mas vamos falar muito mais a respeito dele ao longo do semestre.

Leonardo era um devoto muito bem informado sobre os antigos usos da deusa.

Amanhã, mostrarei o seu fresco. A Última Ceia, que é um dos mais espantosos tr ibutos ao sagrado feminino que alguma vez terão

oportunidade de ver.

— Está brincando, não está? — perguntou alguém. — Pensava que A Última Ceia tinha a ver com Jesus!

Langdon piscou-lhe um olho.

— Há símbolos escondidos em lugares que nem imaginam.

— Vamos — sussurrou Sophie. — O que está acontecendo? Estamos quase lá.

Depressa!

Langdon olhou para cima, sentindo-se como que regressado de pensamentos muito distantes. Percebeu que tinha parado no meio da escada, paralisado por uma súbita revelação.

O draconiano demônio! Oh, santo imperfeito!

Sophie estava olhando para ele.

Não pode ser assim tão simples, pensou Langdon.

Mas, claro, sabia que era.

Ali, nas entranhas do Louvre, com imagens de da Vinci e do PHI revoluteando-lhe pela cabeça, Robert Langdon súbita e inexplicavelmente decifrou o código de Saunière.

— O draconian devil! Oh, lame saint! — disse. — É um código simplicíssimo!

Sophie estava parada na escada alguns degraus mais abaixo, olhando para ele cheia de c onfusão. Um código? Estivera pensando toda noite naquelas palavras e não vira qualquer código. Sobretudo simplicíssimo.

— Você mesma disse. — A voz de Langdon vibrava de excitação. — Os números Fibonacci só têm significado na ordem correta. De outro modo, são algaravia matemática.

Sophie não fazia a menor ideia do que estaria ele falando. Os números Fibonacci?

Tinha certeza de que o avô só os escrevera para garantir que o Departamento de Criptologia seria chamado a intervir. Têm outro propósito? Enfiou a mão no bolso e tirou de foto, voltando a examinar a mensagem do avô:

13-3-2-21-1-1-8-5

O, Draconian devil!

Oh, lame saint!

O que é que têm os números?

— A sequência Fibonacci desordenada é uma pista — disse Langdon, pegando o papel. — Os números indicam como decifrar o resto da mensagem.

Escreveu a sequência fora de ordem para nos dizer que aplicássemos o mesmo conceito ao texto. Ó, draconian devil? Oh, lame saint? Estas linhas não têm qualquer significado. São apenas letras escritas fora de ordem.

Bastou um instante a Sophie par a compreender o que Langdon queria dizer, e era ridiculamente simples.

— Acha que esta mensagem é... une anagramme? — Olhou para ele. —

Como as charadas nos jornais?

Langdon viu espelhado no rosto de Sophie um ceticismo que não teve dificuldade em compreender. Poucas pessoas sabiam que os

anagramas, apesar de serem um vulgar passatempo moderno, tinham uma rica história de simbolismo sagrado.

Os ensinamentos místicos da cabala recorriam constantemente aos anagramas

— rearranjando as letras do alfabeto hebraico para conseguir novos significados.

Os reis franceses da Renascença estavam tão convencidos do poder mágico dos anagramas que nomeavam anagramistas reais para os ajudarem a tomar as melhores decisões analisando as palavras dos documentos. Os Romanos iam ao ponto de referir-se ao estudo dos anagramas como ars magna – “a grande arte”.

Langdon prendeu com os seus os olhos de Sophie.

— O que o seu avô queria dizer esteve sempre diante dos nossos olhos, e ele deixou-nos pistas mais do que suficientes para que pudéssemos vê-lo.

Sem mais uma palavra, tirou uma caneta do bolso e redispôs as letras de cada linha.

O, Draconian devil!

Oh, lame saint!

era o anagrama perfeito de...

Leonardo da Vinci!

The Mona Lisa!

NT — Por razões que se tornarão patentes mais adiante, é essencial que esta e outras mensagens de Jacques Saunière apareçam aqui tal como ele as escreveu: em inglês. As traduções serão dadas no próprio texto ou, quando necessário, em nota de rodapé. Note-se, por ser importante, que a forma “*find*” é igual para

vários tempos verbais. Assim, na ausência do sujeito da frase, nem mesmo um inglês pode saber se significa “encontrar”, “encontra”, “encontre” ou “encontrem’.

C A P Í T U L O 21

A Mona Lisa.

Por um instante, ali parada na escada de incêndio, Sophie esqueceu tudo a respeito de tentar sair do Louvre.

O choque que o anagrama lhe causara só se podia equiparar à vergonha de não ter sido ela a decifrar a mensagem. A sua perícia nas técnicas da mais complexa criptoanálise impedira-a de ver um simples jogo de palavras, e no entanto sabia que devia tê-lo visto. Afinal, não era uma principiante em matéria de anagramas... sobretudo em inglês.

Quando era menina, o avô usava com frequência charadas e anagramas para lhe aperfeiçoar o inglês. Certa vez, escrevera a palavra planets e dissera-lhe que era possível formar, usando as mesmas letras, nada menos que noventa e duas outras palavras inglesas de vários tamanhos. Sophie passara três dias agarrada a um dicionário inglês até descobri-las todas.

— Não consigo imaginar — disse Langdon — como foi o seu avô capaz de criar um anagrama tão complicado nos poucos minutos de vida que lhe restavam.

Sophie sabia a explicação, o que só serviu para fazê-la sentir-se ainda pior.

Devia ter visto isto! Lembrou-se de que o avô — um praticante entusiasta dos jogos de palavras e um apaixonado pela arte — gostava de entreter-se, quando jovem, em criar anagramas de obras de famosos. Na realidade, um dos seus anagramas metera-o em problemas quando Sophie era ainda menina. Ao ser entrevistado por uma revista de arte americana, Saunière manifestara a sua

aversão ao moderno movimento cubista fazendo notar que o título da obra-prima de Picasso Les Demoiselles d'Avignon era um anagrama perfeito de vile

meaningless doodles. Os adoradores de Picasso não tinham achado graça nenhuma.

— Provavelmente, criou este anagrama há já muito tempo — disse, olhando para Langdon. E esta noite teve de usá-lo como código improvisado. A voz do avô falara do além com arrepiante precisão.

Leonardo da Vinci!

A Mona Lisa!

Por que razão as suas derradeiras palavras faziam referência ao célebre quadro era algo que Sophie não conseguia sequer imaginar, mas só lhe ocorria uma possibilidade. Umapossibilidade perturbadora.

Aquelas não eram as suas últimas palavras...

Deveria ir ver a Mona Lisa! Ter-lhe-ia o avô deixado lá uma mensagem? A ideia parecia perfeitamente plausível. Afinal, a célebre pintura estava exposta na Salle des États, uma câmara privada ac essível apenas a partir da Grande Galeria.

Na realidade, Sophie percebia agora disso, as portas dessa câmara ficavam a escassos vinte metros do local onde o avô fora encontrado morto.

Podia facilmente ter ido até lá antes de morrer.

Sophie olhou para o alto da esc ada de incêndio e ficou paralisada pela indecisão.

Sabia que tinha de levar Langdon para fora do museu, e no entanto o instinto dizia-lhe que fizesse precisamente o contrário. Recordando a sua primeira visita à Ala Denon, quando era uma

criança, compreendeu que se o avô tinha um segredo para lhe contar, poucos lugares na Terra poderiam ser mais adequados como ponto de encontro do que a sala da Mona Lisa.

— É só mais um pouquinho — sussurra-lhe o avô, apertando-lhe a mãozinha minúscula enquanto a guiava pelo museu deserto, depois da hora de encerramento.

Sophie tinha seis anos. Sentia-se pequena e insignificante ao olhar para os vastos e altíssimos tetos e para os soalhos refulgentes. O museu vazio de gente assustava-a, embora não estivesse disposta a deixar que o av ô o percebesse.

Cerrou os dentes com força e largou-lhe a mão.

— Lá à frente fica a Salle des États — disse-lhe, enquanto se aproximavam da mais célebre sala do Louvre. A despeito da evidente excitação do avô, Sophie

queria era ir para casa. Já vira reproduções da Mona Lisa em livros e não gostara nem um pouco. Não conseguia perceber porque é que todos ficavam tão excitados por causa daquele quadro.

— C’est ennuyeux — resmungou.

— Aborrecido — corrigiu-a o avô. — Francês na escola e inglês em casa.

— Le Louvre c’est pas chez-moi! — desafiou ela.

O avô lançou uma gargalhada cansada.

— Tem toda a razão. Então falemos inglês só pela graça.

Sophie amuou e continuou a andar. Quando entraram na Salle des États, percorreu com os olhos a estreita sala e deteve-os no evidente lugar de honra: o centro da parede do lado direito, onde estava suspenso um único quadro por trás de uma parede protetora de Plexiglas. O avô deteve-se à entrada e apontou para o quadro.

— Vai, Sophie. Muito poucas pess oas têm o privilégio de vê-la sozinhas.

Engolindo a apreensão que a invadia, Sophie atravessou lentamente a sala.

Depois de tudo o que ouvira a respeito da Mona Lisa, sentia-se como se estivesse aproximando-se de uma rainha. Chegada diante da placa de Plexiglas, reteve a respiração e ergueu os olhos, captando tudo de uma só vez.

Não sabia muito bem o que esperara sentir, mas não era com certeza aquilo.

Nenhuma sacudidela de espanto. Nenhum instante de deslumbramento. O

famoso rosto tinha exatamente o mesmo aspecto que nos livros. Ficou em silêncio pelo que lhe pareceu uma eternidade, à espera de que qualquer coisa acontecesse.

— Então, que acha? — sussurrou o avô, aproximando-se dela pelas costas. —

Bonita, não é?

— E muito pequenina.

Jacques Saunière sorriu.

— Você é pequena e é bonita.

Não sou nada bonita, pensou ela. Sophie detestava os seus cabelos ruivos e as sardas, e era mais alta do que qualquer dos rapazes da sala dela na escola. Voltou a olhar para a Mona Lisa e abanou a cabeça.

— É ainda pior do que nos livros. o rosto dela é... brumeux.

— Enevoada — ajudou o avô.

— Enevoada — repetiu Sophie, sabendo que a conver sa não andaria para a frente até que ela aprendesse a nova palavra.

— É o estilo de pintura chamado sfumato — explicou o avô — é muito difícil de conseguir. Leonardo da Vinci fazia-o melhor do que ninguém.

Sophie continuava a não gostar do quadro.

— Tem cara de quem sabe qualquer coisa... como quando os meninos na escola têm um segredo.

O avô riu.

— Essa é uma das razões que a tornam tão famosa. As pessoas gostam de tentar adivinhar porque está ela sorrindo.

— Sabe porque é que ela está sorrindo?

— Talvez. — O avô piscou-lhe um olho. — Um dia contarei tudo a respeito dela.

Sophie bateu com o pé.

— Já te disse que não gosto de segredos!

— Princesa! — O avô continuava a sorrir. — A vida é cheia de segredos. Não pode descobri-los todos ao mesmo tempo.

— Vou voltar lá em cima — anunciou Sophie, e a voz dela soou cava no poço da escada.

— Ver a Mona Lisa? — Langdon recuou um passo. — Agora?

Sophie considerou o risco.

— Não sou suspeita de assassínio. Vou arriscar. Tenho de saber o que é que o meu avô estava tentando me dizer.

— E a embaixada?

Sophie sentia-se culpada por fazer de Langdon um fugitivo só para logo a seguir o abandonar, mas não via outra saída. Apontou para uma porta metálica no fundo das escadas.

— Passe por aquela porta e siga os sinais luminosos que indicam a saída. O

meu avô costumava trazer-me até aqui. Os sinais o levar-ão até uma borboleta de segurança. É monodirecional e abre Para fora. — Entregou-lhe as chaves do carro. — É o SmartCar encarnado que está no estacionamento do pessoal. Em frente desta fachada. Sabe chegar à embaixada?

Langdon assentiu, olhando para as chaves que tinha na mão.

— Ouça — continuou Sophie, num tom mais suave. — Penso que o meu avô me deixou uma mensagem na Mona Lisa... qualquer espécie de pista sobre quem o matou. Ou sobre porque é que eu corro perigo. — Ou sobre o que aconteceu à minha família. — Tenho de ir ver.

— Mas se ele quisesse dizer-lhe por que razão corre perigo, não o teria escrito simplesmente no chão, no lugar onde morreu? Para quê este complicado jogo de palavras?

— Fosse o que fosse que o meu avô estava tentando me dizer, não me parece que quisesse que mais alguém o ouvisse. Nem sequer a Polícia. — Muito claramente, o avô fizera todo o possível por enviar uma mensagem diretamente a ela. Escrevera-a em código, incluindo as iniciais secretas, e dissera-lhe que procurasse Robert Langdon... um conselho muito sensato, considerando que o simbologista americano decifrara o código. — Por estranho que possa parecer —

acrescentou —, acho que ele queria que eu chegasse à Mona Lisa antes de qualquer outra pessoa.

— Também vou.

— Não! Não sabemos durante quanto tempo a Grande Galeria vai continuar deserta. Tem de ir.

Langdon parecia hesitante, como se a curiosidade académica estivesse à beira de sobrepor-se ao bom senso e arrastá-lo de volta para as mãos de Fache.

— Vá. Agora. — Sophie dirigiu-lhe um sorriso agradecido. — Encontramo-nos na embaixada, senhor Langdon.

Langdon pareceu desagradado.

— Encontro-me lá com você com uma condição — disse, firmemente.

Ela fez uma pausa, sobressaltada.

— Qual?

— Que deixe de me chamar de senhor Langdon.

Sophie detetou a débil sombra de um sorriso torcido espalhar-se pelo rosto de Langdon, e deu por si sorrindo também.

— Boa sorte, Robert.

Quando chegou ao patamar ao fundo das escadas, Langdon sentiu o cheiro inconfundível de óleo de linhaça e pó de gesso assaltando-lhe as narinas. Lá à frente, um sinal iluminado com a indicação SORTIE/EXIT e uma seta apontava

para um comprido corredor.

Entrou no corredor.

A direita, abria-se um sombrio estúdio de restauração de onde espreitava um exército de estátuas em vários estágios de reparação. Do lado esquerdo, viu uma série de estúdios que faziam lembrar as aulas de arte em Harvard — filas de cavaletes, quadros, paletas, ferramentas de emoldurar — uma linha de montagem de arte.

Enquanto descia o corredor, perguntou a si mesmo se não iria, de um momento para o outro, acordar sobressaltado na sua cama em Cambridge. Toda aquela noite lhe parecera um estranho sonho. Estou me preparando para fugir do Louvre... um fugitivo procurado pela Polícia.

A astuta mensagem anagramática de Jacques Saunière não lhe saía da cabeça, e pôs-se a pensar no que iria Sophie encontrar na Mona Lisa... se alguma coisa encontrasse. Parecera segura de que o avô queria que fosse ver o famoso quadro mais uma vez. Por muito plausível que esta interpretação parecesse, Langdon sentia-se assombrado por um perturbador paradoxo.

P. S. Encontre Robert Langdon.

Jacques Saunière escrevera o nome dele no chão, ordenando a Sophie que o procurasse. Mas porquê? Apenas para que ele pudesse ajudá-la a decifrar um anagrama?

Parecia muito improvável.

Afinal, Saunière não tinha qualquer razão para pensar que ele fosse especialmente hábil em resolver anagramas. Nem sequer nos conhecíamos. Mais importante, Sophie afirmara sem ambiguidades que ela devia ter decifrado o anagrama sozinha. Fora Sophie que detectara a sequência Fibonacci e sem a mínima dúvida, com um pouco mais de tempo, teria decifrado a mensagem sem ajuda de ninguém.

Sophie era habilitada para resolver aquele anagrama sozinha. Langdon estava sentindo-se cada vez mais seguro disto, e, no

entanto, a conclusão abria um buraco evidente na lógica das ações de Saunière.

Porquê eu? perguntou-se Langdon enquanto percorria o corredor. Por que razão o último desejo de Jacques Saunière antes de morrer foi que a neta, que

estava zangada com ele, me procurasse? O que era que ele pensava que eu sabia?

Com um súbito estremecimento, deteve-se no meio de uma passada. Com os olhos muito abertos, procurou no bolso do casaco e tirou de lá a foto do computador.

Olhou longamente para a última linha da mensagem de Saunière.

P.S. Find Robert Langdon.

Concentrou-se em duas letras.

P. S.

Naquele instante, Langdon sentiu que a desconcertante mistura de simbolismos de Saunière se tornava perfeitamente clara. Como um raio, uma carreira inteira de simbologia e história desabou-lhe em cima da cabeça. Todas as ações de Jacques Saunière naquela noite faziam de repente todo o sentido.

Os pensamentos voavam-lhe pelo cérebro enquanto tentava avaliar as implicações do que tudo aquilo significava. Fazendo meia volta, olhou na direção de onde viera.

Ainda haveria tempo?

Sabia que pouco importava.

Sem hesitar, começou a correr a toda a velocidade em direção à escada.

C A P Í T U L O 22

Ajoelhado na primeira fila de bancos, Silas fingia rezar enquanto estudava a disposição do santuário. Saint-Sulpice, como a maior parte das igrejas, tinha a forma de uma gigantesca cruz romana. A longa seção central — a nave — conduzia ao altar-mor, onde era transversalmente atravessada por uma seção mais curta, conhecida como transepto. A interceção da nave com o transepto ocorria exatamente por baixo da cúpula principal e era considerada o coração do templo... o seu ponto mais místico e sagrado.

Não esta noite, pensou Silas. Saint-Sulpice esconde os seus segredos em outro lugar. Olhou para o braço sul do transepto, do lado direito, onde, no espaço livre além da última fila de bancos, se encontrava o objeto que as suas vítimas tinham desc rito.

Lá está.

Embebida no granito cinzento do chão, br ilhava uma fina e polida tira de latão... uma linha dourada que atravessava em diagonal o piso da igr eja. A linha apresentava marcas graduadas, como uma régua. Era um gnómon, tinham-lhe dito, um instrumento astronômico pagão, como um relógio de sol. Turistas, cientistas e pagãos de todo o mundo iam a Saint-Sulpice olhar para aquela famosa linha.

A Linha da Rosa.

Lentamente, Silas seguiu com os olhos o traçado da tira de latão que passava diante dele da direita para a esquerda, em um estranho ângulo que nada tinha que ver com a simetria da igreja. Cortando o próprio altar-mor, pareceu-lhe uma cicatriz que desfigurasse um belo rosto. Dividia em duas a balaustrada da comunhão e seguia em frente, percorrendo toda a largura da igreja para chegar

finalmente ao canto do braço norte do transepto e tocar a base de uma estrutura absolutamente inesperada.

Um colossal obelisco egípcio.

Ali, a refulgente Linha da Rosa fazia um ângulo de noventa graus para cima e trepava pela face do obelisco, subindo dez metros até à ponta do ápice piramidal, onde finalmente terminava.

A Linha da Rosa, pensou Silas. A irmandade escondeu a Chave de Abóbada na Linha da Rosa.

Horas antes, quando Silas lhe dissera que a Chave de Abóbada do Priorado estava escondida em Saint-Sulpice, o Professor parecera pouco convencido. Mas quando Silas acrescentara que todos os irmãos lhe tinham dado a mesma localização exata, relativamente à linha de latão que atravessava Saint-Sulpice, tivera como que uma revelação.

— Estás falando da Linha da Rosa.

O Professor falara-lhe rapidamente da famosa bizarria arquitetural de Saint-Sulpice: uma tira de metal que atravessava o santuário segundo um eixo exato norte-sul.

Era uma espécie de relógio de sol, um vestígio do templo pagão que se erguera naquele preciso local. A luz do Sol, atravessando o óculo da parede sul, ia avançando ao longo da linha dia a dia, indicando a passagem do tempo, de solstício a solstício.

A tira de latão fora em tempos conhecida como Linha da Rosa. Durante séculos, o símbolo da rosa estivera associado aos mapas e à função de guiar as almas na direção correta. A rosa dos ventos, ou rosa-náutica, desenhada em praticamente todos os mapas, apontava as trinta e duas direções de onde sopravam os ventos, correspondentes aos pontos cardeais e intermédios. Quando inscritos num círculo, estes trinta e dois pontos faziam lembrar a tradicional rosa com trinta e duas pétalas. Ainda agora, o instrumento fundamental da navegação continuava a ser conhecido c omo rosa dos ventos, e o Norte apontado por uma ponta de seta... ou, mais comumente, por uma flor-de-lis.

No globo, a Linha da Rosa, também chamada meridiano ou longitude, era qualquer linha imaginária traçada do Pólo Norte ao Pólo Sul. Havia, evidentemente, um número infinito de linhas-da-rosa, uma vez que qualquer

ponto do globo podia ser atravessado por uma longitude ligando os pólos norte e sul. A questão para os primeiros navegadores era saber qual destas linhas devia ser considerada a Linha da Rosa, ou longitude zero, aquela a partir da qual todas as outras longitudes da Terra seriam medidas.

Atualmente, essa linha passava por Greenwich, na Inglaterra.

Mas nem sempre assim fora.

Muito antes do estabelecimento de Greenwich como principal meridiano, a longitude zero atravessara Paris, e mais exatamente a igreja de Saint-Sulpice. A tira de latão de Saint-Sulpice era um memorial ao primeiro meridiano principal do mundo, e apesar de Greenwich ter, em 1888, roubado essa honra de Paris, a Linha da Rosa original continuava visível.

— Portanto, a lenda é verdadeira — dissera o Professor. — Dizia-se que a Chave de Abóbada do Priorado “estava sob o Signo da Rosa”.

Agora, ainda ajoelhado no banco, Silas olhou em redor e colocou-se à escuta, para certificar-se de que não havia ali mais ninguém. Por um instante, pareceu ouvir um restolhar na varanda do coro. Voltou-se e per scrutou o local durante vários segundos.

Nada.

Estou sozinho.

Colocou-se de pé, voltou-se para o altar e fez três genuflexões. Então, rodou à esquerda e seguiu a tira de latão em direção ao obelisco.

Nesse mesmo momento, no Aeroporto Internacional Leonardo da Vinci, em Roma, a sacudidela dos pneus do avião ao tocarem na pista despertou o bis po Aringarosa da sua sonolência. Cochilei, pensou, espantado por estar suficientemente descontraído para adormecer.

— Benvenuto a Roma — disse uma voz nos altofalantes.

Endireitando-se no banco, Aringarosa alisou a sotaina preta e permitiu-se um raro sorriso. Aquela fora uma viagem que tivera prazer em fazer. Estou na defensiva há muito tempo. Naquela noite, porém, as regras tinham mudado.

Havia apenas cinco meses, Aringarosa temera pelo futuro da Fé. Agora, como que por vontade de Deus, a solução surgira por si mesma.

Intervenção divina.

Se em Paris, tudo corresse como planejado, Aringarosa estaria em breve na

posse de algo que faria dele o homem mais poderoso da cristandade.

C A P Í T U L O 23

Sophie chegou ofegante diante das portas de madeira da Salle des États, a sala onde estava exposta a Mona Lisa. Antes de entrar, olhou relutantemente mais para o fundo da Grande Galeria, onde, a uma distância de cerca de vinte metros, o corpo do avô continuava caído no chão, iluminado pela luz do projetor.

O remorso que lhe apertou o coração foi súbito e poderoso, uma profunda tristeza a que se misturava um pouco de culpa. O avô estendera-lhe tantas vezes a mão ao longo daqueles últimos dez anos, e ela permanecera inflexível, deixando as cartas e as encomendas que ele lhe enviava por abrir na última gaveta da

cômoda e frustrando todas as tentativas de contato. Mentiu! Guardou segredos terríveis! Que havia eu de fazer? E por isso pusera-o fora da sua vida.

Completamente.

Agora, o avô estava morto, e mesmo do além continuava tentando falar com ela.

A Mona Lisa.

Estendeu as mãos para as grandes portas de madeira e empurrou. As portas abriram-se. Sophie deteve-se por um instante no umbral, perscrutando a vasta sala retangular. Ela também estava banhada em uma suave luz avermelhada. A Salle des États era um dos raros culs-de-sac do museu: um beco sem saída e a única sala que abria para a Grande Galeria. Aquelas portas, única entrada e saída da câmara, ficavam em frente de um imponente Botticelli com quatro metros e meio, exposto na parede oposta. Entre os dois, no meio da galeria, um grande sofá octogonal oferecia um ponto de pausa onde os milhares de visitantes podiam repousar as pernas enquanto admiravam a mais valiosa das joias do museu.

Antes mesmo de entrar, porém, Sophie soube que lhe faltava qualquer coisa.

Uma fonte de luz negra. Olhou uma vez mais para o corpo estendido do avô, rodeado de aparelhagem electrônica. Se escrevera ali alguma coisa, usara quase com certeza uma caneta de marca de água.

Inspirando fundo, dirigiu-se apressadamente ao bem iluminado local do crime.

Incapaz de olhar para o corpo, concentrou-se no material deixado pela equipe pericial.

Encontrou uma pequena lanterna de luz negra, enfiou-a no bolso do camisolão e regressou o mais depressa que pôde às portas abertas da Salle des États.

Dobrou a esquina e passou o umbral. A sua entrada foi, no entanto, acolhida pelo som inesperado de passos abafados vindos do interior da câmara. Tem alguém aqui!

Uma figura fantasmagórica emergiu repentinamente da sombra avermelhada.

Sophie saltou para trás.

— Ah, finalmente! — o sussurro rouco de Langdon quebrou o silêncio enquanto a silhueta dela se detinha a poucos passos. O alívio de Sophie foi apenas momentâneo.

— Robert, eu lhe disse para sair daqui. Se Fache...

— Onde esteve?

— Precisava de uma fonte de luz negra — murmurou ela, mostrando-lhe a lanterna. — Se o meu avô deixou uma mensagem...

— Sophie, ouça — interrompeu-a Langdon, cravando nos dela os olhos azuis.

— As letras P.S... significam qualquer outra coisa para você? Seja o que for?

Receosa de que as vozes deles ecoassem na galeria deserta, Sophie puxou-o para dentro da Salle des États e fechou silenciosamente as portas.

— Já lhe disse, as iniciais signific am Princesa Sophie.

— Eu sei, mas alguma vez as v iu em outro lugar qualquer? O seu avô usava as letras P.S. de qualquer outra maneira? Como

monograma ou talvez em papel de carta ou em um artigo pessoal?

A pergunta sobressaltou-a. Como é que ele sabe? Era verdade, tinha visto as iniciais em uma outra ocasião, uma espécie de monograma. Fora na véspera do

dia em que fazia nove anos, quando estava passando secretamente revista à casa, à procura de presentes de aniversário.

Já nessa época, detestava segredos. O que foi que o avô me comprou este ano?

Revirou armários e gavetas. Será a boneca que eu queria? Onde a terá escondido? Nada encontrando no resto da casa, Sophie reuniu coragem suficiente para entrar no quarto do avô. Estava expressamente proibida de fazê-lo, mas o avô dormia lá em baixo, sentado no sofá.

Vou só dar uma espiadela!

Avançou em pontas de pés sobre as tábuas rangentes do soalho até ao guarda-roupa e olhou para as prateleiras atrás das roupas penduradas. Nada. Depois, procurou debaixo da cama. Nada. Passou à mesa e, abrindo as gavetas uma a uma, revistou-as cautelosamente. Tem de haver qualquer coisa para mim!

Quando chegou à última, não encontrara ainda vestígios de qualquer boneca.

Desanimada, abriu-a e empurrou para o lado umas roupas pretas que nunca vira o avô usar. Preparava-se para desistir quando vislumbrou o brilho do ouro no fundo da gaveta. O coração começou a bater-lhe mais depressa quando percebeu o que devia ser.

Um colar!

Com todo o cuidado, tirou a corrente da gaveta. Para sua surpresa, tinha suspensa na ponta uma refulgente chave de ouro. Pesada e

brilhante.

Hipnotizada, ergueu-a nas mãos. Era diferente de qualquer outra chave que já tivesse visto. A maior parte das chaves era achatada, com dentes recortados, mas aquela tinha uma haste triangular coberta de pequenas marcas. A pega tinha a forma de uma cruz, mas não de uma cruz normal. Era uma cruz de braços iguais, como um sinal de mais. Gravado no meio da cruz, viu um estranho símbolo: duas letras entrelaçadas com uma espécie de motivo floral.

— P.S. — murmurou, franzindo a testa enquanto lia as letras. Que quererá isto dizer?

— Sophie? — chamou o avô, da porta.

Assustada, voltou-se bruscamente, deixando cair a chave, que bateu no chão com um ruído surdo.

— Estava... à procura do meu presente de aniversário — disse, baixando a

cabeça, sabendo que tinha traído a confiança dele.

Pelo que lhe pareceu uma eternidade, o avô permaneceu silencioso e imóvel, à porta do quarto. Finalmente, deixou escapar um longo suspiro.

— Pegue a chave, Sophie.

Sophie pegou a chave.

O avô entrou no quarto.

— Sophie, você tem de respeitar a privacidade das outras pessoas. —

Gentilmente, ajoelhou-se junto dela e tirou-lhe a chave das mãos. — Esta chave é muito especial. Se a perdesse...

A voz calma do avô a fez se sentir ainda pior.

— Peço desculpas, grand-père, palavra... Pensei que fosse um colar para o meu aniversário.

O avô ficou olhando para ela pelo espaço de vários segundos.

— Vou lhe dizer isto mais uma vez, Sophie, porque é importante. Tem de aprender a respeitar a privacidade das outras pessoas.

— Sim, grand-père.

— Voltamos a falar nisso em outra ocasião. No momento, o jardim tem ervas daninhas que é preciso arrancar.

Sophie apressou-se a sair, para ir tratar dos seus deveres.

Na manhã seguinte, não recebeu qualquer presente de aniversário do av ô.

Nem estava à espera de receber, depois do que tinha feito. Mas ele nem sequer lhe deu os parabéns durante todo o dia. Nessa noite, foi triste para a cama.

Quando se preparava para se deitar, no entanto, viu um cartão em cima da almofada. No cartão, estava escrito um enigma. Ainda antes de resolve-lo, já estava sorrindo. Já sei o que é! O avô tinha feito o mesmo no último Natal.

Uma caça ao tesouro!

Alvoroçada, estudou o enigma até descobrir a solução. Que a encaminhou para outra parte da casa, onde encontrou outro cartão e outro enigma. Resolveu também este e correu para o seguinte, com o coração em festa, correu de um lado para o outro, de pista em pista, até que, finalmente, encontrou uma que a fez voltar ao quarto. Subiu os a escada saltando dois degraus de cada vez, entrou de rompante no quarto e deteve-se, paralisada. À sua frente,

brilhante maravilhosa, estava uma bicicleta vermelha, com uma fita amarrada. Sophie gritou de pura

delícia.

— Eu sei que tinha pedido uma boneca — disse o avô, a sorrir-lhe do canto.

— Mas achei que ia gostar ainda mais disto.

No dia seguinte, o avô a ensinou a andar de bic icleta, correndo ao lado dela no caminho empedrado do jardim. Quando Sophie se desviou para a relva e perdeu o equilíbrio, caíram os dois, rebolando e rindo.

— Grand-père — disse Sophie, abraçando-o —, peço desculpas por aquilo da chave.

— Tudo bem, querida. Estás perdoada. Não consigo ficar zangado com você.

Os avôs e as netas perdoam sempre uns aos outros.

Sophie sabia que não devia perguntar, mas não conseguiu evitá-lo.

— O que é que ela abre? Nunca vi uma chave assim. É muito bonita.

O avô ficou calado por um longo instante, e Sophie percebeu que não sabia muito bem como responder-lhe. O grand-père nunca mente.

— Abre um cofre — disse, finalmente. — Onde guardo muitos segredos.

Sophie amuou.

— Odeio segredos!

— Eu sei, mas estes são segredos importantes. E, um dia, aprenderá a dar-lhes tanto valor como eu dou.

— Vi letras na chave, e uma flor.

— Sim, é a minha flor preferida. Chama-se flor-de-lis. Nós as temos no jardim. São as brancas. Também pode chamá-las de lírios.

— Já sei! Também são as minhas preferidas!

— Então, vou fazer um acordo contigo. — O avô arqueou as sobrancelhas, como costumava fazer sempre que lhe propunha um desafio. — Se conseguir guardar segredo a respeito da minha chave, e nunca mais voltar a falar dela, a mim ou seja a quem for, um dia eu a darei para você.

Sophie nem queria acreditar no que ouvia.

— Palavra?

— Prometo. Quando chegar o momento, a chave será sua. Até tem o seu nome escrito.

Sophie franziu a testa.

— Não, não tem. Diz P.S. Eu não me chamo P.S.!

O avô baixou a voz e olhou em redor, como que a certificar-se de que ninguém os ouvia.

— Muito bem, Sophie, se quer saber, P.S. é um código. São suas iniciais secretas.

Ela abriu muito os olhos.

— Tenho iniciais secretas?

— Claro. Todas as netas têm iniciais secretas que só os avôs conhecem.

— P.S.?

Ele lhe fez cócegas.

— Princesse Sophie.

— Não sou nenhuma princesa! — disse ela, rindo. O avô piscou-lhe um olho.

— É. Para mim.

A partir desse dia, nunca mais voltaram a falar da chave. E ela passara a ser a Princesa Sophie.

Fechada na Salle des États, Sophie permanecia em silêncio, suportando a dor da perda.

— As iniciais — insistiu Langdon, olhando para ela de um modo estranho. —

Já as tinha visto?

Sophie sentiu a voz do avô sussurrando nos corredores do museu. Nunca fale desta chave, Sophie. a mim ou seja a quem for. Sabia que já lhe falhara não lhe perdoando, e perguntou a si mesma se seria capaz de voltar a trair a confiança dele. P.S.

Encontra Robert Langdon. O avô queria que Langdon a ajudasse. Assentiu com a cabeça.

— Sim, vi estas iniciais uma vez. Quando era muito nova.

— Onde?

Sophie hesitou.

— Em uma coisa muito importante para ele.

Langdon prendeu o olhar ao dela.

— Sophie, isto é crucial. Pode me dizer se as iniciais apareciam juntamente com um símbolo? Uma flor-de-lis?

Sophie sentiu-se recuar um cambaleante passo, espantada.

— Mas... mas como é que sabe?

Langdon deixou escapar o ar que retinha nos pulmões e baixou a voz:

— Tenho quase certeza de que o seu avô era membro de uma Sociedade secreta.

Uma irmandade secreta muito antiga.

Sophie sentiu um nó no estômago. Também ela estava certa disso. Durante dez anos, tentara esquecer o incidente que lhe confirmara a terrível verdade.

Testemunhara algo impensável. Imperdoável.

— A flor-de-lis — continuou Langdon — e as iniciais P.S. são o emblema oficial da irmandade. O brasão. O logotipo, por assim dizer.

— Como é que sabe tudo isso? — Sophie estava pedindo a Deus que Langdon não lhe dissesse que também ele era membro.

— Escrevi a respeito desse grupo — respondeu Langdon, com a voz trêmula de excitação. — Pesquisar os símbolos das sociedades secretas é uma das minhas especialidades. Chamam a si mesmos le Prieuré de Sion... o Priorado de Sião. Têm a sua base aqui na França e atraem membros importantes de toda a Europa. Na realidade, são uma das sociedades secretas mais antigas ainda existentes.

Sophie nunca ouvira falar deles.

Langdon falava agora apressadamente, como se temesse não ter tempo para dizer tudo:

— O Priorado tem contado entre os seus membros alguns dos indivíduos mais cultos da História: homens como Botticelli, Sir Isaac Newton, Victor Hugo. —

Fez uma pausa, com a voz a ressumar zelo acadêmico. — E Leonardo da Vinci.

Sophie sobressaltou-se.

— Da Vinci fazia parte de uma sociedade secreta?

— Chefiou o Priorado entre 1510 e 1519, como Grão-Mestre da irmandade, o que talvez ajude a explicar a paixão do seu avô pelas obras dele. Havia entre os dois um laço de fraternidade histórica. E tudo isto encaixa perfeitamente com o fascínio de ambos pela iconologia da deusa, o paganismo, as divindades femininas, e também com o desprezo pela Igreja. O Priorado tem uma história bem documentada de reverência pelo sagrado feminino.

— Está me dizendo que esse grupo é um culto pagão da deusa?

— Diria antes que é o culto pagão da deusa. Mas, mais importante do que isso, são conhecidos como os guardiães de um segredo muito antigo. Um segredo que os torna incomensuravelmente poderosos.

A despeito da convicção absoluta que brilhava nos olhos de Langdon, a reação visceral de Sophie era de total incredulidade. Um culto pagão secreto?

Em tempos encabeçado por Leonardo da Vinci? Tudo aquilo parecia completamente absurdo. E no entanto, ao mesmo tempo que recusava acreditar, sentia a mente recuar dez anos... até à noite em que surpreendera involuntariamente o avô e testemunhara aquilo que continuava a não poder aceitar. Poderá isto explicar...?

— A identidade dos membros vivos do Priorado é um segredo cuidadosamente guardado — continuou Langdon —, mas o P.S. e a flor-de-lis que viu quando era criança são prova. Só pode estar relacionado com o Priorado.

Sophie compreendeu então que Langdon sabia muito mais do que ela de início julgara a respeito do avô. Aquele americano tinha sem a mínima dúvida volumes de

informação para partilhar, mas não ali.

— Não posso me dar ao luxo de deixar que o apanhem, Robert. Temos muita coisa a discutir. Tem de ir!

Langdon ouviu apenas o débil murmúrio da voz dela. Não ia a parte nenhuma.

Estava perdido em um outro lugar. Um lugar onde segredos antigos subiam à superfície.

Um lugar onde histórias esquecidas emergiam das sombras.

Lentamente, como se estivesse movendo-se debaixo de água, voltou a cabeça e olhou através da penumbra avermelhada para a Mona Lisa.

A flor-de-lis... a flor de Lisa... a Mona Lisa.

Estava tudo interligado, uma sinfonia silenciosa em que ecoavam os segredos mais profundos do Priorado de Sião e de Leonardo da Vinci.

A poucos quilômetros dali, na margem do rio juntos a Les Invalides, o estupefato condutor do grande caminhão TIR, de mãos no ar sob a ameaç a de várias armas, via o capitão da Polícia Judiciária lançar um gutural rugido de raiva e atirar uma barra de sabonete às escuras às águas do Sena.

C A P Í T U L O 24

Silas ergueu os olhos para o topo do obelisco de Saint-Sulpice, medindo o tamanho da maciça coluna de pedra. Sentia os tendões tensos de expectativa. Olhou uma vez mais em redor, para certificar-se de que continuava sozinho. Ajoelhou-se então junto à base do obelisco, não em reverência, mas por necessidade.

A Chave de Abóbada está escondida debaixo da Linha, da Rosa. Na base do obelisco de Sulpice.

Todos os irmãos tinham dito o mesmo.

De joelhos, Silas passou as mãos pelo chão de pedra. Não viu quaisquer rachadura ou marcas que indicassem uma laje móvel, de modo que começou a bater de leve com os nós dos dedos no chão. Seguindo a linha de latão junto ao obelisco, foi batendo com os dedos nas lajes de ambos os lados. Finalmente, uma delas ressoou estranhamente.

Há uma cavidade debaixo do chão!

Silas sorriu. As suas vítimas tinham dito a verdade.

Pôs-se de pé e procurou em redor qualquer coisa que pudesse usar para partir a laje.

Bem lá em cima, na varanda do coro, a irmã Sandrine abafou uma exclamação. Os seus mais negros receios acabavam de ser confirmados. O

visitante não era o que parecia. O misterioso monge da Opus Dei fora a Saint-Sulpice com um outro objetivo.

Um objetivo secreto.

Não é só você que tem segredos, pensou.

A irmã Sandrine Bieil era mais do que a zeladora daquela igreja. Era uma

sentinela. E, naquela noite, as antigas engrenagens tinham sido postas em movimento. A chegada daquele estranho junto à base do obelisco era um sinal da irmandade.

Era um grito de alarme.

C A P Í T U L O 25

A embaixada dos Estados Unidos em Paris é um complexo compacto situado na Avenue Gabriel, a norte dos Champs-Elysées. O recinto, com doze mil metros quadrados, é considerado solo americano, o que significa que todos os que lá se encontrem estão sujeitos às mesmas leis e gozam das mesmas salvaguardas que teriamnos Estados Unidos.

A telefonista do turno da noite da embaixada estava lendo a edição internacional da Time quando a campainha do telefone a interrompeu.

— Embaixada dos Estados Unidos — respondeu.

— Boa noite. — O homem que ligara falava inglês com sotaque francês. —

Preciso de ajuda. — Não obstante a delicadeza das palavras, o tom era seco e oficial. — Disseram-me que há uma chamada telefônica para mim no sistema automático. O nome é Langdon.

Infelizmente, esqueci o meu código de acesso de três dígitos. Ficaria m uito grato se pudesse me ajudar.

A telefonista hesitou, confusa.

— Lamento muito, senhor. A sua mensagem deve ser muito antiga. Esse sistema foi desativado há dois anos, por razões de segurança. Além disso, todos os códigos de acesso tinham cinco dígitos. Quem lhe disse que tinha uma mensagem?

— Não têm um serviço de mensagens automático?

— Não, senhor.

— Qualquer mensagem que lhe fosse destinada teria sido transcrita manualmente pelos nossos serviços. Importa-se de repetir o seu nome?

Mas o homem tinha desligado.

Bezu Fache estava confuso enquanto andava de um lado para o outro junto à margem do Sena. Tinha certeza de ter visto Langdon marcar um número local, introduzir um código de três dígitos e em seguida ouvir uma mensagem gravada.

Mas se Langdon não telefonou para a embaixada, para quem diabo telefonou?

Foi nesse momento, ao olhar para o celular, que Fache compreendeu que tinha a resposta na palma da mão. Usou o meu telefone para fazer a chamada.

Apertando a tecla do menu, chamou ao visor a lista dos últimos números marcados e descobriu o telefonema que Langdon tinha feito.

Um número de Paris, seguido pelo código 454. Apertou então a tecla de rechamada e esperou.

Finalmente, uma voz de mulher disse:

— “Bonjour, vous êtes bien chez Sophie Neveu. Je suis absente pour le moment, mais...”

Fache sentia o sangue ferver de raiva enquanto marcava 4...5...4.

C A P Í T U L O 26

A despeito da sua fenomenal reputação, a Mona Lisa tem meros 75,5 cm por 25,5 cm — menos do que os cartazes com a reprodução vendidos na loja de *souvenirs* do Louvre. Está suspensa

na parede noroeste da Salle des États, atrás de uma placa de Plexiglas com cinco centímetros de espess ura. A atmosfera etérea, enevoada, do quadro, pintado em um painel de madeira de choupo, é atribuída ao incomparável domínio que da Vinci tinha da técnica do sfumato, em que as formas parecem dissolver-se umas nas outras.

Desde que assentou residência no Louvre, a Mona Lisa — ou La Joconde, como lhe chamam na França — foi roubada por duas vezes, a última das quais em 1911, quando desapareceu da “salle impénétrable” do Louvre — Le Salon Carré. Os parisienses choraram nas ruas e escreveram artigos nos jornais suplicando aos ladrões que devolvessem o quadro. Dois anos mais tarde, encontraram-na no fundo falso de uma mala, em um quarto de hotel em Florença.

Langdon, tendo deixado bem claro a Sophie que não tencionava ir embora, atravessou com ela a Salle des États. Estavam ainda a vinte metros de distância do quadro quando Sophie ligou a lanterna de luz negra e o fino feixe azulado começou a correr pelo chão à frente deles. Sophie fazia-o balançar de um lado para o outro, como um detetor de minas, em busca do menor vestígio de tinta luminescente.

Enquanto avançava ao lado dela, Langdon sentia já o formigueiro de antecipação que acompanhava sempre os seus encontros face-a-face com as grandes obras de arte.

Esforçou-se por ver além do casulo de luz violeta emitido pela lanterna que Sophie levava na mão.

À esquerda, o sofá octogonal da sala emergiu das sombras, parecendo uma ilha negra no meio de um mar vazio de parquet.

Langdon começava a ver o painel de vidro escuro na parede. Do outro lado, nos recessos da sua cela privada, encontrava-se suspenso o quadro mais célebre do mundo.

O status da Mona Lis a como a obra de arte mais famosa do mundo nada tinha a ver, Langdon bem sabia, com o seu enigmático sorriso. Nem se devia às misteriosas interpretações que lhe eram atribuídas por numerosos historiadores de arte e maníacos da teoria de conspiração. Muito simplesmente, a Mona Lisa era famosa porque Leonardo da Vinci a considerav a a mais perfeita das suas realizações. Levava o quadro consigo para onde quer que viajasse e, se lhe perguntavam porquê, respondia que tinha dificuldade em separar-se da mais sublime expressão da beleza feminina.

Mesmo assim, muitos historiadores de arte suspeitavam de que a reverência de da Vinci pela Mona Lisa nada tinha com a sua maestria artística. Na realidade, o quadro era um retrato sfumato surpreendentemente vulgar. A veneração do artista pela sua obra, diziam, devia-se a algo muito mais profundo: uma mensagem escondida nas camadas de tinta. A Mona Lisa era, de fato, uma das piadas privadas mais estudadas do mundo. A bem documentada colagem de duplos sentidos e alusões jocosas do quadro tem sido descrita na maior parte dos livros de História da Arte, o que, incrivelmente, não impedia que o público em geral continuasse a considerar o seu sorriso um grande mistério.

Não há qualquer mistério, pensou Langdon enquanto avançava e via os difusos contornos do quadro começarem a ganhar forma. Nenhum mistério.

Muito recentemente, tinha partilhado o segredo da Mona Lisa com um grupo bastante inesperado de ouvintes: uma dúzia de detidos na Essex County Penitentiary. O seminário fizera parte de um Programa de Harvard que visava levar a educação ao sistema prisional. Cultura para Condenados, como os colegas de Langdon gostavam de lhe chamar.

De pé junto de um retroprojetor na biblioteca da penitenciária de luzes apagadas, Langdon explicou o segredo da Mona Lisa aos presos que assistiam à aula, homens que achara surpreendentemente interessados — rudes, mas atentos.

— Notarão — disse-lhes , aproximando-se da imagem projetada na parede —

que o fundo por trás do rosto dela não é uniforme. — Apontou para a clamorosa

discrepância. — Da Vinci pintou a linha de horizonte do lado esquerdo muito mais abaixo do que do lado direito.

— Fez burrada? — perguntou um dos homens.

Langdon riu.

— Não. Da Vinci raramente fazia burrada. Na realidade, trata-se de um pequeno truque. Ao baixar a paisagem à esquerda, fez com que a Mona Lisa parecesse muito maior desse lado do que do direito. Uma piadinha privada, poderia dizer. Historicamente, os conceitos de masculino e feminino têm lados atribuídos: o esquerdo é feminino, o direito é masculino. Da Vinci, sendo um grande fã dos princípios femininos, fez a Mona Lisa parecer mais majestosa do lado esquerdo.

— Ouvi dizer que ele era maricas — disse um homem que usava uma barbicha.

Langdon franziu os lábios.

— De um modo geral, os historiadores não põem a coisa exatamente nesses termos, mas sim, da Vinci era homossexual.

— Era por isso que estava tão nessa do feminino?

— Na realidade, da Vinci estava em sintonia com o equilíbrio entre o masculino e o feminino. Acreditava que a alma humana só podia ser iluminada se possuísse em simultâneo elementos masculinos e femininos.

— Quer dizer, garotas com pica? — perguntou alguém.

A saída provocou uma explosão de gargalhadas. Langdon considerou a hipótese de lhes dar uma explicação etimológica atenuada a respeito da palavra hermafrodita e das ligações a Hermes e a Afrodite, mas algo lhe disse que seria esforço perdido.

— Eh, senhor Langdon — interpelou-o um homem cheio de músculos. — É

verdade que a Mona Lisa é um retrato do da Vinci vestido de mulher? Ouvi dizer que sim.

— É muito possível — respondeu Langdon. — Da Vinci era um brincalhão, e a análise computadorizada da Mona Lisa e de alguns dos seus autorretratos confirma a existência de vários e surpreendentes pontos de congruência em ambos os rostos. Mas, fosse qual fosse a intenção de da Vinci, a Mona Lisa não é macho nem fêmea. Transmite uma sutil mensagem de androginia. É uma fusão

de ambas as coisas.

— Tem certeza de que isso não é só conversa erudita para dizer que a Mona Lisa é feia como o diabo?

Langdon riu.

— Talvez tenha razão. Mas a verdade é que da Vinci deixou uma indicação muito clara de que o quadro deve ser considerado andrógino. Alguém já ouviu falar de um deus egípcio chamado Amon.

— Raios, sim — respondeu o homem dos músculos. — O deus da fertilidade masculina!

Langdon estava espantado.

— É o que vem escrito em todas as caixas de preservativos Amon. — O

Hércules sorriu amplamente. — Têm na parte da frente um cara com cabeça de carneiro e diz que é o deus egípcio da fertilidade. Langdon não conhecia a marca, mas ficou contente por saber que os fabricantes de profilácticos tinham interpretado corretamente os hieróglifos.

— Muito bem. Amon é de fato representado por um homem com cabeça de carneiro.

E sabem como se chamava o seu equivalente feminino? Quem era a deusa egípcia que encarnava a mulher-modelo?

Seguiram-se vários segundos de sepulcral silêncio.

— Era Isis — disse Langdon, pegando um marcador. — Temos, pois, o deus masculino, Amon — e escreveu a palavra em um acetato —, e a deusa feminina, Isis, cujo antigo pictograma se chamava em outros tempos L'ISA.

Langdon parou de escrever e afastou-se do projetor.

AMON L'ISA

— Lembra-lhes alguma coisa? — perguntou.

— Mona Lisa... olha que porra! — exclamou alguém.

Langdon assentiu.

— É verdade, meus senhores, não só o rosto da Mona Lisa parece andrógino, como o seu próprio nome é um anagrama da união divina entre o masculino e o feminino. É este, meus amigos, o segredo de da Vinci, e a razão daquele

sorrisinho de quem sabe qualquer coisa.

— O meu avô esteve aqui — disse Sophie, ajoelhando a menos de dez metros do quadro.

Apontou o feixe de luz negra para um ponto do soalho de parquet.

De início, Langdon nada viu então, ao ajoelhar junto dela, reparou em uma minúscula gota luminescente de líquido seco. Tinta? De súbito, recordou para o que era geralmente usada a luz negra. Sangue. Sentiu-se vibrar. Sophie tinha razão. Jacques

Saunière fizera uma última visita à Mona Lisa antes de morrer.

— Não teria vindo aqui sem um motivo — sussurrou Sophie, pondo-se de pé.

— Tenho certeza de que me deixou uma mensagem. — Percorrendo rapidamente os poucos passos que faltavam, iluminou o chão em frente do quadro. Fez deslizar a luz negra de um lado para o outro sobre o soalho nu.

— Há aqui qualquer coisa!

Nesse instante, Langdon viu um débil brilho púrpura no grosso vidro que protegia o quadro. Agarrou o pulso de Sophie e ergueu lentamente o feixe de luz.

Ficaram ambos petrificados.

No vidro, rabiscadas diretamente sobre o rosto da Mona Lisa, seis palavras refulgiam em púrpura.

C A P Í T U L O 27

Sentado à mesa de Saunière, o tenente Collet apertou o telefone contra o ouvido, incrédulo. Terei ouvido bem?

— Um sabonete? Mas como conseguiu Langdon descobrir o marcador GPS?

— Sophie Neveu — respondeu Fache. — Foi ela que lhe contou.

— O quê! Porquê?

— A pergunta é boa, mas acabo de ouvir uma gravação que confirma que ela o avisou.

Collet estava sem palavras. Que raio terá passado pela cabeça da Neveu?

Fache tinha provas de que Sophie interferira com uma investigação da DCPJ?

Sophie Neveu não ia só ser despedida, ia também para a prisão.

— Mas, capitão... onde está Langdon agora?

— Disparou aí algum alarme?

— Não.

— E ninguém passou por baixo da grade da Grande Galeria?

— Não. Temos lá um dos seguranças do museu, como mandou.

— Muito bem, então Langdon ainda deve estar dentro da Grande Galeria.

— Dentro? Mas que ele está fazendo lá? O segurança do museu está armado?

— Sim. É um graduado.

— Mande-o entrar — ordenou Fache. — Ainda vou demorar aqui uns minutos, e não quero que Langdon descubra uma saída — Fache fez uma pausa.

— E o melhor é dizer ao segurança que agente Neveu provavelmente está com ele.

— Pensei que a agente Neveu tinha ido embora.

— Você a viu sair?

— Não, mas...

— Também nenhum dos homens que vigiavam o perímetro a viu sair. Só a viram entrar.

Collet estava estupefato com a ousadia de Sophie. Ainda está no edifício?

— Trate disso — continuou Fache. — Quero Langdon e a Neveu detidos quando chegar aí.

Enquanto o caminhão TIR se afastava, o capitão Fache reuniu os seus homens.

Robert Langdon provara ser uma presa escorregadia, e com a agente Neveu a ajudá-lo, podia tornar-se mais difícil de encurralar do que tinham esperado.

Decidiu não correr riscos.

Por uma questão de segurança, mandou metade dos agentes regressar ao Louvre, enquanto os restantes iam vigiar o único outro lugar de Paris onde Robert Langdon poderia encontrar refúgio.

C A P Í T U L O 28

Na Salle des États, Langdon olhava espantado para as seis palavras que brilhavam na placa de Plexiglas. O texto parecia pairar no espaço, lançando uma sombra recortada sobre o enigmático sorriso da Mona Lisa.

— O Priorado! — murmurou. — Isto prova que o seu avô era membro!

Sophie olhou para ele, confusa.

— Compreende o que está escrito ali?

— Claro — assentiu Langdon, com o cérebro funcionando a todo o vapor. —

É a proclamação de uma das filosofias mais fundamentais do Priorado.

Sophie voltou a olhar para a mensagem escrita sobre o rosto da Mona Lisa.

Em inglês, como a que Jacques Saunière escrevera no chão junto do lugar onde tinha morrido.

SO DARK THE CON OF MAN

— "Tão negra a mentira do homem"? — murmurou Sophie, tentando uma tradução que fizesse sentido.

— A tradição do Priorado de perpetuar o culto da deusa baseia-se — explicou Langdon — na convicção de que homens poderosos pertencentes à primitiva Igreja cristã enganaram o mundo propagando mentiras que desvalorizavam o feminino e faziam pender a balança para o lado do masculino.

Sophie permaneceu silenciosa, olhando para as palavras.

— O Priorado acredita que Constantino e os seus sucessores masculinos conseguiram converter o mundo do paganismo matriarcal ao cristianismo patriarcal montando uma campanha de propaganda que demonizou o sagrado

feminino, obliterando para sempre a deusa da nova religião.

A expressão de Sophie continuava a revelar incerteza.

— O meu avô mandou-me a este lugar para encontrar isto. Devia estar tentando me dizer mais qualquer coisa.

Langdon percebeu o que ela queria dizer. Pensa que isto é outro código. Se havia ou não ali um significado escondido, era coisa que

não podia dizer naquele instante. O seu espírito estava ainda lidando com a ousada clareza da mensagem de Saunière.

Tão negra a mentira do homem, pensou. Negra, sem dúvida. Ninguém podia negar o bem enorme que a Igreja moderna fazia no conturbado mundo atual, e, no entanto, essa mesma Igreja tinha uma história de falsidade e violência. A brutal cruzada para "reeducar" as religiões pagãs e os cultos femininos prolongara-se por três séculos, com o recurso a métodos tão inspirados como horríveis.

A Inquisição católica publicara o livro que podia sem exagero ser considerado o texto mais ensopado em sangue de toda a história humana. Malleus Maleficarum — ou O Martelo das Bruxas — alertava o mundo para os perigos das "mulheres livres-pensadoras" e ensinava o clero a descobri-las, torturá-las e destruí-las. Pertenciam ao grupo das que a Igreja considerava "bruxas" todas as eruditas, sacerdotisas, as ciganas, as místicas, as amantes da natureza, as coletoras de ervas e qualquer mulher "suspeitosamente sintonizada com o mundo natural". Também as parteiras eram mortas por usarem os seus conhecimentos de medicina para aliviar as dores do parto — um sofrimento, afirmava a Igreja, que Deus muito justamente impusera às mulheres como castigo por Eva ter partilhado o Fruto do Conhecim ento, dando assim origem à ideia do Pecado Original.

Durante trezentos anos de caça às bruxas, a Igreja queimara na fogueira uns estarrecedores cinco milhões de mulheres.

A propaganda e a orgia de sangue tinham resultado.

O mundo atual era uma prova viva disso mesmo.

As mulheres, outrora celebradas como a metade essencial da iluminação espiritual, tinham sido banidas dos templos de todo o mundo. Não havia mulheres que fossem rabis ortodoxos, nem padres católicos, nem clérigos

islâmicos. O outrora sagrado ato de Hieros Gamos — a natural união sexual entre homem e mulher através da qual ambos se tornavam espiritualm ente completos — passara a ser apresentado como uma coisa vergonhosa. Homens santos que em outros tempos precisavam da união sexual com os respectivos equivalentes femininos para comungar com Deus temiam agora os seus impulsos sexuais normais, considerando-os obra do diabo de conluio com o seu cúmplice preferido: a mulher.

Nem sequer a associação feminina ao lado esquerdo tinha escapado à difamação da Igreja. Na França e na Itália, as palavras para “esquerda” —

gaúche e sinistra — acabaram por adquirir conotações profundamente negativas, enquanto o lado direito era sinônimo de retidão, habilidade, correção. Ainda na atualidade, o pensamento radical era considerado ala esquerda, o mau humor era acordar para a esquerda, e tudo o que fosse mau era sinistro.

Os dias da deusa tinham chegado ao fim. O pêndulo balançara. A Mãe-Terra tornara-se um mundo do homem, e os deuses da destruição e da guerra cobravam o seu tributo. Durante dois mil anos, o ego masculino correra à solta sem o freio do seu par feminino. O Priorado de Sião acreditava que fora esta obliteração do sagrado feminino que causara aquilo a que os índios Hopi da América chamavam koyanisquatsi – “vida sem equilíbrio” —, uma situação instável marcada por guerras inspiradas pela testosterona, uma plétora de sociedades misóginas e um crescente desrespeito pela Terra-Mãe.

— Robert! — O sussurro de Sophie trouxe-o de volta à realidade. — Vem alguém!

Ele também ouviu os passos que se aproximavam, lá fora na galeria.

— Aqui! — Sophie apagou a lanterna de luz negra e pareceu evaporar-se de repente.

Por instantes, Langdon ficou completamente cego. Aqui! Quando conseguiu adaptar a visão, viu a silhueta de Sophie correr para o centro da sala e desaparecer atrás do grande sofá octogonal. Preparava-se para correr atrás dela quando uma voz ribombante o deteve, petrificado.

— *Arrêtez!* — ordenou um homem, do umbral. O segurança do museu entrou na sala, empunhando com as duas mãos e os braços esticados uma pistola apontada ao centro do peito de Langdon. Que ergueu instintivamente as mãos para o teto.

— *Couchez-vous!* — ordenou o guarda. — Deite-se!

Langdon obedeceu, estendendo-se no chão de barriga para baixo.

O guarda avançou rapidamente para ele e, com um pé, afastou-lhe as pernas.

— *Mauvaise idée, Monsieur* Langdon — disse, fazendo pressão com o cano da pistola nas costas de Langdon. — Mauvaise idée.

Deitado de bruços no chão de parquet, de braços e pernas abertos, Langdon achou pouca graça à ironia da sua posição. O Homem de Vitrúvio, pensou. De barriga para baixo.

C A P Í T U L O 29

Silas pegou o pesado candelabro de ferro que estava em cima do altar e voltou com ele para junto do obelisco. Serviria perfeitamente como aríete.

Olhando para a laje de mármore cinzento que cobria a aparente cavidade no chão, percebeu que não conseguiria parti-la sem fazer barulho. Bastante barulho.

Ferro contra mármore. O estrondo havia de ecoar pelos tetos abobadados.

A freira ouviria? Já devia estar dormindo. Mesmo assim, era um risco que Silas não queria correr. Procurando em redor um pano para envolver a extremidade da haste de ferro, a única coisa que viu foi a toalha de linho do altar, que não se atrevia a profanar.

O meu hábito, pensou. Sabendo-se sozinho na igreja, desapertou a corda que lhe apertava o hábito na cintura e despiu-o, sentindo o ardor das fibras de lã quando se prenderam às feridas recentes que tinha nas costas.

Nu, com exceção da faixa que lhe envolvia os rinse as virilhas, enrolou o hábito à volta da ponta da barra de ferro. Então, fazendo pontaria bem no meio da laje, bateu com toda a sua força. Uma pancada abafada. A laje não se partiu.

Bateu outra vez. De novo uma pancada abafada, mas agora acompanhada por um estalar. Ao terceiro embate, a laje estilhaçou-se finalmente, e lascas de pedra caíram no espaço vazio por baixo do chão.

Um compartimento!

Silas removeu com gestos rápidos os pedaços de mármore que tinham ficado agarrados as bordas da abertura e olhou para dentro. Sentiu o sangue latejar-lhe na cabeça ao ajoelhar junto do buraco. Esticando o braço muito branco, procurou no interior.

À princípio, nada encontrou. O fundo do compartimento era de pedra lisa e

nua.

Então, esticando mais o braço por baixo da Linha da Rosa, tocou em qualquer coisa!

Uma grossa placa de pedra. Introduziu os dedos por baixo do rebordo, agarrou-a com força e puxou-a cuidadosamente para fora. Quando se pôs de pé e examinou o seu achado, verificou que tinha

nas mãos uma tábua de pedra em bruto onde estavam gravadas algumas palavras. Por um instante, sentiu-se um Moisés dos tempos modernos.

Ficou surpreso ao ler as palavras gravadas na pedra. Tinha esperado que a Chave de Abóbada fosse um mapa, ou uma complexa série de instruções, talvez até codificadas.

Em vez disso, porém, a placa continha a mais simples das inscrições: Jó 38:11.

Um versículo da Bíblia? A diabólica simplicidade de tudo aquilo aturdiu-o. A revelação da localização secreta do tesouro que procuravam estava contida em um versículo da Bíblia? A irmandade não conhecia limites no seu desejo de zombar dos justos!

Jó. Capítulo trinta e oito. Versículo onze.

Embora não soubesse de cor o conteúdo exato do versículo onze, Silas sabia que o Livro de Jó contava a história de um homem cuja fé em Deus sobrevivia a repetidas provas. Apropriado, pensou, quase incapaz de conter a exc itação.

Olhando por cima do ombro, contemplou a brilhante Linha da Rosa e não conseguiu impedir-se de sorrir. Em cima do altar-mor, apoiada em um atril de madeira dourada, estava uma grande Bíblia encadernada a couro.

Acocorada no seu posto de vigilância, na v aranda do coro, a irmã Sandrine tremia.

Momentos antes, estivera à beira de correr dali para fora e executar as ordens que lhe tinham dado, quando o homem despira inesperadamente o hábito. Ao ver aquela carne cor de alabastro, fora invadida por um espanto horrorizado. As amplas costas estavam sulcadas por vergões ensanguentados. Mesmo àquela distância, percebia-se que as feridas eram recentes. Aquele homem foi impiedosamente chicoteado!

Viu também, enrolado à volta da coxa, o cilício debaixo do qual escorria

sangue.

Que espécie de Deus quereria um corpo castigado desta maneira? Os rituais da Opus Dei, a irmã Sandrine bem o sabia, eram algo que nunca conseguiria compreender. Mas isso pouco a preocupava naquele instante. A Opus Dei anda a procura da Chave de Abóbada. Não imaginava sequer como tinham sabido da sua existência, mas sabia que não tinha tempo para pensar nisso.

O ensanguentado monge estava agora vestindo calmamente o hábito, após o que, com a pedra bem segura debaixo do braço, avançou para o altar, para a Bíblia.

Quase sem se atrever a respirar, com receio de que o ruído a denunciasse, a irmã Sandrine abandonou a varanda do coro e correu pelo corredor até ao seu quarto. De gatas no chão, procurou debaixo do estrado de madeira da cama o envelope selado que escondera lá anos antes.

Ao abri-lo, encontrou um papel com quatro números de telefone de Paris.

Tremendo, começou a marcar o primeiro.

Lá em baixo, Silas pousou a placa de pedra em cima do altar e voltou a sua atenção ansiosa para a Bíblia com capas de couro. Os dedos grandes e brancos suavam enquanto voltava as páginas. Folheando o Antigo Testamento, encontrou o Livro de Jó.

Localizou o capítulo trinta e oito. Passando o dedo pela coluna de texto, antecipou as palavras que estava prestes a ler.

Elas apontarão o caminho!

Ao chegar ao versículo onze, leu o texto. Eram apenas oito palavras. Confuso, voltou a lê-las, sentindo que algo correra terrivelmente mal. O versículo dizia simplesmente:

Chegarás até aqui; não mais além.

C A P Í T U L O 30

O guarda graduado Claude Grouard fervia de raiva enquanto olhava para o seu prisioneiro prostrado diante da Mona Lisa. Este filho da mãe matou o conservador Saunière! Jacques Saunière fora uma espécie de pai adorado para Grouard e para a sua equipe de segurança.

O que Grouard mais desejava era poder apertar o gatilho e abrir um buraco nas costas de Robert Langdon. Como graduado, era um dos poucos seguranças autorizados a usar uma arma carregada. Recordou a si mesmo, no entanto, que matar Langdon seria um gesto de generosidade em comparação com o que Bezu Fache e o sistema prisional francês lhe reservavam.

Tirou o rádio do cinto e tentou pedir apoio. Tudo o que ouviu foi estática. Os sistemas de segurança eletrônicos especiais daquela sala semeavam sempre o caos nas comunicações entre os guardas. Tenho de me aproximar da porta. Sem deixar de apontar a arma para Langdon, Grouard começou a recuar lentamente em direção à porta. Ao terceiro passo, viu qualquer coisa que o fez deter-se abruptamente.

Que diabo é aquilo?

Uma miragem inexplicável estava materializando-se no centro da sala. Uma silhueta. Havia mais alguém ali dentro? Uma mulher movia-se através das sombras, caminhando rapidamente em direção à parede do lado esquerdo. À

frente dela, um peixe de luz púrpura dançava de um lado para o outro no soalho, como se estivesse procurando qualquer coisa com

uma lanterna colorida.

— *Qui est lá?* — perguntou Grouard, sentindo uma descarga de adrenalina invadir-lhe o sangue pela segunda vez no espaço de trinta segundos.

Subitamente, ficou sem saber para onde apontar a arma ou em que direção

mover-se.

— PTS — respondeu calmamente a mulher, continuando a examinar o chão com a sua luz.

Police Technique et Scientifique. Grouard estava suando. Pensava que todos os agentes tinham ido embora! Reconheceu a luz púrpura como ultravioleta, equipamento normal das equipas de PTC, mas continuava a não compreender por que razão andaria a DCPJ a procurar indícios naquela sala.

— Votre nom!— gritou Grouard, com o instinto dizendo-lhe que havia algo errado. — Répondez!

— C'est mói — respondeu a voz em um francês calmo. — Sophie Neveu.

Em algum lugar nos longínquos recessos da mente de Grouard, o nome encontrou um eco. Sophie Neveu? Era o nome da neta do conservador Saunière, não era?

Costumava ir ao museu quando era menina, mas isso fora há muitos anos.

Não pode ser ela! E mesmo que fosse Sophie Neveu, dificilmente poderia considerar uma razão para confiar nela. Grouard ouvira rumores a respeito da dolorosa zanga entre o conservador e a neta.

— Sabe quem eu sou — continuou a voz feminina. — E Robert Langdon não matou o meu avô. Acredite em mim

O guarda graduado Grouard não estava, porém, preparado para acreditar.

Preciso de apoio! Voltou a tentar o rádio, e voltou a ouvir apenas estática. A porta estava ainda a uns bons vinte metros de distância, e Grouard começou a recuar lentamente, optando por manter a arma apontada para o homem estendido no chão.

Enquanto recuava, viu a mulher do outro lado da sala levantar a lanterna de luz UV e examinar um grande quadro suspenso da parede diretamente em frente da Mona Lisa.

Abriu a boca de espanto, perceber de que quadro se tratava.

Que diabo ela está fazendo?

Do outro lado da sala, Sophie Neveu sentiu um suor frio umedecer-lhe a testa.

Langdon continuava estendido no c hão, de braços e pernas abertos. Aguente, Robert.

Estou quase lá. Sabendo que o guarda nunca dispararia contra qualquer deles,

Sophie dedicou toda a sua atenção ao assunto que tinha em mãos, examinando a área à volta de uma obra-prima em particular: outro da Vinci. Mas a luz UV nada revelou de invulgar.

Nem no chão, nem nas paredes, nem na própria tela.

Tem de haver aqui qualquer coisa

Tinha certeza de ter decifrado corretamente as intenções do avô.

Que outra coisa poderia ele querer dizer?

A obra-prima que estava examinando era uma tela com metro e meio de altura. A cena que da Vinci pintara incluía uma Vir gem,

sentada em uma pose estranha, com o Menino, João Batista e o anjo Uriel, todos dentro do que parecia ser uma gruta. Quando era menina, nenhuma visita à Mona Lisa ficava completa sem que o avô a arrastasse até ao outro lado da sala para ver o segundo quadro.

Estou aqui, grand-père, Mas não vejo nada!

Ouvia, nas suas costas, o guarda continuar tentando pedir ajuda através do rádio.

Pense!

Reviu mentalmente a mensagem escrita no vidro protetor da Mona Lisa. So dark the con of man. O quadro para que estava olhando não tinha qualquer vidro de proteção no qual fos se possível escrever uma mens agem, e Sophie sabia que o avô nunca seria capaz de profanar uma obra de arte escrevendo na própria pintura. Fez uma pausa. Pelo menos, na frente. Ergueu os olhos, seguindo os compridos cabos de suspensão que desciam do teto.

Será possível? Pegando o canto esquerdo da moldura de madeira entalhada, puxou-o para si. O quadro era grande e a armação dobrou quando a afastou da parede.

Sophie introduziu a cabeça e os ombros no espaço entre a moldura e a parede e levantou a lanterna de luz negra para inspeccionar a parte de trás da tela.

Demorou apenas alguns segundos para perceber que seu instinto fora errado.

A parte de trás do quadro era pálida e vazia. Não havia ali qualquer texto escrito em púrpura, apenas o verso acastanhado e manchado de uma velha tela e...

Espere.

Os olhos de Sophie detiveram-se no brilho incongruente de um pedaço de metal perto do rebordo inferior da armação da moldura. O objeto era pequeno,

parcialmente entalado na ranhura onde a tela se juntava à madeira. Da extremidade visível, pendia uma refulgente corrente de ouro.

Para enor me espanto de Sophie, a corrente estava presa a uma chave de ouro que ela conhecia. A pega, larga e esculpida, era em forma de cruz e tinha gravado um emblema que não voltara a ver desde os seus nove anos. Uma flor-de-lis, com as iniciais P.S. Naquele instante, Sophie sentiu o fantasma do avô murmurar-lhe ao ouvido: Quando chegar o momento, a chave será sua. Sentiu um aperto na garganta ao compreender que o avô, mesmo depois de morto, cumprira a sua promessa. Esta chave abre um cofre, dizia a voz dele, onde guardo muitos segredos.

Percebeu então que o objetivo de todo o jogo de palavras daquela noite fora aquela chave. O avô a tinha consigo quando o assassino dis parara contra ele.

Não querendo que caísse nas mãos da Polícia, escondera-a atrás daquele quadro.

E em seguida imaginara uma engenhosa caça ao tesouro para se certificar de que só Sophie a encontraria.

— Au secours! — gritava a voz do guarda.

Sophie arrancou a chave do seu esconderijo e enfiou-a no fundo do bolso do camisolão, juntamente com a lanterna de luz UV. Espiando de trás da tela, viu que o guarda continuava a tentar desesperadamente contatar alguém através do rádio. Estava recuando para a porta, mantendo a arma firmemente apontada para Langdon.

— *Au secours!* — voltou a gritar para o rádio.

Estática.

Não consegue transmitir, percebeu Sophie, recordando como os turistas ficavam frustrados quando tentavam ligar para casa pelo celular para se gabarem de estar vendo a Mona Lisa. A quantidade de fios elétricos dos sistemas de segurança embutidos nas paredes tornava impossível transmitir fosse o que fosse, a menos que se saísse para a galeria. O guarda recuava agora rapidamente para a porta, e Sophie soube que tinha de agir rapidamente.

Olhando para o grande quadro atrás do qual estava em parte escondida, compreendeu que, pela segunda vez naquela noite, Leonardo da Vinci estava ali para ajudar.

Mais uns poucos metros, disse Grouard para si mesmo, mantendo a arma

apontada.

— Arrêtez! Ou je la détruis!— A voz da mulher ecoou na sala. Grouard olhou para ela e deteve-se, petrificado.

— Mon dieu, non!

Através da penumbra avermelhada, viu que a mulher tinha tirado o quadro dos cabos de suporte e o pousara de pé no chão à sua frente. com metro e meio de altura, a tela tapava-lhe quase completamente o corpo. O primeiro pensamento de Grouard foi de surpresa pelo fato da remoção do quadro da parede não ter disparado os alarmes, mas então se lembrou que a rede de sensores ainda não voltara a ser restabelecida. Que ela está fazendo?

Quando viu o que era, o sangue gelou-lhe nas veias.

A tela começou a inchar no meio, distorcendo os frágeis contornos da Virgem Maria, do Menino Jesus e de João Batista.

— Non! — gritou Grouard, petrificado pelo horror ao ver o precioso da Vinci esticando. A mulher estava espetando o joelho no centro da tela, por detrás. —

NON!

Voltou-se e apontou a arma para ela, mas compreendeu no mesmo instante que era uma ameaça vã. O quadro era apenas tela, mas era como se fosse impenetrável — um escudo de seis milhões de dólares.

Não posso disparar contra um da Vinci!

— Coloque a arma e o rádio no chão — ordenou a mulher, em um calmo francês —, ou eu furo o quadro com o joelho. Julgo que sabe o que o meu avô pensaria disso.

Grouard estava aturdido.

— Por favor... não. Isso é a Madonna dos Rochedos!— Deixou cair a arma e o rádio, erguendo as mãos acima da cabeça.

— Obrigada — disse a mulher. — Agora, faça exatamente o que eu lhe disser, e correrá tudo bem.

Momentos depois, o coração de Langdon continuava a martelar-lhe o peito enquanto descia correndo, ao lado de Sophie, a escada que conduzia ao nível térreo.

Nenhum dos dois dissera uma palavra desde que tinham deixado o trêmulo guarda estendido no chão da Salle des États. Langdon apertava com força a

pistola que levava na mão, ansioso por ver-se livre dela. Era pesada e parecia-lhe perigosamente alienígena.

Enquanto descia os degraus dois a dois, perguntava a si mesmo se Sophie faria alguma ideia do valor do quadro que estivera perto de destruir. As escolhas da jovem em matéria de arte pareciam

estranhamente adequadas à aventura daquela noite. O da Vinci que pegara, muito como a Mona Lisa, era famoso entre os historiadores de arte pela enorme quantidade de simbolismo pagão que escondia.

— Escolheu um refém valioso — comentou por fim, sem deixar de correr.

— A Madonna dos Rochedos — respondeu ela. — Mas não fui eu que o escolhi, foi o meu avô.Deixou-me uma coisinha escondida atrás do quadro.

Langdon lançou-lhe um olhar sobressaltado.

— O quê? Mas como soube em que quadro? Porquê a Madonna dos Rochedos?

— So dark the con of man. — Sophie dirigiu-lhe um sorriso triunfante. —

Deixei escapar os dois primeiros anagramas, Robert. Não ia deixar passar o terceiro.

C A P Í T U L O 31

— Estão mortos! — disse irmã Sandrine ao telefone, no seu quarto em Saint-Sulpice.

Estava falando para um atendedor automático. — Atendam, por favor. Estão todos mortos!

Os três primeiros números da lista tinham produzido resultados aterradores —

uma viúva histérica, um detetive trabalhando a dez horas no local de um crime e um sombrio padre consolando uma família devastada. Todos os três contatos tinham morrido. E agora, ao ligar para o quarto e último número — o número para o qual não era suposta ligar a menos que os outros três estivessem incomunicáveis —, respondera-lhe um atendedor automático. A voz gravada não

mencionava qualquer nome, limitava-se a pedir a quem chamava que deixasse mensagem.

— A laje do chão foi partida! — disse a irmã Sandrine. — Os outros três estão mortos!

Irmã Sandrine desconhecia a identidade dos quatro homens que protegia, mas os quatro números de telefone escondidos debaixo da cama eram para ser usados em uma única circunstância.

Se alguma vez aquela laje for quebrada, dissera-lhe o mensageiro sem rosto, isso significará que o escalão superior foi descoberto. Um de nós foi mortalmente ameaçado e obrigado a dizer uma mentira desesperada. Ligue para estes números. Avise os outros.

Não nos falhe nisto.

Era um alarme silencioso. Perfeito na sua simplicidade. O plano espantara-a quando o ouvira pela prim eira vez. Se um irmão visse a sua identidade

comprometida, diria uma mentira que poria em marcha um mecanismo destinado a alertar os outros.

Naquela noite, porém, parecia que mais do que um fora comprometido.

— Responda, por favor — sussurrou ela, em pânico. — Onde está?

— Desligue o telefone — ordenou uma voz profunda, da porta do quarto.

A irmã Sandrine voltou-se, aterrorizada, e viu o gigantesco monge. Tinha na mão o pesado candelabro de ferro. Tremendo, pousou o auscultador no descanso.

— Estão mortos — continuou o monge. — Todos eles. E enganaram-me.

Diga-me onde está a Chave de Abóbada.

— Não sei — respondeu a freira. — Esse segredo é guardado por outros. —

Outros que estão mortos!

O homem avançou, apertando com os dedos brancos a haste de ferro.

— É uma irmã da Igreja, e serve-os?

— Jesus tinha apenas uma mensagem verdadeira — respondeu desafiadoramente a irmã Sandrine. — Não vejo essa mensagem na Opus Dei.

Uma raiva súbita explodiu atrás dos olhos do monge. Avançou, esgrimindo o candelabro como se fosse um cacete. Enquanto caía, o último pensamento da irmã Sandrine foi de profunda tristeza.

Mortos, os quatro.

A preciosa verdade perdeu-se para sempre.

C A P Í T U L O 32

O barulho das campainhas de alarme da Ala Denon espantou os pombos do Jardim das Tulherias, ali próximo, no momento em que Sophie e Langdon saíram correndo do museu. Enquanto atravessavam a praça em direção ao carro de Sophie, Langdon ouviu ao longe o uivo das sirenes da Polícia.

— É aquele! — gritou Sophie, apontando para um carro vermelho de dois lugares estacionado na praça.

Tem de estar brincando, com certeza! O veículo era seguramente o carro menor que Langdon alguma vez vira.

— O Smart — disse ela. – Cem quilômetros por litro.

Langdon mal tinha conseguido instalar-se no lugar do passageiro quando Sophie arrancou a toda a velocidade, galgou um meio-fio e saltou para uma divisória de saibro.

Agarrou-se ao tablier enquanto o carro subia e atravessava outro passeio antes de dar novo salto para a pequena praça do Carrousel du Louvre.

Por um instante, Sophie deu a impressão de estar considerando a possibilidade de cortar caminho e seguir em frente, passando a sebe do perímetro e atravessando o amplo círculo relvado central.

— Não! — gritou Langdon, sabendo que a sebe à volta do Carrousel du Louvre estava ali para esconder o perigoso abismo que se abria no centro — La Pyramide Inversée — a claraboia em forma de pirâmide invertida que horas antes vira do interior do museu. Era suficientemente grande para engolir o minúsculo Smart de uma só vez.

Felizmente, Sophie optou pelo caminho mais convencional, torcendo o volante para a direita e contornando ajuizadamente a praça até à saída. Virou

então à esquerda, meteu pela faixa de sentido norte e acelerou em direção à Rue de Rivoli.

As sirenes da Polícia uivavam agora mais perto, e Langdon viu as luzes rotativas no retrovisor lateral. O motor do Smart gemeu em protesto quando Sophie o acelerou ao máximo, afastando-se o mais rapidamente possível do Louvre. Cinquenta metros mais a frente, o semáforo da Rue de Rivoli passou para vermelho. Sophie praguejou entredentes e continuou a acelerar. Langdon sentiu os músculos se retesarem.

— Sophie?

Chegaram ao cruzamento. Quase sem diminuir, Sophie fez sinal de luzes lançou um rápido olhar à esquerda e à direita voltou a colar o

acelerador ao chão do carro e virou bruscamente a esquerda no cruzamento deserto, entrando pela Rivoli. Percorreu a toda a velocidade cerca de quatrocentos metros antes de virar à direita para contornar uma vasta praça. Pouco depois, estavam do outro lado, descendo a ampla avenida dos Champs-Elysées.

Quando o carro conseguiu finalmente endireitar-se, Langdon voltou-se no banco, torcendo o pescoço para olhar para trás na direção do Louvre.

Aparentemente, não estavam sendo perseguidos. O mar de luzes azuis concentrava-se diante do museu. Com o coração batendo um pouco mais devagar, voltou-se de novo para a frente.

— Foi interessante — comentou.

Sophie pareceu não ter ouvido. Mantinha os olhos fixos em frente, na longa fita dos Campos Elíseos, os mais de três quilômetros de lojas de luxo a que muitoschamavam a Quinta Avenida de Paris. A embaixada ficava a quilômetro e meio de distância e Langdon instalou-se mais confortavelmente no banco. So dark the con of man.

A rapidez de raciocínio de Sophie fora impressionante.

Madonna of the Rocks. A Madonna dos Rochedos. Sophie dissera que o avô lhe deixara qualquer coisa escondida atrás do quadro. Uma última mensagem?

Langdon não podia deixar de reconhecer o brilhantismo da escolha do esconderijo; a Madonna dos Rochedos era mais um elo adequado da cadeia de simbolismos interligados daquela noite. Jacques Saunière parecia querer revelar a cada passo a sua predileção pelo lado escuro e malicioso de Leonardo da Vinci.

A encomenda da Madonna aos Rochedos partira originariamente de uma

organização conhecida como Confraria da Imaculada Conceição, que precisava de uma pintura para peça central de um tríptico de altar destinado à sua igreja de San Francesco, em Milão. As monjas deram a Leonardo instruções precisas quanto às dimensões e ao tema desejado para o quadro — a Virgem Maria, São João Batista quando bebê, Uriel e o Menino Jesus abrigados em uma gruta.

Apesar de ter feito como lhe pediam, quando entregou a obra, as religiosas reagiram com horror. Da Vinci enchera o quadro de pormenores explosivos e perturbadores.

O quadro mostrava a Virgem Maria sentada, vestida de azul, com um braço passado pelos ombros de uma criança, presumivelmente o Menino Jesus. Em frente de Maria sentava-se Uriel, também com uma criança, presumivelmente João Batista. Mas, em vez da cena habitual de Jesus abençoar João, era João quem abençoava Jesus... e Jesus submetia-se à sua autoridade! Ainda mais perturbador: Maria mantinha uma mão aberta por cima de João, em um gesto decididamente ameaçador — os dedos enclavinhados como as garras de uma águia pareciam agarrar uma cabeça invisível. Por fim, a imagem sem dúvida mais assustadora: por baixo dos dedos encurvados de Maria, Uriel fazia com a mão um gesto de corte — como que a cortar o pescoço à cabeça invisível que Maria segurava com a mão em garra.

Os alunos de Langdon achavam sempre muita graça ao saber que da Vinci acabara por sossegar a confraria pintando uma segunda versão “aguada” da Madonna dos Rochedos em que todas as personagens apareciam dispostas de uma maneira mais ortodoxa. Esta segunda versão encontrava-se atualmente exposta, sob o nome de Virgem dos Rochedos, na National Gallery de Londres, embora Langdon continuasse a preferir o mais intrigante original do Louvre.

— O que é que estava atrás do quadro? — perguntou, enquanto Sophie conduzia a toda a velocidade pelos Champs-Elysées.

— Mostro-lhe quando estivermos a salvo na embaixada — disse ela, sem tirar os olhos da estrada.

— Mostra-me? — espantou-se Langdon. — O seu avô deixou-lhe um objeto físico?

Sophie assentiu.

— Enfeitado com uma flor-de-lis e as iniciais P.S.

Langdon nem queria acreditar no que acabava de ouvir.

Vamos conseguir, pensou Sophie enquanto rodava o volante do Smart para a direita, pas sava em frente do luxuoso Hôtel de Crillon entrava no tranquilo bairro das embaixadas de Paris, com as suas ruas ladeadas de árvores. Estavam agora muito perto.

Sentiu que podia voltar a respirar normalmente.

Mesmo dirigindo, seu pensamento continuava preso à chave que tinha no bolso, às suas recordações de a ter visto muitos anos antes, com a pega de ouro em forma de cruz de braços iguais, a haste triangular, as marcas, o brasão gravado, as letras P.S.

Embora a recordação daquela chave quase não lhe tivesse acudido ao espírito durante todos aqueles anos, o seu trabalho no mundo das informações ensinara-lhe muito a respeito de segurança, e agora o modo peculiar como fora fabricada já não lhe parecia tão estranho. Uma matriz variável trabalhada a laser.

Impossível de duplicar. Em vez de dentes que empurravam linguetas, as complexas séries de marcas feitas a laser da chave eram examinadas por um olho eletrônico. Se o olho eletrônico decidia que as marcas hexagonais estavam corretamente espaçadas, dispostas e posicionadas, a fechadura se abria.

Sophie não fazia a mínima ideia do que uma chave daquelas poderia abrir, mas tinha o pressentimento de que Robert saberia

dizer-lhe. Afinal, descrevera o brasão gravado na pega sem nunca o ter visto. A pega cruciforme indicava que a chave pertencia a uma organização cristã, mas Sophie não sabia de qualquer igreja que usasse chaves de matriz variável trabalhadas a laser.

Além disso, o meu avô não era cristão...

Sophie tivera uma prova testemunhal disto mesmo dez anos antes.

Ironicamente, fora uma outra chave — esta muito mais vulgar — que lhe revelara a verdadeira natureza do avô.

A tarde estava quente quando aterrissara no aeroporto Charles de Gaulle e se metera em um táxi para casa. O grand-père vai ficar tão espantado quando me vir, pensara. Tendo regressado alguns dias mais cedo, para as férias da Páscoa, da universidade inglesa onde fazia o curso de pós-graduação, Sophie mal podia

esperar para ver o avô e falar-lhe dos métodos de criptologia que andava estudando.

Quando chegou a casa, não o encontrou. Desapontada, pensou que ele não a esperava e provavelmente estava trabalhando no Louvre. Mas é sábado à tarde, lembrou-se. O avô raramente trabalhava nos fins de semana. Nos fins de semana costumava...

Com um sorriso nos lábios, correu para a garagem. Como já esperava, o carro não estava lá. Era fim de semana. Jacques Saunière detestava dirigir na cidade e tinha carro por uma única e exclusiva razão: o seu château de férias na Normandia, a norte de Paris.

Depois de meses na superpovoada Londres, Sophie estava ansiosa pelos cheiros da natureza e por começar as férias o mais depressa possível. Era ainda cedo, de modo que decidiu partir imediatamente. Pedindo o carro emprestado a uma amiga, rumou para norte, seguindo a sinuosa estrada que atravessava as colinas desertas e banhadas em luar perto de Creully. Chegou pouco depois das dez,

metendo pelo longo caminho particular que conduzia ao retiro do avô. A estrada de acesso tinha quase dois quilômetros de comprimento, e s ó no meio do percurso Sophie começou a avistar a casa por entre as árvores um velho e grande casarão de pedra aninhado nos bosques, no flanco de uma colina.

Estava mais ou menos à espera de encontrar o avô dormindo àquela hora da noite, de modo que ficou excitada ao ver a casa refulgente de luzes. Uma alegria que se transformou em surpresa quando, ao chegar, descobriu o pátio cheio de carros estacionados Mercedes, BMW, Audis e um Rolls-Royce.

Ficou olhando espantada, por um momento, e então rompeu a rir. O meu avô, o famoso recluso! Jacques Saunière era, tudo o indicava, muito menos reservado do que gostava de aparentar. Muito claramente, estava dando uma festa enquanto a neta se encontrava fora estudando, e, a julgar pelos automóveis, os convidados eram algumas das pessoas mais influentes de Paris.

Desejosa de surpreendê-lo, correu para a porta da frente. Quando chegou lá, porém, encontrou-a fechada à chave. Bateu. Não obteve resposta. Intrigada, deu a volta e tentou a porta dos fundos. Também fechada. Ninguém respondeu aos seus chamados.

Confusa, deteve-se por instantes, à escuta. O único som que ouvia era o do fresco vento da Normandia gemendo baixo enquanto cirandava pelo vale.

Nem música.

Nem vozes.

Nada.

No silêncio do bosque, Sophie dirigiu-se apressadamente ao lado da casa e trepou a um monte de lenha, comprimindo o nariz contra a janela da sala de estar. O que viu lá dentro não fazia qualquer espécie de sentido.

— Não há ninguém aqui!

Todo o piso térreo estava deserto.

Onde se meteram todos?

Com o coração saltando-lhe no peito, correu para o barracão das ferramentas e pegou a c have sobressalente que o avô guardava debaixo de uma caixa de aparas.

Voltou à porta principal e abriu-a. Quando entrou no vestíbulo deserto, começou a piscar uma luz vermelha no painel do sistema de segurança — um aviso a quem entrava de que tinha dez segundos para introduzir o código secreto antes que o alarme disparasse.

Tem o alarme ligado durante uma festa?

Marcou rapidamente o código e desativou o sistema.

A casa inteira estava desabitada. Incluindo o andar de cima. Regressando ao vestíbulo vazio, deteve-se por um instante no meio do silênc io, perguntando a si mesma o que poderia ter acontecido.

Foi então que ouviu vozes abafadas. E pareciam vir de algum lugar abaixo dela.

De onde, não fazia ideia. Pondo-se de gatas, encostou um ouvido às tábuas do soalho e escutou. Sim, o som vinha definitivamente lá de baixo. As vozes pareciam estar cantando... ou entoando um cântico? Assustou-se. Quase mais estranho do que o próprio som era o fato de saber que aquela casa nem sequer tinha uma garagem.

Pelo menos, que eu tenha visto.

Rodou sobre si mesma, examinando a sala de estar. Os olhos detiveram-se no único objeto em toda a casa que parecia fora do lugar — a antiguidade preferida do avô, uma grande tapeçaria

Aubusson. Estava geralmente suspensa da parede leste, junto à lareira, mas naquela noite fora puxada para o lado no seu var ão de

latão, expondo a parede que ficava atrás.

Ao avançar para a parede nua, Sophie ouviu o cântico soar mais alto —

Hesitante, encostou o ouvido à madeira. As vozes tornaram-se mais claras.

Havia sem a mínima dúvida pessoas cantando... entoando palavras que não conseguia distinguir.

O espaço por trás desta parede é oco!

Tateando os bordos dos painéis com as pontas dos dedos, encontrou uma pequena depressão redonda, quase invisível. Uma porta de correr,. com o coração batendo forte, colocou o dedo na depressão e puxou. Com silenciosa precisão, a pesada parede deslizou para o lado.As vozes ecoaram mais fortes, vindas da escuridão do outro lado.

Sophie passou pela abertura e viu-se no início de uma escada de pedra bruta que descia em espiral. Ia àquela casa desde que era criança e nunca fizera a mínima ideia da existência de uma caverna!

À medida que descia, o ar tornava-se mais frio. E as vozes mais nítidas.

Ouviu homens e mulheres cantando. A sua linha de visão era limitada pela espiral da escada, mas estava naquele momento chegando ao último degrau. Para lá dele, viu um pedaço do chão da caverna, iluminada pelo clarão alaranjado do fogo.

Retendo a respiração, Sophie avançou mais alguns passos e acocorou-se para espreitar. Demorou vários segundos para processar o que estava vendo.

Era uma gruta, uma tosca câmara que parecia ter sido escavada no granito do flanco da colina. A única luz er a a fornecida pelos archotes nas paredes.

Iluminadas pelas chamas, cerca de trinta pessoas reunidas em círculo ocupavam o centro do espaço.

Estou sonhando, disse Sophie para si mesma. Um sonho. Que outra coisa isso pode ser?

Todos os presentes usavam máscaras. As mulheres vestiam túnicas de tule branco e sapatos dourados. As suas máscaras eram brancas, e seguravam nas mãos globos de ouro. As máscaras e as túnicas dos homens eram pretas.

Pareciam peças em um gigantesco tabuleiro de xadrez. Todos se balançavam para a frente e para trás, entoando um cântico em reverência a qualquer coisa que estava no chão no meio deles... qualquer coisa que Sophie não conseguia

ver.

O cântico tornou-se mais forte. Mais rápido. Atroador. Os participantes deram um passo para o interior do círculo e ajoelharam. Nesse instante, Sophie viu aquilo que todos eles testemunhavam. Enquanto recuava, horrorizada, sentiu a imagem gravar-se indelevelmente na memória. Nauseada, fez meia volta e subiu as escadas, apoiando-se às paredes de pedra. Fechou a passagem secreta, fugiu da casa deserta e regressou a Paris, dirigindo no meio de um estupor toldado pelas lágrimas.

Nessa noite, com a vida destruída pela desilusão e pela traição, juntou as suas coisas e saiu de casa. Em cima da mesa da sala de jantar, deixou uma nota: *ESTIVE LÁ. NÃO TENTE ENTRAR EM CONTATO COMIGO.*

Junto à nota, deixou as chaves sobressalentes que tirara da arrecadação das ferramentas.

— Sophie! — A voz de Langdon foi como um intruso nos seus pensamentos.

— Pare! Pare!

Arrancada das recordações, Sophie pisou bruscamente o freio, e o carro derrapou até imobilizar-se.

— O quê? O que foi?

Langdon apontou para o fundo da rua que se estendia à frente deles.

Quando viu aquilo, Sophie sentiu o sangue gelar nas veias. Cem metros mais à frente, o cruzamento estava bloqueado por dois carros da DCPJ, estacionados com um propósito evidente. Fecharam a Avenue Gabriel!

Langdon deixou escapar um lúgubre suspiro.

— Suponho que por esta noite a embaixada está fora dos limites!

No fundo da rua, os dois agentes da DCPJ que estavam de pé junto doscarros olhavam agora na direção deles, aparentemente curiosos a respeito daqueles faróis que tinham se detido de forma tão abrupta a cem metros de distância.

— Okay, Sophie, dê a volta. Muito devagar.

Sophie engrenou a marcha-atrás e fez uma cuidadosa inversão de marcha em três tempos. Quando se afastavam, ouviu o guinchar de pneus atrás deles. As sirenes começaram a uivar.

Com uma praga, Sophie acelerou fundo.

C A P Í T U L O 33

O Smart de Sophie corria pelo bairro diplomático, esgueirando-se por entre embaixadas e consulados, até que finalmente escapou por

uma transversal e virou à direita, voltando aos Champs-Elysées.

Langdon, agarrado ao banco com tanta força que tinha os nós dos dedos brancos, olhou para trás, em busca de quaisquer sinais de perseguição.

Subitamente, desejou não ter decidido fugir. Não decidiu, recordou a si mesmo.

Fora Sophie que tomara essa decisão ao atirar o marcador GPS pela janela do banheiro dos homens do Louvre. Agora, enquanto se afastavam a toda a velocidade da embaixada, serpenteando por entre o escasso tráfego dos Champs-Elysées, Langdon sentia que as suas opções se deterioravam. Apesar de Sophie ter aparentemente conseguido despistar a Polícia, pelo menos no momento, Langdon duvidava que a sorte deles durasse muito tempo.

Dirigindo com uma só mão, Sophie procurava qualquer coisa no bolso do camisolão. Tirou de lá um pequeno objeto de metal e entregou-o.

— É melhor dar uma olhada nisto, Robert. Foi o que o meu avô me deixou atrás da Madonna dos Rochedos.

Com um estremecimento de excitação, Langdon pegou o objeto e examinou-o. Era pesado e cruciforme. O primeiro instinto foi que tinha na mão um pieu funerário — uma réplica em miniatura de uma estaca destinada a ser cravada no chão para assinalar uma sepultura. Mas então reparou que a haste encimada pela cruz era prismática e triangular.

E era, também, pontuada por centenas de marcas hexagonais que pareciam ter sido finamente executadas e distribuídas de uma forma aleatória.

— É uma chave trabalhada a laser — explicou Sophie. — Esses hexágonos

são lidos por um olho eletrônico.

— Uma chave? Langdon nunca vira nada igual.

— Veja do outro lado — disse ela, mudando de faixa e passando um cruzamento.

Quando Langdon voltou a chave, o queixo caiu-lhe de espanto. Ali, intricadamente gravadas no centro da cruz, havia uma flor-de-lis estilizada e as iniciais P.S.!

— Sophie! — exclamou. — É o brasão de que lhe falei! O emblema oficial do Priorado de Sião.

Ela assentiu.

— Como lhe disse, vi essa chave há muitos anos. O meu avô pediu-me que nunca falasse dela a quem quer que fosse.

Os olhos de Langdon continuavam presos à chave gravada. A alta tecnologia envolvida no seu fabrico e o símbolo imemorial que ostentava exsudavam uma estranha fusão dos mundos antigo e moderno.

— Disse-me que abria um cofre onde conservava muitos segredos. —

Langdon sentiu um arrepio ao imaginar o tipo de segredos que um homem como Jacques Saunière poderia guardar. De que serviria a uma antiga irmandade uma chave futurista era algo de que não fazia a menor ideia. O Priorado existia única e exclusivamente com o propósito de proteger um segredo. Um segredo incrivelmente poderoso. Terá esta chave alguma coisa a ver com ele? O

pensamento era esmagador.

— Sabe o que é que ela abre? Sophie parec eu desapontada.

— Estava na esperança de que você soubesse.

Langdon permaneceu silencioso enquanto fazia girar a chave entre os dedos, examinando-a.

— Parece cristã — sugeriu Sophie.

Langdon não estava muito certo disso. A pega da chave não era a tradicional cruz cristã de fuste comprido e sim uma cruz quadrada — com quatro braços de igual comprimento —, mil e quinhentos anos anterior ao cristianismo. Aquele tipo de cruz não tinha qualquer das conotações de crucifixão associadas à cruz latina, concebida pelos Romanos como um instrumento de tortura. Langdon ficava sempre espantado ao verificar quão poucos eram os cristãos que, ao

olharem para o "crucifixo", percebiam que a violenta história do seu símbolo se reflectia no próprio nome: "cruz" e "crucifixo" derivavam do verbo latino crudare: torturar.

— Tudo o que posso dizer — respondeu Langdon — é que as cruzes de braços iguais, como esta, são consideradas cruzes pacíficas. A sua configuração quadrada torna-as pouco práticas para a crucifixão e o equilíbrio dos elementos vertical e horizontal transmite uma noção da união natural entre o masculino e o feminino, tornando-as consistentes com a filosofia do Priorado.

Sophie lançou-lhe um olhar desanimado.

— Não faz a mínima ideia, não é?

Langdon franziu a testa.

— Nenhuma.

— Okay, temos de sair da rua. — Olhou pelo retrovisor. — Precisamos de um lugar seguro para tentarmos descobrir o que é que essa chave abre.

Langdon pensou com saudade no seu confortável quarto no Ritz.

Obviamente, não era uma opção.

— Que lhe parece os meus anfitriões na Universidade Americana de Paris?

— Muito óbvio. Fache vai lá direito.

— Deve conhecer pessoas. Vive aqui.

— Fache vai verificar os meus registrros de telefone e e-mail, interrogar os meus colegas. Os meus contatos estão todos comprometidos. E não vale a pena tentar um hotel, porque todos eles exigem identificação.

Langdon voltou a perguntar a si mesmo se não teria sido melhor arriscar e deixar que Fache o prendesse no Louvre.

— Vamos telefonar para a embaixada. Posso explicar o que se passou e eles mandam alguém nos encontrar em algum lugar.

— Encontrar conosco? — Sophie voltou-se e olhou para ele, como se o achasse louco. — Robert, está sonhando. A sua embaixada não tem jurisdição fora do espaço que ocupa. Mandar alguém buscar-nos equivaleria a ajudar um fugitivo ao governo francês.

Não vai ac ontecer. Se entrar na sua embaixada e pedir asilo temporário, é uma coisa, mas pedir-lhes que ajam contra a Polícia francesa? — Abanou a cabeça. — Telefone para a sua embaixada, e eles aconselham-no a evitar mais

estragos e entregar-se ao Fache.

Depois prometem usar todos os canais diplomáticos para lhe conseguir um julgamento justo. — Lançou um olhar às elegantes fachadas das lojas ao longo dos Champs-Elysées. — Quanto dinheiro tem consigo?

Langdon verificou a carteira.

— Cem dólares e alguns euros. Porquê?

— Cartões de crédito?

— Claro.

Sophie acelerou, e Langdon teve a sensação de que ela estava arquitetando um plano. A frente deles, no fim dos Champs-Elysées, erguia-se o Arco do Triunfo — o tributo de Napoleão ao seu próprio poder militar — rodeado pela maior praça de França, uma enormidade com nove faixas de rodagem.

Os olhos de Sophie estavam mais uma vez no retrovisor enquanto se aproximavam da praça.

— Nós os despistamos, por enquanto — disse —, mas não duramos mais cinco minutos se continuarmos neste carro.

Nesse caso, roube um diferente, pensou Langdon. Já que somos criminosos.

— O que é que vai fazer?

Sophie entrou na praça com os pneus chiando.

— Confie em mim.

Langdon não respondeu. A confiança não o levara muito longe naquela noite.

Puxando para cima a manga do casaco, consultou o relógio — um exemplar de coleção de um relógio de pulso Rato Mickey que os pais lhe tinham dado quando fizera dez anos.

Apesar do ar infantil do mostrador atrair de vez em quando alguns olhares espantados, nunca tivera outro; os desenhos animados de Walt Disney tinham sido o seu primeiro contato com a magia da forma e da cor, e o Rato Mickey servia agora para lhe lembrar todos os dias que devia se manter jovem de coração. Naquele momento, porém, os braços de Mickey estavam inclinados em um estranho ângulo, indicando uma hora igualmente estranha: 2:51.

— Relógio interessante — comentou Sophie, olhando para o pulso enquanto contornava a praça.

— É uma longa história — disse ele, voltando a baixar a manga do casaco.

— Calculo que deva ser. — Dirigiu-lhe um rápido sorriso e saiu da praça, seguindo para norte, afastando-se do centro da cidade. Passou à justa dois sinais verdes, chegou ao terceiro cruzamento e virou à esquerda no Boulevard Malesherbes. Deixaram para trás as ruas sossegadas e orladas de árvores do bairro diplomático e internaram-se em uma sombria zona industrial. Sophie virou bruscamente à esquerda e, instantes depois.

Langdon soube onde estavam. Gare Saint-Lazare.

À frente deles, o terminal ferroviário, com o seu teto de vidro, parecia o bizarro resultado de um cruzamento entre um hangar e uma estufa. As estações de trens europeias nunca dormem. Mesmo àquela hora, havia um a dúzia de táxis parados diante da porta principal. Havia furgões onde se vendia sanduíches e água mineral e grupos de adolescentes de ar desgrenhado que saíam da estação esfregando os olhos e olhando em redor como se tentassem descobrir em que cidade acabavam de c hegar. Um pouco mais à frente, dois agentes da Polícia, de pé no passeio, davam indicações a meia dúzia de desorientados turistas.

Sophie parou o Smart atrás da fila de táxis, na área de estacionamento proibido, apesar de haver fartura de lugares disponíveisno parque do outro lado da rua. Antes que Langdon pudesse perguntar-lhe onde ia, já tinha saído do carro. Correu até à janela do táxi parado à frente deles e começou a falar com o motorista.

Quando desceu do Smart, Langdon a viu entregar ao taxista um grosso maço de notas. O homem assentiu e então, para espanto de Langdon, arrancou sem eles.

— Que aconteceu? — perguntou Langdon, indo juntar-se a Sophie no passeio enquanto o táxi desaparecia.

Sophie já ia a caminho da entrada da estação.

— Venha. Vamos comprar dois bilhetes para o primeiro trem que saia de Paris.

Langdon correu para alcançá-la. O que começara como uma corrida de quilômetro e meio até à embaixada dos Estados Unidos tinha-se transformado

numa evacuação da cidade. Estava gostando cada vez menos da ideia.

C A P Í T U L O 34

O motorista que foi buscar o bispo Aringarosa no Aeroporto Internacional Leonardo da Vinci conduzia um pequeno e vulgar Fiat pr eto.

Aringarosa recordou os tempos em que todos os carros do Vaticano eram grandes automóveis de luxo, com m edalhões nas portas e flâmulas ostentando o brasão da Santa Sé. Esses dias desapareceram para sempre. Os carros do Vaticano eram agora menos ostentosos e só muito raramente usavam qualquer emblema que os distinguisse. O Vaticano afirmava que se tratava de cortar despesas para melhor servir as dioceses, mas Aringarosa suspeitava de que era mais por questões de segurança. O mundo enlouquecera e, em muitos lugares da Europa, anunciar o amor por Jesus Cristo equivalia a pintar um alvo no teto do carro.

Ajeitando a sotaina negra à volta das pernas, Aringarosa instalou-se no banco traseiro do Fiat e preparou-se para a longa viagem até Castel Gandolfo. A mesma que fizera cinco meses antes.A viagem do ano passado a Roma, pensou, com um suspiro. A noite mais longa da minha vida.

Cinco meses antes, o Vaticano telefonara pedindo a sua presença imediata em Roma. Não fora dada qualquer explicação. Os bilhetes estão no aeroporto. A Santa Sé esforçava-se ao máximo por manter um véu de mistério, mesmo face aos escalões mais elevados da hierarquia.

A misteriosa convocação, suspeitara Aringarosa, não passava provavelmente de uma tentativa do Papa e de outros altos funcionários do Vaticano de aproveitarem a carona do mais recente êxito público da Opus Dei: a inauguração da nova Sede Nacional em Nova Iorque. A Architectural Digest chamara ao edifício da organização “um brilhante farol de catolicismo sublimemente integrado na paisagem moderna”, e, ultimamente, o Vaticano parecia atraído por

tudo o que incluísse a palavra moderno.

Aringarosa não tinha outro remédio senão aceitar o convite, ainda que com relutância. Não exatamente um fã da atual administração pontifícia, o bispo Aringarosa, como a maior parte do clero conservador, vira com grande preocupação o novo Papa instalar-se no seu primeiro ano no cargo. Um liberal sem precedentes, Sua Santidade chegara ao papado na sequência de um dos mais controversos e invulgares conclaves da história do Vaticano. Agora, em vez de mostrar humildade face à sua inesperada ascensão, o Santo Padre não hesitava em utilizar todo o poderdo mais alto cargo da cristandade. Aproveitando uma perturbadora vaga de apoio liberal no seio do Colégio Cardinalício, o Papa declarava ser sua missão “rejuvenescer o Vaticano e atualizar o catolicismo, adequando-o ao terceiro milênio”. O que, trocado por miúdos, temia Aringarosa, significava que o homem era na realidade suficientemente arrogante para pensar que podia reescrever as leis de Deus e reconquistar os corações daqueles que achavam que as exigências do verdadeiro catolicismo tinham se tornado muito inconvenientes no mundo atual.

Aringarosa usara todo o seu peso político — muito substancial, considerando o tamanho da congregação da Opus Dei e a

imponência da sua conta bancária —

para tentar persuadir o Papa e os respectivos conselheiros de que suavizar as leis da Igreja era não só uma infidelidade e uma covardia, mas também um suicídio político.

Recordara-lhes que a mais recente “revisão” nas leis da Igreja — o fiasco do Vaticano II — deixara um legado devastador: a frequência das igrejas era agora mais baixa do que nunca, a fonte dos donativos estava secando e não havia sequer padres suficientes para todos os templos.

As pessoas precisam de estrutura e orientação por parte da Igreja, insistia Aringarosa, não de palmadinhas nas costas e indulgência!

Nessa noite, alguns meses depois, quando o Fiat saíra do aeroporto, Aringarosa ficara surpreendido ao verificar que, em vez de estar dirigindo-se ao Vaticano, subia uma sinuosa estrada de montanha em direção a leste.

— Onde vamos? — perguntara ao condutor.

— Para os Montes Albanos — respondera o homem. — A reunião de Vossa Eminência é em Castel Gandolfo.

A residência de Verão do Papa? Aringarosa nunca a vira, nem tinha o mínimo

desejo de vê-la. Além de ser a casa de férias do Papa, a cidadela do século XVI albergava também a Specula Vaticana — o Observatório do Vaticano — um dos mais avançados observatórios astronômicos da Europa. Aringarosa nunca se sentira à vontade com a necessidade histórica que o Vaticano parecia ter de se imiscuir na ciência. Qual era a vantagem de fundir ciênc ia e fé? Era manifestamente impossível a alguém que tivesse fé em Deus praticar uma ciência livre de parcialidades. E a fé não tinha necessidade de qualquer confirmação física das suas crenças.

Seja como for, ali está, pensou, quando Castel Gandolfo surgiu à vista, recortando-se contra um estrelado céu de Novembro. Da estrada de acesso, a cidadela parecia um grande monstro de pedra considerando a hipótese de um salto suicida. Empoleirado na beira de um precipício, o castelo debruçava-se sobre o berço da civilização italiana — o vale onde os Curiazi e os Orazi se tinham batido muito antes da fundação de Roma.

Mesmo em silhueta, Gandolfo era digno de ser visto: um imponente exemplo de arquitectura defensiva, ecoando o poder da sua dramática situação no alto do penhasco.

Infelizmente, como Aringarosa teve então ocasião de ver, o Vaticano estragara tudo construindo sobre os telhados duas enormes cúpulas de alumínio destinadas aos telescópios, fazendo o outrora grave edifício parecer um orgulhoso guerreiro toucado com um par de chapéus de festa.

Quando desceu do carro, um jovem padre jesuíta saiu apressadamente do edifício para o receber.

— Bem-vindo, Eminência. Sou o padre Mangano. Um dos astrônomos do Observatório.

Que bom para você. Aringarosa resmungou um cumprimento e seguiu o seu anfitrião até ao átrio do castelo — um vasto espaço aberto, decorado com uma confusa mistura de arte renascentista e imagens astronômicas.

Continuando a seguir o jovem padre, que subia a ampla escada de mármore travertino, Aringarosa viu sinaisque indicavam caminho para c entros de conferências, anfiteatros e serviços de informações.

Espantou-o pensar que o Vaticano, incapaz de proporcionar diretivas firmes e coerentes que permitissem o crescimento espiritual, arranjava mesmo assim tempo para fazer palestras sobre astrofísica a grupos de turistas.

— Diga-me — perguntou, dirigindo-se ao jovem padre — quando foi que a cauda começou a agitar o cão?

O padre lançou-lhe um olhar de estranheza.

— Eminência?

Aringarosa agitou uma mão, decidindo não se lançar nessa ofensiva particular naquela noite. O Vaticano enlouqueceu. Como um pai preguiçoso que acha mais fácil aceder a todos os caprichos de um filho mimado do que manter-se firme e ensinar valores, a Igreja estava tornando-se cada vez mais m ole, tentando reinventar-se para se adaptar a uma cultura que perdera o norte.

O corredor do último piso era largo, ricamente decorado e apontava uma única direção — umas enormes portas de carvalho com uma placa metálica: *BIBLIOTECA ASTRONÔMICA*

Aringarosa já ouvira falar daquele lugar — A Biblioteca Astronômica do Vaticano —, que se dizia conter mais de vinte e cinco mil volumes, incluindo obras raras de Copérnico, Galileu, Kepler, Newton e Secchi. Alegadamente, era ali que os mais altos funcionários do papado tinham as suas reuniões privadas...

as reuniões que preferiam não ter dentro dos muros da Cidade do Vaticano.

Nunca, enquanto se aproximava das portas, o bispo Aringarosa imaginaria a chocante notícia que ia receber lá dentro, ou a mortal cadeia de acontecimentos que essa notícia ia pôr em movimento. Só uma hora mais tarde, quando saiu aturdido da reunião, compreendeu bem as devastadoras implicações do que acabava de ouvir. Daqui a seis meses!, pensara. Deus nos ajude!

Agora, uma vez mais sentado em um Fiat, o bispo Aringarosa percebeu que tinha os punhos cerrados só de pensar naquela primeira reunião. Abriu as mãos e obrigou-se a inspirar fundo, relaxando os músculos.

Vai correr tudo bem, disse para si mesmo enquanto o carro serpenteava montanha acima. Mesmo assim, desejava intensamente que o celular tocasse.

Porque não me terá o Professor telefonado? Silas já deve ter a Chave de Abóbada em seu poder.

Em um esforço para acalmar os nervos, pensou na ametista púrpura do seu anel episcopal. Tateando a textura da aplicação em forma de mitra e de báculo e as arestas dos diamantes, recordou a si mesmo que aquele anel era o símbolo de

um poder muito inferior àquele que em breve possuiria.

C A P Í T U L O 35

O interior da Gare Saint-Lazare era semelhante ao de qualquer outra estação ferroviária da Europa, um vasto e cavernoso espaço semiaberto povoado pelos suspeitos do costume: sem teto empunhando pedaços de cartão em que anunciavam os seus males e necessidades, grupos de jovens universitários de olhos remelosos dormindo em cima das mochilas ou evadidos de um outro mundo agarrados aos seus consoles portáteis MP3, bagageiros de macacões azuis fumando e conversando encostados às paredes.

Sophie ergueu os olhos para o enorme painel das partidas suspenso do teto.

As finas e compridas placas brancas e pretas rodopiav am velozmente, em uma espécie de onda que vinha de cima para baixo à medida que a informação era atualizada. Terminada a operação, Langdon examinou a lista de ofertas. A primeira linha dizia:

LILLE RAPIDE 3:06

— Seria melhor se partisse mais cedo — murmurou Sophie. Mas Lille vai ter de servir.

Mais cedo? Langdon consultou o relógio. 2:59. O trem partia dentro de sete minutos e ainda nem sequer tinham bilhetes. Sophie guiou-o até à bilheteira e disse:

— Compre dois bilhetes com o seu cartão de crédito.

— Julgava que as utilizações do cartão de crédito podiam ser...

— Exatamente.

Langdon desistiu de tentar acompanhar Sophie Neveu. Usando o cartão Visa, comprou dois bilhetes para o carro-leito e entregou-os a Sophie.

Sophie conduziu-o para as plataformas de embarque. Vindo de cima, o familiar ding-dong eletrônico seguido por uma voz ecoante anunciou a última chamada para Lille.

A frente deles, dezesseis linhas separadas por plataformas de cimento estendiam-se como fitas até desaparecerem na noite. Muito para a direita, na linha número três, o trem com destino a Lille preparava-se para partir, mas Sophie, passando o braço pelo de Langdon, arrastou-o na direção exatamente oposta. Atravessaram apressados um vestíbulo lateral, passando diante de uma cafeteria, e finalmente saíram para uma rua silenciosa no lado oeste da estação.

Junto ao passeio, um taxi solitário parecia esperar, com o motor ligado. O

motorista viu Sophie e fez um sinal de luzes. Sophie saltou para o banco traseiro.

Langdon seguiu-a.

Quando o táxi arrancou, Sophie pegou os bilhetes de trem recem comprados e rasgou-os em pedacinhos pequenos. Langdon suspir ou. Setenta dólares bem gastos.

Só depois do táxi ter entrado em uma monótona velocidade de cruzeiro, seguindo para norte pela Rue de Clichy, é que Langdon se convenceu de que tinha efetivamente escapado. Pela janela, do lado direito, via Montmartre e a bela cúpula do Sacré-Coeur. A imagem foi interrompida pelo relampejar das luzes dos carros da Polícia que passaram por eles na direção oposta.

Langdon e Sophie baixaram a cabeça enquanto o uivo das sirenes se afastava e morria. Sophie limitara-se a dizer ao motorista que s aísse da cidade, e, pela contração determinada do queixo dela, Langdon adivinhou que estava tentando decidir a próxima jogada.

Resolveu voltar a examinar a chave cruciforme, erguendo-a à altura da janela do táxi, aproximando-a dos olhos em um esforço para descobrir quaisquer marcas que indicassem onde fora fabricada. À luz intermitente da rua, nada viu excepto o selo do Priorado.

— Não faz sentido — disse, finalmente.

— Que parte?

— O seu avô se dar a tanto trabalho para fazer chegar as suas mãos uma chave que você não sabe para que serve.

— Concordo.

— Tem certeza de que ele não escreveu mais nada nas costas do quadro.

— Procurei em toda a área. Isso era a única coisa que estavalá. Essa chave, entalada entre a armação e a tela. Vi o selo do Priorado enfiei a chave no bolso e saímos dali para fora.

Langdon franziu a testa, examinando agora a ponta da haste triangular. Nada.

Semicerrando os olhos, aproximou a chave dos olhos e examinou a aresta da pega.

Nada.

— Acho que esta chave foi limpa recentemente.

— Porquê?

— Cheira a álcool.

— Desculpe?

— Cheira como se alguém a tivesse esfregado com um produto de limpeza.

— Langdon levou a chave ao nariz e cheirou-a. É mais forte do outro lado. —

Voltou-a. — Sim, qualquer coisa à base de álcool, como se tivesse sido polida com um limpa-metais ou... — interrompeu-se no meio da frase.

— O quê?

Langdon inclinou a chave para a luz e examinou cuidadosamente a face lisa da pega. Parecia ter pontos brilhantes... como se estivesse úmida.

— Olhou bem para a parte de trás da chave antes de mete-la no bolso?

— O quê? Não, não olhei. Estava com pressa.

Langdon voltou-se para ela.

— Ainda tem a lanterna de luz negra?

Sophie enfiou a mão no bolso e tirou de lá a fina lanterna. Langdon pegou-lhe, acendeu-a e apontou-a para o verso da pega da chav e, Que se pôs instantaneamente a brilhar. Havia ali qualquer coisa escrita. Em uma letra apressada mas legível.

— Bem — disse Langdon, sorrindo —, parece que já sabemos o que era aquele cheiro de álcool.

Sophie estava olhando estupefata para as palavras escritas em púrpura no verso da chave.

Rue Haxo 24

Um endereço! O meu avô escreveu um endereço!

— Onde fica isto? — perguntou Langdon.

Sophie não fazia ideia. Voltando-se para a frente, inclinou-se por cima das costas do banco e perguntou excitadamente ao motorista:

— Connaissez-vous la Rue Haxo?

O homem pensou por um instante, e então assentiu. Disse a Sophie que ficava perto do es tádio de tênis nos arredores ocidentais de Paris. Ela pediu-lhe que os levasse lá imediatamente.

— O caminho mais rápido é pelo Bosque de Bolonha — disse-lhe o motorista em francês. — Pode ser?

Sophie franziu a testa. Normalmente, escolheria um caminho menos escandaloso, mas naquela noite não podia se dar ao luxo de ser esquisita.

— Oui. — Vamos chocar o nosso visitante americano.

Olhou novamente para a chave e perguntou a si mesma o que iriam encontrar no número 24 da Rue Haxo. Uma igreja? Um quartel-general do Priorado? Seu espírito encheu-se de imagens do ritual secreto a que assistira na gruta escavada por baixo da casa do avô, dez anos antes, e deixou escapar um longo suspir o.

— Robert, há montes de coisas que tenho de lhe dizer. — Fez uma pausa, olhando-o nos olhos enquanto o táxi corria para oeste. —

Mas primeiro quero que me conte tudo o que sabe a respeito desse Priorado de Sião.

C A P Í T U L O 36

À entrada da Salle des États, Bezu Fache espumava de raiva enquanto o guarda graduado Grouard lhe explicava como Sophie e Langdon tinham conseguido desarmá-lo.

Porque é que não disparaste através do raio do quadro!

— Capitão! — O tenente Collet corria na direção deles vindo do posto de comando. — Capitão, a notícia chegou agora mesmo. Encontraram o carro da agente Neveu.

— Conseguiu chegar à embaixada?

— Não. Estação ferroviária. Compraram dois bilhetes. O trem acaba de partir.

Fache despediu Grouard com um gesto e levou Collet para um recanto da galeria, dirigindo-se a ele em voz baixa.

— Qual era o destino?

— Lille.

— Provavelmente, um truque para nos despistar. — Fache soprou com força, formulando um plano. — Muito bem, alerte a próxima estação, mande parar e revistar o trem, pelo sim pelo não. Deixe o carro dela onde está e ponha agentes à paisana vigiando-o, para o caso de tentarem recuperá-lo. Mande fazer uma busca nas ruas em volta da estação, para o caso de terem fugido a pé. Há ônibus a partir da estação?

— A esta hora, não. Só táxis.

— Ótimo. Interrogue os motoristas. Descubra se viram alguma coisa. Depois contate a companhia de táxis e mande descrições dos

dois fugitivos para a central. Vou falar com a Interpol.

Collet pareceu surpreendido.

— Vai pôr isto no ar?

Fache lamentava o potencial embaraço, mas não via outra opção. Fechar a rede, e fechá-la com força.

A primeira hora era crítica. Os fugitivos eram sempre previsíveis durante a primeira hora após a fuga. Precisavam sempre da mesma coisa. Distância.

Alojamento. Dinheiro.

A Santíssima Trindade. A Interpol tinha o poder de fazer todas estastrês coisas desaparecerem em um abrir e fechar de olhos. Enviando por fax fotografias de Langdon e de Sophie para as instituições de viagens, hotéis e bancos de Paris, não lhes deixaria a menor chance — não poderiam sair da cidade, não teriam onde se esconder, não teriam maneira de levantar dinheiro sem serem reconhecidos. Regra geral, os fugitivos entravam em pânico e faziam qualquer coisa estúpida. Roubar um carro. Assaltar uma loja. Ou, em desespero de causa, usar um cartão bancário. Fosse qual fosse o erro que cometessem, não tardavam a revelar o seu paradeiro às autoridades locais.

— Só Langdon, certo? — disse Collet. — Não vai denunciar Sophie Neveu.

Ela é um dos nossos.

— Claro que vou denunciá-la! — replicou Fache. — De que serviria denunciar Langdon deixando-a livre para fazer o trabalho sujo? Tenciono passar pente fino no dossiê da Neveu... amigos, família, contatos pessoais... toda as pessoas a quem ela possa pedir ajuda. Não sei o que é que ela pensa que anda fazendo, mas vai custar-lhe muito mais do que o emprego!

— Você me quer no telefones ou no campo?

— No campo. Vá à estação ferroviária e coordene a equipe. Tem o comando, mas não faça nada sem falar comigo.

— Sim, senhor. — E Collet afastou-se correndo.

Fache sentia todo o corpo rígido. Do outro lado da janela, a pirâmide de vidro brilhava, o seu reflexo ondulando na água dos tanques que o vento encrespava.

Escaparam por entre meus dedos, disse a si mesmo para relaxar.

Até um agente com treinamento de campo precisaria de muita sorte para aguentar a pressão que a Interpol ia exercer. Uma criptóloga e um professor?

Não durariam até de manhã.

C A P Í T U L O 37

O parque densamente arborizado conhecido como Bois de Boulogne tinha muitos nomes, mas os cognoscenti parisienses chamavam-lhe

“Jardim das Delícias Terrenas”. A alcunha, parecendo embora lisonjeira, não o era, muito pelo contrário. Quem conhecesse o sombrio quadro de Bosch com o mesmo nome compreendia a ironia; o quadro, como o bosque, era escuro e tortuoso, um purgatório para tarados e fetichistas. À noite, os coleantes caminhos florestais enchiam-se de centenas de corpos de aluguel, delícias terrenas para satisfazer os desejos mais escondidos e inomináveis de todos e de cada um —

homens, mulheres e tudo o que houvesse pelo meio.

Enquanto Langdon organizava os pensamentos para falar a Sophie do Priorado de Sião, o táxi atravessou a entrada do parque e meteu-se pelas ruelas empedradas em direção a oeste. Estava tendo

dificuldade em concentrar-se, porque uma amostra dos residentes noturnos do bosque começava já a emergir das sombras e a ostentar a respectiva mercadoria à luz dos faróis. Um pouco à frente, duas adolescentes de seios nus lançaram olhares escaldantes ao táxi que passava. Atrás delas, um musculoso negro de corpo oleado, vestindo apenas uma espécie de fio-dental, voltou-lhes as costas e flectiu as nádegas. Ao lado, uma belíssima mulher loura levantou a minissaia e mostrou que não era, na realidade, uma mulher.

Deus me ajude! Langdon voltou o olhar para dentro do táxi e inspirou fundo.

— Fale-me do Priorado — pediu Sophie.

Langdon assentiu, incapaz de imaginar um pano de fundo menos adequado à lenda que ia contar. Perguntou a si mesmo por onde começar. A história de irmandade estendia-se por mais de um milênio... uma espantosa crônica de segredos, chantagens, traições e até brutal tortura às mãos de um papa furioso.

— O Priorado de Sião — começou —, foi fundado em Jerusalém, em 1099, por um rei francês chamado Godofredo de Bulhão, imediatamente depois de ter conquistado a cidade.

Sophie assentiu, com os olhos cravados nele.

— Godofredo era alegadamente o detentor de um poderoso segredo... um segredo que a sua família guardava desde os tempos de Cristo. Receando que este segredo se perdesse com a sua morte, fundou uma irmandade secreta... o Priorado de Sião... que encarregou de mantê-lo defendê-lo, transmitindo-o sigilosamente de geração em geração. Durante os anos da sua presença em Jerusalém, o Priorado soube da existência de uma grande quantidade de documentos enterrados sob as ruínas do templo de Herodes, que fora construído sobre os escombros ainda mais antigos do Templo de Salomão. Acreditavam que esses documentos

corroboravam o poderoso segredo de Godofredo e eram tão explosivos que a Igreja não pouparia meios para se apoderar deles.

Sophie parecia pouco convencida.

— Os membros do Priorado juraram que, levasse o tempo que levasse, aqueles documentos tinham de ser resgatados das ruínas do templo e salvaguardados para sempre, para que a verdade nunca morresse. com o objetivo de recuperar os documentos, o Priorado criou um braço militar, um grupo de nove cavaleiros chamados a Ordem dos Pobres Cavaleirosde Cristo e do Templo de Salomão. Langdon fez uma pausa. — Mais vulgarmente conhecidos como Cavaleiros do Templo, ou Templários.

Sophie ergueu os olhos, com uma surpreendida expressão de reconhec imento.

Langdon tinha dado conferências suficientes sobre os Cavaleiros do Templo para saber que não havia praticamente ninguém no mundo que não tiv esse ouvido falar deles, pelo menos no abstrato. Para os acadêmicos, a história dos Templários era um mundo precário em que os fatos, a lenda e a desinformação estavam de tal modo entrelaçados que se tornava quase impossível extrair dali um a verdade clara. Passara até a evitar se referir os Cavaleiros do Templo nas suas conferências, porque isso levava invariavelmente a uma barragem de retorcidas perguntas a respeito das mais variadas teorias de conspiração.

Até Sophie já parecia perturbada.

— Está me dizendo que os Templários foram criados pelo Priorado de Sião

com o objetivo de recuperar uma coleção de documentos secretos? Pensei que os Templários tinham sido criados para defender a Terra Santa.

— Um erro comum. A ideia de proteger os peregrinos era o disfarce que os Templários usavam para levar a cabo a sua missão. O seu verdadeiro objetivo na Terra Santa era recuperar os documentos sepultados sob as ruínas do templo.

— E os encontraram?

Langdon sorriu.

— Ninguém sabe com certeza, mas há um ponto em que todos os acadêmicos estão de acordo: os cavaleiros descobriram qualquer coisa sob as ruínas...

qualquer coisa que os tornou ricos e poderosos além de tudo o que alguém pudesse imaginar.

Expôs rapidamente a Sophie o esboço acadêmico padrão da história aceita dos Templários, explicando como os Cavaleiros estavam na Terra Santa durante a segunda cruzada e explicaram ao rei Balduíno II que se encontravam ali para proteger os peregrinos cristãos que percorriam as estradas. Apesar de não receberem qualquer pagamento e de terem feito voto de pobreza, disseram ao rei que precisavam de um abrigo mínimo, e pediram autorização para se instalarem nos estábulos sob as ruínas do templo. O rei concedeu-lhes o que pediam, e os Cavaleiros estabeleceram uma humilde residência no interior do devastado santuário.

A estranha escolha de alojamento, explicou Langdon, fora tudo menos casual.

Os Cavaleiros acreditavam que os documentos que o Priorado procurava estavam enterrados bem fundo por baixo das ruínas — sob o Santo dos Santos, uma câmara sagrada onde se acreditava que o próprio Deus residira.

Literalmente, o cerne mesmo da fé judaica. Durante quase dez anos, os nove cavaleiros viveram nas ruínas, escavando no mais absoluto segredo a rocha sólida.

Sophie lançou-lhe um olhar.

— E diz que descobriram qualquer coisa?

— Sem a mínima dúvida — respondeu Langdon, e explicou que tinham demorado nove anos, mas que finalmente tinham encontrado aquilo que procuravam. Retiraram o tesouro do templo e voltaram à Europa, onde a sua influência pareceu se solidificar da noite para o dia.

Ninguém sabia com certeza se os Cavaleiros tinham feito chantagem com o Vaticano ou se a Igreja tentara simplesmente comprar-lhes o silêncio, mas a verdade é que o Papa Inocêncio II emitiu de imediato uma bula sem precedentes que conferia aos Cavaleiros poderes ilimitados e os considerava “uma lei em si mesmos” — um exército autônomo, independente de quaisquer interferências de reis ou prelados, fosse ela religiosa ou política.

Com a carta-branca que lhes fora dada pelo Vaticano, os Cavaleiros do Templo cresceram a uma velocidade espantosa, tanto em números como em poder político, adquirindo vastas propriedades em uma dúzia de países.

Começaram a emprestar dinheiro a reis arruinados, cobrando juros, criando assim o moderno sistema bancário e aumentando ainda mais a sua riqueza e influência.

Por volta de 1300, a sanção do Vaticano ajudara os Templários a amassar tanto poder que o Papa Clemente V decidiu que era preciso fazer qualquer coisa.

Em conluio com Filipe IV de França, maquinou um engenhoso plano para esmagar os Templários e apoderar-se dos tesouros da ordem, assumindo deste modo o controle dos segredos com que ameaçavam o Vaticano. Em uma operação militar digna da CIA, o Papa Clemente emitiu ordens seladas que deviam ser simultaneamente abertas pelosseus soldados em toda a Europa na sexta-feira 13 de Outubro de 1307.

Na madrugada dessa sexta-feira, os selos foram quebrados e o espantoso conteúdo das ordens revelado. Na sua car ta, Clemente afirmava que Deus o visitara em uma visão e o avisara de que os Cavaleiros do Templo eram heréticos, culpados de prestar culto ao diabo, de homossexualidade, de profanar a cruz, de sodomia e de outros comportamentos blasfemos. E Deus pedira-lhe então que lavasse a face da Terra arrebanhando todos os Templários e torturando-os até que confessassem os seus pecados contra Ele. A maquiavélica operação de Clemente funcionou com a precisão de um relógio, nesse mesmo dia, inúmeros Cavaleiros foram presos, impiedosamente torturados e finalmente queimados na fogueira como heréticos. Os ecos da tragédia ressoavam ainda na cultura moderna: a sexta-feira 13 passou a ser para sempre considerado um dia de azar.

Sophie parecia confusa.

— Os Cavaleiros do Templo foram eliminados? Pensava que ainda hoje

existiam confrarias de Templários?

— E existem, sob uma grande variedade de nomes. A despeito das falsas acusações de Clemente e de todos os esforços para erradicá-los, os Templários tinham amigos poderosos, e alguns conseguiram escapar às purgas do Vaticano.

O poderoso tesouro documental da ordem, que fora a fonte aparente do seu poder e era o verdadeiro objetivo de Clemente, escapou-se por entre os dedos.

Os documentos tinham sido entregues há muito aos misteriosos arquitetos dos Templários, os membros do Priorado de Sião, que um véu de segredo mantivera a salvo longe do alcance do Vaticano. Ao sentir que o Papa apertava o cerco, o Priorado tinha retirado os documentos do preceptorado onde se encontravam, em Paris, e, de noite, levara-os para barcos dos Templários fundeados em La Rochelle.

— Para onde foram os documentos?

Langdon encolheu os ombros.

— A resposta a essa pergunta só o Priorado de Sião a conhece. Porque os documentos continuam a ser, ainda hoje, objeto de constante investigação e especulação, julga-se que têm sido transferidos de lugar para lugar e escondidos várias vezes. A especulação atual situa-os Em algum lugar no Reino Unido.

Sophie parecia pouco à vontade.

— Durante mil anos — prosseguiu Langdon —, as lendas sobre este segredo têm sido transmitidas de geração em geração. O conjunto dos documentos, o seu poder e o segredo que revelam acabaram por ser conhecidos por um único nome: Sangreal. Foram escritas centenas de livros sobre o tema, e poucos mistérios têm despertado tanto interesse entre os historiadores como o Sangreal.

— O Sangreal? A palavra tem alguma coisa vendo com o francês sang ou o espanhol sangre, que significam “sangue”?

Langdon assentiu. O sangue era a espinha dorsal do Sangreal, mas não do modo que Sophie imaginava.

— A lenda é complicada, mas o que importa recordar é que o Priorado guarda a prova, e está supostamente à espera do momento histórico certo para revelar a verdade.

— Que verdade? Que segredo poderia ser assim tão poderoso?

Langdon deixou escapar um fundo suspiro e olhou através da janela do táxi

para o ventre mole de Paris exposto no meio das sombras.

— A palavra Sangreal é muito antiga. Tem evoluído ao longo dos tempos, transformando-se em um outro termo... um nome mais moderno. — Fez uma pausa. — Quando eu lhe disser esse nome,

perceberá que já sabe muito a respeito dele. Na realidade, praticamente toda as pessoas no mundo inteiro já ouviram a história do Sangreal.

Sophie fez um ar cético.

— Nunca ouvi falar.

— Claro que ouviu. — Langdon sorriu. — Só que está habituada a dar-lhe outro nome: Santo Graal.

C A P Í T U L O 38

Sophie perscrutou o rosto de Langdon no banco traseiro do táxi. Estará brincando?

— Santo Graal?

Langdon assentiu, muito sério.

— Santo Graal é o significado literal de Sangreal. A palavra deriva do francês Sangraal, que evoluiu para Sangreal e acabou por dividir-se em duas, San Greal.

Santo Graal. Sophie ficou surpresa por não ter visto imediatamente a ligação linguística.

Mesmo assim, a afirmação de Langdon continuava a não fazer sentido para ela.

— Pensava que o Santo Graal era uma taça. Acaba de me dizer que o Sangreal é uma coleção de documentos que revelam um temível segredo.

— Sim, mas os documentos do Sangreal são apenas metade do tesouro do Santo Graal. Estão enterrados com o próprio Graal... e revelam o seu verdadeiro significado.

Por isso, por revelarem a verdadeira natureza do Graal, davam tanto poder aos Templários.

A verdadeira natureza do Graal? Sophie sentia-se cada vez mais perdida. O

Santo Graal, sempre pensara, era a taça por onde Jesus bebera durante a Ultima Ceia e onde José de Arimateia posteriormente recolhera o Seu sangue durante a crucifixão.

— O Santo Graal é a Taça de Cristo — disse. — O que é que pode ser mais simples do que isto?

— Sophie — sussurrou Langdon, inclinando-se para ela —, segundo o

Priorado de Sião, o Santo Graal não é uma taça. Afirmam que a lenda do Graal...

de um cálice... é na realidade uma alegoria engenhosamente elaborada. Ou seja, a história do Graal usa o cálice como metáfora para outra coisa, uma coisa muito mais poderosa. — Fez uma pausa.

— Algo que encaixa perfeitamente com tudo o que o seu avô tentou nos dizer esta noite, incluindo todas as suas referências simbológicas ao sagrado feminino.

Ainda insegura, Sophie sentiu no sorriso paciente de Langdon que ele compreendia a sua confusão, embora mantivesse uma expressão grave.

— Mas se o Santo Graal não é uma taça — perguntou —, então o que é?

Langdon já contava com a pergunta, mas nem mesmo assim sabia muito bem como dizer aquilo. Se não apresentasse a resposta no devido contexto histórico, Sophie ficaria com um ar vazio de espanto

e confusão... exatamente a mesma expressão que vira no rosto do seu editor quando, meses antes, lhe mostrara o manuscrito em que estava trabalhando.

— Este manuscrito afirma o quê? — engasgou-se o editor, pousando o copo de vinho e olhando para Langdon por cima do almoço meio comido. — Não pode estar falando sério!

— Suficientemente sério para ter passado um ano a investigá-lo.

John Faukman, um conhecido editor de Nova Iorque, puxou nervosamente pela barbicha. Ouvira sem a mínima dúvida algumas ideias loucas ao longo da sua eminente carreira, mas aquela parecia tê-lo deixado estupefato.

— Robert — disse, finalmente —, não me interprete mal. Gosto muito do seu trabalho e percorremos juntos um longo caminho. Mas se aceito publicar uma ideia como esta, vou ter pessoas fazendo manifestações à porta do meu escritório durante meses. Além disso, dará cabo da minha reputação. Você é um Historiador de Harvard, pelo amor de Deus, não um trapaceiro de esquina à procura de dinheiro fácil. Onde é que vai encontrar provas credíveis em quantidade suficiente para apoiar uma teoria destas?

Com um sorriso tranquilo, Langdon tirou uma folha de papel do bolso do casaco de tweed e entregou-o a Faukman. Continha uma bibliografia com mais de cinquenta títulos — obras de historiadores conhecidos, uns contemporâneos, outros com centenas de anos —, muitos deles bestsellers académicos. Todos os títulos daqueles livros sugeriam a mesma premissa que Langdon acabava de

propor. À medida que lia a lista, Faukman ia adquirindo o ar de alguém que acabasse de descobrir que a Terra era efetivamente plana.

— Conheço alguns destes autores. São... historiadores de verdade!

Langdon sorriu.

— Como vê, Jonas, não é só a minha teoria. Anda por aí há muito tempo.

Estou apenas elaborando com base nela. Nenhum livro, até hoje, explorou a lenda do Santo Graal de um ponto de vista simbológico. As provas iconográficas que tenho descoberto para apoiar a teoria são... bem, espantosamente convincentes.

Faukman continuava olhando para a lista.

— Meu Deus, um destes livros foi escrito por Sir Leigh Teabing... um historiador da British Royal Academy.

— Teabing passou a maior parte da vida estudando o Santo Graal. Falei com ele.

Na realidade, foi em grande parte o meu inspirador. É um crente, Jonas, como todos os outros que fazem parte dessa lista.

—

Está

me

dizendo

que

todos

estes

historiadores

acreditam

verdadeiramente... — Faukman engoliu em seco, aparentemente incapaz de pronunciar as palavras.

Langdon voltou a sorrir.

— O Santo Graal é talvez o tesouro mais procurado de toda a história da humanidade. Engendrou lendas, guerras, buscas que duraram vidas inteiras. Fará sentido que se trate de uma simples taça? Se sim, então com toda certeza outras relíquias deveriam despertar um interesse igual ou ainda maior... a Coroa de Espinhos, a Verdadeira Cruz da Crucifixão, o Titulus..., mas isso não aconteceu.

Ao longo da História, o Santo Graal foi sempre especial. — Langdon sorriu. —

Agora já sabe porquê.

Faukman ainda estava abanando a cabeça.

— Mas com todos estes livros escritos a respeito dela, porque é que a teoria não é mais geralmente conhecida?

— Estes livros não podem competir com séculos de História estabelecida, especialmente quando essa História tem o aval do maior bestseller de todos os tempos.

Faukman abriu muito os olhos.

— Não me diga que o Harry Potter é a respeito do Santo Graal!

— Estava me referindo à Bíblia.

— Eu sei — disse Faukman, fazendo uma careta.

— Lassaste! — O grito de Sophie rasgou o ar dentro do táxi. Largue-o!

Langdon deu um salto quando Sophie se debruçou sobre o banco da frente, gritando com o motorista, que tinha o microfone do rádio na mão.

Sophie voltou-se e meteu a mão no bolso do casaco de Langdon. Antes que ele percebesse o que estava acontecendo, ela já tinha tirado de lá a pistola do guarda do museu e apertava a ponta do cano contra a nuca do taxista. O homem largou imediatamente o rádio e ergueu a mão livre acima da cabeça.

— Sophie! — exclamou Langdon, chocado. — Que diabo...

— Arrêtez! — ordenou Sophie.

Tremendo, o taxista obedeceu, parando o carro e colocando-o em ponto morto. Foi então que Langdon ouviu a voz metálica da despachante da central da companhia saindo do autofalante:

— ...qui s'apelle agent Sophie Neveu, et un américain, Robert Langdon...

Os músculos de Langdon se enrígeceram. Já nos descobriram?

— Descendez — exigiu Sophie.

O trêmulo taxista manteve os braços erguidos acima da cabeça enquanto descia do táxi e recuava vários passos . Sophie tinha baixado o vidro da janela e continuava apontando a arma ao assustado motorista.

— Robert — disse, calmamente. — Passe para o volante. Você dirige.

Langdon não ia discutir com uma mulher que empunhava uma arma. Desceu do carro e sentou-se ao volante. O taxista gritava pragas, com as mãos erguidas acima da cabeça.

— Robert — disse Sophie, do banco traseiro, — suponho que já viu o suficiente da nossa floresta mágica?

Mais ao que o suficiente, pensou ele, assentindo.

— Ótimo. Leve-nos daqui para fora.

Langdon olhou para os comandos do carro e hesitou. Merda. Procurou a alavanca de mudanças e a embreagem.

— Sophie, talvez fosse melhor...

— Vamos! — gritou ela.

Lá fora, várias prostitutas aproximavam-se para ver o que se passava. Uma delas começou a digitar um número no celular. Langdon apertou a embreagem e empurrou a alavanca das mudanças, na esperança de ter engrenado a primeira.

Pisou no acelerador.

Soltou a embreagem. Os pneus guincharam quando o táxi saltou para a frente, com a traseira derrapando de uma maneira que obrigou a multidão a procurar refúgio. A mulher do celular saltou para o meio das árvores, escapando por centímetros a ser atropelada.

— Doucement! — disse Sophie, enquanto o carro guinava aos solavancos pela estrada empedrada. — O que é que está fazendo?

— Tentei avisá-la! — gritou ele, para fazer-se ouvir acima dos protestos da caixa de velocidades. — Estou habituado com carros automáticos!

C A P Í T U L O 39

Por muito sofrimento que o espartano quarto na casa de arenito castanho da Rue La Bruyère tivesse testemunhado, Silas duvidava que qualquer outro se comparasse à angústia que naquele momento lhe torturava o corpo pálido. Fui enganado. Está tudo perdido.

Fora ludibriado. Os irmãos tinham mentido, preferindo a morte a revelar o seu verdadeiro segredo. Silas não se sentia com coragem para telefonar ao Professor. Não só matara as únicas quatro

pessoas que sabiam onde estava escondida a Chave de Abóbada, como também matara uma monja dentro de Saint-Sulpice. Ela trabalhava contra Deus. Zombava do trabalho da Opus Dei!

Um

crime

de

impulso,

a

morte

daquela

mulher

complicava

extraordinariamente toda a questão. O bispo Aringarosa fizera o telefonema que permitira a Silas entrar na igreja; que pensaria o abade quando descobrisse que a freira estava morta? Apesar de Silas ter voltado a deitá-la na cama, a ferida na cabeça era óbvia. Tentara recolocar a laje partida do chão, mas o estrago causado era igualmente óbvio. Saberiam alguém que estivera na igreja.

Silas planejara refugiar-se na Opus Dei quando o seu trabalho ali estivesse terminado. O bispo Aringarosa m e protegerá. Não conseguia imaginar maior felicidade do que uma vida de meditação e oração entre as paredes do quartel-general da Opus Dei em Nova Iorque. Nunca mais voltaria a pôr os pés na rua.

Tudo aquilo de que precisava estava dentro daquele santuário. Ninguém dará pela minha falta. Infelizmente, bem sabia, um homem proeminente como o bispo Aringarosa não podia desaparecer com a mesma facilidade.

Coloquei o bispo em perigo. Silas olhou sem ver para o soalho de madeira, pensando em pôr fim à própria vida. Afinal, fora Aringarosa quem a dera... no pequeno reitorado na Espanha, instruindo-o, dando-lhe um propósito.

— Meu amigo — dissera-lhe Aringarosa —, você nasceu albino. Não permita que os outros te façam ter vergonha disso. Não vê como o torna especial? Não sabia que o próprio Noé era albino?

— Noé da Arca? — Silas nunca ouvira falar disso.

Aringarosa sorrira.

— Sim, Noé da Arca. Como você, tinha uma pele branca como um anjo.

Pense nisso. Noé salvou toda a vida da Terra. Está destinado a grandes coisas, Silas. O Senhor te libertou por uma razão. Foi chamado. O Senhor precisa de você para fazer o Seu trabalho.

Com o tempo, Silas aprendera a ver em si mesmo a uma nova luz. Sou puro.

Branco. Belo. Como um anjo.

No momento, no entanto, naquele quarto da residência, foi a voz do pai que lhe sussurrou, desapontada, do passado. Tu est un désastre. Un spectre.

De joelhos no chão de madeira, Silas rezou pedindo perdão. Então, despindo o hábito, voltou a pegar a Disciplina.

C A P Í T U L O 40

Em luta feroz com a alavanca de mudanças, Langdon conseguiu levar o táxi “desviado” até ao outro lado do Bois de Boulogne deixando o motor apagar apenas duas vezes. Infelizmente, o indesmentível humor da situação era ensombrado pela voz da

despachante da central, que não parava de tentar contatar o táxi pelo rádio.

— Voiture cinq-six-trois. *Ou êtes-vous? Répondez*!

Quando chegou à saída do parque, Langdon engoliu o machismo e pisou o freio.

— É melhor você dirigir.

Sophie pareceu aliviada quando se instalou atrás do volante. Instantes depois, tinham o carro correndo suavemente para oeste ao longo da Avenue Longchamp, deixando para trás o Jardim das Delícias Terrenas.

— Qual é o caminho para a Rue Haxo? — perguntou Langdon, vendo Sophie levar o ponteiro do velocímetro acima dos cem quilômetros/hora.

— O motorista disse que era perto do estádio de tênis Roland Garros —

respondeu ela, sem desviar os olhos da estrada. — Conheço a área.

Langdon voltou a tirar a chave do bolso, sentindo-lhe o peso na palma da mão.

Adivinhava que era um objeto de enorme importância. Muito possivelmente, a chave para a sua própria liberdade.

Momentos antes, enquanto falava a Sophie dos Cavaleiros do Templo, percebera que aquela chave, além de ter gravado o selo do Priorado, tinha uma ligação mais sutil à organização secreta.

A cruz de braços iguais era um símbolo de equilíbrio e harmonia, mas

também dos Templários. Todas as pessoasviram imagens de Cavaleiros do Templo envergando túnicas brancas com uma cruz de

braços iguais. Era verdade que os braços da cruz dos Templários abriam ligeiramente nas extremidades, mas continuavam a ter o mesmo comprimento. Uma cruz quadrada. Como a desta chave.

Langdon sentiu a imaginação pôr-se a correr solta enquanto pensava no que poderiam ir encontrar. O Santo Graal. Quase riu alto face ao absurdo da ideia.

Pensava-se que o Graal se encontrava mm algum lugar na Inglaterra, enterrado em uma câmara secreta por baixo de uma das muitas igrejas dos Templários, onde permanecia escondido desde pelo menos 1500. A era do Grão-Mestre da Vinci.

A fim de garantir a segurança dos poderosos documentos, o Priorado fora obrigado a mudá-los muitas vezes de lugar ao longo dos séculos anteriores. Os historiadores

suspeitavam agora de que passara por seis esconderijos diferentes desde que chegar a à Europa, vindo de Jerusalém. O último “avistamento” do Graal ocorrera em 1447, quando numerosas testemunhas falaram de um incêndio que quase destruíra os documentos antes que pudessem ser postos em segurança dentro de quatro arcas tão grandes que cada uma delas tivera de ser transportada por seis homens. Depois disso, ninguém voltara a afirmar tê-lo visto. Tudo o que restava era rumores dispersos de que estava escondido na Grã-Bretanha, a terra do rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda.

Estivesse onde estivesse, dois fatos importantes permaneciam: Leonardo conhecera a localização do Graal no seu tempo. Esse esconderijo não fora provavelmente alterado até ao presente.

Por isso, os entusiastas do Graal continuavam a examinar sob a lupa a ar te e os diários de da Vinci na esperança de encontrar uma pista escondida que desvendasse a sua atual localização. Havia quem afirmasse que o montanhoso fundo de A Madonna dos Rochedos correspondia à topografia de determinadas colinas crivadas de grutas existentes na Escóc ia. Outros insistiam que a

suspeita disposição dos discípulos em A Ultima Ceia era uma espécie de código. Outros ainda pretendiam que raios-X feito à Mona Lisa revelavam que fora inicialmente pintada c om um pendente de Isis, de lápis-lazúli, no pescoço, pormenor que Leonardo teria mais tarde decidido cobrir. Langdon nunca vira qualquer sinal do

tal pendente, nem conseguia imaginar de que modo poderia ele revelar o esconderijo do Santo Graal, o que não impedia os apaixonados de discutirem ad nauseam em sites e chat-rooms da Internet.

Todas as pessoas adoram uma conspiração. E as cons pirações não paravam de aparecer. A mais recente fora, claro, a tremenda descoberta de que a famosa Adoração dos Magos de da Vinc i escondia um negro segredo por baixo das suas camadas de tinta.

O perito de arte italiano Maurizio Seracini revelara a perturbadora verdade, que o New York Times publicara com destaque sob o título: “O Escândalo Leonardo”.

Seracini provara, sem qualquer sombra de dúvida, que embora o esboço cinzento-esverdeado subjacente da Adoração fosse indiscutivelmente da autoria de da Vinci, a pintura propriamente dita não era. A verdade era que um pintor anônimo qualquer preenchera o esquisso de da Vinci, como um desses quadros de pintar-por-números, anos após a morte do mestre. Muito mais perturbador ainda, no entanto, era o que estava por baixo da pintura do impostor. Fotografias tiradas com reflectografia de infravermelhos e raios-X sugeriam que o desconhecido pintor, ao cobrir o estudo esboçado, introduzira algumas alterações suspeitas ao desenho original... como que para subverter as verdadeiras intenções do autor. Fosse ela qual fosse, a natureza do desenho original nunca chegara a ser tornada pública. Em todo o caso, os embaraçados diretores da galeria dosUffizi, em Florença, tinham imediatamente banido o quadro para um armazém situado do outro lado da rua. Os visitantes que procuravam a Sala Leonardo da galeria passaram a

encontrar estes enganadores e secos dizeres no lugar onde a Adoração estivera exposta:

ESTA OBRA ESTÁ SENDO SUBMETIDA A TESTES DE DIAGNÓSTICO

PREPARATÓRIOS PARA RESTAURAÇÃO.

No bizarro submundo dos modernos procuradores do Graal, Leonardo da Vinci continuava a representar o grande enigma. As suas obras pareciam desejosas de revelar um segredo que no entanto, fosse ele qual fosse, continuava escondido, talvez debaixo de uma camada de tinta, talvez codificado e à vista de todos, ou talvez até inexistente.

Talvez a tantalizante plétora de pistas deixada por da Vinci mais não fosse do que uma promessa vazia destinada a frustr ar os curiosos e a pôr um sorriso nos lábios da Mona Lisa.

— Será possível — perguntou Sophie, tr azendo Langdon de volta ao presente — que essa chave abra o esconderijo do Santo Graal?

A gargalhada de Langdon soou falsa, até a ele.

— Não me parece muito provável. Além disso, acreditasse que o Graal encontra-se Em algum lugar no Reino Unido, não em França.

E contou-lhe abreviadamente a história.

— Mas o Graal parece ser a única conclusão racional — insistiu ela. —

Temos uma chave extremamente segura, marcada com o selo do Priorado de Sião e que nos foi entregue por um membro do Priorado de Sião... uma irmandade que, conforme acaba de me dizer, é a guardiã do Santo Graal.

Langdon sabia que o argumento era lógico, e, no entanto, recusava instintivamente aceitá-lo. Havia rumores de que o Priorado teria

jurado levar um dia o Graal de novo para França, onde repousaria para todo o sempre, mas nenhuma prova histórica indicava que já tivesse feito. E mesmo que o Priorado tivesse conseguido trazer o Graal para França, o número 24 da Rue Haxo, perto de um estádio de tênis, dificilmente par eceria um nobre e condigno lugar de repouso final.

— Sophie, sinceramente, não vejo como possa esta chave ter alguma coisa a ver com o Graal.

— Porque se supoe que o Graal está na Inglaterra?

— Não só por isso. A localização do Santo Graal é um dos segredos mais bem guardados da História. Os membros do Priorado passam décadas provando ser dignos de confiança antes de serem elevados aos escalões mais altos da irmandade e ficarem sabendo onde está o Graal. O segredo é protegido por um intricado sistema de conhecimento compartimentado, e embora a irmandade tenha muitos membros, apenas quatro deles, em certa altura, o conhecem: o Grão-Mestre e os seus três senescais. A probabilidade de o seu avô ser uma dessas quatro pessoas é muito baixa.

O meu avô era um deles, pensou Sophie, pisando no acelerador. Tinha gravada na memória uma imagem que confirmava para além de qualquer dúvida

a posição do avô dentro da irmandade.

— E mesmo que o seu avô pertencesse ao escalão superior, nunca lhe seria permitido revelar fosse o que fosse a alguémfora da irmandade. A ideia de ele a ter chamado para o círculo mais íntimo é inconcebível.

Já estive lá, pensou Sophie, recordando o ritual na caverna. Perguntou a si mesma se teria chegado o momento de falar a Langdon do que tinha visto na casa da Normandia. Durante dez anos, a pura vergonha impedira-a de contá-lo fosse a quem fosse.

Toda ela tremia só de pensar nisso. Ouviu ao longe o uiv o de sirenes, e sentiu um manto de cansaço descer-lhe sobre os ombros.

— Ali está! — exclamou Langdon, excitado, ao ver o complexo do estádio Roland Garros surgir diante deles.

Sophie dirigiu-se para lá. Ao fim de várias passagens, encontraram o cruzamento com a Rue Haxo e m eteram por ela, seguindo na direção dos números mais baixos. A rua tornou-se mais industrial, ladeada de empresas.

Precisamos do número vinte e quatro, disse Langdon para si mesmo, percebendo que estava sondando o horizonte em busca dos campanários de uma igreja. Não seja ridículo. Uma igreja dos Templários esquecida neste bairro?

— É ali — disse Sophie, apontando.

Os olhos de Langdon seguiram a direção do dedo dela.

Que diabo!

Era um edifício moderno. Uma cidadela atarracada, com uma gigantesca cruz quadrada, de néon, encimando a fachada. Por baixo da cruz, as palavras: *BANCO DEPOSITÁRIO DE ZURIQUE*

Langdon ficou contente por não ter partilhado com Sophie as suas esperanças a respeito de uma igreja dos Templários. Um dos riscos do ofício, para os simbologistas, era a tendência para procurar significados ocultos em situações onde eles não existiam.

Naquele caso, esquecera completamente que a pacífica cruz de braços iguais fora adotada com o símbolo ideal para a bandeira da Suíça.

Esse mistério, pelo menos, estava resolvido.

Sophie e Langdon tinham em seu poder a chave de um cofre de depósito de

um banco suíço.

C A P Í T U L O 41

No exterior de Castel Gandolfo, uma corrente de ar frio da montanha subiu pela face da falésia e varreu o topo da escarpa, provocando um arrepio ao bispo Aringarosa no momento em que descia do Fiat. Devia ter vestido mais qualquer coisa além da sotaina, disse ele para si mesmo enquanto dominava o reflexo de tiritar. A última coisa de que precisava naquela noite era parecer fraco ou receoso.

O castelo estava mergulhado na escuridão, exceto as janelas do último piso, que brilhavam ominosamente. A biblioteca, pensou Aringarosa. Estão acordados e à espera.

Baixou a cabeça para enfrentar o vento e avançou, sem olhar sequer para as cúpulas do observatório.

O padre que o esperava à porta parecia ensonado. Era o mesmo que o acolhera cinco meses antes, embora naquela noite o fizesse com muito menos hospitalidade.

— Estávamos preocupados consigo, Eminência — disse o padre, consultando o relógio e parecendo mais perturbado do que preocupado.

— As minhas desculpas. As linhas aéreas são muito pouco fiáveis, nos dias que correm.

O padre murmurou qualquer coisa inaudível, e então disse:

— Esperam-no lá em cima. vou acompanhá-lo.

A biblioteca era uma vasta sala quadrada, forrada de madeira escura do chão ao teto. Em todas as paredes, altas estantes atulhadas de livros. O chão era de mármore com uma orla de

basalto negro, uma bela recordação de que aquele edifício fora em tempos um palácio.

— Bem-vindo, Eminência — disse uma voz de homem do outro lado da sala.

Aringarosa tentou ver quem tinha falado, mas as luzes estavam ridiculamente baixas, muito mais do que na ocasião da sua primeira visita, momento em que toda a sala refulgia. A noite do duro despertar. Naquela noite, os homens que o esperavam sentavam-se na sombra, como se de algum modo se envergonhassem do que ia acontecer.

Aringarosa entrou com passos lentos, quase majestosos. Via as silhuetas dos três homens sentados à comprida mesa, no extremo oposto da sala. A do meio era imediatamente reconhecível: o obeso secretarius vaticana, supervisor de todos os assuntos legais no interior da Cidade do Vaticano. Os outros dois eram importantes cardeais italianos.

Aringarosa atravessou a biblioteca em direção a eles.

— As minhas humildes desculpas pela hora. Somos de zonas horárias diferentes.

Devem estar cansados.

— De modo nenhum — respondeu o secretarius, com as mãos cruzadas sobre a enorme barriga.— Estamos gratos por ter vindo de tão longe. O mínimo que podíamos fazer era estar acordados à sua espera. Podemos oferecer-lhe um café, ou qualquer outro refresco?

— Prefiro que não finjamos que isto é uma visita social. Tenho outro avião para apanhar. Vamos ao assunto?

— Claro — concordou o secretarius. — Agiu mais rapidamente do que esperávamos.

— Sim?

— Ainda tem um mês.

— Deram-me nota das suas preocupações há cinco meses. Porque havia de esperar?

— Sem dúvida. Estamos muito felizes com a sua diligência. Os olhos de Aringarosa percorreram todo o comprimento da mesa até uma grande maleta preta.

— É aquilo que pedi?

— É. — O secretarius parecia pouco à vontade. — Embora tenha de admitir que o seu pedido nos preocupou um pouco. Parece bastante...

— Perigoso — concluiu um dos cardeais. — Tem certeza de que não podemos transferi-lo para um lugar qualquer? A soma é exorbitante.

A liberdade é cara.

— Não tenho preocupações quanto à minha própria segurança. Deus está comigo.

Os três homens fizeram um ar de descarada dúvida.

— Os fundos estão exatamente como os pedi?

O secretarius assentiu.

— Títulos ao portador de alto valor sacáveis sobre o Banco do Vaticano.

Negociáveis como dinheiro em qualquer parte do mundo.

Aringarosa caminhou até ao extremo da mesa e abriu a maleta. Continha dois grossos maços de títulos, todos eles marcados com o

selo do Vaticano e a palavra PORTADORE, o que os tornava convertíveis por quem quer que os detivesse.

O secretarius parecia tenso.

— Devo dizer, Eminência, que todos nós nos sentiríamos menos apreensivos se esses fundos fossem em dinheiro.

Nunca conseguiria transportar tanto dinheiro, pensou Aringarosa, fechando a mala.

— Os títulos são negociáveis como dinheiro. O senhor mesmo o disse.

Os cardeais trocaram um olhar embaraçado e, finalmente, um deles disse:

— Sim, mas esses títulos podem ser diretamente associados ao Banco do Vaticano.

Aringarosa sorriu para dentro. Fora precisamente por isso que o Professor lhe sugerira que obtivesse o dinheiro em títulos do Banco do Vaticano. Era como uma apólice de seguro. Agora estamos todos metidos nisto.

— Trata-se de uma transação per feitamente legal — argumentou. — A Opus Dei é uma prelatura pessoal da Cidade do Vaticano, e Sua Santidade pode distribuir dinheiro como melhor lhe parecer. Não foi aqui violada qualquer lei.

— É verdade, e no entanto... — O secretarius inclinou-se para a frente, e a cadeira rangeu sob o peso. — Não temos qualquer conhecimento do que tenciona fazer com esses fundos, e se for de algum modo ilegal...

— Consider ando o que me pedem — replicou Aringarosa —, o que eu fizer com este dinheiro não é da sua conta.

Seguiu-se um longo silêncio. Eles sabem que eu tenho razão, pensou Aringarosa.

— Muito bem, suponho que têm qualquer c oisa para eu assinar?

Sobressaltaram-se os três, empurrando uma folha de papel na direção dele, como se estivessem desejosos de vê-lo partir.

Aringarosa olhou para o papel que tinha à sua frente. Ostentava o selo do Papa.

— É igual à cópia que me enviaram?

— Exatamente.

Aringarosa ficou surpreendido por sentir tão pouca emoç ão ao assinar o documento. Os três homens presentes, pelo contrário, como que suspiraram de alívio.

— Obrigado, Eminência — disse o secretarius. — Os seus serviços à Igreja nunca serão esquecidos.

Aringarosa pegou a maleta, sentindo a promessa de autoridade no seu peso.

Os quatro homens olharam uns para os outros por um momento, como se houvesse mais alguma coisa a dizer, mas aparentemente não havia.

— Eminência? — chamou um dos cardeais quando Aringarosa chegou à porta.

Aringarosa deteve-se, fazendo meia volta.

— Sim?

— Para onde vai agora?

Aringarosa sentiu que a pergunta era mais espiritual do que geográfica, mas não tinha a mínima intenção de discutir moral àquela hora.

— Para Paris — disse, e saiu.

C A P Í T U L O 42

O Banco Depositário de Zurique era um *Geldshrankbank* que funcionava vinte e quatro horas por dia, oferecendo aos seus clientes toda a gama de serviços bancários anônimos na mais pura tradição das contas numeradas suíças. Com escritórios em Zurique, Kuala Lumpur, Nova Iorque e Paris, o banco expandira recentemente os seus serviços à área da guarda e transferência de valores por meios informáticos e ao apoio computadorizado.

A nata da operação era, de longe, a mais antiga e sim ples das suas várias ofertas — os anonyme Lager —, ou seja, os cofres anônimos. Os clientes que desejassem guardar fosse o que fosse, desde certificados de ações a quadros valiosos, podiam depositar os seus bens anonimamente, através de uma série de véus de privacidade de alta-tecnologia, e levantá-los a qualquer momento, também no mais absoluto anonimato.

Quando Sophie parou o táxi, Langdon estudou a discreta arquitetura do edifício e sentiu que o Banco Depositário de Zurique era uma firma com muito pouco sentido de humor. O que via à sua frente era um paralelepípedo sem janelas que parecia ter sido inteiramente moldado em aço, um enorme tijolo de metal um pouco recuado em relação à rua e com uma cruz de braços iguais com quatro metros e meio de altura coroando a fachada.

A reputação de segredo em termos bancários de que a Suíça gozava acabara por tornar-se uma das exportações mais lucrativas do país. Instalações como aquela eram motivo de controvérsia entre a comunidade artística porque proporcionavamum esconderijo perfeito onde os ladrões de arte podiam es conder o produto dos seus roubos, durante anos se necessário, até as cois as acalmarem.

uma vez que os depósitos estavam protegidos da investigação policial pelas leis do sigilo bancário e ligados a contas numeradas e não a nomes,

os ladrões podiam dormir descansados sabendo que os bens roubados estavam em segurança e que nada os relacionava com eles.

Sophie par ou o táxi diante do imponente portão que fechava o caminho de acesso ao banco: uma rampa de cimento que desaparecia no subsolo do edifício.

Uma câmara de vídeo, situada bem alto na parede, apontava diretamente para eles, e Langdon teve a sensação de que, ao contrário das do Louvre, aquela era autêntica.

Sophie baixou a janela e observou a caixa eletrônica do lado do condutor. Um visor LCD dava indicações em sete línguas, a primeira das quais era o inglês.

INSIRA A CHAVE

Sophie tirou do bolso a chave cinzelada a laser e voltou a dar atenção à caixa.

Por baixo do visor havia um buraco triangular.

— Alguma coisa me diz que vai servir — observou Langdon.

Sophie alinhou a haste triangular da chave e introduziu-a, fazendo-a deslizar até o fundo. Aparentemente, aquela c have não precisava ser virada. No mesmo instante, o portão começou a abrir-se. Sophie tirou o pé do freio e deixou o carro descer até um segundo portão e uma segunda caixa. Atrás deles, o primeiro portão fechou-se, encurralando-os como um barco em uma comporta. Langdon detestou a sensação de estar preso. Esperemos que este segundo portão também funcione.

O visor da segunda caixa apresentou uma instrução já familiar:
INSIRA A CHAVE

Logo que Sophie inseriu a chave, o segundo portão abriu-se. Momentos depois, desciam a rampa em espiral a caminho das entranhas do edifício.

A garagem privada era pequena e escura, com espaço para cerca de uma dúzia de carros. Langdon viu, no extremo oposto, a entrada pr incipal do banco. Uma passadeira vermelha, estendida sobre o cimento, conduzia os visitantes a uma grande porta que parecia feita de sólido metal.

Por falar em mensagens dúbias, pensou Langdon. Bem-vindo e não pense em entrar. Sophie estacionou o táxi no espaço mais próximo da porta e desligou o

motor.

— É melhor deixar a arma aqui — disse.

Com todo o prazer, pensou Langdon, enfiando a pistola debaixo do banco.

Avançaram os dois pela passadeira vermelha em direção à placa de metal. A porta não tinha puxador, mas na parede ao lado, havia outro buraco triangular.

Desta vez, não apareceram quaisquer instruções.

— Deve ser para desencorajar os que têm dificuldade em aprender —

comentou Langdon.

Sophie riu, parecendo nervosa.

— Bom, aqui vamos nós — disse, e inseriu a chave no orifício. A porta abriu para dentro, com um leve zumbido. Trocando um olhar,

Sophie e Langdon entraram. A porta fechou-se atrás dele, com um baque surdo.

O Banco Depositário de Zurique ostentava uma das mais imponentes decorações que Langdon alguma vez vira. Enquanto a maior parte dos bancos se contentava com o habitual mármore polido e o granito, aquele optara por metal e rebites de parede a parede.

Quem será o decorador deles?, perguntou Langdon a si mesmo. A Allied Steel?

Sophie parecia igualmente intimidada enquanto percorria o vestíbulo com o olhar.

O metal cinzento estava por todo o lado: no chão, nas paredes, nos balcões, nas portas: até as cadeiras pareciam ter sido feitas de aço moldado. Em todo o caso, o efeito era impressionante. E a mensagem clara: está entrando em um cofre.

Um homem alto e corpulento, atrás do balcão, olhou para eles quando entraram.

Desligou o pequeno televisor que estivera vendo e acolheu-os com um agradável sorriso.

Apesar dos músculos enormes e da arma que usava ostensivamente à cinta, a sua voz soou com toda a delicada cortesia de um mandarete suíço.

— *Bonsoir* — disse. — Em que posso ajudá-los.

O acolhimento bilingue era o mais recente truque de hospitalidade do anfitrião europeu. Não fazia qualquer assunção e deixava ao convidado plena

liberdade de responder na língua em que se sentisse mais à vontade.

Sophie não respondeu em nenhuma das duas. Limitou-se a pôr a chave em cima do balcão, à frente do homem. O sujeito olhou para a chave e pôs-se imediatamente mais direito.

— Com certeza. O seu elevador é no fundo do corredor. Vou av isar alguém de que estão a caminho.

Sophie assentiu e recuperou a chave.

— Que piso?

— A chave dá essa informação ao elevador.

Ela sorriu.

— Ah, sim.

O guarda ficou vendo os dois recém-chegados avançarem até ao elevador, inserirem a chave, entrarem na cabina e desaparecerem. Mal a porta se fechou, pegou o telefone. Não ia avisar ninguém da chegada deles. Um dos funcionários dos cofres fora já automaticamente alertado quando Sophie introduzira a chave na caixa eletrônica junto ao primeiro portão.

Estava ligando para o gerente noturno. Enquanto ouvia o sinal de chamada, voltou a ligar o televisor e olhou para ele. A notícia que tinha estado seguindo chegava ao fim.

Não tinha importância. Lançou um novo olhar aos dois rostos que apareciam na tela.

— Oui — disse o gerente.

— Surgiu um pequeno problema.

— Qual problema?

— A Polícia francesa procura dois fugitivos.

— E então?

— Acabam ambos de entrar no banco.

O gerente praguejou entredentes.

— Okay. vou contatar monsieur Vernet imediatamente.

O guarda desligou e fez uma segunda chamada. Esta para a Interpol.

Langdon ficou surpreso ao sentir que o elevador ia para baixo em vez de para

cima. Não fazia a mínima ideia de quantos pisostinham descido no subsolo do Banco Depositário de Zurique quando a porta finalmente se abriu. Nem lhe interessava. Estava feliz por se encontrar fora do elevador.

Em uma impressionante demonstração de eficiência, estava alguém à espera para recebê-los. Era um senhor já de idade e aspecto agradável, vestindo um impecável terno de flanela que o fazia parecer estranhamente deslocado — um bancário dos velhos tempos no mundo da alta-tecnologia.

— Bonsoir — disse o homem. — Boa noite. Tenham a bondade de seguir-me, s'il vous plait. — E, sem esperar por uma resposta, rodou sobre os calcanhares a afastou-se a passo rápido por um estreito corredor.

Langdon e Sophie percorreram atrás dele uma série de corredores, passando diante de grandes salas cheias de computadores.

— *Voici* — disse o homem, detendo-se diante de uma porta de aço e abrindo-a. — Aqui estamos.

Langdon e Sophie entraram em outro mundo. A pequena divisão parecia a luxuosa sala de estar de um bom hotel. Os painéis de metal e os rebites eram ali substituídos por tapetes orientais, móveis

de carvalho escuro e cadeiras almofadadas. Sobre a grande mesa que ocupava o meio da sala havia dois copos e uma garrafa aberta de Perrier, cujas bolhinhas ainda borbulhavam. Ao lado, fumegava uma cafeteira de café. Precisão, pensou Langdon, é com os Suíços.

O homem dirigiu-lhes um sorriso cheio de compreensão.

— Deduzo que esta é a sua primeira visita?

Sophie hesitou um instante, e acabou por assentir.

— Compreendo. As chaves são com frequência deixadas em herança e quem as usa pela primeira vez não tem invariavelmente muito certeza do protocolo. —

Fez um gesto na direção da mesa e das bebidas. — Esta sala é sua enquanto desejarem usá-la.

— Diz que as chaves são por vezes herdadas? — perguntou Sophie.

— Sem dúvida. A sua chave é como as contas numeradas dos bancos suíços, que chegam a ser transmitidas de geração em geração. No caso das nossas contas douradas, o prazo mínimo de aluguel de um cofre é de cinquenta anos. Pago adiantado.

Por isso é natural que assistamos a muita rotação familiar.

Langdon estava olhando embasbacado para ele.

— Disse cinquenta anos?

— No mínimo. É, evidentemente, possível estabelecer prazos muito mais dilatados, mas, não havendo instruções em contrário, se a conta não registrrar qualquer movimento durante cinquenta anos o conteúdo do respectivo cofre é automaticamente destruído.

Desejam que explique o processo de acesso ao seu cofre?

— Sim, por favor — anuiu Sophie.

O homem abarcou o salão com um amplo gesto do braço.

— Esta é a sua sala privada. Depois que eu sair, poderão demorar todo o tempo de que necessitarem para rever ou alterar o conteúdo do seu cofre, que chega... por aqui. — Levou-os até à extremidade mais distante, onde um largo tapete rolante entrava na sala descrevendo uma graciosa curva, vagamente semelhante ao carrossel da bagagem em um aeroporto. — Inserem a sua chave aqui nesta ranhura... — Indicou uma grande caixa eletrônica situada em frente do tapete e que apresentava o já familiar orifício triangular. — Depois do computador ter confirmado as marcas da chave, introduzem o seu número de conta, o cofre é retirado por um robô do cofre central, por baixo de nós, e trazido até aqui.

Quando terminarem, voltam a colocar o cofre no tapete rolante, inserem a chave e o processo é invertido. Uma vez que é tudo automatizado, a privacidade está garantida, mesmo relativamente ao pessoal do banco. Se precisarem de alguma coisa, basta apertar o botão de chamada ali na mesa.

Sophie preparava-se para perguntar qualquer coisa quando um telefone tocou.

O homem pareceu confuso e embaraçado.

— Desculpem-me, por favor. — Dirigiu-se ao telefone, pousado em cima da mesa ao lado do café e da Perrier.

— Oui? — respondeu.

Franziu o sobrolho enquanto ouvia o que lhe diziam do outro lado.

— Oui... oui... d’accord. — Desligou e dirigiu-lhes um sorriso contrafeito. —

Lamento, tenho de deixá-los agora. Fiquem à vontade. — Avançou rapidamente para a porta.

— Desculpe — chamou Sophie. — Poderia esclarecer uma coisa antes de ir?

Falou em introduzir um número de conta.

O homem deteve-se junto da porta, parecendo pálido.

— Mas com certeza. Como acontece na maior parte dos bancos suíços, os nossos cofres de depósito estão associados a um número, não a um nome. O

cliente tem uma chave e um número pessoal de conta que só ele conhece. A chave é apenas metade da identificação. O número de conta é a outra metade.

Caso contrário, se perdessem a chave, qualquer pessoa poderia usá-la.

Sophie hesitou.

— E se o meu benfeitor não me tivesse dado qualquer número de conta?

O homem sentiu o coração bater com mais força. Nesse caso, obviamente nada teriam que fazer aqui! Dirigiu-lhes um calmo sorriso.

— Vou pedir a alguém que os ajude. Estará aqui dentro de momentos.

Ao sair, rodou uma pesada fechadura, trancando-os lá dentro.

No outro extremo da cidade, Collet estava na Gare Saint-Lazare quando o celular tocou. Era Fache.

— A Interpol recebeu uma informação — disse. — Esqueça o trem. Langdon e Neveu acabam de entrar na filial parisiense do Banco Depositário de Zurique.

Siga imediatamente para lá com os seus homens.

— Alguma pista a respeito do que o conservador Saunière estava tentando dizer à agente Neveu e a Robert Langdon?

O tom de Fache foi gelado.

— Se os prender, tenente Collet, eu perguntarei pessoalmente.

Collet percebeu a deixa.

— Rue Haxo, número vinte e quatro. É para já, capitão.

Desligou o celular e chamou os seus homens pelo rádio.

C A P Í T U L O 43

André Vernet, presidente da filial francesa do Banco Depositário de Zurique, vivia em um luxuoso apartamento em cima do próprio banco. Mal-grado o conforto dos aposentos, sempre sonhara ser dono de um apartamento à beira-rio na Ile Saint-Louis, onde poderia ombrear com os verdadeiros cognoscenti, e não ali, onde apenas encontrava os podres de ricos.

Quando me aposentar, dizia Vernet para si mesmo, vou encher a minha adega de bordéus raros, decorar a minha sala com um Fragonard e talvez um Boucher, e passar os meus dias procurando mobílias antigas e livros raros no Quartier Latin.

Naquela noite, Vernet fora acordado havia apenas seis minutos e meio.

Mesmo assim, enquanto percorria apressadamente os corredores subterrâneos do banco, era como se o seu alfaiate e o seu cabeleireiro particulares tivessem passado horas a poli-lo para lhe

dar aquele brilho. Impecavelmente vestido com um terno de seda, vaporizou a boca com um spray refrescante e ajeitou a gravata enquanto andava. Habituado a ser acordado a qualquer hora para atender clientes internacionais vindos das mais diversas zonas horárias, modelara os seus hábitos de sono pelos dos guerreiros massais, a tribo africana famosa pela sua capacidade de passar, em uma questão de segundos, do sono mais profundo para um estado de total prontidão para o combate.

Prontidão para o combate, pensou, receando que a comparação pudesse vir a revelar-se naquela noite incaracteristicamente adequada. A chegada de um cliente de chave de ouro exigia sempre uma atenção especial, mas a chegada de um cliente de chave de ouro que era procurado pela Polícia Judiciária significava uma situação extremamente delicada. O banco já tinha conflitos suficientes comas forças da ordem por causa do direito dos seus clientes ao sigilo mesmo

sem provas de que alguns deles eram criminosos.

Cinco minutos, disse Vernet a si mesmo. Quero essa gente fora do meu banco antes que a Polícia chegue.

Se agisse rapidamente, o desastre iminente poderia ainda ser evitado. Vernet poderia dizer à Polícia que os fugitivos tinham de fato entrado no banco, mas por não serem clientes e não terem um número de conta, os tinha mandado embora.

Bem desejava que o maldito guarda não tivesse ligado para a Interpol. A discrição não fazia aparentemente parte do vocabulário de um segurança pago a 15 Euros por hora.

Detendo-se diante da porta, inspirou fundo e descontraiu os músculos. Então, forçando um sorriso radioso, abriu a porta e entrou na sala como uma brisa primaveril.

— Boa noite — disse, ao avistar os seus clientes. — Chamo-me André Vernet. Em que posso ser ú... — O resto da frase ficou

entalada Em algum lugar por baixo da maçã de Adão. A mulher que tinha à sua frente era a visitante mais inesperada que alguma vez recebera.

— Desculpe, não nos conhecemos? — perguntou Sophie. Não reconhecia o banqueiro, mas, por um instante, fora como se tivesse visto um fantasma.

— Não... — tartamudeou o presidente do banco. — Não... creio. Os nossos serviços são anônimos. — Deixou escapar o ar dos pulmões e forçou um calmo sorriso. — O meu assistente me disse que têm uma chave de ouro mas não um número de conta? Posso perguntar como entraram na posse dessa chave.

— Meu avô me deixou a chave — respondeu Sophie, observando atentamente o homem, cuja atrapalhação era cada vez mais evidente.

— Palavra? O seu avô lhe deu a chave mas esqueceu-se de dar-lhe o número da conta?

— Julgo que não teve tempo — disse Sophie. — Foi assassinado esta noite.

Estas palavras fizeram o banqueiro recuar um passo, cambaleante.

— Jacques Saunière está morto? — perguntou, com os olhos enchendo-se de horror.

— Mas... como?

Foi a vez de Sophie estremecer, aturdida pelo choque.

— Conhecia o meu avô?

André Vernet parecia tão aturdido como ela. Endireitou-se, apoiando-se à beira da grande mesa.

— Eu e Jacques éramos velhos amigos. Quando foi que isso aconteceu?

— Por volta das onze da noite, dentro do Louvre.

Vernet dirigiu-se a um fundo sofá de couro e deixou-se cair nele.

— Tenho de fazer aos dois uma pergunta extremamente importante. — Olhou para Langdon e depois de novo para Sophie. — Algum dos dois teve alguma coisa a ver com essa morte?

— Não! — respondeu Sophie. — Absolutamente não!

O rosto de Vernet ficou sombrio. Fez uma pausa, para pensar.

— A Interpol difundiu as suas fotografias. Foi assim que os reconheci. São procurados por assassinato.

Sophie deixou descair os ombros. Fache já contatou a Interpol? O capitão estava, aparentemente, mais motivado do que ela esperara. Explicou rapidamente a Vernet quem era Langdon e o que acontecera dentro do Louvre naquela noite.

Vernet parecia espantado.

— E o seu avô, antes de morrer, deixou-lhe uma mensagem dizendo que procurasse o senhor Langdon?

— Sim. E esta chave. — Sophie pousou a chave de ouro na mesa de café diante de Vernet, com o selo do Priorado voltado para baixo.

Vernet olhou para a chave, mas não fez menção de tocá-la.

— Deixou-lhe apenas esta chave? Nada mais? Nenhum pedaço de papel?

Sophie sabia que estivera cheia de pressa dentro do Louvre, mas estava certa de que não havia mais nada escondido atrás da Madonna dos Rochedos.

— Não. Só a chave.

Vernet deixou escapar um suspiro de impotência.

— Todas as chaves estão eletronicamente associadas a um número de conta com dez dígitos que funciona como password. Sem o número, essa chave é inútil.

Dez dígitos. Sophie calculou relutantemente as probabilidades criptográficas.

Dez bilhões de escolhaspossíveis. Mesmo que pudesse usar os mais potentes computadores de processamento em rede da DCPJ, precisaria de semanas para decifrar o código.

— Certamente, monsieur, considerando as circunstâncias, poderá ajudar-nos.

— Lamento. Não há verdadeiramente nada que eu possa fazer. Os clientes escolhem o número de conta através de um terminal seguro, o que significa que esse número só é conhecido pelo titular e por um computador. É uma maneira de garantir o anonimato. E a segurança dos nossos empregados.

Sophie compreendeu. As lojas de conveniência faziam a mesma coisa, os EMPREGADOS NÃO TÊM A CHAVE DO COFRE. O banco não queria obviamente correr o risco de alguém roubar uma chave e então tomar um empregado como refém para obter o número da conta correspondente.

Sentou-se ao lado de Langdon, baixou os olhos para a chave e voltou a erguê-los para Vernet.

— Faz alguma ideia do que o meu avô tinha guardado no seu banco?

— Nenhuma. É essa a definição de um banco Geldschrank.

— Monsieur Vernet — insistiu ela —, o nosso tempo esta noite é escasso. vou ser muito direta, se me permite. — Estendeu a mão para a chave de ouro e voltou-a, perscrutando os olhos do homem no momento em que revelava o selo do Priorado de Siao. — O símbolo que está nesta chave significa alguma coisa para o senhor?

Vernet olhou para a flor-de-lis e não teve qualquer reação.

— Não, mas muitos dos nossos clientes mandam gravar logotipos de empresas ou iniciais nas suas chaves.

Sophie suspirou, continuando a v igiá-lo atentamente.

— Este selo é o símbolo de uma sociedade secreta conhecida como Priorado de Sião.

Mais uma vez, Vernet não mostrou qualquer reação.

— Não sei nada disso. Eu e o seu avô éramos amigos, mas falávamos sobretudo de negócios. — O homem ajustou a gravata, parecendo agora um pouco nervoso.

— Monsieur Vernet — voltou Sophie à carga, em tom firme. — O meu avô telefonou-me esta noite e disse-me que eu corria um grave perigo. Disse que tinha uma coisa para me dar. Deu-me uma chave do seu banco. Agora está morto. Tudo o que possa dizer-nos será uma grande ajuda.

Vernet começou a suar.

— Têm de sair do edifício. Receio que a Polícia não tarde a chegar. O nosso guarda sentiu que devia avisar a Interpol.

Sophie receara isso mesmo. Fez uma última tentativa.

— Meu avô disse-me que tinha de contar-me a verdade a respeito da minha família.

Isto significa alguma coisa para você?

— Mademoiselle, a sua família morreu em um acidente quando era ainda muito jovem. Lamento. Sei que o seu avô a amava muito. Disse-me diversas vezes como o entristecia o fato de os dois terem deixado de se falar.

Sophie ficou sem saber como responder.

— O conteúdo desta conta tem alguma coisa a ver com o Sangreal? —

perguntou

Langdon, inesperadamente.

Vernet lançou-lhe um olhar estranho.

— Não faço ideia do que isso possa ser. — E, nesse instante, o celular tocou.

Vernet arrancou-o do cinto. — Oui. — Escutou por um instante, com uma expressão de surpresa e crescente preocupação. — La police? Si rapidement! —

Praguejou, deu algumas instruções em francês e disse que estaria no vestíbulo dentro de um minuto.

Desligando o telefone, voltou-se para Sophie.

— A Polícia respondeu muito mais rapidamente do que é habitual. Estão chegando.

Sophie não tinha a mínima intenção de sair dali de mãos abanando.

— Diga-lhesque já fomos embora. Se quiserem revistar o banco, exija um mandato de busca. Isso vai atrasá-los.

— Ouça — disse Vernet —, Jacques Saunière era meu amigo, e o meu banco não precisa deste tipo de publicidade. Por essas duas razões, não tenciono permitir que sejam detidos aqui dentro. Deem-

me um minuto, e verei o que posso fazer para ajudá-los a sair sem serem vistos. Não posso envolver-me mais do que isso. — Pôs-se de pé e dirigiu-se rapidamente à porta.— Fiquem aqui.

Vou tratar disto e volto já.

— Mas, e o cofre de depósito? — protestou Sophie. — Não podemos ir

embora.

— Não posso fazer nada. — Vernet abriu a porta. — Lamento muito —

acrescentou, antes de sair.

Sophie ficou olhando para a porta por um instante, perguntando a si mesma se o número da conta não estaria enterrado no monte de cartas e embrulhos que o avô lhe mandara ao longo dos anos e que ela nunca chegara a abrir.

Subitamente, Langdon pôs-se de pé, e Sophie viu-lhe nos olhos um inesperado brilho de contentamento.

— Robert? Está sorrindo.

— O seu avô era um gênio.

— Desculpe?

— Dez dígitos?

Sophie não fazia ideia de que ele estava falando.

— O número da conta — explicou Langdon, com o familiar sorriso torcido estampado no rosto. — Tenho certeza de que ele o deixou, Afinal.

— Onde?

Langdon tirou do bolso a fotografia do local do crime e abriu-a em cima da mesa de café. Bastou a Sophie ler a primeira linha para saber que ele tinha razão.

13-3-2-21-1-1-8-5

O, Draconian devil!

Oh, lame saint!

P.S. Find Robert Langdon

C A P Í T U L O 44

— Dez dígitos — disse Sophie, com todos os seus sentidos de criptóloga vibrando enquanto olhava para o papel.

13-3-2-21-1-1-8-5

O *grand-père* escreveu o número da conta no chão do Louvre!

Quando vira pela primeira vez a sequência Fibonacci alterada escrita no soalho, Sophie assumira que o seu único objetivo era encorajar a DCPJ a chamar os criptólogos e envolvê-la no assunto. Mais tarde, descobrira que os números eram também uma pista para decifrar outras linhas: uma sequência fora de ordem... um anagrama numérico.

Agora, absolutamente estupefata, via que os números tinham um significado ainda mais importante. Eram, quase com certeza, a chave final para abrir o misterioso cofre do avô.

— O meu avô era um mestre dos duplos-sentidos — disse, voltando-se para Langdon. — Adorava tudo o que tivesse múltiplas camadas de significado.

Códigos dentro de códigos.

Langdon já estava a caminho da caixa eletrônica junto do tapete rolante.

Sophie pegou a foto do computador e seguiu-o. A caixa tinha um teclado numérico semelhante ao dos terminais ATM. O visor mostrava o logotipo cruciforme do banco. Ao lado do teclado, havia um orifício triangular. Sem perder mais tempo, Sophie inseriu a chave no orifício.

O visor mudou instantaneamente.

CONTA NÚMERO

O cursor piscava, à espera.

Dez dígitos.

Sophie leu os números, e Langdon teclou-os.

CONTA NÚMERO

1332211185

Quando acabou de teclar o último algarismo, o teclado voltou a mudar.

Apareceu uma mensagem em várias línguas. Mais uma vez, o inglês era a primeira.

ATENÇÃO

Antes de apertar Enter, verifique, por favor, se o número de conta está correto. Para sua própria segurança, se o computador não reconhecer o número de conta, o sistema se desligará automaticamente.

— Fonction terminer — disse Sophie, de testa franzida. — Parece que só temos direito a uma tentativa. — As caixas automáticas

permitem aos utilizadores três tentativas de introdução do PIN antes de “engolirem” o cartão.

Aquela não era, muito claramente, uma caixa automática comum.

— O número está certo — disse Langdon, comparando cuidadosamente o que tinha teclado com o que estava no papel. Apontou para a tecla ENTER. —

Aperte.

Sophie estendeu o dedo para o teclado, mas hesitou. Acabava de ter um estranho palpite.

— Depressa — incitou-a Langdon. — Vernet não demora.

— Não — disse ela, retirando a mão. — Não é este o número certo.

— Claro que é! Dez dígitos. Que outra coisa podia ser?

— É muito aleatório.

— Muito aleatório? — Langdon não podia estar mais em desacordo. Todos os bancos aconselhavam os respectivos clientes a escolher PIN aleatórios, para que ninguém pudesse adivinhá-los.

Com certeza que, ali, os clientes seriam aconselhados a escolher números de conta aleatórios.

Sophie apagou tudo o que tinham teclado e olhou para Langdon, com uma expressão de certeza no rosto.

— O fato de este número de conta supostamente aleatório poder ser rearranjado de modo a formar a sequência de Fibonacci é muita coincidência.

Langdon percebeu que ela tinha razão. Horas antes, Sophie redispusera aquele número de conta para formar a sequência Fibonacci. Quais eram as probabilidades de uma coisa dessas

acontecer? Sophie aproximou-se do teclado, introduzindo um número diferente, como se o soubesse de cor.

— Além disso, considerando a paixão do meu avô por simbolismos e códigos, seria de esperar que escolhesse um número de conta que significasse qualquer coisa para ele, qualquer coisa que pudesse recordar com facilidade. —

Acabou de teclar o número e sorriu maliciosamente. — Qualquer coisa que parecesse aleatório... mas não fosse.

Langdon olhou para o visor.

CONTA NÚMERO

1123581321

Demorou um instante, mas quando percebeu, soube que ela tinha razão.

A sequência Fibonacci.

1-1-2-3-5-8-13-21

Quando fundida em um único número de dez algarismos, a sequência Fibonacci tornava-se praticamente irreconhecível. Fácil de recordar, e no entanto aparentemente aleatório. Um brilhante código de dez dígitos que Saunière nunca esqueceria. Além disso, explicava perfeitamente por que razão os números rabiscados no chão do Louvre podiam ser rearranjados de modo a formar a famosa progressão.

Sophie estendeu o dedo e apertou a tecla ENTER.

Nada aconteceu.

Pelo menos, nada que eles pudessem detectar.

Nesse instante, no cavernoso cofre-forte subterrâneo do banco, uma garra mecânica pareceu despertar para a vida. Deslizando sobre um sistema de transporte de duplo carril preso ao teto, começou a procurar as coordenadas

adequadas. Lá em baixo, no chão de cimento, centenas de caixas de plástico idênticas estavam alinhadas em uma enorme grelha... como filas de pequenos caixões numa cripta.

Parando com um zumbido sobre o ponto exato do chão, a garra desceu e um olho eletrônico verificou o código de barras impresso na caixa. Então, com precisão mecânica, a garra prendeu a pesada pega e ergueu a caixa na vertical.

Novas engrenagens entraram em funcionamento, e a garra carregou a caixa para o outro extremo do cofre-forte, detendo-se sobre um tapete rolante imóvel.

Muito suavemente, o braço mecânico pousou a caixa e subiu. Mal o braço se afastou, o tapete ganhou vida...

Sophie e Langdon suspiraram de alívio ao verem o tapete rolante começar a mover-se. Ali de pé, sentiam-se como doisviajantes cansados à espera de uma misteriosa mala cujo conteúdo desconheciam.

O tapete rolante entrava na sala pelo lado direito, através de uma estreita fresta por baixo de uma porta retrátil. A porta de metal deslizou para cima e uma grande caixa de plástico emergiu das sombras. Era preta, moldada em plástico extremamente duro, e muito maior do que Sophie imaginara. Fazia lembrar uma dessas caixas que as companhias aéreas usam para transportar animais de estimação, mas sem orifícios de ventilação.

Deteve-se exatamente em frente deles.

Langdon e Sophie ficaram olhando. em silêncio, para o misterioso contentor.

Como tudo o mais naquele banco, a caixa era um produto da indústria —

fechos de metal, um código de barras colado na tampa, uma alça moldada.

Sophie achou que parecia uma gigantesca caixa de ferramentas.

Sem perder tempo, soltou as duas linguetas que tinha à sua frente. Olhou para Langdon. Juntos, levantaram a pesada tampa e deixaram-na cair para trás.

Avançando um passo, espreitaram para o interior da caixa.

Ao primeir o olhar, Sophie pensou que estava vazia. Então, viu qualquer coisa. No fundo da caixa. Um objeto solitário.

A caixa de madeira polida tinha o tamanho aproximado de uma caixa de sapatos e dobradiçasmuito ornamentadas. A madeira, de um púrpura rico e profundo, era lustrosa e de grão grosso. Roseira, percebeu Sophie. A preferida do avô. Na tampa via-se, finamente embutida, a imagem de uma rosa. Sophie e

Langdon trocaram olhares intrigados. Sophie inclinou-se para a frente e pegou a caixa, levantando-a.

Meu Deus, é pesada!

Com muito cuidado, foi pousá-la em cima de uma mesa. Langdon estava a seu lado, ambos com os olhos presos à pequena arca do tesouro que o avô dela aparentemente os mandara resgatar.

Langdon estava olhando. fascinado, para a rosa embutida à mão na tampa da caixa: uma rosa com cinco pétalas. Tinha visto aquele tipo de rosa muitas vezes.

— A rosa de cinco pétalas — murmurou. — O símbolo do Priorado para o Santo Graal.

Sophie voltou-se e olhou para ele. Langdon adivinhou-lhe os pensamentos, porque eram também os seus. As dimensões da caixa, o peso aparente do seu conteúdo e o símbolo do Priorado para o Graal gravado na tampa, tudo parecia apontar para uma conclusão incrível. A taça de Cristo está dentro desta caixa.

Langdon voltou a dizer a si mesmo que era impossível.

— Tem o tamanho perfeito — murmurou Sophie — para conter... um cálice.

Não pode ser um cálice.

Sophie puxou a caixa por cima do tampo da mesa, preparando-se para abri-la.

Quando a moveu, algo de inesperado aconteceu. A caixa emitiu um estranho som gorgolejante.

Langdon examinou-a com mais atenção. Há um líquido ali dentro?

Sophie parecia igualmente confusa.

— Ouviu...?

Langdon assentiu, completamente perdido.

— Líquido.

Estendendo as mãos, Sophie soltou a lingueta da fechadura e abriu a tampa.

O objeto que estava lá dentro não se parecia com qualquer outro que Langdon tivesse alguma vez visto. Uma coisa, no entanto, se tornou de imediato evidente para ambos. Aquilo não era, definitivamente, a Taça de Cristo.

C A P Í T U L O 45

— A polícia bloqueou a rua — anunciou André Vernet, entrando na sala. — Vai ser difícil fazê-los sair. — Enquanto fechava a porta, viu a pesada caixa de plástico em cima do tapete rolante e deteve-se bruscamente. Meu Deus!

Acessaram à conta do Saunière?

Sophie e Langdon estavam junto da mesa, debruçados sobre o que parecia ser uma caixa de joias de madeira. Sophie baixou imediatamente a tampa e ergueu os olhos.

— Afinal, sempre tínhamos o número da conta — disse.

Vernet estava sem palavras. Aquilo mudava tudo. Desviou respeitosamente os olhos da caixa e tentou delinear a próxima jogada. Tenho de tirá-los do banco.

Mas com a Polícia já bloqueando as saídas, só via uma maneira de fazê-lo.

— Mademoiselle Neveu, se eu conseguir fazê-la sair do banco em segurança, vai levar esse objeto consigo ou devolvê-lo ao cofre-forte antes de partir?

Sophie olhou para Langdon, e depois de novo para Vernet.

— Precisamos levá-lo conosco.

Vernet assentiu.

— Muito bem. Então, seja esse objeto o que for, sugiro que o embrulhe no seu casaco enquanto percorremos os corredores. Prefiro que ninguém mais o veja.

Enquanto Langdon despia o casaco, Vernet dirigiu-se ao tapete rolante.

Fechou a caixa agora vazia e teclou uma série de instruções simples. O tapete começou a mover-se, levando o contentor de

plástico de regresso às entranhas do cofre-forte. Em seguida, retirou a chave de ouro do orifício da caixa eletrônica e devolveu-a a Sophie.

— Por aqui, por favor. Depressa.

Quando chegaram à plataforma de carga dos fundos, Vernet viu o reflexo das luzes rotativas da Polícia nas paredes da garagem subterrânea. Franziu o sobrolho. Muito provavelmente, estavam bloqueando a rampa. Vou mesmo tentar fazer esta coisa? Tinha começado a suar.

Indicou-lhes um dos pequenos carros blindados do banco. Transport sûr era mais um dos serviços que o Banco Depositário de Zurique oferecia.

— Entrem para a cabina de carga — disse, abrindo as maciças portas traseiras e apontando-lhes o brilhante compartimento metálico.

Enquanto Sophie e Langdon subiam para o furgão, Vernet dirigiu-se ao gabinete do encarregado da plataforma, entrou, tirou umas chaves do chaveiro e encontrou um uniforme e um boné de motorista. Tirando o casaco e a gravata, começou a vestir o casaco do uniforme. Pensando melhor, colocou um coldre axilar por baixo do casaco. No caminho de saída, tirou uma pistola de motorista do armeiro, introduziu-lhe um carregador e enfiou-a no coldre, abotoando o uniforme por cima. Regressando ao furgão, puxou o boné de motorista para os olhos e foi olhar Sophie e Langdon, que estavam de pé dentro da caixa de aço vazia.

— Vão querer isto aceso. — Estendeu o braço e acionou o interruptor situado na parede metálica e que acendia a pequena lâmpada do teto. — E é melhor sentarem-se.

Nem o menor som quando passarmos o portão.

Sophie e Langdon instalaram-se no chão. Langdon acomodou no colo o tesouro embrulhado no casaco de tweed. Fechando as pesadas portas, Vernet trancou-os lá dentro. Segundos depois, sentou-se ao volante e ligou o motor.

Enquanto o furgão blindado avançava lentamente em direção ao topo de rampa, Vernet já sentia o suor acumular-se debaixo do boné de motorista. Viu que havia à sua frente muito mais luzes da Polícia do que imaginara. À

aproximação do furgão, o portão interior abriu-se, rodando para dentro. Vernet passou para o outro lado e esperou que o portão atrás dele voltasse a fechar-se antes de avançar novamente e acionar o sensor seguinte. O segundo portão abriu-se, convidando-o a sair.

O único problema é o carro da Polícia que está bloqueando a rampa.

Vernet limpou a testa com a mão e avançou.

Um agente da Polícia, um sujeito alto e magro, saiu para o meio da rampa e mandou-o parar a poucos metros da barreira. Havia quatro carros-patrulha estacionados à sua frente.

Vernet parou. Puxando o boné de condutor ainda mais para os olhos, adotou o ar mais tosco que o seu nível cultural lhe permitia. Sem sair de trás do volante, abriu a porta e olhou de cima para o agente, cujo rosto parecia tenso e cansado.

— Qu’ est-ce qui se passe? — perguntou Vernet, em tom belicoso.

— Je suis Jérôme Collet — respondeu o agente. — Lieutenant Police Judiciaire. — Apontou para a caixa de carga do furgão. *Qu’est-ce qu’il y a là dedans?*

— Raios me partam se sei — respondeu Vernet, em rude francês. — Sou só o motorista.

Collet não pareceu impressionado.

— Estamos procurando dois criminosos.

Vernet soltou uma gargalhada.

— Então vieram ao lugar certo. Alguns dos filhos da mãe para quem trabalho têm tanto dinheiro que devem ser criminosos.

Collet mostrou-lhe uma fotografia de passaporte de Robert Langdon.

— Este homem esteve no banco esta noite?

Vernet encolheu os ombros.

— Sei lá. Trabalho aqui embaixo. Não nos deixam chegar nem perto dos clientes. O melhor é perguntar na portaria.

— O banco exige um mandato de busca para nos deixar entrar.

— Administradores — rosnou Vernet. — Não me façam falar.

— Abra o furgão, por favor — pediu Collet, apontando para a caixa de carga.

Vernet olhou para o agente e forçou uma gargalhada de troça.

— Abrir o furgão? Acha que tenho as chaves? Acha que eles confiam em nós?

Devia ver a merda de ordenado que me pagam!

O agente inclinou a cabeça para um lado, obviamente cético.

— Está me dizendo que não tem as chaves do seu próprio furgão.

Vernet abanou a cabeça.

— Da caixa de carga, não. Só da ignição. Estes furgões são selados por controladores na plataforma de embarque. Então ficamos à espera enquanto alguém leva a chave da caixa de carga até ao local de destino. Quando recebemos um telefonema dizendo que as chaves chegaram ao destinatário, me dão autor ização para sair. Nem um segundo antes. Nunca sei que raio de carga transporto.

— Quando é que este furgão foi selado?

— Deve ter sido há horas. Esta noite tenho de ir até St. Thurial. As chaves da caixa já estão lá.

O agente não disse palavra, olhando fixamente para Vernet, como que tentando ler os pensamentos. Uma gota de suor preparava-se para deslizar pelo nariz de Vernet.

— Importa-se? — disse ele, limpando o nariz com a manga do casaco e apontando para o carro da Polícia que bloqueava a passagem. Tenho um horário a cumprir.

— Todos os condutores usam Rolex? — perguntou Collet, apontando para o pulso de Vernet.

Vernet olhou para baixo e viu a pulseira do seu ridiculamente caro relógio espreitando por baixo da manga do casaco. Merde.

— O quê, esta merda? Comprei-o por vinte euros de um vendedor ambulante chinês em St. Germain dês Prés. Vendo-lho por quarenta.

O agente hesitou um instante e finalmente afastou-se para o lado.

— Não, obrigado. Faça boa viagem.

Vernet só voltou a respirar quando o furgão já tinha se afastado uns bons cinquenta metros. E agora tinha outro problema. A sua carga. Para onde é que os levo?

C A P Í T U L O 46

Silas estava deitado de bruços na esteira de lona do seu quarto, deixando que o ar secasse o sangue das feridas que tinha nas costas. A segunda sessão daquela noite com a Disciplina deixara-o tonto e fraco. Ainda não tirara o cilício, e sentia o sangue escorrer pela parte interior da coxa. Mas a verdade era que não encontrava justificação para desapertar a correia.

Deixei ficar mal a Igreja. Muito pior ainda, deixei ficar mal o bispo.

Aquela noite era para ser a da salvação de Aringarosa. Cinco meses antes, o bispo regressara de uma reunião no Observatório do Vaticano, onde soubera qualquer coisa que o deixara profundamente mudado. Deprimido durante semanas, Aringarosa partilhara finalmente as novidades com Silas.

— Mas isso é impossível! — exclamara Silas. — Não posso aceitá-lo!

— É verdade — afirmara Aringarosa. — Impensável, mas verdadeiro. Dentro de apenas seis meses.

As palavras do bispo tinham deixado Silas aterrorizado. Rezara pedindo a redenção, e mesmo naqueles dias negros, a sua fé em Deus e no Caminho nunca vacilara. Fora só um mês mais tarde que as nuvens tinham miraculosamente se rasgado e a luz da possibilidade brilhara através delas.

Intervenção divina, dissera Aringarosa.

Pela primeira vez, o bispo parecera cheio de esperança.

— Silas — murmurara —, Deus concedeu-nos uma oportunidade de proteger O Caminho. A nossa batalha, como todas as batalhas vai exigir sacrifícios. Está disposto a ser um soldado de Deus?

Silas caíra de joelhos diante do bispo Aringarosa, o homem que lhe tinha dado uma nova vida, e dissera:

— Sou um cordeiro de Deus. Guie-me para onde o seu coração mandar.

Quando Aringarosa descreveu a oportunidade que se deparara, Silas soube que só podia ser a mão de Deus. Destino miraculoso! Aringarosa pôs Silas em contato com o homem que propusera o plano — um homem que a si mesmo chamava o Professor.

Embora Silas e o Professor nunca tivessem se encontrado cara-a-cara, sempre que falava com ele ao telefone Silas ficava assombrado pela profundidade da fé daquele homem e pela amplitude do seu poder. O Professor parecia saber tudo, ter olhos e ouvidos em todo lado. Como conseguia as suas informações era algo que Silas ignorava, mas Aringarosa depositava uma enorme confiança nele e pedira a Silas que fizesse o mesmo. “Faça o que o Professor te ordenar, e venceremos” dissera a Silas.

Venceremos. Enquanto agora olhava para as tábuas do chão, Silas temeu que a vitória lhes tivesse escapado. O Professor fora enganado. A Chave de Abóbada era um ardiloso beco sem saída. E com o engano, toda a esperança se desvanecer a.

Silas des ejou poder ligar para o bispo Aringarosa e avisá-lo, mas o Professor eliminara todas as linhas de contato direto entre eles naquela noite. Para nossa segurança. Finalmente, vencendo o medo, Silas pôs-se laboriosamente de pé e apanhou o hábito, que estava caído no chão. Procurou no bolso o celular. Com a cabeça baixa de vergonha, marcou o número.

— Professor — murmurou —, está tudo perdido. — E então contou como fora enganado.

— Você perde a fé muito depressa — respondeu o Professor.

— Acabo de receber notícias. Inesperadas e magníficas. O segredo vive.

Jacques Saunière transmitiu informações antes de morrer. Eu o contatarei em breve. O nosso trabalho desta noite ainda não terminou.

C A P Í T U L O 47

Viajar dentro da mal iluminada caixa de carga do furgão blindado era como ser transportado no interior de uma cela de solitár ia.

Langdon esforçou-se por controlar a tão conhecida ansiedade que o avassalava em espaços fechados. Vernet disse que nos levaria para uma distância segura da cidade. Para onde? A que distância?

Tinha as pernas rígidas de estar sentado tanto tempo no chão metálico do furgão, e mudou de posição, fazendo uma careta quando o sangue recomeçou a circular-lhe na parte inferior do corpo. Continuava a aconchegar nos braços o bizarro tesouro que tinham tirado do banco.

— Acho que estamos na autoestrada — sussurrou Sophie.

Langdon tinha a mesma sensação. O furgão, depois de uma enervante parada no topo da rampa, seguira em frente, serpenteando à direita e à esquerda durante um ou dois minutos, e agora corria ao que lhes parecia ser a sua velocidade máxima. Por baixo deles, os pneus à prova de bala zuniam sobre um pavimento liso. Concentrando-se na caixa de roseira que transportava nos braços, Langdon pousou a sua preciosa carga no chão, desembrulhou o casaco e tirou de lá a caixa, que puxou para si. Sophie mudou de posição de modo a ficarem sentados lado-a-lado. Langdon teve subitamente a sensação de que eram duas crianças abrindo uma prenda de Natal.

Em contraste com os tons quentes da caixa de roseira, a rosa embutida era de uma madeira clara, provavelmente freixo, que parecia brilhar à fraca luz da lâmpada. A Rosa. Exércitos inteiros de religiões tinham sido construídos à volta daquele símbolo. E de

sociedade secretas também. Os Rosa-Cruz. Os Cavaleiros da Cruz Rosada.

— Vá — incitou-o Sophie. — Abra-a.

Langdon inspirou fundo. Enquanto estendia a mão para a tampa, lançou mais um olhar de admiração ao fino trabalho de marchetaria e então, levantando a lingueta do fecho, abriu a tampa, expondo o objeto que estava lá dentro.

Langdon compusera diversas fantasiasa respeito do que poderiam encontrar naquela caixa, mas era agora evidente que se enganara totalmente. Aninhado no interior almofadado e forrado de seda escarlate da caixa estava um objeto que não conseguia sequer começar a compreender.

Um cilindro feito de mármore branco e polido, com as dimensões aproximadas de uma lata de bolas de tênis. Mais complicado do que uma simples coluna de pedra, no entanto, aquele cilindro parecia ter sido montado com muitas peças. Cinco discos de mármore do tamanho de donuts tinham sido postos uns em cima dos outros e ligados entre si por uma delicada armação metálica. Fazia lembrar uma espécie de caleidoscópio tubular com vários anéis. As duas extremidades eram fechadas por remates de mármore, o que tornava impossível ver o interior. Tendo ouvido o chocalhar de um líquido, Langdon assumia que o cilindro era oco.

Por mais intrigante que fosse a construção do cilindro, foram, porém, as gravações à volta da circunferência do tubo que atraíram mais fortemente a atenção de Langdon.

Em cada um dos discos estava gravada a mesma e improvável série de letras: o alfabeto inteiro. Fez lembrar a Langdon um brinquedo da sua infância, uma vara em que encaixavam vários aros com letras que se rodavam para formar diferentes palavras.

— Espantoso, não é — murmurou Sophie.

Langdon ergueu os olhos.

— Não sei. O que é?

Havia agora um brilho nos olhos de Sophie.

— O meu avô costumava construí-los como passatempo. Foram inventados por Leonardo da Vinci.

Mesmo à escassa luz, Sophie percebeu a surpresa de Langdon.

— Por da Vinci? — murmurou, voltando olhando para o cilindro.

— Sim. Chama-se criptex. Segundo o meu avô, os planos para a sua

construção faziam parte de um dos diários secretos de da Vinci.

— Para que serve?

Considerando os acontecimentos da noite, Sophie sabia que a resposta podia ter algumas implicações interessantes.

— É um cofre — disse. — Para guardar informações secretas.

Langdon abriu ainda mais os olhos.

Sophie explicou que criar modelos das invenções de da Vinci fora um dos passatempos preferidos do avô. Um talentoso artífice que passava horas na sua oficina de carpintaria e serralharia, Jacques Saunière gostava de imitar os mestres: Fabergé, vários especialistas do cloisonné, e o menos artístico mas muitíssimo mais prático Leonardo da Vinci.

Até um olhar de passagem pelos célebres diários permitia perceber por que razão da Vinci era tão famoso pela sua falta de persistência como pelo seu gênio.

Desenhara planos para centenas de invenções que nunca construíra. Um dos passatempos preferidos de Jacques Saunière fora trazer à vida algumas das mais obscuras criações do mestre: relógios, bombas de água, criptex, e até o modelo totalmente articulado de um cavaleiro medieval francês que ocupava agora um lugar de honra em cima da sua mesa.

Concebido por da Vinci em 1495, como uma espécie de consequência dos seus estudos anteriores de anatomia e cinesiologia, o mecanismo interior do cavaleiro robô possuía articulações e tendões perfeitos que lhe permitiam sentar-se, agitar os braços e mover a cabeça, graças a um pescoço flexível, ao mesmo tempo que abria e fechava uma mandíbula anatomicamente correta. Aquele cavaleiro de armadura, Sophie sempre o pensara, era o objeto mais belo que o avô alguma vez construíra... isto é, até ter visto o criptex na sua caixa de roseira.

— Fez um para mim quando eu era pequena — disse Sophie. — Mas nunca tinha visto nenhum tão grande e ornamentado.

Langdon não desviava os olhos da caixa.

— Nunca ouvi falar de criptex.

Sophie não estava surpresa. A maior parte das invenções não realizadas de Leonardo nunca tinham sido estudadas ou sequer batizadas. A palavra “criptex”

fora, muito provavelmente, uma Criação do avô, um nome adequado àquele instrumento que usava a ciência da criptologia para proteger a informação escrita

no rolo, ou códex, que continha.

Sophie sabia que da Vinci fora um dos pioneiros da criptologia, embora esse mérito raramente lhe fosse reconhecido. Na universidade, os professores, quando falavam dos métodos de cifragem de dados, referiam regra geral criptologistas modernos

como Zimmerman e Schneier, mas esqueciam-se de mencionar que fora Leonardo quem inventara as primeiras formas rudimentares de cifragem, séculos antes. Fora, claro, o avô que lhe falara disso.

Enquanto o furgão blindado corria pela estrada, Sophie explicou a Langdon que o criptex fora a solução de Leonardo para o dilema de enviar mensagens seguras a longas distâncias. Em uma época sem telefones nem e-mail, quem quisesse enviar informações privadas a alguém que vivesse longe não tinha alternativa senão escrevê-las e confiar a carta a um mensageiro que a levasse.

Infelizmente, se o mensageiro suspeitasse de que a carta continha informações valiosas, podia ganhar muito mais dinheiro vendendo-a aos inimigos do remetente do que entregando-a ao destinatário.

Ao longo dos séculos, foram muitas as grandes figuras que inventaram soluções criptológicas para o problema da proteção de dados: Júlio César imaginou um esquema de escrita em código conhecido como Caixa de Cés ar; Maria, rainha da Escócia, criou uma cifra de substituição graças à qual enviava mensagens secretas da prisão, e o brilhante c ientista árabe Abu Yusuf Ismail al-Kindi protegia os seus segredos com uma engenhosa cifra de substituição polialfabética.

Da Vinci, ao contrário, preferiu uma s olução mecânica à matemática e à criptologia. O criptex. Um contentor portátil capaz de proteger cartas, mapas, diagramas, fosse o que fosse. Uma vez a informação guardada dentro do criptex, só a pessoa que conhecesse a chave adequada podia acessá-la.

— É preciso uma senha — explicou Sophie, apontando para os aros marcados com letras. — O criptex funciona mais ou menos como o cadeado de segredo de uma bicicleta.

Quando alinhamos os anéis na posição correta, o cadeado se abre. O criptex tem cinco anéis. Quando os rodamos na sequência certa, as tranquetas no interior alinham-se e o cilindro se desmancha.

— E lá dentro?

— Quando o cilindro se desmancha, a pessoa tem acesso a um compartimento

central suficientemente grande para conter um rolo de papel onde está escrita a informação que se pretende manter secreta.

Langdon fez um ar incrédulo.

— E está me dizendo que o s eu avô fazia estas coisas para você quando era pequena.

— Fez-me vários menores. Pelo menos em duas ocasiões, nos meus aniversários, me deu um criptex e uma charada. A resposta à charada era a senha para o criptex, e quando eu a descobria, podia abri-lo e encontrar o meu cartão de parabéns.

— Muito trabalho por um cartão.

— Não, os cartões continham sempre outra charada, ou uma pista. O meu avô adorava inventar complicadíssimas caças ao tesouro por toda a casa, com uma sequência de pistas que acabavam por conduzir-me ao meu verdadeiro presente.

Cada caça ao tesouro era um teste de caráter e de mérito, obrigando— me a merecer as minhas recompensas. E nunca eram fáceis.

Langdon voltou a olhar para o cilindro de mármore, ainda com uma expressão cética.

— Mas porque não simplesmente forçá-lo? Ou quebrá-lo? Os fechos de metal parecem fraquinhos, e o mármore é uma rocha pouco resistente.

Sophie sorriu.

— Porque da Vinci era muito mais esperto do que isso. Concebeu o criptex de tal maneira que se alguém tentar forçá-lo, seja de que maneira for, a informação é destruída. Veja. — Meteu as mãos na caixa e retirou cuidadosamente o cilindro. — Toda a informação era primeiro escrita em um rolo de papiro.

— Papiro ou velino?

Sophie abanou a cabeça.

— Papiro. Eu sei que o velino era mais duradouro e mais comum naquele tempo, mas tinha de ser papiro, e quanto mais fino melhor.

— Okay.

— Antes de ser inserido no compartimento do criptex, o papiro era embrulhado à volta de uma fina ampola de vidro. — Virou o criptex, e o líquido lá dentro gorgolejou. — Uma ampola cheia de líquido.

— Que líquido?

Sophie sorriu.

— Vinagre.

Langdon hesitou um instante e então assentiu com a cabeça.

— Brilhante.

Vinagre e papiro, pensou Sophie. Se alguém tentasse forçar o criptex, a ampola partia-se e o vinagre dissolvia rapidamente o papiro. Quando o violador chegasse à mensagem secreta, esta teria se transformado em uma pasta sem qualquer significado.

— Como vê — continuou Sophie —, a única maneira de obter a informação é conhecer a senha, com cinco letras. E com cinco anéis, cada um deles com vinte e seis letras, temos vinte e seis elevado à quinta potência. — Fez rapidamente as contas. — Cerca de doze milhões de possibilidades.

— Se assim diz — respondeu Langdon, com ar de quem tinha cerca de doze milhões de perguntas correndo pela cabeça. — Que informação acha que está aí dentro?

— Seja o que for, parece evidente que o meu avô queria a todo o custo mantê-la secreta. — Fez uma pausa, fechando a tampa da caixa e olhando para a rosa de cinco pétalas que tinha embutida. Havia qualquer coisa incomodando-a no fundo da cabeça. — Disse há pouco que a rosa é um símbolo do Graal?

— Exatamente. No simbolismo do Priorado, a rosa e o Graal são sinônimos.

Sophie franziu a testa.

— Isso é estranho, porque o meu avô sempre me disse que a rosa significava segredo. Costumava pendurar uma rosa na porta do escritório, lá em casa, quando estava fazendo algum telefonema confidencial e não queria que eu o interrompesse. E encorajava-me a fazer o mesmo.

— Querida, — dizia-lhe o avô, — em vez de nos fecharmos à chave, podemos pendurar uma rosa, La fleur dês secrets, na nossa porta quando precisarmos de privacidade. Desse modo, aprenderemos a respeitar-nos mutuamente e a confiar um no outro. Pendurar uma rosa é um antigo costume romano.

— Sub-rosa — disse Langdon. — Os Romanos penduravam uma rosa sobre o local onde se reuniam para indicar que essa reunião era confidencial. Os presentes sabiam que o que quer que fosse dito sob a rosa tinha de permanecer

secreto.

Explicou rapidamente que não fora apenas pelas suas c onotações sigilosas que o Priorado escolhera a rosa como símbolo do Graal. A Rosa rugosa, uma das espécies mais antigas da flor, tinha cinc o pétalas e uma simetria pentagonal, tal como a estrela guia de

Vênus, o que lhe dava uma forte ligação iconográfica com afeminidade. Além disso, a rosa tinha também uma estreita relação com o conceito de “verdadeira direção” e a navegação. A Rosa-dos-Ventosajudava os marinheiros a navegar, tal como as Linhas da Rosa, as linhas de longitude marcadas nos mapas. Por este motivo, a rosa era um símbolo que falava do Graal em vários níveis — segredo, feminilidade e orientação — o cálice feminino e a estrela guia que conduzia à verdade secreta.

Quando Langdon acabou de falar, a sua expressão pareceu tornar-se repentinamente tensa.

— Robert? Sente-se bem?

Os olhos dele estavam cravados na caixa de roseira.

— Sub... rosa — engasgou-se, com um espanto assustado espalhando-se pelo rosto. — Não pode ser.

— O quê?

Langdon ergueu lentamente o olhar.

— Sob o signo da Rosa — murmurou. — Este criptex... Julgo saber o que é.

C A P Í T U L O 48

Langdon mal podia acreditar na s ua própria suposição, e no entanto, considerando quem lhes dera aquele cilindro de pedra, o modo como lhes fora dado e, agora, a rosa embutida na caixa, não era possível chegar a qualquer outra conclusão.

Tenho nas mãos a Chave de Abóbada do Priorado.

A lenda er a específica. A Chave de Abóbada é uma pedra codificada que se encontra sob o signo da Rosa.

— Robert? — Sophie estava a observá-lo. — Que está acontecendo?

Langdon precisava de um instante para ordenar os pensamentos.

— O seu avô lhe falou alguma vez de uma coisa chamada La Clef de Voûte?

— A chave do cofre? — traduziu ela.

— Não, isso é a tradução literal. Clef de Voûte é um termo arquitetônico comum.

Voûte não se refere ao cofre de um banco mas ao arco de uma abóbada. Como um teto abobadado.

— Mas os tetos abobadados não têm chaves.

— Por acaso, têm. Todos os arcos de pedra precisam de uma pedra central, em forma de cunha, que, colocada no topo, trava as peças e suporta todo o peso.

Esta pedra é, em sentido arquitetural, a chave da abóbada. Em inglês, chamamos-lhe keystone. — Langdon vigiou-lhe os olhos, à espera de qualquer centelha de reconhecimento.

Sophie encolheu os ombros, ainda olhando para o criptex.

— Mas isto não é obviamente uma Chave de Abóbada.

Langdon não sabia por onde começar. A Chave de Abóbada como técnica

para construir arcos de pedra fora um dos segredos mais bem guardados da primitiva irmandade Maçônica. O Grau do Arco Real. Arquitetura. Chaves de Abóbada. Estava tudo interligado. O conhecimento secreto de como usar uma pedra em cunha para construir um arco abobadado era parte do segredo que fizera dos Maçons artífices tão ricos, e era um segredo que eles guardavam

ciosamente. As chaves de abóbada sempre tinham tido uma tradição de segredo.

E no entanto, o cilindro de mármore dentro da caixa de roseira era obviamente algo muito difer ente. A Chave de Abóbada do Priorado, se de fato era isso que tinham nas mãos, não era nem de longe o que Langdon imaginara.

— A Chave de Abóbada do Priorado não é a minha especialidade — admitiu Langdon. — O meu interesse no Santo Graal é essencialmente simbológico, de modo que tenho tendência para ignorar a infinidade de lendas a respeito de como encontrá-lo.

Sophie arqueou as sobrancelhas.

— Encontrar o Santo Graal?

Langdon concordou, pouco à vontade, pronunciando muito cuidadosamente as palavras seguintes:

— Sophie, segundo a tradição do Priorado, a Chave de Abóbada é um mapa gravado... um mapa que revela o lugar onde está escondido o Santo Graal.

O rosto de Sophie ficou por instantes sem expressão.

— E acha que é isso que aqui temos?

Langdon não sabia o que dizer. Aquilo parecia incrível até aos seus próprios ouvidos, e, no entanto, a Chave de Abóbada era a única conclusão lógica a que conseguia chegar. Uma pedra codificada, escondida sob o signo da Rosa.

A ideia de que o criptex fora concebido por Leonardo da Vinci — ex-Grão-Mestre do Priorado de Sião — brilhava como mais um incontornável indicador de que o cilindro era de fato a Chave de Abóbada. O projeto de um ex-Grão-Mestre... trazido à vida centenas de anos depois por outro membro da irmandade.

A ligação era muito palpável para ser posta de lado.

Ao longo da última década, os historiadores tinham procurado a Chave de Abóbada em igrejas francesas. Os demandadores do Graal, conhecedores da história de críticos duplos-sentidos do Priorado, tinham concluído que a Clef de Voûte era literalmente uma Chave de Abóbada — uma cunha arquitetônica —,

uma pedra gravada em código inserida na abóbada de uma igreja. Sob o signo da Rosa. Em arquitetura, o que não faltava era rosas. Janelas de rosácea. Relevos de roseta. E, claro, uma abundância de potentilhas — as flores decorativas de cinco pétalas com frequência encontradas no topo dos arcos, diretamente por cima da chave. O esconderijo parecia diabolicamente simples. O mapa para chegar ao Santo Graal estava incorporado no alto de um arco ou de uma abóbada em uma igreja esquecida qualquer, zombando dos fiéis que passavam por baixo dela sem nada ver.

— O criptex não pode ser a Chave de Abóbada — argumentou Sophie. —

Não é suficientemente antigo. Tenho certeza de que foi o meu avô que o fez. Não pode fazer parte de uma qualquer antiga lenda do Graal.

— A verdade — respondeu Langdon, sentindo um formigamento de excitação percorrer-lhe o corpo —, é que se supõe que a Chave de Abóbada terá sido criada pelo Priorado nas últimas duas décadas.

Os olhos de Sophie refletiam incredulidade.

— Mas se o criptex revela o esconderijo do Santo Graal, porque teria meu avô dado a mim? Não faço a mínima ideia de como abri-lo nem do que fazer com ele. Nem sequer sei o que é o Santo Graal!

Langdon compreendeu, para sua surpresa, que ela tinha razão. Ainda não tivera oportunidade de explicar a Sophie a verdadeira natureza do Santo Graal.

No momento, estavam concentrados na Chave de Abóbada.

Se é o que isto realmente é...

Tendo como fundo sonoro o zunido dos pneus à prova de bala, Langdon expôs rapidamente a Sophie tudo o que ouvira a respeito da Chave de Abóbada.

Aquele que supostamente fora, durante séculos, o maior segredo do Priorado —

a localização do Santo Graal – não tinha sido escrito. Por questões de segurança, era oralmente transmitido a cada novo senescal no decurso de uma cerimônia secreta. No entanto, em algum momento durante o último século, tinham começado a transpirar rumores de que o Priorado alterara a sua política. Talvez por causa das novas possibilidades de escuta eletrônica, o Priorado jurara nunca mais voltar a dizer a localização do esconderijo sagrado.

— Mas então, como transmitiam o segredo? — perguntou Sophie.

— É aí que entra a Chave de Abóbada — explicou Langdon. — Quando um

dos quatro membros do escalão superior morre, os três restantes escolhem nos escalões inferiores um novo candidato para ascender a senescal. Em vez de dizerem ao novo senescal onde está escondido o Santo Graal, submetem-no a um teste através do qual ele pode provar ser digno do cargo.

Sophie pareceu perturbada, e Langdon recordou subitamente o que ela lhe c ontara a respeito de o avô organizar caças ao tesouro — preuves de mérite. O

criptex era, na realidade, um conceito semelhante. Por outro lado, provas como aquela eram extremamente comuns nas sociedades secretas. As mais conhecidas eram as da Maçonaria, em que os membros subiam na hierarquia provando ser capazes de guardar

um segredo e submetendo-se a rituais e provas de mérito ao longo de muitos anos. As tarefas tornavam-se progressivamente mais difíceisaté culminarem na admissão do candidato como maçon do trigésimo segundo grau.

— A Chave de Abóbada é então uma preuve de mérite — disse Sophie. — Se o novo senescal consegue abri-la, prova ser digno da informação que ela contém.

Langdon assentiu.

— Estava esquecendo que já tem experiência com esse tipo de coisa.

— E não só com o meu avô. Em criptologia, é aquilo a que se chama uma

“linguagem autoautorizadora”. Ou seja, se a pessoa é suficientemente esperta para lê-la, pode saber o que está sendo dito.

Langdon teve um instante de hesitação.

— Sophie, compreende que se esta é de fato a Chave de Abóbada, o fato de seu avô lhe ter acesso implica que era excepcionalmente poderoso dentro do Priorado. Teria de ser um dos quatro membros do escalão superior.

Sophie suspirou.

— Era poderoso em uma sociedade secreta. Disso tenho eu certeza. Só posso assumir que era o Priorado.

Langdon olhou para ela com mais atenção.

— Sabia que ele pertencia a uma sociedade secreta?

— Há dez anos, vi coisas que não devia ver. Não voltamos a nos falar desde então.

— Fez uma pausa. — Meu avô não era apenas um dos membros superiores do grupo... Era o membro superior.

Langdon não podia acreditar no que ela acabava de dizer.

— Grão-Mestre? Mas... como é que pode saber uma coisa dessas:

— Prefiro não falar disso. — Sophie desviou o olhar, com uma expressão tão determinada como dolorida.

Langdon manteve um silêncio aturdido. Jacques Saunière? Grão-Mestre?

Apesar das espantosas repercussões, se fosse verdade, tinha a estranha sensação de que fazia perfeitamente sentido. Afinal, os anteriores Grão-Mestres do Priorado tinham também sido distintas figuras públicas com alma de artista.

Tinham sido descobertas provas do fato alguns anos antes, na Bibliothèque National de Paris, em documentos que ficaram conhecidos como Les Dossiers Secrets.

Não havia estudioso do Priorado nem maníaco do Graal que não tivesse lido os Dossiers. Catalogados sob o Número 4º Iml 249, os Dossiers Secrets tinham sido autenticados por muitos especialistas e confirmado de forma incontroversa aquilo de que os historiadores suspeitavam havia muito tempo: os Grão-Mestres do Priorado incluíam Leonardo da Vinci, Botticelli, Sir Isaac Newton, Victor Hugo e, mais recentemente, Jean Cocteau, o famoso artista parisiense.

Porque não Jacques Saunière?

A incredulidade de Langdon aumentou ao recordar que tivera um encontro marcado com Saunière para aquela noite. O Grão-Mestre do Priorado pediu uma reunião comigo. Porquê? Para conversar a respeito de arte? Pareceu-lhe, de súbito, muito improvável. Afinal, se o instinto de Langdon estivesse certo, o Grão-Mestre do Priorado de Sião acabava de transferir a lendária Chave de Abóbada da

irmandade para a neta ao mesmo tempo que lhe ordenava que procurasse Robert Langdon.

Inconcebível!

Não conseguia, por muito que forçasse a imaginação, conceber um conjunto de circunstâncias que explicasse o comportamento de Saunière. Mesmo que se julgasse ameaçado de morte, havia três outros senescais que também conheciam o segredo e consequentemente garantiam a segurança do Priorado. Porque haveria Saunière de correr um risco tão grande ao confiar a Chave de Abóbada à neta, especialmente considerando que os dois não se davam? E porquê envolver a ele, Langdon, um completo desconhecido?

Falta uma peça do puzzle, pensou.

As respostas iam aparentemente ter de esperar. O som do motor diminuindo a marcha os fez erguer os olhos. Saibro debaixo dos pneus. Porque é que estava parando?, perguntou Langdon a si mesmo. Vernet dissera-lhes que os levaria para bem longe da cidade, onde estariam a salvo. O furgão diminuiu ainda mais e acabou por deter-se em um terreno inesperadamente acidentado. Sophie lançou a Langdon um olhar preocupado, baixando apressadamente a tampa da caixa do criptex e trancando o fecho.

Langdon voltou a vestir o casaco.

O motor continuava funcionando quando as portas traseiras do veículo se abriram.

Langdon ficou surpreendido ao verificar que se encontravam em uma área arborizada, bem afastados da estrada. Vernet surgiu à vista, com uma expressão tensa no rosto.

Tinha uma pistola na mão direita.

— Lamento muito — disse. — Não tenho verdadeiramente por onde escolher.

C A P Í T U L O 49

Vernet parecia pouco à vontade com uma pistola na mão, mas havia nos olhos dele uma determinação que Langdon sentiu não ser sensato pôr à prova.

— Receio ter de insistir — disse Vernet, apontando-lhes a arma da traseira do furgão.

— Colque a caixa no chão.

Sophie apertou-a contra o peito.

— Disse que o senhor e o meu avô eram amigos.

— Tenho o dever de proteger os bens do seu avô — respondeu Vernet. — E é exatamente o que estou fazendo. Agora, coloque a caixa no chão.

— O meu avô a confiou a mim! — protestou Sophie.

— Faça o que lhe digo — ordenou Vernet, erguendo a arma. Sophie colocou a caixa no chão.

Langdon viu o cano da pistola rodar na direção dele.

— Senhor Langdon — continuou Vernet —, faça o favor de traze-la. E tenha presente que o peço a si porque, no seu caso, não hesitarei em disparar.

Langdon ficou olhando para o banqueiro, incrédulo.

— Porque é que está fazendo isto?

— Porque será? — replicou Vernet, em inglês que a tensão tornava mais duro.

— Para proteger os bens do meu cliente.

— Nós é que somos agora o seu cliente — disse Sophie.

O rosto de Vernet tornou-se frio como gelo, uma estranha transformação.

— Mademoiselle Neveu, ignoro como conseguiu esta noite essa chave e o número da conta, mas me parece óbvio que não foi pelos meios mais lícitos. E se

soubesse no momento a extensão dos seus crimes, nunca os teria ajudado a sair do banco.

— Já lhe disse que não tivemos nada a ver com a morte do meu avô!

Vernet olhou para Langdon.

— E no entanto, a Polícia afirma que é procurado não só pelo assassínio de Jacques Saunière, mas também pelos de três outros homens.

— O quê? — Langdon estava siderado. Três outros assassinatos? A coincidência do número foi um choque maior do que ser o principal suspeito.

Não, não podia ser simples fruto do acaso. Os três senescais? Baixou os olhos para a caixa de nogueira. Se os senescais foram assassinados, Saunière não podia fazer outra coisa. Tinha de passar a Chave de Abóbada a alguém.

— A Polícia que resolva o assunto quando eu os entregar continuou Vernet.

— Já comprometi demais o meu banco.

Sophie fuzilou-o com o olhar.

— É evidente que não pretende nos entregar. Se fosse assim, teria nos levado de volta ao banco. Em vez disso, nos trouxe até aqui e nos aponta uma arma.

— O seu avô me contratou por uma razão: manter os bens que me confiou a salvo de cobiçase de indiscrições. Seja o que for que está dentro dessa caixa, não tenho a mínima intenção de permitir que vá fazer parte de uma lista de provas em qualquer investigação policial. Senhor Langdon, traga-me a caixa.

Sophie abanou a cabeça.

— Não.

A arma disparou e uma bala cravou-se na parede metálica por cima deles. A detonação ecoou dentro do furgão, seguida pelo som do invólucro vazio caindo no chão.

Merda! Langdon ficou petrificado.

— Senhor Langdon, pegue a caixa — ordenou Vernet, num tom mais confiante.

Langdon obedeceu.

— Agora traga-a até aqui. — Vernet apontava-lhes a arma de fora do furgão, de pé junto ao para-choques traseiro, com o braço estendido para dentro da caixa de carga.

Langdon avançou para as portas abertas.

Tenho de fazer qualquer coisa, pensou. Estou me preparando para entregar a Chave de Abóbada do Priorado! Ao caminhar para a porta, a sua posição a um nível mais elevado tornou-se mais pronunciada, e Langdon perguntou a si mesmo se haveria algum modo de tirar partido do fato. A arma de Vernet, mesmo levantada, ficava à altura dos joelhos dele. Um pontapé bem colocado, talvez? Infelizmente, à medida que Langdon se aproximava, Vernet pareceu

adivinhar a perigosa dinâmica que estava desenvolvendo-se e recuou vários passos, colocando-se a dois metros de distância. Bem fora do alcance de qualquer ataque.

— Coloque a caixa no chão, junto à porta — ordenou Ver net.

Sem outra alternativa, Langdon ajoelhou e pousou a caixa de roseira na beira da caixa de carga, diretamente em frente das portas abertas.

— Agora ponha-se de pé.

Langdon começava a endireitar-se quando viu o pequeno invólucro ejetado pela arma de Vernet caído no chão junto ao batente inferior das portas do furgão.

— Ponha-se de pé e afaste-se da caixa.

Langdon demorou um pouco mais, examinando a soleira de metal.

Endireitou-se.

E, ao fazê-lo, empurrou discretamente o pequeno invólucro por cima do batente e para o estreito rebordo onde as portas encaixavam hermeticamente. Já de pé, recuou um passo.

— Vá lá para trás e vire-se de costas. Langdon obedeceu.

Vernet ouvia o martelar do seu próprio coração. Apontando a arma com a mão direita, estendeu a esquerda para a caixa de madeira. Descobriu que era muito pesada.

Preciso das duas mãos. Olhou para os seus dois cativos e calculou o risco.

Estavam ambos a uns quatro metros e meio de distância, no outro extremo da caixa de carga, de costas para ele. Tomou uma decisão. Rapidamente, pousou a arma no para-choques, levantou a caixa com as duas mãos, pousou-a no chão, voltou a pegar na arma e

apontou-a para o fundo do furgão. Nenhum dos seus dois prisioneiros tinha se mexido.

Perfeito. Agora, tudo o que lhe restava fazer era fechar e trancar as portas.

Deixando a caixa no chão, agarrou as portas de metal e empurrou-as. Quando

passaram por ele, levantou a mão direita para o único ferrolho de metal que tinha de correr para trancá-las. As portas fecharam-se com umbaque surdo. Vernet deitou rapidamente a mão à alça do ferrolho e puxou-a para a esquerda. O

ferrolho deslizou alguns centímetros e parou, desalinhado com o encaixe. Que aconteceu? Vernet tornou a puxar, mas o ferrolho não se moveu. O mecanismo não estava adequadamente alinhado. As portas não estão bem fechadas!

Sentindo-se invadir por uma onda de pânico, empurrou-as para dentro com toda a sua força, mas sem resultado. Tem qualquer coisa bloqueando-as!

Pôs-se de lado, preparando-se para forçá-las com o ombro, quando elas pareceram explodir para fora, atingindo-o no rostoe fazendo-o estatelar-se de costas no chão, com um uivo de dor. A arma vôou para longe e Vernet levou as mãos ao rosto, sentindo o sangue quente escorrer-lhe do nariz quebrado.

Robert Langdon s altou para o chão Em algum lugar perto dele e Vernet tentou levantar-se, mas não conseguia ver. Voltou a cair de costas. Sophie Neveu gritava.

Momentos mais tarde, Vernet sentiu uma nuvem de poeira e de fumaça de escapamento envolvê-lo. Ouviu o ranger dos pneus no saibro e sentou-se a tempo de ver o largo e pesado furgão falhar uma curva. Houve um estalo quando o para-choques dianteiro bateu em uma árvore. O motor rugiu, e a árvore vergou.

Finalmente, foi o para-choques que cedeu, partindo-se ao meio. O blindado saltou em frente, com metade do para-choques arrastando pelo chão. Quando chegou à estrada pavimentada, uma chuva de faíscas iluminou a noite, seguindo o furgão que se afastava a toda a velocidade.

Vernet olhou para o lugar onde estivera estacionado. Mesmo a pálida luz da Lua, viu que não havia ali nada. A caixa de madeira tinha desaparecido.

C A P Í T U L O 50

O Fiat preto afastou-se de Castel Gandolfo, começando a descer a sinuosa estrada em direção ao vale lá embaixo. No banco traseiro, o bispo Aringarosa sorriu, sentindo o peso dos títulos ao portador na mala que segurava sobre os joelhos e perguntando a si mesmo quanto tempo faltaria para ele e o Professor poderem fazer a troca.

Vinte milhões de euros.

Aquele dinheiro ia permitir-lhe comprar um poder muito mais valioso do que isso.

Enquanto o carro corria de regresso a Roma, Aringarosa deu por si mais uma vez a estranhar o fato do Professor ainda não o ter contatado. Tirou o celular do bolso da sotaina e verificou o sinal de rede. Muito fraco.

— Aqui em cima a rede é muito intermitente — disse o condutor, observando-o pelo retrovisor. — Dentro de cinco minutos sairemos da montanha e o serviço melhora.

— Obrigado. — Aringarosa sentiu uma repentina vaga de inquietação. Não há rede nas montanhas? Talvez o Professor tivesse estado tentando ligar para ele durante todo aquele tempo. Talvez qualquer coisa tivesse corrido horrivelmente mal.

— Com gestos apressados, verificou o voice mail do telefone. Nada. Mas, claro, percebeu então, nunca o Professor deixaria uma mensagem gravada; era um homem que tinha um cuidado enorme com as suas comunicações. Ninguém compreendia melhor do que o Professor os perigos de falar abertamente neste mundo moderno. A escuta eletrônica desempenhara um papel crucial no modo como reunira a espantosa soma de conhecimentos secretos de que era detentor.

É por isso mesmo que toma precauções extra.

Infelizmente, os protocolos de segurança do Professor incluíam a recusa de dar a Aringarosa qualquer número de contato. Só eu terei a iniciativa dos contatos, dissera-lhe o Professor. Portanto, cons erve o telefone ligado e à mão.

Agora, sabendo que o seu telefone talvez não tivesse funcionado devidamente, Aringarosa temia o que o Professor poderia pensar se tivesse tentado ligar-lhe várias vezes sem obter resposta.

Vai pensar que alguma coisa correu mal.

Ou que eu não consegui os títulos.

Uma fina camada de suor umedeceu-lhe a testa.

Ou pior... que peguei o dinheiro e fugi!

C A P Í T U L O 51

Mesmo a uns modestos sessenta quilômetros horários, a metade do para-choques que pendia da dianteira da carrinha blindada raspava pela deserta estrada suburbana com um barulho insuportável, lançando uma chuva de faíscas.

Temos de sair da estrada, pensou Langdon.

Quase não conseguia ver para onde iam. O único farol ainda funcionava estava completamente de esguelha e iluminava agora,

com um feixe enviesado, as árvores que ladeavam a estrada rural. Aparentemente, o blindado daquele furgão referia-se apenas à caixa de carga, e não ao habitáculo.

Sophie ocupava o banco do passageiro, olhando com um ar inexpressivo para a caixa de roseira que levava pousada nos joelhos.

— Sente-se bem? — perguntou-lhe Langdon. Sophie parecia abalada.

— Acreditou nele?

— A respeito dos outros três assassínios? Absolutamente. Responde a uma porção de perguntas... o desespero do seu avô em passar a Chave de Abóbada a alguém, e também o empenho com que Fache me persegue.

— Não, me referia a Vernet querer proteger o banco.

Langdon lançou-lhe um olhar.

— O que quer dizer?

— Ficar com a Chave de Abóbada para ele.

Langdon não tinha sequer considerado a hipótese.

— Como ele poderia saber o que a caixa contém?

— Estava no banco dele. Conhecia o meu avô. Talvez soubesse coisas. Pode ter decidido que queria ficar com o Graal para ele.

Langdon abanou a cabeça. Vernet não lhe parecia desse tipo.

— A experiência me diz que há apenas duas razões para as pessoas procurarem o Graal. Ou são ingênuas e acreditam que procuram há a Taça de Cristo muito perdida...

— Ou?

— Ou sabem a verdade e sentem-se ameaçadas por ela. Muitos grupos, ao longo da História, tentaram destruir o Graal.

O silêncio entre eles aumentou o estrépito do para-choques arrastando pela estrada. Já tinham percorrido alguns quilômetros, e, ao olhar para a chuva de faíscas que vinha da frente do veículo, Langdon perguntou a si mesmo se aquilo não seria perigoso.

De qialquer maneira, se cruzassem com outro carro, não deixariam de dar na vista.

Tomou uma decisão.

— Vou ver se consigo endireitar aquele para-c hoques.

Encostou à beira da estrada e parou o furgão.

Silêncio, por fim.

Enquanto se dirigia à dianteira do veículo, sentia-se surpreendentemente alerta.

Ver-se sob a mira de uma arma pela segunda vez naquela noite dera-lhe um novo fôlego.

Inspirou um fundo hausto de fresco ar noturno e tentou organizar as ideias.

Além da gravidade de ser um homem perseguido, começava a sentir o esmagador peso da responsabilidade, da perspectiva de terem de fato nas mãos um conjunto de indicações cifradas que permitia desvendar um dos mais duradouros mistérios de todos os tempos.

E como se este fardo não fosse suficientemente pesado, percebia agora que qualquer possibilidade de devolver a Chave de Abóbada

ao Priorado acabava de se evaporar. A notícia das três outras mortes tinha implicações terríveis. O

Priorado foi infiltrado. Estão todos comprometidos. A irmandade encontrava-se obviamente sob vigilância, ou então havia uma toupeira nas suas fileiras. O que talvez explicasse por que razão Jacques Saunière resolvera passar a Chave de Abóbada à neta e a Langdon... pessoas fora da confraria, pessoas que sabia com certeza não estarem comprometidas.

Não podemos devolver a Chave da Abóbada à irmandade. Mesmo que fizesse alguma ideia de como encontrar um membro do Priorado, havia uma muito boa chance de que quem se apresentasse para recebê-la fosse o pr óprio inimigo. No momento, pelo menos, parecia que a Chave da Abóbada ia ter de continuar nas mãos dele e de Sophie, quer quisessem quer não.

A dianteira do furgão estava em pior estado do que imaginara. O farol do lado esquerdo desaparecera e o do lado direito parecia um olho pendente da órbita.

Endireitou-o, mas voltou a cair. A única boa notícia era que o para-choques fora quase completamente arrancado. Langdon deu-lhe um pontapé teve a sensação de que talvez fosse capaz de acabar de parti-lo.

Enquanto dava pontapés na retorcida peça de metal, recordou a sua primeira conversa com Sophie. O meu avô me deixou uma mensagem telefônica, dissera-lhe ela.

Disse que precisava me contar a verdade a respeito da minha família. Naquele momento, aquilo nada significara para ele, mas agora, sabendo que o Priorado de Sião estava envolvido, sentia que havia ali novas e assustadoras possibilidades a emergir.

O para-choques partiu-se subitamente, com um estalo. Langdon fez uma pausa, para recuperar o fôlego. Pelo menos, o furgão ia deixar de parecer uma peça de fogo de artifício. Agarrou o para-choques e

começou a arrastá-lo para o meio das árvores, perguntando a si mesmo o que fazer a seguir. Não tinham ideia de como abrir o criptex, ou por que razão Saunière o confiara à guarda deles.

Infelizmente, a sobrevivência de ambos naquela noite dependia de encontrarem respostas para aquelas perguntas.

Precisamos de ajuda, decidiu Langdon. De um profissional.

No mundo do Santo Graal e do Priorado de Sião, isto significava apenas um homem. O problema, claro, seria vender a ideia a Sophie.

Dentro do furgão, enquanto esperava que Langdon regressasse, Sophie sentia o peso da caixa de roseira nas pernas, e isso irritava-a. Porque foi que o meu avô me deu esta coisa? Não tinha a mínima ideia do que fazer com ela.

Pense, Sophie! Use a cabeça. O grand-père está tentando dizer-lhe qualquer coisa!

Abriu a caixa e estudou os anéis do criptex. Uma prova de mérito. Sentia ali a

mão do avô. A Chave de Abóbada é um mapa que só os dignos podem seguir.

Aquilo era avô de uma ponta à outra.

Tirou o criptex da caixa e passou os dedos pelos anéis. Cinco letras.

Experimentou rodá-los, um a um. O mecanismo moveu-se suavemente. Acertou os discos de modo que as letras escolhidas ficassem alinhadas entre as duas setas metálicas situadas nas extremidades opostas do criptex. Os anéis formavam agora uma palavra de cinco letras que Sophie sabia ser absurdamente óbvia.

G-R-A-A-L.

Com muito cuidado, pegou nos extremos do cilindro e puxou. O criptex não se moveu. Ouviu o vinagre gorgolejar no interior e parou de puxar. Resolveu tentar outra vez.

V-I-N-C-I.

Nenhum movimento.

V-O-U-T-E.

Nada. O criptex permaneceu solidamente fechado. De testa franzida, Sophie voltou a guardá-lo na caixa de roseira e fechou a tampa. Olhou lá para fora, para Langdon, e sentiu-se grata por ele estar ali naquela noite.

P.S. Encontre Langdon.

A razão que o avô tivera para o incluir era agora clara. Sophie não estava equipada para compreender as intenções do avô, que, sabendo-o, nomeara Robert Langdon como seu guia. Um tutor para lhe supervisar a educação.

Infelizmente para Langdon, acabara por ser muito mais do que um tutor, naquela noite. Tornara-se o alvo de Bezu Fache... e de uma qualquer força invisível decidida a apoderar-se do Santo Graal. Seja o lá o Graal o que for.

Sophie perguntou a si mesma se valeria a pena arriscar a vida para descobri-lo.

Quando o furgão blindado voltou a arrancar, Langdon verificou, satisfeito,

que era agora muito mais fácil de dirigir... e muito mais silencioso.

— Sabe o caminho para Versalhes?

— Porquê, está com vontade de fazer turismo?

— Não, tenho um plano. Há um historiador de religião que conheço e que vive perto de Versalhes. Não recordo exatamente onde, mas podemos procurar.

Fui várias vezes a casa dele. Chama-se Leigh Teabing. É um ex-historiador da British Royal Academy.

— E vive em Paris?

— A paixão da vida dele é o Graal. Quando começaram a aparecer rumores a respeito da Chave de Abóbada do Priorado, há cerca de quinze anos, mudou-se para a França para poder visitar igrejas na esperança de descobri-la. Escreveu vários livros sobre a Chave de Abóbada e o Graal. Talvez possa ajudar-nos a descobrir como se abre isso e o que fazer com o que está lá dentro.

— Confia nele? — perguntou Sophie, receosa.

— Confio em que sentido? Em que não nos roubará a informação?

— E que não nos denunciará à Polícia.

— Não pretende lhe dizer que somos procurados pela Polícia. Espero que nos acolha em casa até termos conseguido resolver esta confusão.

— Robert, já lhe ocorreu que todas as estações de televisão de França estão provavelmente preparando-se para divulgar as nossas fotografias? Bezu Fache sempre soube usar os meios de informação em seu proveito. Vai fazer com que nos seja impossível ir aonde quer que seja sem sermos reconhecidos.

Formidável, pensou Langdon. A minha estreia na TV francesa vai ser em “Os Mais Procurados de Paris”. Pelo menos, Jonas Faukman ia ficar satisfeito; sempre que Langdon aparecia nos noticiários, as vendas dos seus livros davam um pulo.

— Esse homem é suficientemente seu amigo? — insistiu Sophie.

Langdon duvidava que Teabing fosse do gênero de ver televisão, especialmente àquela hora da noite, mas mesmo assim a pergunta merecia ser considerada. O instinto dizia-lhe que podia confiar plenamente em Teabing. Um porto de abrigo ideal.

Considerando as circunstâncias, o inglês ia provavelmente fazer o possível e o impossível para ajudá-los. Não só lhe devia um favor, como era um

investigador do Graal, e Sophie afirmava que o avô fora o atual Grão-Mestre do Priorado de Sião. Quando Teabing soubesse disso, ia crescer-lhe água na boca à ideia de ajudá-los a desvendar o mistério.

— O Teabing pode ser um aliado poderoso — respondeu. Dependendo de quanto estivermos dispostos a contar-lhe.

— Fache vai provavelmente oferecer uma recompensa monetária.

Langdon riu.

— Acredite, dinheiro é a última coisa de que este sujeito precisa.

Leigh Teabing era rico da maneira que os pequenos países são ricos.

Descendente do primeiro duque de Lancaster, ganhara o seu dinheiro à maneira antiga: herdando-o. A propriedade que tinha nos arredores de Paris era um palácio do século XVII, com dois lagos privados.

Langdon conhecera-o vários anos antes, através da BBC. Teabing abordara a cadeia televisiva com a proposta de um comentário histórico em que contaria a explosiva história do Santo Graal a um público de milhões de espectadores. Os produtores tinham adorado a escaldante premissa de Teabing, a pesquisa que levara a cabo e as suas credenciais, mas tinham também receado que um conceito tão chocante e difícil de digerir manchasse a reputação de

jornalismo de qualidade de que a estação gozava em todo o mundo. Por sugestão de Teabing, a BBC resolvera os seus problemas de credibilidade pedindo e registrrando a opinião de três respeitados historiadores de diversas partes do mundo. Todos elestinham corroborado com as suas próprias pesquisas a espantosa natureza do segredo do Santo Graal.

Langdon fora um dos escolhidos.

A BBC levara-o de avião até à propriedade de Teabing em Paris, para as filmagens. Sentara-se diante das câmaras, na opulenta sala de estar, e dissera o que tinha a dizer, admitindo o seu ceticismo inicial ao ouvir pela primeira vez a história alternativa do Santo Graal e descrevendo em seguida como anos de pesquisas o tinham convencido de que ela era de fato verdadeira. Finalmente, contribuíra com uma parte dos resultados das suas próprias pesquisas: uma série de ligações simbológicas que apoiavam de forma inquestionável as aparentemente controversas afirmações.

Quando o programa fora para o ar na Grã-Bretanha, a despeito das

personalidades envolvidas e das provas bem documentadas, a premissa ia de tal modo contra o grão do cristianismo popular que suscitara imediatamente um vendaval de hostilidade. Nunca chegara a ser transmitido nos Estados Unidos, mas as repercussões tinham ecoado através do Atlântico. Pouco depois, Langdon recebera um postal de um velho amigo, o bispo católico de Filadélfia. O postal dizia apenas: Você, Robert?

— Robert, tem certeza de que podemos confiar nesse homem?

— Absoluta. Somos colegas, ele não precisa de dinheiro e por acaso até sei que despreza as autoridades francesas. O governo francês cobra-lhe impostos exorbitantes por ele ter comprado um edifício histórico. Não vai ter vontade nenhuma de ajudar Fache.

Sophie ficou olhando em frente, para a negra fita da estrada.

— Se formos procurá-lo, quanto é que tenciona lhe contar?

Langdon fez um ar despreocupado.

— Acredite, Leigh Teabing sabe mais a respeito do Priorado de Sião e do Santo Graal do que qualquer outra pessoa neste mundo.

Sophie voltou-se para ele.

— Mais do que o meu avô?

— Queria dizer mais do que qualquer pessoa fora da irmandade.

— Como é que sabe que Teabing não é membro da irmandade?

— Teabing tem passado a v ida tentando divulgar a verdade a respeito do Santo Graal. O juramento do Priorado é manter essa verdade secreta.

— Parece-me que há aí um conflito de interesses.

Langdon compreendeu a preocupação dela. Jacques Saunière dera o criptex diretamente à neta, e embora ela não soubesse o que continha nem o que era deveria fazer com ele, hesitava em envolver um completo desconhecido.

Considerando a informação que podia estar ali em causa, tinha provavelmente razão.

— Não precisamos falar da Chave de Abóbada ao Teabing logo de início.

Talvez até nunca. A casa dele nos proporcionará um lugar onde poderemos descansar e pensar, e pode ser que quando lhe falarmos a respeito do Graal, comece a fazer uma ideia da razão por que o seu avô lhe deu o criptex.

— Nos deu o criptex — emendou ela.

Langdon sentiu um humilde orgulho e perguntou a si mesmo porque Saunière o teria incluído.

— Sabe mais ou menos onde vive esse senhor Teabing? — perguntou Sophie.

— A propriedade chama-se Château Villette.

Sophie voltou-se para ele, com uma expressão incrédula.

— Château Villette?

— Isso mesmo.

— Tem bons amigos.

— Conhece a propriedade?

— Passei por lá. Fica na área dos castelos. A vinte minutos daqui.

Langdon franziu a testa.

— Tão longe?

— Sim, o que lhe dá tempo suficiente para me explicar o que é realmente o Santo Graal.

Langdon hesitou.

— Digo-lhe na casa do Teabing. Eu e ele especializámo-nos em diferentes áreas da lenda, de modo que, entre os dois, ficará com a imagem completa. —

Sorriu. — Além disso, o Graal tem sido a vida dele, e ouvir a teoria do Santo Graal da boca de Leigh Teabing será como ouvir a história da relatividade da boca de Einstein.

— Esperemos que Leigh não se importe de receber visitas tardias.

— Para que conste, é Sir Leigh. — Langdon cometera aquele erro apenas uma vez. — Teabing é uma personagem e tanto. Foi armado cavaleiro pela rainha, aqui há uns anos, depois de ter escrito uma extensiva história sobre a Casa de York.

Sophie olhou para ele.

— Está brincando, não está? Vamos visitar um cavaleiro?

Langdon esboçou um sorriso contrafeito.

— Andamos na procura do Graal, Sophie. Quem melhor do que um cavaleiro para nos ajudar?

C A P Í T U L O 52

Château Villette espraiava os seus 75 hectares vinte e cinco minutos a noroeste de Paris, perto de Versalhes. Desenhado por François Mansart, em 1668, para o conde de Aufflay, era um dos mais significativos castelos históricos de Paris. com dois lagos retangulares e jardins concebidos por Le Nôtre, Château Villette era mais um modesto castelo do que um solar. A propriedade tornara-se carinhosamente conhecida como La Petite Versailles.

Langdon deteve subitamente o furgão blindado junto ao início do caminho de acesso, que se estendia por quilômetro e meio. Do outro lado do imponente portão, a residência de Sir Leigh Teabing erguia-se ao longe, no meio de um prado. Na porta, uma tabuleta avisava, em inglês:

PROPRIEDADE PRIVADA. PROIBIDA A ENTRADA.

Como que para proclamar que a sua casa era mais uma ilha britânica, Teabing não se limitara a mandar fixar a tabuleta em inglês. Também instalara o intercomunicador do portão do lado direito da entrada, o lado do passageiro em toda a parte na Europa, exceto na Inglaterra.

Sophie lançou um olhar de estranheza ao mal situado intercomunicador.

— E se chega alguém sózinho?

— Não me pergunte. — Langdon já discutira a questão com Teabing. — O

nosso homem prefere as coisas como são na terra dele.

— É melhor ser você a falar — disse Sophie, baixando a janela.

Langdon mudou de posição, inclinou-se pela frente de Sophie para chegar ao botão do intercomunicador. Quando o fez, o perfume dela encheu-lhe as narinas, e percebeu como estavam próximos. Esperou, naquela incômoda posição,

enquanto começava a ouvir-se no pequeno autofalante o sinal de chamada de um telefone.

Finalmente, o intercomunicador crepitou e uma voz irritada perguntou, em francês:

— Château Villette. Quem é?

— Robert Langdon — gritou Langdon, quase deitado no colo de Sophie. —

Sou um amigo de Sir Leigh Teabing. Preciso da ajuda dele.

— Sir Leigh está dormindo. Como eu estava. Qual é a natureza do seu assunto?

— Privada. De grande interesse para ele.

— Nesse caso, estou certo de que terá muito prazer em recebê-lo de manhã.

Langdon mudou o peso do corpo.

— É muito importante.

— Também o sono de Sir Leigh. Se é um amigo, sabe com certeza que a saúde dele é frágil.

Sir Leigh Teabing tivera polio quando criança e usava aparelhos nas pernas e muletas para andar, mas, durante sua última visita, Langdon achara-o tão vivo e pitoresco que aquilo quase não parecia uma enfermidade.

— Diga-lhe, por favor, que descobri novas informações a respeito do Graal.

Informações que não podem esperar até de manhã.

Seguiu-se uma longa pausa. Langdon e Sophie esperaram, com o motor do furgão trabalhando ruidosamente. Passou umminuto. Finalmente, alguém falou.

— Meu bom homem, acho que continua a regular-se pela hora de Harvard. —

A voz era clara e jovial.

Langdon sorriu, reconhecendo o cerrado sotaque britânico.

— Leigh, as minhas desculpas por acordá-lo a esta hora obscena.

— O meu mordomo me disse que não só está em Paris, como falou do Graal.

— Achei que isso o arrancaria da cama.

— E arrancou.

— Alguma possibilidade de abrir o portão para um velho amigo?

— Aqueles que procuram a verdade são mais do que amigos, são irmãos.

Langdon voltou o rosto para Sophie e rolou os olhos para cima. Já estava

habituado à predileção de Teabing pelas tiradas dramáticas.

— Claro que vou abrir o portão — proclamou Teabing —, mas primeiro tenho de confirmar que o seu coração é leal. Um teste à sua honra. Responderá a três perguntas.

Langdon gemeu, sussurrando a Sophie:

— Tenha paciência. Como lhe disse, é muito extravagante.

— Primeira pergunta — anunciou Teabing, num tom hercúleo.

— Sirvo-lhe chá ou café?

Langdon conhecia a opinião de Teabing a respeito da relação dos Americanos com o café, que considerava um estranho fenômeno.

— Chá. Earl Grey.

— Excelente. Segunda pergunta. Leite ou açúcar?

Langdon hesitou.

— Leite — murmurou-lhe Sophie ao ouvido. — Acho que os britânicos bebem chá com leite.

— Leite — disse Langdon.

Silêncio.

— Açúcar?

Teabing não respondeu.

— Espere! — Langdon recordou a beberagem amarga que lhe fora servida durante sua última visita e compreendeu que a pergunta era

um truque.

— Limão! — gritou. — Earl Grey com limão.

— Sem dúvida. — Teabing parecia agora muitíssimo divertido.

— E, finalmente, tenho de fazer a mais grave das perguntas. — Fez uma pausa e prosseguiu, em tom solene — Em que ano um remador de Harvard bateu pela última vez um homem de Oxford em Henley?

Langdon não fazia ideia, mas só conseguia imaginar uma razão para que a pergunta fosse feita.

— Certamente tal enormidade nunca aconteceu.

O portão abriu-se com um estalido.

— O seu coração é leal, meu amigo. Pode entrar.

C A P Í T U L O 53

— Monsieur Vernet! — O gerente do turno da noite do Banco Depositário de Zurique ficou tremendamente aliviado ao ouvir através do telefone a voz do seu presidente. — Aonde foi, senhor? A Polícia está aqui.

Estão todos à sua espera.

— Tenho um pequeno problema — disse Vernet, em tom aflito. — Preciso da sua ajuda.

Tens mais do que um pequeno problema, pensou o gerente. A Polícia cercara completamente o edifício e ameaçava mandar o capitão da DCPJ em pessoa entregar o mandato de busca que o banco exigira. — Em que posso ajudá-lo?

— O furgão blindado número três. Preciso encontrá-lo. Intrigado, o gerente consultou o calendário de entregas.

— Está aqui. Lá em baixo, no cais de carga.

— Não, não está. o furgão foi roubado pelos dois indivíduos que a Polícia procura.

— O quê? Como foi que eles conseguiram sair?

— Não posso entrar em detalhes pelo telefone, mas temos aqui uma situação que pode ser muito prejudicial para o banco.

— O que é que quer que faça, senhor?

— Quero que ative o transmissor de emergência do furgão. Os olhos do gerente voaram para a caixa de comando LoJack, do outro lado da sala. Como muitas viaturas de transporte de valores, todas os furgões do banco estavam equipados com um dispositivo de localização que podia ser ativado por controlo remoto, via rádio, a partir da central. O gerente só usara o sistema de emergência uma vez, durante um assalto, e funcionara impecavelmente, localizando o furgão

e transmitindo as coordenadas para as autoridades. Naquela noite, no entanto, o gerente teve a impressão de que o presidente gostaria de um pouco mais de prudência.

— Está consciente, monsieur, de que se eu ativar o sistema LoJack, o transmissor informará simultaneamente as autoridades de que temos um problema.

Vernet não disse nada durante vários segundos.

— Sim, eu sei. Faça-o, de qualquer maneira. Furgão número três. Eu espero.

Quero saber a localização exata logo que a tiver.

— Imediatamente, monsieur.

Trinta segundos mais tarde, a quarenta quilômetros de distância, a luz vermelha de um pequeno emissor-receptor escondido por baixo do chassis do furgão blindado começou a piscar.

C A P Í T U L O 54

Enquanto o furgão percorria, por entre duas alas de freixos, o sinuoso caminho até à casa, Sophie sentia os músculos descontraírem-se. Era um alívio sair da estrada, e não conseguia imaginar muitos lugares mais seguros para repousar um pouco do que aquela grande mansão isolada, propriedade de um bem humorado estrangeiro.

Entraram na vasta praceta redonda, e Château Villette surgiu-lhes à vista do lado direito com três pisos e pelo menos sessenta metros de comprimento, o edifício tinha uma fachada de pedra iluminada por holofotes exteriores e erguia-se em perfeita justaposição aos jardins impecavelmente cuidados e à superfície vítrea dos lagos.

As luzes interiores estavam acendendo-se.

Em vez de parar diante da porta principal, Langdon estacionou o furgão no meio de uma área rodeada de árvores.

— Não vale a pena correr o risco de alguém vendo da estrada explicou a Sophie. —

Ou deixar Teabing perguntando a si mesmo porque diabo chegamos a casa dele em um carro blindado meio destruído.

Sophie assentiu.

— O que é que fazemos com o criptex? Prov avelmente não devíamos deixá-lo aqui, mas se Leigh o ver, vai com certeza querer saber o que é.

— Não se preocupe — disse Langdon, despindo o casaco enquanto descia do carro.

Enrolou-o em volta da caixa de madeira e segurou o embrulho nos braços, como se fosse um bebê.

Sophie fez um ar de dúvida.

— Muito sutil — comentou.

— Teabing nunca recebe ninguém à porta; pr efere fazer uma entrada teatral.

Vou descobrir um lugar para esconder isto antes de ele se juntar a nós. — Fez uma pausa. — Suponho que talvez seja melhoravisá-la antes de o conhecer. Sir Leigh tem um sentido de humor que as pessoas acham com frequência um pouco... estranho.

Sophie duvidou que qualquer outra coisa que acontecesse naquela noite pudesse ainda parecer-lhe estranha.

O caminho de acesso à entrada principal era de a pedra, descrevendo uma curva até à grande porta de carvalho e cerejeira lavrados, dotada de uma aldraba de bronze do tamanho de uma toranja. Antes que Sophie pudesse levantar a aldraba, a porta foi aberta do interior.

Diante deles estava um afetado e elegante mordomo, fazendo os ajustes finais à gravata branca e ao smoking que aparentemente acabava de vestir. Devia ter cerca de cinquenta anos, com feições refinadas e uma expressão austera que deixava bem claro que não achava minimamente divertida a presença deles naquela casa.

— Sir Leigh descerá dentro de momentos — anunciou, em inglês cuidadosamente carregado de sotaque francês. — Está se vestindo. Prefere não receber as visitas de pijama. Quer dar-me o seu casaco? — acrescentou, franzindo a testa ao embrulho que Langdon transportava nos braços.

— Não, obrigado. Estou bem assim.

— Com certeza. Por aqui, por favor.

Conduziu-os, atravessando o luxuoso vestíbulo de mármore, até uma sala de estar elegantemente decorada, banhada na luz suave de candeeiros vitorianos com abat-jours franjados. O ar ali dentro tinha um cheiro antediluviano, quase a realeza, com sugestões de tabaco de cachimbo, folhas de chá, xerez e alvenaria.

Na parede mais distante, flanqueada por duas refulgentes armaduras de cota de malha, abria-se uma lareira de pedra suficientemente grande para assar um boi.

Dirigindo-se à lareira, o mordomo ajoelhou e chegou um fósforo aomonte já preparado de toros de carvalho e acendalhas.

Instantes depois, o fogo crepitava.

O homem pôs-se de pé, endireitando o casaco.

— Sua Senhoria deseja que se instalem à vossa vontade. — E com esta saiu, deixando Sophie e Langdon sozinhos.

Sophie hesitou, sem saber em qual dasantiguidades colocadas em frente da lareira devia sentar-se: o sofá renascença de veludo, a cadeira de balan ço rústica ou o par de bancos de pedra que pareciam ter sido tirados de um templo bizantino qualquer.

Langdon tirou a caixa do criptex de dentro do casaco, aproximou-se do divã de veludo e enfiou-a debaixo dele, o mais fundo que pôde, bem fora das vistas.

Em seguida, sacudiu o casaco, voltou a vesti-lo, alisou as lapelas e sorriu a Sophie enquanto se sentava diretamente por cima do tesouro escondido.

O divã, decidiu Sophie, e sentou— se ao lado dele. Enquanto olhava para o fogo que ia crescendo, saboreando o calor, Sophie teve a sensação de que o avô teria adorado aquela sala. As paredes

forradas a madeira escura estavam cobertas de quadros dos Velhos Mestres, um dos quais reconheceu como sendo um Poussin, o segundo pintor preferido do avô. No console acima da lareira, um busto de ísis, de alabastro, vigiava a sala.

Por baixo da deusa egípcia, dentro da lareira, duas gárgulas de pedra serviam de suportes à grade, as goelas escancaradas para revelar as faces ameaçadoras.

Sophie sempre tivera um medo pavoroso de gárgulas, quando era criança. Até que o avô a curara do medo levando-a ao telhado da catedral de Notre Dame em um dia de tempestade. “Princesa, olhe para estas tolas criaturas”, dissera-lhe, apontando para as gárgulas-algerozes de cujas bocas jorrava água. “Está ouvindo aquele barulhinho engraçado que fazem com a garganta?” Sophie assentira, obrigada a sorrir ao som da água gorgolejando nas gargantas de pedra. “Estão gargarejando”, explicara o avô.

“Gargariser. É por isso que lhes chamam gárgulas.” E Sophie nunca mais voltara a ter medo.

A doce recordação provocou-lhe uma pontada de tristeza e a brutal realidade do assassínio apoderou-se uma vez mais dela. O grand-père morreu. Imaginou o criptex debaixo do divã e perguntou a si mesma se Leigh Teabing faria alguma ideia de como abri-lo. Ou se devemos sequer perguntar-lhe. As últimas palavras do avô tinham sido para dizer-lhe que encontrasse Robert Langdon. Não dissera nada a respeito de envolver mais quem quer que fosse. Precisávamos de um

lugar onde pudéssemos nos esconder, pensou, decidindo confiar no julgamento de Langdon.

— Sir Robert! — trovejou uma voz Em algum lugar atrás deles. — Vejo que viaja com uma jovem.

Langdon pôs-se de pé. Sophie levantou-se de um salto. A voz viera do topo da escada que subia em curva e desaparecia nas trevas do

piso superior. Lá em cima, uma sombra moveu-se, mais densa do que as outras, apenas uma silhueta.

— Boa noite, Sir Leigh — respondeu Langdon. — Permita que lhe apresente Sophie Neveu.

— Uma honra. — Teabing avançou para a luz.

— Obrigada por ter nos recebido — disse Sophie, reparando que o homem usava braçadeiras metálicas nas pernas e muletas. Descia a escada degrau a degrau. — Bem sei que é muito tarde.

— Tão tarde, minha querida, que é cedo. — Sir Leigh riu. — Vous n'êtes pas américaine?

Sophie abanou a cabeça.

— Parisienne.

— O seu inglês é excelente.

— Obrigada. Estudei no Royal Holloway.

— Ah, está então explicado. — Teabing continuava a descer a escada. —

Talvez Robert tenha lhe dito que eu fiz os meus estudos um pouco mais abaixo, em Oxford. — Cravou em Langdon um olhar malicioso. — Claro que também me candidatei a Harvard, como segunda escolha.

Tinha finalmente chegado ao fundo da escada, e Sophie achou que parecia tanto um cavaleiro como Sir Elton John. Gorducho e rubicundo, Sir Leigh Teabing tinha cabelos ruivos e uns joviaisolhos cor de avelã que pareciam cintilar quando ele falava. Vestia calças pregueadas e uma ampla camisa de seda por baixo de um casaco de malha.

Apesar das braçadeiras metálicas nas pernas, toda a sua postura revelava uma inquebrantável dignidade que parecia ser mais o subproduto de uma nobre ancestralidade do que o resultado de um esforço consciente.

Aproximou-se dos dois e estendeu a mão a Langdon.

— Robert, perdeu peso.

— E o meu amigo, em contrapartida, encontrou algum.

Teabing riu com gosto, dando uma palmada no rotundo ventre.

— Touché. Os meus únicos prazeres carnais, hoje em dia, parecem ser culinários. — Voltando-se então para Sophie, pegou-lhe gentilmente na mão e inc linou ao de leve a cabeça, respirando-lhe para os dedos e baixando os olhos.

— M'lady.

Sophie olhou para Langdon, sem saber muito bem se tinha recuado no tempo ou entrado numa casa de loucos.

O mordomo que abrira a porta voltou a aparecer, transportando um serviço de chá que dispôs na mesa diante da lareira.

— Este é o Rémy Legaludec — disse Teabing. — O meu mordomo.

O esguio mordomo baixou rigidamente a cabeça e retirou-se.

— Rémy é de Lyon — murmurou Teabing, como se isso fosse uma infeliz doença. — Mas faz uns molhos muito decentes.

Langdon parecia divertido.

— Sempre julguei que importaria pessoal inglês.

— Santo Deus, não! Não desejaria um chef inglês a ninguém, exceto aos cobradores de impostos franceses. — Lançou um olhar a

Sophie. — Pardonnez-moi, mademoiselle Neveu. Asseguro-lhe que a minha aversão às coisas francesas se estende exclusivamente aos políticos e à seleção de futebol. O seu governo rouba-me o meu dinheiro e a sua seleção nacional ainda recentemente humilhou a nossa.

Sophie respondeu com um sorriso amável. Teabing observou-a por instante e então voltou-se para Langdon.

— Aconteceu qualquer coisa. Estão ambos com um ar abalado.

Langdon assentiu.

— Tem sido uma noite interessante, Leigh.

— Não duvido. Batem-me à porta sem se fazerem anunciar no meio da noite e falam do Graal. Diga-me, trata-se realmente do Graal, ou só o disse por saber que esse é o único assunto capaz de me tirar da cama em plena madrugada?

Um pouco de ambas as coisas, pensou Sophie, lembrando-se do criptex escondido debaixo do divã.

— Leigh — começou Langdon —, gostaríamos de falar consigo a respeito do

Priorado de Sião.

As hirsutas sobrancelhas de Teabing arquearam-se numa expressão intrigada.

— Os guardiões. Então sempre tem a ver com o Graal. Diz que descobriu informações? Alguma coisa de novo, Robert?

— Talvez. Não temos certeza. Poderíamos ficar com uma ideia mais clara se primeiro nos desse alguma informação.

Teabing agitou o indicador estendido.

— Sempre o mesmo americano espertalhão. Um jogo de toma-lá-dá-cá.

Muito bem.

Estou à sua disposição. O que é que posso dizer-lhes?

Langdon suspirou.

— Estava na esperança de que pudesse explicar à menina Neveu a verdadeira natureza do Santo Graal.

Teabing pareceu espantado.

— Ela não sabe?

Langdon abanou a cabeça. O sorriso que se espalhou pelo rosto de Leigh Teabing foi quase obsceno.

— Robert, trouxe-me uma virgem?

Langdon fez uma careta, olhando para Sophie.

— Virgem é o termo que os entusiastas do Graal usam para descrever alguém que nunca tenha ouvido a história verdadeira.

Teabing voltou-se gulosamente para Sophie.

— Diga-me o que já sabe, minha querida.

Rapidamente, Sophie esboçou o que Langdon lhe contara pouco antes: o Priorado de Sião, os Cavaleiros do Templo, os documentos Sangreal e o Santo Graal, que muitos afirmavam não ser uma taça... e sim qualquer coisa muito mais poderosa.

— Só isso? — Teabing lançou a Langdon um olhar escandalizado. — Robert, pensei que fosse um cavalheiro. Privou-a do clímax!

— Eu sei. Pensei que talvez os dois pudéssemos... — Langdon calou-se, tendo aparentemente decidido que a indecorosa metáfora já fora longe de mais.

Teabing já tinha Sophie presa no seu refulgente olhar.

— É uma virgem do Graal, minha querida. E, pode crer, nunca mais vai

esquecer a sua primeira vez.

C A P Í T U L O 55

Sentada no divã ao lado de Langdon, Sophie bebia o seu chá e comia um scone, sentindo os efeitos benéficos da cafeína e do alimento. Sir Leigh Teabing sorria enquanto passeava desajeitadamente de um lado para o outro diante da lareira, fazendo tilintar as braçadeiras metálicas sempre que passava por cima do rebordo protetor de pedra.

— O Santo Graal — disse Teabing, em tom que se tornara professoral. — A maior parte das pessoas só me pergunta onde é que ele está. Receio bem que se trate de uma pergunta a que talvez nunca saiba responder. — Voltou-se e olhou diretamente para Sophie. — No entanto... a pergunta muitíssimo mais relevante é a seguinte: o que é o Santo Graal?

Sophie sentiu um ar de excitação acadêmica crescendo nos dois homens.

— Para compreender plenamente o Graal — continuou Teabing —, temos primeiro de compreender a Bíblia. Conhece bem o Novo Testamento?

Sophie encolheu os ombros.

— Não conheço de todo. Fui criada por um homem que venerava Leonardo da Vinci.

Teabing pareceu simultaneamente estupefato e contente.

— Uma alma iluminada. Soberbo! Nesse caso, deve saber que Leonardo era um dos guardiães do segredo do Santo Graal. E que escondeu pistasna sua arte.

— Robert falou-me disso, sim.

— E as opiniões de da Vinci sobre o Novo Testamento?

— Não faço ideia.

Teabing tinha um sorriso de alegria nos olhos quando apontou a estante do outro lado da sala.

— Robert, importa-se? Na prateleira de baixo. La Storia di Leonardo.

Langdon atravessou a sala, tirou da estante um grande livro de arte, voltou para trás e pousou-o em cima da pequena mesa entre os dois. Fazendo rodar o livro de modo a colocá-lo de frente para Sophie, Teabing levantou a capa e apontou para uma série de citações escritas na guarda.

— Do livro de notas de da Vinci sobre espec ulações e polêmicas — disse, indicando uma citação em especial. — Julgo que vai achar esta relevante para a nossa discussão.

Sophie leu as palavras.

“Muitos fizeram das ilusões e dos falsos milagres o seu ofício, enganando a estúpida multidão”. — LEONARDO DA VINCI

— Aqui tem outra — continuou Teabing, indicando uma citação diferente.

“A cega ignorância é que nos engana. Ó míseros mortais, abri os olhos!” —

Sophie sentiu um pequeno arrepio.

— Da Vinci está falando da Bíblia?

Teabing assentiu.

— Os sentimentos de Leonardo quanto à Bíblia estão diretamente relacionados com o Santo Graal. Na realidade, Leonardo pintou o verdadeiro Graal, que vou lhe mostrar dentro de momentos, mas primeiro temos de falar sobre a Bíblia. — Sorriu. — E tudo o que precisa saber a respeito da Bíblia pode resumir-se ao que disse o grande doutor canônico Martyn Percy: “A Bíblia não foi enviada do céu por fax”.

— Desculpe?

— A Bíblia é um produto do homem, minha querida, não de Deus. Não caiu magicamente das nuvens. O homem criou-a como um registrro histórico de tempos tumultuosos, e tem evoluído ao longo de inúmeras traduções, adições e revisões. A História nunca conheceu uma versão definitiva do livro.

— Okay.

— Jesus Cristo foi uma figura histórica tremendamente influente, talvez o líder mais enigmático e inspirador que o mundo alguma vez viu. Como o profetizado Messias, Jesus derrubou reis, inspirou milhões de pessoas e fundou novas filosofias. Com o descendente das linhagens de Salomão e de David, tinha

o direito legítimo de reclamar o título de rei dos Judeus. Compreensivelmente, a Sua vida foi registrrada por milhares de seguidores em todo o mundo. —

Teabing fez uma pausa para beber um gole de chá e em seguida pousou a xícara no console da lareira. — Foram considerados mais

de oitenta evangelhos para o Novo Testamento, e no entanto, apenas uns poucos acabaram por ser escolhidos... entre eles os de Mateus, Marcos, Lucas e João.

— Quem escolheu que evangelhos incluir? — perguntou Sophie.

— Aaah! — exclamou Teabing, com incontível entusiasmo. — A ironia fundamental do cristianismo! A Bíblia, tal como hoje a conhecem os, foi coligida por um pagão, o imperador romano Constantino, o Grande.

— Julgava que Constantino era cristão — disse Sophie.

— Nem pouco mais ou menos — troçou Teabing. — Foi pagão toda a vida, batizado no leito de morte quando já estava muito fraco para protestar. No tempo de Constantino, a religião oficial de Roma era o culto do Sol... o culto do Sol Invictus, de que Constantino era o sumo sacerdote. Infelizmente para ele, um crescente turbilhão religioso estava apoderando-se de Roma. Três séculos depois da crucifixão de Jesus Cristo, os seus seguidores tinham-se multiplicado exponencialmente. Cristãos e pagãos começaram a guerrear-se, e o conflito atingiu proporções tais que ameaçava dividir Roma em duas.

Constantino decidiu que era preciso fazer qualquer coisa. Em 325 d. C.

resolveu unificar o império sob uma única religião: o cristianismo.

Sophie parecia espantada.

— Porque haveria um imperador pagão de escolher o Cristianismo como religião de Estado?

Teabing soltou um risinho.

— Constantino era um excelente homem de negócios. Percebeu que o Cristianismo estava em ascensão, e limitou-se a apostar no

cavalo vencedor.

Ainda hoje os historiadores ficam maravilhados com a forma brilhante como converteu os adoradores do Sol pagãos ao cristianismo. Fundindo símbolos, datas e rituais pagãos com a crescente tradição cristã, criou uma espécie de religião híbrida que era aceitável para ambas as partes.

— Uma adulteração grotesca — interveio Langdon. — Os vestígios da religião pagã na simbologia cristã são inegáveis. Os discos solares egípcios

tornaram-se os halos dos santos católicos. Pictogramas de Ísis cuidando do seu miraculosamente concebido filho Hórus tornaram-se o modelo das nossas modernas imagens da Virgem com o Menino. E praticamente todos os elementos do ritual católico... a mitra, o altar, a doxologia e a comunhão, o ato de “comer Deus”... foram diretamente tirados de religiões pagãs anteriores.

Teabing gemeu.

— Nunca deixe um simbologista começar a falar de ícones cristãos. No cristianismo, nada é original. O deus pré-cristão Mitra... chamado Filho do Sol e Luz do Mundo... nasceu a vinte e cinco de Dezembro, morreu, foi sepultado em um túmulo de rocha e ressuscitou três dias mais tarde. A propósito, 25 de Dezembro é também o dia de aniversário de Osíris, de Adônis e de Dionísio. O

recém-nascido Krishna foi presenteado com ouro, incenso e mirra. Até o dia santo semanal do cristianismo foi roubado aos pagãos.

— Como?

— Originariamente — interveio novamente Langdon —, o cristianismo honrava o Sabat judeu, ao sábado, mas Constantino mudou-o de modo a coincidir com o dia da veneração do Sol dos pagãos. — Fez uma pausa, sorrindo. — Ainda hoje, a maior parte

das pessoas que vão à missa ao domingo de manhã não sabe que está ali por causa do tributo semanal dos pagãos ao deus-Sol.

Sophie sentia a cabeça a andar à roda.

— E tudo isso tem a ver com o Graal?

— Com certeza — declarou Teabing. — Continuemos. Durante esta fusão de religiões, Constantino, que precisava da força da nova tradição cristã, convocou a famosa reunião ecumênica conhecida como Concílio de Niceia.

Sophie ouvira falar de Niceia apenas como tendo sido o lugar onde nascera o Credo Niceno.

— Nessa reunião — prosseguiu Teabing —, foram discutidos e votados muitos aspectos do cristianismo: a data da Páscoa, o papel dos bispos, a administração dos sacramentos e, claro, a divindade de Jesus.

— Não estou entendendo. A divindade de Jesus?

— Minha querida — disse Teabing —, até àquele momento da História, Jesus tinha sido visto pelos seus seguidores como um profeta mortal... um grande

homem, e poderoso, mas apesar de tudo um homem. Um mortal.

— Não como o Filho de Deus?

— Exatamente. O estabelecimento de Jesus como “Filho de Deus” foi oficialmente proposto e votado no Concílio de Niceia.

— Espere um momento. Está me dizendo que a divindade de Jesus resultou de uma votação?

— E bastante renhida, por sinal — respondeu Teabing. — Em todo o caso, estabelecer a divindade de Jesus era crucial para a unificação do Império Romano e para a base de poder do novo Vaticano. Ao

avalizar oficialmente Jesus como Filho de Deus, Constantino estava transformando-o em uma divindade que existia além do âmbito do mundo humano, uma entidade cujo poder era indiscutível. O que não só prevenia futuros desafios pagãos ao cristianismo, como estabelecia que os seguidores de Cristo passavam a só poder redimir-se através do canal sagrado acabado de criar: a Igreja Católica Romana.

Sophie olhou para Langdon, que lhe fez um ligeiríssimo aceno de concordância.

— Era tudo uma questão de poder — continuou Teabing. Cristo como Messias era essencial ao funcionamento da Igreja e do Estado. Muitos estudiosos afirmam que a Igreja primitiva o roubou literalmente dos seus seguidores originais, apoderando-se da sua mensagem humana, envolvendo-a em um impenetrável manto de divindade e usando-a para expandir o seu próprio poder.

Escrevi vários livros sobre o tema.

— E suponho que todos os dias os cristãos devotos lhe enviam cartas insultando-o?

— Porque haveriam de fazê-lo? — surpreendeu-se Teabing. — A maior parte dos cristãos instruídos conhece a história da sua fé. Jesus foi sem dúvida um grande homem.

As manobras de baixa política de Constantino em nada diminuem a majestade da vida de Cristo. Ninguém está dizendo que Jesus foi um trapaceiro, ou negando que viveu neste mundo e inspirou milhões de pessoas a terem uma vida melhor. Tudo o que dizemos é que Constantino se aproveitou das suas substanciais influência e importância. E, ao fazê-lo, modelou a face do cristianismo tal como hoje o conhecemos.

Sophie olhou para o livro de arte que tinha à sua frente, ansiosa por ir adiante e ver o quadro de da Vinci do Santo Graal.

— O busílis da questão é o seguinte — disse Teabing, falando agora mais depressa. — Uma vez que Constantino “promoveu” Cristo a divindade quase quatro séculos depois de ele ter morrido, havia milhares de documentos que relatavam a sua vida como um homem mortal. Constantino sabia que, para reescrever os livros de História, precisava de um golpe de ousadia. Foi daqui que nasceu o momento mais profundo da história do Cristianismo. — Fez uma pausa, estudando o rosto de Sophie. — Constantino encomendou e financiou uma nova Bíblia, que omitia os evangelhos que falavam das características humanas de Cristo e dava destaque aos que faziam dele um deus. Os evangelhos mais antigos foram banidos, arrebanhados e queimados.

— Uma nota interessante — acrescentou Langdon. — Quem continuasse a preferir os evangelhos proibidos à versão de Constantino era declarado herético.

A palavra herético nasceu nessa época. O termo latino hariticus significa

“escolha”. Os que “escolheram” a história original de Cristo foram os primeiros heréticos do mundo.

— Felizmente para os historiadores — encadeou Teabing —, alguns dos evangelhos que Constantino tentou erradicar conseguiram sobreviver. Os Manuscritos do Mar Morto foram encontrados, nos anos 50, em uma gruta escondida perto de Qumran, no deserto da Judéia. E, claro, os Manuscritos Coptas, em 1945, em Nag Hammadi. Além de contarem a verdadeira história do Graal, estes documentos falam do ministério de Cristo em termos muito humanos, claro que o Vaticano, fiel à sua tradição de desinformação, fez tudo o que pôde para evitar a divulgação desses textos. E porque não o faria? Os manuscritos denunciam gritantes discrepâncias e mentiras históricas, demonstrando claramente que a Bíblia moderna foi compilada por indivíduos que tinham um objetivo político: promover a divindade do homem Jesus Cristo e usar a influência dele para reforçar a sua própria base de poder.

— Em todo o caso — interpôs Langdon —, é importante ter presente que o desejo da Igreja moderna de suprimir estes documentos decorre de uma crença sincera na visão que tem de Cristo. O Vaticano é constituído por homens muito piedosos que acreditam verdadeiramente que estes documentos contrários só podem ser falsos testemunhos.

Teabing riu e instalou-se em uma cadeira em frente de Sophie.

— Como vê, o nosso professor é muito mais compreensivo do que eu no que respeita a Roma. Seja como for, tem razão quando afirma que o clero moderno está convencido da falsidade destes documentos. O que é compreensível. A Bíblia de Constantino foi a verdade deles durante séculos. Ninguém está mais doutrinado do que o doutrinador.

— O que ele quer dizer — esclareceu Langdon — é que veneramos os deuses dos nossos pais.

— O que eu quero dizer — contrapôs Teabing — é que quase tudo o que os nossos pais nos ensinaram a respeito de Cristo é falso. Como falsas são as histórias a respeito do Santo Graal.

Sophie voltou a olhar para a citação de Leonardo da Vinci que tinha à sua frente. A cega ignorância é que nos engana. Ó míseros mortais, abri os olhos!

Teabing pegou no livro e folheou-o mais para a frente.

— E finalmente, antes de lhe mostrar as pinturas do Santo Graal de da Vinci, gostaria que desse uma olhada nisto. Abriu o livro em uma colorida ilustração que ocupava duas páginas contíguas. — Acredito que reconhece este fresco?

Deve estar brincando! Sophie estava olhando para o mais famoso fresco de todos os tempos, A Última Ceia, a lendária pintura que da Vinci executara na parede de Santa Maria delle Grazie, perto de

Milão. O fresco, muito degradado, representa Jesus e os discípulos no momento em que o primeiro anuncia que um deles o vai trair.

— Conheço o fresco, sim.

— Nesse caso, talvez me permita um pequeno jogo. Importa-se de fechar os olhos?

Insegura, Sophie fechou os olhos.

— Onde Jesus está sentado? — perguntou Teabing.

— No meio.

— Muito bem. E que alimento estão ele e os discípulos partindo e comendo?

— Pão. Obviamente.

— Ótimo. E o que é que estão bebendo?

— Vinho. Estão bebendo vinho.

— Excelente. Uma última pergunta. Quantos copos de vinho há em cima da

mesa?

Sophie hes itou, percebendo que era uma pergunta armadilhada. E depois da ceia, Jesus pegou na taça de vinho, partilhando-a com os Seus discípulos.

— Uma taça — disse. — O cálice. A Taça de Cristo. O Santo Graal. — Jesus passou à volta da mesa um único cálice de vinho, como os cristãos modernos fazem na comunhão.

Teabing suspirou.

— Abra os olhos.

Ela assim fez. Teabing estava sorrindo, com um ar satisfeito. Sophie olhou para a ilustração e viu, para seu grande espanto, que todos os convivas sentados à mesa tinham um copo de vinho, incluindo Cristo. Treze copos. Além disso, os copos eram de vidro, pequenos e sem pé. Não havia qualquer cálice no quadro.

Nenhum Santo Graal.

Os olhos de Teabing cintilaram.

— Um pouco estranho, não lhe parece, considerando que tanto a Bíblia como a lenda padr ão do Graal celebram este momento como o do aparecimento definitivo do Santo Graal. Estranhamente, da Vinci parece ter esquecido de pintar a Taça de Cristo.

— Com toda certeza os estudiosos de arte devem tê-lo notado.

— Ficaria chocada se soubesse que anomalias da Vinci incluiu nesta pintura e que a maior parte dos estudiosos não vê ou prefere simplesmente ignorar. Este fresco é, na realidade, a chave para o mistério do Santo Graal. Da Vinci põe tudo a descoberto em A Ultima Ceia.

Sophie examinou ansiosamente a ilustração.

— Este fresco nos diz o que o Graal realmente é?

— Não o que é — sussurrou Teabing —, mas antes quem é. O Santo Graal não é uma coisa. É, na realidade... uma pessoa.

C A P Í T U L O 56

Sophie ficou olhando para Teabing por um longo instante, e então voltou-se para Langdon.

— O Santo Graal é uma pessoa?

Langdon assentiu.

— Uma mulher, para ser mais exato.

Pela expressão vazia do rosto de Sophie, Langdon percebeu que a tinham perdido.

Lembrou-se de ter tido uma reacção semelhante da primeira vez que ouvira a afirmação.

Fora só depois de compreender a simbologia por detrás do Graal que a ligação feminina se tornara clara. Teabing estava, aparentemente, pensando algo na mesma linha.

— Robert — disse — talvez seja a altura de o simbologista esclarecer? —

Dirigiu-se a uma pequena mesa e regressou com uma folha de papel que pousou à frente de Langdon.

Langdon tirou uma caneta do bolso do casaco.

— Conhece, claro, os símbolos modernos para masculino e feminino? –

começou.

— Claro — disse Sophie.

— Estes — continuou ele, calmamente — não são os símbolos originais de masculino e feminino. Muitas pessoas assumem erradamente que o símbolo masculino deriva de um escudo e uma lança, enquanto o feminino representa um espelho refletindo a beleza. Na realidade, derivam dos antigos símbolos astronômicos do deus-planeta Marte e da deusa-planeta Vênus. Os símbolos

originais são muito mais simples. — Langdon traçou outro desenho no papel.

— Este é o ícone original de masculino — explicou. — Um falo rudimentar.

— Muito apropriado — comentou Sophie.

— Sem dúvida — acrescentou Teabing.

— Este ícone é formalmente conhecido como a lâmina, e representa agressão e virilidade. Na realidade, este mesmíssimo símbolo fálico continua hoje a ser usado nos uniformes militares como indicação do posto.

— É verdade. — Teabing sorriu — Quantos mais pênis um fulano tem, mais alto é o seu posto. Coisas de rapazes.

Langdon fez uma careta.

— Continuando, o símbolo feminino, como imagina, é o exato oposto. — Fez outro desenho no papel. — A este chama-se o cálice.

Sophie ergueu os olhos, parecendo surpreendida. Langdon viu que ela tinha feito a ligação.

— O cálice — disse — assemelha-se a uma taça, ou vaso, e, mais importante ainda, evoca a forma do útero da mulher. Este símbolo transmite feminidade e fertilidade. — Olhou diretamente para ela. — Sophie, a lenda nos diz que o Santo Graal é um cálice... uma taça. Mas descrevê-lo como um cálice é na realidade uma alegoria destinada a proteger a sua verdadeira natureza. Ou seja, a lenda usa o cálice como uma metáfora para algo muito mais importante.

— Uma mulher — disse Sophie.

— Exatamente. — Langdon sorriu. — O Graal é literalmente o antigo símbolo da feminidade e o Santo Graal representa o sagrado feminino e a deusa, hoje perdidos, praticamente eliminados pela Igreja. O poder da fêmea e a sua capacidade de produzir vida eram outrora muito sagrados, mas representavam uma ameaça à ascensão de uma Igreja predominantemente masculina, e por isso o sagrado feminino foi demonizado e declarado impuro. Foi o homem,

e não Deus, que criou o conceito do “pecado original”, em que Eva prova a maçã e provoca a queda da raça humana. A mulher, em tempos a criadora de vida, passava a ser a inimiga.

— Devo acrescentar — acrescentou Teabing — que este conceito da mulher como criadora de vida era o alicerce da antiga religião. O parto era místico e poderoso.

Infelizmente, a filosofia cristã decidiu defraudar o poder criativo da fêmea ignorando a verdade biológica e fazendo do homem o Criador. O Gênesis diz-nos que Eva foi feita a partir de uma costela de Adão. A mulher tornou-se um rebento do homem. E um rebento pecaminoso, ainda por cima. O Gênesis foi o começo do fim para a deusa.

— O Graal — engrenou Langdon — é simbólico da deusa perdida. Quando o Cristianismo apareceu, as antigas religiões pagãs não morreram facilmente. As lendas sobre demandas cavalheirescas do Graal perdido eram de fato histórias de demandas proibidas do sagrado feminino perdido. Os cavaleiros que afirmavam

“procurar o cálice” falavam em código como uma forma de se protegerem contra uma Igreja que subjugara as mulheres, banira a Deusa, queimara os incréus e proibira a reverência pagã pelo sagrado feminino.

Sophie abanou a cabeça.

— Peço desculpas. Quando disseram que o Santo Graal é uma pessoa, pensei que fosse uma pessoa de carne e osso.

— E é — disse Langdon.

— E não uma pessoa qualquer — interpôs Teabing, pondo-se excitadamente de pé. — Uma mulher que transportava consigo um segredo tão poderoso que, se revelado, ameaçava arrasar os próprios alicerces do Cristianismo!

Sophie parecia esmagada.

— Uma mulher historicamente bem conhecida? — perguntou.

— Muito. — Teabing pegou nas muletas e apontou na direção do corredor. —

E se quiserem acompanhar-me ao estúdio, meus amigos, terei a honra de mostrar-lhes o retrato que da Vinci fez dela.

A duas salas de distância, na cozinha, Rémy Legaludec, o mordomo, mantinha-se de pé e em silêncio diante de um televisor. O noticiário mostrava as fotografias de um homem e de uma mulher... os mesmos dois indivíduos a quem acabava de servir chá.

C A P Í T U L O 57

Junto à barricada que vedava a saída do Banco Depositário de Zurique, o tenente Collet perguntava a si mesmo porque diabo estaria o capitão Fache demorando tanto tempo para conseguir um mandato de busca. Era evidente que os banqueiros escondiam qualquer coisa. Afirmavam que Langdon e Nev eu tinham de fato estado no banco mas que lhes fora recusada a entrada por não possuírem a necessária identificação de conta.

Então por que é que não nos deixam entrar e dar uma vista de olhos?

Finalmente, o telefone do tenente tocou. Era o posto de comando, ainda situado no Louvre.

— Já temos o mandato de busca? — perguntou Collet.

— Esqueça o banco, tenente — disse-lhe o agente. — Acabamos de receber uma informação. Sabemos o lugar exato onde Langdon e a agente Neveu estão escondidos.

Collet sentou-se com força no capô do carro.

— Está brincando.

— Tenho um endereço nos subúrbios. Em algum lugar perto de Versalhes.

— O capitão Fache já sabe?

— Ainda não. Está ocupado com uma chamada importante.

— Estou a caminho. Ele que me ligue logo que estiver livre. — Collet tomou nota do endereço e saltou para dentro do carro. Enquanto se afastava do banco com os pneus guinchando, percebeu que se esquecera de perguntar quem informara a DCPJ sobre a localização de Langdon. Não que fizesse qualquer diferença. Tinha agora uma oportunidade de redimir-se do seu ceticismo e anteriores erros. Estava à beira de fazer a detenção mais espectacular da sua

carreira.

Contatou pelo rádio os cinco carros que o seguiam.

— Nada de sirenes. Não quero que Langdon saiba que estamos chegando.

A quarenta quilômetros dali, um Audi preto saiu da estrada rural e parou no meio da escuridão à beira de um campo. Silas apeou-se e espreitou por entre as barras de ferro forjado do gradeamento que cercava a vasta propriedade. Viu, ao longe, a mansão que se erguia no topo da suave vertente banhada pelo luar.

Todas as luzes do piso térreo estavam acesas. Estranho para esta hora, pensou Silas, sorrindo. A informação que o Professor lhe dera estava evidentemente correta. Não sairei desta casa sem a Chave de Abóbada, jurou a si mesmo. Não deixarei ficar mal o bispo e o Professor.

Depois de verificar o carregador de treze tiros da sua Heckler and Koch, fez passar a arma por entre as grades e deixou-a cair no solo coberto de musgo do outro lado.

Então, agarrando-se com as duas mãos ao topo dos varões de ferro, içou-se, passou por cima do gradeamento e saltou para o c hão. Ignorando a dor excruciante do cilício, recuperou a arma e iniciou a longa caminhada em direção à casa.

C A P Í T U L O 58

O "estúdio" de Teabing era diferente de qualquer outro que Sophie tivesse visto.

Seis ou sete vezes mais amplo do que o mais luxuoso dos escritórios, o cabinet de travail de Sir Leigh parecia um desgracioso híbrido de laboratório científico, biblioteca, arquivo e feira da ladra interior. Iluminado por três lustres suspensos, o vasto chão de tijoleira mostrava-se salpicado de ilhas dispersas de mesas de trabalho vergadas ao peso de livros, obras de arte, artefatos e uma surpreendente quantidade de aparelhagem eletrônica: computadores, projetores, microscópios, fotocopiadoras e scanners planos.

— Transformei o salão de baile — explicou Teabing, com um ar embaraçado, quando entraram na sala. — Não tenho assim muitas oportunidades de dançar.

Sophie sentiu como se toda aquela noite fosse uma espécie de quinta dimensão onde nada era o que ela esperava.

— Tudo isto é para o seu trabalho?

— Descobrir a verdade tornou-se a paixão da minha vida respondeu Teabing.

— E o Sangreal é a minha amante preferida.

O Santo Graal é uma mulher, pensou Sophie, e o seu espírito era uma colagem de ideias interligadas que pareciam não fazer qualquer sentido.

— Disse que tinha um retrato da mulher que afirma ser o Santo Graal.

— Sim, mas não sou eu que afirmo que ela é o Santo Graal. O próprio Cristo fez essa afirmação.

— Qual é o quadro? — perguntou Sophie, percorrendo as paredes com o olhar.

— Hmmm... — Teabing fez todo um espectáculo de fingir ter-se esquecido.

— O Santo Graal. O Sangreal. O Cálice. — Voltou-se subitamente e apontou para a parede mais distante, da qual estava suspensa uma cópia com dois metros e quarenta de comprimento de A Ultima Ceia, exatamente a mesma imagem que Sophie acabava de ver no livro. — Lá está ela!

Sophie teve certeza de que lhe escapara qualquer coisa.

— É o mesmo quadro que acaba de me mostrar.

Teabing piscou-lhe um olho.

— Eu sei, mas a ampliação é muito mais excitante. Não acha?

Sophie voltou-se para Langdon, em busca de ajuda.

— Me perdi.

Langdon sorriu.

— A verdade é que o Santo Graal marca de fato presença na Última Ceia.

Leonardo deu-lhe um lugar de destaque.

— Espere aí — pediu Sophie. — Disse-me que o Santo Graal é uma mulher.

A Ultima Ceia é um retrato de treze homens.

— Será? — perguntou Teabing. — Olhe com mais atenção.

Insegura, Sophie aproximou-se da reprodução, examinando as treze figuras: Jesus no centro, seis discípulos do lado esquerdo, outros seis do lado direito.

— São todos homens — confirmou.

— Oh? — exclamou Teabing. — E o que está sentado no lugar de honra, à direita do Senhor?

Sophie examinou a figura à direita de Jesus, concentrando a atenção. À

medida que estudava o corpo e o rosto da personagem, sentiu uma onda de estupefação crescer-lhe no peito. O indivíduo tinha longos cabelos vermelhos, mãos delicadamente entrelaçadas, a sugestão de um seio. Era, sem a mínima dúvida... uma mulher.

— É uma mulher! — exclamou Sophie.

Teabing estava rindo.

— Surpresa, surpresa. Não é engano, pode crer. Leonardo era muito hábil em pintar as diferenças entre os sexos.

Sophie não conseguia desviar os olhos da mulher sentada ao lado de Cristo. A Ultima Ceia se propõe a apresentar treze homens. Quem é a mulher? Embora tivesse visto aquela imagem clássica vezes sem conta, nunca reparara na gritante

discrepância.

— Ninguém repara — disse Teabing. — As nossas noções preconcebidas desta cena são tão poderosas que a mente bloqueia a incongruência e sobrepõe-se aos olhos.

— É um fenômeno conhecido como escotoma — acrescentou Langdon. — O

cérebro o faz muitas vezes, com símbolos muito poderosos.

— Outra razão possível para não ter reparado na mulher continuou Teabing

— é o fato da maior parte das fotografias que aparecem nos livros de arte terem sido tiradas antes de 1954, quando os pormenores estavam ainda escondidos sob camadas de sujeira e várias restaurações feitas por incompetentes durante o século XVIII. Agora, finalmente, o fresco foi limpo até à camada original de tinta de da Vinci. — Apontou para a fotografia. — Et voilá!

Sophie aproximou-se ainda mais da imagem. A mulher sentada à direita de Jesus era jovem e tinha um ar piedoso, com um rosto tímido, belos cabelos avermelhados e mãos tranquilamente entrelaçadas. É esta a mulher que podia, sozinha, fazer desmoronar a Igreja?

— Quem é ela? — perguntou.

— Essa senhora, minha querida — respondeu Teabing —, é Maria Madalena.

Sophie voltou-se.

— A prostituta?

Teabing teve uma curta inspiração entredentes, como se a palavra o tivesse ofendido pessoalmente.

— Maria Madalena não era nada disso. Esse falso juízo é um legado da campanha de calúnias lançada pela Igreja primitiva. A

Igreja precisava difamar Maria Madalena para encobrir o seu perigoso segredo: o papel dela como Santo Graal.

— O papel dela?

— Como já disse — esclareceu Teabing —, a Igreja primitiva precisava convencer o mundo de que o profeta mortal Jesus era um ser divino. Por essa razão, os evangelhos que descreviam os aspectos terrenos da vida de Jesus tinham de ser omitidos da Bíblia.

Infelizmente para os primeiros editores, havia um tema terreno particularmente perturbador que aparecia mencionado em todos os evangelhos.

— Fez uma pausa. — O casamento de Jesus Cristo.

— Desculpe? — Os olhos de Sophie saltaram para Langdon, e depois de novo para Teabing.

— Está historicamente registrrado, e da Vinci tinha com toda certeza conhecimento do fato. A Ultima Ceia praticamente grita ao espectador que Jesus e Madalena eram um casal.

Sophie voltou olhando par a a reprodução do fresco.

— Repare que Jesus e Madalena estão vestidos como imagens reflexas um do outro — disse Teabing, apontando para as duas personagens centrais.

Sophie estava fascinada. E, sem a mínima dúvida, as roupas dos dois eram de cores inversas. Jesus usava uma túnica vermelha e um manto azul; Maria Madalena usava uma túnica azul e um manto vermelho. Yin e Yang.

— Aventurando-nos no ainda mais bizarro — continuou Teabing —, repare que Jesus e a sua noiva parecem estar unidos pela anca e inclinam-se para longe um do outro, como que para criar entre ambos este espaço negativo claramente delineado.

Ainda antes que Teabing traçasse o contorno com o dedo, Sophie viu-o: a indiscutível forma de V no ponto focal da pintura. Era o mesm o símbolo que Langdon desenhara momentos antes e que dissera representar o Graal, o cálice e o útero feminino.

— Finalmente — disse Teabing —, se vir Jesus e Madalena como elementos da composição e não como personagens, verá uma outra forma óbvia saltar-lhe aos olhos. — Fez uma pausa. — Uma letra do alfabeto.

Sophie a viu imediatamente. Dizer que a letra lhe saltou aos olhos seria um eufemismo. Subitamente, não via mais nada senão a letra. Bem no centro da pintura destacava-se o inquestionável desenho de um enorme e impecavelmente traçado M.

— Um pouco perfeito de mais para ser coincidência, não acha? — perguntou Teabing.

Sophie estava estupefata.

— E está ali porquê?

Teabing encolheu os ombros.

— Os teóricos da conspiração lhe dirão que significa Matrimônio ou Maria

Madalena.

Para ser honesto, ninguém sabe. A única certeza é que o M escondido não é resultado de um acaso. Inúmeras obras relacionadas com o Graal contêm um M

escondido... seja em marcas-de-água, camadas inferiores de pintura ou alusões composicionais. O mais evidente de todos os M é, claro, o que aparece no altar de Nossa Senhora de Paris, em Londres, concebido por um ex-Grão-Mestre do Priorado de Sião, Jean Cocteau.

Sophie pesou a informação.

— Admito que os M escondidos são intrigantes, embora assuma que ninguém afirma que constituem prova do casamento de Jesus com Madalena.

— Não, não — respondeu Teabing, que se dirigia a uma mesa próxima carregada de livros. — Como disse há pouco, o casamento de Jesus com Maria Madalena é um fato historicamente registrrado. — Pôs-se a remexer nas rimas de livros. — Alémdisso, Jesus como homem casado faz infinitamente mais sentido do que a tradicional visão bíblica de Jesus como homem solteiro.

— Porquê? — perguntou Sophie.

— Porque Jesus era judeu — disse Langdon, pegando no testemunho enquanto Teabing procurava o seu livro —, e o decoro social da época praticamente proibia que um judeu adulto não fosse casado. O costume judaico condenava o celibato, e a obrigação de qualquer pai era procurar uma esposa adequada para o filho. Se Jesus não fosse casado, pelo menos um dos evangelhos mencionaria o fato e proporia uma explicação qualquer para esta anormalidade.

Teabing localizou um enorme livro e puxou-o para si por cima do tampo da mesa.

Encadernado em couro, tinha o tamanho de um cartaz, como um grande atlas.

O título gravado na capa dizia: Evangelhos Gnósticos. Teabing abriu-o e Langdon e Sophie juntaram-se-lhe. Sophie viu que continha fotografias daquilo que parecia ser passagens ampliadas de documentos antigos: papiro esfarrapado com textos manuscritos. Não reconheceu a língua antiga, mas as páginas contíguas continham traduções impressas em letra de forma.

— São fotocópias do Nag Hammadi e dos Manuscritos do Mar Morto que referi há pouco — disse Teabing. — Os mais antigos registrros cristãos. Não condizem com os evangelhos que aparecem na Bíblia, o que é extremamente

perturbador. — Folheando as páginas mais para a frente, apontou para uma passagem. — O Evangelho de Filipe é sempre um bom lugar para se começar.

Sophie leu a passagem:

"E a companheira do Salvador é Maria Madalena. Cristo amava-a mais do que a todos os discípulos e costumava beijá-la muitas vezes na boca. Os outros discípulos sentiam-se ofendidos por isto e expressavam a sua desaprovação.

Perguntavam-lhe: 'Porque é que a amas mais do que a todos nós?'"

As palavras surpreenderam Sophie, mas não lhe pareceram de modo algum conclusivas.

— Não diz aqui nada a respeito de casamento.

— Au contraire. — Teabing sorriu, apontando para a primeira linha. — Como qualquer estudioso do aramaico lhe dirá, a palavra companheira, naquele tempo, significava literalmente esposa.

Langdon corroborou com um aceno de cabeça.

Sophie voltou a ler a primeira linha. E a companheira do Salvador é Maria Madalena.

Teabing voltou a folhear o livro, apontando várias outras passagens que, para espanto de Sophie, sugeriam claramente que Madalena e Jes us partilhavam uma relação romântica. Ao ler aqueles textos, recordou o irado padre que batera à porta do avô quando ela era uma colegial.

— É aqui que mora Jacques Saunière? — perguntou o padre, fulminando com o olhar a jovem Sophie quando ela abriu a porta.

— Quero falar com ele a respeito deste editorial que escreveu! E o padre agitou um jornal.

Sophie foi chamar o avô e os dois homens desapareceram no escritório e fecharam a porta. O meu avô escreveu qualquer coisa no jornal? Sophie correu imediatamente para a cozinha e folheou o jornal da manhã. Encontrou o nome do avô num artigo publicado na s egunda página. Leu-o. Não compreendeu tudo o que era ali dito, mas parecia que o governo francês, cedendo às pressões dos padres , proibira um filme americano chamado A Última Tentação de Cristo, que era a respeito de Jesus ter relações sexuais com uma senhora chamada Maria Madalena.O avô dizia que a Igreja era arrogante e fizera mal em proibir o filme.

Não admira que o padre esteja zangado, pensou Sophie.

— É pornografia! Sacrilégio! — gritou o padre, emergindo do escritório e avançando furiosamente para a porta da rua. — Como é que pode avalizar uma coisa destas? Este americano, este Martin Scorsese, é um blasfemo, e a Igreja não lhe permitirá um púlpito na França! — E o padre bateu com a porta ao sair.

Quando o avô entrou na cozinha e viu Sophie com o jornal, franziu o sobrolho.

— Você rápida — observou.

— Acha que Jesus Cristo tinha uma namorada? – perguntou ela.

— Não, querida, só disse que a Igreja não devia ser autorizada a dizer-nos o que podemos ou não podemos pensar.

— Jesus tinha uma namorada?

O avô ficou silencioso por um longo momento.

— Seria assim tão mau se tivesse?

Sophie considerou o caso e encolheu os ombros.

— Por mim, não me importava.

Sir Leigh Teabing continuava a falar:

— Não vou aborrecê-la com todas as referências à união entre Jesus e Madalena. O tema tem sido explorado ad nauseam pelos historiadores modernos.

Gostaria, no entanto, de fazer notar o seguinte. — Apontou para outra passagem.

— É do Evangelho de Maria Madalena.

Sophie nem sequer sabia que havia um evangelho de Maria Madalena. Leu o texto:

"E Pedro perguntou: 'É verdade que o Salvador falou com uma mulher sem nos dar conhecimento? Teremos agora de voltar-nos para ela e escutar o que diz?

Preferiu-a a nós?'"

E Levi respondeu: 'Pedro, sempre foste um exaltado. Agora vejo-te a combater esta mulher como se ela fosse um adversário. Se o Salvador a achou digna, quem és tu para rejeitá-la? Certamente o Salvador conhece-a muito bem. Por isso a amou mais do que a nós.'"

— A mulher de que estão falando é Maria Madalena — explicou Teabing. —

Pedro tem ciúmes dela.

— Porque Jesus preferia Maria.

— Não só isso. O que estava em jogo era muito mais importante do que simples afetos. Neste ponto dos Evangelhos, Jesus suspeita de que em breve será preso e crucificado. Por isso dá a Madalena instruções sobre como conduzir a sua Igreja depois de ter desaparecido. Pedro expressa o seu descontentamento por ter de obedecer a uma mulher. Diria que este Pedro era bastante sexista.

Sophie estava tentando não se perder.

— Estamos falando de São Pedro. A rocha sobre a qual Jesus construiu a sua Igreja?

— Ele mesmo, com uma pequena diferença. Segundo estes evangelhos não adulterados, não foi a Pedro que Jesus deu instruções sobre como estabelecer a Igreja Cristã. Foi a Maria Madalena.

Sophie olhou para ele.

— Está me dizendo que a Igreja Cristã devia ter sido continuada por uma mulher!

— Era esse o plano. Jesus foi o primeiro dos feministas. Queria que o futuro da sua Igreja ficasse nas mãos de Maria Madalena.

— E Pedro não aprovava — interveio Langdon, apontando para A Ultima Ceia. — E aquele, ali. Vê-se que da Vinci sabia muito bem o que Pedro pensava de Maria Madalena.

Mais uma vez, Sophie ficou sem palavras. Na pintura, Pedro inclinava-se ameaçadoramente para Maria Madalena e passava a mão esticada pelo pescoço dela, como uma faca. O mesmo gesto que na Madonna dos Rochedos!

— E aqui também — continuou Langdon, indicando o grupo de discípulos mais perto de Pedro. — Não pressagia nada de bom, não é?

Sophie concentrou a atenção e viu uma mão a emergir do grupo de discípulos.

— Aquela mão empunha uma adaga?

— Exatamente. E, o que é ainda mais estranho, se contar os braços, verificará que essa mão pertence... a ninguém. É uma mão sem corpo. Anônima.

Sophie começava a sentir-se esmagada.

— Peço desculpas, mas continuo a não ver como é que tudo isto faz de Maria

Madalena o Santo Graal.

— Ah! — exclamou Teabing uma vez mais. — Aí é que está a questão! —

Voltou-se de novo para a mesa e tirou do monte um grande mapa, que desdobrou diante dela. Era uma espécie de elaborada genealogia — Poucas pessoas sabem que Maria Madalena, além de ser o braço direito de Cristo, era já uma mulher poderosa.

Sophie leu o título da árvore genealógica.

A TRIBODE BENJAMIM

— Maria Madalena está aqui — disse Teabing, apontando um lugar perto do topo da genealogia.

Sophie ficou surpreendida.

— Madalena pertencia à Casa de Benjamim?

— É verdade — respondeu Teabing. — Maria Madalena era de descendência real.

— Mas sempre pensei que fosse pobre.

Teabing abanou a cabeça.

— Madalena foi apresentada como prostituta com o objetivo de esconder as provas das suas poderosas ligações familiares.

Sophie deu por si a olhar para Langdon, que mais uma vez corroborou.

Voltou-se de novo para Teabing.

— Mas que diferença fazia à Igreja primitiva que Maria Madalena tivesse sangue real?

Teabing sorriu.

— Minha querida, não era o sangue real de Maria Madalena que tanto preocupava a Igreja, e sim o seu casamento com Cristo, que também tinha sangue real. Como sabe, Mateus diz-nos que Jesus pertencia à Casa de David.

Um descendente de Salomão... rei dos Judeus. Ao casar com uma mulher da poderosa Casa de Benjamim, Jesus fundia duas linhagens reais, criando uma união política com potencial para apresentar uma legítima pretensão ao trono e restaurar a linha de reis tal como vinha de Salomão.

Sophie sentiu que ele estava quase chegando ao fulcro da questão. Teabing

parecia agora extremamente excitado.

— A lenda do Santo Graal é uma lenda a respeito de sangue real. Quando a lenda do Graal fala do “cálice que conteve o sangue de Cristo...”, está, na realidade, falando de Maria Madalena... o útero feminino que conteve a linhagem real de Jesus.

As palavras pareceram ecoar nas paredes do salão de baile antes que o cérebro de Sophie as registrasse. Maria Madalena conteve a linhagem real de JesusCristo?

— Mas como podia Cristo ter uma linhagem real a menos...? Fez uma pausa e olhou para Langdon.

Langdon sorriu-lhe docemente.

— A menos que tivessem um filho.

Sophie ficou petrificada.

— Veja! — proclamou Teabing — a maior operação de encobr imento de toda a História! Jesus não só era casado, como também era pai. Minha querida, Maria Madalena era o Vaso Sagrado. Era o cálice que conteve o sangue real de Jesus. Foi o útero que gerou a linhagem, e a vinha de onde nasceu o fruto sagrado!

Sophie sentiu os pelos dos braços eriçarem-se-lhe.

— Mas como poderia um segredo dessa importância permanecer escondido durante todos estes anos?

— Céus! — exclamou Teabing. — Esteve tudo menos escondido! A linhagem real de Jesus Cristo está na origem da mais duradoura lenda de todos os tempos: o Santo Graal.

A história de Madalena tem sido proclamada do alto dos telhados há séculos através de todo o gênero de metáforas e em todas as línguas. Está em todo o lado, para quem tenha os olhos abertos.

— E os documentos Sangreal? — perguntou Sophie. — Contêm alegadamente provas de que Jesus teve uma linhagem real?

— Sim.

— Então, toda a lenda do Santo Graal tem a ver com sangue real?

— Muito literalmente — respondeu Teabing. — A palavra Sangreal deriva de San Greal... Santo Graal. Mas na sua forma mais antiga, a palavra Sangreal

dividia-se de maneira diferente. — Teabing rabiscou num pedaço de papel, que lhe estendeu.

Sophie leu o que ele tinha escrito:

Sang Real

Reconheceu imediatamente a tradução.

Sang Real significava literalmente Sangue Real.

C A P Í T U L O 59

O recepcionista instalado no átrio de entrada do quartel-general da Opus Dei em Nova Iorque ficou surpreendido ao ouvir pelo telefone a voz do bispo Aringarosa.

— Boa noite, Eminência.

— Alguma mensagem para mim? — perguntou o bispo, parecendo invulgarmente ansioso.

— Sim, Eminência. Ainda bem que telefonou. Não consegui apanhá-lo no seu apartamento. Teve uma mensagem telefônica urgente há cerca de uma hora.

— Sim? — Aringarosa pareceu aliviado pela notícia. — A pessoa que telefonou deixou algum nome?

— Não, Eminência, apenas um número. — E o recepcionista repetiu o número.

— Prefixo trinta e três? É França, não é?

— Exato, Eminência. Paris. O senhor que telefonou disse que era de importância crucial que o contatasse imediatamente.

— Obrigado. Tenho estado à espera desse telefonema — disse, Aringarosa, e desligou imediatamente.

Enquanto pousava o auscultador, o recepcionista perguntou a si mesmo por que razão a ligação parecera tão ruim. O horário do bispo Aringarosa mostrava-o em Nova Iorque nesse fim de semana, mas parecera estar a meio mundo de distância. O homem encolheu os ombros. O bispo Aringarosa andava comportando-se de uma maneira estranha havia já vários meses.

O meu celular deve ter estado sem recepção, pensou Aringarosa enquanto o Fiat se aproximava da saída do aeroporto Ciampino, reservado a voos charter,

em Roma. O Professor esteve tentando contatar-me. Apesar de preocupado por ter perdido a chamada, o fato de o Professor se sentir suficientemente confiante para ligar diretamente para o quartel-general da Opus Dei em Nova Iorque encorajava-o. As coisas devem ter corrido bem em Paris esta noite.

Marcou o número que lhe tinha sido dado, sentindo a excitação de saber que muito em breve estaria em Paris. Chegarei lá antes da madrugada. Um pequeno jato alugado esperava-o para o curto voo até a França. As companhias comerciais não eram uma opção àquela hora, sobretudo considerando o conteúdo da maleta.

Ouviu o toque de chamada.

— Diretion Centrale Police Judiciaire — disse uma voz de mulher.

Aringarosa hesitou. Aquilo era inesperado.

— Ah, sim... Pediram-me para ligar para este número?

— Qui êtes-vous? — perguntou a mulher. — O seu nome, por favor?

Aringarosa não sabia muito bem se devia ou não fornecer esta informação. A Polícia Judiciária francesa?

— O seu nome, monsieurt — insistiu a mulher.

— Bispo Manuel Aringarosa.

— Un moment. — Houve um clique na linha.

Ao cabo de um longo momento, uma voz de homem, áspera e preocupada.

— Eminência, ainda bem que finalmente consigo contatá-lo. Eu e o senhor temos muito que discutir.

C A P Í T U L O 60

Sangreal... Sang Real... San Greal... Sangue Real... Santo Gral.

Estava tudo interligado.

O Santo Graal é M aria Madalena... a mãe da linhagem real de Jesus Cristo.

Sophie sentiu uma nova onda de desorientação submergi-la, ali de pé no antigo salão de baile, olhando para Robert Langdon. Quantas mais peças Langdon e Teabing punham em cima da mesa, mais imprevisível o puzzle se tornava.

— Como vê, minha querida — disse Teabing, coxeando até uma das estantes

—, Leonardo não é o único que tem tentado dizer ao mundo a verdade a respeito do Santo Graal. A linhagem real de Cristo tem sido estudada em detalhes por dezenas de historiadores. — Passou o dedo por uma fila de várias dúzias de livros.

Sophie inclinou a cabeça e leu alguns dos títulos:

A REVELAÇÃO DOS TEMPLÁRIOS: Guardiães Secretos da Verdadeira Identidade de Cristo

A MULHER COMA A JARRA DE ALABASTRO.

Maria Madalena e o Santo Graal

A DEUSA NOS EVANGELHOS

Reclamando o Sagrado Feminino

— Este é, talvez, o mais conhecido de todos — disse Teabing, tirando um já muito usado livro encadernado do monte e estendendo-o. Tinha escrito na capa.

SANTO SANGUE, SANTO GRAAL

O Best-seller Internacionalmente Aclamado

Sophie ergueu os olhos.

— Um best-seller internacional? Nunca ouvi falar dele.

— Era muito nova. Este livro causou enorme polêmica nos anos 80. Em minha opinião, os autores fazem na sua análise algumas conjecturas pouco sustentadas, mas a premissa fundamental é sólida, e cabe-lhes o mérito de terem finalmente trazido para a ribalta a ideia de linhagem de Cristo.

— Qual foi a reacção da Igreja?

— Escandalizada, claro. Mas já era de esperar. Trata-se, Afinal, de um segredo que o Vaticano tinha tentado enterrar no século IV. Em parte, foi essa a intenção das cruzadas. Reunir e destruir informação. A ameaça que Maria Madalena representava para os homens da Igreja primitiva era potencialmente ruinosa. Era não só a mulher a quem Cristo confiara a missão de criar a sua Igreja, como também tinha provas físicas de que a recém-proclamada divindade da Igreja gerara um linhagem mortal. Para se proteger de Maria Madalena, a Igreja perpetuou a sua imagem como meretriz e escondeu as provas do casamento de Cristo com ela, despoletando deste modo quaisquer potenciais afirmações de que Cristo deixara descendência e era um profeta mortal.

Sophie olhou para Langdon, que assentiu.

— Sophie, as provas históricas que apoiam tudo isto são substanciais.

— Admito — continuou Teabing — que estas afirmações são assustadoras, mas tem de compreender que a Igreja tinha poderosas motivações para promover um encobrimento desta amplitude. Nunca teria conseguido sobreviver ao conhecimento público de que Cristo deixara descendência. Um filho de Jesus minaria a não crucial divindade de Cristo, e logo da Igreja Cristã, que se declarara o único vaso através do qual a humanidade podia aceder ao divino e obter entrada no reino dos céus.

— A rosa de cinco pétalas — disse Sophie, apontando subitamente para a lombada de um dos livros de Teabing. Exatamente o mesmo desenho que está embutido na caixa de roseira.

Teabing olhou para Langdon e sorriu.

— Tem bom olho. — Voltou-se de novo para Sophie. — É o símbolo do

Priorado para o Graal. Maria Madalena. Porque o seu nome era proibido pela Igreja, Maria Madalena tornou-se secretamente conhecida por muitos pseudônimos... o Cálice, o Santo Graal e a Rosa. — Fez uma pausa. — A Rosa tem ligações com o pentáculo de Vênus e com a rosa dos ventos da bússola. A propósito, a palavra rose é idêntica em francês, inglês, alemão e em muitas outras línguas.

— Rose — acrescentou Langdon — é também o anagrama de Eros, o deus grego do amor sexual.

Sophie lançou-lhe um olhar surpreso, e Teabing prosseguiu:

— A rosa sempre foi o principal símbolo da sexualidade feminina. Nos primitivos cultos da deusa, as cinco pétalas representavam os cinco estádios da vida feminina: nascimento, menstruação, maternidade, menopausa e morte. Nos tempos modernos, as

ligações da rosa à feminilidade são consideradas mais visuais. — Olhou para Robert. — Talvez o simbologista possa explicar?

Robert hesitou. Demasiado tempo.

— Oh, céus! — bufou Teabing. — Vocês, os Americanos, são tão pudicos. —

Olhou para Sophie. — Aquilo que tanto atrapalha o Robert é o fato da rosa desabrochada fazer lembrar o órgão genital feminino, a flor sublime através da qual toda a humanidade chega a este mundo. E se alguma vez viu um quadro de Georgia O'Keeffe, sabe exatamente do que estou falando.

— A questão aqui — interveio Langdon, apontando para a estante — é que todos estes livros substanciam a mesma afirmação histórica.

— Que Jesus era pai — disse Sophie, ainda insegura.

— Sim — corroborou Teabing —, e que Maria Madalena foi o útero que conteve a sua linhagem real. Ainda hoje, o Priorado de Sião continua a venerarMaria Madalena como a Deusa, o Santo Graal, a Rosa e a Mãe Divina.

O ritual a que assistira na caverna voltou a passar como um relâmpago pelo espírito de Sophie.

— De acordo com os ensinamentos do Priorado — continuou Teabing, —

Maria Madalena estava grávida na altura da crucifixão.

Para garantir a segurança do filho ainda não nascido de Jesus Cristo não teve outro remédio senão fugir da Terra Santa. Com a ajuda do tio de Jesus, José de Arimateia, chegou a França, na altura conhecida como Gália, onde encontrou um

refúgio seguro entre a comunidade judaica. Foi aqui, em França, que deu à luz uma filha. Que se chamou Sara.

Sophie ergueu vivamente a cabeça.

— Até sabem o nome da criança?

— Sabem muito mais do que isso. As vidas de Madalena e de Sara foram escrupulosamente registradas pelos seus protetores judeus. Não esqueça que a filha de Madalena pertencia à linhagem dos reis hebraicos: David e Salomão.

Por este motivo, os judeus da Gália consideravam-na um membro sagrado da realeza e reverenciavam-na como progenitora de uma linhagem real. Inúmeros eruditos des sa época registraram a estada de Madalena em França, incluindo o nascimento de Sara e a subsequente árvore genealógica.

Sophie estava estupefata.

— Há uma árvore genealógica de Jesus Cristo?

— Sem dúvida. Que é considerada uma das pedras basilares dos documentos Sangreal. Uma genealogia completa dos primeiros descendentes de Cristo.

— Mas para que serve uma genealogia documentada da linhagem de Cristo?

— perguntou Sophie. — Não constitui prova. Os historiadores não têm qualquer possibilidade de confirmar-lhe a autenticidade.

Teabing riu.

— Exatamente a mesma que têm de confirmar a autenticidade da Bíblia.

— Querendo com isso dizer...?

— Querendo com isto dizer que a História é sempre escrita pelos vencedores.

Quando duas culturas se chocam, a que perde e obliterada, e a que vence escreve os livros de História... livros que exaltam a sua própria causa e menosprezam a do inimigo derrotado. Como Napoleão certa vez disse, “O que é a Histórias senão uma rábula em relação à qual todos estão de acordo?” —

Sorriu. – Mas, pela sua própria natureza, a História é sempre um relato unilateral.

Sophie nunca tinha pensado no assunto naqueles termos.

— Os documentos Sangreal contam simplesmente o outro lado da história de Cristo.

No fim, em que lado cada um acredita acaba por ser uma questão de fé e de exploração pessoal, mas pelo menos a informação sobreviveu. Os documentos

Sangreal incluem dezenas de milhares de páginas de informação. Testemunhas oculares do tesouro Sangreal dizem-nos que era transportado em quatro grandes baús. Pensa-se que nesses baús se encontram os Documentos Puristas... milhares de páginas de documentos anteriores a Constantino, intocados, escritos pelos primeiros seguidores de Cristo, que o reverenciam como mestre e profeta inteiramente humano. Desse tesouro faria igualmente parte, diz-se, o lendário Documento “Q”... um manuscrito em cuja existência até o Vaticano admite acreditar. Alegadamente, é um livro que contém os ensinamentos de Jesus, talvez até escrito pelo seu próprio punho.

— Escrito pelo próprio Cristo? — exclamou Sophie

— Evidentemente — respondeu Teabing. — Porque não haveria Jesus de manter um registro do seu próprio ministério? A maior parte das pessoas fazia-o, naquele tempo.

Outro documento explosivo que se acredita pertencer ao tesouro é um manuscrito chamado O Diário de Madalena... o relato pessoal de M aria Madalena do seu relacionamento com Cristo, da crucifixão e da sua estada em França.

Sophie ficou silenciosa por um longo momento.

— E esses quatro baús de documentos eram o tesouro que os Templários encontraram nas ruínas do Templo de Salomão?

— Exatamente. Os documentos que tornaram os Cavaleiros tão poderosos. Os documentos que têm sido objeto de inúmeras demandas do Graal ao longo da História.

— Mas disse que o Santo Graal era Maria Madalena. Se as pessoas andam à procura de documentos, porque lhe chama uma demanda do Santo Graal?

Teabing olhou para ela, e a expressão suav izou-se.

— Porque o esconderijo do Santo Graal inclui um sarcófago. Lá fora, o vento uivava nas árvores.

— A demanda do Santo Graal é literalmente uma demanda para ajoelhar diante dos ossos de Maria Madalena — continuou Teabing, num tom agora mais calmo. — Uma jornada para rezar aos pés a ostracizada, do sagrado feminino perdido.

Sophie sentiu um espanto inesperado.

— O esconderijo do Santo Graal é... um túmulo!

Os olhos cor de avelã de Teabing adquiriram um ar sonhador.

— Sim, um túmulo que contém o corpo de Maria Madalena e os documentos que contam a verdadeira história da sua vida. No fundo, a dem anda do Santo Graal sempre foi uma busca de Madalena... a rainha despojada, sepultada com as provas do legítimo direito da sua família ao poder.

Sophie aguardou um instante enquanto Teabing se recompunha. Havia tanta coisa a respeito do avô que continuava a não fazer sentido.

— E, durante todos estes anos, os membros do Priorado têm cumprido a missão de proteger o Sangreal e o Túmulo de Maria Madalena?

— Sim, mas a irmandade tinha também um outro dever, ainda mais importante: proteger a própria linhagem de Cristo. Que estava em perigo constante. A Igreja primitiva receava que se fosse permitido a essa linhagem desenvolver-se, o segredo de Jesus e Madalena acabaria eventualmente por vir à tona e pôr em causa a doutrina católica fundamental: a de um Messias divino que nunca casou nem nunca teve uma união sexual. — Fez uma pausa. — Apesar disso, a linha de Cristo cresceu secretamente na França até que, no século V, num golpe de ousadia, se misturou pelo casamento com o sangue real francês e deu origem a uma linhagem que conhecemos como dos Merovíngios.

A notícia surpreendeu Sophie. Merovíngios era uma palavra que todos os estudantes franceses conheciam.

— Os Merovíngios fundaram Paris.

— Exato. Essa é uma das razões por que a lenda do Graal é tão rica na França.

Muitas das demandas do Graal levadas a cabo pelo Vaticano neste país foram na realidade missões secretas que tinham como objetivo eliminar membros da linhagem real.

Já ouviu falar do rei Dagoberto?

Sophie recordava vagamente o nome de um sanguinolento episódio ouvido numa aula de História.

— Dagoberto foi um rei merovíngio, não foi? Apunhalado no olho enquanto dormia?

— Exato. Assassinado pelo Vaticano em conluio com Pepino de Heristal. Em

finais do século VII. Com a morte de Dagoberto, a linhagem merovíngia quase se extinguiu.

Felizmente, Sigisberto, filho de Dagoberto, escapou aos assassinos e manteve a linhagem... que mais tarde incluiu Godofredo de Bulhão, fundador do Priorado de Sião.

— O mesmo Godofredo — interpôs Langdon — que ordenou aos Cavaleiros do Templo que recuperassem os documentos Sangreal das ruínas do Templo de Salomão e deste modo forneceu aos Merovíngios provas das suas ligações hereditárias a Jesus Cristo.

Teabing assentiu, deixando escapar um fundo suspiro.

— Os deveres do moderno Priorado de Sião são esmagadores. Está encarregado de uma tripla tarefa. A irmandade tem de proteger os documentos Sangreal, tem de proteger o túmulo de Maria Madalena e, claro, tem de manter e proteger a linhagem de Cristo... os poucos membros da linha de sangue dos Merovíngios que chegaram até aos tempos modernos.

As palavras ficaram como que suspensas no espaço enorme, e Sophie sentiu uma estranha vibração, como se os seus ossos reverberassem com uma nova espécie de verdade. Descendentes de Jesus que sobreviv eram até aos tem pos modernos? Ouviu a voz do avô murmurar-lhe uma vez mais ao ouvido. Princesa, tenho de dizer-te a verdade a respeito da tua família.

Um arrepio percorreu-lhe a pele.

Sangue real.

Não conseguia sequer imaginá-lo.

Princesa Sophie.

— Sir Leigh? — A voz do mordomo crepitou no intercomunicador colocado na parede, e Sophie deu um salto. — Seria possível vir à cozinha por um instante?

A inoportuna intrusão fez Teabing franzir o sobrolho. Aproximou-se do intercomunicador e apertou o botão.

— Rémy, como sabe, estou ocupado com os meus convidados. se precisarmos de alguma coisa da cozinha, nós próprios trataremos disso. Obrigado e boa noite.

— Preciso dar-lhe uma palavra antes de me deitar, Sir. Se tiver a bondade.

Teabing resmungou e apertou o botão.

— Curto e conciso, Rémy.

— É uma questão que tem a ver com a casa, Sir. Não creio que interesse aos convidados.

Teabing fez um ar incrédulo.

— E não pode esperar até de manhã?

— Não, senhor. Tomo-lhe apenas um minuto.

Teabing rolou os olhosnas órbitas, voltando-se para Langdon e para Sophie.

— Há momentos em que pergunto a mim mesmo quem serve quem.

— Voltou a apertar o botão. – Já vou Rémy. Quer que leve alguma coisa?

— Só libertação da opressão, senhor.

— Rémy, sabe bem que o teu stake au poivre é a única razão por que continua a trabalhar para mim.

— Como não se cansa de me dizer, senhor.

C A P Í T U L O 61

Princesa Sophie.

Sophie sentiu-se vazia por dentro enquanto ouvia o cliquetear das muletas de Teabing afastando-se pelo corredor. Aturdida, voltou-se para enfrentar Langdon no salão de baile deserto. Ele já estava abanando a cabeça, como se pudesse ler-lhe os pensamentos.

— Não, Sophie — murmurou, procurando tranquilizá-la com o olhar. — A ideia passou-me pela cabeça quando soube que o seu avô pertencia ao Priorado e você me disse que ele queria lhe contar um segredo a respeito da sua família.

Mas é impossível. Langdon fez uma pausa. — Saunière não é um nome merovíngio.

Sophie não sabia muito bem se devia sentir-se aliviada ou desapontada. Horas antes, Langdon perguntara-lhe, de passagem, qual era o nome de solteira da mãe.

Chauvel. A pergunta, que lhe parecera estranha, fazia agora sentido.

— E Chauvel? — perguntou, ansiosa.

Ele voltou abanando a cabeça.

— Lamento. Sei que responderia a algumas das suas perguntas. Só restam duas descendências diretas dos Merovíngios. Os sobrenomes são Plantard e Saint-Clair. Ambas as famílias vivem escondidas, provavelmente protegidas pelo Priorado.

Sophie repetiu silenciosamente os nomes para si mesma, e abanou a cabeça.

Não havia ninguém na família dela chamado Plantard ou Saint-Clair. Um refluxo de cansaço parecia agora querer arrastá-la. Percebeu que não estava mais perto de compreender a verdade que o avô tinha querido revelar-lhe do que quando estivera no Louvre. Desejou que ele nunca tivesse falado da família, naquela

tarde. Reabrira velhas feridas que continuavam tão dolorosas como sempre.

Morreram, Sophie. Não vão voltar. Pensou na mãe cantando para ela adormecer, no pai carregando-a às costas, na avó e no irmão mais novo sorrindo-lhe com aqueles ardentes olhos verdes Tudo isso lhe fora roubado. A única coisa que lhe restara fora o avô.

E agora também ele partiu. E eu estou sozinha. Voltou-se em silêncio para A Ultima Ceia e ficou olhando para os longos cabelos vermelhos e para os olhos tranquilos de Maria Madalena. Havia naqueles olhos qualquer coisa que refletia a perda de um ser amado. Também Sophie a sentia.

— Robert? — chamou, em voz baixa.

Ele aproximou-se.

— Bem sei que o Leigh disse que a história do Graal está por todo o lado à nossa volta, mas esta noite foi a primeira vez que ouvi falar de tudo isto.

Langdon deu a impressão de querer pousar uma mão reconfortante no ombro dela, mas conteve-se.

— Já tinha ouvido a história, Sophie. Todo mundo ouviu. Só que as pessoas não percebem isso, quando a ouvem.

— Não compreendo.

— A história do Graal está por todo o lado, mas está escondida. Quando a Igreja proibiu que se falasse da banida Maria Madalena, a sua história e importância passaram a ter de ser transmitidas por canais mais discretos... canais que suportassem a metáfora e o simbolismo.

— Claro. As artes.

Langdon apontou para a reprodução de A Ultima Ceia.

— Um exemplo perfeito. Algumas das mais duradouras formas de arte, literatura e música do nosso tempo contam secretamente a história de Maria Madalena e de Jesus.

Langdon falou-lhe rapidamente de obras de da Vinci, Botticelli, Poussin, Bernini, Mozart e Victor Hugo que falavam em murmúrios do esforço feito para restaurar o sagrado feminino. Lendas persistentes, como a de Sir Gwain e do Cavaleiro Verde, do rei Artur, da Bela Adormecida, eram alegorias ao Graal.

Nossa Senhora de Paris de Victor Hugo e A Flauta Mágica de Mozart estavam cheias de símbolos maçônicos e de segredos do Graal.

— Quando abrimos os olhos para o Santo Graal — disse —, nós o vemos por todo o lado. Em quadros. Na música. Em livros. Até em desenhos animados, em parques temáticos e em filmes populares.

Mostrou-lhe o relógio Rato Mickey e contou-lhe como Walt Disney dedicara secretamente a sua vida a transmitir a história do Graal às gerações futuras.

Disney sempre fora exaltado como “o Leonardo da Vinci dos tempos modernos”.

Ambos estavam gerações à frente das respectivas épocas, eram artistas excepcionalmente dotados, membros de sociedade secretas e, mais notavelmente, insaciáveis brincalhões. Como Leonardo,

Walt Disney adorava incluir mensagens escondidas e simbolismos na sua arte.

Para o simbologista treinado, assistir a um dos primeiros filmes de Disney era como ser bombardeado por uma autêntica barragem de alusões e metáforas.

A maior parte das mensagens de Disney tinha a ver com religião, mitos pagãos e histórias da deusa subjugada. Não foi por acaso que Disney recontou histórias como A Gata Borralheira, A Bela Adormecida e Branca de Neve —

todas elas relacionadas com a encarceração do sagrado feminino. Nem era preciso ter estudos de simbolismo para perceber que Branca de Neve — uma princesa que caía em desgraça depois de ter mordido uma maçã envenenada era uma clara alusão à queda de Eva no Jardim do Éden. Ou que a princesa Aurora de A Bela Adormecida — que, sob o nome de código de “Rosa”, as fadas escondiam nas profundezas da floresta para a protegerem das garras da bruxa má

— era a história do Graal contada às crianças.

Apesar da sua imagem de grande corporação, a Disney continuava a contar elementos sabedores entre os seus empregados, e os seus artistas continuavam a divertir-se inserindo simbolismosescondidos nos produtos da empresa. Langdon nunca esqueceria o dia em que um dos seus alunos levara para a aula um DVD

de O Rei Leão e Parara o filme na imagem em que a palavra SEX é claramente visível, formada por partículas de pó flutuando no ar sobre a cabeça de Simba.

Embora Langdon suspeitasse que era mais provável tratar-se de uma traquinice estudantil de algum desenhista do que de uma alusão erudita à sexualidade humana pagã, aprendera a não subestimar o domínio da simbologia que a Disney demonstrava. A Pequena Sereia era uma fascinante tapeçaria de símbolos

espirituais tão especificamente relacionados com a deusa que não podia de modo algum tratar-se de uma coincidência.

Quando vira A Pequena Sereia pela primeira vez, Langdon não conseguira abafar uma exclamação de espanto ao verificar que o quadro na casa subaquática de Ariel era nem mais nem menos do que A Madalena Arrependida do artista francês do século XVII Georges de La Tour — uma famosa homenagem à banida Madalena —, uma decoração adequada, considerando que o filme era uma colagem com noventa minutos de óbvias referências à santidade perdida de Ísis, Eva, Pisces, a deusa-peixe, e, repetidamente, Madalena. O nome da Pequena Sereia, Ariel, tinha poderosas ligações ao sagrado feminino e, no Livro de Isaías, era sinônimo de "Cidade Santa sitiada". É claro que os ondulantes cabelos vermelhos da sereiazinha também não podiam ser uma coincidência.

O cliquetear das muletas de Teabing aproximava-se pelo corredor, a um passo invulgarmente vivo. Quando o dono da casa entrou no estúdio, a sua expressão era severa.

— É melhor explicar-se, Robert — disse, friamente. — Não foi honesto comigo.

C A P Í T U L O 62

— Estou sendo falsamente incriminado, Leigh — disse Langdon, tentando manter-se calmo. Você me vonhece. Sabe que não matei ninguém.

O tom de Teabing não se suavizou:

— Robert, a sua fotografia está na televisão, pelo amor de Deus. Sabia que era procurado pelas autoridades?

— Sabia.

— Então abusou da minha confiança. Espanta-me que tenha tido o desplante de vir a minha casa e incitar-me a dissertar sobre o Graal para poder esconder-se da Polícia.

— Não matei ninguém.

— Jacques Saunière está morto e a Polícia diz que foi você que o matou. —

Teabing pareceu subitamente entristecido. — Um amigo tão grande das artes...

— Sir? — O mordomo tinha aparecido à porta do estúdio, de braços cruzados atrás de Teabing. — Deseja que os ponha na rua?

— Eu mesmo o faço. — Teabing coxeou até ao outro lado do estúdio e abriu as portadas de uma ampla janela de sacada que dava Para um relvado natural. —

Por favor, procurem o seu carro e vão embora.

Sophie não se mexeu de onde estava.

— Temos informações sobre a Clef de Voûte. A Chave de Abóbada do Priorado.

Teabing ficou olhando para ela durante vários segundos, e então sorriu desdenhosamente.

— Uma tentativa desesperada. Robert sabe como eu a tenho procurado.

— Ela está dizendo a verdade — interveio Langdon. — Foi por isso que

viemos aqui esta noite. Para falar sobre a Chave de Abóbada.

O mordomo avançou um passo.

— Saiam, ou terei de chamar as autoridades.

— Leigh — sussurrou Langdon. — Sabemos onde está.

Teabing pareceu ter um momentâneo desequilíbrio. Rémy avançava, rígido, pela sala.

— Saiam imediatamente. Ou usarei da força...

— Rémy! — Teabing voltou-se vivamente para o mordomo. Desculpe-nos por um momento.

O queixo de Rémy deu a impressão de cair.

— Senhor? Sou forçado a protestar. Estas pessoas são...

— Eu cuido disto — disse Teabing, apontando para o corredor.

Ao cabo de um instante de aturdido silêncio, Rémy retirou-se, de cabeça baixa como um cão escorraçado. A fresca brisa noturna entrava pelas portas abertas. Teabing voltou-se para Sophie e para Langdon, com uma expressão ainda desconfiada.

— É melhor que isto seja bom. O que é que sabem a respeito da Chave de Abóbada?

Escondido na espessura dos arbustos fora do estúdio de Teabing, Silas apertou a coronha da pistola e espiou através das portas de vidro. Apenas momentos antes, contornara a casa e v ira Langdon e a mulher conversando no grande estúdio. Antes que pudesse avançar, aparecera um homem de muletas, gritara com Langdon, abrira as portas e pedira aos dois que saíssem, Então, a mulher falou da Chave de Abóbada, e tudo mudou. Os gritos transformaram-se em sussurros. A tensão desaparecera. E as portas tinham sido rapidamente fechadas.

Agora, acocorado nas sombras, Silas espreitava através dos vidros. A Chave de Abóbada está Em algum lugar dentro desta casa. Sentia-a.

Mantendo-se no escuro, aproximou-se muito lentamente, desejoso de ouvir o que estava sendo dito. Ia dar-lhes cinco minutos. Se não revelassem onde tinham escondido a Chave de Abóbada, teria de entrar e convencê-los à força.

Dentro do estúdio, Langdon sentia o espanto do seu anfitrião.

— Grão-Mestre? — engasgou-se Teabing, olhando para Sophie. — Jacques

Saunière?

Sophie assentiu, vendo o choque nos olhos dele.

— Mas como é que pode saber uma coisa dessas?

— Jacques Saunière era meu avô.

Teabing recuou um passo, como se lhe tivessem batido, e olhou para Langdon, que assentiu com a cabeça. Teabing voltou-se de novo para Sophie.

— Menina Neveu, estou sem palavras. Se isto é verdade, então lamento muito sinceramente a sua perda. Tenho de admitir que, para as minhas pesquisas, coligilistas de homens de Paris que me pareciam ser bons candidatos a estar envolvidos com o Priorado. Jacques Saunière fazia parte dessas listas, juntamente com muitos outros. Mas Grão-Mestre, você diz? Quem imaginaria.

— Ficou calado por um instante, e então abanou a cabeça. — Mas continua a não fazer sentido. Mesmo que o seu avô fosse o Grão-Mestre do Priorado e tivesse criado com as suas próprias mãos a Chave de Abóbada, nunca lhe diria como encontrá-la. A Chave de Abóbada indica o caminho para o maior tesouro da irmandade. Neta ou não, não estava à altura de receber um tal conhecimento.

— O senhor Saunière estava morrendo quando transmitiu as informações —

explicou Langdon. — Não tinha muita escolha.

— Não precisava escolher — argumentou Teabing. — Há três senescais que também conhecem o segredo. É aí que reside a beleza do sistema. Um deles ascenderá a Grão-Mestre e escolherão outro senescal, a quem revelarão o segredo.

— Suponho que não viu o noticiário completo — disse Sophie. — Além do meu avô, três outros destacados parisienses foram assassinados esta noite. Todos da mesma maneira. Todos parecem ter sido interrogados.

Teabing deixou cair o queixo.

— E está convencida de que eram...

— Os senescais — completou Langdon.

— Mas como? Era absolutamente impossível a um assassino descobrir as identidades de todos os quatro membros do escalão superior do Priorado de Sião! Olhem para mim, ando investigando há décadas, e não sei o nome de um único membro do Priorado. Parece inconcebível que todos os senescais e o Grão-Mestre pudessem ser descobertos e mortos em um só dia.

— Duvido que a informação tenha sido recolhida em um só dia — disse Sophie. — Tem todo o ar de uma déc apitation bem planejada. É uma técnica que usamos para combater os sindicatos do crime organizado. Quando a DCPJ

quer atacar um dos grupos, senta-se, observa e escuta silenciosamente durante meses, identifica todos os principais jogadores, e quando avança, apanha-os todos ao mesmo tem po. Decapitação. Sem chefes, o grupo mergulha no caos e divulga novas informações. É possível que alguém tenha vigiado atentamente o Priorado e então dado o golpe, na esperança de que os membros do topo revelassem a localização da Chave de Abóbada.

Teabing não parecia convencido.

— Mas os irmãos nunca falariam. Todos eles juram guardar segredo. Mesmo com risco da própria vida.

— Exatamente — disse Langdon. — Quero dizer, se nunca revelassem o segredo, e fossem todos mortos...

Teabing deixou escapar uma exclamação.

— A localização da Chave de Abóbada se perderia para sempre!

— E com ela — completou Langdon — a localização do Santo Graal.

O corpo de Teabing pareceu vacilar sob o peso das palavras de Langdon.

Então, como se estivesse muito exausto para continuar de pé mais um instante que foss e, deixou-se cair em uma cadeira e ficou olhando para a janela.

Sophie aproximou-se e falou-lhe docemente:

— Considerando a situação em que o meu avô se encontrava, parece possível que, em desespero de causa, tenha tentado passar o segredo a alguém fora da irmandade.

Alguém em que julgasse poder confiar. Alguém da família.

Teabing estava pálido.

— Mas alguém capaz de tal ataque... de descobrir tanta coisa a respeito da irmandade... — Fez uma pausa, irradiando um novo medo. — Só pode tratar-se de uma força. Este tipo de infiltração só podia ter vindo do mais antigo inimigo do Priorado.

Langdon ergueu os olhos.

— A Igreja.

— Quem mais? Há séculos que Roma procura o Graal.

Sophie estava cética.

— Acham que a Igreja matou o meu avô?

— Não seria a primeira vez na História que a Igreja matava para se proteger

— respondeu Teabing. — Os documentos que acompanham o Santo Graal são explosivos, e há muito que a Igreja quer destruí-los.

Langdon estava tendo dificuldade em aceitar a premissa de Teabing de que a Igreja era capaz de matar abertamente pessoas para obter aqueles documentos.

Tendo conhecido o novo Papa e muitos dos cardeais, sabia que eram homens profundamente espirituais que nunca consentiriam com um assassínio. Fosse o que fosse que estivesse em jogo. Sophie era, aparentemente, da mesma opinião.

— Não será possível que os membros do Priorado tenham sido mortos por alguém exterior à Igreja? Alguém que não compreenda o que o Graal realmente é? A Taça de Cristo seria, afinal, um tesouro muito aliciante. Certamente que já houve caçadores de tesouros que mataram por muito menos.

— A experiência me diz — declarou Teabing — que as pessoas são capazes de ir muito mais longe por causa daquilo que temem do que por causa daquilo que desejam.

Detesto algum desespero neste ataque ao Priorado.

— O argumento é paradoxal — contrariou Langdon. — Porque haveriam os membros do clero católico de assassinar membros do Priorado em uma tentativa de obter e destruir documentos que, de todos os modos, consideram falsos testemunhos?

Teabing deixou escapar um risinho.

— As torres de marfim de Harvard amoleceram-no, Robert. Sim, o clero de Roma foi abençoado com uma fé poderosa, e, por causa dis so, as suas crenças conseguem suportar qualquer tormenta, incluindo documentos que contradizem tudo o que consideram sagrado. Mas, e o resto do mundo? E aqueles que não foram abençoados com uma certeza tão absoluta? E aqueles que olham para a crueldade de que o mundo é hoje palco e perguntam, onde está Deus? Os que olham para os escândalos da Igreja e perguntam, quem são estes homens que afirmam dizer a verdade a respeito de Cristo e no entanto mentem para esconder o abuso sexual de crianças praticado pelos seus sacerdotes? — Teabing fez uma pausa. — O que acontece a essas pessoas, Robert, se vêm a público provas

científicas convincentes de que a versão da Igreja da história de Cristo é falsa e que a maior história contada é na verdade a maior história impingida?

Langdon não respondeu.

— Eu digo-lhe o que acontece se esses documentos são revelados —

continuou Teabing. — O Vaticano enfrenta uma crise de fé sem precedentes nos seus dois mil anos de história.

— Mas se é a Igreja a responsável por este ataque — perguntou Sophie, ao cabo de um longo silêncio —, porque foi que só agiram agora? Passados todos estes anos? O Priorado mantém os documentos Sangreal escondidos. Não representam qualquer ameaça direta para a Igreja.

Teabing deixou escapar um ominoso suspiro e lançou um olhar a Langdon.

— Robert, assumo que está a par da missão final do Priorado. O pensamento fez Langdon conter a respiração.

— Estou — disse.

— Menina Neveu — continuou Teabing —, há muitos anos que a Igreja e o Priorado mantêm um entendimento tácito. Ou seja, a Igreja não ataca o Priorado, e o Priorado conserva os documentos Sangreal escondidos. — Fez uma pausa.

— No entanto, parte da história do Priorado sempre incluiu um plano para desvendar o segredo. A irmandade planeja, em uma data específica, quebrar o silêncio e consumar o seu triunfo final mostrando ao mundo os documentos Sangreal e gritando a verdadeira história de Jesus Cristo do alto das montanhas.

Sophie ficou olhando para Teabing em silêncio. Por fim, também ela se sentou.

— E pensa que essa data se aproxima? E que a Igreja sabe disso?

— Uma especulação — respondeu Teabing. — Mas que proporcionaria à Igreja a motivação para desencadear um ataque desesperado na tentativa de encontrar os documentos antes que seja muito tarde.

Langdon teve a desagradável sensação de que aquilo que Teabing dizia fazia todo o sentido.

— Acha que a Igreja seria realmente capaz de descobrir a data do Priorado?

— Porque não?... Se estamos assumindo que descobriu as identidades dos membros do Priorado, então seria seguramente capaz de descobrir-lhes os planos. E mesmo que não conheçam a data exata, é possível que estejam

deixando-se levar pelas suas próprias superstições.

— Superstições? — surpreendeu-se Sophie.

— Em termos de profecia — explicou Teabing —, estamos atualmente em uma época de enorme mudança. O milênio acaba de passar, e com ele terminaram os dois mil anos da idade astrológica de Pisces, o peixe, que é também o signo de Jesus. Como qualquer simbologista astrológico lhe dirá, o ideal pisceano acredita que tem de haver um poder superior dizendo ao homem o que fazer, uma vez que ele é incapaz de pensar pela sua própria cabeça. Foi, por isso, uma era de religião fervorosa. Agora, no entanto, estamos entrando na Idade de Aquarius, o carregador de água, cujos ideais afirmam que o homem aprenderá a verdade e será capaz de pensar por si mesmo. A mudança ideológica é enorme, e está acontecendo neste preciso momento.

Langdon sentiu um arrepio. Nunca vira grande interesse ou credibilidade na profecia astrológica, mas sabia haver na Igreja quem a seguisse de muito perto.

— A Igreja chama a este período de transição o Fim dos Dias.

Sophie fez um ar cético.

— Como no fim do mundo? O Apocalipse?

— Não — respondeu Langdon. — Esse é um erro bastante comum. Muitas religiões falam do Fim dos Dias. Não se refere ao fim do mundo, e sim ao fim da Idade atual, a dos Peixes, que começou no momento do nascimento de Cristo, cobriu dois mil anos e acabou com a passagem do milênio. Agora que entramos na Idade de Aquário, o Fim dos Dias chegou.

— Numerosos historiadores do Graal — acrescentou Teabing acreditam que se o Priorado está de fato planejando revelar a verdade, este ponto da História seria uma altura simbolicamente adequada. A maior parte dos acadêmicos do Priorado, incluindo eu próprio, pensava que a revelação da irmandade coincidiria precisamente com a passagem do milênio. Obviamente, não

coincidiu é certo que o calendário romano não encaixa precisamente com os marcadores astrológicos, pelo que há várias áreas cinzentas na previsão. Se a Igreja possui agora informações precisas de que a data se aproxima ou se estão apenas ficando nervosos por causa da previsão astrológica, é algo que não sei dizer. Seja como for, não tem importância. Qualquer dos cenários explica por que razão a Igreja pode ter decidido lançar um ataque preventivo contra o Priorado. — Franziu a testa. — E, acredite, se a Igreja descobrir o Santo Graal, o destruirá. Os

documentos e as relíquias da abençoada Maria Madalena. Os olhos dele ensombreceram. — Então, minha querida, com o desaparecimento do Santo Graal, deixará de haver provas. A Igreja ganhará a sua luta milenar para reescrever a História. O passado será apagado para sempre.

Lentamente, Sophie tirou do bolso do camisolão a chave cruciforme e estendeu-a a Teabing. Teabing a pegou e examinou.

— Céus, o selo do Priorado. Onde arranjou isto?

— O meu avô me deu esta noite, antes de morrer.

Teabing passou os dedos pela chave.

— A chave de uma igreja?

Sophie inspirou fundo.

— Essa chave dá acesso à Chave de Abóbada.

Teabing ergueu vivamente a cabeça.

— Impossível! Qual foi a igreja que falhei? Visitei todas as que há de França!

— Não está em uma igreja — disse Sophie. — Está em um banco depositário suíço.

O ar de excitação de Teabing desvaneceu-se.

— A Chave de Abóbada está em um banco?

— Em um cofre — acrescentou Langdon.

— No cofre de um banco? — Teabing abanou violentamente a cabeça. — É

impossível. A Chave de Abóbada é suposta estar escondida sob o signo da Rosa.

— E está — disse Langdon. — Estava guardada em uma caixa de madeira de roseira com uma rosa de cinco pétalas embutida na tampa.

Teabing estava siderado.

— Vocês viram a Chave de Abóbada?

Sophie assentiu.

— Fomos ao banco.

Teabing aproximou-se deles, com os olhos tresloucados de medo.

— Meus amigos, temos de fazer qualquer coisa. A Chave de Abóbada está em perigo! Temos o dever de protegê-la. E se há outras chaves? Talvez roubadas dos senescais assassinados? Se a Igreja consegue chegar ao banco, como vocês...

— Chegarão muito tarde — disse Sophie. — Tiramos de lá a Chave de

Abóbada.

— O quê? Tiraram a Chave de Abóbada do seu esconderijo?

— Não se preocupe — interveio Langdon. — A Chave de Abóbada está bem escondida.

— Extremamente bem escondida, espero eu!

— Na verdade — continuou Langdon, incapaz de reprimir um sorriso —, tudo depende da frequência com que manda limpar o pó debaixo do divã.

Lá fora, o vento refrescara, agitando o hábito de Silas, que continuava acocorado o mais perto possível das portas da janela de sacada. Embora não tivesse conseguido ouvir a maior parte da conversa, as palavras: Chave de Abóbada tinham passado através dos vidros em diversas ocasiões.

Está lá dentro.

Tinha as palavras do Professor frescas na memória. Entre em Château Villette.

Apodera-se da Chave de Abóbada. Não machuque ninguém.

Agora, Langdon e os outros tinham mudado subitamente para outra sala, apagando as luzes do estúdio ao saírem. Sentindo-se como uma pantera perseguindo sua presa. Silas aproximou-se das portas de vidro. Não estavam trancadas. Deslizou para o interior e voltou a fechá-las sem ruído. Ouvia vozes abafadas vindas de uma outra divisão. Empunhou a pistola, baixou a trava de segurança e avançou cautelosamente pelo corredor.

C A P Í T U L O 63

Sozinho junto ao início do caminho de acesso à casa de Leigh Teabing, o tenente Collet olhava para a vasta mansão isolada. Escuro. Boa cobertura no terreno. Viu a sua meia dúzia de agentes espalharem-se em silêncio ao longo do gradeamento. Podiam transpô-lo e cercar a casa em questão de minutos. Langdon não podia ter escolhido um melhor lugar para um assalto de surpresa.

Collet preparava-se para ligar para Fache quando, finalmente, o s eu celular tocou.

Fache parecia quase tão contente com o rumo dos acontecimentos quanto Collet imaginara.

— Porque não me disse que tínhamos uma pista para chegar à Langdon?

— Estava ocupado com uma chamada, e eu...

— Onde está exatamente, tenente Collet?

Collet deu-lhe o endereço.

— A propriedade pertence a um cidadão britânico chamado Leigh Teabing.

Langdon percorreu uma distância considerável para chegar até aqui, e o veículo está no interior, sem sinais de entrada forçada, de modo que há boas possibilidades de ele conhecer o ocupante.

— Estou a caminho — disse Fache. — Não faça nada. Vou tratar disto pessoalmente.

O queixo de Collet caiu.

— Mas, capitão, está a vinte minutos de distância! Podemos agir imediatamente.

Tenho-o vigiado, disponho de oito homens. Quatro têm espingardas e os

outros pistolas.

— Espere por mim.

— Capitão, e se Langdon tem um refém lá dentro? Se nos descobre e resolve fugir a pé? Temos de agir já. Os meus homens estão em

posição e prontos para avançar.

— Tenente Collet, vai esperar pela minha chegada antes de iniciar qualquer ação. É uma ordem. — E Fache cortou a ligação.

Aturdido, o tenente Collet desligou o celular. Porque raio é que Fache quer que eu espere? Collet sabia a resposta. Fache, apesar de famoso pelo seu instinto, era notório pelo seu orgulho. Quer os louros da detenção. Depois de ter colocado o rosto do americano em todas as televisões, tencionava assegurar-se de que a sua própria disporia do mesmo tempo de exposição. A missão de Collet era apenas aguentar o forte até o chefe aparecer para salvar a situação.

Logo a seguir, porém, ocorreu-lhe uma segunda explicação possível para o adiamento. Controle de danos. A hesitação em deter um fugitivo só acontecia quando surgiam dúvidas quanto à culpa do suspeito. Estará Fache pouco seguro de que Langdon seja o homem certo? A perspectiva era assustadora. Só faltara ao capitão Fache fazer o pino para deter Langdon naquela noite: surveillance cachée, Interpol, e agora televisão.

Nem sequer o grande Bezu Fache sobreviveria ao terremoto político se, por engano, tivesse exibido o rosto de um eminente cidadão americano em todas as televisões, acusando-o de assassínio. Se Fache tivesse percebido que cometera um erro, faria todo o sentido ordenar, que ficasse quieto. A última coisa de que precisava era de ter um subordinado seu invadindo a casa de um cidadão britânico e prendendo Langdon.

Além disso, percebeu Collet, se Langdon fosse inocente, isso explicaria um dos mais estranhos paradoxos daquele caso: que razão teria levado Sophie Neveu, neta da vítima, a ajudar o suposto assassino a fugir? A menos que Sophie soubesse que Langdon estava sendo falsamente acusado. Fache postulara todo o tipo de explicações para justificar o estranho comportamento de Sophie, incluindo a de que a jovem, como única herdeira, convencera o seu amante secreto, Robert Langdon, a assassinar Jacques Saunière

por causa da herança. Se Saunière suspeitasse disto, era possível que tivesse deixado a mensagem P.S.

Encontrem Robert Langdon. Mas Collet tinha praticamente certeza de que havia

ali mais qualquer coisa. Sophie Neveu parecia ser uma pessoa muito íntegra para estar envolvida em uma jogada tão sórdida.

— Tenente! — chamou um dos agentes, aproximando-se correndo. —

Encontramos um carro.

Collet seguiu o agente, que, cerca de cinquenta metros mais à frente, apontou para uma espécie de desvio do lado oposto da estrada. Ali, escondido entre os arbustos, quase fora das vistas, estava parado um Audi preto. Tinha matrícula de aluguel. Collet tocou na tampa do motor. Estava quente. Bastante quente.

— Deve ter sido assim que o Langdon chegou até aqui. Ligue para a empresa de aluguel. Descubra se foi roubado.

— Sim, senhor.

Um outro agente fez sinal a Collet, pedindo-lhe que se aproximasse do gradeamento.

— Tenente, dê uma olhada nisto. — E entregou-lhe um par de binóculos de visão noturna. — Aquele grupo de árvores, perto do topo do caminho de acesso.

Collet apontou os binóculos na direção indicada e focou a imagem.

Lentamente, as formas esverdeadas tornaram-se mais nítidas. Localizou a curva do caminho e seguiu-a até o grupo de árvores. E ficou olhando. embasbacado.

Ali, no meio das árvores, estava um carro blindado. Um carro blindado igual ao que ele deixara s air do Banco Depositário de Zurique um par de horas antes.

Pediu aos céus que aquilo fosse uma bizarra coincidência, mas sabia perfeitamente que não podia ser.

— Parece óbvio — disse o agente — que foi naquele carro que Langdon e Neveu conseguiram sair do banco.

Collet estava sem fala. Pensou no condutor do furgão que mandara parar na barricada. O Rolex. A pressa de partir. Nunca verifico a caixa de carga.

Incrédulo,

Collet

compreendeu

que

alguém

do

banco

mentira

deliberadamente à DCPJ a respeito do paradeiro de Langdon e de Sophie e os ajudara a fugir. Mas quem? E porquê? Disse para si mesmo que talvez fosse aquela a razão por que Fache lhe dissera para ficar quieto. Talvez Fache tivesse percebido que havia mais gente envolvida naquilo do que apenas Langdon e Sophie. Se Langdon e Sophie vieram no carro blindado, quem trouxe o Audi preto?

Centenas de quilômetros a sul dali, um Beechcraft Baron 58 alugado voava para norte por cima do mar Tirreno. Apesar da quietude dos céus, o bispo Aringarosa agarrava com as duas mãos um saco para o enjoo, seguro de que ia precisar dele de um momento para o outro. A conversa que tivera com Paris não fora nada do que tinha imaginado.

Sozinho na pequena cabina, Aringarosa girou o anel de ouro à volta do dedo e tentou acalmar a esmagadora sensação de medo e desespero. Em Paris, correu tudo terrivelmente mal. Fechando os olhos, Aringarosa rezou para que Bezu Fache tivesse os meios necessários para remediar a situação.

C A P Í T U L O 64

Teabing estava sentado no divã, com a caixa de roseira pousada no colo, admirando a rosa intricadamente embutida na tampa. Esta noite acabou por ser a mais estranha e a mais mágica de toda a minha vida.

— Levante a tampa — sussurrou Sophie, de pé diante dele, ao lado de Langdon.

Teabing sorriu. Não me apressem. Depois de passar mais de dez anos à procura daquela Chave de Abóbada, queria saborear cada milissegundo do momento.

— A Rosa — murmurou. — A Rosa é Madalena é o Santo Graal. A Rosa é a bússola que aponta o caminho. — Sentiu-se tolo. Durante anos, viajara pelas catedrais e igrejas de França, pagando para ter direito a um acesso especial, examinando centenas de arcos e abóbadas por baixo de rosáceas, procurando a Chave de Abóbada codificada. La Clef de Voûte... uma chave de pedra sob o signo da Rosa.

Abriu lentamente o fecho e levantou a tampa.

Quando finalmente pousou os olhos no conteúdo da caixa, soube que só podia ser a Chave de Abóbada. Estava olhando para um cilindro de pedra, constituído por anéis interligados e marcados com letras. O objeto pareceu-lhe estranhamente familiar.

— Construído a partir dos diários de da Vinci — explicou Sophie. — O meu avô fazia-os como passatempo.

Claro, compreendeu Teabing. Tinha visto os esboços e os planos. A chave para encontrar o Santo Graal esta dentro desta pedra. Retirou o pesado criptex de dentro da caixa, segurando-o gentilmente. Apesar de não fazer a mínima ideia de

como abrir o cilindro, sentiu que o seu destino estava ali dentro. Em momentos de desesperança, muitas vezes perguntara a si mesmo se o esforço de uma vida inteira seria alguma vez recompensado. Agora, essas dúvidas tinham desaparecido para sempre. Ouvia as antigas palavras... a base da lenda do Graal: Vous ne trouvez pas le Saint-Graal, c'est le Saint-Graal qui vous trouve.

Ninguém encontra o Santo Graal, é o Santo Graal que nos encontra.

E naquela noite, incrivelmente, a chave para encontrar o Santo Graal entrara-lhe pela porta dentro.

Enquanto Sophie e Teabing, sentados no divã com o criptex, falavam do vinagre, dos anéis e de qual poderia ser a senha, Langdon levou a caixa de roseira para uma mesa bem iluminada, do outro lado da sala, para examiná-la melhor. Uma frase que Teabing dissera andava-lhe às voltas na cabeça.

A chave do Graal está escondida sob o signo da Rosa.

Ergueu a caixa de madeira para a luz e examinou o símbolo embutido.

Embora a sua familiaridade com a arte não incluísse marcenaria nem marchetaria, acabav a de recordar o famoso teto de azulejos

de um mosteiro espanhol dos arredores de Madrid, de onde, três séculos depois de ter sido construído, os azulejos tinham começado a cair, revelando textos sagrados escritos pelos monges no estuque que tapavam.

Voltou a olhar para a rosa.

Sob a Rosa.

Sub-Rosa.

Segredo.

Um ruído no corredor, atrás dele, o fez se voltar. Não viu nada senão sombras.

O mordomo de Teabing tinha muito provavelmente acabado de passar. Voltou a dedicar a sua atenção à caixa. Passou os dedos pelo suave contorno do embutido, perguntando a si mesmo se seria possível retirar a Rosa, mas a junção era perfeita. Duvidou que até uma lâmina de barbear coubesse entre a rosa embutida e a depressão milimetricamente escavada onde estava encaixada.

Abriu a caixa e examinou o interior da tampa. Era liso e suave. Ao mudá-la de posição, no entanto, a luz apanhou o que parecia ser um minúsculo orifício, situado exatamente no centro. Fechou a tampa e examinou o motivo embutido na face superior.

Nenhum orifício.

Não atravessa a tampa.

Pousou a caixa em cima da mesa e, olhando em redor, descobriu um monte de papéis presos por um clip metálico. Retirou o clip e voltou à caixa, abriu-a e estudou novamente o orifício. com extremo cuidado, endireitou o clip e introduziu uma ponta no orifício. Empurrou muito de leve. Quase não foi preciso fazer força. Ouviu qualquer coisa cair com um ligeiro ruído em cima da mesa.

Fechou a tampa e olhou. Era uma pequena peça de madeira, semelhante à peça de um puzzle. A Rosa de madeira soltara-se da tampa e caíra em cima da mesa.

Incapaz de falar, Langdon olhou para o espaço na tampa da caixa onde a Rosa estivera. Ali, gravadas na madeira, escritas numa caligrafia perfeita, havia quatro linhas de texto em uma língua que nunca vira.

Os caracteres parecem vagamente semitas, disse Langdon para si mesmo, e, no entanto, não reconheço a língua!

Um súbito movimento atrás dele chamou-lhe a atenção. Vinda de parte nenhuma, uma súbita pancada na cabeça o fez cair de joelhos.

Enquanto caía, julgou por instantes ver um fantasma pálido pairando por cima dele, empunhando uma pistola. Depois, ficou tudo escuro.

C A P Í T U L O 65

Apesar de ser tecnicamente uma agente da lei, nunca, até àquela noite, Sophie Neveu se vira sob a mira de uma arma. Quase inconcebivelmente, a arma para que estava olhando naquele momento era empunhada pela pálida mão de um grande albino de longos cabelos brancos. O homem cravava nela uns olhos vermelhos que irradiavam uma qualidade desencorpada, assustadora.

Vestindo um hábito de lã preso na cintura por uma corda, parecia um monge m edieval. Sophie não fazia a mínima ideia de quem ele pudesse ser, mas começava a sentir um súbito respeito pelas suspeitas de Teabing de que a Igreja estava provavelmente por trás de tudo aquilo.

— Sabem o que vim buscar — disse o monge, e a sua voz soou cava.

Sophie e Teabing estavam sentados no divã, de braços erguidos, como o inesperado visitante ordenara. Langdon jazia estendido no chão, gemendo. Os olhos do monge pousaram imediatamente na Chave de Abóbada que Teabing tinha no colo.

— Não será capaz de abri-lo — disse Teabing, em tom de desafio.

— O meu Professor é um homem sábio — respondeu o monge, avançando um passo, com a arma oscilando de Teabing para Sophie.

Sophie perguntou a si mesma onde estaria o mordomo. Será que não ouviu Robert cair?

— Quem é o seu professor? — perguntou Teabing. — Talvez possamos chegar a um acordo financeiro.

— O Graal não tem preço — disse o homem, e avançou mais um passo.

— Está sangrando — observou Teabing calmamente, apontando com a ponta do queixo o tornozelo esquerdo do monge, onde um fio de sangue escorrera pela

perna. — E coxeia.

— Você também — replicou o monge, olhando para as muletas de alumínio encostadas ao lado do divã. — Agora, entregue-me a Chave de Abóbada.

— Sabe da Chave de Abóbada? — perguntou Teabing, parecendo surpreendido.

— Não interessa o que eu sei. Levante-se, muito devagar, e entregue-a.

— Levantar-me é uma operação difícil para mim.

— Precisamente. Preferia que ninguém tentasse quaisquer movimentos rápidos.

Teabing enfiou o braço direito por uma das muletas e segurou a Chave de Abóbada com a mão esquerda. Inclinando-se para a frente, conseguiu pôr-se de pé, segurando o pesado cilindro na palma da mão esquerda e apoiando-se instavelmente à muleta com a direita.

O monge aproximou-se mais, mantendo a arma apontada para a cabeça de Teabing. Sophie viu, sentindo-se impotente, o monge estender a mão para pegar o cilindro.

— Não vai conseguir — disse Teabing. — Só os que disso são dignos podem abrir esta pedra.

Só Deus julga quem é e não é digno, pensou Silas.

— É muito pesado — disse o homem das muletas, com o braço cedendo. —

Se não pegar depressa, receio deixá-lo cair! — E cambaleou perigosamente.

Silas avançou rapidamente para pegar a pedra, e, no momento em que o fez, o homem das muletas perdeu o equilíbrio. A muleta escorregou para o lado e ele começou a cair para a direita. Não! Silas saltou em frente para salvar a pedra, baixando involuntariamente a mão armada. Mas a Chave de Abóbada es tava afastando-se dele.

Enquanto caía para a direita, o homem rodou o braço esquerdo para trás e o cilindro caiu-lhe da mão em cima do divã. Ao mesmo tempo, a muleta metálica que estava escorregando pareceu acelerar o movimento, descrevendo um amplo arco em direção à perna de Silas.

Uma onda de dor intolerável subiu pelo corpo de Silas quando a muleta acertou com uma precisão assassina no cilício, cravando as farpas na carne já martirizada. A pistola disparou-se com uma detonação ensurdecedora, mas o

projétil enterrou-se, inofensivo, no soalho de madeira enquanto Silas caía. Antes que pudesse voltar a levantar a arma, o pé da mulher apanhou-o em cheio por baixo do queixo.

No seu posto junto ao início do caminho de acesso, Collet ouviu o tiro. A detonação abafada disparou-lhe uma onda de pânico através das veias. Com Fache a caminho, já perdera toda a esperança de reclamar qualquer crédito por ter encontrado Langdon. Mas que o matassem ia permitir que o ego de Fache o levasse perante uma comissão de inquérito por procedimento policial negligente.

Foi disparada uma arma dentro de uma casa particular, e o senhor esperou junto ao caminho de acesso?

Collet sabia que a oportunidade de uma aproximação discreta tinha há muito passado. E também sabia que se continuasse ali sem fazer nada por mais um segundo que fosse, quando rompesse a manhã toda a sua carreira teria passado à história.

Olhando para o portão de ferro, tomou uma decisão.

— Amarrem-lhe o guincho e atirem-no abaixo.

Nos distantes recessos do seu cérebro atordoado, Langdon ouvira o tiro. E

ouvira também um grito de dor. Seu? Tinha um martelo-pneumático abrindo-lhe um buraco na nuca. Em algum lugar ali perto, havia pessoas falando.

— Onde diabo você estava? — gritava Teabing.

— Que aconteceu? — Era a voz do mordomo. — Oh, meu Deus! Quem é esse? Vou chamar a Polícia.

— O inferno! Nada de Polícia. Seja útil e arranje-nos alguma coisa para amarrar este monstro.

— E gelo! — gritou Sophie.

Langdon voltou a derivar para a inconsciência. Mais vozes. Movimento.

Agora, estava sentado no divã. Sophie segurava um saco de gelo contra a nuca dele. Doía-lhe o crânio todo. Quando conseguiu finalmente focar os olhos, viu um corpo caído no chão.

Estarei com alucinações? O corpo pertencia a um enorme monge albino, amarrado e amordaçado com fita isolante. Tinha o queixo aberto por um profundo corte e o hábito ensopado em sangue, do lado direito, sobre a coxa.

Também ele parecia estar recuperando os sentidos. Langdon voltou-se para

Sophie.

— Quem é ele? Que... aconteceu?

Teabing aproximou-se coxeando.

— Foi salvo por um cavaleiro que empunhava uma Excalibur fabricada pela Acme Orthopedic.

Huh? Langdon tentou endireitar-se. Sophie pousou-lhe no braço uma mão trêmula mas meiga.

— É melhor repousar por um minuto, Robert.

— Receio — continuou Teabing — ter acabado de demonstrar à sua amiga as infelizes vantagens da minha condição. Parece que todos

nos subestimam.

Sentado no divã, Langdon baixou os olhos para o monge e tentou imaginar o que tinha acontecido.

— Ele estava usando um cilício — explicou Teabing.

— Um quê?

Teabing apontou para a ensanguentada tira de couro eriçada de pontas que estava caída no chão.

— Uma correia de Disciplina. Usava-a na coxa. Apontei com todo o cuidado.

Langdon esfregou a cabeça. Sabia o que eram as correias de Dis ciplina.

— Mas como... como soube?

Teabing sorriu.

— O Cristianismo é a minha área de estudo, Robert, e há certas seitas que trazem um sinal na testa. — Apontou com a muleta para a mancha de sangue no hábito do monge. — Por assim dizer.

— A Opus Dei — murmurou Langdon, recordando a história recentemente divulgada nos meios de comunicação a respeito de vários destacados homens de negócios de Boston que eram membros da Opus Dei. Colegas e subordinados apreensivos tinham-nos falsamente acusado de usarem cilícios por baixo dos elegantes ternos e coletes. Na realidade, nenhum dos três homens em causa os usava. Como muitos membros da Opus Dei, tinham o grau de “supranumerários”

e não praticavam qualquer espécie de mortificação corporal. Eram católicosdevotos, pais exemplares e membros profundamente empenhados da comunidade. Como seria de esperar, a imprensa

não tinha demorado muito a destacar estas virtudes, concentrando-se de preferência nos membros

"numerários" da seita, muito mais interessantes do ponto de vista de valor de choque... homens como o monge que agora jazia amarrado diante dele.

Teabing estava olhando atentamente para a correia ensanguentada.

— Mas porque estaria a Opus Dei interessada em encontrar o Santo Graal? —

perguntou, como que para si mesmo.

Langdon estava muito tonto para considerar sequer a questão.

— Robert — disse Sophie, dirigindo-se à mesa em cima da qual ficara a caixa de madeira. — O que é isto? — Estava segurando a pequena rosa embutida que ele retirara da tampa.

— Cobria uma gravação na tampa da caixa. Penso que o texto nos dirá como abrir a Chave de Abóbada.

Antes que Sophie ou Teabing pudessem responder, um mar de luzes azuis da Polícia invadiu a base do ligeiro declive e iniciou a subida do caminho de acesso.

Teabing franziu o sobrolho.

— Meus amigos, parece que temos de tomar uma decisão. E é bom que a tomemos rapidamente.

C A P Í T U L O 66

Collet e os seus agentes irromperam pela porta da frente da casa de Sir Leigh Teabing de armas empunhadas. Espalhando-se, começaram a revistar todas as divisões do piso térreo. Encontraram um buraco de bala no soalho da sala de estar, sinais de luta, uma

pequena quantidade de sangue, uma estranha correia de couro coberta de farpas e um rolo de fita isolante parcialmente usado.

O piso parecia completamente deserto.

Quando Collet se preparava para dividir os seus homens e mandá-los revistar a garagem e os jardins, ouviu vozes no piso superior.

— Estão lá em cima!

Depois de galgarem a dois e dois os degraus da ampla escadaria, o tenente e os seus homens percorreram, de divisão em divisão, a vasta casa, revistando quartos e corredores mergulhados em sombras enquanto convergiam para o ponto onde soavam as vozes. O som parecia vir do último quarto de um excepcionalmente comprido corredor.

Os agentes começaram a avançar com cuidado, fechando todas as saídas alternativas.

Ao aproximarem-se do último quarto, Collet viu que a porta estava aberta. As vozes tinham cessado subitamente e sido substituídas por um estranho ronronar, como o de um motor.

De pistola levantada, o tenente deu o sinal. Estendendo cuidadosamente a mão para a ombreira, encontrou o interruptor da luz e acionou-o. Seguido pelos seus homens, entrou no quarto gritando e apontou a arma... a coisa nenhuma.

Um quarto de hóspedes vazio. Impecavelmente arrumado.

De um painel eletrônico situado junto à cama, vinha o som de um motor de

automóvel trabalhando. Collet já vira aqueles painéis em outros pontos da casa.

Um sistema qualquer de intercomunicadores. Correu para lá. O painel tinha cerca de uma dúzia de interruptores devidamente

assinalados: *ESTÚDIO... COZINHA... LAVANDERIA...*

GARAGEM...

Onde diabo é que estou ouvindo um carro?

QUARTO PRINCIPAL... SOLÁRIO...

CAVALARIÇAS... BIBLIOTECA...

Cavalariças! Collet desceu as escadas em segundos e correu para a porta dos fundos, arrebanhando um dos seus homens pelo caminho. Atravessaram o relvado e chegaram ofegantes diante de um velho estábulo desbotado pelas intempéries.

Ainda antes de entrarem, Collet ouviu o som cada vez mais distante do motor de um carro que se afastava. Levantou a arma, entrou de rompante e acendeu as luzes. O lado direito do estábulo era uma oficina rudimentar: cortadores de grama, ferramentas, utensílios de jardinagem. Próximo, na parede, um painel eletrônico. Um dos interruptores estava para baixo, na posição de transmitir.

QUARTO DE HÓSPEDES II

Collet girou sobre si mesmo, espumando de raiva. Atraíram-nos ao segundo piso usando o intercomunicador! Investigando o outro lado do estábulo, descobriu uma comprida fila de baias, mas nenhum cavalo. Aparentemente, o dono da casa preferia outro tipo de transporte; as baias tinham sido transformadas numa impressionante garagem. A coleção era fabulosa: um Ferrari preto, um refulgente Rolls-Royce, um Aston-Martin sport coupé, um Porsche 356.

A última baia estava vazia.

Collet correu para lá e viu manchas de óleo no chão. Não vão conseguir sair da propriedade. O caminho e o portão estavam

bloqueados por dois carros-patrulhas, para impedir precisamente essa eventualidade.

— Tenente? — O agente apontava para o fundo do estábulo.

As portas traseiras, de correr, estavam abertas de par em par, mostrando um pedaço do terreno lamacento e acidentado que descia em suave declive até se perder na escuridão.

Collet correu para as portas, tentando sondar o negrume. A única coisa que conseguiu ver foi a mancha de sombra um pouco mais densa de uma floresta, à distância. Nenhum farol. O vale era provavelmente atravess ado por dezenas de caminhos e trilhas de caça que não apareciam em qualquer mapa, mas Collet estava confiante que a sua presa não conseguiria chegar ao bosque.

— Mande alguns homens bater o terreno até lá abaixo. O mais certo é estarem atolados em um buraco qualquer aqui perto. Os carros de desporto não se dão bem com este tipo de terreno.

— Hum, tenente? — O agente estava apontando para um chaveiro do qual pendiam vários conjuntos de chaves. As etiquetas por cima das chaves ostentavam nomes familiares.

DAIMLER... ROLLS-ROYCE...

ASTON-MARTIN... PORSCHE...

O último gancho estava vazio.

Quando Collet leu a etiqueta por cima do prego vazio, soube que tinha um problema.

C A P Í T U L O 67

O Range Rover era Java Black Pearl, 4X4, transmissão normal, com faróis de alta potência de polipropileno, montes de luzes na traseira e volante à direita.

Langdon estava contente por não ter de ser ele a dirigir.

Seguindo as indicações do patrão, Rémy, o mordomo de Teabing, estava fazendo um impressionante trabalho de condução ao manobrar o veículo através dos campos iluminados pelo luar que se es tendiam para além dos fundos de Château Villette. Sem faróis, atravessara um descampado e descia agora um longo declive, afastando-se cada vez mais da propriedade. Parecia dirigir-se à recortada silhueta de uma zona de bosque, ao longe.

Langdon, segurando a Chave de Abóbada em cima dos joelhos, voltou-se no lugar do passageiro e olhou para Teabing e Sophie, instalados no banco de trás.

— Como está a sua cabeça, Robert? — perguntou Sophie, em tom preocupado.

Langdon forçou um sorriso dolorido.

— Melhor, obrigado. — Estava matando-o.

Ao lado dela, Teabing espiou por cima do ombro para o monge, amarrado e amordaçado, apertado no espaço destinado à bagagem situado atrás do banco.

Tinha a arma do homem no colo e parecia uma dessas velhas fotos de um caçador britânico posando junto da peça abatida no decurso de um safari.

— Estou muito contente por ter passado por aqui esta noite, Robert — disse Teabing, sorrindo como se estivesse divertindo-se pela primeira vez em anos.

— Lamento tê-lo envolvido nisto, Leigh.

— Oh, por favor, esperei a vida inteira ser envolvido. — Teabing olhou além

de Langdon, através do para-brisas, para a sombra de uma longa sebe. Bateu no ombro de Rémy. — Lembre-se, nada de luzes de freios. Se for necessário, use o freio de mão. Quero internar-me um pouco no bosque. Não há qualquer razão para corrermos o risco de ser vistos da casa.

Rémy reduziu a veloc idade para marcha lenta e fez o Range Rover passar por uma abertura na sebe. No instante em que o veículo entrou, com um solavanco, em um caminho quase coberto de mato, as copas das árvores taparam completamente a luz da Lua.

Não vejo nada, pensou Langdon, esforçando-se por distinguir qualquer forma à frente deles. Estava escuro como breu. Rasparam ramos pelo lado esquerdo do jipe e Rémy corrigiu na direção oposta. Mantendo o volante mais ou menos reto, avançou, a passo de caracol, cerca de trinta metros.

— Está indo muito bem, Rémy — disse Teabing. — Já devemos estar suficientemente afastados. Robert, importa-se de apertar nesse botãozinho azul aí abaixo do ventilador? Está vendo-o?

Robert encontrou o botão e apertou-o.

Uma mortiça luz amarelada iluminou o trilho à frente deles, revelando uma densa parede de matagal de ambos os lados. Faróis de nevoeiro, percebeu Langdon. Davam apenas luz suficiente para mante-los no caminho, apesar de já estarem suficientemente embrenhados no bosque para que as luzes os não denunciassem.

— Muito bem, Rémy — declarou Teabing, alegremente. — Já temos luz. As nossas vidas estão nas suas mãos.

— Para onde vamos? — perguntou Sophie.

— Este caminho continua cerca de três quilômetros pelo interior da floresta

— respondeu Teabing —, atravessando a propriedade e rumando depois para norte. Desde que não encontremos charcos muito profundos nem árvores caídas, iremos sair ilesos junto à autoestrada 5.

Ilesos. Langdon teve vontade de dizer que a sua cabeça pedia licença para discordar. Baixou os olhos para o colo, onde a Chav e de Abóbada continuava a salvo dentro da sua caixa de madeira. A rosa embutida voltara ao respectivo lugar e, apesar de sentir as ideias ainda um pouco embaralhadas, Langdon estava desejoso de voltar a retirar o embutido e examinar com mais atenção as palavras

gr avadas por baixo dele.

Abriu o fecho e começou a levantar a tampa da caixa quando Teabing lhe pousou a mão no ombro.

— Um pouco de paciência, Robert — pediu Teabing. — Está escuro e o caminho é cheio de buracos. Deus nos ajude se quebrarmos qualquer coisa. Se não reconheceu a língua à luz, não vai com certeza conseguir melhor no escuro.

Concentremo-nos em sair daqui inteiros, está bem? Haverá tempo para isso muito em breve.

Langdon sabia que Teabing tinha razão. com um aceno de cabeça, voltou a baixar a tampa. Lá atrás, o monge gemia, debatendo-se com a fita que lhe tolhia os movimentos. De repente, pôs-se a espernear furiosamente.

Teabing voltou-se e apontou-lhe a pistola por cima das costas do banco.

— Não percebo de que se queixa, caro senhor — disse. — Invadiu a minha casa e fez um enorme galo na cabeça de um querido amigo meu. Acho que teria todo o direito de dar-lhe um tiro agora mesmo e deixá-lo apodrecendo no meio do bosque.

O monge ficou imóvel e silencioso.

— Tem certeza de que fizemos bem em trazê-lo? — perguntou Langdon.

— Absoluta! — exclamou Teabing. — É procurado por assassinato, Robert.

Este biltre é o seu bilhete para a liberdade. Aparentemente, a Polícia deseja tanto deitar-lhe a mão que não hesitou em segui-lo até minha casa.

— A culpa foi minha — disse Sophie. — o furgão devia ter um transmissor.

— Não é essa a questão — respondeu Teabing. — Não me surpreende o fato da Polícia o ter encontrado, o que me surpreende é o fato de este fulano da Opus Dei ter feito o mesmo. Por aquilo que me disse, não imagino como conseguiu este homem segui-lo até minha casa, a menos que tenha um contato na Polícia Judiciária ou no Banco Depositário de Zurique.

Langdon considerou o assunto. Bezu Fache parecia sem a mínima dúvida decidido a arranjar um bode expiatório para os crimes daquela noite. E Vernet voltara-se contra eles de uma forma totalmente inesperada, ainda que, tendo em conta que ele, Langdon, era acusado de quatro mortes, a mudança de atitude do banqueiro talvez fosse compreensível.

— Este monge não trabalha sozinho, Robert — continuou Teabing —, e até

descobrirem quem está por trás de tudo isto, correm ambos perigo. A boa notícia, meu amigo, é que está agora em uma posição de força. Este monstro que aqui temos possui essa informação, e quem quer que esteja puxando os cordões deve estar muito nervoso neste preciso instante.

Rémy conduzia agora mais depressa, tendo-se habituado ao trilho.

Atravessaram alguns charcos, treparam uma pequena elevação e começaram a descer outra vez.

— Robert, importa-se de me passar esse telefone? — pediu Teabing, apontando para o telefone do jipe montado no painel de instrumentos. Langdon entregou-o e Teabing discou um número. Esperou bastante tempo antes que alguém respondesse. — Richard?

Acordei-o? Claro que acordei. Pergunta tola. Tenho um pequeno problema.

Sinto-me um pouco em baixo. Eu e Rémy temos de dar um pulo às Ilhas por causa dos meus tratamentos... Bem, imediatamente. Desculpe não o ter avisado mais cedo. Pode ter o Elizabeth pronto dentro de cerca de vinte minutos?... Eu sei, o melhor que puder fazer. Até já. — E desligou.

— O Elizabetht — estranhou Langdon.

— O meu avião. Custou-me o resgate de uma rainha.

Langdon voltou-se completamente no banco para olhar para ele.

— O que foi? — perguntou Teabing. — Vocês dois não podem esperar continuar na França com a Polícia Judiciária em peso procurando-os. Londres será muito mais seguro.

Também Sophie tinha se voltado para Teabing.

— Acha que devemos abandonar o país?

— Meus amigos, tenho muito mais influência no mundo civilizado do que aqui na França. Além disso, diz-se que o Graal está na Grã-Bretanha. Se conseguirmos abrir essa Chave de Abóbada, estou certo de que encontraremos um mapa que nos dirá que avançamos na direção correta.

— Está correndo um grande risco ao nos ajudar — observou Sophie. — Não vai granjear-lhe muitos amigos entre a Polícia francesa.

Teabing agitou a mão num gesto de desdém.

— Já fiz o que tinha de fazer na França. Mudei-me para cá para encontrar a Chave de Abóbada. Esse trabalho está feito. Pode crer que não ficarei nem um

pouco triste se não voltar a ver Château Villette.

Sophie parecia insegura.

— Como é que vamos passar pela segurança no aeroporto?

Teabing riu.

— Partimos de Le Bourget... um aeródromo executivo não muito longe daqui.

Os médicos franceses põem-me nervoso, de modo que, a cada quinze dias, vou a Inglaterra fazer os meus tratamentos. Pago para ter certos privilégios especiais de um lado e do outro. Quando estivermos no ar, podem decidir se querem ou não que alguém da embaixada dos Estados Unidos vá encontrá-los.

Subitamente, Langdon não queria ter nada a ver com a embaixada. Só conseguia pensar na Chave de Abóbada, na inscrição e em se ela os conduziria ou não ao Santo Graal. Perguntou a si mesmo se Teabing teria razão a respeito da Grã-Bretanha. Era certo que a maior parte das lendas modernas situav a o Graal Em algum lugar no Reino Unido. Pensava-se inclusive que a mítica ilha de Avalon do rei Artur, tão cheia do Graal, não era outra senão Glastonbury, na Inglaterra. Fosse onde fosse que o Graal estivesse, nunca Langdon imaginara que andaria um dia à procura dele. Os documentos Sangreal.

A verdadeira história de Jesus Cristo. O túmulo de Maria Madalena. De súbito, sentiu como se naquela noite estivesse vivendo em uma espécie de limbo... uma bolha onde o mundo real não podia alcançá-lo.

— Senhor? — disse Rémy. — Está na verdade pensando em regressar definitivamente a Inglaterra?

— Não tem motivos para preocupações, Rémy — tranquilizou-o Langdon. —

Só porque vou regressar ao reino de Sua Majestade a Rainha, não quer dizer tencione sujeitar o meu palato a salsichas e purê pelo resto dosmeus dias. Espero que fique comigo. Estou planejando comprar uma esplêndida villa no Devonshire, e mandaremos vir todas as suas coisas imediatamente. Uma aventura, Rémy. Uma aventura, digo eu!

Langdon teve de sorrir. Ao ouvir Teabing falar dos seus planos para um triunfante regresso à Grã-Bretanha, sentiu-se apanhado pelo contagiante entusiasmo do homem.

Ficou olhando distraidamente pela janela, as árvores passando, fantasmas pálidos iluminados pela luz amarelada dos faróis de nevoeiro. O retrovisor

lateral estava metido para dentro, empurrado pelos ramos, e Langdon viu o reflexo de Sophie silenciosamente sentada no banco de trás. Observou-a por um longo momento e sentiu uma inesperada vaga de contentamento. Apesar de tudo o que lhe acontecera naquela noite, estava satisfeito por ter encontrado uma companhia tão agradável.

Ao cabo de vários minutos, como se de repente sentisse os olhos de Langdon postos nela, Sophie inclinou-se para frente e pousou as mãos nos ombros dele, fazendo-lhe uma rápida massagem.

— Está bem?

— Estou — respondeu Langdon. — Nem sei como.

Sophie voltou a recostar-se no banco, e Langdon viu um sorriso tranquilo distender-lhe os lábios. Percebeu então que também ele estava sorrindo.

Entalado na traseira do Range Rover, Silas mal conseguia respirar. Tinha os braços dobrados para trás das costas e fortemente amarrados aos tornozelos com fio de cozinha e fita isolante. A cada buraco do caminho, uma lançada de dorverrumava-lhe os ombros torcidos. Pelo menos, os seus captores tinham-lhe tirado o cilício. Impedido de inspirar através do pedaço de fita que lhe tapava a boca, só podia respirar pelas narinas, que estavam ficando pouco a pouco entupidas devido ao pó que enchia o espaço de carga para onde o tinham atirado.

Começou a tossir.

— Acho que ele está sufocando — disse o motorista francês, parecendo preocupado.

O inglês que lhe batera com a muleta voltou-se e espreitou por cima das costas do banco, franzindo friamente a testa.

— Felizmente para você, nós, os Britânicos, julgamos a civilidade de um homem não pela sua compaixão para com os amigos, mas pela sua compaixão para com os inimigos.

O homem estendeu a mão, pegou uma ponta da fita que lhe tapava a boca e, com um rápido movimento, arrancou-a. Silas teve a sensação de que os lábios tinham se incendiado, mas o ar que lhe enc heu os pulmões foi uma dádiva dos céus.

— Para quem trabalha? — perguntou o inglês.

— Faço o trabalho de Deus — replicou Silas, apesar da dor no queixo, onde a

mulher lhe acertara com o pé.

— Pertence à Opus Dei — disse o homem. Não era uma pergunta.

— Não sabe nada de quem eu sou.

— Porque é que a Opus Dei quer a Chave de Abóbada?

Silas não tinha a mínima intenção de responder. A Chave de Abóbada era a ligação ao Santo Graal, e o Santo Graal era a chave para a protecção da fé. Faço o trabalho de Deus. O Caminho está em perigo.

Agora, na traseira do Range Rover, debatendo-se com as suas amarras, Silas receou ter desiludido para todo o sempre o Professor e o bispo. Não tinha sequer maneira de contatá-los e avisá-los daquela terrível reviravolta dos acontecimentos. Os meus captores têm a Chave de Abóbada. Vão chegar ao Graal antes de nós! Envolto na sufocante escuridão, Silas rezou. Deixou que a dor que lhe atormentava o corpo desse força às suas preces.

Um milagre, Senhor. Preciso de um milagre. Silas não tinha modo de saber que, poucas horas mais tarde, lhe seria dado o que pedia.

— Robert? — Sophie continuava a observá-la. — Está com uma expressão estranha.

Langdon voltou-se para olhar para ela, percebendo que tinha os dentes cerrados e o coração batendo mais depressa. Acabava de lhe ocorrer uma ideia incrível. Será possível que seja uma explicação tão simples?

— Preciso usar o seu celular, Sophie.

— Agora?

— Acho que descobri uma coisa.

— O que foi?

— Já lhe digo. Preciso do seu telefone. Sophie olhou cautelosa.

— Duvido que Fache o tenha posto sob escuta, mas, pelo sim pelo não, não fale mais de um minuto.

E entregou-lhe o telefone.

— Como é que se liga para os Estados Unidos?

— Vai ter de ser a cobrar no destinatário. O meu serviço não cobre chamadas internacionais.

Langdon marcou o zero, sabendo que os próximos sessenta segundos podiam responder à pergunta que estivera intrigando-o durante toda a noite.

C A P Í T U L O 68

Em Nova Iorque, Jonas Faukman acabava de enfiar-se na cama quando o telefone tocou. Um pouco tarde para telefonemas, resmungou, enquanto levantava o auscultador.

— Aceita uma chamada a cobrar no destinatário de Robert Langdon? —

perguntou a voz da operadora da central.

Intrigado, Jonas acendeu a luz.

— Hum... sim, claro.

A linha fez um clique.

— Jonas?

— Robert? Você me acorda e ainda por cima quer que eu pague?

— Peço desculpas. Vou ter de ser muito rápido. Preciso saber. O manuscrito que lhe deixei...

— Robert, peço desculpas, bem sei que disse que lhe mandava as provas revistas esta semana, mas estou até o pescoço. Na próxima segunda-feira.

Prometo.

— Não estou preocupado com as provas. O que quero saber é se mandou cópias a alguém sem me dizer.

Faukman hesitou. O mais recente manuscrito de Langdon — uma exploração da história do culto da deusa — continha várias passagens a respeito de Maria Madalena que iam levantar celeuma. Embora o material estivesse bem documentado e já tivesse sido tratado por outros autores, Faukman não tencionava m andar imprimir provas de leitura do livro de Langdon sem ter pelo menos o aval de alguns historiadores sérios e luminárias do mundo das artes.

Escolhera dez nomes e enviara a todos eles partes do manuscrito acompanhadas

por uma delicada carta perguntando se importariam de escrever um curto comentário para a sobrecapa. Sabia bem demais que a maior parte das pessoas não perdia uma oportunidade de ver o nome impresso em letra de forma.

— Jonas — pressionou Langdon —, enviou ou não o meu manuscrito?

Faukman franziu a testa, sentindo que Langdon estava descontente com o fato.

— O manuscrito estava limpo, Robert, e eu queria surpreendê-lo com algumas críticas estupendas.

Uma pausa.

— Enviou alguma coisa ao conservador do Louvre, em Paris?

— O que é que acha? O seu manuscrito faz várias referências às coleções do Louvre, os livros dele aparecem na sua bibliografia e o homem tem uma influência enorme em matéria de vendas no estrangeiro. O Saunière era de caras.

O silêncio do outro lado durou um longo tempo.

— Quando foi isso?

— Há cerca de um mês. Também mencionei que ia estar em Paris e sugeri que os dois conversassem. Ele chegou a telefonar-lhe para se encontrarem? —

Faukman fez uma pausa, esfregando os olhos. — Espere lá, você não deveria estar em Paris esta semana?

— Estou em Paris. Faukman sentou-se na cama.

— E está ligando-me a cobrar de Paris?

— Desconte nos meus direitos autorais, Jonas. Saunière disse-lhe qualquer coisa? Gostou do manuscrito?

— Não faço ideia. Não soube mais nada dele.

— Bom, o melhor é não esperar de pé. Tenho de ir, mas isto explica muita coisa. Obrigado.

— Robert...

Langdon, porém, já tinha desligado.

Faukman pousou o auscultador, abanando incredulamente a cabeça. Autores, pensou. Até os mais ajuizados são malucos.

Dentro do Range Rover, Teabing lançou uma gargalhada.

— Robert, está dizendo que escreveu um manuscrito que trata de uma certa sociedade secreta e que o seu editor mandou uma cópia

a essa sociedade secreta?

Langdon deixou descair os ombros.

— Exatamente.

— Uma cruel coincidência, meu amigo.

A coincidência não teve nada a ver com isto, pensou Langdon. Pedir a Jacques Saunière que avalizasse um manuscrito sobre o culto da deusa era tão evidente como pedir a Tiger Woods que avalizasse um manuscrito a respeito de golfe. Além disso, era praticamente garantido que qualquer livro sobre o culto da deusa teria de referir o Priorado de Sião.

— E agora a pergunta do milhão de dólares — disse Teabing, ainda rindo. —

Nesse manuscrito, a sua posição em relação ao Priorado é favorável ou desfavorável?

Langdon compreendeu claramente o que Teabing queria na verdade dizer.

Muitos historiadores questionavam o fato de o Priorado manter escondidos os documentos Sangreal. Havia quem pensasse que era já mais do que tempo de aquela informação ser partilhada com o resto do mundo.

— Não tomo qualquer posição relativamente às ações do Priorado.

— À inação do Priorado, quererá dizer.

Langdon encolheu os ombros. Teabing estava aparentemente do lado dos que queriam tornar públicos os documentos.

— Limitei-me a contar a história da irmandade, descrevendo-a como uma sociedade moderna do culto da deusa, guardiã do Graal e de documentos antigos.

Sophie olhou para ele.

— Fala da Chave de Abóbada?

Langdon fez uma careta. Falava. Muitas vezes.

— Refiro a suposta Chave de Abóbada como um exemplo daquilo que o Priorado está disposto a fazer para proteger os documentos Sangreal.

Sophie parecia espantada.

— Acho que isso explica o P.S. Procura Robert Langdon.

Langdon tinha a sensação de que fora na realidade outra coisa no manuscrito que despertara o interesse de Saunière, mas esse tópico era algo que discutiria com Sophie quando estivessem a sós.

— Nesse caso — continuou Sophie —, mentiu ao capitão Fache.

— Como?

— Disse-lhe que nunca teve qualquer contato com o meu avô.

— E não tive! Foi o meu editor quem lhe enviou o manuscrito.

— Pense nisto, Robert. Se o capitão Fache não encontrasse o envelope em que o seu editor enviou o manuscrito, teria de concluir que foi você que o mandou. — Sophie fez uma pausa. — Ou, pior ainda, que o entregou em mãos e depois mentiu.

Quando o Range Rover chegou ao aeródromo de Le Bourget, Rémy levou-o diretamente para um pequeno hangar no extremo mais distante da pista.

Enquanto se aproximavam, um homem de cabelos despenteados, vestindo calças amarrotadas e camisa caqui, saiu correndo do hangar, acenou-lhes e empurrou para o lado as grandes portas de

chapa ondulada, mostrando o esguio jato branco que estava lá dentro.

Langdon ficou olhando para a refulgente fuselagem.

— Aquilo é o Elizabeth?

Teabing sorriu.

— Muito melhor do que usar o raio do Túnel.

O homem vestido de caqui aproximou-se apressadamente deles, pestanejando por causa da luz dos faróis.

— Está quase pronto — disse, em inglês com forte sotaque francês. — Peço desculpas pelo atraso, mas me apanhou de surpresa e... — Calou-se quando o grupo desceu. Olhou para Sophie e para Langdon, e depois de novo para Teabing.

— Eu e os meus associados temos assuntos urgentes a tratar em Londres —

anunciou Teabing. — Não há tempo a perder. Por favor, prepare-o para partir imediatamente. — E, enquanto falava, tirou a pistola do jipe entregou-a a Langdon.

O piloto esbugalhou os olhos ao ver a arma. Aproximou-se de Teabing e murmurou:

— As minhas humildes desculpas, Sir Leigh, mas a minha licença diplomática para voar refere-se apenas ao senhor e ao seu mordomo. Não posso levar os seus convidados.

— Richard — disse Teabing, sorrindo amavelmente —, duas mil libras ester linas e aquela arma carregada dizem que pode levar os meus amigos. —

Apontou para o Range Rover. — E aquele infeliz que está na parte de trás do jipe.

C A P Í T U L O 69

Os dois motores Garrett TFE-731 do Hawker 731 rugiram, impelindo o avião para o céu com uma força que colou os passageiros aos assentos. Lá fora, o aeródromo de Le Bourget desapareceu da vista a uma velocidade impressionante.

Estou fugindo do país, pensou Sophie. Até àquele momento, acreditara que o jogo do gato e do rato que estava jogando com Fache acabaria de algum modo por parecer justificável aos olhos do Ministério do Interior. Estava protegendo um inocente. Estava tentando cumprir as últimas vontades do meu avô. Essa janela de oportunidade, Sophie bem o sabia, acabava de fechar-se. Estava saindo do país, sem documentação, na companhia de um homem procurado pela Polícia e levando consigo um refém amarrado.

Se alguma vez existira uma “linha de razão”, acabava de transpô-la. Quase à velocidade do som.

Sophie estava sentada com Langdon e Teabing perto da parte da frente da cabina — na Fan Jet Executive Elite Design, segundo o medalhão dourado na porta. Os confortáveis assentos giratórios deslizav am sobre carris no chão do aparelho e podiam ser reposicionados e travados à volta de uma mesa de madeira retangular. Uma mini sala de reuniões. O ambiente de tranquila dignidade que ali reinava pouco contribuía, no entanto, para dissimular a situação muito menos digna que se vivia na cauda do avião, onde, em uma área de assentos separada e próxima do banheiro, Rémy, o mordomo, se sentava de pistola na mão, cumprindo relutantemente as ordens do patrão de manter debaixo de olho o ensanguentado monge que jazia enrolado no chão a seus pés, como um saco de viagem.

— Antes de dedicarmos a nossa atenção à Chave de Abóbada, disse Teabing

—, gostaria que me permitissem umas poucas palavras. — Parecia apreensivo, como um pai preparando-se para fazer aos filhos uma

preleção sobre bebês e cegonhas. — Meus amigos, compreendo que sou apenas um convidado nesta viagem, e sinto-me honrado por isso. E no entanto, como alguém que passou toda a sua vida à procura do Graal, sinto que é meu dever avisá-los de que estão prestes a se meter por um caminho de onde não há retrocesso possível, sejam quais forem os perigos. — Voltou-se para Sophie.

— Menina Neveu, o seu avô deu-lhe este criptex na esperança de que mantivesse vivo o segredo do Santo Graal.

— Sim.

— Compreensivelmente, sente-se obrigada a seguir o caminho, aonde quer que ele a conduza.

Sophie assentiu, embora sentisse uma segunda motivação ardendo dentro de si. A verdade a respeito da minha família. A despeito das garantias de Langdon de que a Chave de Abóbada nada tinha a ver com o seu passado, Sophie sentia que havia qualquer coisa profundamente pessoal naquele mistério, como se aquele criptex, que o avô construíra com as suas próprias mãos, estivesse tentando falar-lhe, oferecendo uma espécie qualquer de resolução para o vazio que a assombrava havia tantos anos.

— O seu avô e três outros homens morreram esta noite — continuou Teabing

—, e morreram para impedir que esta Chave de Abóbada c aísse nas mãos da Igreja. A Opus Dei esteve perto de apoderar-se dela. Compreende, espero, que isto a coloca em uma posição de excepcional responsabilidade. O archote foi passado a você. Uma chama com dois mil anos que não podemos deixar extinguir. Este archote não pode cair em mãos erradas. — Fez uma pausa, olhando para a caixa de roseira. — Compreendo que não teve opção nesta matéria, Menina Neveu, mas considerando o que está aqui em jogo, tem de aceitar plenamente esta responsabilidade... ou passá-la para outra pessoa.

— O meu avô deu-me o criptex. Estou certa de que me considerava capaz de arcar com a responsabilidade.

Teabing pareceu encorajado, mas não totalmente convencido.

— Ótimo. Uma vontade forte é necessária. E no entanto, sinto a curiosidade de saber se já percebeu que conseguir abrir esta Chave de Abóbada trará consigo uma prova bem mais dura.

— Como assim?

— Minha querida, imagine que tem de repente nas suas mãos um mapa que revela a localização do Santo Graal. Nesse momento, estará na posse de um segredo capaz de alterar a História para todo o sempre. Será a guardiã de uma verdade que o Homem procura há séculos. Será confrontada com a responsabilidade de revelar essa verdade ao mundo. Quem o fizer será reverenciado por muitos e desprezado por outros tantos. A questão é saber se terá a força necessária para levar a cabo essa tarefa.

Sophie fez uma curta pausa antes de dizer:

— Não estou certa de que caiba a mim tomar essa decisão.

Teabing arqueou as sobrancelhas.

— Não? Se não o possuidor da Chave de Abóbada, então quem?

— A irmandade que protegeu com êxito o segredo durante tanto tempo.

— O Priorado? — Teabing parecia cético. — Mas como? A irmandade foi desfeita esta noite. Decapitada, como muito bem disse. Se foram traídos por uma qualquer espécie de sistema de escuta ou por um espião nas suas fileiras, é algo que nunca saberemos, mas o fato é que alguém chegou até eles e descobriu as identidades dos quatro membros do topo. Neste ponto, não confiaria em ninguém que se apresentasse da parte do Priorado.

— Nesse caso, que sugere? — perguntou Langdon.

— Robert, sabe tão bem como eu que o Priorado não protegeu a verdade todos estes anos para que ela ficasse acumulando pó até à eternidade. Têm estado à espera do momento certo da História para revelar o segredo. Do momento em que o mundo esteja preparado para enfrentar a verdade.

— E acredita que esse momento chegou?

— Absolutamente. Não podia ser mais óbvio. Estão presentes todos os sinais históricos, e se o Priorado não tencionasse tornar o seu segredo conhecido muito em breve, porque teria a Igreja atacado agora?

— O monge ainda não nos disse qual era o seu objetivo — argumentou Sophie.

— O objetivo do monge é o objetivo da Igreja — respondeu Teabing. —

Destruir os documentos que desmascaram a grande mentira. A Igreja esteve esta noite mais perto de consegui-lo do que em qualquer outro momento no passado,

e o Priorado depositou a sua confiança em você, menina Neveu. A tarefa de salvar o Santo Graal inclui claramente cumprir a última vontade do Priorado e partilhar a verdade com o mundo.

— Leigh — interveio Langdon —, pedir à Sophie que tome essa decisão é pôr uma carga excessiva sobre os ombros de alguém que há uma hora não sabia sequer da existência dos documentos Sangreal.

Teabing suspirou.

— Peço desculpas por estar pressionando-a, menina Neveu. Como é evidente, sempre acreditei que esses documentos devem ser

tornados públicos, mas, no fim, a decisão cabe a você. Apenas sinto que é importante que comece a pensar no que vai acontecer se conseguirmos abrir a Chave de Abóbada.

— Meus senhores — disse Sophie, em tom firme. — Para citar as suas palavras, “Ninguém encontra o Santo Graal, é o Santo Graal que nos encontra”.

Vou confiar em que o Graal me encontrou por uma razão e que, quando chegar o momento, saberei o que fazer.

Ambos os homens pareceram sobressaltar-se.

— Portanto — continuou ela, apontando para a caixa de roseira —, sigamos em frente.

C A P Í T U L O 70

De pé na sala de estar de Château Villette, o tenente Collet contemplava tristemente as brasas que esmoreciam na lareira. O capitão Fache chegara momentos antes e estava agora na sala ao lado, gritando ao telefone, tentando coordenar a tentativa de encontrar o Range Rover que faltava.

A esta hora, pode estar sabe-se lá onde, pensou Collet.

Depois de ter desobedecido a uma ordem direta de Fache e deixado escapar Langdon pela segunda vez, Collet estava grato por a PTC ter conseguido encontrar a bala cravada no soalho do estúdio, o que ao menos corroborava a sua afir mação de que fora disparado um tiro. Mesmo assim, Fache estava de péssimo humor, e Collet sentia que ia haver repercussões graves quando o pó assentasse.

Infelizmente, as pistas que estavam descobrindo naquela casa pareciam não lançar qualquer luz sobre o que se passava nem sobre quem estava envolvido. O

Audi preto fora alugado sob um nome falso e com um cartão de crédito falso, e as impressões digitais encontradas no carro não condiziam com nenhumas da base de dados da Interpol. Um outro agente entrou correndo na sala, com uma expressão de urgência no rosto.

— Onde está o capitão Fache?

Collet quase não ergueu os olhos das brasas moribundas.

— Está ao telefone.

— Já não estou ao telefone — ladrou Fache, entrando. — O que é que tem?

— A Central acaba de ser contatada por André Vernet, do Banco Depositário de Zurique — disse o agente. — Quer falar com você em particular. Mudou de história.

— Sim? — perguntou Fache.

Desta vez, Collet ergueu os olhos.

— Agora admite que Langdon e Neveu passaram algum tempo dentro do banco esta noite.

— Isso nós sabíamos — comentou Fache. — Porque foi que mentiu a esse respeito?

— Diz que só fala consigo, mas prometeu cooperarplenamente.

— A troco de quê?

— De mantermos o nome do banco longe dos noticiários e de o ajudarmos a recuperar algo que foi roubado. Parece que Langdon e Neveu tiraram qualquer coisa do cofre do Saunière.

— O quê? — gritou Collet. — Como?

Fache nem sequer pestanejou, com os olhos cravados no segundo agente.

— O que foi que roubaram?

— O Vernet não se explicou, mas parece disposto a fazer o que for preciso para recuperá-lo.

Collet tentou imaginar como poderia aquilo ter acontecido. Talvez Langdon e Sophie tivessem dominado um empregado do banco com uma arma? Talvez tivessem obrigado Vernet a abrir a conta de Saunière e a facilitar-lhes a fuga no carro blindado. Por muito exequível que tudo aquilo fosse, Collet tinha dificuldade em acreditar que Sophie Neveu pudesse estar envolvida em semelhante coisa.

— Capitão! — chamou um outro agente, da cozinha. — Estive verificando as memórias do telefone do senhor Teabing e neste instante estou em contato com o aeroporto de Le Bourget. Tenho más notícias.

Trinta segundos mais tarde, Fache estava pronto para deixar Château Villette.

Acabava de saber que Teabing tinha um jato particular no aeródromo de Lê Bourget e que esse mesmo avião levantara voo cerca de meia hora antes.

O representante do aeródromo que falara com ele afirmara não saber quem ia no avião nem aonde se dirigia. A decolagem não estava prevista e não fora registrado qualquer plano de voo. Altamente ilegal, mesmo para um pequeno aeródromo. Fache tinha certeza de que aplicando pressão nos lugares certos, conseguiria obter as respostas que procurava.

— Tenente Collet — ladrou, da porta. — Não tenho alternativa senão deixá-lo conduzindo as investigações da PTC nesta casa. Tente fazer qualquer coisa certa, para variar.

C A P Í T U L O 71

Enquanto o Hawker nivelava à altitude de cruzeiro, com o nariz apontado para Inglaterra, Langdon levantou cuidadosamente a caixa de roseira que tinha no colo, onde estivera protegendo-a durante a decolagem. Agora, ao pousá-la em cima da mesa, sentiu Sophie e Teabing inclinarem-se para a frente, tensos de expectativa.

Depois de soltar o fecho e abrir a caixa, concentrou a sua atenção não nos anéis marcados com letras do criptex, mas no pequeno orifício na face interior da tampa.

Usando o bico de uma caneta, retirou cuidadosamente a rosa embutida e revelou o texto que estava por baixo. Sub-Rosa, murmurou, na esperança de que um novo olhar àquele texto fizesse alguma luz. Focando todas as suas energias, examinou a estranha escrita.

“ llorcs siht seerf modsiw fo drow tneicna na

elohw ylimaf d’rttacs reh peek su spleh dna

yek eht si sralpmte yb desiarp enotsdaeh a

eeht ot hturt eht laever lliw hsabta dna”

Ao cabo de vários segundos, começou a sentir a frustração inicial ressurgir à superfície.

— Não consigo situá-la, Leigh.

Do lugar onde estava sentada, do outro lado da mesa, Sophie não conseguia ver o texto, mas a incapacidade de Langdon de identificar imediatamente a língua em que estava escrito surpreendeu-a. O meu avô falava uma língua tão

obscura que nem sequer um simbologista consegue identificá-la? Percebeu no mesmo instante de que aquilo não devia surpreendê-

la. Não era aquele o primeiro segredo que Jacques Saunière escondera da neta.

Sentado em frente de Sophie, Teabing parecia prestes a explodir. Ansioso pela sua oportunidade de ver o texto, tremia de excitação, inclinando-se para a frente, espreitando por trás de Langdon, que continuava debruçado para a caixa.

— Não sei — murmurou Langdon, profundamente concentrado. — A minha primeira impressão é que é semita, mas não estou muito certo. A maior parte das línguas semitas primárias incluía nekkudot. Esta não tem nenhum.

— Provavelmente antiga — sugeriu Teabing.

— Nekkudot? — perguntou Sophie.

Teabing não desviou os olhos da caixa.

— A maior parte dos alfabetos semitas modernos não tem vogais e usa nekkudot... pequenos pontos ou traços escritos por baixo ou dentro das consoantes... para indicar que são acompanhadas pelo som de uma vogal. Em termos históricos, os nekkudot são uma adição relativamente recente à linguagem.

Langdon continuava a examinar a escrita.

— Uma transliteração sefárdica, talvez...?

Teabing não aguentou mais.

— Talvez se eu... — Estendendo as mãos, pegou a caixa e puxou-a para diante de si.

Langdon tinha sem dúvida uma sólida familiaridade com as antigas línguas clássicas... grego, latim, românico..., mas, pelo rapidíssimo vislumbre que tivera daquela língua, Teabing ficara com a impressão de que podia tratar-se de algo mais especializado, possivelmente uma escrita rashi, ou uma STAM com coroas.

Inspirou fundo e olhou para a gravação. Durante muito, muito tempo, não disse uma palavr a. À medida que os segundos passavam, sentia a confiança que o animara esvaziar-se como um balão.

— Estou espantado — admitiu, por fim. — Esta língua não se parece com qualquer outra que eu alguma vez tenha visto.

Langdon deixou cair os ombros.

— Posso ver? — pediu Sophie.

Teabing fingiu que não tinha ouvido.

— Robert, disse há pouco que lhe parecia já ter visto qualquer coisa parecida?

Langdon estava com um ar embaraçado.

— Pareceu-me que sim. Não tenho certeza. Seja pelo que for, tem qualquer coisa de familiar.

— Leigh? — repetiu Sophie, claramente pouco satisfeita por estar sendo deixada à margem da discussão. — Posso dar uma vista de olhos à caixa que o meu avô fez?

— Claro, minha querida — respondeu Teabing, empurrando a caixa para ela.

Não quisera dar a impressão de estar menosprezando-a, mas a verdade era que Sophie se encontrava, naquele caso, a anos-luz da sua competência. Se um historiador da Royal Academy e um simbologista de Harvard não conseguiam sequer identificar a língua...

— Ah! — disse Sophie, segundos depois de ter olhado para a tampa da caixa.

— Já devia ter calculado.

Teabing e Langdon voltaram-se em uníssono e ficaram olhando para ela.

— Calculado o quê? — perguntou Teabing.

Sophie encolheu os ombros.

— Que seria esta a linguagem que o meu avô utilizaria.

— Está dizendo que consegue ler esse texto? — assombrou-se Teabing.

— Com toda a facilidade — respondeu Sophie, obviamente divertindo-se muito. — O meu avô ensinou-me esta língua quando eu tinha seis anos. Falo-a fluentemente. — Inclinou-se para cima da mesa e cravou em Teabing um olhar de censura. — E francamente, Sir Leigh, tendo em conta a sua lealdade à coroa, espanta-me um pouco que não a tenha reconhecido.

Num relâmpago, Langdon soube.

Não admira que o raio da escrita me tenha parecido tão familiar!

Vários anos antes, tinha assistido a um evento no Harvard's Fogg Museum.

Um ex-aluno da universidade que nunca chegara a completar o curso, Bill Gates, voltara à alma mater para emprestar ao museu uma das suas valiosíssimas aquisições: dezoito folhas de papel que adquirira recentemente no leilão da Armand Hammar Estate.

Lance vencedor: 30,8 milhões de dólares.

Autor das páginas: Leonardo da Vinci.

As dezoito folhas — agora conhecidas como Codex Leicester, do nome do seu famoso proprietário, o conde de Leicester — eram tudo o que restava de um dos mais fascinantes blocos-de-notas de Leonardo: ensaios e desenhos em que da Vinci esboçava as suas

teorias progressistas em matéria de astronomia, geologia, arqueologia e hidrologia.

Langdon nunca esqueceria a sua reação, quando, depois de ter esperado na fila, vira finalmente o precioso documento. Total desilusão. As páginas eram ininteligíveis.

Apesar de magnificamente c onservadas e escritas em caligrafia impecável —

tinta vermelha sobre papel creme — o códice parecia uma algaraviada. A princípio pensara que não conseguia lê-las porque da Vinci as tinha escrito em italiano arcaico. Mas depois de as ter estudado com mais atenção, percebera que não conseguia identificar uma única palavra italiana, ou sequer uma letra.

— Experimente com aquilo — murmurara-lhe a professora da universidade presente junto do expositor, indicando um espelho preso por uma corrente ao rebordo da caixa.

Langdon pegara o espelho e examinara o texto refletido na sua superfície.

Instantaneamente, tornara-se claro.

Langdon estivera tão ansioso por conhecer algumas das ideias do grande pensador que esquecera que entre os inúmeros talentos artísticos de Leonardo se contava o de utilizar uma escrita invertida que era pratic amente ilegível para qualquer outra pessoa. Os historiadores ainda continuavam a debater se da Vinci escrevia assim para se divertir ou para impedir alguém de espreitar-lhe por cima do ombro e roubar-lhe as ideias, mas a questão era estéril. Da Vinci fazia pura e simplesmente o que lhe apetecia.

Sophie sorriu ao perceber que Langdon com preendera o que ela queria dizer.

— Consigo ler as primeiras palavras — disse. — Está em inglês.

Teabing ainda estava gaguejando.

— Mas o que é que está acontecendo?

— Escrita invertida — explicou Langdon. — Precisamos de um espelho.

— Não, não precisamos — disse Sophie. — Aposto que esta camada de verniz é suficientemente fina. — Ergueu a caixa de roseira à altura de uma das

luzes da parede e pôs-se a examinar a face inferior da tampa. O avô não era verdadeiramente capaz de escrever ao contrário, de modo que escrevia normalmente e então voltando a folha e desenhando por cima da impressão invertida. Naquele caso, devia ter pirogravado o texto normal em um bloco de madeira e em seguida passado a parte de trás do bloco por uma lixadora elétrica até reduzi-lo à espessura de um papel, permitindo ver as palavras gravadas através da madeira. Bastava-lhe então pegar nela, invertê-la e encaixá-la no seu lugar. Ao aproximar a tampa da lâmpada, viu que acertara. O feixe de luz atravessou a fina película de madeira e a escrita apareceu invertida na face inferior da tampa. Instantaneamente legível.

— Inglês — gemeu Teabing, esmagado pela vergonha. — A minha língua materna.

Na cauda do avião, Rémy Legaludec esforçava-se por ouvir acima do barulho dos motores, mas a conversa que decorria lá à frente era inaudível. Rémy não gostava do modo como a noite estava decorrendo. Nem um pouco. Baixou os olhos para o monge enrodilhado a seus pés. O homem estava agora perfeitamente imóvel, como que em transe de aceitação, ou rezando uma silenciosa prece pedindo a libertação.

C A P Í T U L O 72

A quatro mil e quinhentos metros de altitude, Robert Langdon sentiu o mundo físico desvanecer-se e todos os seus pensamentos convergiram para o poema escrito por Jacques Saunière, iluminado através da tampa da caixa.

“an ancient word of wisdom frees this scroll

and helps us keep her scatter’d family whole

a headstone praised by templars is the key

and atbash will reveal the truth to thee”

Sophie encontrou rapidamente uma folha de papel e copiou-o. Quando acabou, leram-no. Parecia uma espécie de palavras cruzadas arqueológicas...

uma charada que prometia revelar como abrir o criptex. Langdon voltou a ler os versos, devagar.

Um antiga palavra de sabedoria este rolo liberta... e ajuda-nos a manter unida a sua família dispersa... uma lápide venerada pelos Templários é a chave... e o atbash revelar-te-á a verdade.

Antes que Langdon pudesse sequer ponderar que antiga senha pretendia o verso revelar, sentiu algo de muito mais fundamental ressoar-lhe no espírito: a métrica do poema. Um pentâmetro jâmbico.

Encontrara muitas vezes aquela métrica nas suas pesquisas sobre sociedades secretas por toda a Europa, incluindo, tão recentemente como no ano anterior, nos Arquivos Secretos do Vaticano. Durante séculos, o pentâmetro jâmbico fora a métrica preferida dos letrados progressistas de todo o mundo, desde o antigo escritor grego Arquíloco a Shakespeare, Milton, Chaucer e Voltaire — homens ousados que tinham optado por escrever os seus comentários sociais numa

métrica que muitos acreditavam possuir propriedades místicas. As raízes do pentâmetro jâmbico eram profundamente pagãs.

Jambos. Duas partes com ênfases opostas. Forte e fraca. Yin e yang. Um par equilibrado. Dispostas em filas de cinco. Pentâmetro. Cinco para o pentáculo de Vênus e para o sagrado feminino.

— São pentâmetros! — gaguejou Teabing, voltando-se para Langdon. — E o verso está escrito em inglês! La língua pura!

Langdon assentiu. Havia séculos que o Priorado, como muitas outras sociedades secretas em conflito com a Igreja, consider ava o inglês a única língua europeia pura. Ao contrário do francês, do espanhol ou do italiano, que tinham as suas raízes no latim — a língua do Vaticano —, o inglês estava linguisticamente afastado da máquina de propaganda de Roma, tendo-se consequentemente tornado um idioma secreto e sagrado para as irmandades suficientemente eruditas para o aprenderem.

— Este poema — entusiasmou-se Teabing — refere não só o Graal, mas também os Cavaleiros do Templo e a família dispersa de Maria Madalena! Que mais poderíamos pedir?

— A senha — disse Sophie, voltando a estudar os versos. — Parece que precisamos de uma antiga palavra de sabedoria?

— Abracadabra? — sugeriu Teabing, com os olhos brilhando.

Uma palavra com cinco letras, pensou Langdon, considerando o estonteante número de palavras antigas que podiam ser consideradas palavras de sabedoria

— palavras tiradas de cânticos místicos, de previsões astrológicas, de ritos de sociedades secretas, de encantamentos Wicca, de feitiços egípcios, de mantras pagãs... a lista era interminável.

— A senha — continuou Sophie — tem aparentemente alguma coisa a ver com os Templários. — Leu o texto em voz alta — : “Uma

lápide venerada pelos Templários é a chave".

— Leigh — disse Langdon —, em matéria de Templários, é você o especialista. Alguma ideia?

Teabing manteve-se silencioso durante vários segundos, e então suspirou.

— Bem, uma lápide é obviamente uma pedra tumular. É possível que o poema fale de uma pedra tumular que os Templários veneram como sendo o

túmulo de Madalena, o que não nos ajuda muito, uma vez que não fazemos a mínima ideia de onde fica esse túmulo.

— A última linha — interveio mais uma vez Sophie, — diz que o *atbash* revelará a verdade. Já ouvi essa palavra. Atbash.

— Não me surpreende — respondeu Langdon. — Provavelmente, ouviu-a em Criptologia. A Cifra Atbash é um dos mais antigos códigos que a humanidade conhece.

Claro, pensou Sophie. O famoso sistema de codificação hebraico.

A Cifra Atbash fizera de fato parte dos primeiros estudos de Criptologia de Sophie.

Datava do ano 500 a. C. e era atualmente usada como um exemplo de um esquema de substituição rotativo básico. Forma muito comum de criptograma judaico, a Cifra Atbash era um simples código de substituição baseado no alfabeto hebraico de vinte e duas letras. Em atbash, a primeira letra era substituída pela última, a segunda pela penúltima, e assim sucessivamente.

— O *atbash* é sublimemente apropriado — declarou Teabing.

— Encontramos textos codificados com atbash na Cabala, nos Manuscritos do Mar Morto e até no Antigo Testamento. Os eruditos judeus ainda hoje continuam descobrindo novos significados usando

o atbash. O Priorado incluía-o seguramente como parte do seu ensino.

— O único problema — notou Langdon — é que não temos nada a que aplicar o código.

Teabing suspirou.

— Deve haver uma palavra-chave na tal pedra tumular. Temos de encontrar a lápide venerada pelos Templários.

Sophie adivinhou, pela expressão soturna da cara de Langdon, que encontrar a pedra tumular não seria pequena façanha. O atbash é a chave, pensou. Mas não temos a porta. Passaram-se três minutos até que Teabing deixou escapar um suspiro de frustração e abanou a cabeça.

— Meus amigos, bloqueei. Deixem-me pensar um pouco nisto enquanto arranjo qualquer coisa para petiscarmos e vejo como estão Rémy e nosso convidado. — E com estas palavras, pôs-se de pé e dirigiu-se à cauda do avião.

Sophie sentiu-se exausta ao vê-lo afastar-se.

Do lado de lá da janela, a escuridão que precedia a aurora era absoluta.

Sophie sentia-se como se tiv esse sendo projetada através do espaço sem fazer a mínima ideia de onde ia cair. Tendo crescido resolvendo as charadas do avô, tinha a incômoda sensação de que aquele poema continha informação que ainda não tinham visto.

Há aqui mais qualquer coisa, disse para si mesma. Engenhosamente escondida... mas apesar disso presente.

Também atormentando-lhe os pensamentos estava o medo de que aquilo que acabassem eventualmente por descobrir dentro do criptex não fosse tão simples como “um mapa para o Santo Graal”.

A despeito da convicção de Langdon e de Teabing de que a verdade se encontrava dentro do cilindro de mármore, Sophie resolvera uma quantidade suficiente das caças ao tesouro do avô para saber que Jacques Saunière não entregava facilmente os seus segredos.

C A P Í T U L O 73

O controlador de tráfego aéreo do turno da noite do aeródromo Le Bourget estivera cochilando diante de uma tela de radar vazio quando o capitão da Polícia Judiciária praticamente lhe arrombara a porta.

— O jato do Teabing — gritou Fache, entrando de rompante na pequena torre de controlo —, para onde foi?

A primeira reação do controlador foi uma titubeante e infeliz tentativa de proteger a privacidade do seu cliente britânico, um dos mais respeitados do aeródromo. Falhou miseravelmente.

— Muito bem — disse Fache —, fica detido por ter permitido que um avião particular decolasse sem registrar um plano de voo. Fez sinal a um agente, que se aproximou balançando as algemas, e o controlador aéreo sentiu uma vaga de terror invadi-lo.

Pensou nos artigos dos jornais em que se debatia se o capitão da Polícia nacional era um herói ou uma ameaça. Para ele, a pergunta acabava de ter resposta.

— Espere! — ouviu-se gemer, à vista das algemas. — Uma coisa posso dizer-lhe. Sir Leigh Teabing faz frequentes viagens a Londres para tratamento médico.

Tem um hangar no aeródromo executivo de Biggin Hill, em Kent. Nos arredores de Londres.

Com um gesto, Fache afastou o homem das algemas.

— É para lá que vai esta noite?

— Não sei — respondeu o controlador, sinceramente. — O avião seguiu o rumo habitual e o último contato por radar indica o Reino Unido. Biggin Hill é uma hipótese extremamente provável.

— Ia mais alguém com ele?

— Juro que não tenho como saber. Os nossos clientes podem seguir diretamente para os respectivos hangares e embarcar quem quiserem. Quem segue a bordo é responsabilidade dos funcionários da alfândega no aeroporto de destino.

Fache consultou o relógio e lançou um olhar aos vários jatos estacionados em frente do terminal.

— Se foram para Biggin Hill, dentro de quanto tempo aterrissarão?

O controlador remexeu nervosamente na papelada.

— É um voo curto. O avião poderá estar no chão às... por volta das seis e meia.

Dentro de quinze minutos.

Fache franziu o sobrolho e voltou-se para um dos seus homens.

— Arranje-me um transporte. Vou a Londres. E entre em contato com a Polícia local de Kent. Não o MI5. Quero manter esta história o mais discreta possível. APolícia local. Diga-lhes que eu quero que o avião de Teabing seja autorizado a aterrissar. Depois quero-o cercado na pista. Ninguém desembarca antes de eu chegar.

C A P Í T U L O 74

— Está muito calada — observou Langdon, olhando para Sophie, sentada do outro lado da cabina.

— Apenas cansada — respondeu ela. — E o poema. Não sei.

Langdon sentia o mesmo. O barulho dos motores e o suave balouçar do avião eram hipnóticos, e ainda lhe doía a cabeça no lugar onde o monge lhe batera.

Teabing continuava lá atrás e Langdon resolveu aproveitar o fato de estar sozinho com Sophie para lhe falar de uma coisa que tinha estado pensando.

— Julgo saber parte da razão por que o seu avô conspirou para nos juntar.

Penso que há qualquer coisa que ele queria que eu lhe explicasse.

— A história do Santo Graal e de Maria Madalena não é o bastante?

Langdon não sabia muito bem como fazer aquilo.

— A mágoa entre os dois. A razão por que não falou com ele durante dez anos.

Penso que talvez tivesse a esperança de que eu pudesse resolver essa parte explicando-lhe o que os afastou.

Sophie agitou-se no assento.

— Não lhe contei o que foi que nos afastou.

Langdon estava observando-a atentamente.

— Assistiu a um rito sexual, não foi?

Sophie encolheu-se.

— Como sabe?

— Sophie, disse-me que assistiu a qualquer coisa que a convenceu de que o seu avô pertencia a uma sociedade secreta. E aquilo que viu perturbou-a tanto que não voltou a falar com ele desde então. Tenho um conhecimento razoável a

respeito de sociedades secretas. Não é preciso ter o cérebro de um da Vinci para adivinhar o que viu.

Sophie ficou olhando para ele, sem dizer nada.

— Foi na Primavera? — perguntou Langdon. — Mais ou menos no equinócio? Meados de Março?

Sophie voltou a cabeça para olhar pela janela.

— Foi nas férias da Páscoa. Cheguei a casa uns dias mais cedo.

— Quer contar-me o que se passou?

— Preferia não o fazer. — Voltou-se subitamente para Langdon, com os olhos cheios de emoção. — Não sei o que foi que vi.

— Havia homens e mulheres presentes?

Sophie assentiu, depois de uma brevíssima hesitação.

— Vestidos de branco e de preto?

Ela limpou os olhos e voltou a assentir com a cabeça, parecendo abrir-se um pouco.

— As mulheres tinham vestidos de tule branco... com sapatos dourados.

Seguravam nas mãos esferas douradas. Os homens usavam túnicas pretas e sapatos pretos.

Langdon esforçou-se por esconder a emoção, e no entanto mal podia acreditar no que estava ouvindo. Sophie Neveu testemunhara involuntariamente uma cerimônia sagrada com dois mil anos de idade.

— Máscaras? — perguntou, mantendo a voz calma. — Máscaras andróginas?

— Sim. Todos eles. Máscaras iguais. Brancas para as mulheres. Pretas para os homens.

Langdon lera descrições da cerimônia e compreendia as suas raízes místicas.

— Chama-se Hieros Gamos — disse, gentilmente. — Data de mais de dois mil anos.

Os sacerdotes e sacerdotisas egípcios celebravam-na frequentemente para honraro poder reprodutivo da fêmea. — Fez uma pausa, inclinando-se para ela.

— E se testemunhou um Hieros Gamos sem ter sido devidamente preparada para compreender o seu significado, imagino que tenha sido um grande choque.

Sophie não disse nada.

— Hieros Gamos é grego — continuou ele. — Significa casamento sagrado.

— O rito a que assisti não era um casamento.

— Casamento no sentido de união, Sophie.

— No sentido de sexo, quer dizer.

— Não.

— Não? — Os olhos verde-azeitona dela estavam sondando-o.

Langdon voltou atrás.

— Bem... sim, de certa maneira, mas não como o entendemos hoje. —

Explicou-lhe que embora o que ela tinha testemunhado pudesse parecer um rito sexual, o Hieros Gamos não tinha nada a ver com

erotismo. Era um ato espiritual. Historicamente, a relação sexual era o ato através do qual o macho e a fêmea experimentavam Deus. Os Antigos acreditavam que o homem era espiritualmente incompleto até conhecer carnalmente o sagrado feminino. A união física com a mulher recordava o único meio através do qual o homem podia tornar-se espiritualmente completo e, em última análise, chegar à gnosis o conhecimento do divino. Desde os tempos de Ísis que os ritos sexuais eram considerados a única ponte da humanidade entre a terra e o céu. — Ao comungar com a mulher — continuou Langdon —, o homem conseguiu atingir um instante climático em que a sua mente ficava totalmente vazia e ele conseguia ver Deus.

Sophie parecia pouco convencida.

— O orgasmo como oração?

Langdon encolheu os ombros, apesar de, no fundo, Sophie ter razão. Em termos fisiológicos, o clímax masculino era acompanhado por uma fração de segundo inteiramente vazia de pensamento. Um brevíssimo vácuo mental. Um momento de clareza durante o qual era possível vislumbrar Deus. Os gurus da meditação atingiam estados similares de ausência de pensamento sem a ajuda do sexo e descreviam frequentemente o Nirvana como um interminável orgasmo espiritual.

— Sophie — disse, em tom calmo —, é importante ter presente que o modo como os Antigos encaravam o sexo era diametralmente oposto ao nosso. O sexo gerava nova vida... o milagre absoluto... e os milagres só podiam ser realizados por um deus. A capacidade da mulher de produzir vida a partir do útero tornava-a sagrada. Um deus. A relação sexual era a venerada união das duas metades do espírito humano, o masculino e o feminino, através da qual o macho podia

chegar à plenitude espiritual e à comunhão com Deus. Aquilo que viu não tinha nada a ver com sexo, tinha a ver com espiritualidade. O rito do Hieros Gamos não é uma perversão. É uma cerimônia profundamente sacrossanta.

As palavras dele tinham aparentemente tocado um nervo. Sophie mostrara-se muito controlada durante toda a noite, mas agora, pela primeira vez, Langdon via a aura de compostura começar a estalar. Os olhos encheram-se uma vez mais de lágrimas, que ela limpou com a manga do camisolão.

Langdon deu-lhe um momento para se recompor. O conceito do sexo como caminho para Deus podia, de fato, ser inicialmente bastante confuso. Os seus estudantes judeus ficavam sempre com um ar muito espantado quando ele lhes dizia que a primitiva tradição judaica envolvia sexo ritual. No Templo, nada menos. Os antigos Judeus acreditavam que o Santo dos Santos no Templo de Salomão albergava não apenas Deus, mas também a sua poderosa igual feminina, Shekinah. Os homens em busca de plenitude espiritual iam ao Templo visitar sacerdotisas — as hierodules — com as quais faziam amor e experimentavam o divino através da união física. O tetragrama hebraico YHWH

— o nome sagrado de Deus — derivava na realidade de Jehovah, uma união física andrógina entre o masculino Jah e o nome pré-hebraico de Eva, Havah.

— Para a Igreja primitiva — continuou Langdon, no mesmo tom suave —, o fato da humanidade usar o sexo para comungar diretamente com Deus representava uma séria ameaça para a base de poder católica. Deixava a Igreja fora do circuito, minando a sua autoproclamada condição de único canal para Deus. Por razões óbvias, os padres fizeram tudo o que puderam para demonizar o sexo e apresentá-lo como um ato nojento e pecaminoso. Várias outras grandes religiões fizeram o mesmo.

Sophie manteve-se silenciosa, mas Langdon sentia que começava a compreender melhor o avô. Ironicamente, expusera aquele mesmo ponto em uma aula, no início do semestre.

— Será surpreendente que nos sintamos confusos no que respeita ao sexo? —

perguntou Langdon aos seus alunos. — A nossa herança psíquica, e até a nossa própria fisiologia, dizem-nos que o sexo é natural... um caminho para a realização espiritual... e no entanto, as religiões modernas declaram-no vergonhoso e nos ensinam a temer o nosso desejo sexual como a mão do diabo.

Decidiu não chocá-los com o fato de mais de uma dúzia de sociedades

secretas espalhadas por todo o mundo, algumas delas muito influentes, continuarem praticando ritos sexuais e manterem vivas as antigas tradições. A personagem de Tom Cruise no filme De Olhos Bem Fechados descobria isto da maneira mais difícil quando se infiltrava em uma reunião privada da ultraelite de Manhattan e assistia a um Hieros Gamos.

Infelizmente, os autores do filme tinham interpretado mal a maior parte dos pormenores específicos, mas a parte essencial estava lá: uma sociedade secreta comungando para celebrar a magia da união sexual.

— Professor Langdon? — Um aluno sentado em uma das últimas filas levantou a mão, com uma nota de feliz expectativa na voz. — Está dizendo que em vez de irmos à igreja, devíamos ter mais sexo?

Langdon riu, nada disposto a engolir a isca. Pelo que ouvia contar das festas de Harvard, aqueles garotos estavam tendo sexo mais do que suficiente.

— Meus senhores — disse, sabendo que pisava terreno perigoso —, posso fazer uma sugestão a todos? Sem querer ser ousado a ponto de aprovar o sexo pré-marital nem ingênuo ao ponto de acreditar que são todos uns castos anjinhos, vou lhes dar-lhes um conselho relativo à sua vida sexual.

Todos os rapazes da turma se inclinaram para a frente, escutando atentamente.

— Da próxima vez que estiverem com uma mulher, procurem no seu coração e vejam se não conseguem abordar o sexo como um ato espiritual e místico.

Façam a vocês mesmos o desafio de encontrar essa centelha de divindade que o homem só pode alcançar através da união com o sagrado feminino.

As garotas sorriram com o ar de quem sabe, assentindo com a cabeça. Os rapazes trocaram risinhos ambíguos e piadas de mau gosto. Langdon suspirou.

Mesmo universitários, os rapazes continuavam a ser rapazes.

Sophie sentiu o frio do vidro na testa que apertava contra a janela do avião enquanto voltava um olhar ausente para o vazio e tentava processar o que Langdon acabava de lhe dizer. Tinha um novo remorso bem no fundo de si mesma. Dez anos.

Recordou os montes de cartas por abrir que o avô tinha lhe enviado. Vou contar tudo ao Robert. Sem se voltar, começou falando. Em voz baixa, com medo.

À medida que relatava o que acontecera naquela noite, sentiu-se recuar no

tempo... voltar ao bosque fora da casa de férias do avô na Normandia... passar em revista, confusa, as salas desertas, ouvir as vozes vindas do chão... e então encontrar a porta escondida. Voltou a descer, degrau a degrau, a escada de pedra, até à gruta subterrânea. Voltou a sentir o cheiro de terra no ar. Leve e frio. Era o mês de Março. Da escuridão do seu esconderijo na escada, viu os desconhecidos balançarem-se e cantarem à luz bruxuleante e alaranjada dos archotes.

Estou sonhando, disse Sophie para si mesma. Isto é um sonho. Que outra coisa pode ser?

Os homens e as mulheres balançavam-se, preto, branco, preto, branco. As belas túnicas de tule das mulheres ondeavam cada vez que elas erguiam na mão direita os globos de ouro e entoavam em uníssono: “Eu estava contigo no começo, na aurora de tudo o que é sagrado, trouxe-te no ventre antes do início do dia” . As mulheres baixavam os globos, e todos balançavam para a frente e para trás, como que em transe.

Reverenciavam qualquer coisa que estava no centro do círculo. Para que estão eles olhando?

As vozes aceleraram. Mais altas. Mais rápidas.

“A mulher que está vendo é amor!”, cantaram as mulheres, erguendo de novo os globos. “Tem a sua morada na eternidade!”, responderam os homens.

O cântico voltou a acelerar. Era agora atroador. Ainda mais rápido. Os participantes avançaram um passo e ajoelharam.

Nesse instante, Sophie pôde finalmente ver aquilo para que todos eles estavam olhando. Em cima de um altar baixo e ricamente decorado, no meio do círculo, estava um homem. Nu, deitado de costas, com uma máscara preta.

Sophie reconheceu instantaneamente o corpo e o sinal de nascença no ombro.

Quase gr itou. Grand-père! Só aquela imagem teria bastado para chocá-la além do imaginável, mas havia mais.

Montada no avô estava uma mulher, com o rosto coberto por uma máscara branca, os compridos cabelosprateados caídos para as costas. O corpo dela era cheio, longe de ser perfeito, e movia-se ao ritmo do cântico... fazendo amor com o avô de Sophie.

Sophie quis fazer meia volta e fugir, mas não foi capaz. As paredes de rocha da gruta prendiam-na como uma pr isão enquanto o

cântico atingia um ritmo

febril, o som subindo num crescendo até o frenesi. Com um súbito rugido, a caverna inteira pareceu explodir em orgasmo. Sophie não conseguia respirar.

Percebeu, de súbito, de que estava chorando baixinho. Voltou-se, subiu as esc adas cambaleando, em silêncio, saiu da casa e regressou, trêmula, a Paris.

C A P Í T U L O 75

O jato fretado sobrevoava as tremeluzentes luzes do Mónaco quando o bispo Aringarosa desligou o celular, terminando a sua segunda conversa com Fache naquela noite. Voltou a estender a mão para o saco de enjoo, mas estava muito exausto até para vomitar.

Só quero que isto acabe.

As últimas informações de Fache tinham-lhe parecido incompreensíveis, apesar de naquela noite nada fazer sentido. O que é que se está acontencendo?

Os acontecimentos tinham escapado a qualquer espécie de controle. Em que foi que meti o Silas? No que foi que meti a mim mesmo?

Com passos trêmulos, dirigiu-se à cabina de pilotagem.

— Preciso mudar de destino — disse.

O piloto olhou por cima do ombro e riu.

— Está brincando, não está?

— Não, tenho de ir imediatamente para Londres.

— Padre, isto é um voo fretado, não é um táxi.

— Pagarei a diferença, claro. Quanto? Londres fica apenas uma hora mais para norte e quase não exige mudança de rumo, de modo que...

— Não é uma questão de dinheiro, padr e, há outras coisas envolvidas.

— Dez mil euros. Já.

O piloto voltou-se, com uma expressão de choque no rosto.

— Quanto? Que espécie de padre traz consigo tanto dinheiro?

Aringarosa voltou para junto da maleta preta, abriu-a, tirou lá de dentro um dos títulos ao portador e estendeu-o ao piloto.

— O que é isto? — perguntou o homem.

— Um título ao portador de dez mil euros sacável sobre o Banco do Vaticano.

O piloto fez um ar de dúvida.

— É igual a dinheiro.

— Só dinheiro é dinheir o — disse o piloto, e devolveu o título.

Aringarosa sentiu as pernas fraquejarem-lhe enquanto se apoiava à porta do cockpit.

— É uma questão de vida ou de morte. Tem de me ajudar. Preciso ir a Londres.

O piloto olhou para o anel de ouro do bispo.

— Os diamantes são verdadeiros?

Aringarosa baixou os olhos para o anel.

— Não posso de modo algum separar-me dele.

O piloto encolheu os ombros, voltou-se e ficou olhando em frente.

Aringarosa sentiu uma profunda tristeza. Olhou para o anel. Fosse como fosse, estava à beira de perder tudo o que ele representava. Ao cabo de um longo tempo, tirou o anel do dedo e pousou-o cuidadosamente no painel de instrumentos.

Saiu do cockpit e voltou para o seu lugar. Segundos depois, sentiu o piloto iniciar uma curva de alguns graus para norte. Mesmo assim, o seu momento de glória tinha sido destruído. Tudo aquilo começara como uma causa santa. Um plano brilhantemente elaborado. Agora, como um castelo de cartas, estava desmoronando... e o fim não estava sequer à vista.

C A P Í T U L O 76

Langdon bem via que Sophie estava ainda abalada depois de ter lhe contado a sua experiência de Hieros Gamos. Pelo seu lado, estava espantado por tê-la ouvido. Sophie não só testemunhara todo o ritual, como o seu próprio avô fora o celebrante... o Grão-Mestre do Priorado de Sião. A companhia era ilustre.

Da Vinci, Botticelli, Isaac Newton Victor Hugo, Jean Cocteau... Jacques Saunière.

— Não sei que mais possa dizer-lhe — murmurou Langdon, docemente.

Os olhos de Sophie estavam agora verde-escuros, cheios de lágrimas.

— Criou-me como se fosse sua filha.

Langdon reconheceu então a emoção que estivera crescendo nos olhos dela enquanto falava. Era remorso. Distante e profundo.

Sophie Neveu rechaçara o avô e estava agora vendo-o sob uma luz completamente nova.

Lá fora, a aurora aproximava-se a passos de gigante, pintalgando de vermelho o céu a estibordo. Por baixo deles, a terra continuava escura.

— Vitualhas, meus caros? — Teabing juntou-se com um floreado, pousando em cima da mesa várias latas de Coca-Cola e uma caixa de biscoitos velhos.

Pediu profusamente desculpas pela escassez dos comestíveis, enquanto os distribuía. — O nosso amigo monge ainda não quer falar, mas demos-lhe tem po.

— Deu uma dentada em um biscoito e olhou para o poema. — Então, minha querida, algum progresso? — Olhava para Sophie. — Que está o seu avô tentando nos dizer? Onde diabo fica essa pedra tumular? A lápide venerada pelos Templários?

Sophie abanou a cabeça e permaneceu silenciosa.

Enquanto Teabing voltava a embrenhar-se nos versos, Langdon abriu uma

Cola e voltou-se para a janela, com o espírito cheio de imagens de rituais secretos e códigos indecifráveis. Uma lápide venerada pelos Templários é a chave. Bebeu um longo gole diretamente da lata. Uma lápide venerada pelos Templários. A Cola estava morna.

O negro véu da noite parecia estar evaporando-se rapidamente, e, observando a transformação, Langdon viu um oceano refulgente estender-se por baixo deles.

O Canal.

Já não podia faltar muito tempo.

Desejou que a luz do dia trouxesse consigo outro tipo de iluminação, mas quanto mais claro se tornava o céu lá fora, mais longe ele se sentia da verdade.

Ouvia os ritmos dos pentâmetros jâmbicos e de cânticos, de Hieros Gamos e de ritos sagrados ressoarem juntamente com o rugido dos motores.

Uma lápide venerada pelos Tem plários.

O avião voava de novo sobre terra firme quando a r evelação o atingiu como um raio. Pousou com força a lata vazia de Coca-Cola.

— Não vão acreditar nisto — disse, voltando-se para os outros. — A lápide dos Templários... Descobri o que é.

Os olhos de Teabing ficaram grandes como pires.

— Sabe onde está a lápide?

Langdon sorriu.

— Não onde está. O que é.

Sophie inclinou-se para ouvir.

— Acho que a palavra headstone, que todos interpretamos como lápide, refere literalmente uma cabeça de pedra... stone head — explicou Langdon, saboreando a familiar excitação da descoberta acadêmica. — Não se trata de uma pedra tumular.

— Uma cabeça de pedra? — perguntou Teabing.

Sophie parecia igualmente confusa.

— Leigh — disse Langdon, voltando-se —, durante a Inquisição, a Igreja acusou os Templários de todo o tipo de heresias, certo?

— Correto. Inventaram todo o tipo de acusações. Sodomia, urinar na cruz, culto do diabo, uma lista e tanto. E dessa lista constava a veneração de falsos ídolos, não é verdade? Especificamente, a Igreja acusava os Templários de

praticarem rituais secretos em que rezavam a uma cabeça de pedra esculpida... o deus pagão...

— *Baphomet!* — gritou Teabing. — Céus, Robert, tem razão! Uma cabeça de pedra venerada pelos Templários!

Langdon explicou rapidamente a Sophie que Baphomet era um deus pagão da fertilidade associado à força criativa da reprodução, representado com uma cabeça de carneiro ou de bode, um símbolo comum de procriação e fecundidade.

Os Templários honravam Baphomet formando círculo à volta de uma réplica de pedra da sua cabeça e entoando preces.

— *Baphomet.* — Teabing sorria beatificamente. — A cerimônia celebrava a magia criativa da união sexual, mas o Papa Clemente convenceu todo mundo de que a cabeça de Baphomet era na realidade a cabeça do diabo. E usou-a como remate final no seu ataque contra os Templários.

Langdon confirmou com um aceno de cabeça. A crença moderna em um diabo cornudo conhecido como Satanás tem as suas origens em Baphomet e nas tentativas da Igreja de apresentar o chifrudo deus da fertilidade como um símbolo do dem ônio. A Igreja tinha sido obviamente bem sucedida, ainda que não de todo. Na América, as tradicionais mesas de Ação de Graças continuavam a ostentar símbolos pagãos da fertilidade dotados de chifres. A “cornucópia da abundância” era um tributo à fertilidade de Baphomet e remontava ao mito de Zeus ter sido amamentado por uma cabra cujo chifre, acidentalmente partido, se enchia de frutos. Baphomet também aparecia em fotografias de grupo quando um engraçado qualquer erguia dois dedos por detrás da cabeça de um amigo; sem dúvida que poucos dos brincalhões percebiam que o seu gesto de troça

estava na realidade declarando a robusta contagem de espermatozoides da vítima.

— Sim, sim — dizia Teabing, excitadíssimo. — Deve ser a Baphomet que o poema se refere. Uma cabeça de pedra venerada pelos Templários.

— Muito bem — alegou Sophie —, mas se Baphomet é a cabeça de pedra venerada pelos Templários, temos um novo dilema. Apontou para os anéis do criptex. — Baphomet tem oito letras. E nós só temos espaço para cinco.

— Minha querida — disse Teabing, sorrindo amplamente —, é aqui que a Cifra Atbash entra em cena.

C A P Í T U L O 77

Langdon estava impressionado. Teabing acabava de escrever de memória as vinte e duas letras do alfabeto — alef-beit — hebreu. É certo que usara os equivalentes latinos e não os carateres hebraicos, mas mesmo assim...

Estava agora lendo-os com uma pronúncia impecável.

A B G D H V Z Ch T Y K L M N S O P Tz Q R ShTh

— *Alef, Beit, Gimel, Dalet, Hei, Vav, Zayin, Chet, Tet, Yud, Kaf, Lamed, Mem, Nun, Samech, Ayin, Pei, Tzadik, Kuf, Reish, Shin e Tav*. — Teabing limpou dramaticamente a testa e continuou. Na ortografia formal hebraica, não se usa vogais. Por conseguinte, quando escrevemos a palavra B aphomet usando o alfabeto hebreu, ela perde as suas três vogais na tradução, deixando-nos...

— Cinco letras — murmurou Sophie. Teabing assentiu e colocou-se outra vez a escrever.

— Okay, aqui temos a ortografia correta de Baphomet em hebreu. Vou desenhar as vogais que faltam, para maior clareza.

B a P V o M e Th

— Tenham presente, claro — acrescentou —, que o hebreu é normalmente escrito em sentido contrário, mas também podemos usar o atbash assim como está. Agora, tudo o que temos de fazer é criar o nosso esquema de substituição reescrevendo todo o alfabeto, em ordem inversa, ao lado do original.

— Há uma maneira mais fácil — disse Sophie, tirando a caneta da mão de Teabing. — Resulta com todas as cifras reflexas de substituição, incluindo o

atbash. Um pequeno truque que aprendi no Royal Holloway. — Sophie escreveu a primeira metade do alfabeto da esquerda para a direita, e então, por baixo, a segunda metade da direita para a esquerda. — Os criptoanalistas chamam a isto

“fazer a dobra”. Duas vezes mais fácil, duas vezes mais claro.

A BG D HV ZChT Y K

ThShR QTz POSN ML

Teabing deu uma olhada no resultado e riu.

— Toda a razão. Fico contente por verificar que os rapazes de Holloway estão fazendo seu trabalho.

Ao olhar para a matriz de substituição de Sophie, Langdon sentiu uma crescente excitação que imaginou poder rivalizar com a que tinham sentido os investigadores de outros tempos ao usarem pela primeira vez a Cifra Atbash para decodificar o atualmente famoso Mistério de Sheshach. Durante anos, as referências bíblicas a uma cidade chamada Sheshach tinham resistido a todos os esforços de identificação levados a cabo pelos estudiosos. O nome da cidade não aparecia em qualquermapa nem em qualquer outro documento, e no entanto era repetidamente referido no Livro de Jeremias — o rei de Sheshach, a cidade de Sheshach, o povo de Sheshach.

Finalmente, um investigador aplicara a Cifra Atbas h à palavra, com resultados surpreendentes. A cifra revelara que Sheshach era na verdade o nome de código de uma outra cidade muito conhecida. O

processo de descodificação era simples.

Sheshach, em hebreu, escreve-se Sh-Sh-K.

Sh-Sh-K, quando colocado na matriz de substituição, tornava-se B-B-L.

B-B-L, em hebreu, lê-se Babel.

A misteriosa cidade de Sheshach era, pois, a cidade de Babel, e a descoberta provocou um frenesi de investigação bíblica. No espaço de semanas, tinham sido descobertas no Antigo Testamento várias outras palavras em Código atbash, revelando uma infinidade de significados escondidos que os eruditos não imaginavam sequer que lá estivessem.

— Estamos nos aproximando — murmurou Langdon, incapaz de conter a excitação.

— A centímetros — corroborou Teabing. Olhou para Sophie e sorriu. — Está

pronta?

Ela assentiu.

— Muito bem. Baphomet, em hebreu, sem as vogais, escreve-se B-P-V-M-Th. Tudo o que temos agora de fazer é aplicar a sua matriz de substituição atbash para obter a nossa senha de cinco letras.

Langdon sentia o coração martelar-lhe o peito. B-P-V-M-th.

A luz do Sol entrava agora a jorros pelas janelas. Olhou para a matriz de substituição deSophie e começou lentamente a fazer a conversão. B é Sh... P é V...

Teabing sorria como um miúdo no dia de Natal.

— E a Cifra Atbash revela... — Calou-se de repente. — Grande Deus! —

exclamou, branco como um lençol.

Langdon ergueu vivamente a cabeça.

— Que foi? — perguntou Sophie.

— Não vão acreditar nisto. — Teabing olhou para Sophie. — Especialmente você, minha querida.

— Que quer dizer com isso?

— Isto é... engenhoso — murmurou ele. — Extremamente engenhoso! —

Teabing voltou a escrever no papel. — Rufar de tambores, por favor. Aqui têm a sua senha. — E mostrou-lhes o que tinha escrito.

Sh-V-P-Y-A

— O que é isso? — perguntou Sophie, franzindo a testa.

Langdon também não reconheceu a palavra. A voz de Teabing pareceu tremer de admiração.

— Isto, minha amiga, é na verdade uma antiga palavra de sabedoria.

Langdon voltou a ler as letras. Uma antiga palavra de sabedoria este rolo liberta.

Um instante depois, compreendeu. Nunca teria pensado naquilo.

— Uma antiga palavra de sabedoria!

Teabing estava rindo.

— Muito literalmente!

Sophie olhou para a palavra e depois para o criptex. Percebeu imediatamente que nem Langdon nem Teabing tinham visto um grave problema.

— Esperem! Não pode ser esta a senha — argumentou. O criptex não tem nenhum Sh nos anéis.Usa o tradicional alfabeto latino.

— Leia a palavra — aconselhou Langdon. — Sem esquecer duas coisas. Em hebraico, o símbolo para o som Sh pode-se também pronunciar como S, dependendo da tônica. Tal como a letra P se pode pronunciar como F.

SVFYA? pensou ela, confusa.

— Genial! — acrescentou Teabing. — A letra Vav usa-se frequentemente em vez do som da vogal O!

Sophie voltou olhando para as letras, tentando vocalizá-las.

— S...o...f...y...a.

Ouviu o som da sua própria voz, e não queria acreditar no que acabava de dizer.

— Sophia? Isso lê-se Sophia?

Langdon estava assentindo entusiasticamente.

— Sim! Sophia significa literalmente sabedoria, em grego. A raiz do seu nome, Sophia, é literalmente “uma palavra de sabedoria”.

Sophie teve de súbito uma saudade imensa do avô. Codificou a Chave de Abóbada do Priorado com o meu nome. Formou-se um nó na garganta. Parecia tudo tão perfeito. Mas quando voltou o olhar

para os cinco anéis do criptex, percebeu que ainda havia um problema.

— Mas esperem... a palavra Sophia tem seis letras.

O sorriso de Teabing não desapareceu como ela esperava.

— Olhe bem para o poema. O seu avô escreveu, “Uma antiga palavra de sabedoria”.

— Sim?

Teabing piscou-lhe um olho.

— Em grego antigo, sabedoria escreve-se S-O-F-I-A.

C A P Í T U L O 78

Sophie sentiu-se invadida por uma louca excitação quando, com o criptex pousado no colo, começou a alinhar as letras. Uma antiga palavra de sabedoria este rolo liberta.

Langdon e Teabing, que lhe seguiam todos os gestos, pareciam ter suspendido a respiração.

S...O...F...

— Com cuidado — pediu Teabing. — com muito cuidado.

...I...A.

Sophie acertou o último anel.

— Okay — disse, olhando para os outros dois. — Vou puxar.

— Lembre-se do vinagre — sussurrou Langdon, com temerosa euforia. —

Tenha cuidado.

Sophie sabia que se aquele criptex era igual aos que abrira na sua juventude, tudo o que tinha de fazer era segurar o cilindro por ambas as extremidades, depois dos anéis, e puxar, aplicando uma pressão lenta e regular em direções opostas. Se os anéis tivessem adequadamente alinhados com a senha, um dos extremos deslizaria para fora, como a tampa de uma lente, e ela poderia enfiar a mão no interior e retirar o papiro enrolado à volta da ampola de vinagre. No entanto, se a senha que tinham introduzido estivesse incorreta, a força exercida para fora em ambas as extremidades seria transferida a uma alavanca que rodaria para baixo dentro do cilindro e faria pressão sobre o vidro, acabando eventualmente por parti-lo.

Devagarinho, disse a si mesma.

Teabing e Langdon inclinaram-se para a frente quando ela fechou as mãos à

volta das extremidades do cilindro. Com a excitação de decifrar a senha, Sophie quase esquecera o que esperavam encontrar lá dentro. Isto é a Chave de Abóbada do Priorado.

Segundo Teabing, continha um mapa para chegar ao Santo Graal, revelando a localização do túmulo de Maria Madalena e do tesouro Sangreal... a autêntica gruta do tesouro da verdade secreta.

Com o tubo de pedra seguro nas mãos, Sophie voltou a certificar-se de que todas as letras estavam devidamente alinhadas com os indicadores. Então, lentamente, puxou.

Nada aconteceu. Fez um pouco mais de força. De repente, o cilindro estendeu-se como um telescópio bem construído. A pesada extremidade de pedra soltou-se e ficou-lhe na mão. Teabing e Langdon quase deram um salto. O

coração de Sophie começou a bater mais depressa quando ela pousou a tampa em cima da mesa e inclinou ligeiramente o cilindro para espreitar lá para dentro.

Um rolo!

Viu que tinha sido enrolado à volta de um objeto cilíndrico, a ampola de vinagre, assumiu — mas que, estranhamente, não era o habitual e delicado papiro. Era velino. É estranho, pensou. O vinagre não dissolve o velino. Olhando com mais atenção, descobriu que o objeto à volta do qual o velino fora enrolado não era, afinal, uma ampola de vinagre. Era algo completamente diferente.

— Que está acontecendo? — perguntou Teabing, impaciente. — Tire o rolo para fora.

De testa franzida, Sophie segurou com os dedos o rolo de velino e o objeto à volta do qual fora enrolado, tirando-os a ambos de dentro do contentor.

— Isso não é papiro — disse Teabing. — É muito pesado.

— Eu sei. É uma proteção.

— Para quê? Para a ampola de vinagre?

— Não. — Sophie desenrolou o pedaço de velino e mostrou o que ele embrulhava. — Para isto.

Quando Langdon viu o objeto, sentiu o coração afundar-se no peito.

— Deus nos ajude — murmurou Teabing, deixando descair os ombros. — O

seu avô era um arquiteto implacável.

Langdon continuava olhando estupefato. Estou vendo que Sauniere não tinha

a mínima intenção de tornar isto fácil.

Em cima da mesa, estava um segundo criptex. Menor. Feito de ônix. A paixão de Saunière pela dualidade. Dois criptex. Tudo aos pares.

Duplos-sentidos.

Masculino-feminino. Preto dentro de branco. Langdon sentiu a teia de simbolismos estender-se à sua frente. O branco dá à luz o preto.

Todo o homem nasce da mulher.

Branco — fêmea.

Preto — macho.

Estendeu a mão e pegou o pequeno criptex. Parecia idêntico ao primeiro, excetuando o fato de ser preto e ter metade do tamanho. Ouviu o familiar gorgolejo. Aparentemente, a ampola de vinagre estava dentro do segundo criptex.

— Bem, Robert — disse Teabing, empurrando na direção dele a folha de velino —, vai gostar de saber que pelo menos estamos voando na direção certa.

Langdon examinou a espessa folha de velino. Continha, escrito em uma caligrafia ornamentada, outro poema com quatro linhas, também em inglês. Mais uma vez, a métrica era o pentâmetro jâmbico. O poema era críptico, mas Langdon só precisou ler o primeiro verso para perceber que a decisão de Teabing de voar para Inglaterra fora acertada.

IN LONDON LIES A KNIGHT A POPE INTERRED

Em Londres jaz um cavaleiro que um papa enterrou. O resto do poema indicava claramente que a senha para abrir o segundo criptex seria encontrada no túmulo do cavaleiro, Em algum lugar na cidade.

Langdon voltou-se excitadamente para Teabing.

— Faz alguma ideia de que cavaleiro o poema se refere?

Teabing sorriu.

— Nenhuma. Mas sei exatamente em que cripta devemos procurar.

Nesse instante, vinte e quatro quilômetros à frente deles, seis carros da Polícia de Kent corriam pelas ruas que a chuva encharcara em direção ao aeródrom o de Biggin Hill.

C A P Í T U L O 79

O tenente Collet tirou uma Perrier do frigorífico de Sir Leigh e voltou a sair, atravessando a sala de estar. Em vez de acompanhar Fache a Londres, onde a ação decorria, estava agora bancando a babá da equipe da PTC que se espalhara por Château Villette.

Até ao momento, as provas encontradas pouco ou nada ajudavam: um projétil cravado no soalho, um papel com vários símbolos rabiscados, as palavras lâmina e cálice escritas e uma correia de couro ensanguentada e cheia de puas que, segundo a PTC, estava associada ao grupo conservador católico Opus Dei, cujas agressivas práticas de recrutamento em Paris, denunciadas em um programa de televisão, tinham causado um certo problema.

Collet suspirou. Desejo muita sorte a quem tentar tirar alguma coisa que faça sentido desta misturada. Seguiu o luxuoso corredor e entrou no vasto salão de baile transformado em estúdio, onde o perito-chefe da PTC estava ocupado recolhendo impressões digitais. Era um homem corpulento, que usava suspensórios.

— Alguma coisa? — perguntou Collet.

O perito abanou a cabeça.

— Nada de novo. Vários conjuntos congruentes com os que encontramos no resto da casa.

— E as impressões no tal cilício?

— A Interpol está tratando disso. Mandei-lhes tudo o que encontramos.

Collet apontou para os dois sacos de plástico, selados, pousados em cima de uma mesa.

— E isto?

O homem encolheu os ombros.

— Força de hábito. Recolho tudo o que seja peculiar.

Peculiar?, pensou Collet, aproximando-se.

— Este inglês é um tipo esquisito — continuou o perito. Olhe para isto. —

Examinou os sacos onde guardava as provas e escolheu um, entregando-o a Collet.

A fotografia mostrava o pórtico principal de uma catedral gótica — o tradicional arco recolhido, estreitando através de faixas sucessivas até uma pequena porta. Collet examinou cuidadosamente a fotografia e acabou por perguntar:

— O que é que isto tem de peculiar?

— Veja nas costas.

No verso da fotografia, Collet encontrou anotações, rabiscadas em inglês, que descreviam a longa e cavernosa nave da catedral como um tributo pagão secreto ao útero feminino. Aquilo era estranho. Foram, no entanto as anotações sobre o pórtico que o fizeram dar um salto.

— Espere aí! Ela acha que a entrada da igreja representa uma... O perito assentiu com a cabeça.

— Com bordos labiais e um bonito clitóris de cinco folhas por cima da entrada. — Suspirou. — Quase nos dá vontade de voltar a frequentar a igreja.

Collet pegou o segundo saco selado. Viu, através do plástico, uma fotografia ampliada do que parecia ser um documento antigo. O cabeçalho dizia: Les Dossiers Secrets — Número 4º Im1 249.

— O que é isto? — perguntou.

— Não faço ideia. Tem cópias por todo o lado, de modo que a meti no saco.

Collet estudou o documento.

PRIEURE DE SION — LES NAUTONIERS/GRÃO-MESTRES

JEAN DE GISORS 1188-1220

MARIE DE SAINT-CLAIR 1220-1266

GUILLAUME DE GISORS 1266-1307

EDOUARD DE BAR 1307-1336

JEANNE DE BAR 1336-1351

JEAN DE SAINT-CLAIR 1351-1366

BLANCE D'EVREUX 1366-1398

NICOLAS FLAMEL 1398-1418

RENE D'ANJOU 1418-1480

IOLANDE DE BAR 1480-1483

SANDRO BOTTICELLI 1483-1510

LEONARDO DA VINCI 1510-1519

CONNETABLE DE BOURBON 1519-1527

FERDINAND DE GONZAQUE 1527-1575

LOUIS DE NEVERS 1575-1595

ROBERT FLUDD 1595-1637

J. VALENTIN ANDREA 1637-1654

ROBERT BOYLE 1654-1691

ISAAC NEWTON 1691-1727

CHARLES RADCLYFFE 1727-1746

CHARLES DE LORRAINE 1746-1780

MAXIMILIAN DE LORRAINE 1780-1801

CHARLES NODIER 1801-1844

VICTOR HUGO 1844-1885

CLAUDE DEBUSSY 1885-1918

JEAN COCTEAU 1918-1963

— *Prieuré de Sion?* — espantou-se Collet.

— Tenente? — Um outro agente acabava de aparecer à porta. — A central tem uma chamada urgente para o capitão Fache, mas não conseguem contatá-lo.

Atende?

Collet voltou à cozinha e pegou o telefone.

Era André Vernet.

A voz refinada do banqueiro não bastava para dissimular a tensão que o

dominava:

— Pensei que o capitão Fache tinha me dito que telefonaria, mas, até agora, não voltei a saber dele.

— O capitão Fache está muito ocupado — disse Collet. — Posso ajudá-lo em qualquer coisa?

— Tinha-me sido garantido que me manteriam informado dos seus progressos.

Por um instante, Collet teve a impressão de reconhecer o timbre da voz do homem, mas não conseguia identificá-lo.

— Monsieur Vernet, estou no momento dirigindo as investigações em Paris.

Sou o tenente Collet.

Houve uma longa pausa.

— Peço imensa desculpa, tenente, tenho outra chamada em linha. Ligo-lhe mais tarde. — E desligou.

Durante vários segundos, Collet ficou imóvel, com o auscultador na mão. E

então fez-se a luz. Eu bem me parecia que estava reconhecendo aquela voz! A revelação deixou-o de boca aberta.

O condutor do carro blindado.

O do Rolex falso.

Collet compreendia agora por que razão o banqueiro desligara tão precipitadamente. Lembrara-se do nome do tenente Collet... o

policial a quem horas antes mentira tão descaradamente.

Ponderou as implicações daquele bizarro desenvolvimento. Vernet está envolvido.

Instintivamente, sabia que devia telefonar ao capitão Fache. Emocionalmente, sabia que aquele golpe de sorte ia ser a sua oportunidade de brilhar.

Ligou de imediato para a Interpol e pediu-lhes tudo o que tivessem a respeito do Banco Depositário de Zurique e do respectivo presidente, André Vernet.

C A P Í T U L O 80

— Cintos de segurança, por favor — anunciou o piloto de Teabing, enquanto o Hawker 731 começava a descer no meio de um chuvisco matinal. —

Aterrissamos dentro de cinco minutos.

O espetáculo das enevoadas colinas de Kent espraiando-se por baixo do avião despertou em Teabing uma agradável sensação de "regresso a casa". A Inglaterra ficava a menos de uma hora de voo de Par is, e todavia a um mundo de distância.

Naquela manhã, o úmido verde primaveril da terra natal pareceu-lhe particularmente acolhedor. O meu tempo na França acabou. Regresso a Inglaterra como vencedor. A Chave de Abóbada foi encontrada. Restava, claro, a questão de saber aonde os conduziria. Em algum lugar no Reino Unido. Onde, exatamente, Teabing não fazia a mínima ideia, mas já saboreava a glória.

Sob os olhares de Langdon e de Sophie, Teabing levantou-se e dirigiu-se ao outro lado da cabina, onde, fazendo deslizar um painel, pôs a descoberto um discretamente escondido cofre de parede. Marcou a combinação, abriu o cofre e tirou de lá dois passaportes.

— A minha documentação e de Rémy — explicou. Tirou em seguida um grosso maço de notas de cinquenta libras e acrescentou:

— E a sua documentação também.

Sophie ergueu a cabeça.

— Um suborno?

— Diplomacia criativa. Os aeródromos executivos dão direito a certas mordomias.

Um funcionário da alfândega nos receberá no meu hangar e pedirá autorizaç ão para subir a bordo. Em vez de deixá-lo entrar, vou dizer-lhe que viajo com

uma celebridade francesa que prefere que não se saiba que está na Inglaterra...

por causa dos jornais, compreende?... e ofereço-lhe esta generosa gratificação como expressão dos meus agradecimentos.

Langdon parecia espantado.

— E o funcionário vai aceitar?

— De qualquer outra pessoa, não. Mas esta gente me conhece. Não sou nenhum traficante de armas, pelo amor de Deus. Fui constituido cavaleiro. —

Teabing sorriu. — Um clube que tem os seus privilégios.

Rémy aproximou-se pela coxia, com a Heckler and Koch suspensa do braço caído ao longo do corpo.

— As suas ordens, Sir Leigh?

Teabing olhou para o mordomo.

— Vou ter de pedir que fique a bordo com o nosso convidado até nós regressarmos.

Não podemos andar por Londres arrastando-o de um lado para o outro.

Sophie estava com uma expressão preocupada.

— Leigh, a Polícia francesa vai encontrar o seu avião antes de nós voltarmos.

Teabing riu.

— Sim, imagine a surpresa deles se viessem a bordo e encontrassem o Rémy.

Esta atitude displicente surpreendeu-a.

— Leigh, transportou um refém amarrado através de uma fronteira internacional. Isto é muito sério.

— Também os meus advogados. — Teabing franziu o sobrolho, olhando para o monge amarrado na cauda do avião. — Aquele animal entrou à força em minha casa e quase me matou. É um fato, que o Rémy confirmará.

— Mas você amarrou-o e trouxe-o para Londres.

Teabing levantou a mão direita, numa paródia de um juramento em tribunal.

— Peço-lhe, Meritíssimo, que perdoe a um velho e excêntrico cavaleiro o seu tolo preconceito a favor do sistema judicial inglês. Compreendo que devia ter chamado as autoridades francesas, mas sou um snob e não acreditei que os desleixados franceses resolvessem este caso como deve ser. Este homem quase me assassinou. Sim, tomei uma decisão precipitada ao forçar o meu mordomo a ajudar-me a trazê-lo para Inglaterra, mas encontrava-me sob uma grande

pressão. Mea culpa. Mea culpa.

Langdon fez um ar de incredulidade.

— Vinda de si, Leigh, essa é bem capaz de pegar.

— Sir Leigh — chamou o piloto. — A torre acaba de entrar em contato. Tem um problema qualquer de manutenção junto ao seu hangar e estão me pedindo para levar o avião diretamente para junto do terminal.

Havia mais de uma década que Teabing voava para Biggin Hill, e era a primeira vez que aquilo acontecia.

— Disseram qual era o problema?

— O controlador foi muito vago. Qualquer coisa a respeito de uma fuga de combustível no sistema de bombeamento? Pediu-me que estacionasse em frente do terminal e mantivesse todos a bordo até nova ordem . Por uma questão de segurança.

Não podemos desembarcar sem autorização das autoridades do aeroporto.

Teabing estava cético. Deve ser uma fuga e tanto. O depósito de combustível ficava a uns bons oitocentos metros do hangar. Também Rémy parecia preocupado.

— Tudo isto me parece muito estranho, senhor — comentou.

Teabing voltou-se para Sophie e para Langdon.

— Meus amigos, tenho o desagradável pressentimento de que há uma comissão de recepção à nossa espera.

Langdon deixou escapar um suspiro cansado.

— Suponho que Fache continua convencido de que eu sou culpado — disse.

— Ou isso — respondeu Sophie —, ou está muito envolvido nisto para admitir o erro.

Teabing não os ouvia. Pensasse Fache o que pensasse, era preciso tomar medidas, e depressa. Não perca de vista o nosso objetivo. O Graal. Estamos tão perto!

Por baixo deles, o trem de aterrissagem desceu com um ruído mecânico.

— Leigh — disse Langdon, em tom profundamente pesaroso —, vou entregar-me e resolver isto pelos meios legais. Não quero envolvê-los nisto.

— Oh, pelo amor de Deus, Robert! — exclamou Teabing. — Acredita verdadeiramente que nos deixarão ir a algum lugar? Acabo de transportá-lo

ilegalm ente. A menina Neveu ajudou-o a fugir do Louvre e temos um homem amarrado na cauda do avião. Palavra!

Estamos todos metidos nisto.

— Talvez tentar outro aeroporto? — sugeriu Sophie.

Teabing abanou a cabeça.

— Se fugimos agora, da próxima vez que nos derem autorização para aterrissar, a comissão de recepção incluirá tanques do Exército.

Sophie deixou cair os ombros. Teabing sentiu que se quisessem ter alguma chance de adiar a confrontação com as autoridades o tempo suficiente para encontrarem o Graal, ia ter de tomar medidas drásticas.

— Deem-me um minuto — pediu, afastando-se em direção ao cockpit.

— Que vai fazer? — perguntou Langdon.

— Uma reunião comercial — respondeu Teabing, perguntando a si mesmo quanto iria custar-lhe convencer o piloto a fazer uma manobra altamente irregular.

C A P Í T U L O 81

O Hawker iniciou a aproximação final.

Simon Edwards, diretor executivo do aer ódromo de Biggin Hill, andava de um lado para o outro na torre de controle, piscando nervosamente os olhos enquanto observava a pista encharcada pela chuva. Sempre detestara que o acordassem cedo no sábado de manhã, mas achava particularmente desagradável o fato de ter sido chamado para assistir à detenção de um dos seus clientes mais lucrativos. Sir Leigh Teabing pagava a Biggin Hill não só um hangar privado, mas também uma “taxa de aterrissagem” pelas suas frequentes chegadas e partidas. Como regra, o aeródromo tinha conhecimento antecipado dos seus horários, o que lhe permitia seguir um estrito protocolo para as chegadas.

Teabing gostava de tudo muito certinho. A limusine Jaguar que guardava no hangar devia estar impecavelm ente lavada, com o tanque cheio e um exemplar do London Times no banco traseiro. Um funcionário da alfândega estaria à espera no hangar, para despachar a papelada obrigatória e inspecionar a bagagem.

Ocasionalmente, estes funcionários aceitavam generosas gratificações para fecharem os olhos ao transporte de certos produtos inofensivos, quase sempre luxos da culinária francesa: escargots, um Roquefort de cheiro especialmente intenso, determinados frutos.

Muitas das leis alfandegárias eram perfeitamente ridículas e, além disso, se Biggin Hill não consentisse alguns caprichos aos seus clientes, não faltavam aeródromos concorrentes que teriam muito

prazer em fazê-lo. Teabing encontrava aquilo que queria ali em Biggin Hill, e todos ganhavam com isso.

Edwards sentia os nervos em frangalhos ao ver o jato aproximar-se.

Perguntou a si mesmo se a tendência de Teabing para espalhar riqueza o teria

metido em algum problema; as autoridades francesas pareciam muito interessadas em falar com ele.

Ignorava a natureza das acusações contra Sir Leigh, mas calculava que seriam graves. A pedido dos franceses, a Polícia de Kent ordenara ao controlador aéreo de Biggin Hill que mandasse o piloto do Hawker estacionar diretamente em frente do terminal, e não no hangar do cliente. O piloto concordara, acreditando aparentemente na inverossímil história da fuga de combustível.

Embora os polícias ingleses não usassem geralmente armas, a gravidade da situação justificara a presença de uma equipe de resposta armada. Oito agentes de pistola à cinta aguardavam, dentro do terminal, o momento em que o jato desligasse os motores. Logo que isso acontecesse, o operador de rampa colocaria os calços à frente das rodas, impedindo o avião de voltar a mover-se. Então, os polícias se mostrariam e obrigariam os ocupantes a permanecer a bor do até que a Polícia francesa chegasse e tomasse conta da situação.

O Hawker voava agora muito baixo, rasando as copas das árvores à direita.

Simon Edwards desceu as escadas para assistir lá de baixo à aterrissagem. Os polícias estavam prontos, fora das vistas, e o homem da manutenção esperava com os calços. O Hawker empinou o nariz e os pneus tocaram no chão, com uma pequena nuvem de fumaça. O avião baixou o nariz e começou a desacelerar, passando da direita para a esquerda em frente do terminal, a fuselagem branca brilhando no ar úmido. Mas, em vez de frear e

virar na dir eção da torre, o jato passou calmamente pelo desvio de saída e seguiu em direção ao hangar de Teabing, no fim da pista.

Os polícias rodaram sobre os calcanhares e olharam para Edwards.

— Pensei que tinha dito que o piloto concordara com estacionar diante do terminal?

Edwards estava estupefato.

— E concordou! — disse.

Instantes depois, viu-se metido em um carro da Polícia e correndo pela pista em direção ao distante hangar. A caravana da Polícia estava ainda a uns bons quinhentos metros de distância quando o Hawker entrou tranquilamente no hangar e desapareceu.

Quando os carros finalmente chegaram e frearam com os pneus chiando

diante das grandes portas abertas, os polícias saltaram para o chão, de armas em punho.

Edwards imitou-os. O barulho era ensurdecedor.

Os motores do Hawker continuavam a rugir enquanto o jato terminava a sua habitual rotação dentro do hangar, colocando-se com o nariz apontado para a saída, pronto para a próxima partida. Quando o aparelho completou a volta de 180 graus e avançou em direção à porta do hangar, Edwards viu o rosto do piloto, compreensivelmente surpreso e assustado ao ver a barricada de carros da Polícia.

O avião deteve-se finalmente e o uivo dos motores esmoreceu e calou-se. Os polícias entraram correndo e tomaram posição à volta do aparelho. Edwards juntou-se ao inspetor-chefe que avançava, desconfiado, para a porta. A qual, passados alguns segundos, se abriu.

Leigh Teabing apareceu na abertura, enquanto a pequena escada, acionada por um motor eléctrico, descia suavemente até ao chão. Ao ver o mar de armas apontadas para ele, apoiou-se nas muletas e coçou a cabeça.

— Que está acontecendo, Sim on? — perguntou, em tom mais surpreso do que preocupado. — Ganhei a loteria da Polícia enquanto estive fora?

Simon Edwards avançou, engolindo o sapo que tinha na garganta.

— Bom dia, Sir Leigh. Peço desculpas pela confusão, Temos uma fuga de combustível e o seu piloto disse que estacionaria diante do terminal.

— Sim, sim, bem, fui eu que lhe disse que viesse para cá. Já estou atrasado para um encontro. Pago por este hangar, e esse disparate a respeito de uma fuga de combustível pareceu-me excesso de precaução.

— Receio que a sua chegada nos tenha apanhado um pouco desprevenidos.

— Eu sei. Estou fora do meu calendário habitual. Aqui entre nós, o novo medicamento me faz urinar demais. Achei melhor vir até cá afinar a coisa.

Os polícias entreolharam-se. Edwards estremeceu.

— Compreendo, Sir Leigh.

— Sir Leigh — disse o inspetor-chefe de Kent, avançando um passo. — Vejo-me obrigado a pedir-lhe que permaneça a bordo durante cerca de mais meia hora.

Teabing desceu a escada, parecendo agora muito menos divertido.

— Receio que não seja possível — disse, chegando ao chão de cimento. —

Tenho uma consulta médica e não tenciono perdê-la.

O inspetor-chefe colocou-se de modo a impedi-lo de afastar-se do avião.

— Estou aqui às ordens da Polícia Judiciária francesa, segundo a qual o senhor transporta no seu avião fugitivos da lei.

Teabing ficou olhando para o inspetor por um longo instante, e então desatou a rir.

— É uma daquelas brincadeiras dos apanhados da televisão, não é? Muito divertido!

O inspetor-chefe nem sequer pestanejou.

— O assunto é sério, Sir Leigh. A Polícia francesa afirma que é possível que traga também um refém a bordo.

Rémy, o mordomo, apareceu no alto da escada.

— A verdade é que por vezes me sinto como um refém trabalhando para Sir Leigh, embora ele me garanta que possa ir embora quando quiser. — Consultou o relógio. — São horas de ir, senhor. Já estamos atrasados. — Fez um sinal na direção da limusine estacionada no canto mais afastado do hangar, um enorme automóvel preto, com vidros escuros e pneus enfeitados com faixas brancas.

— Vou buscar o carro. — E começou a descer a escada.

— Receio não poder deixá-los ir — disse o inspetor-chefe. — Por favor, regressem ambos ao avião. Os representantes da Polícia francesa estarão aqui muito em breve.

Teabing voltou-se então para Simon Edwards.

— Simon, pelo amor de Deus, isto é ridículo! Não temos mais ninguém a bordo. Só o habitual... Rémy, nosso piloto e eu próprio.

Talvez possa servir de intermediário? Suba a bordo e verifique que o avião está vazio.

Edwards soube que tinha sido apanhado.

— Muito bem, Sir Leigh. Posso dar uma olhada.

— O diabo que pode! — declarou o inspetor-chefe, sabendo aparentemente o suficiente a respeito de aeródromos executivos para suspeitar que Simon Edwards seria capaz de mentir a respeito dos ocupantes do aparelho para não perder um cliente como Sir Leigh Teabing. — Vou eu mesmo ver.

Teabing abanou a cabeça.

— Não, não vai, inspetor. Este avião é propriedade privada e, até que arranje um mandato de busca, não põe os pés lá dentro. Estou oferecendo-lhe uma opção razoável.

Senhor Edwards pode fazer a inspecção.

— Não.

O ar de Teabing tornou-se gélido.

— Inspetor, receio não ter tempo para as suas brincadeiras. Estou atrasado, e vou embora. Se é assim tão importante para você me deter, vai ter de me dar um tiro. — E com esta, Teabing e Rémy contornaram o inspetor-chefe e atravessaram o hangar em direção à limusine estacionada.

Ao vê-lo passar desafiadoramente à sua frente, o inspetor-chefe da Polícia de Kent sentiu que detestava as pessoas como Sir Leigh Teabing. Privilegiados, sempre convencidos de que estavam acima da lei. Mas não estão! O inspetor voltou-se e apontou a arma às costas de Teabing.

— Alto, ou atiro!

— Por favor — respondeu Teabing, sem abrandar o passo e sem se voltar. —

Os meus advogados vão cozinhar os seus testículos para o café da manhã. E se se atrever a entrar no meu avião sem um mandato, cozinham também o baço.

Não sendo exatamente um novato em jogos de poder, o inspetor não se deixou impressionar. Tecnicamente, Teabing tinha razão e a Polícia precisava de um mandato para entrar no avião, mas uma vez que o voo partira da França, e porque o poderoso Bezu Fache delegara nele a autoridade, o inspetor-chefe de Kent estava seguro de que seria muito melhor para a sua carreira descobr ir o que estava dentro daquele jato e que Teabing parecia tão apostado em esconder.

— Detenham-nos — ordenou. — Vou revistar o avião.

Os agentes correram, de armas na mão, e impediram fisicamente Teabing e Rémy de chegar à limusine. Teabing fez meia volta.

— Inspetor, este é o último aviso. Não pense sequer em entrar nesse avião.

Vai se arrepender.

Ignorando a ameaça, o inspetor-chefe apertou com mais força a coronha da pistola e subiu a escada do avião. Depois de uma brevíssima hesitação, entrou na cabina. Que diabo?

Com exceção do assustado piloto, sentado no cockpit, o aparelho estava

vazio.

Completamente vazio. Revistando rapidamente o banheiro, osassentos e a área de bagagem, o inspetor não encontrou vestígios de alguém escondido... e muito menos vários indivíduos.

Que raio estaria Bezu Fache pensando? Aparentemente, Leigh Teabing dissera a verdade.

O inspetor-chefe de Kent, sozinho na cabina vazia, engoliu em seco. Merda.

Muito vermelho, voltou à escada, olhando para o outro extremo do hangar, onde Teabing e o mordomo continuavam sob a mira das armas dos seus agentes.

— Deixem-nos ir — ordenou. — Recebemos uma informação falsa.

Os olhos de Teabing estavam carregados de ameaça mesmo àquela distância.

— Pode contar com um telefonema dos meus advogados. E, para referência futura, saiba que a Polícia francesa não é de confiança.

O mordomo abriu a porta traseira da limusine e ajudou o patrão a instalar-se no banco. Em seguida, voltou para a dianteira do carro, sentou-se ao volante e ligou o motor.

Os polícias saíram apressadamente da frente quando o Jaguar arrancou com os pneus guinchando.

— Bem jogado, meu bom homem — disse Teabing do banco de trás, enquanto a limusine acelerava, afastando-se do aeroporto. Voltou-se então para os escuros recônditos do espaçoso interior. – Todos estão confortáveis?

Langdon assentiu com a cabeça. Ele e Sophie continuavam agachados no chão, ao lado do amarrado e amordaçado albino.

Momentos antes, quando o Hawker entrara no hangar deserto, Rémy abrira a porta enquanto o avião parava com uma sacudidela a meio da volta. com a Polícia aproximando-se rapidamente, Langdon e Sophie tinham arrastado o monge escada abaixo e corrido esconder-se atrás da limusine. Então, os motores tinham voltado a

rugir, completando a rotação no instante em que os carros da Polícia entravam no hangar, em derrapagem.

Agora, a caminho de Kent, Langdon e Sophie gatinharam pelo longo interior da limusine, deixando o monge estendido no chão, e foram sentar-se no comprido banco em frente ao de Teabing. O inglês dirigiu-lhes um sorriso rasgado e abriu o bar do carro.

— Posso oferecer-lhes uma bebida? Uns aperitivos? Batatas fritas? Nozes?

Seltzer?

Sophie e Langdon abanaram a cabeça.

Ainda sorrindo, Teabing fechou a porta do bar.

— Ora bem, quanto ao túmulo do cavaleiro...

C A P Í T U L O 82

— Fleet Street? — espantou-se Langdon, olhando para Teabing sentado à sua frente no banco traseiro da limusine. Há uma cripta em Fleet Street? Até o momento, Teabing mostrara-se jovialmente confiante quanto ao lugar onde pensava que poderiam encontrar o "túmulo do cavaleiro", o qual, segundo o poema, lhes proporcionaria a chave para abrirem o criptex menor.

Teabing sorriu e voltou-se para Sophie,

— Menina Neveu, importa-se de deixar aqui o nosso rapaz de Harvard dar mais uma olhada no poema?

Sophie rebuscou no bolso e tirou de lá o criptex negro, que continuava embrulhado na folha de velino. Tinham os três concordado em deixar a caixa de roseira e o primeiro criptex no cofre do avião, levando consigo apenas aquilo que precisavam, o muito menor e discreto criptex negro. Sophie desenrolou o velino e entregou-o a Langdon.

Apesar de já ter lido várias vezes aqueles versos a bordo do jato, Langdon fora incapaz de deduzir deles uma localização precisa. Agora, enquanto lia novamente as palavras, processou-as lenta e cuidadosamente, na esperança de que o ritmo dos pentâmetros revelasse um significado mais claro agora que estava em terra.

In London lies a knight a Pope interred.

His labor ‘s fruit a Holy wrath incurred.

You seek the orb that ought to be on is tomb.

It speaks of Rosy flesh and seeded womb.

A linguagem parecia bastante simples. Havia um cavaleiro sepultado em Londres.

Um cavaleiro cujos esforços para conseguir qualquer coisa tinham tirado a Igreja. Um cavaleiro em cujo túmulo faltava um globo que devia estar lá. A última referência — carne Rosada e um útero a germinar — era uma clara alusão a Maria Madalena, a Rosa que transportava no ventre a semente de Jesus.

Apesar da aparente clareza dos versos, Langdon continuava a não fazer ideia de quem era o cavaleiro nem de onde estaria sepultado. Parecia, ainda por cima, que, quando localizassem o túmulo, teriam de procurar qualquer coisa que não estava lá. O globo que no seu túmulo devia estar?

— Nenhuma ideia? — Teabing riu em tom de desapontamento, embora Langdon sentisse que o historiador da Royal Br itish Academy estava saboreando a situação. — Menina Neveu?

Ela abanou a cabeça.

— Que seria de vocês sem mim? — perguntou Teabing. — Muito bem, eu lhes mostro o caminho. É muito simples, na realidade. A primeira linha é a chave. Importa-se de voltar a lê-la?

— Em Londres jaz um cavaleiro que um papa enterrou — leu Langdon, em voz alta.

— Precisamente. Um cavaleiro que um papa enterrou. — Olhou para Langdon. — O que é que isto significa para você?

Langdon encolheu os ombros.

— Um cavaleiro enterrado por um papa. Um cavaleiro cujo funeral foi presidido por um papa?

Teabing riu com gosto.

— Oh, essa é muito boa. Sempre otimista, Robert. Veja o segundo verso. É

óbvio que este cavaleiro fez qualquer coisa que lhe mereceu a sagrada ira da Igreja. Pense outra vez. Considere a dinâmica entre a Igreja e os Cavaleiros do Templo. Um cavaleiro que um papa enterrou?

— Um cavaleiro que um papa matou! — perguntou Sophie.

Teabing sorriu e deu-lhe uma palmadinha no joelho.

— Muito bem, minha querida. Um cavaleiro que um papa enterrou. Ou matou.

Langdon pensou na famosa caça aos Templários de 1307 uma sexta-feira 13

—, em que o Papa Clemente mandou matar e enterrar centenas de Cavaleiros do Templo.

— Mas deve haver um número enorme de túmulos de cavaleiros mortos por papas!

— Aha, nada disso! — respondeu Teabing. — Muitos deles foram queimados na fogueira e os seus restos lançados ao Tibre sem mais

cerimônias. Mas este poema fala de um túmulo. Um túmulo em Londres. E não há muitos cavaleiros sepultados em Londres. Fez uma pausa e ficou olhando para Langdon, como que à espera que se fizesse luz. — Robert, pelo amor de Deus! — acabou por ralhar.

— A igreja construída em Londres pelo braço militar do Priorado... pelos próprios Cavaleiros do Templo!

— Temple Church? — Langdon inspirou fundo. — Tem uma cripta?

— Dez dos túmulos mais assustadores que alguma vez viu.

Langdon nunca a visitara, apesar de ter encontrado inúmeras referências à igreja no decurso da sua pesquisa sobre o Priorado. Situada no epicentro de todas as atividades dos Templários/Priorado no Reino Unido, era assim chamada em honra do templo de Salomão, de onde osTemplários tinham tir ado o seu próprio nome, bem com os documentos Sangreal que lhes davam tanta influência em Roma. Abundavam as histórias a respeito dos cavaleiros praticarem estranhos rituais secretos ao abrigo do invulgar santuário de Temple Church.

— A Temple Church fica em Fleet Street?

— Mais exatamente, numa transversal, a Inner Templo Lane. — Teabing fez um ar malicioso. — Quis vê-lo suar mais um pouco antes de lhe dizer.

— Obrigado.

— Nenhum de vocês esteve lá?

Sophie e Langdon abanaram a cabeça.

— Não admira. A igreja está atualmente escondida atrás de edifícios muito maiores. Poucas pessoas sabem onde fica. Um lugar estranho. A arquitetura é pagã até o caroço.

Sophie pareceu surpreendida.

— Pagã?

— Panteonicamente pagã! — exclamou Teabing. — Para começar, é redonda.

Os Templários ignoraram o tradicional traçado cruciforme e construíram uma igreja perfeitamente circular, em honra do Sol. — As sobrancelhas dele executaram uma dança diabólica. — É um passem-bem bastante pouco sutil aos rapazes de Roma. Foi quase como reconstruir Stonehenge em plena Baixa de Londres.

Sophie olhou para ele.

— E o resto do poema?

O ar divertido do historiador desvaneceu-se.

— Não estou certo. É intrigante. Vamos ter de examinar com muita atenção cada um dos dez túmulos. Com sorte, um deles terá um globo conspicuamente a menos.

Langdon percebeu como estavam na verdade perto. Se o globo em falta revelasse a senha, poderiam abrir o segundo criptex. Não conseguia sequer imaginar o que encontrariam lá dentro.

Voltou a olhar para o poema. Era como uma espécie de problema de palavras-cruzadas primordial. Uma palavra de cinco letras que fala do Graal? Ainda no avião, tinham já tentado todas as s enhas mais óbvias — GRAAL, GREAL, VÊNUS, MARIA, JESUS, SARAH — mas o cilindro não cedera uma fração de milímetro. Muito óbvias.

Aparentemente, havia outra referência com cinco letras ao útero germinado da Rosa. O fato de estar resistindo aos esforços de um especialista como Leigh Teabing significava que não se tratava de uma referência vulgar.

— Sir Leigh? — chamou Rémy, por cima do ombro. Estava observando-os pelo retrovisor, através da divisória de vidro aberta.

Disse que Fleet Street fica perto da Blackfriars Bridge?

— Sim, vá pelo Cais Vitoria.

— Peço desculpas, não sei muito bem onde isso fica. Geralmente vamos só ao hospital.

Teabing revirou os olhos para cima.

— Palavra, por vezes, é como tomar conta de uma criança — resmungou. —

Um momento, por favor. Sirvam-se de uma bebida e dos deliciosos aperitivos.

— E com esta deixou-os, debruçando-se desajeitadamente através da divisória para falar com Rémy.

Sophie voltou-se para Langdon e disse, em voz baixa:

— Robert, ninguém sabe que nós dois estamos na Inglaterra. Langdon percebeu que ela tinha razão. A Polícia de Kent diria a Fache que o avião estava vazio, e Fache assumiria que eles continuavam na França. Somos invisíveis. O

pequeno truque de Leigh comprara-lhes uma porção de tempo.

— Fache não vai desistir facilmente — continuou Sophie. — Tem muitas coisas dependendo desta detenção.

Langdon estava tentando não pensar em Fache. Sophie prometera fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para inocentá-lo quando aquele assunto estivesse resolvido, mas ele começava a recear que talvez não fosse o suficiente. É muito possível que Fache faça parte da tramoia. Embora não estivesse vendo a Polícia Judiciária francesa misturada com o Santo Graal, sentia que houvera naquela noite muitas coincidências para poder descartar Fache como um possível cúmplice. Fache é um homem religioso, e está decidido a atirar os assassínios para cima de mim. Sophie, pelo seu lado,

argumentava que o capitão podia estar simplesmente sendo movido por um excesso de zelo. Afinal, os indícios contra Langdon eram substanciais. Além do nome dele ter aparecido escrito no chão do Louvre e na agenda de Saunière, parecia agora ter mentido a respeito do manuscrito e depois fugido. Por sugestão minha.

— Robert, lamento que esteja tão profundamente envolvido disse, pousando uma mão no joelho dele. — Mas estou muito contente por o ter aqui comigo.

O comentário pareceu mais pragmático do que romântico, mas mesmo assim Langdon sentiu uma inesperada faísca de atração entre eles. Dirigiu-lhe um sorriso cansado.

— Sou muito mais divertido quando me deixam dormir.

Sophie ficou calada durante vários segundos.

— O meu avô me pediu para confiar em você. Ainda bem que lhe dei ouvidos, para variar.

— O seu avô nem sequer me conhecia.

— Mesmo assim, não consigo deixar de pensar que fez tudo o que ele quereria que fizesse. Ajudou-me a encontrar a Chave de Abóbada, explicou-me o Sangreal, falou-me do ritual na caverna. — Fez uma pausa. — De certo modo, sinto-me esta noite perto do meu avô como não sentia há muitos anos. Sei que

isso o faria feliz.

O recorte dos telhados de Londres começava a materializar-se ao longe, esbatido pelo chuvisco matinal. Outrora dominado pelo Big Ben e pela Tower Bridge, o horizonte pertencia agora ao Millenium Ey e — uma colossal e ultramoderna roda que se elevava a cento e cinquenta metros de altura, proporcionando espetaculares vistas da cidade.

Langdon ainda tentara, certa vez, fazer a “viagem’, mas as “cabinas panorâmicas” pareciam demais com sarcófagos selados, de modo que optara por ficar com os pés bem fincados em terra e apreciar a vista a partir das arejadas margens do Tamisa.

Sentiu um aperto no joelho, chamando-o de volta ao presente, e os olhos verdes de Sophie pousados nele. Percebeu que ela estivera falando.

— O que é que acha que devemos fazer com os documentos Sangreal, se os encontrarmos? — murmurou ela.

— O que eu acho não tem a mínima importância — respondeu Langdon. —

O seu avô deu o criptex a você, e deve usá-lo como o seu instinto lhe disser que ele teria feito.

— Estou pedindo uma opinião. É para mim óbvio que escreveu qualquer coisa naquele manuscrito que fez o meu avô confiar no seu discernimento.

Marcou um encontro particular com você. Era uma coisa muito rara.

— Talvez quisesse me dizer que estava completamente enganado.

— Porque haveria ele de me pedir que o procurasse se não gostasse das suas ideias? No seu manuscrito, defende a ideia de que os documentos Sangreal devem ser divulgados, ou que devem permanecer enterrados.

— Nem uma coisa nem outra. Não faço qualquer espécie de julgamento. O

manuscrito trata da simbologia do sagrado feminino... procura traçar-lhe a iconografia através da História. Com toda certeza não tentei descobrir onde estava o Santo Graal escondido nem se devia ou não ser revelado.

— E no entanto, está escrevendo um livro sobre o assunto, portanto acha obviamente que a informação devia ser partilhada.

— Há uma enorme diferença entre discutir hipoteticamente uma história alternativa de Cristo e...— Calou-se.

— E o quê?

— E apresentar ao mundo milhares de antigos documentos como prova científica de que o Novo Testamento é um falso testemunho.

— Mas você me disse que o Novo Testamento é baseado em invenções.

Langdon sorriu.

— Sophie, todas as fés do mundo se baseiam em invenções. É essa a definição de fé: aceitação daquilo que imaginamos ser verdade, daquilo que não podemos provar.

Todas as religiões descrevem Deus através de metáforas, de alegorias, de exageros, desde os antigos Egípcios até às catequistas dos nossos dias. As metáforas são uma maneira de ajudar as nossas mentes a processar o improcessável. Os problemas surgem quando começamos a acreditar literalmente nas nossas próprias metáforas.

— É então a favor de os documentos Sangreal ficarem sepultados para sempre?

— Sou um historiador. Oponho-me à destruição de documentos, e gostaria muito que os estudiosos das religiões tivessem mais informação para ponderarem sobre a excepcional vida de Jesus Cristo.

— Está argumentando de ambos os lados da questão.

— Estou? A Bíblia representa um guia fundamental para milhões de pessoas deste planeta, tal como o Corão, a Tora ou o Cânone Pali

oferecem orientação aos crentes de outras religiões. Se Sophie e eu pudéssemos descobrir documentação que contradissesse a história sagrada do credo islâmico, do credo judaico, do credo pagão, deveríamos fazê-lo? Teríamos o direito de agitar uma bandeira e dizer aos budistas que temos provas de que o Buda não surgiu de uma flor de lótus? Ou que Jesus não nasceu literalmente de uma virgem? Aqueles que compreendem de verdade a fé que professam compreendem que essas histórias são metafóricas.

Sophie parecia pouco convencida.

— Os meus amigos que são cristãos devotos acreditam de verdade que Cristo caminhou literalmente sobre as águas, transformou literalmente água em v inho e nasceu literalmente de uma virgem.

— Exatamente onde eu quero chegar. A alegoria religiosa tornou— se parte do tecido da realidade. E viver nessa realidade ajuda milhões de pessoas a

suportar a vida e a serem melhores.

— Mas, segundo parece, a realidade delas é falsa.

Langdon riu.

— Tão falsa como a de uma criptóloga matemática que acredita no imaginário número “i” porque ele a ajuda a decifrar códigos.

Sophie franziu a testa.

— Isso não é justo.

Passou um momento.

— Qual era a sua pergunta, afinal? — perguntou Langdon.

— Não me lembro.

Ele sorriu.

— Sempre dá certo.

C A P Í T U L O 83

O relógio Mickey de Langdon marcava quase sete e meia quando ele desceu da limusine Jaguar, juntamente com Sophie e Teabing, na Inner Temple Lane. Pouco depois, tendo percorrido a pé um labiríntico caminho por entre altos edifícios, chegaram ao pequeno adro de Temple Church. As pedras toscas brilhavam à chuva e havia bandos de pombos abrigados sob os ressaltos da arquitectura.

A velha Temple Church de Londres fora inteiramente construída com pedra de Caen. O dramático edifício circular, com uma fachada imponente, um torreão central e uma nave sobressaindo de um dos lados, parecia mais um bastião militar do que um local de culto. Consagrada a 10 de Fevereiro de 1185 por Heráclio, patriarca de Jerusalém, Temple Church sobrevivera a oito séculos de convulsões políticas, ao Grande Incêndio de Londres e à I Guerra Mundial, para acabar por ser danificada, em 1940, pelas bombas incendiárias alemãs. Fora restaurada depois da guerra, recuperando a austera altivez original.

A simplicidade do círculo, pensou Langdon, admirando o edifício pela primeira vez.

A arquitetura era rude e despojada, mais reminiscente do áspero castelo romano de Sant'Angelo que do refinado Panteão. O acrescento em forma de caixa que sobressaía de um dos lados era um prédio que feria a vista, embora não bastasse para ocultar a forma pagã original da estrutura primitiva.

— É sábado de manhã e muito cedo — disse Teabing, coxeando em direção à entrada —, de modo que presumo que não precisamos nos preocupar com missas e coisas desse tipo.

O pórtico da igreja era um nicho recolhido ao fundo do qual se erguia uma

grande porta de madeira. À esquerda da porta, parecendo totalmente deslocado, estava suspenso um painel de contraplacado coberto de horários de concertos e anúncios de serviços religiosos.

Teabing leu as indicações do painel e franziu o sobrolho.

— Só abrem para os visitantes daqui a duas horas. — Aproximou-se da porta e experimentou empurrá-la. A porta não se mexeu. Encostando o ouvido à madeira, pôs-se à escuta. Um momento depois, recuou e apontou para o painel, c om o ar de quem estava tramando alguma.

— Robert, importa-se de dar uma olhada no horário dos serviços? Quem é que oficia esta semana?

Dentro da igreja, o ajudante de missa quase acabara de aspirar os genuflexórios da comunhão quando ouviu bater à porta do templo. Ignorou as pancadas. O padre Harvey Knowles tinha as suas próprias chaves e só chegaria duas horas mais tarde.

Quem batia era provavelmente algum turista curioso, ou um pobre. Continuou a aspirar, mas as pancadas na porta não paravam. Será que não sabem ler? O

papel afixado no painel indicava claramente que, aos sábados, a igreja só abria às nove e meia. O ajudante de missa resolveu não interromper as suas tarefas.

De súbito, as pancadas transformaram-se em um estrépito ensurdecedor, como se alguém estivesse batendo na madeira com uma barra de metal. O jovem desligou o aspirador e marchou furioso para a porta. Correndo o ferrolho interior, abriu-a. Estavam três pessoas à entrada. Turistas, resmungou.

— Abrimos às nove e meia.

Um homem corpulento, aparentemente o líder do trio, avançou um passo, ajudado por um par de muletas metálicas.

— Sou Sir Leigh Teabing — disse, em tom de voz altivo, do mais puro saxonesco britânico. — Como sem dúvida sabe, acompanho o senhor e a senhora Cristopher Wren the Fourth. — Afastou-se para um lado, indicando com um floreado do braço o elegante casal que esperava um pouco mais atrás. A mulher tinha feições suaves e belos cabelos castanhos. O homem era alto, de cabelos escuros e parecia vagamente familiar.

O ajudante de missa não fazia ideia de como reagir. Sir Christopher Wren era o mais famoso dos benfeitores de Temple Church. Tornara possível todas as

restaurações que tinham se seguido ao Grande Incêndio. Por outro lado, tinha morrido no... hum... século XVIII.

— Hum... hã... é uma honra conhecê-lo?

O homem das muletas franziu a testa.

— Ainda bem que não está nas vendas, jovem, não é muito convincente.

Onde está o padre Knowles?

— É sábado. Só vem mais tarde.

As rugas do sobrolho do homem das muletas tornaram-se ainda mais fundas.

— É o que se chama gratidão. Garantiu-nos que estaria aqui, mas parece que vamos ter de passar sem ele. Não demora muito.

O ajudante de missa continuou a bloquear a passagem.

— Desculpe, o que é que não demora muito?

Os olhos do visitante endureceram, e o homem inclinou-se para a frente, murmurando como se quisesse evitar uma situação embaraçosa:

— Jovem, aparentemente, está aqui há pouco tempo. Todos os anos, os descendentes de Sir Christopher Wren trazem uma pitada das cinzas do velho para espalhar no santuário. Assim está prescrito no testamento dele. Ninguém aprecia particularmente a viagem, mas que se há de fazer?

O ajudante de missa estava na igreja havia dois anos e nunca ouvira falar de tal costume.

— É melhor esperarem até às nove e meia. A igreja ainda não está aberta e eu não acabei de aspirar.

O homem das muletas fulminou-o com um olhar.

— Jovem, se ainda r esta desta igreja alguma coisa para aspirar, é graças ao cavalheiro que está ali no bolso daquela senhora.

— Perdão?

— Senhora Wren — continuou o homem das muletas —, quererá ter a bondade de mostrar a este jovem impertinente o relicário das cinzas?

A mulher hesitou um instante, e então, como que despertando de um transe, meteu a mão no bolso do camisolão e tirou de lá um pequeno cilindro embrulhado em tecido protetor.

— Vê? — per guntou secamente o homem das muletas. — Agora, ou cumpre a última vontade do moribundo e nos deixa espalhar um pouco das suas cinzas

pelo santuário, ou eu conto ao padre Knowles a maneira como fomos tratados.

O ajudante de missa hesitou. Conhecia bem o profundo respeito do padre Knowles pelas tradições da igreja... e, mais importante do que isso, a ira de que era capaz quando qualquer coisa projetava a menor sombra sobre a fama do venerando templo. Talvez o padre

Knowles tivesse simplesmente esquecido de avisá-lo da visita daqueles familiares.

Se fosse esse o caso, seria muito mais arriscado mandá-los embora do que deixá-los entrar. Afinal, disseram que não demorariam muito. Que mal pode fazer?

Quando se afastou para deixá-los entrar, o ajudante de missa seria capaz de jurar que o senhor e a senhora Wren estavam tão confusos com tudo aquilo como ele próprio.

Desconfiado, voltou às suas tarefas, vigiando-os pelo canto do olho.

Langdon não pôde conter um sorriso enquanto o trio entrava na igreja.

— Leigh — murmurou —, em minha opinião, mente exces sivamente bem.

Os olhos de Teabing chisparam.

— Clube de Teatro de Oxford. Ainda hoje falam do meu Júlio César. Tenho certeza de que nunca ninguém representou a primeira cena do terceiro ato com maior dedicação.

— Julgava que César já está morto nessa cena.

— Pois está. Mas a minha toga rasgou-se quando caí, e tive de ficar estendido no palco durante meia hora com a pilinha de fora. Mesmo assim, não mexi um músculo. Foi brilhante, digo-lhe eu.

Langdon fez uma careta. Tenho pena de não ter visto.

Enquanto o grupo percorria o anexo retangular em direção ao arco de ac esso ao corpo principal do templo, Langdon foi surpreendido pela árida austeridade do lugar.

Embora a disposição do altar se assemelhasse à de qualquer outra igreja cristã, o ambiente era despido e frio, sem qualquer dos

tradicionais ornamentos.

— Triste — murmurou.

Teabing riu.

— Igreja da Inglaterra — disse. — Os Anglicanos bebem a religião pura.

Nada que os distraia da sua tristeza.

Sophie apontou na direção do vasto arco que abria para a pane circular da igreja.

— Parece uma fortaleza — murmurou.

Langdon concordou. Mesmo vistas dali, as paredes pareciam invulgarmente robustas.

— Os Cavaleiros do Templo eram guerreiros — recordou-lhes Teabing, e o bater das suas muletas de alumínio ecoava no amplo espaço. — Uma sociedade religiosa-militar. As igrejas deles eram os seus bastiões e os seus bancos.

— Bancos? — perguntou Sophie, olhando para Sir Leigh.

— Céus, sim. Foram os Templários que inventaram o conceito do banco moderno.

Para a nobreza europeia, era perigoso viajar com ouro, de modo que os Templários permitiam que os nobres o depositassem na igreja do Templo mais próximo e o levantassem em qualquer outra igreja do Templo em qualquer parte da Europa. Tudo o que precisavam era ter a documentação adequada. E pagar uma pequena comissão. Os Templários foram as primeiras caixas automáticas.

— Apontou para um vitral no qual a luz do Sol que despontava se refratava através da figura de um cavaleiro vestido de branco e

montado em um cavalo cor-de-rosa. — Alanus Mareei. Mestre do Templo por volta de 1200. Ele e os seussucessores detiveram no Parlamento o cargo de Primus Baro Angiae.

Langdon estava surpreso.

— Primeiro barão do reino?

Teabing assentiu.

— O Grão-Mestre do Templo, não falta quem o afirme, tinha mais poder do que o próprio rei. — Ao chegarem à orla da câmara circular, Teabing olhou por cima do ombro para o ajudante de missa, que continuava aspirando. — Sabe —

sussurrou, dirigindo-se a Sophie —, diz-se que o Santo Graal pass ou aqui uma noite, enquanto os Templários o mudavam de um esconderijo para outro.

Consegue imaginar os quatro grandes baús dos documentos Sangreal aqui nesta igreja, juntamente com o sarcófago de Maria Madalena?

Me faz arrepiar.

Também Langdon estava sentindo a peles e arrepiar quando entraram na câmara circular. Seguiu com os olhosa curvatura das paredes de pedra pálida,

vendo as esculturas de gárgulas, demônios, monstros e rostos humanos que eram espelhos de dor, todos voltados para dentro. Por baixo das esculturas, um único banco de pedra corria ao longo de toda a circunferência.

— Um teatro redondo — murmurou Langdon.

Teabing ergueu uma muleta, apontando para os extremos opostos da igreja, à direita e à esquerda. Langdon já os tinha visto. Dez cavaleiros de pedra. Cinco do lado esquerdo. Cinco do lado direito.

Deitadas de costas no chão, as figuras esculpidas, em tamanho natural, pareciam repousar em posturas tranquilas. Os cavaleiros tinham sido representados envergando a armadura completa, com escudo e espada, e os túmulos deram a Langdon a desagradável impressão de que alguém entrara ali sem ser visto e despejara gesso em cima deles enquanto dormiam. Todas as figuras estavam muito marcadas pela passagem do tempo, e no entanto todas elas eram claramente únicas: as armaduras eram diferentes, as posições dos braços e das pernas, as feições e os brasões dos escudos eram diferentes.

Em Londres jaz um cavaleiro que um papa enterrou.

Langdon sentiu-se tremer à medida que avançava.

Tinha de ser aquele o lugar.

C A P Í T U L O 84

Rémy Legaludec estacionou o Jaguar atrás de uma fila de caixotes de lixo industriais, um sujo beco muito próximo de Temple Churc h. Desligando o motor, inspecionou a área. Deserta. desceu, dirigiu-se à traseira do carro e entrou na ampla cabina da limusine, onde estava o monge.

Ao sentir a presença de Rémy, o albino pareceu emergir de uma espécie de transe de oração e ergueu para ele olhos onde havia mais curiosidade do que temor. Durante toda a noite, Rémy sentira-se impressionado pela capacidade do homem amarrado para manter a calma. Depois de alguma resistência inicial, no Range Rover, parecia ter-se resignado à sua sorte e confiado o futuro a um poder superior.

Desapertando o laço de pescoço, Rémy desabotoou o alto colarinho engomado, de pontas reviradas, e sentiu-se como se pudesse finalmente respirar pela primeira vez em anos. Abriu a porta do bar e serviu a si mesmo um vodca Smirnoff, que bebeu de um só trago, logo seguido de um segundo.

Em breve serei um homem rico.

Procurou no bar até encontrar o saca-rolhas. Abriu a lâmina, normalmente usada para cortar o envoltório de folha de chumbo das garrafas de bom vinho.

Naquela manhã, porém, ia servir um propósito bem mais dramático. Voltou-se para Silas, mostrando-lhe a lâmina refulgente.

Um clarão de medo perpassou pelos olhos vermelhos do homem.

Rémy sorriu e aproximou-se da traseira do carro. O monge encolheu-se e forcejou por libertar-se das amarras que o prendiam.

— Quieto — sussurrou Rémy, erguendo a lâmina.

Silas não queria acreditar que Deus o tivesse abandonado. Até a dor física de

estar amarrado transformara em exercício espiritual, pedindo ao latejar dos músculos privados de sangue que lhe recordasse a dor que Cristo suportara. Toda a noite rezei pedindo a libertação. Naquele instante, enquanto a lâmina descia, Silas fechou os olhos com força.

Uma chicotada de dor atravessou-lhe as omoplatas. Gritou, incapaz de acreditar que ia morrer ali, na parte de trás daquela limusine, sem poder defender-se. Estava fazendo o trabalho de Deus. O Professor disse que me protegeria.

Sentiu o calor mordente espalhar-se-lhe pelos ombros e imaginou o seu próprio sangue escorrendo pelas costas. No instante seguinte, uma dor dilacerante verrumou-lhe as coxas, e sentiu o início da familiar vaga de desorientação — o mecanismo de defesa do corpo contra a dor.

Enquanto o ardor se alastrava a todos os seus músculos, Silas fechou os olhos ainda com mais força, decidido a que a última

imagem da sua vida não fosse a do homem que o matara. Em vez disso, imaginou um bispo Aringarosa mais jovem, diante de uma pequena igreja, na Espanha... a igreja que ele e Silas tinham construído com as suas próprias mãos. O começo da minha vida. Silas sentia todo corpo em fogo.

— Beba isto — murmurou o homem de smoking, com um sotaque francês —

Ajuda a restabelecer a circulação.

Silas abriu os olhos, surpreso. Uma imagem confusa inclinava-se para ele, oferecendo-lhe um copo cheio de líquido. No chão do carro, ao lado da lâmina sem uma gota de sangue, havia um monte de fita isolante.

— Beba — repetiu o homem. — A dor que sente é do sangue voltando aos músculos.

Silas sentiu o latejar ardente começar e transformar-se em um formigueiro doloroso, como se estivesse sendo picado por milhares de agulhas. A vodca sabia horrivelmente mal, mas bebeu-o, agradecido. A sorte dera-lhe um bom naco de má sorte naquela noite, mas Deus salvara tudo com uma miraculosa reviravolta.

Deus não me abandonou.

Sabia como o bispo Aringarosa chamaria àquilo.

Intervenção divina.

— Queria tê-lo libertado mais cedo — disse o mordomo —, mas foi

impossível. Com a Polícia chegando a Château Villette, e depois ao aeródromo de Biggin Hill, esta foi a primeira oportunidade que tive. Compreende isto, não é verdade, Silas?

Silas recuou o corpo, sobressaltado.

— Sabe o meu nome?

O homem sorriu.

Silas sentou-se direito, massagenado os músculos r ígidos, e as suas emoções eram uma torrente de incredulidade, gratidão e confusão.

— É o... Professor?

Rémy abanou a cabeça, rindo da ideia.

— Quem me dera ter esse tipo de poder. Não, não sou o Professor. Sirvo-o, tal como você. Mas o Professor fala muito elogiosamente de você.

Silas estava estupefato.

— Não compreendo. Se trabalha para o Professor, porque foi que Langdon levou a Chave para a sua casa?

— Não é a minha casa. É a casa do mais eminente historiador do Graal do mundo, Sir Leigh Teabing.

— Mas você vive lá. As probabilidades...

Rémy sorriu, parecendo não ter qualquer problema com a aparente coincidência do refúgio escolhido por Langdon.

— Era tudo perfeitamente previsível. Robert Langdon tinha a Chave de Abóbada, e precisava de ajuda. Que lugar lhe pareceria mais lógico como esconderijo do que a casa de Leigh Teabing? Foi precisamente pelo fato de eu lá viver que o Professor me contatou.

— Fez uma pausa. — Como é que acha que o Professor sabe tanto a respeito do Graal?

Silas compreendeu, e ficou aturdido. O Professor recrutara um criado que tinha acesso a todas as investigações de Sir Leigh

Teabing. Era brilhante.

— Tenho muito para lhe contar — continuou Rémy, devolvendo a Silas a Heckler and Koch, carregada. Depois, estendeu o braço através da divisória e tirou um pequeno revólver do porta-luvas. Mas, antes disso, há uma coisa que tenho de fazer.

O capitão Fache desceu do avião que o levara ao aeródromo de Biggin Hill e

ouviu, incrédulo, o relato do inspetor-chefe de Kent sobre o que se passara no hangar de Sir Teabing.

— Eu próprio revistei o avião — insistiu o inspetor —, e não havia ninguém lá. — O tom tornou-se altivo. — E devo acrescentar que se Sir Leigh Teabing apresentar queixa contra mim, vou...

— Interrogou o piloto?

— Claro que não. É francês, e a nossa jurisdição exige...

— Leve-me ao avião.

Chegando ao hangar, Fache precisou apenas de sessenta segundos para detectar uma anômala mancha de sangue no chão, perto do lugar onde a limusine estivera estacionada.Dirigiu-se ao jato e bateu com força na fuselagem.

— Sou o capitão Fache, da Polícia Judiciária francesa. Abra a porta!

O aterrorizado piloto abriu a porta e baixou a escada.

Fache subiu. Cinco minutos depois, com a ajuda da pistola, tinha conseguido uma confissão completa, incluindo uma descrição do monge albino amarrado e amordaçado.

Além disso, ficou sabendo que o piloto vira Langdon e Sophie deixarem qualquer coisa no cofre de Teabing, uma caixa de madeira. Embora negasse saber o que estava dentro da caixa, o

homem admitira que, fosse o que fosse, concentrar a toda a atenção de Langdon durante o voo até Londres.

— Abra o cofre — exigiu Fache.

O piloto estava cada vez mais aterrorizado.

— Não sei a combinação!

— É uma pena. Preparava-me para lhe oferecer a possibilidade de conservar a sua licença de voo.

O piloto torcia as mãos, desesperado.

— Conheço algunshomens da manutenção aqui do aeródromo. Talvez eles consigam abri-lo?

— Tem meia hora.

O piloto saltou para o rádio.

Fache foi até o fundo do avião e serviu-se de uma bebida. Era cedo, mas como não chegara a deitar-se, não contava como beber antes do meio-dia.

Sentado em um dos confortáveis assentos, fechou os olhos, tentando perceber o

que se tinha acontecido. A trapalhada da Polícia de Kent pode me custar caro.

Agora, todos estavam à procura de uma limusine Jaguar preta.

O celular tocou, e Fache desejou um momento de paz.

— Sim?

— Estou a caminho de Londres. — Era o bispo Aringarosa. — Chego dentro de uma hora.

Fache endireitou-se no assento.

— Pensei que ia para Paris.

— Estou muitíssimo preocupado. Alterei os meus planos.

— Não devia tê-lo feito.

— Encontrou o Silas?

— Não. Os captores conseguiram enganar a Polícia local antes de eu aterrissar.

O tom de Aringarosa subiu, irritado.

— Tinha garantido que deteria o avião.

Fache baixou a voz.

— Eminência, considerando a s ua situação, aconselho-o a não pôr a minha paciência à prova. Encontrarei o Silas e os outros logo que for possível. Onde vai aterrar?

— Um momento. — Aringarosa tapou o microfone do celular por um momento. — O piloto está tentando conseguir autorização de Heathrow. Sou o único passageiro, mas a alteração do plano de voo não estava prevista.

— Diga-lhe que venha para o aeródromo executivo de Biggin Hill, em Kent.

Eu arranjo-lhe autorização. Se não estiver aqui quando aterrissar, terei um carro à sua espera.

— Obrigado.

— Como tive ocasião de lhe dizer quando falamos pela primeira vez, Eminência, faria bem em lembrar-se de que não é o único que corre o risco de perder tudo.

C A P Í T U L O 85

Procure o globo que no seu túmulo devia estar.

Todas as dez estátuas dos cavaleiros estavam deitadas de costas, com a cabeça apoiada numa almofada retangularde pedra. Sophie sentiu um arrepio. A referência do poema a um “globo” evocou imagens daquela noite na caverna da casa do avô na Normandia. Hieros Gamos. Os globos.

Sophie perguntou a si mesma se o ritual teria sido executado naquele santuário. O espaço circular parecia feito sob medida para um rito pagão. Um banco de pedra rodeava um pedaço de chão nu. Um teatro redondo, como Langdon lhe chamara. Imaginou a igreja à noite, cheia de pessoas mascaradas entoando cânticos à luz de archotes. Todas testemunhando uma “comunhão sagrada” no centro do círculo.

Expulsou a imagem do espírito e dirigiu-se, com Langdon e Teabing, ao primeiro grupo de cavaleiros. Apesar da insistênc ia de Teabing na necessidade de conduzir a investigação de uma forma meticulosa, a ânsia era muita e adiantou-se aos dois homens, passando rapidamente em frente dos cinco cavaleiros do lado esquerdo.

Ao escrutinar os cinco primeiros túmulos, notou as similitudes e as diferenças entre eles. Todos os jacentes estavam deitados de costas, mas três tinham as pernas estendidas e retas, ao passo que os outros dois as tinham cruzadas. A singularidade parecia não ter qualquer relevância em termos do globo em falta.

Examinando as vestimentas, reparou que dois dos cavaleiros usavam uma túnica por cima da armadura, enquanto os outros três envergavam vestes que lhes chegavam aos tornozelos. Mais uma vez, sem qualquer significado especial.

Voltou então a atenção para a única outra diferença óbvia: a posição das mãos.

Dois cavaleiros seguravam o punho da espada, dois rezavam e o quinto tinha os

braços estendidos ao longo do corpo. Depois de ter olhado para as mãos por um longo instante, Sophie encolheu os ombros. Não via ali qualquer sugestão de um globo conspicuamente ausente.

A sentir o peso do criptex no bolso do camisolão, voltou-se para olhar para Langdon e Teabing. Progredindo mais devagar, ainda só iam no terceiro cavaleiro, aparentemente sem terem tido mais sorte do que ela. Sem paciência para esperar, afastou-se deles e dirigiu-se ao segundo grupo de estátuas.

Enquanto atravessava o espaço vazio, recitou para si mesma o poema que acabara por decorar, à força de o ler tantas vezes.

Em Londres jaz um cavaleiro que um papa enterrou.

O fruto do seu labor uma sagrada fúria granjeou.

Procura o globo que no seu túmulo devia estar.

Ele fala de carne Rosada e de um útero a germinar.

Quando chegou junto do segundo grupo, descobriu que era igual ao primeiro.

Todos os cavaleiros jaziam em variadas posições, envergando armaduras e segurando espadas. Isto é, todos, exceto o último.

Sophie aproximou-se apressadamente e olhou para baixo.

Nem almofada. Nem armadura. Nem túnica. Nem espada.

— Robert? Leigh? — chamou, com a voz ecoando na vasta câmara. — Falta aqui qualquer coisa.

Os dois homens ergueram a cabeça e começaram imediatamente a atravessar a igreja em direção a ela.

— Um globo? — perguntou Teabing, excitadamente, e as muletas bateram um rápido staccato no chão de pedra. — Falta-nos um globo?

— Não exatamente — respondeu Sophie parada diante do décimo túmulo, de testa franzida. — Parece que nos falta um cavaleiro inteiro.

Ao chegarem junto dela, ambos os homens olharam, confusos, para a décima sepultura. Em vez de ter, como as outras, a estátua jacente de um cavaleiro em cima da pedra, aquele túmulo era um caixão de pedra selado. Trapezoidal, mais estreito nos pés, mais largo em cima, com uma tampa em bico.

— Porque é que este cavaleiro não tem estátua? – perguntou Langdon.

— Fascinante — murmurou Teabing, esfregando o queixo. — Tinha esquecido desta singularidade. Há anos que não vinha aqui.

— Este caixão — disse Sophie — parece ter sido feito na mesma época e pelo mesmo escultor que esculpiu os outros nove túmulos. Porque é então que o cavaleiro está dentro da caixa e não fora?

Teabing abanou a cabeça.

— Um dos mistérios desta igreja. Tanto quanto saiba, nunca ninguém conseguiu descobrir uma explicação.

— Senhores — disse o ajudante de missa, aproximando-se com uma expressão preocupada no rosto —, perdoem-me se pareço mal-educado, mas disseram que queriam espalhar umas cinzas, e afinal parece que estão vendo as vistas.

Teabing franziu o sobrolho ao rapaz e voltou-se para Langdon.

— Senhor Wren, parece que a filantropia da sua família já não lhe merece tanto tempo como costumava, de modo que talvez o melhor

seja pegarmos as cinzas e acabar com isto. — Voltou-se para Sophie. — Senhora Wren?

Sophie fez-lhe o jogo, tirando do bolso o criptex embrulhado em velino.

— Muito bem — disse Teabing secamente, voltando-se para o rapaz. —

Importa-se de nos conceder alguns instantes de privacidade?

O ajudante de missa não se mexeu. Estava olhando atentamente para Langdon.

— Conheço a sua cara.

Teabing bufou desdenhosamente.

— Talvez porque o senhor Wren vem aqui todos os anos!

Ou talvez, pensou Sophie, por ter visto Robert na televisão por causa do caso do Vaticano, no ano passado.

— Nunca vi o senhor Wren — declarou o rapaz.

— Está enganado — disse Langdon, delicadamente. — Julgo que nos encontramos de passagem no ano passado. O padre Knowles não nos apresentou formalmente, mas reconheci o seu rosto mal entrei. Compreendo que isto é uma intrusão, mas se me conceder mais alguns minutos... Vim de muito longe para espalhar um pouco de cinza entre estes túmulos. — A declaração foi feita com uma credibilidade perfeitamente teabianesca.

A expressão do ajudante de missa tornou-se ainda mais cética.

— Isto não são túmulos.

— Como? — exclamou Langdon.

— Claro que são túmulos — irritou-se Teabing. — Que você está dizendo?

O ajudante de missa abanou a cabeça.

— Os túmulos contêm corpos. Isto são efígies. Tributos de pedra a homens que já morreram. Não há nenhum corpo debaixo dessas figuras.

— Isto é uma cripta! — exclamou Teabing.

— Só nos livros de História desatualizados. Pensava-se que era uma cripta, mas a restauração de 1950 provou que não. — Voltou-se novamente para Langdon. — E suponho que o senhor Wren deveria sabê-lo. Considerando que foi a família dele que descobriu o fato.

Fez-se um silêncio embaraçoso. Que foi quebrado pelo barulho de uma porta a bater no anexo.

— Deve ser o padre Knowles. — disse Teabing. — Não será melhor ir ver?

O ajudante de missa fez um ar de dúvida, mas acabou por afastar-se, deixando Langdon, Sophie e Teabing olhando sombriamente uns para os outros.

— Leigh — murmurou Langdon. — Não há corpos? De que ele está falando?

Teabing parecia perturbado.

— Não sei. Sempre pensei... tem de ser este o lugar. Acho que esse rapaz não sabe do que está falando. Não faz sentido!

— Posso ver outra vez o poema? — pediu Langdon.

Sophie tirou cuidadosamente o criptex do bolso e entregou-o. Langdon desembrulhou o velino, segurando o criptex com a mão

esquerda enquanto examinava o poema.

— Sim, o poema refere especificamente a um túmulo. Não uma efígie.

— Poderá estar enganado? — sugeriu Teabing. — Será possível que Jacques Saunière tenha cometido o mesmo erro que eu?

Langdon pensou um pouco e abanou a cabeça.

— Não, você mesmo o disse, Leigh. Esta igreja foi construída pelos Templários, o braço militar do Priorado. Alguma coisa me diz que o Grão-Mestre do Priorado havia de saber muito bem se havia ou não cavaleiros aqui sepultados.

Teabing parecia desorientado.

— Mas este lugar é perfeito. — Voltou-se para os cavaleiros. Deve estar nos escapando alguma coisa!

Quando entrou no anexo, o ajudante de missa ficou surpreso ao encontrá-lo deserto.

— Padre Knowles?

Tenho certeza de que ouvi a porta, pensou, avançando até poder ver a entrada.

Viu um homem magro, de smoking, parado junto à porta, coçando a cabeça com o ar de quemestava perdido. O ajudante de missa bufou irritado, compreendendo que tinha esquecido de trancar a porta depois de deixar entrar os outros. E agora, um cretino qualquer entrara, para pedir indicações sobre um casamento qualquer, a julgar pelas roupas.

— Desculpe — disse, passando por um grosso pilar. — Estamos fechados.

Ouviu um restolhar de roupas atrás de si e, antes que pudesse voltar-se, sentiu a cabeça violentamente puxada para trás e uma mão enorme tapou-lhe a boca, abafando-lhe o grito. A mão que lhe tapava a boca era branca como a neve, e o proprietário cheirava a álcool.

O homem do smoking tirou calmamente um pequeníssimo revólver do bolso e apontou-o à testa do rapaz. O rapaz sentiu um calor entre as pernas e percebeu que acabava de urinar nas calças.

— Ouça com muito cuidado — murmurou o homem do smoking. — Você vai sair desta igreja sem fazer barulho e vai correr. E não vai parar. Entendeu bem?

O rapaz assentiu o melhor que pôde, com aquela mão enorme tapando-lhe a boca.

— Se chamar a Polícia... — O homem do smoking fez pressão com o cano do revólver contra a pele dele — eu o encontro.

Quando voltou a dar por si, o ajudante de missa atravessava o adro correndo como uma gazela, sem fazer tenção de parar até que as pernas lhe faltassem.

C A P Í T U L O 86

Como um fantasma, Silas deslizou silenciosamente para a sua presa.

Sophie Neveu só o pressentiu tarde demais. Antes que pudesse se voltar, Silas encostou-lhe o cano da arma à espinha e passou-lhe um poderoso braço pelo peito, puxando-a para trás. Sophie gritou de surpresa. Teabing e Langdon voltaram-se, com expressões de espanto e medo.

— Que...? — Engasgou-se Teabing. — Que fez a Rémy?

— A sua única preocupação — respondeu Silas, calmamente é que eu saia daqui com a Chave de Abóbada. — Aquela missão de recuperação, como Rémy lhe chamara, ia ser limpa e simples: Entrar na igreja, pegar a Chave de Abóbada e voltar a sair; nada de mortes, nada de lutas.

Sem deixar de segurar Sophie com firmeza, Silas desceu a mão até à cintura dela e enfiou-a no fundo bolso do camisolão, procurando. Cheirava a fragrância suave dos cabelos dela e o seu próprio hálito carregado de álcool.

— Onde está? — murmurou. A Chave de Abóbada estava no bolso dela.

Onde está agora?

— Está aqui — ressoou a voz profunda de Langdon, do outro lado da igreja.

Silas voltou-se e viu Langdon segurando o criptex negro à sua frente, agitando-o de um lado para o outro como um matador provocando um touro.

— Ponha-o no chão — exigiu Silas.

— Deixe Sophie e Sir Leigh saírem da igreja — respondeu Langdon. —

Podemos resolver isto entre nós dois.

Silas empurrou Sophie para longe de si e apontou a arma a Langdon, avançando para ele.

— Nem mais um passo — ordenou Langdon — enquanto eles não

abandonarem o edifício.

— Não está em posição de fazer exigências.

— Discordo. — Langdon ergueu o criptex acima da cabeça. — . Não hesitarei em atirar isto ao chão e partir a ampola que tem há dentro.

Embora troçasse exteriormente da ameaça, Silas sentiu um relâmpago de medo.

Aquilo era inesperado. Apontou a arma à cabeça de Langdon e manteve a voz tão firme como a mão.

— Nunca partiria a Chave de Abóbada. Quer encontrar o Graal tanto como eu.

— Está enganado. Você o quer muito mais do que eu. Já provou estar disposto a matar para consegui-lo.

A doze metros de distância, escondido entre as primeiras filas de bancos do anexo junto ao arco de entrada, Rémy Legaludec estava cada vez mais alarmado.

A manobra não ocorrera conforme o planejado e, mesmo dali, podia ver que Silas não sabia muito bem como lidar com a situação. Por ordem do Professor, tinha proibido o albino de disparar a sua arma.

— Deixe-os ir — voltou Langdon a exigir, mantendo o criptex bem erguido acima da cabeça e sem desviar os olhos da arma de Silas.

Os olhos vermelhos do monge encheram-se de fúria e de frustração, e Rémy encolheu-se como medo de que Silas disparasse contra Langdon enquanto este segurava o criptex. O criptex não pode cair!

Aquele criptex seria o seu passaporte para a liberdade e a riqueza. Pouco mais de um ano antes, era apenas um mordomo de cinquenta e cinco anos que vivia entre as paredes de Château Villette, suportando os caprichos do insuportável aleijado Sir Leigh Teabing. Fora então que lhe tinham feito uma proposta extraordinária. A sua ligação a Sir Leigh Teabing — o mais eminente historiador do Graal do mundo — ia proporcionar-lhe tudo aquilo com que sempre sonhara.

Desde então, cada momento que passara dentro da mansão tinha-o encaminhado para aquele preciso instante.

Estou tão perto, disse Rémy para si mesmo, vigiando o santuário de Temple Church e a Chave de Abóbada na mão de Robert Langdon. Se Langdon a deixasse cair, estaria tudo perdido.

Estou disposto a mostrar a cara? Era algo que o Professor proibira expressamente.

Rémy era o único que conhecia a sua identidade.

— Tem certeza de que quer que seja o Silas a tratar disso? perguntara ao Professor havia menos de uma hora, quando ele lhe ordenara que roubasse a Chave de Abóbada. — Sou perfeitamente capaz de fazê-lo.

A resposta não deixara margem para dúvidas:

— Silas serviu-nos bem com os quatro membros do Priorado. Ele recupera a Chave de Abóbada. Você, Rémy, tem de permanecer anônimo. Se outros o virem, terão de ser eliminados, e já houve mortes suficientes neste caso. Não mostre a cara.

A minha cara pode mudar, pensou Rémy. com aquilo que prometeu me pagar, serei um homem completamente novo. A cirurgia podia até modificar-lhe as impressões digitais, dis sera-lhe o Professor. Em breve estaria livre — mais um belo e irreconhecível rosto encharcando-se de sol em uma praia qualquer.

— Entendido — dissera Rémy. — Ajudarei o Silas sem me mostrar.

— Para seu próprio conhecimento, Rémy — acrescentara o Professor —, o túmulo em questão não está em Temple Church. Por isso não tema. Eles estão procurando no lugar errado.

Rémy ficara espantado.

— E sabe onde ele está?

— Claro. E o direi, mas mais tarde. No momento, é preciso agir rapidamente.

Se os outros descobrem a verdadeira localização do túmulo e saem da igreja antes de você se apoderar do criptex, perderemos o Graal para sempre.

Rémy não queria saber do Graal para coisa nenhuma, mas o Professor recusara pagar-lhe fosse o que fosse antes de ele ser encontrado. Rémy ficava tonto só de pensar no dinheiro que em breve teria. Um terço de vinte milhões de euros. Mais do que suficiente para desaparecer para sempre. Sonhava com as praias da Cote d'Azur onde planejava passar o resto dos seus dias apanhando sol e deixando que outros o servissem, para variar.

Agora, porém, ali em Temple Church, com Langdon ameaçando quebrar a Chave de Abóbada, o futuro de Rémy estava em risco. Incapaz de suportar a ideia de chegar tão perto e perder tudo, Rémy decidiu agir. A arma que tinha na

mão era um minúsculo revólver Medusa de pequeno calibre, mas suficientemente mortífero a curta distância.

Emergindo das sombras, Rémy entrou na câmara circular e apontou o revólver à cabeça de Teabing.

— Velho — disse —, esperei muito tempo por isto.

Sir Leigh Teabing quase sofreu uma parada cardíaca quando v iu Rémy apontando-lhe uma ar ma. Que ele está fazendo! Reconheceu o pequeno revólver Medusa. Era o que guardava no porta-luvas do Jaguar, por uma questão de precaução.

— Rémy! — tartamudeou Teabing, em choque. — Que está acontecendo?

Rémy deu a volta de modo a colocar-se atrás dele e cravou-lhe o cano do revólver nas costas, em cima e do lado esquerdo,

diretamente sobre o coração.

Teabing sentiu os músculos contraírem-se de terror.

— Rémy, não estou...

— Vou ser muito claro — disse Rémy, vigiando Langdon por cima do ombro de Teabing. — Coloque a chave de abóbada no chão, ou aperto o gatilho.

Langdon pareceu momentaneamente paralisado.

— A Chave de Abóbada não tem qualquer valor para você — disse. — Não sabe como abri-la.

— Loucos arrogantes — desdenhou Rémy. — Não repararam que estive ouvindo-os a noite toda, enquanto discutiam esses poemas? Tudo o que ouvi, partilhei com outros.

Outros que sabem mais do que vocês. Nem sequer estão procurando no lugar certo! O túmulo que querem está em outro lugar completamente diferente!

Teabing sentiu o pânico invadi-lo. Que ele está dizendo?

— Para que quer o Graal? — perguntou Langdon. — Para destruí-lo? Antes do Fim dos Dias?

— Silas, tire a Chave de Abóbada das mãos do senhor Langdon — ordenou Rémy.

Quando o monge deu um passo em frente, Langdon recuou, erguendo bem alto o criptex, parecendo absolutamente preparado para atirá-lo ao chão.

— Prefiro destruí-lo — disse — a vê-lo cair nas mãos erradas.

O que Teabing sentia agora era puro horror. Via a sua vida inteira evaporar-se

diante dele. Todos os seus sonhos prestes a serem desfeitos.

— Robert, não! — gritou. — Não faça isso! Isso que tem na mão é o Graal!

Rémy nunca seria capaz de disparar contra mim. Nos conhecemos há dez...

Rémy apontou para o teto e disparou o Medusa. A detonação foi enorme para uma arma tão pequena, ecoando como um trovão dentro da câmara de pedra.

Ninguém se mexeu.

— Não estou brincando — disse Rémy. — O próximo é para as costas.

Entregue a Chave de Abóbada ao Silas.

Relutantemente, Langdon estendeu a mão que segurava o criptex. Silas avançou e pegou-a, os olhos vermelhos brilhando com a satisfação da vingança.

Enfiando a Chave de Abóbada no bolso do hábito, Silas recuou, continuando a manter Langdon e Sophie sob a mira da sua arma.

Teabing sentiu o braço do mordomo fechar-se à volta do pescoço quando Rémy começou a recuar, arrastando-o consigo, ainda espetando-lhe o cano do revólver nas costas.

— Deixe-o — exigiu Langdon.

— O senhor Teabing vai dar um passeio conosco — disse Rémy, continuando a recuar. — Se chamar a Polícia, ele morre. Se tentar alguma coisa para interferir, ele morre. Fui suficientemente claro?

— Leve a mim — pediu Langdon, com a voz quebrada pela emoção. —

Liberte Sir Leigh.

Rémy soltou uma gargalhada.

— Não me agrada a ideia. Eu e ele temos uma história tão bonita. Além disso, ainda pode vir a revelar-se útil.

Silas estava também recuando, sem desviar os olhos e a arma de Langdon e Sophie, enquanto Rémy puxava Leigh para a porta, com as muletas arrastando pelo chão.

— Para quem trabalha? — perguntou Sophie, numa voz que não tremeu.

A pergunta pôs um sorriso no rosto de Rémy.

— Ficaria surpresa se soubesse, mademoiselle Neveu.

C A P Í T U L O 87

A lareira da sala de estar de *Château Villette* estava apagada e fria, mas apesar disso o tenente Collet andava de um lado para o outro diante dela enquanto lia os faxes da Interpol.

Nada do que tinha esperado.

André Vernet, de acordo com os registros oficiais, era um cidadão exemplar.

Nenhuma espécie de cadastro policial — nem sequer uma multa de estacionamento.

Educado numa escola particular e na Sorbonne, tinha um doutoramento cum laude em Finanças Internacionais. A Interpol dizia que Vernet aparecia ocasionalmente nos noticiários, mas sempre a uma luz muito favorável. Segundo parecia, o homem ajudara a estabelecer os parâmetros que faziam do Banco Depos itário de Zurique um líder no mundo ultramoderno da segurança eletrônica. Os registros dos cartões de crédito mostravam uma

preferência por livros de arte, vinhos caros e CDs de música clássica — sobretudo Brahms —

que ouvia um sofisticadíssimo sistema de alta-fidelidade que comprara anos antes.

Zero, suspirou Collet.

A única bandeira vermelha vinda da Interpol era um conjunto de impressões digitais que aparentemente pertenciam ao mordomo de Teabing. O perito-chefe da PTC estava naquele instante estudando o fax, instalado em um dos confortáveis cadeirões da sala.

— Alguma coisa? — perguntou Collet.

O homem encolheu os ombros.

— As impressões pertencem a Rémy Legaludec. Procurado por pequenos

crimes.

Nada de grave. Parece que foi expulso da universidade por ter "arranjado" a central de modo a poder telefonar de graça....

Mais tarde, praticou alguns pequenos furtos. Assaltos por arrombamento.

Fugiu de um hospital sem pagar a conta depois de uma traqueotomia de urgência. — Ergueu os olhos, com uma pequena gargalhada. — Alergia a amendoins.

Collet assentiu, recordando o caso de um restaurante que se esquecera de fazer constar do cardápio que a receita do chili da casa incluía óleo de amendoim. Um cliente incauto morrera à mesa, de choque anafilático, logo à primeira garfada.

— Provavelmente, vive aqui, para evitar ser apanhado. — O perito parecia divertido. — Hoje foi a sua noite de sorte.

Collet voltou a suspirar.

— Muito bem. O melhor é remeter essa informação para o capitão Fache.

O perito acabava de sair quando um outro agente entrou correndo.

— Tenente! Encontramos qualquer coisa nas cavalariças!

Pela expressão ansiosa no rosto do homem, Collet tentou adivinhar.

— Um corpo.

— Não. Qualquer coisa mais... — o agente hesitou. — Inesperada.

Esfregando os olhos, Collet seguiu-o até às cavalariças. Quando entraram no úmido e cavernoso espaço, o homem apontou para uma escada de madeira que se erguia até às traves do teto, encostada à beira de um palheiro suspenso bem lá em cima.

— Aquela escada não estava ali — observou Collet.

— Não, tenente. Fui eu que a coloquei ali. Estávamos recolhendo impressões digitais junto do Rolls quando reparei na escada no chão. Não teria olhado para ela duas vezes se os degraus não estivessem gastos e cheios de lama. O que signific a que a escada é regularmente usada. A altura do palheiro corresponde à da escada, de modo que a levantei e fui lá em cima dar uma olhada.

Collet seguiu com o olhar a inclinação da escada até ao alto palheiro. Alguém vai lá acima r egularmente? Dali de baixo, o palheiro parecia uma plataforma deserta, mas, claro, a sua maior parte não era visível do chão. Um agente

superior da PTC apareceu no topo da escada, olhando para baixo.

— Vai querer ver isto, tenente — disse, indicando a Collet, com um gesto da mão enluvada em borracha, que subisse.

Collet assentiu cansadamente. Dirigiu-se à base da velha escada e agarrou um dos primeiros degraus. A escada era de um modelo antigo, que ia estreitando à medida que subia. Já perto do topo, o tenente quase falhou um estreito degrau. O

chão lá em baixo pareceu rodopiar. Agora mais atento, Collet continuou a subir, até que finalmente chegou ao topo. O agente que estava lá emcima estendeu-lhe prestimosamente uma mão. Collet agarrou-a e fez a desajeitada passagem da escada para a plataforma.

— Está ali — disse o homem da PTC, apontando para um canto do impecavelmente limpo palheiro. — Só encontramos um conjunto de impressões digitais aqui em cima.

Teremos a identificação daqui a um momento.

De pálpebras semicerradas para ver melhor na penumbra que ali reinava, Collet olhou para o extremo oposto do palheiro. Que diabo? Junto à par ede, havia um elaborado posto de trabalho informático: duas CPU, um grande monitor de tela plana com microfones, vários drives para discos rígidos, um console de áudio multicanais que parecia dispor da sua própria fonte de energia.

Porque diabo alguém haveria de vir trabalhar aqui? Collet aproximou-se do equipamento.

— Examinou o sistema?

— É um posto de escuta.

Collet rodou sobre os calcanhares.

— Vigilância?

O agente assentiu.

— Vigilância muito avançada. — Apontou para uma comprida mesa de trabalho coberta de peças, manuais, ferramentas, fios, ferros de

soldar e componentes eletrônicos. — Alguém que sabe muito claramente o que está fazendo. Muito do que aqui está é tão sofisticado como o nosso próprio equipamento. Microfones miniaturizados, células fotoelétricas recarregáveis, chips RAM de alta capacidade. Até tem alguns dos novos nanodrives.

Collet estava impressionado.

— Aqui tem um sistema completo — disse o agente, entregando-lhe uma montagem não muito maior do que uma calculadora de bolso. Do aparelho pendia um fio com trinta centímetros de comprimento e um fino pedaço de folha metálica, do tamanho de um selo, preso na ponta. — A base é um disco rígido de gravação áudio de alta capacidade com baterias recarregáveis. Essa peça de metal na ponta do fio é uma combinação de microfone e célula fotoelétrica recarregável.

Collet conhecia-os bem. Aqueles microfones fotocelulares tinham sido uma grande invenção, alguns anos antes. Passara a ser possível fixar um gravador de disco rígido atrás de uma luminária, por exemplo, com o microfone de folha moldado e pintado de modo a tornar-se invisível. Desde que o microfone ficasse posicionado para receber algumas horas de luz solar por dia, as células fotoelétricas continuavam a recarregar o sistema. Aparelhos como aquele podiam manter uma escuta indefinidamente.

— Método de recepção? — perguntou.

O agente apontou para um fio isolado que saía da parte de trás do computador, subia pela parede e saía por um orifício aberto no teto.

— Uma simples onda de rádio. Pequena antena no telhado. Collet sabia que aqueles sistemas de gravação eram geralmente colocados em gabinetes, ativados pela voz para poupar espaço no disco rígido, e gravavam as conversas durante o dia, transmitindo os arquivos de áudio comprimidos durante a noite, para evitar a detecção.

Depois de transmitir, o disco rígido limpava a si mesmo e ficava pronto para repetir o trabalho no dia seguinte.

Os olhos de Collet desviaram-se para a prateleira onde estavam arrumadas várias centenas de cassetes áudio, todas elas etiquetadas com datas e números.

Alguém tem estado muito ocupado. Voltou-se para o agente.

— Faz alguma ideia de quem é o alvo?

— Bem, tenente — disse o agente, dirigindo-se ao computador e abrindo um programa. — É estranhíssimo...

C A P Í T U L O 88

Langdon sentia-se completamente exausto quando ele e Sophie passaram pela borboleta na estação de metropolitano de Temple e se internaram no sombrio labirinto de túneis e plataformas. A culpa dilacerava-o.

Meti Leigh nisto e coloquei-o em perigo de vida.

O envolvimento de Rémy, apesar de ter sido um choque, fazia sentido. A pessoa que perseguia o Graal, fosse ela quem fosse, recrutara alguém no interior da praça.

Procuraram Teabing pela mesma razão que eu. Ao longo da História, sempre os possuidores de conhecimentos sobre o Graal tinham sido como imãs que atraíam ladrões e estudios os em quantidades mais ou menos iguais. O fato de Teabing nunca ter deixado de ser um alvo deveria fazer com que Langdon se sentisse um pouco menos culpado por tê-lo envolvido. Mas não fazia. Temos de encontrar o Leigh e ajudá-lo. Imediatamente.

Langdon seguiu Sophie até à estação do sentido oeste da District and Circle Line, onde a jovem se dirigiu imediatamente a um telefone público para alertar a Polícia, apesar dos avisos de Rémy,

enquanto ele se sentava em um desengonçado banco mesmo ao lado, roído pelo remorso.

— A melhor maneira de ajudar Leigh — reiterou Sophie, enquanto marcava o número — é envolver imediatamente as autoridades de Londres. Acredite em mim.

Inicialmente, Langdon não concordara com a ideia, mas à medida que iam elaborando um plano, a lógica de Sophie começara a fazer sentido. Teabing não corria um perigo imediato. Mesmo que Rémy e os outros conhecessem a localização do túmulo, continuariam precisando dele para decifrar a referência

ao globo. O que o preocupava era o que aconteceria depois do mapa do Graal ter sido encontrado. Leigh passará a representar um risco que eles não vão querer correr.

Se queria ter alguma chance de ajudar Teabing, ou de voltar a ver a Chave de Abóbada, era essencial que ele fosse o primeiro a descobrir o túmulo.

Infelizmente, Rémy levava um avanço considerável.

Atrasar Rémy seria a tarefa de Sophie.

A dele seria encontrar o túmulo.

Sophie faria de Rémy e de Silas fugitivos à Polícia de Londres, forçando-os a esconderem-se ou, melhor ainda, levando-os a ser capturados. O plano de Langdon era menos seguro: apanhar o metropolitano para o King’s College, famoso pela sua base de dados teológica informatizada. A ferramenta de pesquisa perfeita, ouvira dizer. Respostas instantâneas a qualquer questão sobre história das religiões. Perguntou a si mesmo o que teria a base de dados a dizer sobre “um cavaleiro que um papa enterrou”. Pôs-se de pé e começou a andar de um lado para o outro, desejando que o trem chegasse depressa.

Na cabina telefônica, Sophie conseguiu finalmente contatar a Polícia de Londres.

— Divisão de Snow Hill — disse a telefonista. — com quem deseja falar?

— Quero informar um rapto. — Sophie sabia ser concisa.

— Nome, por favor?

Sophie hesitou por um brevíssimo instante.

— Agente Sophie Neveu, da Polícia Judiciária francesa.

O título teve o efeito desejado.

— Imediatamente, minha senhora. vou passar-lhe um detetive.

Enquanto a telefonista fazia a ligação, Sophie começou a perguntar a si mesma se a Polícia iria sequer acreditar na sua descrição dos raptores de Teabing. Um homem de smoking. Não devia haver muitos suspeitos mais fáceis de identificar. E mesmo que Rémy mudasse de roupa, fazia-se acompanhar por um monge albino. Impossível passar despercebido. Além disso, tinham como refém um homem que não podia utilizar os transportes públicos. Quantas limusines Jaguar haveria em Londres?

A ligação ao detective parecia estar demorando uma eternidade. Vamos lá!

Sophie ouvia os estalidos e zumbidos da linha, como se a chamada estives se sendo transferida.

Passaram quinze segundos.

Finalmente, uma voz de homem.

— Agente Neveu?

Estupefata, Sophie reconheceu imediatamente o tom rebarbativo.

— Agente Neveu, onde diabo se meteu? — perguntou Bezu Fache.

Sophie ficou sem fala. Aparentemente, o capitão Fache pedira à central da Polícia de Londres que o alertasse se ela entrasse em contato.

— Ouça — disse Fache, falando rapidamente em francês. — Cometi um erro terrível esta noite. Robert Langdon é inocente. Todas as acusações contra ele foram retiradas.

Mesmo assim, correm ambos um grande perigo. Têm de se apresentar.

Sophie sentiu que o queixo caía. Não fazia ideia de como reagir. Fache não era homem para pedir desculpa fosse pelo que fosse.

— Não me disse — continuou Fache — que o conservador Jacques Saunière era seu avô. Estou disposto a deixar passar a sua insubordinação de ontem à noite, tendo em conta a pressão emocional a que devia estar sujeita. Agora, no entanto, você e Langdon devem procurar refúgio na esquadra mais próxima da Polícia de Londres.

Fache sabe que eu estou em Londres? Que mais saberá? Sophie ouviu ao fundo o que lhe pareceu ser o barulho de uma furadeira elétrica trabalhando.

Ouviu também um estranho clique na linha.

— Está localizando esta chamada, capitão?

A voz de Fache soou firme.

— Precisamos cooperar um com o outro, agente Neveu. Temos ambos muito a perder. Estou tentando controlar os estragos. Cometi erros de julgamento ontem à noite, e se desses erros resultar a morte de um professor americano e de uma criptologista da DCPJ, a

minha carreira estará arruinada. Há várias horas que estou tentando colocá-los em segurança.

Uma baforada de vento quente atravessou a estação quando um trem se aproximou, com um rugido abafado. Sophie estava decidida a seguir nele quando partisse. Aparentemente, Langdon tivera a mesma ideia, uma vez que se

levantara e avançava para ela.

— O homem que procura chama-se Rémy Legaludec — disse. — É o mordomo de Sir Leigh Teabing. Acaba de raptar Sir Leigh em Temple Church, e...

— Agente Neveu! — berrou Fache no instante em que o trem entrava ribombando na estação. — Isto não é assunto para discutir em uma linha aberta.

Você e Langdon, entreguem-se imediatamente. Para sua própria segurança!

Estou dando-lhe uma ordem direta!

Sophie desligou e correu com Langdon para o trem.

C A P Í T U L O 89

A imaculada cabina do Hawker de Teabing estava agora cheia de aparas de aço e cheirava a ar comprimido e a propano. Bezu Fache mandara todos sairem e sentava-se sozinho diante de uma bebida e da caixa de madeira tirada do cofre do avião.

Passou os dedos pela rosa embutida e levantou a ornamentada tampa. Lá dentro, encontrou um cilindro de pedra com cinco anéis marcados com letras. Os cinco anéis estavam dispostos de maneira a formar a palavra SOFIA. Fache ficou olhando para a palavra durante um longo mom ento, e então tirou o cilindro da caixa almofadada e examinou-o centímetro a centímetro. Em seguida,

puxando cuidadosamente pelas pontas, retirou uma das extremidades. Estava vazio.

Voltou a guardá-lo na caixa e olhou com uma expressão ausente pela janela do jato, ponderando a curta conversa que tivera com Sophie e as informações que recebera da equipe da PTC em Château Villette. O som do telefone arrancou-o do seu devaneio.

Era da central da DCPJ, em Paris. O telefonista estava apologético. O

presidente do Banco Depositário de Zurique telefonara repetidamente, e apesar de lhe ter sido várias vezes dito que o capitão se encontrava ausente do país, em serviço, ele insistia em ligar.

Relutantemente, Fache ordenou ao telefonista que passasse a chamada.

— Monsieur Vernet — disse, antes que o homem pudesse sequer pronunciar uma palavra —, peço desculpas por não lhe ter ligado mais cedo. Tenho estado ocupado. Como lhe prometi, o nome do seu banco não apareceu nos órgãos de informação. Portanto, qual é exatamente o seu problema?

Em tom ansioso, Vernet contou como Langdon e Sophie tinham retirado do banco uma pequena caixa de madeira e o tinham depois pers uadido a ajudá-los a fugir.

— Quando soube pela rádio que eram criminosos, parei o carro e exigi que devolvessem a caixa, mas eles atacaram-me e roubaram o carro.

— Está preocupado com uma caixa de madeira — disse Fache, olhando para a rosa embutida e levantando mais uma vez a tampa para estudar o cilindro branco. — Sabe dizer-me o que essa caixa continha?

— O conteúdo da caixa não vem ao caso — replicou secamente Vernet. —

Estou preocupado com a reputação do meu banco. Nunca tivemos um roubo.

Nunca. Ficaremos arruinados se não conseguirmos recuperar a propriedade do meu cliente.

— Disse-me que a agente Neveu e o senhor Langdon tinham o número da conta e uma chave. O que o leva dizer que roubaram a caixa?

— Assassinaram pessoas a noite passada. Incluindo o avô de Sophie Neveu.

A chave e o número foram evidentemente obtidos por meios ilícitos.

— *Monsieur* Vernet, mandei investigar o seu passado e os seus interesses. E

obviamente um homem de grande cultura e refinamento. Imagino que seja também um homem de honra. Como eu sou. Dito isto, dou-lhe a minha palavra, como comandante da Police Judiciaire, de que a caixa e o respectivo conteúdo, bem como a reputação do seu banco, se encontram em mãos absolutamente seguras.

C A P Í T U L O 90

No palheiro das cavalariças de Château Villette, o tenente Collet olhava incrédulo para a tela do computador.

— Este sistema está escutando todos esses locais?

— Sim — respondeu o agente. — Aparentemente, está recolhendo dados há mais de um ano.

Collet voltou a ler a lista, estupefato.

COLBERT SOSTAQUE — Presidente do Conselho Constitucional
JEAN CHAFFÉE — Conservador, Museu do Jeu de Paume
EDOUARD DESROCHERS — Arquivista-chefe, Biblioteca Mitterrand JACQUES SAUNIÈRE — Conservador, Museu do Louvre

MICHEL BRETON — Chefe da DAS (Serviços Secretos franceses)
O agente apontou para o visor.

— O número quatro é obviamente relevante.

Collet assentiu. Reparara imediatamente. Jacques Saunière estava sob escuta.

Olhou uma vez mais para o resto da lista. Como terá alguém conseguido pôr sob escuta todas estas pessoas importantes?

— Já ouviu alguma das gravações áudio?

— Várias. Esta é uma das mais recentes. — O agente apertou uma sequência de teclas no computador. “Capitaine, un agent du Département de Cryptologie est arrivé’ — disseram os autofalantes.

Collet não queria acreditar no que ouvia.

— Sou eu! É a minha voz! — Recordou-se de estar sentado à secretária de

Saunière e de contatar Fache na Grande Galeria, através do rádio, para avisá-lo da chegada de Sophie Neveu.

O agente assentiu.

— Uma grande parte da nossa investigação no Louvre esta noite poderia ter sido ouvida, se alguém estivesse interessado.

— Já mandou alguém procurar o microfone?

— Não é necessário. Sei exatamente onde ele está. — O agente dirigiu-se ao monte de velhas notas e planos em cima da mesa de

trabalho. Escolheu uma página e estendeu-a a Collet. — Parece-lhe familiar?

Collet estava espantado. Tinha nas mãos uma fotocópia de um antigo diagrama elétrico, que descrevia uma máquina rudimentar. Não conseguia ler as palavras escritas em italiano, mas sabia para o que estava olhando. Um modelo de um cavaleiro medieval francês totalmente articulado.

O cavaleiro que está em cima da secretária do Saunière!

Os olhos de Collet desviaram-se para as margens do papel, onde alguém rabiscara notas com um marcador vermelho. As notas estavam escritas em francês e pareciam ser considerações a respeito da melhor maneira de colocar um aparelho de escuta dentro do cavaleiro.

C A P Í T U L O 91

Silas estava sentado no banco do passageiro da limusine estacionada perto de Temple Church. Sentia as mãos úmidas na Chave de Abóbada enquanto esperava que, na parte de trás do carro, que Rémy acabasse de amarrar Teabing com a corda que tinham encontrado na mala.

Finalmente, Rémy saiu pela porta traseira, contornou o carro e instalou-se no lugar do condutor, ao lado de Silas.

— Ficou bem seguro? — perguntou Silas.

Rémy riu, sacudindo os pingos de chuva da roupa, e olhou através da divisória para a forma enrolada de Leigh Teabing, quase invisível no chão em frente do banco traseiro.

— Não vai a parte nenhuma.

Silas ouviu os gritos abafados de Teabing e compreendeu que Rémy usara os restos da fita isoladora para amordaçá-lo.

— Ferme ta guelel — gritou Rémy por cima do ombro. Estendendo a mão para o complicado painel de instrumentos, apertou um botão e uma divisória opaca subiu atrás deles, isolando a traseira do carro. Teabing desapareceu, e a sua voz deixou de se ouvir.

Rémy lançou um olhar a Silas.

— Estou farto das queixas daquele miserável.

Minutos mais tarde, quando a limusine percorria as ruas de Londres, o telefone de Silas tocou. O Professor.

— Alô? — respondeu, excitadamente.

— Silas — disse a voz familiar do Professor com o seu sotaque francês. —

Estou contente por ouvi-lo. Significa que está bem.

Também Silas se sentia reconfortado por ouvir o Professor. Tinham-se passado horas, e a operação descambara de uma maneira perfeitamente louca.

Agora, por fim, parecia estar voltando aos eixos.

— Tenho a Chave de Abóbada.

— Excelente notícia. Rémy está com você?

Silas ficou surpreso ao ouvir o Professor usar o nome de Rémy.

— Sim. Foi ele que me libertou.

— Como eu lhe ordenei que fizesse. Só lamento que tenha sido obrigado a suportar o cativeiro durante tanto tempo.

— O desconforto físico não significa nada. O importante é que a Chave de Abóbada é nossa.

— Sim. Preciso que a entreguem imediatamente. O tempo é essencial.

Silas estava ansioso por encontrar finalmente o Professor face-a-face.

— Sim, senhor, terei muita honra.

— Silas, quero que seja Rémy a trazê-la.

Rémy? Silas sentiu a alma cair-lhe aos pés. Depois de tudo o que tinha feito pelo Professor, julgara que seria ele a entregar o prêmio. O Professor prefere Rémy?

— Sinto o seu desapontamento — disse o Professor —, o que me diz que não me compreendeu. Tem de acreditar que eu gostaria muito mais que fosse você, um homem de Deus, a entregar-me a Chave de Abóbada, e não Rémy, que é um criminoso. Mas Rémy é um caso que tem de ser resolvido. Desobedeceu às minhas ordens e cometeu um grave erro que comprometeu toda a missão.

Silas s entiu um arrepio e olhou de soslaio para Rémy. Raptar Teabing não fizera parte do plano, e decidir o que fazer com ele representava um novo problema.

— Você e eu somos homens de Deus — sussurrou o Professor. Nada pode desviar-nos do nosso objetivo. — Seguiu-se uma pausa carregada de s ignificado. — Por esta razão, e só por esta razão, vou pedir ao Rémy que me traga a Chave de Abóbada. Compreende o que estou dizendo?

Silas sentiu fúria na voz do Professor e ficou surpreso pelo homem não ser mais compreensivo. Rémy não tinha outra opção a não ser mostrar-se, pensou.

Fez o que tinha de ser feito. Salvou a Chave de Abóbada.

— Compreendo — conseguiu dizer.

— Ótimo. Para sua própria segurança, você tem de sair imediatamente das ruas. A Polícia não demorará a procurar o Jaguar, e eu não quero que o apanhem.

A Opus Dei tem uma residência em Londres, suponho?

— Claro.

— Eles o acolherão?

— Como a um irmão.

— Então vá para lá e mantenha-se fora das vistas. Telefono assim que tenha a Chave de Abóbada em meu poder e o meu atual problema resolvido.

— Está em Londres?

— Faça o que te digo e tudo correrá bem.

— Sim, senhor.

O Professor deixou escapar um fundo suspiro, como se o que tinha de fazer a seguir fosse profundamente lamentável.

— Preciso falar com Rémy.

Silas pass ou o telefone, sentindo que aquele podia ser o último telefonema que Rémy Legaludec recebia neste mundo.

Enquanto pegava o telefone, Rémy sabia que aquele pobre e retorcido monge não fazia ideia da sorte que o esperava agora que servira o seu propósito.

O Professor serviu-se de você, Silas.

E o seu bispo não passa de um peão.

O poder de persuasão do Professor continuava a maravilhá-lo. O bispo Aringarosa confiara tudo. Deixara-se cegar pelo seu próprio desespero.

Aringarosa estava muito ansioso por acreditar. Embora não gostasse particularmente do Professor, Rémy orgulhava-se de ter conquistado a confiança do homem e de tê-lo ajudado de uma forma tão substancial. Mereci o meu salário.

— Ouça com atenção — disse o Professor. — Leve o Silas até à residência da Opus Dei e deixe-o a algumas ruas de distância. Depois vá a St. Jame's Park.

Fica junto do Parlamento e do Big Ben. Pode estacionar a limusine na parada dos Horse Guards. Falamos lá.

E cortou a ligação.

C A P Í T U L O 92

O King'sCollege, fundado por Jorge IV, em 1829, tem o seu Departamento de Teologia e Estudos Religiosos em um terreno doado pela coroa, contíguo ao Parlamento.

O Departamento de Religião do King's College orgulha-se não só dos seus cento e cinquenta anos de experiência nas áreas do ensino e da pesquisa, mas também da criação, em 1982, do Instituto de Pesquis a de Teologia Sistemática, dotado de uma das mais completas e eletronicamente avançadas bibliotecas de pesquisa religiosa do mundo.

Langdon ainda se sentia trêmulo quando ele e Sophie entraram na biblioteca, vindos da chuva. A s ala de pesquisa primária era tal como Teabing a descrevera

— uma espetacular câmara octogonal dominada por uma enorme mesa redonda à volta da qual o rei Artur e os seus cavaleiros poderiam sentir-se em casa não fosse a presença de doze

computadores de monitor plano. No extremo oposto da sala, a bibliotecária servia-se de uma xícara de chá e preparava-se para mais um dia de trabalho.

— Bela manhã — disse, com o seu jovial sotaque inglês, deixando o chá e dirigindo-se a eles. — Posso ajudá-los?

— Sim, obrigado — respondeu Langdon. — Chamo-me...

— Robert Langdon — interrompeu-o ela, com um agradável sorriso. — Sei quem é.

Por um instante, Langdon receou que Fache o tivesse posto também na televisão inglesa, mas o sorriso da bibliotecária sugeria que não. O fato era que ainda não se habituara àqueles momentos de inesperada celebridade. Por outro lado, se alguém neste mundo ia reconhecê-lo, era natural que fosse a

bibliotecária de um serviço de pesquisa de Estudos Religiosos.

— Pamela Gettum — disse a mulher, estendendo-lhe a mão. Tinha um rosto simpático e erudito e uma voz agradavelmente fluida. As lentes dos óculos que trazia suspensos do pescoço por um fio eram grossas.

— Muito prazer. — Langdon sorriu. — Esta é a minha amiga Sophie Neveu.

As duas mulheres cumprimentaram-se, e Gettum voltou-se imediatamente de novo para Langdon.

— Não sabia que vinham.

— Nem nós. Se não for nuito incômodo, gostaríamos muito que nos ajudasse a encontrar certas informações.

Gettum agitou-se, pareceu pouco segura.

— Normalmente, os nossos serviços têm de ser requisitados. A menos que seja convidado de alguém no colégio?

Langdon abanou a cabeça.

— Não, ninguém sabe que estamos aqui. Um amigo meu fala com grande apreço das suas capacidades. Sir Leigh Teabing? — Langdon sentiu uma pontada de tristeza ao pronunciar o nome. — Da British Royal Academy?

Gettum riu.

— Oh, sim! Que personagem. Fanático! Sempre que vem aqui, segue as mesmas linhas de pesquisa. Graal. Graal. Graal. Juro que o homem mais depressa morre do que desiste. — Piscou-lhes um olho. — Tempo livre e dinheiro permitem alguns luxos bem simpáticos, não é verdade? Um autêntico D. Quixote, esse Sir Leigh.

— Há alguma possibilidade de nos ajudar? — perguntou Sophie. — é muito importante.

Gettum olhou em redor para a biblioteca des erta e voltou a piscar-lhes um olho.

— Bem, não posso alegar que estou muito ocupada, não é? Desde que assinem o pedido, suponho que ninguém se importará muito. O que é que procuram?

— Estamos tentando descobrir um túmulo em Londres.

Gettum fez um ar de dúvida.

— Temos cerca de vinte mil. Não podem ser um pouco mais específicos?

— É o túmulo de um cavaleiro. Não sabemos o nome.

— Um cavaleiro. Já reduz consideravelmente a área. Muito menos comum.

— Não temos muita informação sobre o cavaleiro que procuramos —

explicou Sophie —, mas isto é o que sabemos. — E mostrou o pedaço de papel onde escrevera as duas primeiras linhas do poema.

Hesitantes em mostrar o poema inteiro a um desconhecido, Langdon e Sophie tinham decidido revelar apenas as duas primeir as linhas, as que identificavam o cavaleiro. Criptografia compartimentada, chamara-lhe Sophie. Quando uma agência de informações interceptava um código que contivess e dados sensíveis, distribuía-o por vários criptólogos. Deste modo, quando era decifrado, nenhum dos envolvidos ficava sabendo a totalidade da mensagem.

Naquele caso, a precaução era provavelmente exc essiva; mesmo que aquela bibliotecária lesse todo o poema, identificasse o túmulo e soubesse que globo faltava, a informação seria inútil sem o criptex.

Gettum detetou a urgência nos olhos do famoso erudito americano, quase como se encontrar rapidamente aquele túmulo fosse uma questão de importância crucial. E a mulher de olhos verdes que o acompanhava parecia igualmente ansiosa.

Intrigada, pôs os óculos e examinou o papel que acabavam de entregar-lhe.

Em Londres jaz um cavaleiro que um papa enterrou.

O fruto do seu labor uma sagrada fúria granjeou.

Lançou um olhar aos visitantes.

— O que é isto? Uma espécie de caça ao tesouro de Harvard?

A gargalhada de Langdon soou forçada.

— Sim, uma coisa nesse gênero.

Gettum hesitou, sentindo que não estavam contando-lhe tudo. Mesmo assim, a curiosidade levou a melhor, e deu por si a examinar cuidadosamente os versos.

— Segundo a rima, um cavaleiro fez qualquer coisa que lhe granjeou a ira de Deus, mas mesmo assim um papa teve a generosidade de enterrá-lo aqui em Londres.

Langdon assentiu.

— Lembra-lhe alguma coisa?

Gettum dirigiu-se a um dos computadores.

— Assim de repente, não. Mas vejamos o que conseguimos sacar da base de dados.

Ao longo das duas últimas décadas, o Instituto de Pesquisa de Teologia Sistemática do King's College tinha usado programas de leitura ótica, juntamente com ferramentas de tradução, para digitalizar e catalogar uma enorme coleção de textos — enciclopédias sobre religião, biografias religiosas, escrituras sagradas em dúzias de línguas, histórias, cartas do Vaticano, diários de clérigos, tudo o que pudesse ser qualificado como um escrito sobre a espiritualidade humana. Por se encontrarem agora sob a forma de bits e de bytes, e não de páginas físicas, os dados contidos na maciça colectânea tinham-se tornado infinitamente mais acessíveis.

Sentando-se diante do computador, Gettum lançou um olhar ao pedaço de papel e começou a teclar.

— Vamos começar por uma pesquisa booleana simples, com umas poucas palavras-chave óbvias, vendo o que acontece.

— Obrigado.

Gettum teclou as palavras:

LONDRES, CAVALEIRO, PAPA

Quando clicou o botão de *SEARCH*, foi como se sentisse o zumbido do enorme servidor situado no subsolo estivesse verificando dados à velocidade de 500 MB/seg.

— Estou pedindo ao sistema que nos mostre quaisquer documentos cujo texto completo contenha todas estas três palavras-chave. Vamos obter mais resultados do que queremos, mas é uma boa maneira de começar.

O visor já mostrava os primeiros resultados.

Pintar o papa. Colectânea de retratos de Sir Joshua Reynolds. London University Press.

Gettum abanou a cabeça.

— Obviamente, não é o que procuramos.

Passou para a peça seguinte.

Os escritos de Londres de Alexander Pope por G. Wilson Knight.

Voltou a abanar a cabeça.

O sistema continuou a procurar, e os resultados começaram a surgir mais rapidamente do que o normal. Apareceram dúzias de textos, muitos deles sobre o escritor inglês do século XVIII Alexandre Pope, cuja poesia irônico-épica e contrarreligiosa incluía, aparentemente, numerosas referências a cavaleiros e a Londres.

Gettum lançou um rápido olhar ao campo numérico na parte de baixo do monitor.

O computador, calculando o atual número de resultados e multiplicando-o pela percentagem da base de dados que faltava ainda investigar, dava uma ideia aproximada da quantidade de informação que seria encontrada. Aquela pesquisa ia, segundo parecia, produzir um volume obsceno de informação.

Número total de resultados estimado: 2692.

— Temos de refinar mais os parâmetros. — disse Gettum, interrompendo a pesquisa.

— É só o que têm a respeito do túmulo? Não há mais nada?

Langdon olhou para Sophie, parecendo hesitante.

Isto não é nenhuma caça ao tesouro, adivinhou Gettum. Ouvira rumores a respeito da experiência de Robert Langdon em Roma, no ano anterior. Fora dado àquele americano acesso à biblioteca mais segura do mundo — os Arquivos Secretos do Vaticano. Perguntou a si mesma que espécie de segredos Langdon descobrira e se aquela sua atual e desesperada procura de um misterioso túmulo londrino estaria relacionada com informação obtida no Vaticano. Era bibliotecária há tempo suficiente para saber qual a principal razão que levava as pessoas a Londres em busca de cavaleiros. O Graal.

Gettum sorriu e ajustou os óculos.

— São amigos de Leigh Teabing, estão na Inglaterra e andam à procura de um cavaleiro. — Entrelaçou as mãos. — Só posso deduzir que procuram o Graal.

Langdon e Sophie trocaram um olhar, sobressaltados.

— Meus amigos — continuou Gettum, rindo —, esta biblioteca é praticamente uma espécie de campo-base para quem procura o

Graal. Incluindo Leigh Teabing. Só queria ter um shilling por cada vez que corri uma busca sobre

a Rosa, Maria Madalena, Sangreal, Merovíngios, o Priorado de Sião, etc., etc.

Não há quem não adore uma boa conspiração. — Tirou os óculos e olhou para eles. .— Preciso de mais informação.

No silêncio que se seguiu, Gettum adivinhou que o desejo de segredo dos visitantes estava a ser rapidamente sobrepujado pela necessidade que tinham de um resultado rápido.

— Isto é tudo o que sabemos — murmurou Sophie. Pedindo uma caneta a Langdon, escreveu mais duas linhas no papel que dera a Gettum: Procura o globo que no seu túmulo devia estar.

Ele fala de carne Rosada e de um útero a germinar.

Gettum sorriu para dentro. O Graal, claro, pensou, notando a referência à Rosa e ao útero a germinar.

— Posso ajudá-los — disse, erguendo os olhos do pedaço de papel. — Posso perguntar de onde vieram estes versos? E porque procuram um globo?

— Pode perguntar — respondeu Langdon, com um sorriso amável —, mas é uma longa história e nós temos muito pouco tempo.

— Soa-me a uma maneira delicada de me dizer que me meta na minha vida.

— Ficaremos eternamente em dívida para consigo, Pamela — disse Langdon

—, se conseguir descobrir quem é esse cavaleiro e onde foi enterrado.

— Muito bem. — Gettum voltou ao computador. — Faço-lhes a vontade. Se tudo isto tem a ver com o Graal, vamos introduzir referências cruzadas com palavras-chaves relativas ao Graal. Vou acrescentar um parâmetro de proximidade e aliviar o título, o que limitará os resultados aos casos em que as palavras-chaves textuais ocorram perto de um termo relacionado com o Graal.

Procurar:

CAVALEIRO, LONDRES, PAPA, TÚMULO

Numa proximidade de 100 palavras de:

GRAAL, ROSA, SANGREAL, CÁLICE

— Quanto tempo vai demorar? — perguntou Sophie.

— Umas centenas de milhõesde bytes com múltiplos campos de referências

cruzadas? — Os olhos de Gettum brilharam enquanto ela clicava o botão SEARCH. — Uns meros quinze minutos.

Langdon e Sophie não disseram nada, mas Gettum adivinhou que aquilo lhes parecia uma eternidade.

— Chá? — perguntou, pondo-se de pé e dirigindo-se ao bule que tinha preparado. — Leigh adora o meu chá.

C A P Í T U L O 93

A Residência da Opus Dei em Londres é ummodesto prédio de tijolo no número 5 de Orme Court, sobranceira ao North Walk dos Kensington Gardens. Silas nunca tinha estado lá, mas experimentou uma crescente sensação de refúgio e asilo à medida que se aproximava, a pé, do edifício. Apesar da chuva, Rémy deixara-o a uma curta distância, a fim de manter a limusine afastada das ruas mais movimentadas. Silas não se importava de caminhar. A chuva lavava-o.

Por sugestão de Rémy, limpara cuidadosamente a arma e atirara-a a uma sarjeta.

Estava satisfeito por se ver livre dela. Sentia-se mais leve. Ainda lhe doíam as pernas por ter estado amarrado durante tanto tempo, mas já suportara dores bem maiores. Pensou, porém, em Teabing, que Rémy tinha deixado na parte de trás da limusine. O inglês devia de estar começando a saber o que era a dor.

— Que vai fazer com ele? — perguntara a Rémy, ainda no carro.

Rémy encolhera os ombros.

— Essa decisão compete ao Professor. — E houvera uma estranha finalidade no seu tom.

Agora, enquanto se aproximava do edifício da Opus Dei, a chuva começou a cair com mais força, encharcando-lhe o pesado hábito, fazendo arder as feridas do dia anterior. Sentia-se pronto para deixar para trás os pecados das últimas vinte e quatro horas e purgar a alma. O seu trabalho estava feito.

Atravessando o pequeno pátio até à porta principal, não ficou surpreso ao encontrá-la aberta. Empurrou-a e entrou no reduzido v estíbulo. Uma campainha eletrônica tocou Em algum lugar no primeiro andar quando pisou a alcatifa. A

campainha era um elemento comum naquelas casas, onde os residentes passavam a maior parte do tempo nos quartos, rezando. Silas ouviu movimento no rangente soalho de madeira por cima da sua cabeça.

Um homem que envergava um hábito desceu as escadas.

— Posso ajudá-lo?

Tinha olhos bondosos, que pareceram nem sequer notar o surpreendente aspecto físico de Silas.

— Obrigado. Chamo-me Silas. Sou um numerário da Opus Dei.

— Americano?

Silas assentiu,

— Só estarei em Londres um dia. Posso repousar aqui?

— Nem precisa perguntar. Há dois quartos vagos no terceiro piso. Quer que lhe leve um pouco de chá e de pão?

— Obrigado. — Silas estava faminto.

Subiu as escadas até um modesto quarto com uma janela, onde despiu o hábito molhado e se ajoelhou para rezar apenas c om a roupa interior. Ouviu o seu anfitrião subir e deixar uma bandeja junto da porta. Acabou as suas orações, comeu e deitou-se para dormir.

Três pisos mais abaixo, o telefone tocava. O numerário que recebera Silas levantou o auscultador.

— Fala a Polícia de Londres — disse uma voz de homem. Estamos tentando encontrar um monge albino. Recebemos a informação de que talvez estivesse aí.

Viram-no?

O numerário sobressaltou-se.

— Sim, está aqui. Aconteceu alguma coisa?

— Está aí agora?

— Sim, lá em cima, rezando. O que está acontecendo?

— Deixe-o precisamente onde está — ordenou o homem. Não diga uma palavra seja a quem for. Vou mandar imediatamente alguém para aí.

C A P Í T U L O 94

St. James's Park é um mar de verde no meio de Londres, um parque público contíguo aos palácios de Westminster, Buckingham e St. James's. Em tempos fechado por Henrique VIII e povoado com veados para a caça, está hoje aberto ao público. Nas tardes de sol, os londrinos fazem piqueniques à sombra dos salgueiros e alimentam os pelicanos residentes do lago cujos antepassados foram uma oferta do embaixador da Rússia a Carlos II.

Naquele dia, o Professor não viu pelicanos. O tempo tempestuoso trouxera, em contrapartida, gaivotas do oceano. Os relvados estavam cobertos de centenas de corpos brancos, todos apontados na mesma direção, suportando pacientemente, de costas voltadas, o vento frio e úmido. A despeito do nevoeiro matinal, o parque oferecia magnífica vista dos Edifícios do Parlamento e do Big Ben. Espraiando o olhar pelos relvados em declive, para lá do lago dos patos e das delicadas silhuetas dos salgueiros, o Professor viu os pináculos do edifício que albergava o túmulo do cavaleiro — a verdadeira razão por que dissera a Rémy que fosse àquele lugar.

Quando o Professor se aproximou da porta dianteira do lado do passageiro da limusine estacionada, Rémy inclinou-se no banco e abriu-a. O Professor fez uma pausa ainda fora do carro, bebendo um gole do frasco de conhaque que levava consigo. Então, limpando os lábios, sentou-se ao lado de Rémy e fechou a porta.

Rémy ergueu a Chave de Abóbada, como se fosse um trofeu.

— Quase a perdi.

— Trabalhou bem — disse o Professor.

— Trabalhamos bem — emendou Rémy, depositando a Chave de Abóbada nas mãos ansiosas do Professor.

O Professor admirou-a por um longo momento, sorrindo.

— E a arma? Limpou-a bem?

— Está no porta-luvas, de onde a tirei.

— Excelente. — O Professor bebeu mais um gole de conhaque e estendeu o frasco a Rémy. — Bebamos ao nosso êxito. O fim está próximo.

Rémy aceitou a garrafa agradecidamente. O conhaque pareceu-lhe salgado, mas não se importou. Ele e o Professor eram agora verdadeiramente sócios. Já se sentia ascendendo a uma nova posição na vida. Nunca mais voltarei a ser um criado. Ao olhar para o lago dos patos, lá embaixo, Château Villette pareceu-lhe a quilômetros de distância.

Bebeu outro gole da garrafa e sentiu o conhaque aquecer-lhe o sangue. Não tardou, porém, que o calor que tinha na garganta se transformasse em um ardor incômodo. Alargando o nó do laço, Rémy sentiu uma desagradável aspereza na boca e devolveu a garrafa ao Professor.

— Provavelmente, já bebi o suficiente — conseguiu dizer, debilmente.

Aceitando a garrafa, o Professor disse:

— Rémy, como sabe, é a única pessoa que conhece a minha identidade.

Depositei em você uma enorme confiança.

— Sim — respondeu Rémy, alargando ainda mais o laço. E a sua identidade irá comigo para a cova.

O Professor permaneceu calado por um longo momento.

— Acredito em você. — Guardando a garrafa no bolso, abriu o porta-luvas e tirou de lá o minúsculo Medusa. Por um instante,

Rémy sentiu uma onda de medo, mas o Professor limitou-se a enfiar o revólver no bolso das calças.

Que ele está fazendo? De repente, Rémy percebeu que estava suando.

— Bem sei que prometi a liberdade — continuou o Professor, num tom quase de pena. — Mas, considerando as circunstâncias, isto é o melhor que posso fazer.

Rémy sentiu a bola de fogo subir-lhe à boca como um terremoto e dobrou-se sobre o volante, agarrando a garganta com ambas as mãos e sentindo o sabor do vômito na traqueia contraída. Deixou escapar um grito rouco e abafado, nem sequer suficientemente alto para ser ouvido fora do carro. Lembrou-se de que o conhaque lhe parecera salgado.

Estou sendo assassinado!

Incrédulo, voltou-se para ver o Professor calmamente sentado a seu lado, olhando em frente através do para-brisas. A visão toldou-se e abriu muito a boca, tentando respirar. Como ele pôde me fazer isto? Fui eu que tornei tudo possível!

Se o Professor sempre tencionara matá-lo ou se tinham sido as suasações em Temple Church que o tinham feito perder a fé nele era algo que Rémy nunca viria a saber. O terror e a raiva enchiam-lhe a cabeça. Quis atirar-se ao Professor, mas o seu corpo rígido mal se moveu.

Confiei sempre em você!

Tentou erguer os punhos cerrados para tocar a buzina, mas em vez disso tombou para a esquerda, rolando para cima do banco, onde ficou caído ao lado do Professor, com as mãos enclavinhadas na garganta. Chovia agora mais intensamente. Rémy já não conseguia ver, mas sentiu o cérebro privado de oxigênio fazer um esforço para agarrar-se aos últimos débeis fiapos de lucidez.

Enquanto o seu mundo mergulhava na escuridão, Rémy teria jurado que estava ouvindo o som da rebentação das ondas na Riviera.

O Professor saiu da limusine, satisfeito por verificar que ninguém estava olhando naquela direção. Não tinha alternativa, disse para si m esmo, surpreendido por sentir tão pouco remorso pelo que acabava de fazer. Rémy selou a sua própria sorte. Sempre receara que o mordomo tivesse de ser eliminado uma vez terminada a missão, mas ao mostrar imprudentemente o rosto em Temple Church, acelerara de forma dramática essa necessidade. A inesperada visita de Robert Langdon a Château Villette fora para o Professor um golpe de sorte fortuito, mas também o colocara face a um complicado dilema. Langdon levara a Chave de Abóbada diretamente ao centro da operação, o que fora uma surpresa agradável, mas, em contrapartida, conduzira a Polícia até lá. As impressões digitais de Rémy estavam espalhadas de uma ponta à outra da mansão, e também no posto de escuta, onde levara a cabo o seu trabalho de vigilância. O Professor estava contente por ter tido o cuidado de evitar quaisquer ligações entre as atividades de Rémy e as suas. Ninguém poderia implicá-lo a menos que Rémy falasse, e isso deixara de constituir problema.

Mais uma ponta solta para atar, pensou o Professor enquanto se dirigia à porta traseira do carro. A Polícia não fará a mínima ideia do que aconteceu... e não haverá qualquer testemunha viva para lhes contar. Olhando em redor para se

certificar de que não estava sendo observado, abriu a porta e instalou-se no espaçoso compartimento.

Minutos mais tarde, o Professor atravessava St. James's Park. Só restam agora duas pessoas, Langdon e Neveu. Esses eram mais complicados. Mas tratáveis. No momento, porém, tinha de resolver a questão do criptex.

Olhando triunfantemente para o outro lado do parque, viu o seu objetivo. Em Londres jaz um cavaleiro que um papa enterrou. Logo

que ouvira o poema, soubera a resposta. Mesmo assim, o fato dos outros dois não terem percebido não o surpreendia.

Eu tinha uma vantagem injusta. Tendo escutado as conversas de Saunière durante meses, ouvira o Grão-Mestre referir várias vezes aquele famoso cavaleiro, manifestando por ele uma estima quase igual à que tinha por da Vinci.

A referência do poema ao cavaleiro era brutalmente simples quando uma pessoa a via — o que não deixava de fazer jus à habilidade de Saunière — mas como iria o túmulo revelar a senha final continuava sendo um mistério.

Procure o globo que no seu túmulo devia estar.

O Professor recordava vagamente fotografias do famoso túmulo e, em especial, da sua característica mais notável. Um magnífico globo. A enorme esfera montada por cima do túmulo era quase tão grande como o próprio sepulcro. A presença do globo parecia ao Professor simultaneamente encorajadora e perturbante. Por um lado, er a como um sinal apontando o local, mas por outro, segundo o poema, a peça que faltava no puzzle era um globo que devia estar lá... e não um globo que já existia. Estava contando com uma inspeção pessoal para desvendar o mistério.

A chuva caía cada vez mais forte, e o Professor enfiou o criptex no bolso do lado direito para protegê-lo da umidade. Levava o minúsculo revólver Medusa no bolso esquerdo. Minutos depois, entrava no silencioso santuário de um edifício com novecentos anos de idade, um dos mais imponentes de Londres.

Nesse preciso instante, na pista batida pela chuva do aeródromo executivo de Biggin Hill, o bispo Aringarosa saía do acanhado avião que o transportara, aconchegando a sotaina para se proteger do frio úmido. Esperara ser recebido pelo capitão Fache. Em vez disso, um jovem agente da Polícia inglesa aproximou-se com um guarda-chuva.

— Bispo Aringarosa? O capitão Fache não pôde esperar. Pediu-me que

cuidasse do senhor. Sugeriu que o levasse para a Scotland Yard. Pensou que lá estaria mais seguro.

Mais seguro? Aringarosa baixou os olhos para a pesada maleta cheia de títulos do Vaticano que segurava. Quase se esquecera dela.

— Sim, obrigado.

Entrou para o carro da Polícia, perguntando a si mesmo onde estaria Silas.

Minutos mais tarde, a resposta chegou pelo rádio.

Orme Court, 5.

Aringarosa reconheceu instantaneamente o endereço. A Residência da Opus Dei em Londres. Voltou-se para o condutor.

— Leve-me lá imediatamente!

C A P Í T U L O 95

Langdon não desviou os olhos do visor a partir do momento em que a busca começou. Cinco minutos. Apenas dois resultados. Ambos irrelevantes.

Começava a ficar preocupado.

Pamela Gettum estava na sala contígua, preparando bebidas quentes. Langdon e Sophie tinham perguntado, muito pouco elegantemente, se não haveria por acaso café além do chá oferecido e, pelo som do microondas na sala ao lado, Langdon suspeitava de que o pedido deles ia ser recompensado com Nescafé instantâneo.

Finalmente, o computador fez um ping de satisfação.

— Parece que têm outro — disse Gettum, da outra sala. — Qual é o título?

Langdon leu o que estava escrito no visor:

A Alegoria do Graal na Literatura Medieval: Um Tratado sobre Sir Gwain e o Cavaleiro Verde.

— A Alegoria do Cavaleiro Verde — disse, em voz alta.

— Não interessa — respondeu Gettum. — Não há muitos cavaleiros mitológicos verdes enterrados em Londres.

Langdon e Sophie continuaram pacientemente sentados diante do visor, deixando passar mais dois resultados duvidosos. Mas quando o computador voltou a fazer ping, a oferta foi inesperada.

DIE OPER VON RICHARD WAGNER

— As óperas de Wagner? — disse Sophie.

Gettum espreitou da porta, com um saquinho de café instantâneo na mão.

— Estranho. Wagner era cavaleiro?

— Não — respondeu Langdon, subitamente intrigado. — Mas era um maçon conhecido. — Tal como Mozart, Beethoven, Shakespeare, Gershwin, Houdini e Disney.

Havia abundante literatura a respeito das ligações entre os maçons e os Cavaleiros do Templo, o Priorado de Sião e o Santo Graal... — Quero dar uma olhada neste. Como é que faço para ver o texto completo?

— O texto completo não lhe interessa — disse Gettum. — Clique a barra de hipertexto. O computador mostrará as palavras-chaves

juntamente com referências de contexto.

Langdon não sabia de que ela estava falando, mas clicou de todos os modos.

Abriu-se uma nova janela.

... cavaleiro mitológico chamado Parsifal que...

... demanda do Graal metafórica que alegadamente...

... a Orquestra Filarmônica de Londres, em 1885...

... Antologia de Ópera de Rebecca Pope...

... túmulo de Wagner em Bayreuth, Alemanha...

— Cavaleiro errado — disse Langdon, desapontado. Mesmo assim, estava espantado com a facilidade de utilização do sistema. As palavras-chaves com contexto eram o bastante para lhe lembrar que a ópera Parsifal de Wagner era um tributo a Maria Madalena e à linhagem de Cristo contado através da história de um jovem cavaleiro em busca da verdade.

— Tenha paciência — exortou Gettum. — É uma loteria. Deixe a máquina correr.

Durante os poucos minutos seguintes, o computador mostrou várias outras referências ao Graal, incluindo um texto a respeito de troubadours — os famosos menestréis itinerantes franceses. Langdon s abia que não era por acaso que as palavras menestrel e ministro partilhavam a mesma raíz etimológica. Os trovadores eram os servidores viajantes, ou “ministros”, da Igreja de Maria Madalena, e usavam a música para divulgar entre a gente comum a história do sagrado feminino. Ainda hoje, os trovadores cantavam canções em que

exaltavam as virtudes de “nossa Senhora” — uma bela e misteriosa mulher a quem juravam fidelidade eterna.

Procurou ansiosamente o hipertexto, mas nada encontrou.

O computador voltou a fazer ping.

CAVALEIROS, VALETES, PAPAS E PENTÁCULOS: A HISTÓRIA DO SANTO

GRAAL ATRAVÉS DO TARÔ

— Não admira — disse Langdon a Sophie. — Algumas das nossas palavras-chaves têm o mesmo nome que certas cartas. — Estendeu a mão para o mouse, para clicar um hiperlink. — Não sei se o seu avô alguma vez mencionou isto quando jogava taro consigo, mas o jogo é um “catecismo por cartas” com a história da “Noiva Perdida” e da sua subjugação pela Igreja má.

Sophie olhou para ele com uma expressão incrédula.

— Não fazia ideia.

— É precisamente essa a questão. Usando um jogo metafórico para ensinar, os seguidores do Graal escondiam a sua mensagem dos olhos sempre vigilantes da Igreja. — Langdon perguntava muitas vezes a si mesmo quantos dos modernos jogadores de cartas tinham consciência de que os quatro naipes —

espadas, copas, paus e ouros — eram símbolos que vinham diretamente dos quatro naipes do taro: espadas, taças, cetros e pentáculos.

Espadas eram espadas — A lâmina. Masculino.

Copas eram Taças — O Cálice. Feminino.

Paus eram Cetros — A Linha Real. O bordão florido.

Ouros eram Pentáculos — A deusa. O sagrado feminino.

Quatro minutos mais tarde, quando Langdon começava a convencer-se de que nunca encontrariam o que tinham ido procurar, o computador apresentou outro resultado.

A Gravidade do Gênio: Biografia de um Cavaleiro Moderno

— Gravidade do Gênio? — gritou Langdon para Gettum. Biografia de um cavaleiro moderno?

Gettum voltou a meter a cabeça pela porta.

— Moderno como? Por favor, não me diga que é o seu Sir Rudy Giuliani.

Pessoalmente, achei um bocado exagerado.

Langdon tinha as suas dúvidasa respeito do recém-nobilitado Sir Mick Jagger, mas não lhe pareceu que fosse aquele o melhor momento para discutir as bizarrias do sistema britânico de agraciações.

— Vamos lá dar uma vista de olhos — disse, e clicou o hipertexto.

... venerável cavaleiro, Sir Isaac Newton...

... em Londres, em 1727 e...

... o seu túmulo na Abadia de Westminster...

... Alexander Pope, amigo e colega...

— Suponho que “moderno” é um termo relativo — disse Sophie. — É um livro antigo. A respeito de Sir Isaac Newton.

Gettum abanou a cabeça, da porta.

— Não serve. Newton foi sepultado na abadia de Westminster, a sede do protestantismo inglês. Não há a mínima possibilidade de um papa católico ter estado presente. Natas e açúcar?

Sophie assentiu.

Gettum esperou.

— Robert?

O coração de Langdon batia loucamente. com um esforço, desviou os olhos do visor e pôs-se de pé.

— Sir Isaac Newton é o nosso cavaleiro.

Sophie continuou sentada.

— Que você está dizendo?

— Newton está sepultado em Londres. Os seus trabalhos deram origem a novas ciências que incorreram na ira da Igreja. E foi Grão-Mestre do Priorado de Sião. Que mais podemos querer?

— Que mais? — perguntou Sophie, apontando para o poema.

— E um cavaleiro que um papa enterrou? Ouviu o que a senhora Gettum disse. Newton não foi enterrado por um papa católico.

Langdon estendeu a mão para o mouse.

— Quem falou de um papa católico? — Clicou o hiperlink “Pope” e o texto

completo apareceu no visor.

O funeral de Sir Isaac Newton, a que assistiram reis e nobres, foi presidido por Alexander Pope, amigo e colega, que pronunciou uma comovente eulegia antes de espalhar terra sobre o túmulo.

Langdon olhou para Sophie.

— Tínhamos o “Pope” certo logo à segunda tentativa. Alexander. — Fez uma pausa. — A. Pope.

In London lies a knight A. Pope interred.

Sophie pôs-se de pé, estupefata.

Jacques Saunière, o mestre dos duplos-sentidos, provara mais uma vez ser um homem assustadoramente inteligente.

C A P Í T U L O 96

Silas acordou sobressaltado.

Não sabia o que o tinha acordado nem quanto tempo estivera dormindo.

Estava sonhando? Sentado na enxerga de palha, ficou escutando a respiração sossegada da Residência da Opus Dei, o silêncio povoado apenas pelo murmúrio de alguém rezando em voz alta em um quarto do piso inferior. Eram sons familiares, que deveriam ter-lhe parecido reconfortantes.

E no entanto, sentia-se súbita e inesperadamente alerta.

Levantou-se da enxerga, vestindo apenas a roupa interior, e aproximou-se da janela. Terei sido seguido? O pátio abaixo estava deserto, tal como o vira ao entrar.

Escutou. Silêncio. Porque estou então intranquilo? Havia muito que Silas aprendera a confiar na sua intuição. Fora a intuição que o mantivera vivo quando era um garoto nas ruas de M arselha, muito antes da prisão... muito antes de ter renascido pela mão do bispo Aringarosa. Olhando com mais atenç ão pela janela, viu a forma difusa de um carro através da sebe. No teto do carro havia uma sirene da Polícia. No corredor, uma tábua do soalho rangeu. A lingueta de uma porta moveu-se.

Silas reagiu por instinto, atravessando o quarto de um salto e escondendo-se atrás da porta no instante em que ela se abriu violentamente. O primeiro agente entrou de rompante, apontando a

arma à esquerda e à direita para o que parecia ser um quarto vazio. Antes que o policial conseguisse perceber onde Silas se metera, o albino empurrou a porta com o ombro, fazendo-a bater com força no segundo agente, que vinha entrando.

Quando o primeiro rodou sobre si mesmo e disparou, Silas mergulhou-lhe aos

pés e a bala passou-lhe, inofensiva, por cima da cabeça. Chocou contra as pernas do homem, fazendo-o cair e bater com a cabeça no chão. No umbral da porta, o segundo agente estava a pondo-se de pé, cambaleante. Silas acertou-lhe uma joelhada na virilha e saltou, por cima do corpo que se contorcia, para o corredor.

Quase nu, precipitou-se escada abaixo. Sabia que tinha sido traído, mas por quem? Quando chegou ao vestíbulo, havia mais polícias entrando pela porta da frente.

Fez meia volta e correu para o interior da Residência. A entrada das mulheres.

Todos os edifícios da Opus Dei têm uma. Seguindo os estreitos corredores, atravessou a cozinha, enxotando à sua frente as aterrorizadas criadas, atirando ao chão tachos e panelas, até chegar ao escuro corredor junto à casa da caldeira. Viu a porta que procurava, uma luz de saída brilhando ao fundo.

Correndo a toda a velocidade, saiu para a chuva, saltou do pequeno patamar, e só viu o agente que corria em sentido contrário quando já era muito tarde. Os dois homens se chocaram, e o maciço ombro nu de Silas bateu no esterno do homem com uma força esmagadora. Levado pelo impuls o, empurrou o policial à sua frente até o passeio, caindo em cima dele. A arma que o agente empunhava escapou-lhe da mão e escorregou pelo empedrado. Silas ouvia homens correndo pelo corredor, gritando. Rolando sobre si mesmo, apanhou a arma caída no instante em que os agentes apareciam à porta. Uma arma disparou e Silas sentiu uma dor dilacerante abaixo das costelas.

Cheio de raiv a, abriu fogo contra os três agentes, vendo o sangue deles esguichar.

Uma sombra escura surgiu atrás dele, vinda do nada. As mãos furiosas que lhe agarraram o ombro nu pareciam dotadas da força do próprio demônio.

— SILAS, NÃO! — rugiu-lhe o homem aos ouvidos.

Silas voltou-se e disparou. Os olhos de ambos encontraram-se. Silas já estava uivando de horror quando o bispo Aringarosa começou a cair.

C A P Í T U L O 97

Há, em campas, sepulcros e relicários, mais de três mil pessoas sepultadas na abadia de Westminster. O colossal interior de pedra está cheio de despojos de reis, estadistas, cientistas, poetas e músicos. Os seus túmulos, encaixados em todos os recantos e alcovas, vão, em grandiosidade, do mais opulento dos mausoléus — o da rainha Isabel I, cujo sarcófago, coberto por um sobrecéu, ocupa sozinho uma capela absidial — às modestíssimas lajes, de onde a passagem de milhões de pés, ao longo dos séculos, fez desaparecer as inscrições, deixando à imaginação do visitante adivinhar que relíquias poderão jazer nas anônimas tumbas.

Desenhada no estilo das grandes catedrais de Amiens, Chartres e Cantuária, a abadia de Westminster não é considerada catedral nem igreja paroquial. Ostenta a classificação de peculiar real, sujeita unicamente ao soberano. Desde que serviu de palco à coroação de Guilherme, o Conquistador, no dia de Natal de 1066, o deslumbrante santuário tem assistido a uma interminável procissão de cerimônias reais e acontecimentos de Estado — da canonização de Eduardo, o Confessor, ao casamento do príncipe André e Sara Ferguson, passando pelas exéquias de *Henrique V, Isabel I* e *Lady Diana.*

Apesar de tudo isto, um único acontecimento da rica e longa história da abadia interessava, de momento, a Robert Langdon: o funeral de

Sir Isaac Newton.

In London lies a knight a Pope interred.

Depois de terem subido, apressados, as escadas do grande portal do transepto norte, Langdon e Sophie foram acolhidos por guardas que, delicadamente, os fizeram passar pela mais recente adição ao mobiliário da abadia — um grande detetor de metais —, agora presente na maior parte dos edifícios históricos de

Londres. Nenhum dos dois disparou o alarme e seguiram em frente até à entrada.

Ao transpor o umbral, Langdon sentiu o mundo exterior evaporar-se com uma súbita ausência de ruído. Nem o rumor surdo do trânsito, nem o tamborilar da chuva.

Apenas um silêncio ensurdecedor, que parecia reverberar de um lado para o outro dentro do edifício, como se sussurrasse para si mesmo.

Os olhos de Langdon e de Sophie, como os de quase todos os visitantes, voltaram-se imediatamente para cima, onde o grande abismo da abadia dava a impressão de explodir. Colunas de pedra cinzenta erguiam-se como sequoias em direção às sombras, arqueando graciosamente por vastidões vertiginosas para voltarem a descer até ao chão. À frente deles, a ampla avenida do transepto norte estendia-se como um profundo desfiladeiro, flanqueado por prec ipitosas falésias de vitrais. Nos dias de sol, o chão da abadia era um mosaico de luz. Naquele dia, a chuva e a escuridão davam à vasta caverna uma aura fantasmagórica... mais como a da cripta que na realidade era.

— Está praticamente vazia — murmurou Sophie.

Langdon estava decepcionado. Esperara encontrar muito mais pessoas. Um lugar mais público. Não tinha o menor desejo de repetir a experiência de Temple Church.

Contara com uma certa sensação de segurança no popular local turístico, mas as suas recordações de animadas multidões numa abadia cheia de luz tinham sido formadas no auge da estação turística estival. Naquela chuvosa manhã de Abril, em vez de multidões e vitrais refulgentes, tudo o que via era hectares de chão desolado e alcovas cheias de sombras.

— Passamos por detetores de metais — disse Sophie, aparentemente adivinhando a apreensão dele. — Se estiver aqui alguém, não pode estar armado.

Langdon assentiu, mas continuava sentindo-se preocupado. Tinha querido levar consigo a Polícia de Londres, mas os receios de Sophie a respeito de quem podia estar envolvido impediam qualquer contato com as autoridades. Temos de recuperar o criptex, insistira Sophie. É a chave de tudo.

Tinha razão, claro.

A chave para voltarmos a ver Leigh com vida. A chave para recuperar o Santo Graal. A chave para descobrir quem está por trás disto.

Infelizmente, a única possibilidade de recuperarem a Chave de Abóbada parecia ser ali e naquele momento... no túmulo de Sir Isaac Newton. Fosse quem fosse o atual possuidor do criptex, tinha de visitar o túmulo para decifrar a última pista, e, se essa pessoa não tivesse ali estado e voltado a partir, Sophie e Langdon tencionavam interceptá-la.

Desviando-se para a esquerda, para saírem do espaço aberto, avançaram por uma obscura coxia lateral, protegida por uma fiada de pilas tras. Langdon não conseguia tirar da cabeça a imagem de Teabing prisioneiro, talvez estendido, amarrado e amordaçado, na parte de trás da sua própria limusine. Quem quer que mandara matar os quatro membros do escalão superior do Priorado não hesitaria em eliminar outros que lhe atravessassem o caminho. Parecia uma cruel ironia o fato de Teabing — um moderno cavaleiro

inglês — ser refém na procura de um seu compatriota, Sir Isaac Newton.

— Para que lado é? — perguntou Sophie, olhando em redor.

O túmulo. Langdon não fazia ideia.

— Talvez o melhor seja procurar um funcionário e perguntar. Sabia que seria inútil perambular de um lado para o outro, à procura. A abadia de Westminster era um mundo labiríntico de mausoléus, câmaras absidiais e vastos arcossólios.

Como a Grande Galeria do Louvre, tinha um único ponto de entrada e saída — a porta por onde acabavam de passar —, mas se era fácil encontrar a entrada, era quase impossível encontrar a saída.

Literalmente, uma armadilha para turistas, chamara-lhe um desorientado colega de Langdon. Em obediência à tradição arquitetural, a abadia fora traçada com a forma de uma gigantesca cruz. Ao contrário da maior parte das igrejas, porém, a entrada situava-se em um dos lados, e não no fundo da nave principal, passado o nártex. Além disso, o templo comportava uma série de grandes claustros. Um passo em falso através do arco errado, e o visitante via-se perdido no labirinto de passagens e rodeado por altas paredes.

— Os funcionários usam roupas vermelhas — disse Langdon, aproximando-se do centro da igreja. Ao espreitar obliquam ente, para o grande altar dourado, para a extremidade mais distante do transepto sul, viu várias pessoasgatinhando pelo chão.

Aquela per egrinação prostrada era um acontecimento comum, no Canto dos Poetas, apesar de ser muito menos santa do que parecia. Turistas esfregando

pedras tumulares.

— Não vejo nenhum funcionário — disse Sophie. — Talvez consigamos encontrar o túmulo sozinhos?

Sem uma palavra, Langdon a fez avançar mais alguns passos até ao centro da igreja e apontou para a direita. Sophie engoliu em seco ao olhar para o fundo da grande nave, só então percebendo a verdadeira dimensão do edifício.

— Ah — disse. — Procuremos um funcionário.

Naquele momento, a cem metros de distância no sentido do fundo da grande nave, protegido pela teia do coro, o majestoso túmulo de Sir Isaac Newton tinha apenas um visitante. Havia dez longos minutos que o Professor examinava o monumento.

O túmulo consistia de um maciço sarcófago de mármore negro sobre o qual estava reclinada a figura esculpida de Sir Isaac Newton, envergando uma vestimenta clássica e orgulhosamente apoiado a uma resma de livros seus: Divinity, Chronology, Opticks e Philosophiae Naturalis Principia Mathematica.

Aos pés de Newton, dois rapazinhos alados seguravam um rolo de pergaminho.

Atrás da imagem reclinada erguia-se uma austera pirâmide. Embora a pirâmide em si parecesse uma singularidade, era a gigantesca forma montada a meia altura dessa mesma pirâmide que mais intrigava o Professor.

Um globo.

O Professor recordou o enigmático verso de Saunière. Procura o globo que no seu túmulo devia estar. O maciço globo que sobressaía da face da pirâmide estava gravado em baixo-relevo e mostrava todo o gênero de corpos celestes...

constelações, signos zodiacais, cometas, estrelas e planetas, Por cima dele, a imagem da deusa da Astronomia sob um campo de

estrelas.

Incontáveis globos.

O Professor convencera-se de que, uma vez encontrado o túmulo, distinguiria facilmente o globo em falta.Agora, não estava assim tão seguro. O que tinha à sua frente era um complicado mapa dos céus. Faltaria um planeta? Teria algum globo astronômico sido omitido de uma constelação? Não fazia a mínima ideia.

Mesmo assim, suspeitava de que a solução seria engenhosamente clara e simples

“um cavaleiro que a Pope enterrou”. Que globo estou à procura? com certeza um conhecimento avançado de astrofísica não era uma pré-requisito para encontrar o

Graal. Ou seria?

Fala de carne Rosada e um útero a germinar.

A concentração do Professor foi quebrada pela aproximação de um grupo de turistas. Devolveu o criptex ao bolso e ficou vendo, irritado, os visitantes dirigirem-se a uma mesa próxima, deixarem um donativo na taça e reabastecerem-se do material que a abadia fornecia para a “esfregação de túmulos”. Equipados com novos lápis de carvão e grandes folhas de papel grosso, os turistas afastaram-se em direção à parte da frente do templo, provavelmente a caminho do popular Canto dos Poetas, onde prestariam as suas homenagens a Chaucer, Tennyson e Dickens esfregando vigorosamente os lápis nas folhas de papel estendidas sobre as pedras tumulares, a fim de copiarem as inscrições.

De novo sozinho, aproximou-se mais do túmulo, examinando-o centímetro a centímetro de baixo para cima. Começou pelos pés com a forma de garra em que se apoiava o sarcófago, passou por Newton, pelos seus livros científicos, pelos dois anjos com o rolo de símbolos matemáticos, pela face da pirâmide, pelo grande globo

com as suas constelações, até finalmente chegar ao estrelado sobrecéu do nicho.

Que globo devia estar aqui... e não está? Tocou no criptex que tinha no bolso, como se pudesse de algum modo encontrar a resposta na pedra que Saunière entalhara.

Só cinco letras me separam do Graal.

Pondo-se a andar de um lado para o outro perto da esquina da teia do coro, inspirou fundo e alongou o olhar pela nave, na direção do altar-mor. Baixou os olhos do altar de talha dourada para a opa escarlate de um funcionário da abadia a quem duas figuras muito familiares acenavam ansiosamente.

Langdon e Neveu.

Calmamente, o Professor recuou dois passos para trás da teia do coro. Foi rápido.

Sempre calculara que Langdon e Sophie acabariam por decifrar o significado do poema e procurar o túmulo de Newton, só não esperara que fosse tão cedo.

Inspirando fundo, considerou as suas opções. Estava habituado a lidar com surpresas.

Tenho o criptex.

Metendo a mão no bolso, tocou no segundo objeto que lhe dava tanta confiança: o pequeno revólver Medusa. Como seria de esper ar, o detetor de metais da abadia dera sinal quando o Professor passara com a arma escondida.

Como também seria de esperar, os guardas tinham recuado quando o Professor lhes lançara um olhar indignado e se identificara. A posição oficial era sempre garantia do devido respeito.

Embora tivesse inicialmente esperado resolver sozinho o enigma do criptex e evitar mais complicações, sentia agora que a chegada de Langdon e de Sophie era, na realidade, uma boa coisa. Considerando a falta de êxito que estava tendo com a referência ao "globo", talvez pudesse usar as capacidades daqueles dois.

Afinal, se Langdon decifrara o poema e encontrara o túmulo, parecia razoável pensar que também soubesse qualquer coisa a respeito do globo. E se Langdon conhecia a senha, então era só uma questão de aplicar a pressão correta.

Mas não aqui, evidentemente. Em algum lugar em privado.

Recordou uma pequena tabuleta indicativ a que vira a caminho dali. No mesmo instante, soube qual seria o lugar perfeito para atraí-los.

A única questão era... o que usar como isca.

C A P Í T U L O 98

Langdon e Sophie avançaram lentamente pela coxia norte, mantendo-se na sombra atrás dos grandes pilares que a separavam da nave. Apesar de já terem percorrido mais de metade do caminho, continuavam a não ter uma visão desimpedida do túmulo de Newton. O sarcófago estava recolhido num nicho, invisível daquele ângulo oblíquo.

— Pelo menos, não há ninguém lá — sussurrou Sophie.

Langdon assentiu, aliviado. Toda a seção da nave perto do túmulo de Newton estava deserta.

— Eu vou lá — sussurrou. — É melhor você ficar escondida, para o caso de ter alguém...

Sophie já tinha saído das sombras e avançava a descoberto.

— ...vigiando — suspirou Langdon, estugando o passo para alcançá-la.

Atravessando a gigantesca nave em perpendicular, Langdon e Sophie permaneceram silenciosos enquanto o elaborado sepulcro ia se revelando em tentadoras prestações... um sarcófago de mármore negro... uma estátua reclinada de Newton... dois meninos alados... uma gigantesca pirâmide... e... um enorme globo.

— Sabia disto? — perguntou Sophie, parecendo sobressaltada.

Langdon abanou a cabeça, tão surpreendido como ela.

— Aquelas coisas gravadas parecem constelações — observou Sophie.

À medida que se aproximavamdo nicho, Langdon sentiu-se invadir por uma crescente impressão de desânimo. O túmulo de Newton estava cheio de globos

— estrelas, cometas, planetas. Procura o globo que no seu túmulo devia estar?

Aquilo podia se tornar a tentativa de encontrar uma folha de erva perdida em um

campo de golfe.

— Corpos astronômicos — disse Sophie, com um ar preocupado. — Montes deles.

Langdon franziu a testa. A única ligação entre os planetas e o Graal que conseguia imaginar era o pentáculo de Vênus, e já tentara a senha “Vênus” a caminho de Temple Church.

Sophie avançou diretamente para o sarcófago, mas Langdon deixou-se ficar alguns passos atrás, observando a abadia à sua volta.

— Divinity — disse Sophie, inclinando a cabeça para ler os títulos dos livros a que Newton se apoiava. — Chronology. Opticks. Philosophiae Naturalis Principia Mathematicá!

— Voltou-se para ele. Faz soar alguma campainha?

Langdon aproximou-se mais, considerando a pergunta.

— Principia Mathematica, se bem me lembro, têm qualquer coisa a ver com a força gravidacional dos planetas... que são reconhecidamente globos, mas parece-me muito rebuscado.

— E os signos do Zodíaco? — sugeriu Sophie, apontando para as constelações gravadas no globo. — Há pouco falava de Peixes e de Aquário, não foi?

O Fim dos Dias, pensou Langdon.

— O fim da Era de Peixes e o início da de Aquário era alegadamente o momento histórico em que o Pr iorado tenc ionava apresentar ao mundo os documentos Sangreal. — A passagem do milênio chegou e passou sem incidentes, deixando os historiadores sem saber quando virá a verdade.

— Parece possível — disse Sophie — que os planos do Priorado para revelar a verdade estejam relacionados com o último verso do poema.

Fala de carne Rosada e de um útero a germinar. Langdon sentiu um arrepio de potencial. Não tinha considerado o verso daquela perspectiva.

— Disse-me — continuou Sophie — que o calendário do Priorado para revelar a verdade a respeito “da Rosa” e do seu útero fértil estava diretamente ligado à posição dos planetas... órbitas, globos.

Langdon assentiu, sentindo os primeiros frágeisfiapos de possibilidade materializarem-se. Mesmo assim, a intuição dizia-lhe que a Astronomia não era

a chave.

Todas as soluções anteriores do Grão-Mestre tinham tido um eloquente significado simbólico — a Mona Lisa, A Madonna dos Rochedos, SOFIA. Uma eloquência que estava definitivamente ausente do conceito de órbitas planetárias e do Zodíaco. Até o momento, Jacques Saunière provara ser um codificador meticuloso, e Langdon tinha de acreditar que a sua senha final — as cinco letras que descobririam o segredo do Priorado — provariam ser não só simbolicamente adequadas mas também cristalinamente claras. Se aquela solução estivesse na linha das outras, se revelaria dolorosamente óbvia, uma vez encontrada.

— Veja! — exclamou Sophie, sacudindo-lhe os pensamentos ao agarrar-lhe um braço. Pelo medo evidente no modo como o agarrou, Langdon pensou que alguém se aproximava, mas quando se voltou para ela, viu-a olhando. estupefata, para a superfície de mármore negro do sarcófago. – Alguém esteve aqui —

murmurou ela, apontando para um ponto perto do pé direito de Newton.

Langdon não compreendeu aquela agitação. Um turista distraído deixara um lápis de carvão, dos usados para esfregar as pedras tumulares, em cima do túmulo, junto ao pé de Newton. Não é nada. Estendeu a mão para pegar o lápis, mas, ao fazê-lo, a luz incidiu com um ângulo diferente na placa de mármore polido, e Langdon imobilizou-se.

Subitamente, percebeu o que assustara Sophie.

Escrita a carvão na tampa do sarcófago, junto ao pé de Newton, quase invisível, havia uma mensagem:

Tenho o Teabing.Passem pela Casa do Capítulo e s aiam pela porta sul para o jardim público.

Langdon leu as palavras duas vezes, com o coração martelando-lhe o peito.

Sophie voltou-se e perscrutou a nave. Apesar da excitação que o invadira ao ler as palavras, Langdon disse a si mesmo que aquilo eram boas notícias. Leigh está vivo. E havia ainda uma outra implicação.

— Eles também não sabem qual é senha — sussurrou.

Sophie assentiu. Caso contrário, para quê darem a conhecer a sua presença?

— Talvez queiram trocar o Leigh pela senha.

— Ou então é uma armadilha.

Langdon abanou a cabeça.

— Não me parece. O jardim fica fora da abadia. É um lugar muito público. —

Langdon visitara uma vez o famoso College Garden da abadia — um pequeno pomar e horta —, uma reminiscência dos tempos em que os monges ali cultivavam remédios naturais. Possuidor das mais velhas árvores de fruto de toda a Grã-Bretanha, o College Garden era muito popular entre os turistas, que podiam visitá-lo sem terem de entrar no templo. — Julgo que chamar-nos lá fora é uma prova de boa-fé. Para nos fazer sentir seguros.

Sophie fez um ar de dúvida.

— Quer dizer lá fora, onde não há detetores de metais?

Langdon franziu a testa. Ela tinha razão.

Ao olhar de novo para o túmulo cheio de globos, desejou ter qualquer ideia a respeito da senha do criptex... qualquer coisa com que negociar. Meti Leigh nisto, e farei o que for preciso se houver alguma chance de ajudá-lo.

— A nota diz atravessem a Casa do Capítulo até à saída sul — disse Sophie.

— Talvez de lá se veja o jardim? Desse modo, poderíamos avaliar a situação antes de sairmos e nos expormos a qualquer perigo?

A ideia era boa. Langdon recordava vagamente a Casa do Capítulo como uma enorme sala octogonal onde o antigo Parlamento britânico reunia antes da construção do moderno edifício. Havia anos que não ia lá, mas lembrava-se de ficar em algum lugar para lá dos claustros. Afastando-se vários passos do túmulo, olhou, da esquina da teia do coro, à sua direita, para o lado da nave oposto àquele que tinham descido.

A parede era rasgada por um amplo arco, junto ao qual um grande cartaz indicava:

POR AQUI PARA:

CLAUSTROS

REITORIA

COLLEGE HALL

MUSEU

CÂMARA DO CIBÓRIO

ST. FAITH'S CHAPEL

CASA DO CAPÍTULO

Langdon e Sophie iam correndo quando passaram por baixo do arco, muito depressa para repararem na pequena tabuleta onde se pedia desculpa por certas áreas estarem fechadas ao público, para restauração.

Emergiram imediatamente em um pátio aberto cercado por altas paredes e batido pela chuva matinal. Por cima deles, o vento uivava na abertura com um zumbido baixo, como alguém a soprar no gargalo de uma garrafa. Quando entraram na estreita passagem de teto baixo que rodeava o perímetro do pátio, Langdon teve a familiar sensação de mal-estar que experimentava sempre em locais fechados. Aquelas passagens chamavam-se claustros, e notou que aqueles claustros em particular faziam jus às suas ligações etimológicas às palavras claustrofobia.

Concentrando o espírito na extremidade do túnel, à frente, Langdon seguiu as indicações até à Casa do Capítulo. Chovia com força, e a passagem era fria e úmida, com rajadas de chuva que o v ento empurrava através dos arcos separados por pilares que eram a única fonte de iluminação do claustro. Um outro casal passou rapidamente por eles em sentido oposto, correndo para fugir ao mau tempo. Os claustros estavam desertos, e ninguém lhes negaria o título de lugar menos agradável da abadia, com aquele vento e aquela chuva.

Quarenta metros mais à frente, no tramo leste do claustro, do lado esquerdo, abria-se um outro arco que dava acesso a um novo corredor. Embora aquela fosse a entrada que procuravam, a passagem estava vedada por um cordão de ar muito oficial e por uma tabuleta que anunciava:

FECHADOS PARA RESTAURAÇÃO

CÂMARA DO CIBÓRIO

ST. FAITH'S CHAPEL

CASA DO CAPÍTULO

O comprido corredor deserto que se estendia além do cordão estava cheio de andaimes e de panos espalhados pelo chão. Em seguida ao corredor, Langdon viu as entradas para a Câmara do Cibório e para St. Faith's Chapel, à direita e à esquerda. A entrada para a

Casa do Capítulo ficava, porém, muito mais longe, no extremo oposto do corredor. Mesmo de onde estava, Langdon viu que a grande porta de carvalho estava aberta de par em par, e o espaçoso interior octogonal

banhado pela luz acinzentada que entrava pelas enormes janelas sobranceiras ao College Garden. Passem pela Casa do Capítulo e saiam pela porta sul para o jardim público.

— Acabamos de deixaro claustro leste — disse Langdon. — Portanto, a saída sul para o jardim deve ser por ali e à direita.

Sophie já estava passando por cima do cordão.

À medida que avançavam rapidamente pelo comprido e escuro corredor, os sons do vento e da chuva, no pátio lá atrás, iam esmorecendo. A Casa do Capítulo era uma espécie de estrutura satélite um anexo independente no extremo de um comprido corredor, para garantir a privacidade dos trabalhos do Parlamento que ali se reunia.

— Parece imenso — sussurrou Sophie, quando se aproximaram.

Langdon tinha esquecido como aquela sala era grande. Mesmo a alguns metros da porta, já conseguia alongar o olhar através da vasta extensão de soalho até às impressionantes janelas no lado oposto do octógono, janelas que se erguiam a uma altura de cinco andares até o teto abobadado. Dali teriam sem a mínima dúvida uma vista desimpedida para o jardim.

Quando atravessaram o umbral, Langdon e Sophie viram-se obrigados a semicerrar os olhos. Depois da penumbra dos claustros, a Casa do Capítulo era como um solário. Tinham avançado uns bons três metros pelo interior da sala, procurando a parede sul, quando perceberam que a porta prometida não estava lá.

Tinham chegado a um enorme beco sem saída.

O ranger de gonzos atrás deles os fez voltarem-se no instante em que a pesada porta se fechava com uma pancada surda e a lingueta de uma fechadura encaixava no seu lugar. O homem que estivera escondido atrás da enorme placa de madeira tinha um ar perfeitamente calmo enquanto lhes apontava um pequeno revólver. Corpulento e pesado, apoiava-se a duas muletas de alumínio.

Por um instante, Langdon pensou que devia estar sonhando.

Era Leigh Teabing.

C A P Í T U L O 99

Sir Leigh Teabing sentia-se pesaroso enquanto olhava, por cima do cano do revólver, para Robert Langdon e Sophie Neveu.

— Meus amigos — disse —, desde o momento em que entraram em minha casa, a noite passada, tenho feito todo o possível para que não lhes aconteça nenhum mal. Mas a sua persistência coloca-me agora em uma situação difícil.

Via as expressões de choque e condenação nos rostos de Langdon e Sophie, mas estava mesmo assim convencido de que em breve ambos compreenderiam a cadeia de acontecimentos que os tinha levado aos três àquela inesperada encruzilhada.

— Há tanta coisa que preciso de lhes contar... tanta coisa que têm de compreender.

— Por favor, acreditem — continuou —, nunca tive a menor intenção de envolver qualquer dos dois. Vocês foram a minha casa. Vocês é que me procuraram.

— Leigh? — conseguiu Langdon finalmente dizer. — Que diabo está fazendo? Pensamos que estava em perigo. Viemos aqui para ajudá-lo!

— Como eu sabia que fariam — respondeu Teabing. — Temos muito que discutir.

Langdon e Sophie pareciam incapazes de desviar os olhares aturdidos do revólver apontado para eles.

— É apenas para garantir a sua plena atenção — justificou-se Teabing. — Se eu quisesse fazer-lhes mal, já estariam mortos. Quando apareceram em minha casa ontem à noite, arrisquei tudo para lhes salvar a vida. Sou um homem de honra, e jurei na minha própria consciência sacrificar apenas aqueles que tinham

traído o Sangreal.

— De que você está falando? — perguntou Langdon. — Trair o Sangreal?

— Descobri uma verdade terrível — disse Teabing, com um suspiro. —

Soube por que razão os documentos Sangreal nunca foram revelados ao mundo.

Descobri que o Priorado tinha acabado por decidir não desvendar a verdade. Por isso o milênio passou sem qualquer revelação, por isso nada aconteceu quando entramos no Fim dos Dias.

Langdon inspirou fundo, preparando-se para protestar.

— O Priorado — continuou Teabing — foi incumbido da missão sagrada de partilhar a verdade. De revelar os documentos Sangreal quando chegasse o Fim dos Dias. Durante séculos, homens como da Vinci, Botticelli e Newton arriscaram tudo para proteger os documentos e permitir que a missão fosse cumprida. E então, no momento da verdade, Jacques Saunière mudou de ideia. O

homem honrado com a maior responsabilidade da história da cristandade fugiu ao cumprimento do seu dever. Decidiu que não

chegara ainda o momento. —

Voltou-se para Sophie. — Traiu o Graal. Traiu o Priorado. E traiu a memória de todas as gerações que trabalharam para tornar esse momento possível.

— Você? — exclamou Sophie, erguendo os olhos verdes e cravando-os nele com espanto e raiva. — Foi você o responsável pelo assassinato do meu avô?

Teabing bufou depreciativamente.

— O seu avô e os senescais eram traidores ao Graal.

Sophie sentiu a fúria crescer-lhe dentro do peito. Ele está mentindo!

— O seu avô vendeu-se à Igreja — insistiu Teabing, inflexível. — É evidente que o pressionaram para que mantivesse a verdade escondida.

Sophie abanou a cabeça.

— A Igreja nunca teve qualquer influência no meu avô!

Teabing riu friamente.

— Minha querida, a Igreja tem dois mil anos de experiência em pressionar aqueles que ameaçam denunciar-lhe as mentiras. Desde os tempos de Constantino, a Igreja tem conseguido ocultar a verdade a respeito de Maria Madalena e de Jesus. Não deve espantar-nos que agora, uma vez mais, tenha sabido encontrar a maneira de manter o mundo às escuras. Já não pode utilizar cruzados para chacinar os “infiéis”, mas nem por isso a sua influência é menos

persuasiva. Nem menos insidiosa. — Fez uma pausa, como que para sublinhar o ponto seguinte. — Menina Neveu, há já algum tempo que o seu avô queria dizer-lhe a verdade a respeito da sua família.

Sophie ficou siderada.

— Como é que pode saber uma coisa dessas?

— Os meus métodos não vêm ao caso. O que é importante que compreenda neste momento é o seguinte. — Inspirou fundo. A morte da sua mãe, do seu pai, da sua avó e do seu irmão não foi acidental.

As palavras lançaram as emoções de Sophie para o meio de um turbilhão.

Abriu a boca para falar, mas não foi capaz.

Langdon abanou a cabeça.

— Que está dizendo?

— Robert, explique tudo. Todas as peças encaixam. A História repete-se. A Igreja tem antecedentes de assassinato no que respeita a silenciar o Sangreal.

Com o Fim dos Dias eminente, matar os entes queridos do Grão-Mestre seria enviar uma mensagem muito clara. Fique calado, ou você e Sophie são os próximos.

— Foi um acidente — gaguejou Sophie, sentindo o desgosto da infância subindo-lhe do fundo da alma. — Um acidente!

— Histórias da carochinha para proteger a sua inocência — respondeu Teabing. — Tenha em conta que só dois membros da família foram poupados: o Grão-Mestre do Priorado e a única neta que lhe restava. O par perfeito para proporcionar à Igreja controle sobre a irmandade. Só posso im aginar o terror que a Igreja fez pesar sobre a cabeça do seu avô nestes últimos anos, ameaçando matá-la se ele ousasse revelar o segredo Sangreal, ameaçando terminar o trabalho que já tinha começado a menos que Saunière convencesse o Priorado a reconsiderar um voto antigo.

— Leigh — argumentou Langdon, agora visivelmente irritado, com certeza não tem quaisquer provas de que a Igreja teve alguma coisa a ver com aquelas mortes, ou que influenciou a decisão do Priorado de guardar silêncio.

— Provas? — respondeu Teabing. — Quer provas de que o Priorado foi influenciado?

O novo milênio chegou, e no entanto o mundo continua na ignorância! Não

será prova bastante?

No eco da voz de Teabing, Sophie ouviu uma outra voz falando. Sophie, tenho de dizer a verdade a respeito da sua família. Percebeu que estava tremendo. Seria aquela a verdade que o avô quisera contar-lhe? Que a família dela fora assassinada? Que sabia ela verdadeiramente a respeito do acidente que lhe levara a família? Apenas pormenores dispersos. Até as notícias nos jornais tinham sido vagas. Um acidente? História da carochinha? Lembrou-se repentinamente da superproteção do avô, de como ele nunca gostava de deixá-la sozinha quando era pequena. Mesmo quando já era crescida e estava na universidade, sempre tivera a sensação de que o av ô a vigiava. Perguntou a si mesma se teria havido membros do Priorado escondidos na sombra, velando por ela durante toda a sua vida.

— Suspeitou que ele estava sendo manipulado — disse Langdon, olhando para Teabing com raiva e incredulidade. — E assassinou-o por isso?

— Não puxei o gatilho — respondeu Teabing. — Saunière morreu há muitos anos, quando a Igreja lhe roubou a família. Estava comprometido. Agora está liberto dessa dor, liberto da vergonha de não ter sabido cumprir o seu dever sagrado. Considere a alternativa. Era preciso fazer qualquer coisa. O mundo deverá permanecer ignorante para sempre? Deveremos permitir que a Igreja cimente as suas mentiras nos nossos livros de História para toda a eternidade?

Deveremos permitir que a Igreja exerça indefinidamente a sua influência através do assassinato e da extorsão? Não, era preciso fazer qualquer coisa! E agora cabe a nós o dever de cumprir o legado de Jacques Saunière e corrigir um grande erro.

— Fez uma pausa. — Nós três. Juntos.

Sophie sentia apenas incredulidade.

— Como é possível que espere que o ajudemos?

— Porque, minha querida, foi você a razão por que o Priorado não revelou os documentos. O amor que o seu avô tinha por você o impediu de desafiar a Igreja.

O medo de represálias contra a única família que lhe restava paralisou-o. Nunca teve oportunidade de explicar a verdade porque você o rejeitou, amarrando-lhe as mãos, obrigando-o a esperar. Agora, deve ao mundo a verdade. Deve-o à memória do seu avô.

Robert Langdon tinha desistido de tentar orientar-se. A despeito da torrente de perguntas que lhe corria pelo espírito, sabia que naquele momento só uma coisa

importava: tirar Sophie dali com vida. Toda a culpa que antes erradamente sentira por causa de Teabing se transferia agora para Sophie.

Levei-a a *Château Villette.*

Sou responsável.

Não conseguia imaginar que Teabing fosse capaz de matá-los, a sangue-frio, ali na Casa do Capítulo, e no entanto, Teabing estivera sem a menor dúvida envolvido em outras mortes durante a sua transviada procura. Teve a desconfortável sensação de que ninguém ouviria dois tiros disparados dentro daquela sala isolada,

de grossas paredes de pedra, sobretudo com a chuvada que estava caindo. E ele acaba de admitir que é culpado.

Olhou para Sophie, que parecia abalada. A Igreja assassinou a família dela para silenciar o Priorado? Tinha certeza de que a Igreja moderna não mandava assassinar pessoas. Tinha de haver outra explicação.

— Deixe Sophie ir — disse Langdon, olhando para Teabing. — Nós os dois discutimos isto sozinhos.

Teabing deixou escapar uma gargalhada forçada.

— Receio ser uma prova de boa-fé que não posso me permitir. Posso, no entanto, oferecer-lhe isto. — Apoiou-se nas muletas, mantendo a arma desajeitadamente apontada para Sophie, e tirou o criptex do bolso. Cambaleou um pouco quando o estendeu a Langdon. — Uma prova de confiança, Robert.

Langdon, desconfiado, não se mexeu. Leigh está nos devolvendo a Chave de Abóbada?

— Aceite-o — insistiu Teabing, estendendo-o na direção de Langdon, que só conseguia imaginar uma razão para ele devolvê-lo.

— Já o abriu. Tirou o mapa.

Teabing estava abanando a cabeça.

— Robert, se tivesse descoberto a senha da Chave de Abóbada, já teria desaparecido para ir procurar o Graal sozinho, sem envolver a vocês. Não, não sei a resposta. E não me importo de admitir. Um verdadeiro cavaleiro aprende a ser humilde face ao Graal. Aprende a obedecer aos sinais postos diante dos seus olhos. Quando os vi entrar na igreja, compreendi. Estavam ali por uma razão.

Para ajudar. O que procuro aqui não é a glória pessoal. Sirvo algo muito maior do que o meu orgulho. A Verdade. A humanidade

merece conhecer a verdade. O

Graal encontrou a todos nós, e agora ela pede para ser revelada. Temos de trabalhar juntos.

Apesar dos seus pedidos de cooperação e confiança, Teabing manteve a arma apontada para Sophie enquanto Langdon avançava e aceitava o frio cilindro de ônix. O vinagre contido na ampola gorgolejou quando o pegou e voltou a recuar.

Os anéis continuavam dispostos em ordem aleatória e o criptex fechado.

Langdon olhou para Teabing.

— Como é que sabe que não o parto agora mesmo.

O riso de Teabing foi uma gargalhada estranha.

— Devia ter compreendido que a sua ameaça de parti-lo em Temple Church era vã.

Robert Langdon nunca quebraria a Chave de Abóbada. É um historiador, Robert. Tem nas mãos a Chave de dois mil anos de História... a Chave perdida do Sangreal. Sente as almas de todos os cavaleiros que morreram queimados para proteger o segredo.

Permitiria que tivessem morrido em vão? Não, quer vindicá-los. Irá juntar-se às fileiras dos grandes homens que admira... da Vinci, Botticelli, Newton...

qualquer dos quais se sentiria muito honrado se estivesse agora no seu lugar. O

conteúdo da Chave de Abóbada clama por nós. Quer ser libertado. É tempo. O

destino conduziu-nos a este momento.

— Não posso ajudá-lo, Leigh. Não faço ideia de como abrir isto. Só estive junto do túmulo de Newton por um instante. E mesmo que soubesse a senha... —

Langdon calou-se, compreendendo que já dissera muito.

— Não me diria? — Teabing suspirou. — Estou desapontado e surpreendido, Robert, pelo fato de não perceber a que ponto está em dívida para comigo. A minha tarefa teria sido muito mais simples se eu e Rémy os tivéssemos eliminado quando entraram em Château Villette. Em vez disso, arrisquei tudo para seguir o caminho mais nobre.

— Isto é nobre? — perguntou Langdon, olhando para a arma.

— A culpa é de Saunière — justificou-se Teabing. — Ele e os senescais mentiram ao Silas. Se não fosse isso, eu teria obtido a Chave de Abóbada sem a menor complicação.

Como podia eu imaginar que o Grão-Mestre iria a tal extremo para me

enganar e confiaria a Chave de Abóbada a uma neta que não lhe falava há anos?

— Olhou para Sophie com desdém. — Alguém tão pouco qualificada para deter este conhecimento que precisou de um simbologista para lhe servir de ama-seca.

— Voltou a olhar para Langdon.

— Felizmente, Robert, o seu envolvimento acabou por ser a minha salvação.

Em vez da Chave de Abóbada ficar para sempre fechada no cofre de um banco, tirou-a de lá e levou-a a minha casa.

Para que outro lugar poderia ter ido? pensou Langdon. A comunidade de historiadores do Graal é restrita, e nós os dois já nos

conhecíamos. Teabing parecia agora muito satisfeito consigo mesmo.

— Quando soube que o Saunièr e lhes tinha deixado uma mensagem, fiquei quase com certeza de que se tratava de informações valiosas sobre o Priorado.

Não sabia, claro, se era a própria Chave de Abóbada ou informações sobre como encontrá-la. Mas com a Polícia mordendo seus calcanhares, tive um pressentimento de que acabariam por me bater à porta.

Langdon lançou-lhe um olhar furioso.

— E se não tivéssemos?

— Estava elaborando um plano para lhes oferecer ajuda. De um modo ou de outro, a Chave de Abóbada iria parar em Château Villette. O fato de terem ido depô-la nas minhas mãos só prova que a minha causa é justa.

— O quê? — Langdon estava estupefato.

— Silas devia entrar em Château Villette e roubar-lhes a Chave de Abóbada...

afastando-os assim da equação sem lhes fazer mal e exonerando-me de qualquer suspeita de cumplicidade. No entanto, quando percebi a complexidade dos códigos de Saunière, resolvi associá-los à minha investigação durante mais algum tempo. Podia mandar o Silas roubar a Chave de Abóbada mais tarde, quando eu já soubesse o suficiente para continuar sozinho.

— Temple Church — disse Sophie, com a voz cheia de indignação pela confiança traída.

Começa a fazer-se luz, pensou Teabing. Temple Church era o lugar ideal para roubar a Chave de Abóbada de Robert e Sophie, e a sua

aparente relevância para o poema tornava-a um engodo plausível. As ordens que dera a Rémy tinham sido claras: manter-se escondido enquanto Silas recuperava a Chave de Abóbada.

Infelizmente, a ameaça de Langdon de destruir o criptex levara Rémy a entrar em pânico. Se ao menos ele não tivesse se mostrado, pensou Teabing, pesarosamente, recordando o seu próprio falso rapto. Rémy era a única ligação a mim, e revelou a identidade.

Felizmente, Silas continuara a ignorar a verdadeira identidade de Teabing e fora fácil convencê-lo a levá-lo da igreja e ficar em seguida ingenuamente sentado enquanto Rémy fingia amarrar e amordaçar o refém na parte de trás da limusine. com a divisória à prova de som levantada, Teabing pudera ligar para Silas, no banco da frente, usar o falso sotaque francês do Professor e dizer-lhe que fosse diretamente para a residência da Opus Dei. Uma simples denúncia anônima à Polícia seria o bastante para remover Silas da imagem.

Uma ponta solta atada. A outra ponta solta era mais difícil. Rémy.

Teabing debatera longamente a decisão consigo mesmo, mas, no fim, Rémy provara ser um perigo. Todas as demandas do Graal exigem sacrifícios. A solução mais simples para o problema estivera quase que saltando-lhe aos olhos de dentro do bar da limusine: um frasco de conhaque e uma lata de amendoins.

O pó no fundo da lata seria mais do que suficiente para disparar a mortal alergia do mordomo. Quando Rémy estacionara a limusine na parada dos Horse Guards, Teabing descera da limusine, aproximara-se da porta dianteira e sentara-se ao lado dele. Minutos mais tarde, voltara a descer, regressara à traseira do carro, limpar a as provas e finalmente saíra para a fase final da sua missão.

A abadia de Westminster ficava a curta distância, e apesar dasbraçadeiras das pernas, as muletas e a arma terem acionado o detetor de metais, os seguranças tinham ficado sem saber o que

fazer. Pedimos-lhe que tire as braçadeiras e que passe de rastos? Revistamos-lhe o corpo deformado? Teabing apresentara aos atrapalhados guardas uma solução muito mais simples: um cartão gravado identificando-o como Cavaleiro do Reino. Os pobres diabos quase tinham se atropelado uns aos outros para deixá-lo entrar.

Agora, enquanto olhava para os espantados Langdon e Neveu, Teabing resistia ao desejo de revelar com que habilidade envolvera a Opus Dei na conjura que ia em breve atirar por terra toda a Igreja Católica. Mas isso teria de esperar. No momento, havia trabalho a fazer.

— Mes amis — declarou Teabing, em francês impecável —, vous ne trouvez pas le Saint-Graal, c'est le Saint-Graal qui vous trouve. — Sorriu. — O nosso

caminho juntos não podia ser mais claro. O Graal nos encontrou.

Silêncio.

Falou-lhes agora num murmúrio:

— Escutem. Será que não escutam? O Graal está nos falando através dos séculos.

Está nos pedindo que o salvemos da loucura do Priorado. Imploro a ambos que reconheçam esta oportunidade. Não seria possível juntar neste momento três pessoas mais capazes para decifrar o código final e abrir o criptex. — Fez uma pausa, com os olhos brilhantes. — Temos de fazer um juramento. Um juramento de lealdade entre nós. Um juramento de cavaleiro, de descobrir a verdade e revelá-la.

Sophie olhou bem no fundo dos olhos de Teabing e disse, em voz dura como o aço:

— Nunca farei um juramento com o assassino do meu avô. Exceto o juramento de que hei-de vê-lo numa prisão.

A expressão de Teabing tornou-se grave, e depois res oluta.

— Lamento que pense assim, mademoiselle. — Voltou-se a apontou a arma para Langdon. — E você, Robert? Está comigo ou contra mim?

C A P Í T U L O 100

O corpo do bispo Manuel Aringarosa já tinha suportado muitos gêneros de dor, mas, mesmo assim, o ardor causticante da bala que lhe atravessou o peito foi uma experiência completamente nova. Funda e grave. Não um ferimento da carne... algo mais próximo da alma.

Abriu os olhos, tentando ver, mas a chuva que lhe batia no rosto borrava-lhe a visão. Onde estou? Sentia que braços fortes o carregavam, lhe transportavam o corpo flácido como uma boneca de trapos, a saia da sotaina preta batendo ao vento como uma bandeira molhada.

Erguendo penosamente uma mão, limpou os olhos e viu que o homem que o levava nos braços era Silas. O gigantesco albino avançava aos tropeções por um passeio envolto em névoa, gritando por um hospital, a voz transformada em um dilacerante uivo de agonia. Olhava fixamente em frente, com os seus olhos vermelhos, e as lágrimas escorriam-lhe, mais grossas do que a chuva, pelo rosto branco e salpicado de sangue.

— Meu filho — murmurou Aringarosa —, está ferido.

Silas baixou os olhos, o rosto contorcido em uma máscara de angústia.

— Perdoe-me, oh, perdoe-me, Pai — murmurou, como se a dor fosse de mais para lhe permitir falar.

— Não, Silas. Eu é que peço perdão. A culpa foi minha. O Professor me prometeu que não haveria mortes, e eu disse que lhe o

obedecesse em tudo.

Estava muito ansioso.

Tive muito medo. Você e eu fomos enganados. O Professor nunca tencionou entregar-nos o Santo Graal.

Aninhado nos braços do homem que acolhera havia tantos anos, o bispo

Aringarosa sentiu-se recuar no tempo. Até ao seu modesto começo, construindo uma pequena igreja católica em Oviedo, com Silas. E mais tarde, em Nova Iorque, quando proclamara a glória de Deus com o recém-construído Centro da Opus Dei na Lexington Avenue.

Cinco meses antes, Aringarosa r ecebera notícias devastadoras. O trabalho de toda a sua vida estava em perigo. Recordava, com vívido pormenor, a reunião em Castel Gandolfo que transformara a sua vida... as notícias que tinham desencadeado toda aquela calamidade.

Entrara na Biblioteca Astronômica do Vaticano de cabeça bem erguida, à espera de ser saudado por centenas de mãos acolhedoras, todas desejosas de dar-lhe palmadinhas nas costas, de felicitá-lo pela maneira magnífica como representara o catolicismo na América. Mas só estavam presentes três pessoas.

O secretarius do Vaticano. Obeso. Sombrio.

Dois cardeais italianos. Untuosos, Astutos.

— Secretarius. — disse Aringarosa, intrigado.

O rotundo supervisor das questões legais apertou-lhe a mão e indicou-lhe a cadeira em frente dele.

— Por favor, esteja à vontade.

Aringarosa sentou-se, sentindo que algo de grave estava acontecendo.

— Não tenho grande jeito para conversa de social, Eminência — disse o secretarius. — Permita, pois, que vá direito ao motivo da sua presença aqui.

— Por favor. Fale abertamente. — Aringarosa lançou um olhar de soslaio aos dois cardeais, que pareciam estar avaliando-o com um ar de farisaica expectativa.

— Como bem sabe — começou o secretarius —, Sua Santidade, e outras pessoas em Roma, tem andado muito preocupada com as repercussões políticas de algumas das práticas mais controversas da Opus Dei.

Aringarosa ficou instantaneamente eriçado. Já tinha passado várias vezes por aquela mesma situação com o novo pontífice que, para seu grande des gosto, acabara, infelizmente, por revelar-se um fervoroso defensor de mudanças liberais no seio da Igreja.

— Quero assegurar-lhe — acrescentou rapidamente o secretarius — que Sua Santidade não tem a intenção de alterar seja de que maneira for o modo como

gere o seu ministério. Espero bem que não!

— Nesse caso, que estou fazendo aqui?

O obeso funcionário suspirou.

— Eminência, não sei como dizer isto de uma forma delicada, de modo que vou dizê-lo de uma forma direta. Há dois dias, o Conselho do Secretariado votou por unanimidade revogar a sanção do Vaticano à Opus Dei.

Aringarosa tinha certeza de que só podia ter ouvido mal.

— Como?

— Dito mais simplesmente, de hoje a seis meses, a Opus Dei deixará de ser considerada uma prelatura do Vaticano. Passará a ser uma Igreja por direito próprio. A Santa Sé se desligará da sua instituição. Sua Santidade concordou e a papelada legal já está sendo preparada.

— Mas... isso é impossível!

— Pelo contrário, é muito possível. E necessário. Sua Santidade está descontente com as suas técnicas de recrutamento agressivas e com as suas práticas de mortificação corporal. — Fez uma pausa. — E também com a sua política no que respeita às mulheres. Muito francamente, a Opus Dei tornou-se um empecilho e um embaraço.

O bispo Aringarosa estava estupefato.

— Um embaraço?

— Certamente não pode estar surpreso por as coisas terem chegado a este ponto.

— A Opus Dei é a única organização católica em crescimento! Temos mais de mil e cem padres!

— Verdade. Uma questão embaraçosa para todos nós.

Aringarosa pôs-se bruscamente de pé.

— Pergunte a Sua Santidade se a Opus Dei foi um embaraço em 1982, quando ajudamos o Banco do Vaticano!

— O Vaticano sempre lhes estará grato por isso — respondeu o secretarius, em tom apaziguador —, e no entanto, há quem pense que a sua munificência em 1982 foi a única razão de lhes ter sido concedido o estatuto de prelatura.

— Isso não é verdade! — A insinuação ofendia profundamente o bispo Aringarosa.

— Seja como for, tencionamos agir de boa-fé. Estamos preparando um acordo de separação que inclui o reembolso desse dinheiros. Que será pago em cinco prestações.

— Estão tentando me comprar? — perguntou Aringarosa. — Pagando-me para eu sair sem criar complicações? Quando a Opus Dei é a única voz da razão que resta!

Um dos cardeais ergueu os olhos.

— Desculpe, disse... razão!

Aringarosa debruçou-se por cima da mesa, e a voz tornou-se cortante como uma lâmina.

— Não sabem verdadeiramente porque é que os católicos estão abandonando a Igreja? Olhe à sua volta, Eminência. As pessoas perderam o respeito. O rigor da fé pertence ao passado. A doutrina tornou-se uma espécie de bufete.

Abstinência, confissão, comunhão, batismo, missa... é à escolha... tirem o que lhes agradar e deixem o resto. Que espécie de orientação espiritual a Igreja está oferecendo?

— Não é possível aplicar aos modernos seguidores de Cristo leis do século III

— interveio o segundo cardeal. — Essas regras não funcionam na sociedade atual.

— Bem, parecem funcionar para a Opus Dei.

— Bispo Aringarosa — disse o secretarius, com um tom que pretendia encerrar a discussão. — Por respeito pela sua associação com o papa anterior, Sua Santidade deseja dar à Opus Dei seis meses para cortar voluntariamente os seus laços com o Vaticano.

Sugiro que alegue as suas diferenças de opinião com a Santa Sé e se estabeleça como organização cristã independente.

— Recuso! — declarou Aringarosa. — E direi isso pessoalmente.

— Receio que Sua Santidade já não esteja interessada em um encontro com o senhor.

Aringarosa voltou a pôr-se de pé.

— Ele não se atreveria a abolir uma prelatura pessoal estabelecida por um papa anterior!

— Lamento. — Os olhos do secretarius não cederam um milímetro. — O

Senhor o dá, o Senhor o tira.

Aringarosa saíra daquela reunião confuso e em pânico. De volta à Nova Iorque, passara dias inteiros olhando para a paisagem da cidade, esmagado pela desilusão, vencido pela tristeza que lhe inspirava o futuro do cristianismo.

Só várias semanas mais tarde recebera o telefonema que mudara tudo. A pessoa que telefonara, um homem, tinha sotaque francês e identificava-se como Professor — um título comum na Prelatura. Disse que sabia dos planos do Vaticano para retirar o apoio à Opus Dei.

Como ele pode saber coisa semelhante?, perguntara Aringarosa a si mesmo.

Alimentara a esperança de que só alguns dos funcionários mais altamente colocados do Vaticano tivessem conhecimento da eminente anulação da Opus Dei. Aparentemente, porém, a notícia correra. No que dizia respeito a conter mexericos, não havia no mundo paredes mais porosas do que as da Cidade do Vaticano.

— Tenho ouvidos em todo o lado, Eminência — sussurrara o Professor —, e, com esses ouvidos, adquiri alguns conhecimentos. Com a sua ajuda, posso descobrir o esconderijo de uma relíquia

sagrada que lhe proporcionará um poder imenso... poder suficiente para fazer o Vaticano vergar perante o senhor. Poder suficiente para salvara Fé. — Fizera uma pausa. — Não apenas pela Opus Dei.

Por todos nós.

O Senhor o levou... e o Senhor o dá. Aringarosa sentira um glorioso raio de esperança.

— Explique-me o seu plano.

O bispo Aringarosa estava inconsciente quando as portas do St. Mary's Hospital se abriram com um silvo. Silas entrou cambaleando, delirante de exaustão. Deixando-se cair de joelhos no chão de lajes, gritou pedindo ajuda.

Todos que estavam na área da recepção ficaram olhando de boca aberta para aquele albino seminu que segurava nos braços estendidos, como que uma oferenda, o corpo ensanguentado de um padre.

O médico que ajudou Silas a estender o corpo do bispo numa maca fez um ar sombrio ao tatear o pulso de Aringarosa.

— Perdeu muito sangue. Não tenho grandes esperanças.

Aringarosa recuperou a consciência por um instante, os seus olhos piscaram,

procuraram Silas.

— Meu filho...

A alma de Silas trovejou de remorso e raiva.

— Pai, nem que me leve a vida toda, hei de encontrar aquele que nos enganou, e hei de matá-lo.

Aringarosa abanou a cabeça, com uma expressão triste, enquanto os enfermeiros se preparavam para levá-lo dali.

— Silas... se não aprendeu nada comigo, por favor... aprenda isto. — Pegou a mão de Silas e apertou-a com força. — O perdão é o maior dos dons de Deus.

— Mas, Pai...

Aringarosa fechou os olhos.

— Silas, você deve rezar.

C A P Í T U L O 101

Ali, sob a alta abóbada da Casa do Capítulo deserta, Robert Langdon tinha os olhos presos à arma que Leigh Teabing empunhava.

Robert, está comigo ou contra mim? As palavras do historiador da Royal British Academy ecoaram-lhe no silêncio do cérebro.

Não havia uma resposta certa, Langdon bem sabia. Se respondesse sim, estaria condenando Sophie. Se respondesse não, Teabing não teria alternativa senão matá-los.

Os anos que passara em salas de aula não lhe tinham dado qualquer habilidade relevante em matéria de confrontações que envolvessem armas, mas tinham-lhe, isso sim, ensinado alguma coisa a respeito de responder a perguntas paradoxais. Quando uma pergunta não tem uma resposta correta, só há uma maneira honesta de responder.

A área cinzenta entre sim e não.

Silêncio.

Langdon optou simplesmente por afastar-se, olhando para o criptex que tinha na mão. Sem nunca erguer os olhos, recuou para o vasto

espaço vazio da sala.

Terreno neutro. Esperou que a sua atenção concentrada no criptex sugerisse a Teabing que a colaboração podia ser uma opção, e que o seu silêncio dissesse a Sophie que não a tinha abandonado.

Enquanto ganho tempo para pensar.

Pensar, suspeitou Langdon, era exatamente o que Teabing queria que ele fizesse.

Foi por isso que me entregou o criptex. Para que eu pudesse sentir o peso da minha decisão. O historiador esperava que o contato do criptex do Grão-Mestre

levasse Langdon a perceber a verdadeira importância do seu conteúdo, exortando a curiosidade acadêmica a sobrepor-se a todos os outros sentimentos, obrigando-o a compreender que deixar de abrir a Chave de Abóbada equivaleria a perder a própria História.

Com Sophie sob a ameaça de uma arma do outro lado da sala, Langdon receou que descobrir a misteriosa senha do criptex fosse a única esperança que lhe restava de negociar a libertação dela. Se eu conseguir chegar ao mapa, Teabing negociará.

Forçando o cérebro a concentrar-se naquela crítica tarefa, dirigiu-se lentamente à janela mais distante... permitindo que a mente se enchesse das numerosas figuras astronômicas que decoravam o túmulo de Newton.

Procura o globo que no seu túmulo devia estar.

Ele fala de carne rosada e de um útero a germinar.

De costas voltadas para os outros, avançou até às altas janelas, em busca de inspiração nas figuras dos vitrais. Nada encontrou.

Meta-se na cabeça do Saunière, disse para si mesmo, olhando para fora, para o College Garden. Que consideraria ele ser o globo que

devia estar no túmulo de Newton?

Imagens de estrelas, cometas e planetas perpassaram entre a chuva que caía, mas Langdon ignorou-as. Saunière não era um homem de ciência. Era um homem da humanidade, da arte, da História. O sagrado feminino... o cálice... a Rosa... a banida.

Maria Madalena... o declínio da deusa... o Santo Graal.

A lenda sempre retratara o Graal como um a amante cruel, dançando na sombra perpetuamente no limite da visão, murmurando ao ouvido dos que a perseguiam, incitando-os a dar mais um passo para então desaparecer na bruma.

Ao olhar para as árvores do jardim que o vento agitava, Langdon sentiu a presença dela. Os sinais estavam por todo o lado. Como uma desafiadora silhueta a emergir do nevoeiro, a mais antiga macieira de Inglaterra ostentava as suas primeiras flores de cinco pétalas, todas brilhantes como Vênus. A deusa estava agora no jardim. Dançava na chuva, cantando as canções das eras, espreitando de trás dos ramos cheios de rebentos, como que a lembrar a Langdon que o fruto do conhecimento crescia próximo, mas mesmo assim fora, do

alcance dele.

Do outro lado da sala, Sir Leigh Teabing via, confiante, Langdon olhar pela janela, como que sob um feitiço. Exatamente como eu esperava, pensou. Há de chegar lá.

Havia já algum tempo que desconfiava que Langdon podia ser a chave para chegar ao Graal. Não fora por acaso que pusera o seu plano em ação na noite em que o americano devia encontrar-se com Jacques Saunière. Ao escutar as conversas do conservador, ficara certo de que o interesse de Saunière em encontrar-se particularmente com ele só podia significar uma coisa. O misterioso manuscrito do Langdon tocou um nervo no Priorado. Langdon tropeçou na verdade, e Saunière teme que ele a revele.

Tinha certeza de que o Grão-Mestre estava convocando-o para o silenciar.

A verdade já foi silenciada durante muito tempo.

Teabing sabia que tinha de agir rapidamente. O ataque de Silas atingiria dois objetivos. Impediria Saunière de convencer Langdon a manter-se calado, e garantiria que, quando a Chave de Abóbada estivesse em poder de Teabing, Langdon estaria em Paris e disponível para ser recrutado em caso de necessidade.

Arranjar o encontro fatal entre Saunière e Silas fora quase ridiculamente fácil.

Eu tinha informações confidenciais sobre os piores medos do Saunière. Na tarde anterior, Silas telefonara ao conservador do Louvre fazendo-se passar por um perturbadíssimo padre: “Monsieur Saunière, peço-lhe que me desculpe, mas preciso de falar consigo imediatamente. Nunca deveria violar a santidade do confessionário, mas neste caso, sinto que tenho de o fazer. Acabo de ouvir em confissão um homem que afirma ter assassinado membros da sua família”.

A resposta de Saunière fora de excitada prudência: “A minha família morreu em um acidente. O relatório da Polícia foi conclusivo”.

“Sim, um acidente de trânsito”, dissera Silas, iscando o anzol. “O homem com quem falei afirma ter forçado o carro deles a sair da estrada e cair em um rio”.

Saunière ficara calado.

“Monsieur Saunière, nunca teria lhe telefonado se este homem não tivesse feito um comentário que m e levou a temer pela sua segurança”. Silas fizera uma

pausa. “E falou também da sua neta, Sophie”.

A menção do nome de Sophie fora o catalisador. Jacques Saunière entrara em ação. Dissera a Silas que fosse imediatamente ter com ele ao lugar mais seguro de que conseguia lembrar-se: o seu próprio gabinete no Louvre. Depois, telefonara a Sophie para avisá-la de que talvez estivesse em perigo. A ideia de uma bebida com Robert Langdon fora instantaneamente posta de lado.

Agora, com Langdon separado de Sophie no outro extremo da sala, Teabing sentiu que tinha conseguido afastar os dois companheiros. Sophie Neveu continuava a desafiá-lo, mas Langdon tinha muito claramente uma visão mais ampla do problema. Estava tentando descobrir a senha. Compreende a importância de encontrar o Santo Graal e libertá-lo da prisão.

— Ele não vai abrir o criptex para você — disse Sophie, friamente. —

Mesmo que soubesse como.

Teabing estava olhando para Langdon ao mesmo tempo que mantinha a arma apontada para Sophie. Estava agora praticamente seguro de que ia ter de usar aquela arma. Embora a ideia o perturbasse, sabia que não hesitaria, se as coisas chegassem a esse ponto. Dei-lhe todas as oportunidades para agir da forma correta. O Graal é mais importante do que qualquer de nós.

Nesse instante, junto à janela, Langdon voltou-se para eles.

— O túmulo... — disse subitamente, com um ligeiríssimo brilho de esperança nos olhos. — Sei onde procurar no túmulo de Newton. Sim, acho que consigo encontrar a senha!

O coração de Teabing alvoroçou-se.

— Onde, Robert? Diga-me!

— Robert, não! — exclamou Sophie, horrorizada. — Não vai ajudá-lo, não é?

Langdon aproximou-se com passadas resolutas, segurando o criptex à sua frente.

— Não — disse, e os olhos dele endureceram ao voltarem-se para Teabing.

— Só depois que ele a deixar ir.

O otimismo de Teabing desvaneceu-se.

— Estamos tão perto, Robert. Não se atreva a jogar comigo!

— Não é nenhum jogo — respondeu Langdon. — Deixe-a ir, e eu vou com você até o túmulo de Newton. Abriremos o criptex juntos.

— Não vou a parte nenhuma — declarou Sophie, com os olhos semicerrados de raiva. — O meu avô me deu o criptex. Não é seu, não tem o direito de abri-lo.

Langdon voltou-se para ela.

— Sophie, por favor — disse, num tom que denotava receio. Está em perigo.

Estou tentando ajudá-la!

— Como? Revelando o segredo que o meu avô morreu tentando proteger?

Ele confiou em você, Robert. Eu confiei em você!

Os olhos azuis de Langdon mostravam pânico, e Teabing não pôde deixar de sorrir ao ver como os dois se voltavam um contra o outro. As tentativas de Langdon de ser galante eram mais patéticas do que qualquer outra coisa. A um passo de desvendar um dos maiores segredos da História, e preocupa-se com uma mulher que provou ser indigna da procura.

— Sophie — suplicou Langdon. — Por favor... tem de ir.

Ela abanou a cabeça.

— Não, a menos que me entregue o criptex ou o atire ao chão.

— O quê? — engasgou-se Langdon.

— Robert, meu avô preferiria saber o seu segredo perdido para sempre a vê-lo nas mãos deste assassino. — Sophie parecia à beira das lágrimas, mas não chorou. Olhou diretamente para Teabing. — Mate-me, se é isso que quer. Mas não deixarei o legado do meu avô nas suas mãos.

Muito bem. Teabing apontou a arma.

— Não! — gritou Langdon, erguendo o braço e segurando precariamente o criptex acima do duro chão de pedra. — Leigh, se pensar nisso, deixo o criptex cair.

Teabing riu.

— Isso deu certo com o Rémy, mas comigo não. Eu o conheço melhor, Robert.

— Acha que sim, Leigh?

Sim, acho. Essa cara de poquer precisa de mais trabalho, meu amigo. Precisei de vários segundos, mas agora vejo que está mentindo. Não faz a mínima ideia de onde, no túmulo de Newton, encontrar a resposta.

— Palavra, Robert? Sabe onde procurar, no túmulo?

— Sei.

A hesitação nos olhos de Langdon foi mais do que fugaz, mas Teabing notou-a.

Havia uma mentira ali. Uma tentativa desesperada, patética, de salvar Sophie.

Teabing sentiu-se profundamente desapontado.

Sou um cavaleiro solitário, rodeado por almas indignas. E vou ter de decifrar sozinho o mistério da Chave de Abóbada.

Langdon e Neveu só constituíam uma ameaça, para ele e para... o Graal. Por muito dolorosa que a solução fosse, sabia que ia ser capaz de aplicá-la com uma consciência tranquila. O único desafio ia ser convencer Langdon a pousar o criptex, para poder resolver tranquilamente aquela charada.

— Uma prova de boa-fé — disse Teabing, baixando a arma. — Pouse a Chave de Abóbada, e falaremos.

Langdon soube que a sua mentira falhara. Viu a sombria resolução no rosto de Teabing e soube que o momento chegara. Quando eu pousar isto, ele nos matará.

Mesmo sem olhar para Sophie, ouvia o coração dela a suplicar-lhe num desespero silencioso. Robert, este homem não é digno do Graal. Por favor, não o entregue. Seja qual for o preço a pagar.

Robert já tomara a sua decisão vários minutos antes, enquanto permanecera sozinho diante da alta janela sobranceira ao jardim.

Proteger Sophie. Proteger o Graal.

Quase gritara em desespero. Mas não estou vendo como!

Os negros momentos de desespero tinham trazido consigo uma clareza de pensamento como nunca conhecera. A verdade está diante dos teus olhos, Robert. Não soube de onde lhe veio a epifania. O Graal não está zombando de você. Está chamando uma alma digna.

Agora, dobrando-se pela cintura, como um servidor, diante de Leigh Teabing, Langdon baixou o criptex até poucos centímetros do chão de pedra.

— Isso, Robert — murmurou Teabing, apontando a arma para ele. — Pouse-o no chão.

Langdon ergueu os olhos para o céu, para o enorme vazio sob a abóbada da Casa do Capítulo. Inclinando-se um pouco mais, baixou-os para a arma que Teabing lhe apontava.

— Lamento, Leigh.

Em um movimento fluido, endireitou-se, projetando o braço para cima, lançando o criptex na direção da abóbada.

Leigh Teabing não sentiu o seu próprio dedo apertar o gatilho, mas a arma disparou com um estrondo ensurdecedor. A forma agachada de Langdon estava agora de pé, quase no ar, e a bala explodiu no chão junto aos pés dele. Metade do cérebro de Teabing tentou ajustar a pontaria e voltar a disparar, movido pela raiva, mas a metade mais forte puxou-lhe os olhos para cima, para a cúpula.

Chave de Abóbada!

O tempo pareceu se imobilizar, transformando-se em um sonho em câmara-lenta de todo o mundo de Teabing elevando-se nos ares com aquele cilindro de pedra. Viu-o atingir o ápice da sua subida... pairar por um instante no vazio... e então começar a cair, às cambalhotas, em direção às lajes do chão.

Todos os sonhos e esperanças de Teabing se precipitavam para o solo. Não pode bater no chão! Eu consigo apanhá-lo! O corpo de Teabing reagiu por instinto. Largou a arma e saltou para a frente, deixando cair as muletas enquanto estendia as mãos macias e manicuradas. Esticando os braços dos ombros às pontas dos dedos, apanhou a Chave de Abóbada em pleno ar.

Ao cair para a frente com a Chave de Abóbada vitoriosamente segura em uma mão, Teabing soube que estava caindo muito depressa. Sem nada que lhe travasse a queda, os braços

estendidos foram os primeiros a bater, e o criptex colidiu violentamente com o chão.

Houve um som arrepiante de vidro partindo-se.

Durante um segundo inteiro, Teabing não respirou. Deitado de bruços no chão gelado, olhando ao longo dos braços estendidos para o cilindro de ônix que segurava nas mãos nuas, implorou que a ampola de vidro escondida no interior tivesse resistido. Então, o cheiro acre do vinagre encheu o ar, e Teabing sentiu o líquido escorrer por entre os anéis para as palmas das suas mãos.

Em pânico selvagem apoderou-se dele. NÃO! O vinagre escorria, e Teabing imaginou o papiro dissolvendo-se. Robert, louco maldito! O segredo se perdeu!

Teabing deu por si a chorar incontrolavelmente. O Graal desapareceu. Está tudo perdido. Tremendo de incredulidade, tentou abrir o cilindro à força, na ânsia de captar um fugaz vislumbre da História antes que desaparecesse para

todo o sempre. Ficou estupefato quando, ao puxar pelas extremidades opostas, o cilindro se abriu.

Incapaz de respirar, espreitou lá para dentro. Estava vazio, excetuando os cacos de vidro partido. Não havia qualquer papiro dissolvendo-se. Teabing rolou sobre si mesmo e olhou para Langdon. Ao lado dele, Sophie lhe apontava o revólver.

Confuso, olhou para o cilindro, e então viu. Os anéis já não estavam alinhados ao acaso. Formavam uma palavra de cinco letras. APPLE.

— O globo que Eva partilhou — disse Langdon, friamente —, incorrendo na ira divina.

O pecado original. O símbolo da queda do sagrado feminino.

Teabing sentiu a verdade bater sobre ele com dilacerante austeridade. O globo que devia estar no túmulo de Newton só podia ser a maçã que caíra do céu, atingira Newton na cabeça e inspirara toda a obra da sua vida. O fruto do seu labor! A carne rosada com um útero a germinar!

— Robert — gaguejou Teabing, destroçado. — Abriu-o. Onde... está o mapa?

Sem pestanejar, Langdon enfiou a mão no bolso interior do casaco de tweed e, com todo o cuidado, tirou de lá um delicado rolo de papiro. A poucos passos do lugar onde Teabing jazia estendido, desenrolou o rolo e olhou para ele. Ao cabo de alguns instantes, um sorriso de compreensão distendeu-lhe as feições.

Ele sabe! O coração de Teabing ansiava por aquele conhecimento. O sonho de uma vida inteira estava ali, à sua frente.

— Diga-me! — pediu. — Por favor. Oh, Deus, por favor! Não é muito tarde!

Enquanto o som de passos pesados ecoava no corredor a caminho da Casa do Capítulo, Langdon voltou calmamente a enrolar o papiro e a guardá-lo no bolso.

— Não! — gritou Teabing, tentando em vão colocar-se de pé.

Quando a porta se abriu, indo bater com estrondo na parede, Bezu Fache irrompeu na sala como um touro na arena, os olhos ferozes procurando, encontrando o seu alvo — Leigh Teabing — caído impotente no chão. Com um suspiro de alívio, Fache devolveu ao coldre axilar o seu revólver Manurhin e voltou-se para Sophie.

— Agente Neveu, ainda bem que você e o senhor Langdon estão a salvo.

Deviam ter se apresentado quando lhes pedi.

Os agentes da Polícia britânica apareceram atrás de Fache, arrastando e algemando o angustiado prisioneiro.

Sophie parecia espantada por ver Fache.

— Como foi que nos encontrou?

Fache apontou para Teabing,

— Cometeu o erro de identificar-se quando entrou na abadia. Os guardas souberam pela rádio que estávamos à procura dele.

— Está no bolso do Langdon! — gritava Teabing, como um possesso. — O

mapa do Santo Graal!

Enquanto os polícias o levantavam do chão e o levavam, torceu a cabeça para trás e gritou:

— Robert! Diga-me onde está escondido!

Quando Teabing passou por ele, Langdon olhou-o nos olhos e disse:

— Só os que disso são dignos encontram o Graal, Leigh. Foi você que me ensinou.

C A P Í T U L O 102

Um espesso manto de névoa envolvia os Kensington Gardens quando Silas, coxeando, procurou refúgio em um recôndito entre os arbustos. Ajoelhado na erva molhada, s entia o sangue quente jorrando-lhe do buraco que a bala lhe abrira no peito, abaixo das costelas. Mas continuou olhando fixamente em frente.

O nevoeiro fazia aquele lugar parecer o paraíso.

Ao erguer as mãos ensanguentadas para rezar, viu a chuva acariciar-lhe os dedos, tornando-os novamente brancos. À medida

que as gotas lhe caíam, cada vez mais pesadas, sobre as costas e os ombros, sentiu o corpo desaparecer pedaço a pedaço na bruma.

Sou um fantasma.

Uma brisa passou por ele, transportando consigo o cheiro úmido e terroso de uma nova vida. com todas as célulasdo seu corpo alquebrado, Silas rezou. Rezou pedindo perdão. Rezou pedindo misericórdia. E, acima de tudo, rezou pelo seu mentor... o bispo Aringarosa... para que Deus não o levasse antes de tempo. Tem ainda tanto que fazer.

O nevoeiro revoluteava agora à volta dele, e Silas sentia-se tão leve que teve certeza de que os fiapos o levariam para longe. Fechando os olhos, rezou uma última oração.

Em algum lugar do meio da névoa, a voz de Manuel Aringarosa sussurrou-lhe:

“O nosso Deus é um Deus bom e misericordioso”.

A dor de Silas começou finalmente a desvanecer-se, e ele soube que o bispo tinha razão.

C A P Í T U L O 103

A tarde chegava ao fim quando o Sol rompeu por entre as nuvens e a cidade começou a secar. Bezu Fache sentia-se esgotado, quando saiu da sala de interrogatórios e fez sinal a um táxi. Sir Leigh Teabing proclamara vociferantemente a sua inocência, e no entanto, pelas suas incoerentes divagações a respeito do Santo Graal, documentos secretos e irmandades misteriosas, Fache suspeitava de que o astuto historiador estava preparando o palco para uma alegação de insanidade mental.

Pois, pensou Fache. Louco. Teabing dera provas de uma engenhosa precisão na forma como formulara um plano que protegia passo-a-passo a sua inocência.

Explorara o Vaticano e a Opus Dei, duas entidades que tinham acabado por revelar-se completamente inocentes. O trabalho sujo fora feito por um monge fanático e um bispo desesperado, que não sabiam para quem trabalhavam nem o que estava acontecendo na verdade. Mais inteligentemente ainda, situara o seu posto de escuta eletrônica no único lugar da casa onde um homem que tinha sofrido de poliomielite nunca poderia chegar. A vigilância fora levada a cabo pelo mordomo, Rémy o único que conhec ia a verdadeira identidade de Teabing e que agora aparecera convenientemente morto em consequência de uma reação alérgica.

A informação transmitida por Collet a partir de Château Villette sugeria que Teabing era tão refinadamente astuto que o próprio Fache teria alguma cois a a aprender com ele. Para instalar aparelhos de escuta em alguns dos mais poderosos gabinetes de Paris, o historiador britânico imitara os Gregos. Cavalos de Troia. Alguns dos seus alvos recebiam como oferta magníficas obras de arte, outros licitavam, sem saberem o que estavam comprando, em leilões onde ele colocara lotes específicos. No caso de Saunière, o conservador fora convidado

para jantar em Château Villette a fim de discutir a possibilidade de financiamento uma nova Ala da Vinci no Louvre. O convite incluía um inócuo pós-escrito em que o inglês manifestava o seu fascínio por um cavaleiro medieval francês robotizado que, segundo se dizia, Saunière teria construído.

Traga para o jantar, sugeria Teabing. Aparentemente, Saunière fizera isso mesmo e deixara o cavaleiro sozinho tempo suficiente para que Rémy Legaludec lhe fizesse uma inconspícua adição.

Agora, sentado no banco traseiro do táxi, Fache fechou os olhos. Mais uma coisa a tratar antes de regressar a Paris.

A sala de recobro do St. Mary’s Hospital estava cheia de sol.

— Impressionou a todos nós — disse a enfermeira, sorrindo-lhe. — Foi um autêntico milagre.

O bispo Aringarosa esboçou um débil sorriso.

— Sempre fui abençoado.

A enfermeira saiu, deixando-o sozinho. A tépida luz do Sol era como uma agradável carícia no rosto de Aringarosa. A noite anterior fora a mais negra da sua vida.

Pensou tristemente em Silas, cujo corpo fora encontrado no parque.

Por favor, perdoe-me, meu filho.

Aringarosa desejara ardentemente que Silas fizesse parte do seu glorioso plano.

Na noite anterior, porém, recebera um telefonema de Bezu Fache, questionando-o a respeito da sua aparente ligação com uma monja que fora assassinada em Saint-Sulpice.

Compreendera então que tudo correra horrivelmente mal. E a notícia dos quatro outros assassínios transformara o seu horror em angústia. Silas, o que foi que fez! Incapaz de contatar o Professor, soubera que fora posto de lado. Usado.

A única maneira de travar a horrível sequência de acontecimentos que ajudara a desencadear era confessar tudo a Fache e, a partir desse momento, o capitão e o bispo tinham tentado encontrar Silas antes que o Professor o convencesse a voltar a matar.

Exausto até à medula, Aringarosa fechou os olhos e ouviu na televisão a notícia da detenção de um proeminente cavaleiro britânico, Sir Leigh Teabing. O

Professor exposto a nu aos olhos de todos. Teabing soubera da intenção do Vaticano de desligar-se da Opus Dei. E escolhera Aringarosa como o peão perfeito para a execução do seu plano.

Afinal, quem mais provavelmente correria às cegas atrás do Santo Graal do que um homem como eu, com tudo a perder? O Graal

conferiria um poder enorme a quem o possuísse.

Leigh Teabing escondera matreiramente a sua identidade — fingindo um sotaque francês e um coração piedoso e pedindo como pagamento a única coisa que não precisava: dinheiro. Em Aringarosa, a ambição não deixara lugar para a desconfiança. O preço, vinte milhões de euros , parecera uma ninharia em comparação ao prêmio — o Santo Graal —, e o pagamento da dívida do Vaticano à Opus Dei facilitara o acordo financeiro. Os cegos veem o que querem ver. O derradeiro insulto de Teabing fora, claro, a exigência de que o pagamento fosse feito em títulos do Vaticano, de modo que se alguma coisa corresse mal, a investigação conduzisse a Roma.

— Alegra-me ver que está bem, monsenhor.

Aringarosa reconheceu a voz áspera que soou à porta, mas o rosto foi uma surpresa — feições duras, poderosas, cabelos lustrosos penteados para trás, um pescoço de touro que parecia revoltar-se contra o aperto do terno escuro.

— Capitão Fache? — perguntou. A compaixão e cuidado que o capitão demonstrara em relação à situação dele na noite anterior tinham conjurado imagens de um exterior bem mais gentil.

O capitão aproximou-se da cama e pousou em cima de uma cadeira uma maleta preta, que parecia pesada.

— Creio que isto lhe pertence.

Aringarosa olhou para a maleta, cheia de títulos do Vaticano, e desviou imediatamente o olhar, sentindo apenas vergonha.

— Sim... obrigado. — Fez uma pausa, enquanto passava os dedos pela costura do lençol, e então continuou — Capitão, pensei muito nisto, e preciso pedir-lhe um favor.

— Com certeza.

— As famílias daqueles que Silas... — Voltou a calar-se, engolindo a emoção.

— Sei que dinheiro nenhum poderia ser compensação suficiente, e no entanto, se

me fizesse o favor de distribuir o conteúdo dessa mala por eles... os familiares dos que foram mortos.

Os olhos escuros de Fache estudaram-no por um longo momento.

— Um gesto virtuoso, monsenhor. Me certificarei que se fará conforme deseja.

Um silêncio pesado instalou-se entre eles. Na televisão, um agente da polícia francesa estava sendo entrevistado diante de uma luxuosa mansão.

— Tenente Collet — perguntava um jornalista da BBC, em tom acusador —, a noite passada, o seu capitão acusou publicamente dois inocentes de assassinato. Pensa que Robert Langdon e Sophie Neveu vão exigir reparações do seu Departamento? Julga que este caso significou o fim da carreira do capitão Fache?

O sorriso do tenente Collet foi cansado mas calmo.

— A experiência me diz que o capitão Bezu Fache só muito raramente comete erros. Ainda não falei com ele a respeito deste assunto, mas, sabendo como funciona, suspeito que a acusação pública contra a agente Neveu e o senhor Langdon fez parte de uma tática para chegar ao verdadeiro assassino.

Os jornalistas trocaram olhares surpresos.

— Se o senhor Langdon e a agente Neveu foram ou não participantes voluntários da armadilha, é algo que ignoro — continuou o tenente Collet. — O

capitão Fache tem uma marcada tendência para não divulgar os seus métodos mais criativos. Tudo o que posso confirmar, neste momento, é que o capitão deteve o verdadeiro responsável e que o senhor Langdon e a agente Neveu estão inocentes e em segurança.

Fache tinha um ligeiro sorriso nos lábios quando se voltou para Aringarosa.

— Um bom elemento, aquele Collet.

Decorreram vários segundos. Finalmente, Fache passou a mão pela testa, alisando os cabelos e olhou para Aringarosa.

— Monsenhor, antes de regressar a Paris, há uma última questão que gostaria de discutir... A sua imprevista visita a Londres. Subornou o piloto para alterar o rumo. Ao fazê-lo, violou várias leis internacionais.

Aringarosa afundou na cama.

— Estava desesperado.

— Sim. Tal como o piloto, quando os meus homens o interrogaram. — Fache meteu a mão no bolso e tirou de lá um anel de ouro com uma ametista púrpura e uma aplicação em forma de mitra e báculo.

Aringarosa sentiu as lágrimas correrem-lhe pelas facesenquanto aceitava o anel e o enfiava no dedo.

— É uma grande generosidade. — Agarrou a mão de Fache e apertou-a. —

Obrigado.

Fache agitou a mão, como que minimizando o gesto, e, aproximando-se da janela, ficou olhando para a cidade, com os pensamentos claramente muito longe dali.

Quando se voltou, havia nele um ar de incerteza.

— Monsenhor, para onde vai agora?

Exatamente a mesma pergunta que lhe tinham feito na noite anterior, quando se preparava para sair de Castel Gandolfo.

— Suspeito de que o meu caminho vai ser tão incerto como o seu.

— Sim. — Fache fez uma pausa. — Julgo que vou me aposentar mais cedo do que esperava.

Aringarosa sorriu.

— Um pouco de fé faz obras maravilhosas, capitão. Um pouco de fé.

C A P Í T U L O 104

Rosslyn Chapel — com frequência chamada “a Catedral dos Códigos”

— ergue-se dez quilômetros a sul de Edimburgo, na Escócia, no local de um antigo templo mitraico.

Construída pelos Cavaleiros do Templo, em 1446, a capela está coberta de uma estonteante profusão de símbolos ligados às tradições judaica, cristã, egípcia e maçonica.

As coordenadas geográficas do templo coincidem exatamente com o meridiano que passa por Glastonbury, a Linha da Rosa longitudinal que marca tradicionalmente a ilha de Avalon do rei Artur e é considerada o pilar central da geometria sagrada britânica.

Foi desta Linha da Rosa sagrada que Rosslyn — originariamente escrevia-se Roslin — recebeu o nome.

As recortadas torres projetavam longas sombras vespertinas quando Langdon e Sophie pararam o carro alugado na ervosa área de estacionamento junto à base da elevação no topo da qual a capela se erguia. O curto voo de Londres até Edimburgo fora

repousante, embora nenhum dos dois tivesse dormido, excitados como estavam pela expectativa que os aguardava. Ao olhar para o austero edifício recortado contra um céu riscado por nuvens, Langdon sentiu-se como Alice caindo de cabeça na toca do coelho.

Deve ser um sonho. E no entanto, sabia que o texto da última mensagem de Jacques

Saunière não podia ter sido mais específico.

The Holy Grail neath ancient Roslin waits.

O Santo Graal sob a antiga Roslin espera. Langdon imaginara o "mapa do

Graal" como um diagrama, um desenho com um "X-marca-o-lugar", mas o derradeiro segredo do Priorado fora revelado na mesma linguagem que Jacques Saunière usara para falar com eles desde o princípio. Simples versos. Quatro linhas muito explícitas que apontavam sem a menor dúvida para aquele lugar.

Além de identificar Rosslyn pelo nome, os versos referiam várias das mais famosas características arquiteturais da capela.

A despeito da clareza da revelação final de Saunière, Langdon ficara sentindo-se mais desorientado do que esclarecido. Rosslyn Chapel parecia-lhe uma localização excessivamente óbvia. Durante séculos, a capela de pedra ecoara com murmúrios da presença do Santo Graal. Murmúrios que tinham se transformado em gritos quando, em décadas recentes, pesquisas feitas com ondas de radar capazes de penetrar o solo tinham revelado a existência de uma surpreendente estrutura por baixo da capela — uma vasta câmara subterrânea.

Este enorme cofre escavado na rocha era não só muito maior do que a capela que o encimava, como parecia não ter entrada ou saída. Os arqueólogos tinham de imediato começado a pedir autorização para abrir caminho através da rocha, à força de

explosivos, até à misteriosa câmara, mas a Comissão Zeladora de Rosslyn proibira especificamente qualquer escavação no local sagrado. O que, claro, só viera colocar lenha na fogueira da especulação. Que estaria a Comissão tentando esconder?

Rosslyn tornara-se, assim, um local de peregrinação para os caçadores de mistérios. Uns afirmavam ser atraídos pelo poderoso campo magnético que emanava

inexplicavelmente

daquelas

coordenadas,

outros

diziam-se

empenhados em procurar no flanco da colina entradas escondidas para a câmara subterrânea, mas a maior parte reconhecia ter ido simplesmente para perambular pelo local e impregnar-se da tradição do Santo Graal.

Apesar de nunca antes ter estado em Rosslyn, Langdon ria sempre que ouvia a capela referida como o atual esconderijo do Santo Graal. Admitia que Rosslyn podia em dado momento ter albergado o Graal, há muito tempo... mas com toda certeza não no presente. A capela atraíra muita atenção nas últimas décadas e, mais cedo ou mais tarde, alguém acabaria por descobrir a entrada para a cripta.

Todos os verdadeiros acadêmicos do Graal estavam de acordo que Rosslyn era um engodo — um dos muitos ilusórios becos sem saída que o Priorado tão bem sabia inventar. Naquela noite, porém, com a Chave de Abóbada do Priorado

oferecendo uns versos que apontavam diretamente para aquele lugar, Langdon não se sentia assim tão seguro. Uma pergunta

perplexa andara circulando pela cabeça durante todo o dia: Porque teria Jacques Saunière se dado a tanto trabalho para guiar-nos até uma localização tão óbvia? Parecia haver apenas uma resposta lógica. Há qualquer coisa a respeito de Rosslyn que ainda não compreendemos.

— Robert? — Sophie estava de pé ao lado do carro, olhando para ele. — Não vem? — Tinha nas mãos a caixa de roseira, que o capitão Fache lhes devolvera.

Dentro da caixa, os dois criptex tinham sido remontados e recolocados na posição original. O papiro com os versos estava seguro dentro do menor... sem a ampola de vinagre.

Na subida do longo caminho, Langdon e Sophie passaram pela famosa parede ocidental do templo. Os visitantes de acaso assumiam que aquela parede estranhamente sobressaída correspondia a uma seção da capela que nunca chegara a ser acabada. A verdade, recordou Langdon, era muito mais intrigante.

A parede ocidental do Templo de Salomão.

Os Templários tinham concebido Rosslyn Chapel segundo o plano exato do Templo de Salomão em Jerusalém — com um muro ocidental, um estreito santuário retangular e uma cripta subterrânea semelhante ao Santo dos Santos, onde os nove cavaleiros originais tinham encontrado o seu precios o tesouro.

Havia, Langdon tinha de admiti-lo, uma intrigante simetria na ideia de os Templários construírem um moderno repositório do Graal que replicava o esconderijo original.

A entrada de Rosslyn Chapel era mais modesta do que Langdon esperara. A pequena porta de madeira tinha dois gonzos de ferro e uma simples tabuleta de carvalho com a palavra:

ROSLIN

A antiga caligrafia, explicou Langdon a Sophie, derivava da Linha da Rosa, ou meridiano, que passava exatamente pela capela; ou, como os acadêmicos do Graal preferiam pensar, de “Linha de Rosa” a linhagem ancestral de Maria Madalena.

A capela não tardaria a fechar e, quando Langdon empurrou a porta, uma lufada de ar quente escapou do interior, como se o velho edifício suspirasse de

cansaço ao fim de um longo dia. Os arcos da entrada estavam cobertos de potentilas gravadas.

Rosas. O útero da deusa.

Ao entrar com Sophie, Langdon deixou o olhar espraiar-se pelo santuário, abarcando-o no seu conjunto. Apesar de ter lido numerosas descrições das intricadas esculturas de Rosslyn, vê-las pessoalmente era uma experiência avassaladora.

O paraíso da simbologia, chamara um colega à capela.

Todo o interior do templo estava coberto de símbolos esculpidos — cruzes cristãs, estrelas judaicas, selos maçônicos, cruzes de braços iguais, cornucópias, pirâmides, signos astrológicos, plantas, pentáculos e rosas. Os Cavaleiros do Templo tinham sido grandes construtores, erguendo igrejas por toda a Europa, mas Rosslyn era considerada a sua mais sublime obra de amor e veneração. Os mestres canteiros não tinham deixado uma pedra por lavrar. Rosslyn Chapel era um santuário dedicado a todas as fés... a todas as tradições... e, acima de tudo, à natureza e à deusa.

O templo estava deserto, com exceção de um pequeno grupo de turistas que escutavam as explicações de um jovem cicerone na última visita guiada do dia.

O jovem conduzia-os em fila indiana ao longo de um percurso bem conhecido

— um caminho invisível que ligava seis pontos de interesse arquitetônico especial. Gerações de visitantes tinham acabado por gravar no chão, com milhões de passos, um enorme símbolo.

A Estrela de David, pensou Langdon. E não é por coincidência. Também conhecido como Selo de Salomão, o hexagrama fora em tempos, o símbolo secreto dos sacerdotes que dedicavam a vida à contemplação das estrelas, sendo posteriormente adotado pelos reis israelitas: David e Salomão.

O jovem cicerone vira Langdon e Sophie entrar e, apesar de serem quase a hora de fechar, dirigira-lhes umagradável sorriso e fizera-lhes sinal para que ficassem à vontade. Langdon respondeu com um aceno de agradecimento e internou-se mais no santuário. Sophie, porém, ficou como que pregada à entrada, com uma expressão confusa no rosto.

— Que foi? — perguntou Langdon.

Sophie estava olhando para a capela.

— Acho... que já estive aqui.

— Mas me disse que nunca tinha sequer ouvido falar de Rosslyn! —

espantou-se Langdon.

— E não tinha... — Sophie estava olhando em redor, parecendo insegura. —

O meu avô deve ter me trazido aqui quando eu era muito pequena. Não sei.

Parece-me familiar. — À medida que os seus olhos percorriam o templo, ia acenando com mais convicção. — Sim. Apontou para o fundo do santuário. —

Aqueles dois pilares... Já os vi.

Langdon olhou para as duas colunas intricadamente esculpidas no extremo mais distante da capela. O branco entrelaçado das suas gravuras parecia brilhar com uma incandescência avermelhada sob os últimos raios de sol que entravam pela janela ocidental. Os pilares — situados no lugar onde normalmente estaria o altar — formavam um estranho par. O da esquerda era entalhado por simples linhas verticais, enquanto o da direita se apresentava ornamentado por uma elaborada espiral florida.

Sophie já ia aproximar-se deles. Langdon apertou o passo para alcançá-la e, quando chegaram junto das colunas, Sophie acenava com um ar de incredulidade.

— Sim, tenho certeza absoluta de que já os tinha visto!

— Não duvido que os tenha visto — disse Langdon —, mas não foi necessariamente aqui.

Ela se voltou.

— Que quer dizer com isso?

— Estes dois pilares são as estruturas arquitetônicas mais copiadas da História. Há réplicas deles espalhadas pelo mundo todo.

— Réplicas de Rosslyn? — Sophie parecia cética.

— Não. Dos pilares. Lembra-se de eu lhe ter dito que Rosslyn é uma cópia do Templo de Salomão? Esses dois pilares são réplicas exatas dos que se erguiam no topo do Templo. — Langdon apontou para o pilar da esquerda. — Aquele chama-se Boaz... ou o Pilar do Maçon. O outro chama-se Jachin... ou o Pilar do Aprendiz. Fez uma pausa. — Na realidade, praticamente todos os templos maçônicos do mundo têm dois pilares como estes.

Langdon já tinha lhe explicado as fortes ligações históricas dos Templários às

modernas sociedades secretas maçônicas, cujos graus primários — Aprendiz Franco-maçon, Companheiro Franco-maçon o e Mestre Maçon — remontavam aos primeiros tempos dos Templários. A última quadra do avô de Sophie fazia uma referência explícita aos Mestres Pedreiros que tinham decorado Rosslyn com as suas gravuras artísticas.

Falava também do teto central da capela, coberto de gravuras de estrelas e de planetas.

— Nunca entrei em um templo maçônico — disse Sophie, ainda olhando para os pilares. — Tenho quase certeza de que os vi aqui. — Voltou-se para estudar o resto da capela, como que à procura de qualquer outra coisa que lhe avivasse a memória.

Os outros visitantes estavam saindo, e o cicerone atravessava a capela na direção deles com um simpático sorriso. Era um jovem atraente, no fim da casa dos vinte, que falava com um forte sotaque escocês e tinha cabelos louros com um toque de vermelho.

— Estava me preparando para fechar por hoje. Posso ajudá-los a encontrar alguma coisa?

E se fosse o Santo Graal? Langdon teve vontade de dizer.

— O código — exclamou Sophie, numa súbita revelação. — Há aqui um código!

O cicerone pareceu contente com o entusiasmo dela.

— É verdade que sim, minha senhora.

— Está no teto — continuou Sophie, voltando-se para a parede do lado direito. — Em algum lugar... ali.

O jovem sorriu.

— Vejo que não é a primeira vez que vem a Rosslyn.

O código, pensou Langdon. Esquecera-se desse pequeno pedaço de lenda.

Entre os muitos mistérios de Rosslyn, havia um arco abobadado do qual sobressaíam centenas de blocos de pedra, formando uma estranha superfície multifacetada. Cada bloco tinha um símbolo gravado, aparentemente ao acaso, criando um código de proporções inimagináveis. Havia quem afirmasse que revelava a entrada para a cripta escavada por baixo da capela. Outros diziamque contava a verdadeira história do Graal. Não que tivesse qualquer importância —

havia séculos que gerações de criptólogos tentavam desvendar-lhe o significado.

A Comissão Zeladora de Rosslyn continuava a oferecer um generoso prêmio em dinheiro a quem conseguisse descobrir-lhe o signific ado secreto, mas ainda ninguém se apresentara para cobrá-lo.

— Terei muito gosto em mostrar-lhe...

A voz do cicerone esmoreceu e calou-se.

O meu primeiro código, pensou Sophie, avançando sozinha, em transe, para o arco codificado. Tendo entregado a caixa de roseira a Langdon, sentiu que podia esquecer momentaneamente tudo a respeito do Santo Graal, do Priorado de Sião e de todos os mistérios do dia anterior. Quando chegou debaixo do arco e viu os símbolos, as recordações voltaram em catadupa. Estava recordando a primeira visita que fizera e, estranhamente, as memórias conjuraram uma inesperada tristeza.

Era uma garotinha... cerca de um ano depois do acidente em que tinha morrido toda a sua família. O avô levara-a à Escócia para umas curtas férias.

Tinham ido ver Rosslyn Chapel antes de voltarem a Paris. Era fim de tarde, e a capela estava fechada.

Mas eles continuavam lá dentro.

— Podemos ir para casa, Grand-pêre. — pediu Sophie, sentindo-se cansada.

— Vamos já, querida. — A voz do avô estava carregada de melancolia. — Há uma última coisa que tenho de fazer. E se esperasse no carro?

— Vai fazer outra coisa de gente grande?

Ele assentiu.

— Não demoro. Prometo.

— Posso voltar a fazer o código do arco? Foi divertido.

— Não sei. Preciso ir lá fora. Não tem medo de ficar aqui sozinha?

— Claro que não! — respondeu ela, com um ar ofendido. — Ainda nem sequer está escuro!

Ele sorriu.

— Muito bem, então. — E levou-a até ao ornamentado arco que lhe mostrara minutos antes.

Sophie deitou-se imediatamente de costas no chão de pedra e pôs-se a olhar para o quebra-cabeças lá em cima.

— Vou decifrar este código antes de você voltar!

— É uma corrida, então. — O avô inclinou-se, beijou-a na testa e afastou-se em direção à porta lateral. — Estou lá fora. Vou deixar a porta aberta. Se precisar de mim, chame. — E saiu para a suave luz do entardecer.

Sophie ficou estendida no chão, olhando para o código. As pálpebras começaram a pesar-lhe. Ao cabo de alguns minutos, os símbolos tornaram-se confusos, baralharam-se. E então desapareceram.

Quando acordou, Sophie sentiu o frio da pedra nas costas.

— Grand-père?

Não houve resposta. Pondo-se de pé, sacudiu as roupas. A porta lateral continuava aberta. A tarde escurecia. Saiu da capela e viu o avô de pé à porta de uma casa de pedra rústica, próxima dos fundos do templo, um pouco mais abaixo. Estava falando com uma pessoa que mal se via, do outro lado de uma porta de rede.

— Grand-père? — chamou.

O avô voltou-se e acenou-lhe, fazendo-lhe sinal para esperar onde estava.

Então, lentamente, trocou mais algumas palavras com a pessoa que estava dentro de casa e soprou um beijo na direção da porta de rede. Quando voltou para junto de Sophie, tinha lágrimas nos olhos.

— Porque está chorando, grand-père.

Ele pegou-lhe na mão e apertou-lhe.

— Oh, Sophie, você e eu dissemos adeus a muitas pessoas este ano. É duro.

Sophie pensou no acidente, em dizer adeus à mãe e ao pai, à avó e ao irmão mais novo.

— Estava dizendo adeus a outra pessoa?

— A uma amiga muito querida que amo muito — respondeu ele, com a voz pesada de emoção. — E que receio não voltar a ver por muitos, muitos anos.

Acompanhado pelo jovem cicerone, Langdon estivera examinando as paredes da capela, sentindo crescer a incômoda sensação de que tinha chegado a um beco sem saída. Sophie afastara-se para ir ver o código, deixando-lhe a caixa de roseira onde estava guardado um mapa do Graal que cada vez mais parecia não ser de grande ajuda.

Embora o poema de Saunière indicasse claramente Rosslyn, Langdon não

sabia muito bem o que fazer agora que tinha chegado ali. O poema falava de

“uma lâmina e um cálice” que Langdon não via em parte nenhuma.

O Santo Graal sob a antiga Roslin espera.

Com a lâmina e o cálice montando guarda severa.

Mais uma vez, Langdon sentiu que uma faceta daquele mistério ainda não se revelara.

— Não me leve a mal — disse o jovem cicerone, olhando para a caixa de roseira que Langdon segurava —, mas, essa caixa... posso perguntar-lhe onde a arranjou?

Langdon riu, com um ar cansado.

— Oh, é uma história excepcionalmente longa.

O jovem hesitou, voltando a olhar para a caixa.

— É uma coisa estranhíssima... a minha avó tem uma caixa exatamente igual a essa. Também de roseira polida, a mesma rosa embutida, até as dobradiças parecem iguais.

Langdon sabia que o jovem tinha de estar enganado. Se alguma vez uma caixa fora peça única, era aquela... a caixa feita de propósito para a Chave de Abóbada do Priorado.

— As duas caixas podem ser parecidas, mas...

A porta lateral bateu com força, atraindo a atenção de ambos. Sophie tinha saído sem dizer uma palavra e afastava-se colina abaixo em direção a uma casa de pedra rústica ali próxima. Langdon ficou olhando para ela. Aonde irá? Sophie tivera um comportamento estranho desde que entrara na capela. Voltou-se para o cicerone.

— Sabe o que é aquela casa?

O jovem assentiu, parecendo tão surpreendido como Langdon por Sophie estar encaminhando-se para lá.

— É a reitoria, a residência da conservadora da capela. Que por acaso também é a diretora da Comissão Zeladora de Rosslyn. Fez uma pausa. — É

minha avó.

— A sua avó chefia a Comissão Zeladora de Rosslyn?

— Vivo com ela na reitoria, ajudo a tratar da capela e recebo os visitantes. —

O jovem encolheu os ombros. — Sempre vivi lá. A minha avó criou-me naquela

casa.

Preocupado com Sophie, Langdon atravessou a capela em direção à porta, disposto a chamá-la. Ia a meio caminho quando se deteve bruscamente. Só naquele instante registrara qualquer coisa que o jovem tinha dito.

A minha avó criou-me.

Olhou para Sophie descendo a colina, e depois para a caixa de roseira que tinha nas mãos. Impossível. Lentamente, voltou para

junto do jovem cicerone.

— Disse que a sua avó tem uma caixa igual a esta?

— Quase idêntica.

— E onde a arranjou?

— Foi o meu avô que a fez para ela. O meu avô morreu quando eu era bebê, mas a minha avó ainda hoje fala dele. Diz que era um gênio com as mãos. Fazia todo tipo de coisas.

Langdon vislumbrou uma inimaginável teia de conexões emergindo.

— Disse que a sua avó o criou. Importa-se de me dizer o que aconteceu aos seus pais?

O jovem pareceu surpreendido.

— Morreram quando eu era muito pequeno. — Fez uma pausa. — No mesmo dia que o meu avô.

Langdon sentia o coração batendo descompassadam ente no peito.

— Em um acidente de trânsito?

O jovem recuou, com uma expressão de espanto nos olhos verde-azeitona.

— Sim, um acidente de trânsito. Toda a minha família morreu nesse dia. Perdi o meu avô, os meus pais e... — Hesitou, olhando para o chão.

— E a sua irmã — disse Langdon.

A casa de pedra rústica era exatamente como Sophie a recordava. A noite caía, e a casa irradiava uma aura quente e acolhedora. Cheirava a pão quente e uma luz dourada brilhava nas janelas.

Quando se aproximou, ouviu, vindo lá de dentro, o som de soluços abafados.

Através da porta de rede, viu uma mulher de idade no corredor. Estava de costas para a ela, mas Sophie percebeu que chorava. Tinha longos e luxuriantes cabelos prateados que conjur aram um inesperado fiapo de memória. Atraída como que por um imã, Sophie subiu os degraus do alpendre. A mulher segurava

a fotografia emoldurada de um homem cujo rosto tocava com as pontas dos dedos, em um gesto de desolada adoração.

Era um rosto que Sophie conhecia bem.

Grand-père.

A mulher acabava claramente de ouvir a trágica notícia da sua morte na noite anterior. Uma tábua rangeu sob os pés de Sophie e a mulher voltou-se lentamente, e os seus olhos encontraram os de Sophie. Sophie queria correr, mas ficou ali parada, hipnotizada. O olhar ardente da mulher não vacilou um instante enquanto ela pousava a fotografia e se aproximava da porta. Ficaram as duas olhando uma para a outra através da fina rede pelo que pareceu uma eternidade.

Então, como o lento inchar de uma onda a formar-se, o rosto da mulher mais velha passou da incerteza... para a incredulidade... a esperança... e, finalmente, para uma arrebatadora alegria.

Empurrando a porta, saiu para o alpendre, estendendo as mãos suaves, emoldurando com elas o rosto atordoado de Sophie.

— Oh, minha filha... vejam quem é!

Apesar de não reconhecê-la, Sophie sabia quem era aquela mulher. Tentou falar, mas descobriu que não era sequer capaz de respirar.

— Sophie — soluçou a mulher, beijando-a na testa.

As palavras de Sophie foram um murmúrio estrangulado.

— Mas... o gran-père disse que tinha...

— Eu sei. — A mulher pousou as mãos ternas nos ombros de Sophie e olhou para ela com olhos que eram familiares. — Eu e o seu avô fomos obrigados a dizer tantas coisas. Fizemos o que julgamos ser certo. Lamento tanto. Foi para garantir a sua segurança, princesa.

Sophie ouviu a última palavra e pensou imediatamente no avô, que lhe chamara de princesa durante tantos anos. O som da voz dele parecia ecoar agora nas velhas pedras de Rosslyn, pousando na terra e reverberando nos desconhecidos vazios lá embaixo.

A mulher lançou os braços ao pescoço de Sophie, com as lágrimas caindo-lhe pelo rosto cada vez mais depressa.

— O seu avô queria tanto contar-lhe tudo. Mas as coisas não estavam fáceis entre vocês dois. Ele tentou tanto. Há tanta coisa que tem de ser explicada.

Tanta. — Voltou a beijar Sophie na testa e murmurou-lhe ao ouvido. —

Acabaram-se os segredos, princesa. É hora de saber a verdade a respeito da nossa família.

Sophie e a avó estavam sentadas nos degraus do alpendre, enlaçadas num choroso abraço, quando o jovem cicerone atravessou correndo o relvado, os olhos brilhantes de esperança e incredulidade.

— Sophie?

Sophie assentiu através das lágrimas, pondo-se de pé. Não conhecia o rosto do jovem, mas, quando se abraçaram, sentiu a

força do sangue que lhe corria nas veias... o sangue que, sabia agora, ambos partilhavam.

Quando Langdon atravessou o relvado para se juntar a eles, Sophie não conseguia imaginar como fora possível que apenas um dia antes se sentisse tão sozinha no mundo. E agora, sem saber como, naquela terra estrangeira, na companhia de três pessoas que mal conhecia, sentiu que tinha finalmente chegado em casa.

C A P Í T U L O 105

A noite descera sobre Rosslyn.

Robert Langdon estava sozinho no alpendre da casa de pedra rústica, saboreando os sons de alegria e reunião que lhe chegavam através da porta de rede. A caneca de forte café brasileiro que tinha na mão concedera-lhe uma atordoada trégua na luta contra a exaustão que sentia crescer, uma trégua que ele sabia fugaz. A fadiga que lhe vergava o corpo ia até o âmago.

— Veio aqui para fora sem dizer nada — disse uma voz atrás dele.

Voltou-se. A avó de Sophie estava à porta, com os cabelos prateados brilhando à luz da Lua. Chamava-se Marie Chauvel, ou pelo menos assim tinha se chamado durante os últimos vinte e oito anos.

Langdon esboçou um sorriso cansado.

— Achei melhor dar à sua família algum tempo para estarem juntos.
— Via, através da janela, Sophie sentada conversando com o irmão.

Marie aproximou-se e foi encostar-se ao varandim, junto dele.

— Senhor Langdon, quando soube do assassínio do Jacques, fiquei aterrorizada pela segurança da Sophie. Vê-la de pé à minha porta esta noite foi o maior alívio que senti em toda a vida. Nunca poderei agradecer-lhe o suficiente.

Langdon não fazia ideia de como responder. Apesar de ter se oferecido para dar a Sophie e à avó tempo para falarem em particular, Marie pedira-lhe que ficasse e ouvisse.

— O meu marido confiava obviamente em você, senhor Langdon, por isso eu também confio.

Langdon ficara, pois, de pé ao lado de Sophie, ouvindo, em um espanto mudo, Marie contar a história dos falecidos pais da jovem.

Incrivelmente, pertenciam ambos a famílias merovíngias — descendentes diretos de Maria Madalena e de Jesus Cristo. Os pais e antepassados de Sophie tinham, por precaução, alterado os seus sobrenomes de Plantard e Saint-Clair. Os filhos representavam a linhagem real sobrevivente mais direta, e por isso eram ciosamente guardados pelo Priorado. Quando os pais de Sophie tinham morrido em um acidente cujas causas nunca fora possível esclarecer plenamente, o Priorado temera que a identidade da linhagem real tivesse sido descoberta.

— Eu e o seu avô — explicara Marie, com uma voz estrangulada pela dor —

tivemos de tomar uma grave decisão no instante em que recebemos o telefonema. O carro dos seus pais tinha sido encontrado no rio. — Limpara as lágrimas que lhe assomavam aos olhos. — Todos nós... incluindo vocês dois, os netos... éramos supostos estar viajando juntos naquele carro, naquela noite.

Felizmente, mudamos de planos à última hora, e os seus pais foram sozinhos.

Quando soubemos do acidente, eu e o seu av ô não tínhamos como saber o que verdadeiramente acontecera... ou se fora realmente um acidente. — Marie olhara para Sophie. — Sabíamos que tínhamos de proteger os nossos netos, e fizemos o que julgamos melhor. O seu avô comunicou à Polícia que eu e o seu irmão também íamos no carro... Os nossos corpos teriam sido levados pela corrente.

Então, eu e o seu irmão desaparecemos. O seu avô, sendo um homem conhecido, não podia se dar a esse luxo. Fazia todo o sentido que você, sendo a mais velha, ficasses em Paris e fosse criada pelo seu avô, perto do centro e proteção do Priorado. — A voz dela transformara-se num murmúrio. — Separar a família foi a coisa mais difícil que alguma vez tivemos de fazer. Eu e o seu avô víamo-nos muito de longe em longe, e sempre em condições de grande segredo... sob a proteção do Priorado. Há certas cerimônias a que a irmandade se manteve sempre fiel.

Langdon sentira que a história ia bem mais fundo, mas sentira também que não devia ouvi-la. Por isso saíra para o alpendre. Ali, olhando para as torres da capela, não conseguia evitar a frustração do mistério não resolvido, como um vazio a roê-lo por dentro. Estará o Graal realmente aqui, em Rosslyn? E se está, onde estão a lâmina e o cálice de que Saunière falava no seu poema?

— Dê-me isso — pediu Marie, apontando para a mão dele.

— Oh, obrigado. — Langdon estendeu-lhe a caneca de café vazia.

Ela olhou-o nos olhos.

— Estou me referindo à sua outra mão, senhor Langdon.

Langdon olhou para baixo e percebeu que estava segurando o papiro de Jacques Saunière. Voltara a tirá-lo do criptex, na esperança de ver qualquer coisa que lhe tivesse escapado antes.

— Com certeza. Desculpe.

Marie parecia divertida quando pegou o papiro.

— Sei de um homem em um banco de Paris que está provavelmente ansioso por ver esta caixa de volta. André Vernet era um bom amigo do Jacques, e Jacques confiava plenamente nele. André faria o que fosse prec iso para honrar o pedido do meu marido de guardar esta caixa.

Incluindo dar-me um tiro, pensou Langdon, decidindo não referir que provavelmente partira o nariz do pobre homem. Ao pensar em Paris, lembrou-se dos três senescais que tinham sido assassinados na noite anterior.

— E o Priorado? Que acontece agora?

— As rodas já estão em movimento, senhor Langdon. A irmandade sobrevive há séculos, vai sobreviver a isto. Há sempre alguém à espera para subir e reconstruir.

Durante toda a noite, Langdon suspeitara de que a avó de Sophie estava estreitamente ligada às atividades do Priorado. Afinal, a irmandade sempre tivera membros do sexo feminino. Quatro Grão-Mestres tinham sido mulheres. Os senescais eram tradicionalmente homens — os guardiães —, mas as mulheres tinham um estatuto mais respeitado no seio do Priorado e podiam ascender ao posto mais elevado a partir de praticamente qualquer escalão.

Pensou em Leigh Teabing e na abadia de Westminster. Era como se tivesse acontecido em outra vida.

— A Igreja estava pressionando seu marido para não divulgar os documentos Sangreal no Fim dos Dias?

— Céus, não! O Fim dos Dias é uma lenda criada por mentes paranoicas. Não há na doutrina do Priorado nada que aponte uma data em que o Graal deva ser revelado. Na realidade, o Priorado sempre manteve que o Graal nunca deveria ser revelado.

— Nunca? — Langdon estava espantado.

— São o mistério e o maravilhoso que servem as nos sas almas, não o Graal

em si.

A beleza do Graal reside na sua natureza etérea. — Marie Chauvel ergueu os olhos para Rosslyn. — Para alguns, o Graal é uma taça que lhes proporcionará a vida eterna. Para outros, é a procura de documentos perdidos e de História secreta. Para a maioria, suspeito, o Santo Graal é apenas uma ideia grandiosa...

um tesouro glorioso e inatingível que de algum modo, mesmo no nosso caótico mundo, nos inspira.

— Mas se os documentos Sangreal permanecerem escondidos, a história de Maria Madalena se perderá para sempre — argumentou Langdon.

— Acha que sim? Olhe à sua volta. A história dela é contada na arte, na música, em livros. Cada vez mais. O pêndulo oscila. Começamos a sentir os perigos da nossa história... e dos caminhos destruidores que escolhemos.

Começamos a sentir a necessidade de restaurar o sagrado feminino. — Fez uma pausa. — Disse que está escrevendo um livro a respeito dos símbolos do sagrado feminino, não foi?

— É verdade.

Marie sorriu.

— Acabe-o, senhor Langdon. Cante a canção dela. O mundo precisa de trovadores modernos.

Langdon ficou calado, sentindo o peso da mensagem dela. Através dos espaços abertos, uma nova Lua erguia-se acima das árvores. Voltando os olhos para Rosslyn, Langdon sentiu um desejo infantil de conhecer-lhe os segredos.

Não pergunte, disse a si mesmo. Não é o momento adequado. Olhou para o papiro nas mãos de Marie, e depois de novo para Rosslyn.

— Faça a pergunta, senhor Langdon — disse Marie, parecendo divertida. —

Ganhou esse direito.

Langdon sentiu-se corar.

— Quer saber se o Graal está aqui, em Rosslyn.

— Pode me dizer?

Ela suspirou, com fingida exasperação.

— Porque será que os homens simplesmente não conseguem deixar o Graal em paz? — Riu, obviamente divertida. — Porque é que acha que está lá?

Langdon apontou para o papiro.

— Os versos do seu marido falam especificamente de Rosslyn, só que também referem uma lâmina e um cálice que guardariam o Graal. Não vi na capela qualquer símbolo da lâmina e do cálice.

— A lâmina e o cálice? — perguntou Marie. — Como são eles, exatamente.

Langdon sentiu que ela estava brincando com ele, mas resolveu fazer-lhe o jogo, descrevendo rapidamente os sím bolos. Uma expressão de vaga reminiscência perpassou pelo rosto de Marie.

— Ah, sim, claro. A lâmina representa tudo o que é masculino. Julgo que se desenha assim, não é? — Usando o indicador, traçou um desenho na palma da mão.

— Sim — disse Langdon. Marie tinha desenhado a forma “fechada”, menos comum, da lâmina, mas ele já tinha visto o símbolo representado de am bas as maneiras.

— E o inverso — continuou ela, voltando a desenhar na palma — é o cálice, que representa o feminino.

— Correto.

— E diz que, com todas as centenas de símbolos que temos aqui em Rosslyn Chapel, estas duas formas não aparecem em parte nenhuma?

— Eu não as vi.

— E se eu as mostrar, vai dormir um pouco?

Antes que ele pudesse responder, Marie Chauvel tinha descido do alpendre e dirigia-se à capela. Langdon correu atrás dela. Ao entrar no velho edifício, Marie acendeu as luzes e apontou para o centro do chão do santuário.

— Ali os tem, senhor Langdon. A lâmina e o cálice. Langdon olhou para o chão de pedra. Estava vazio.

— Não há ali nada...

Marie suspirou e começou a percorrer o famoso trilho marcado no chão da capela, o mesmo que Langdon vira os visitantes percorrerem poucas horas antes.

Enquanto os olhos se ajustavam à dimensão do gigantesco símbolo, continuava a sentir-se perdido.

— Mas isso é a Estrela de Da...

Calou-se no meio da palavra, emudecido pelo espanto quando compreendeu.

A lâmina e o cálice.

Fundidos em um.

A estrela de David... a união perfeita entre macho e fêmea... o Selo de Salomão... que assinalava o Santo dos Santos, que se acreditava ser a morada das divindades masculina e feminina: Yahtweh e Sekinah.

Langdon precisou de um minuto para recuperar a fala.

— Os versos apontam para Rosslyn. Completamente. Perfeitamente.

Marie sorriu.

— Aparentemente.

As implicações daquela palavra gelaram-no.

— O Santo Graal não está na cripta abaixo de nós?

Ela riu.

— Só em espírito. Uma das obrigações mais antigas do Priorado era, um dia, devolver o Graal à terra de onde veio, para que pudesse repousar para toda a eternidade. Durante séculos, foi arrastado de um lado para o outro, por questões de segurança. Muito pouco dignificante. A missão que Jacques se impôs, ao ser nomeado Grão-Mestre, foi restaurar-lhe a honra devolvendo-o a França e construindo-lhe um lugar de repouso condigno.

— E conseguiu-o?

O rosto dela ficou sério.

— Senhor Langdon, em consideração pelo que fez por mim esta noite, e na minha qualidade de conservadora de Rosslyn Chapel, posso afirmar-lhe com toda certeza que o Santo Graal já não está aqui.

Langdon optou por insistir.

— Mas a Chave de Abóbada é suposta apontar o lugar onde o Graal se encontra agora. Porque é que aponta para Rosslyn?

— Talvez tenha interpretado mal os sinais. Lembre-se, o Graal pode ser enganador. Tal como o meu falecido marido.

— Não vejo como poderia ser muito mais claro — protestou ele. — Por baixo de nós está a cripta marcada pela lâmina e pelo cálice, sob um céu de estrelas, rodeada pela arte dos Mestres Maçons. Tudo fala de Rosslyn.

— Muito bem, deixe-me ver esses misteriosos versos. — Marie desenrolou o papiro e leu o poema em voz alta, num tom deliberado:

"O Santo Graal sob a antiga Roslin espera.

Com a lâmina e o cálice a montar guarda severa.

Pela amorosa arte dos mestres adornado.

Repousa enfim sob o céu estrelado."

Quando acabou, ficou calada por vários segundos, até que um sorriso de compreensão lhe perpassou pelos lábios.

— Ah, Jacques.

Langdon espiava-lhe os menores movimentos, em expectativa.

— Compreende isto?

— Como testemunhou no chão da capela, senhor Langdon, há muitas maneiras de ver as coisas simples.

Langdon esforçou-se por compreender. Tudo o que se relacionava com Jacques Saunière parecia ter duplos-sentidos, mas, por mais que fizess e, não conseguia ir mais longe.

Marie bocejou, parecendo cansada.

— Senhor Langdon, vou fazer-lhe uma confissão. Oficialmente, nunca conheci a atual localização do Graal. Mas, claro, estava casada com um homem de enorme influência... e a minha intuição feminina é forte. — Langdon ia falar, mas ela continuou — : Lamento que, depois de tanto trabalho, parta de Rosslyn sem uma única verdadeira resposta. E no entanto, alguma coisa me diz que acabará por encontrar o que procura. Um dia compreenderá. — Sorriu. — E

quando isso acontecer, espero que saiba guardar um segredo.

Houve o som de alguém chegando à porta.

— Desapareceram os dois — disse Sophie, entrando.

— Já ia sair — respondeu a avó, dirigindo-se à porta. — Boa noite, princesa.

— Beijou-a na testa. — Não faça o senhor Langdon ficar de pé até muito tarde.

Langdon e Sophie ficaram vendo-a se afastar em direção à casa de pedra rústica.

Quando Sophie se voltou para ele, tinha os olhos cheios de uma profunda emoção.

— Não foi exatamente o final que eu esperava.

Somos dois, pensou Langdon. Percebeu que ela estava aturdida. As notícias

que recebera naquela noite tinham alterado toda a sua vida.

— Sente-se bem? Aconteceu muita coisa.

Sophie esboçou um sorriso tranquilo.

— Tenho uma família. É por aí que vou começar. Quem somos e de onde viemos vai demorar algum tempo.

Langdon permaneceu silencioso.

— Depois desta noite, vai ficar conosco? — perguntou Sophie. — Ao menos alguns dias?

Langdon suspirou. Era o que mais desejava.

— Vai precisar de algum tempo a sós com a sua família, Sophie. Regresso a Paris de manhã.

Sophie fez um ar desapontado, mas pareceu reconhecer que era a atitude correta a tomar. Nenhum dos dois falou durante muito tempo. Finalmente, Sophie estendeu a mão e, pegando na dele, levou-o para fora da capela.

Caminharam até uma pequena elevação no topo da colina. Dali, os campos escoceses espraiavam-se diante deles, banhados em um luar pálido coado pelas nuvens que passavam. Ficaram calados, de mãos dadas, ambos combatendo a exaustão que os ia vencendo.

As estrelas começavam a aparecer, mas, a oeste, um ponto isolado de luz brilhava mais intensamente do que qualquer outro. Langdon sorriu ao vê-lo. Era Vênus. A antiga Deusa derramando sobre a terra a sua luz constante e paciente.

A noite estava esfriando, uma brisa agreste subia das terras baixas. Passado algum tempo, Langdon olhou para Sophie. Tinha os olhos fechados, os lábios entreabertos, um sorriso satisfeito. Langdon sentiu os seus próprios olhos tornarem-se pesados. Relutantemente, apertou a mão dela.

— Sophie.

Lentamente, Sophie abriu os olhos e voltou-se para ele. O rosto dela era belo ao luar. Sorriu-lhe sonolentamente.

— Olá.

Langdon sentiu uma inesperada tristeza ao compreender que ia regressar a Paris sem ela.

— É possível que quando acordar eu já tenha partido. — Fez uma pausa, com um nó crescendo-lhe na garganta. — Desculpe, não sou muito bom em...

Sophie levantou o braço e pousou uma mão macia no lado do rosto dele.

Então, inclinando-se para a frente, beijou-o ternamente na outra face.

— Quando é que volto a vê-lo?

Langdon cambaleou por um instante, perdido nos olhos dela.

— Quando? — Fez uma pausa, curioso por saber se ela faria ideia de como estivera perguntando-se a mesma coisa. — Bem, para o mês que vem participo de uma conferência, em Florença. Vou estar lá uma semana sem grande coisa que fazer.

— Isso é um convite?

— Viveríamos no luxo. Vão me dar um quarto no Brunelleschi.

Sophie sorriu, maliciosa.

— Acredito muito, senhor Langdon.

Ele encolheu-se ao perceber como as suas palavras podiam ser interpretadas.

— O que eu queria dizer...

— Nada me daria mais prazer do que me encontrar com você em Florença, Robert. Mas com uma condição. — O tom dela tornou-se

sério. — Nada de museus, nem de igrejas, nem de túmulos, nem de arte, nem de relíquias.

— Em Florença? Durante uma semana? Não há mais nada que fazer!

Sophie inclinou-se para a frente e voltou a beijá-lo, desta vez nos lábios. Os corpos de ambos juntaram-se, primeiro de leve, depois completamente. Quando ela se afastou, os seus olhos estavam cheios de promessas.

— Certo — conseguiu Langdon dizer. — Está combinado.

E P Í L O G O

Robert Langdon acordou sobressaltado. Tinha estado sonhando. O

roupão pendurado aos pés da cama ostentava o monograma *HOTEL RITZ PARIS.*

Viu uma débil claridade insinuar-se através dos cortinados. Será o crepúsculo ou a aurora?, perguntou a si mesmo.

Sentia-se quente e profundamente contente. Dormira quase dois dias seguidos.

Sentando-se lentamente na cama, lembrou-se do que o tinha acordado... o mais estranho dos pensamentos. Durante dias, tentara orientar-se no meio de uma autêntica barragem de informação, mas, agora, dava por si concentrado em algo que nunca antes considerara. Será possível?

Ficou imóvel por um longo momento.

Saltou da cama e foi meter-se debaixo do chuveiro, deixando que os potentes jatos de água lhe massageassem os ombros. O pensamento continuava a fasciná-lo.

Não pode ser.

Vinte minutos mais tarde, saía do Hotel Ritz para a Place Vendôme.

Anoitecia. Os dias de sono tinham-no deixado desorientado... e no entanto sentia-se estranhamente lúcido. Prometera a si mesmo fazer uma paragem no vestíbulo do hotel para tomar um café au lait que lhe aclarasse os pensamentos, mas, em vez disso, as pernas tinham-no levado diretamente para a saída e para a noite que descia sobre Paris.

Enquanto percorria no sentido leste a Rue dês Petits Champs, sentia-se invadir por uma crescente excitação. Virou para sul na Rue Richelieu, onde o ar se tornou adocicado com o cheiro dos jasmins em flor vindo dos majestosos jardins do Palais Royal.

Continuou para sul até ver aquilo que procurava — a famosa arcada real —

uma refulgente extensão de mármore negro polido. Caminhou nessa direção, examinando o chão que pisava. Segundos depois, encontrou o que sabia estar lá

— vários medalhões de bronze embebidos no solo, em uma linha perfeitamente reta. Os discos tinham doze centímetros e meio de diâmetro e continham, gravadas, as letras N e S.

Nord. Sud.

Voltou-se para sul, traçando com os olhos a extensa linha formada pelos medalhões. Recomeçou a caminhar, seguindo o trilho, olhando para o chão.

Quando atravessou a esquina da Comédie Française, um outro medalhão de bronze passou-lhe por baixo dos pés.

Sim!

Havia em Paris, ficara Langdon sabendo anos antes, cento e trinta e cinco daqueles medalhõesde bronze, embebidos em passeios, pátiose ruas, segundo um eixo norte-sul que atravessava a cidade. Certa vez seguira a linha desde o Sacré-Coeur, na margem norte do Sena, até ao antigo Observatório de Paris. Aí, descobrira o significado do caminho sagrado que ela traçava.

O primeiro meridiano original da Terra.

A primeira longitude zero do mundo.

A antiga Linha da Rosa de Paris.

Naquele momento, enquanto descia apressado a Rue Rivoli, sentia o seu destino ao alcance da mão. A menos de um quarteirão de distância.

O Santo Graal sob a antiga Roslin espera.

As revelações vinham agora em catadupas. A grafia antiga de Roslin que Saunière usara... a lâmina e o cálice... o túmulo adornado pela arte dos mestres.

Era por isso que o Saunièr e queria falar comigo? Terei eu, sem saber, adivinhado a verdade?

Começou a correr, sentindo a Linha da Rosa debaixo dos pés, guiando-o, puxando-o para seu destino. Quando entrou no comprido túnel da Passage Richelieu, os cabelos da nuca eriçaram-se de antecipação. Sabia que no fim daquele túnel se erguia o mais misterioso dos monumentos parisienses —

concebido e encomendado, nos anos 80, pela Esfinge em pessoa, François

Mitterrand, um homem que alegadamente se movia em círculos secretos, um homem cujo legado final a Paris fora um lugar que Langdon visitara poucos dias antes.

Em uma outra vida.

Com um último arranque de energia, emergiu da passagem no familiar pátio e deteve-se. Ofegante, ergueu os olhos, lentamente, incrédulo, até ao topo da estrutura que tinha à sua frente.

A Pirâmide do Louvre. Brilhando na escuridão.

Admirou-a por um ins tante apenas. Estava mais interessado no que lhe ficava à direita. Voltando-se, sentiu os pés continuarem a seguir o traçado invisível da antiga Linha da Rosa, levando-o, através do pátio, até ao Carrousel du Louvre —

o enorme círculo de relva orlado por uma impecavelmente aparada sebe de buxo

— outrora palco dos primeiros festivais parisienses do culto da natureza...

alegres ritos que celebravam a fertilidade e a Deusa.

Ao passar por cima da orla de arbustos para a relvada área interior, sentiu-se como se estivesse entrando em um outro mundo. Aquele solo sagrado era agora marcado por um dos mais invulgares monumentos da cidade. Ali, bem no centro, mergulhando na terra como um desfiladeiro de cristal, rasgava-se a grande pirâmide invertida de vidro que vira três noites antes ao entrar no subsolo do Louvre.

La Pyramide Inversée.

Trêmulo, chegou à beirada e olhou para baixo, para o vasto complexo subterrâneo do museu, iluminado por luzes ambar. Tinha os olhos postos não só na maciça pirâmide invertida, mas também no que ficava diretamente abaixo dela. Ali, no chão da câmara subterrânea, havia uma pequena estrutura... uma estrutura que ele referira no seu manuscrito.

Sentiu-se então plenamente desperto para a emoção de possibilidades impensadas. Erguendo de novo os olhos para o Louvre, sentiu as imensas alas do museu como que a envolvê-lo... corredores abarrotados das mais extraordinárias obras de arte jamais criadas.

Da Vinci... Botticelli...

Pela amorosa arte dos mestres adornado.

Empolgado de maravilha, olhou uma vez mais para baixo, através do vidro,

para a pequena estrutura.

Tenho de ir lá embaixo!

Saiu do círculo de relva e atrav essou, apressado, o pátio em direção à grande pirâmide da entrada. Os últimos visitantes do dia abandonavam o museu.

Passando pela porta giratória, desceu a escadaria encurvada. Sentiu o ar tornar-se mais fresco. Quando chegou ao fundo, entrou no longo túnel que corria por baixo do pátio do Louvre até à Pyramide Inversée.

No final do túnel, emergiu em uma vasta câmara. Diretamente em frente dele, descendo do teto, refulgia a pirâmide invertida um deslumbrante perfil de vidro em forma de V.

O cálice.

Seguiu com os olhos a forma que estreitava até ao vértice, suspenso menos de dois metros acima do solo.Exatamente por baixo, erguia-se a pequena estrutura.

Uma pirâmide miniatura, com apenas noventa centímetros de altura. A única coisa naquele colossal complexo que fora construída em escala reduzida.

O manuscrito de Langdon, ao discutir a elaborada coleção de arte dedicada à deusa no Louvre, referia de passagem aquela modesta pirâmide. “A pequena estrutura sobressai do solo como se fosse a ponta de um icebergue — o ápice de uma enorme cripta piramidal, soterrada como uma câmara escondida”.

Iluminadas pelas luz es suaves da caverna deserta, as duas pirâmides apontavam uma para a outra, perfeitamente alinhadas, os vértices quase tocando-se.

O Cálice em cima. A Lâmina em baixo.

Com a lâmina e o cálice a montar guarda severa.

Langdon ouviu as palavras de Marie Chauvel. Um dia compreenderá.

Estava debaixo da antiga Linha da Rosa, rodeado pelas obras de mestres. Que outro lugar poderia Jacques Saunière mais facilmente vigiar? Agora, por fim, compreendia o verdadeiro significado dos versos do Grão-Mestre. Erguendo os olhos, viu, através do vidro, um glorioso céu noturno salpicado de estrelas.

Repousa enfim sob o céu estrelado.

Como murmúrios de espíritos na escuridão, vozes esquecidas ecoaram. A demanda do Santo Graal é literalmente uma demanda para ajoelhar diante dos ossos de Maria Madalena. Uma jornada para rezar aos pés da ostracizada.

Avassalado por uma súbita reverência, Langdon caiu de joelhos.

Pareceu-lhe, por um instante, ouvir uma voz de mulher... a sabedoria das idades... murmurar-lhe das profundezas da terra.

Document Outline

- AGRADECIMENTOS
- FATO
- PRÓLOGO
- CAPÍTULO UM
- CAPÍTULO DOIS
- CAPÍTULO TRÊS
- CAPÍTULO QUATRO
- CAPÍTULO CINCO
- CAPÍTULO SEIS
- CAPÍTULO SETE
- CAPÍTULO OITO
- CAPÍTULO NOVE
- CAPÍTULO DEZ
- CAPÍTULO ONZE
- CAPÍTULO DOZE
- CAPÍTULO TREZE
- CAPÍTULO CATORZE
- CAPÍTULO QUINZE
- CAPÍTULO DEZESSEIS
- CAPÍTULO DEZESSETE
- CAPÍTULO DEZOITO
- CAPÍTULO DEZENOVE
- CAPÍTULO VINTE
- CAPÍTULO VINTE E UM
- CAPÍTULO VINTE E DOIS
- CAPÍTULO VINTE E TRÊS
- CAPÍTULO VINTE E QUATRO
- CAPÍTULO VINTE E CINCO
- CAPÍTULO VINTE E SEIS
- CAPÍTULO VINTE E SETE
- CAPÍTULO VINTE E OITO
- CAPÍTULO VINTE E NOVE
- CAPÍTULO TRINTA
- CAPÍTULO TRINTA E UM

- CAPÍTULO TRINTA E DOIS
- CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
- CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
- CAPÍTULO TRINTA E CINCO
- CAPÍTULO TRINTA E SEIS
- CAPÍTULO TRINTA E SETE
- CAPÍTULO TRINTA E OITO
- CAPÍTULO TRINTA E NOVE
- CAPÍTULO QUARENTA
- CAPÍTULO QUARENTA E UM
- CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
- CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
- CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
- CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
- CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
- CAPÍTULO QUARENTA E SETE
- CAPÍTULO QUARENTA E OITO
- CAPÍTULO QUARENTA E NOVE
- CAPÍTULO CINQUENTA
- CAPÍTULO CINQUENTA E UM
- CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS
- CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS
- CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO
- CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO
- CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS
- CAPÍTULO CINQUENTA E SETE
- CAPÍTULO CINQUENTA E OITO
- CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE
- CAPÍTULO SESSENTA
- CAPÍTULO SESSENTA E UM
- CAPÍTULO SESSENTA E DOIS
- CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS
- CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO
- CAPÍTULO SESSENTA E CINCO
- CAPÍTULO SESSENTA E SEIS
- CAPÍTULO SESSENTA E SETE
- CAPÍTULO SESSENTA E OITO

- CAPÍTULO SESSENTA E NOVE
- CAPÍTULO SETENTA
- CAPÍTULO SETENTA E UM
- CAPÍTULO SETENTA E DOIS
- CAPÍTULO SETENTA E TRÊS
- CAPÍTULO SETENTA E QUATRO
- CAPÍTULO SETENTA E CINCO
- CAPÍTULO SETENTA E SEIS
- CAPÍTULO SETENTA E SETE
- CAPÍTULO SETENTA E OITO
- CAPÍTULO SETENTA E NOVE
- CAPÍTULO OITENTA
- CAPÍTULO OITENTA E UM
- CAPÍTULO OITENTA E DOIS
- CAPÍTULO OITENTA E TRÊS
- CAPÍTULO OITENTA E QUATRO
- CAPÍTULO OITENTA E CINCO
- CAPÍTULO OITENTA E SEIS
- CAPÍTULO OITENTA E SETE
- CAPÍTULO OITENTA E OITO
- CAPÍTULO OITENTA E NOVE
- CAPÍTULO NOVENTA
- CAPÍTULO NOVENTA E UM
- CAPÍTULO NOVENTA E DOIS
- CAPÍTULO NOVENTA E TRÊS
- CAPÍTULO NOVENTA E QUATRO
- CAPÍTULO NOVENTA E CINCO
- CAPÍTULO NOVENTA E SEIS
- CAPÍTULO NOVENTA E SETE
- CAPÍTULO NOVENTA E OITO
- CAPÍTULO NOVENTA E NOVE
- CAPÍTULO CEM
- CAPÍTULO CENTO E UM
- CAPÍTULO CENTO E DOIS
- CAPÍTULO CENTO E TRÊS
- CAPÍTULO CENTO E QUATRO
- CAPÍTULO CENTO E CINCO

- EPÍLOGO